







Digitized by the Internet Archive  
in 2016





Portugal Pittoresco e Illustrado

— II —

A EXTREMADURA PORTUGUEZA

PARTE I — O RIBATEJO





PORTUGAL PITTORESCO E ILLUSTRADO

— II —

# A EXTREMADURA PORTUGUEZA

POR

ALBERTO PIMENTEL

PRIMEIRA PARTE

## O RIBATEJO



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

SOCIEDADE EDITORA

LIVRARIA MODERNA

95. Rua Augusta, 95

TYPOGRAPHIA

45. Rua Ivens, 47

MDCCLCVIII



## *Advertencia prévia*



ESTE volume, primeiro da obra — *A EXTREMADURA PORTUGUEZA* —, é especialmente destinado a tratar da vasta, rica, e pittoresca região do Ribatejo, tão importante sob o ponto de vista economico, como interessante pelos seus caracteres ethnographicos.

Uma grande parte d'esta região está incluída no districto administrativo de Santarem; e a parte restante no de Lisboa.

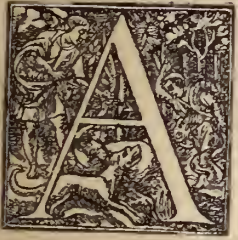
Assim, pois, como tínhamos de conciliar o plano geral da obra com o especial d'este volume, falamos n'elle de todos os concelhos do districto de Santarem, sem exclusão das terras que não são propriamente bacia do Tejo; e occupamo-nos já de algumas localidades do districto de Lisboa, que completam a região ribatejana, desde o alto Tejo portuguez até ao Barreiro na margem esquerda e Xabregas na margem direita.

Seguimos a antiga tradição portugueza quanto aos limites inferiores d'aquella região, marcados, com mais ou menos plausibilidade, pelos nossos chronistas, como provamos no decurso da obra.

O segundo volume, que ha de integrar a resenha da nossa provincia da Extremadura, completará a descripção do districto de Lisboa e comprehenderá, tambem, a do districto de Leiria.



## Lance d'olhos sobre a provincia



NOSSA provincia da Extremadura é limitada ao norte pela do Douro, a nordéste pela da Beira Baixa, a léste e ao sul pela do Alemtejo, e ao occidente pelo Oceano Atlantico.

João Baptista de Castro, no *Mappa de Portugal*, define-a geographicamente dizendo:

«Esta provincia se forma de uma faixa de terra, que corre desde a bocca do rio Mondego até o caudaloso Tejo, e continua pela comarca de Setubal até entestar com Santiago de Cacem. Comprehende em toda esta longitude, conforme uns, quarenta leguas; e segundo outros, trinta e tres. De largo uns lhe dão dezoito, outros dezaseis leguas na sua maior largura, porém se lançarmos uma linha de Cascaes até a Pampilhosa, acharemos trinta e seis leguas de latitude. Pelo occidente o mar oceano a termina: pelo Meio-dia confina com o Alemtejo através, e pelo norte com a Beira».

O *Diccionario Popular* (vol. xvi, 2.º do Supplemento, 1890) informa que «A nossa antiga provincia d'este nome (Extremadura) confinava ao norte com a Beira Alta, a léste com a Beira Baixa e Alemtejo pelas charnecas da Ponte de Sôr, Montargil e Marateca e pelo rio Sado até Alvalade; ao sul ainda pelo Alemtejo de que é separada pela ribeira de Campilhas e a oéste é limitada pelo oceano. A sua superficie é de 18:375 kilometros quadrados».

Esta mesma obra, no vol. v, dando as dimensões da provincia, diz que mede umas 41 leguas de norte a sul e que tem largura muito variavel, sendo a maxima 20 leguas, de nascente a poente.

O *Diccionario de geographia universal* (1881) assignala-lhe uma extensão de 165 kilometros, que são 33 leguas, e uma largura de 80 kilometros, que correspondem a 16 léguas.

Multiplicando a extensão pela largura achariamos uma superficie de 13:200 kilometros quadrados, o que pouco divergia da indicação fornecida pelo *Diccionario Popular*. Mas importa advertir que, sendo variavel a largura da provincia, o calculo, com relação a ella, não offerece segurança.

A Extremadura portugueza contém tres districtos administrativos: Lisboa, Santarem e Leiria.

Segundo o ultimo recenseamento geral da população do reino, realisado no 1.º de dezembro de 1900, temos que o districto de Lisboa comprehende 708:750 habitantes de ambos os sexos, o de Santarem 283:676, e o de Leiria 240:167, o que perfaz uma totalidade de 1.232:593 habitantes.

Durante o periodo de dez annos decorrido desde 1890 a 1900, a população d'estes tres districtos tem augmentado na seguinte proporção: no de Lisboa, mais de 15 0/0; nos de Santarem e Leiria entre 10 e 15 0/0.

A' nossa provincia da Extremadura corresponde, a léste, a Extremadura hespanhola, de que se acha separada pelo Alemtejo.

Para estudar a etymologia da palavra Extremadura temos que relacionar a situação geographica das duas provincias d'este titulo, uma de Portugal, outra de Hespanha, e considerar a identidade dos seus nomes.

Julgava-se que o vocabulo provinha de *Extrema Durii*, Extremos do Douro, e queria indicar as terras extremas, ultimas, do antigo reino de Leão.

Eduardo de Faria navega nas mesmas aguas, em o seu *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*, quando diz: «Extremadura — uma das provincias de Portugal assim chamada por serem antigamente as terras da dita Provincia o ultimo limite e extremo com que se dividiam as terras dos Mouros, e que os Christãos possuiam quando iam recuperando o reino e lançando fóra d'elle os infieis, e como no portuguez d'aquelles tempos *estremar* significava limitar e dividir, por estas terras estremarem e dividirem os Mouros dos Christãos, se chamaram *Extremadura*, principalmente as que os reis de Leão ganhavam do rio Douro para esta parte do sul, e por as ditas comarcas christãs ou novas conquistas avisinharem com as ribeiras do Douro, lhe chamaram *Extrema Dorii*; assim como tambem el-rei D. Affonso (o Magno), terceiro do nome entre os de Leão, quando povoou as terras de Entre-Douro-e-Minho, chamou áquella comarca *Extrema Minii*, por se demarcar com a corrente d'aquelle rio. A tres comarcas ou provincias se dá este nome, a saber: *Extremadura de Portugal*, *Extremadura de Leão* e *Extremadura de Castella*».

Moraes tambem em seu *Diccionario* considera a palavra *Extremadura*, provincia de Portugal, como derivada de raia, extremidade de uma região.

Esta era a opinião quasi unanimemente seguida quando, em 1886, appareceu uma nova hypothese formulada pelo architecto hespanhol D. Vicente Paredes, n'um opusculo com o titulo — *Origen del nombre de Extremadura*.

Paredes sustenta que é inaceitavel uma tal etymologia, porque não se trata de terras que fiquem nos extremos do Douro, nem tão proximas d'elle como a Beira Alta e Castella Velha—pelo contrario, Badajoz e Cáceres (Extremadura hespanhola) são atravessadas pelo Guadiana e pelo Tejo, como a Extremadura portugueza é banhada, em grande parte, pelo Tejo—e se de algum rio pudessem haver tomado o nome, seria de qualquer d'estes, e não do Douro. Sustenta mais que a denominação não póde significar os ultimos terrenos conquistados desde o Douro para o sul, porque, oito annos depois de tomada a Extremadura hespanhola, foi reconquistada Sevilha, sendo portanto os extremos da conquista os limites do reino de Granada, e os oito annos que medearam entre a posse da Extremadura e de Sevilha não seriam tempo bastante para fixar-se um nome.

Tambem repelle a opinião, aliás menos seguida, de que a palavra Extremadura derive de *extrema hora*, referida ao dominio dos mouros na peninsula, porque este dominio, na Hespanha, acabou em Granada; e em Portugal acabou no Algarve.

Parece-lhe, portanto, que outra deve ser a etymologia, e trata de investigal-a.

A seu vêr, Extremadura vem da palavra *extremos*, no sentido de terras baixas, onde os gados encontram pastos durante o inverno.

Cita a proposito alguns documentos castelhanos, do seculo XIII, nos quaes a palavra *extremo* tem a significação de *invernadero* (em portuguez, invernadouro) e conclue dizendo que, tanto á Extremadura portugueza como a Extremoz no Alemtejo, se deu este nome por serem terrenos proprios para invernadouro de gados.

Em portuguez, a palavra *extremo* não tem aquella acceção, mas não será essa uma razão fundamental para invalidar a hypothese do sr. Paredes, porque bem podia o vocabulo, com tal significado, ter vindo de Hespanha.

Comtudo, devemos notar que, posto seja exacto que na Extremadura portugueza abundem as terras baixas, a mesma circumstancia se dá no Alemtejo, em cujas charnecas os gados ribatejanos vão invernar, e por este motivo melhor caberia o nome de Extremadura ao Alemtejo, continuação natural da Extremadura hespanhola.



1 — Portas de Ródam

Cumpra ainda dizer que em Portugal algumas pessoas pensam que o nome da nossa provincia da Extremadura provém do facto de ser o limite ou extremo *mais occidental* do reino, pois que a sua côsta se recorta, fazendo bojo, sobre o Oceano Atlantico, com grande destaque de todo o litoral, desde o Minho até ao Algarve.

A descripção do vasto trato de terra chamado Extremadura portugueza carece de ser acompanhada, se não precedida, pela historia, ainda que muito succinta, da sua conquista e colonisação nos primeiros tempos da monarchia.

Este fecundo solo, que constitue uma das nossas mais ricas provincias do sul, representa um conjuncto de factos, que algumas vezes parece excederem a maior audacia humana, como na tomada de Santarem, outras vezes attingirem o fabuloso, pois que a proposito entra no Tejo uma frota de cruzados, que nos auxilia contra os sarracenos ou chega uma colonia de aventureiros, principalmente francos<sup>1</sup>, que se encarregam de povoar e defender as villas que recebem por doação.

Em nenhuma outra parte do paiz como na Extremadura estão assignalados com eterna gloria os grandes serviços prestados pelas ordens militares á independencia de Portugal e á diffusão do christianismo.

As paginas mais brilhantes dos annaes d'esta provincia são por certo aquellas em

<sup>1</sup> Povos da Germania, que habitavam entre o Weser, o Rhêno e o Mênâ.

que ella se desembaraça do jugo mussulmano, em repetidos fossados <sup>1</sup>, escaladas, assedios e batalhas, derramando ondas de sangue, vertido pelos portuguezes e por estrangeiros, muitos dos quaes ficaram sem nome na Historia, mas que pelejavam pela aquisição de uma patria, legitima ou adoptiva, e pela victoria da religião de Jesus Christo sobre os infieis do Occidente, na vespera de ir combatel-os no Oriente.

Refiro-me, n'este ponto, aos cavalleiros da Cruz que parecia cahirem do ceu para nos auxiliar, quando aproavam suas naus de refresco á bacia do Tejo e que, pela sua coadjuvação aos portuguezes, conjugaram o inicio da nossa nacionalidade com a Historia Universal n'um dos cyclos mais notaveis da Idade-Media: o cyclo das cruzadas.

Não se podem calcular as gottas de sangue humano que regaram a maior parte dos torrões da Extremadura em alguns combates contra os sarracenos. No de Alcacer do Sal, por exemplo, o sangue correu a jorros, em torrentes, e foi por tal preço que pudemos assegurar a posse definitiva da terra portugueza no districto de Belatha (Extremadura inferior).

As pugnas maravilhosas das epopêas indianas e gregas não deixam em inferioridade de esforço heroico as da epopêa luso-arabe, cujas paginas, seguindo o rastro de Herculano, vamos recordar, ainda que n'um rapido esboço, porque evocal-as é o mesmo que vêr nascer, medrar e emancipar-se a provincia da Extremadura.

A batalha de Aljubarrota, que mais de dois seculos depois firmou a nossa independencia repellindo as ambições de Castella, e que tambem fôra travada no sólo extremo-nho, não revela por certo menos felicidade e valentia da nossa parte, mas parece-nos menos admiravel que as do cyclo inicial, porque presuppõe já o interesse, a dedicação, o fervor proprios de quem defende a sua patria, seu berço e de seus avós, o seu lar, as tradições de sangue e familia, além das conveniencias e haveres pessoases.

Crear uma patria é, por certo, maior emprehendimento do que amal-a e defendel-a depois de outros a terem defendido e amado. Amal-a e defendel-a é repetir uma lição, seguir um exemplo, imitar modelos gloriosos. Conquistal-a é mais do que defendel-a porque é adquirir o terreno a que depois naturalmente se ligam os affectos de familia, a defeza da propriedade, a ternura e o egoismo individual.

Em seguida á victoria de Cerneja na Gallisa, Affonso Henriques voltou-se para o sul de Portugal.

A ordem dos Templarios, á qual D. Thereza, nos ultimos mezes do seu governo, tinha doado o senhorio do castello de Soure, havia desbravado os territorios da alta Extremadura e varrido d'elle as invasões dos sarracenos.

Mas a oéste de Soure havia um largo campo aberto ás correrias mussulmanas, que ousavam percorrel o até aos arredores de Coimbra.

Com o fim de evitar a repetição d'estas frequentes *algaras* <sup>2</sup>, Affonso Henriques escolhêra o monte de Leirena (Leiria), para n'elle edificar um castello (1135), que fosse ao mesmo tempo nucleo de povoação e ponto de partida conveniente para o ataque das tres mais importantes praças sarracenas da actual Extremadura: Santarem, Lisboa e Cintra.

Não se resignaram os mussulmanos com a nova fortificação de Leiriã, cujo alcance mediram e comprehenderam.

Vieram cercal-a, e conseguiram desalojar os portuguezes, que não soffreram então

<sup>1</sup> Correrias dos christãos pelas terras dos mouros. Realizavam-se pelo menos uma vez cada anno, e os cavalleiros eram obrigados a tomar parte n'ellas ou a substituirem os seus serviços pelo pagamento de um tributo chamado *fossadeira*.

<sup>2</sup> Assim se chamavam as correrias ou incursões dos mouros pelas terras dos christãos.



apenas este revez, mas tambem foram destroçados n'uma escaramuça junto ao rio Nabão.

Para se desferrar de taes desastres, e aproveitando habilmente o enfraquecimento dos arabes pelas dissidencias politicas que lavravam entre elles, Affonso Henriques planejou escolher para theatro de futuras conquistas christãs as provincias mahometanas do sul, o vasto territorio do Gharb, que se compunha de tres provincias: a de Alfaghar ou Chencir, a de Al-kassr e a de Belatha.<sup>1</sup>

Começou a dar execução ao seu plano na batalha de Orik (Ourique), na moderna provincia do Alemtejo, desbaratando ahi completamente os sarracenos.

Depois, Affonso Henriques voltou ao norte, onde se viu empenhado n'um conflicto com Affonso VII, de Leão, ferindo se na veiga de Val de-Vez um combate, de que as armas portuguezas sahiram victoriosas.

Os sarracenos, querendo vingar a derrota de Ourique, vieram novamente atacar o castello de Leiria, que tomaram e deixaram em ruinas, seguindo d'alli para Trancoso.

Affonso Henriques correu, pressuroso, ao seu encontro, desbaratando-os.

Entrou, pouco depois, no porto de Gaya (Porto) uma frota de cruzados, que navegavam para a Terra Santa. Affonso de Portugal, tornando a voltar-se para o sul, entendeu-se com os capitães da frota, que levantaram ancoras em direcção á bacia do Tejo, marchando o exercito portuguez por terra.

Lisboa era o alvo a que mirava esta dupla expedição.

Mas portuguezes e cruzados não puderam fazer mais do que talar os arredores de Lisboa, e recolher os despojos obtidos.

A frota seguiu viagem.

Affonso Henriques tratou de restaurar o castello de Leiria, posição militar de summa importancia. E, depois da paz de Zamora, effectuada a separação de Portugal da monarchia leoneza, o rei portuguez concentrou toda a sua energia e actividade em alargar ao sul os limites do seu novo reino.

Foi então que pensou em apoderar-se de Santarem, cuja alcáçova, erguida sobre rochedos, parecia inatacavel e, por isso, invencivel.

O rei de Portugal, acalentando em segredo este audacioso projecto, apenas o revelou a Mem Rodrigues, que foi sondar o terreno.

O rei, tendo recolhido as informações do seu confidente, assentou em tomar o castello de Santarem por escalada.

Este feito d'armas é, com certeza, o mais brilhante da epopeia luso-arabe, porque foi tão rapido como audacioso.

Em poucas horas da ante-manhã de 15 de março de 1147, os portuguezes, seguindo escadas ás muralhas, e no meio da confusão e terror dos sarracenos surprehendidos, arvoraram o pendão real no topo da alcáçova.

Concluida esta empreza, tão arrojada e tão bem succedida, natural era que Affonso Henriques pensasse na conquista do castello de Lisboa e do castello de Cintra, as duas mais importantes posições dos sarracenos ao occidente do Tejo.

Foi ainda a chegada providencial de uma nova armada de cruzados, que proporcionou ao rei de Portugal o prompto ensejo de vir pôr cêrco a Lisboa.

<sup>1</sup> A de Alfaghar (Algarve) compunha-se das cidades e castellos de Faro, Mertola, Silves, Estoi, Tavira; a de Al-kassr compunha-se de Badajoz, Xerez de los Caballeros, Evora, Mérida, Alcantara, Coria, Elvas (?) Beja, Al-kassr (Alcacer do Sal) e mais alguns castellos e povoações. A de Belatha (Extremadura inferior) compunha-se de Chantarin ou Chantyreyn (Santarem), Lixbona ou Achbuna (Lisboa), e do castello roqueiro de Chintra ou Zintiras (Cintra). Ao sul de Lisboa, na margem esquerda do Tejo, ficava o forte de Al-maaden (Almadã).

A cidade era já então populosa e bella, como lhe chama Edrisi. O castello, recortado por altas torres, parecia inexpugnável. E o porto marítimo offercia facilidades a um commercio constante e animado.

Foi longo, trabalhoso e sanguinolento o assedio, mas os mussulmanos acabaram por capitular.

Ainda com o auxilio dos cruzados tomou Affonso Henriques o castello de Al-maaden (Almada).

Pouco depois, como consequencia das conquistas anteriores, que tanto tinham engrandecido o prestigio das armas portuguezas, renderam-se os castellos de Cintra e Palmella, talvez sem combate.

Alguns dos francos que equipavam a frota dos cruzados, por ventura encantados com a benignidade do clima, ficaram em Portugal.

Affonso Henriques deu-lhes terras para que as arroteassem e povoassem. Guilherme Lacorni ou Descornes povoou, com os seus homens d'armas, a Atouguia; Jourdan estabeleceu-se na Lourinhã; e Allardo em Villa Verde.

Senhor do importante castello de Palmella, o rei portuguez pensou em conquistar o territorio de Alkassr (Alcacer). N'uma exploração que fez pela margem direita do Sado, Affonso Henriques ficou ferido. Não desanimou. Passado tempo investiu contra o castello de Alcacer, uma ou duas vezes. Mas a empresa falhou. Finalmente no dia 24 de junho de 1158, após dois mezes de assedio, os sarracenos renderam-se. Assim ficou o grande Affonso habilitado a alongar as suas conquistas pelo Alemtejo dentro.

Para poder contar com a coadjuvação de auxiliares prestantes, o rei de Portugal, seguindo n'isto o exemplo de sua mãe, acrescentou as doações feitas aos Templarios com o senhorio do castello de Ceras<sup>1</sup> e os territorios cortados pelo Nabão e pelo Zézere até á Beira Baixa, conjunctamente com os castellos de Pombal, Thomar, Ozézar<sup>2</sup>, Almourol, Idanha e Monsanto.

Os sarracenos tinham empreado tentar a reconquista, e começaram pelo castello de Santarem, a que vieram pôr cêrco, mas desistiram quando souberam que o rei de Leão prestava auxilio ao rei de Portugal.

Não tardou, porém, que o amir Yusuf Abu Yacub trouxesse uma frota ás aguas do Tejo (1179), onde pôde entrar.

Todavia, recebeu atacar Lisboa e contentou-se por então com a pilhagem que exercêra nos arrabaldes.

Voltou pouco depois e, atravessando o alto Alemtejo, veio assediar o castello de Abrantes.

Encontrou resistencia tenaz, e ainda d'esta vez se retirou.

No anno seguinte as tropas almohades tomaram e destruíram o castello de Coruche, levando captivos os seus moradores.

Novamente voltou Yacub (1182) e, entrando pelo Alemtejo, sitiou Santarem. Circumstancias felicissimas fizeram que o cêrco fosse levantado e Yacub ficasse mortalmente ferido.

Como sempre, uma felicidade prodigiosa favoneava os portuguezes, coroando com imprevistos auxilios os seus esforços heroicos.

Essa boa estrella não lhes faltou ainda quando os sarracenos, voltando ao Tejo, se propunham atacar Lisboa, e tiveram de desistir.

Affonso Henriques estava cansado, inclinava-se para a sepultura, mas uma naciona-

<sup>1</sup> Na margem esquerda do Nabão.

<sup>2</sup> Zézere, castello situado junto a Constancia.

lidade, fartamente regada de generoso sangue e maravilhosamente protegida por incessantes favores do destino, antes favores de Deus, desabrochava, como a amendoeira na primavera, as suas primeiras florescencias, nuncias de uma fecunda vitalidade.

Tão fecunda que, apesar dos erros dos homens, não pôde extinguir-se ainda.

Como vimos, o rei de Portugal tinha-se valido, para assegurar o dominio de Portugal, do auxilio das ordens do Templo, do Hospital e do Sepulcro, alcançado a troco de amplas doações.

Tambem aproveitou a collaboração dos freires de Santiago, doando-lhes o castello da villa da Arruda.



2 — Torre de S. Julião, na barra de Lisboa

Das ordens monasticas, recentemente estabelecidas, tirou o partido que pôde. O mosteiro de Alcobaça, fundado de pouco tempo, tomou a si a cultura de uma extensa parte da alta Extremadura, que até então era um vasto deserto.

Sancho I, seguindo a habil politica de seu pae, entregou á ordem de Santiago os castellos de Alcaçer, Palmella e Almada, e confirmou-lhes a doação do castello da Arruda; mandou occupar por cavalleiros de Calatrava o de Alcanede e a villa de Alpedriz na moderna Extremadura.

Preparava-se, pois, para a defeza do paiz, na região do sul, contra as provaveis tentativas de reivindicção por parte dos mussulmanos.

A provincia de Al-kassr, duvidosa ainda para o dominio portuguez, tinha, ao norte, como ultimo ponto de defeza, o castello de Coruche.

Sancho I, querendo adeantar-se para o Gharb (Algarve) ajudado por uma armada

de cruzados da Frisia e da Dinamarca, conseguira, n'esse empenho, conquistar a florescente cidade de Chelb (Silves).

Ao mesmo tempo Affonso VIII de Castella avançava para as immedições de Sevilha.

Enfurecido com tantos desastres, Yacub — filho e successor do outro — logo que d'elles teve conhecimento em Marrocos, preparou-se para a represalia e reconquista.

Na primavera de 1190 passou o Estreito e dirigiu-se para Silves, onde encontrou grande resistencia.

Ardendo em odio e indignação, resolveu penetrar nos estados de Sancho I, para vingar os desastres de Silves.

Yacub, atravessando o moderno Alemtejo, passou o Tejo acima de Santarem e acommetteu o castello de Torres Novas, que tomou ao cabo de dez dias de cêrco.

Depois dirigiu-se para Thomar, castello fortissimo, bem defendido pelos Templarios, e fez internar o exercito pelos territorios entre Alcobaça e Leiria, chegando até aos arrabaldes de Coimbra, onde poz tudo a ferro e fogo.

Sancho I, persuadido de que Yacub se dirigiria para Santarem a fim de ahi vingar a morte do pae, entrincheirou-se dentro do castello d'esta cidade com alguns cavalleiros, poucos e em grande desproporção com as forças dos almohades.

A posição do rei portuguez seria muito critica em Santarem, no caso de ser atacado, se lhe não acudissem com reforço, felizmente casual, como aconteceu, algumas naus de cruzados inglezes que iam para a Terra Santa, e vieram acoitar-se no Tejo, accossadas por violenta tempestade.

O que é certo é que Yacub, tendo-se apoderado de Torres Novas, e sitiando Thomar, mandou propôr ao rei portuguez um tratado de treguas por sete annos, obrigando-se a restituir Torres Novas, se lhe fosse restituída a cidade de Silves.

Sancho I recusou.

Então Yacub ameaçou de ir assediar Santarem, mas o certo é que, abandonando o cêrco de Thomar, que durou apenas seis dias, atravessou o Tejo e, pelo sul, marchou para Sevilha.

Esta extranha retirada teve por origem, segundo Herculano, os destroços causados no exercito mussulmano pelas febres «que ainda hoje costumam reinar pela Extremadura durante o ardor da canicula».

Parece que o proprio Yacub as padecêra, chegando a espalhar-se o boato da sua morte.

Medeou algum tempo de relativa tranquillidade para Sancho I, até que Yacub resolveu vir novamente cercar a cidade de Silves, que d'esta vez se rendeu.

Não contentes com tão importante reconquista, os sarracenos atravessaram o Alemtejo meridional, retomaram Alcacer, destruíram Palmella e Almada.

Na provincia de Al-kassr, apenas Evora escapou.

Sancho I, baldo de recursos, não pôde offerecer resistencia á invasão mussulmana.

Retirando-se Yacub para a Africa, Sancho tratou de aperceber-se para futuras occorrencias, fazendo doações de varios castellos ou territorios ás ordens militares, para que os defendessem.

Assim doou Mafra á ordem de Aviz, a torre e paços de Santarem aos freires de Santiago, etc.

A's colonias estrangeiras, que no tempo de Affonso Henriques tinham vindo povoar a Extremadura, augmentou-lhes o territorio.

Aos francos de Villa Verde e Lourinhã deu-lhes Pontével e seu termo, aproximando-os assim da margem do Tejo.

Yacub, provocado por uma incursão de Affonso VIII de Castella no territorio sar-

raceno do Andaluz, passou de novo o Estreito e veio vingar a affronta n'uma sanguinolenta batalha campal, em que os christãos ficaram derrotados.

Por essa occasião alguns troços de sarracenos entraram na Extremadura portugueza, e chegaram até Alcobaça, onde os monges pagaram caro a ousadia da resistencia.

Yacub continuou a vingar-se do rei de Castella, fazendo varias algaras pelos seus estados, e levando preciosos despojos.

Os principes christãos mandaram propôr-lhe tréguas, que elle accitou.

A doença que o minava concorreu, decerto, para esta annuencia.

Yacub falleceu, em Africa, no anno 1199 da era christã.

Continuava Silves em poder dos sarracenos, quando uma armada de cruzados da Allemanha, entrando no Tejo, de passagem para a Palestina, e sabendo o que se passava, resolveu ir tomar aquella praça.

Effectivamente o conseguiram, deixando-a desmantelada e seguindo viagem para a Syria.

Sancho I aproveitára o periodo da pacificação em organizar a defeza e povoação do reino, por meio de doações ás ordens militares, especialmente aos Templarios, e aos aventureiros que vinham procurar fortuna em Portugal, e podiam ser aproveitados como colonisadores e homens de guerra.

A uma d'estas immigrações, composta de flamengos, foram concedidos os extensos terrenos comprehendidos entre Santarem e Alemquer, aos quaes se assignalou, como termo, as campinas marginaes do Tejo, já então conhecidas pelo nome de — *leziras*.

Recebida a doação, os colonos fundaram a Villa dos Francos, que depois se denominou Azambuja.

Exceptuando Alcacer, praça sarracena, o territorio interposto ás bacias do Tejo e do Sado, que a segunda invasão de Yacub deixára coberto de destroços e ruinas, foi repovoado por portuguezes e estrangeiros.

A ordem de Santiago restaurou o castello de Palmella, e de novo se estabeleceu n'elle.

Uma colonia de francos fundou perto da foz do Sado o logar de Cezimbra.

Benavente foi povoada n'este tempo (1200).

Os almohades apenas conservavam, na moderna Extremadura portugueza, o castello de Alcacer do Sal para cobrir a provincia de Al-faghar.

Pedro Affonso, meio irmão de Sancho I e seu dedicado amigo, recebia da Corôa o senhorio dos terrenos banhados pelo Zézere, que, a poente e sudoeste, entestavam com as preceptorias de Pombal e Thomar, e fundava os concelhos de Arega (1201), Figueiró (1204) e Pedrógam (1206).

A estimulo do bispo de Lisboa, D. Sueiro, lançavam-se os fundamentos da villa de Alhandra.

E, misturando os portuguezes com os francos, creava-se, entre Pontével e Azambuja, o municipio de Aveiras.

A concessão de foraes, essa poderosa arma de colonisação, ia robustecendo a vida e regulando os costumes das novas povoações.

D. Sancho I e o seu chanceller Julião trabalhavam constantemente na organização administrativa do reino, não se poupando o proprio soberano á fadiga de percorrer diversas regiões do paiz, para estimular a actividade dos colonos e reconhecer pessoalmente quaes os elementos de defeza com que podia conter.

No reinado de Affonso II, e ainda a instancias do bispo Sueiro, organisou-se, com o auxilio de uma frota de cruzados rhenanos, a investida contra o castello de Alcacer, o qual, depois de uma formidavel e sanguinolenta batalha, foi, finalmente, tomado pelos christãos.

Assim cahira nas mãos de Portugal a mais importante posição militar da Extremadura inferior, chave dos territorios do Gharb.

O rio Tejo, que divide a provincia da Extremadura em duas regiões, a do norte e a do sul, é a mais importante via fluvial do paiz.

O seu nome, Tejo, é de origem phenicia: Tagus, de *dagi*, piscoso; assim como Lisboa, de *alisubbo*, bahia amena.<sup>1</sup>

Uma passagem de Strabão mostra que os romanos reconheceram e exaltaram igualmente a abundancia de peixes que celebrisava este rio.

Marcial não só lhe confere o qualificativo de piscoso, mas tambem conta, n'um dos seus epigrammas, que os melhores «cálamos», pennas, com que em Roma se escrevia, eram feitos das cannas colhidas nas margens do Tejo.

Em Portugal prevalece ainda a tradição de que D. João III mandou fazer um sceptro das palhetas de fino ouro, que se catavam nas areias do mesmo rio.

Duarte Nunes do Leão testemunha que vira «muitas vezes», nas mãos dos reis seus contemporaneos, esse sceptro, — uma das mais preciosas joias do thesouro real.

Mas superabundam memorias gloriosas e factos historicos a dar immorredouro brilho á chronica secular do rio Tejo.

Foi das suas aguas que partiram as caravellas e naus dos nossos navegadores, para irem devassar os segredos do *mar tenebroso*, descobrir remotas plagas e longinquos continentes, desfraldando aos quatro ventos do ceu a bandeira branca santificada pela cruz de Christo.

Bastaria a epopea maritima dos portuguezes para engrandecer a fama de um rio, que os viu partir em busca de tão ousados e felizes empreendimentos.

Vanglorie-se o Danubio de ter retido nas suas margens um tamanho poeta como foi Ovidio, que ainda o Tejo lhe responderá triumphantemente com o nome do seu grande Camões, exilado por amor, não se sabe ao certo onde, mas seguramente em sitio d'onde o podia contemplar, pois que o descreve.

E de memorias de poetas está cheio o Tejo, para se orgulhar ou para se arrepender.

Para se orgulhar, quando ouve Camões invocar saudoso nos *Lusiadas* as «Tagides minhas», as nymphas do «claro e deleitoso Tejo».

Para se arrepender, ao lembrar-se de ter feito naufragar nas suas aguas o pastoril Rodrigues Lobo.

Para se orgulhar, recordando que lord Byron, homem de tanto mundo, por tal modo ficára captivo da belleza e magestade do nosso Tejo, que pretendeu medir-se com elle atravessando-o a nado.

Mas como dentro das aguas do Tejo pulsasse o coração de Portugal, não valeram ao poeta inglez os elogios, que dispensou a este bello rio, para fazel-o esquecer dos aggravos por Byron dirigidos á nação.

E' certo que o auctor do *Childe Harold* havia dito:

«A todos, cheios de alegria, saúda a serra de Cintra e o Tejo correndo a pagar ao oceano o fabuloso tributo das suas areias de oiro».

Mas não é menos certo que o orgulhoso filho de Albion havia chamado a Portugal: «Nação impando de ignorancia e orgulho».

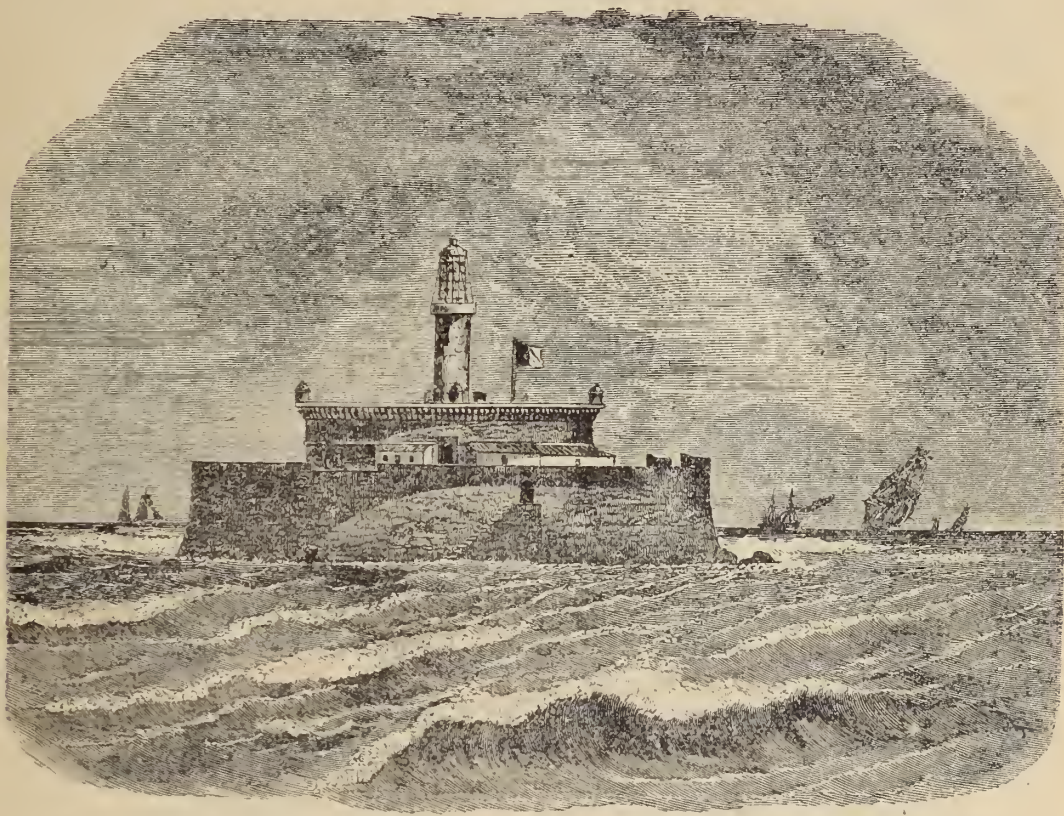
Este aggravo inspirou ao Tejo uma vingança patriotica. Duas horas luctou lord Byron com as aguas, tentando realisar a travessia; era, porém, tão forte a corrente, que elle teve de abandonar o seu plano e de recolher a terra, extenuado, vencido pela grandeza impetuosa do rio.

<sup>1</sup> Herculano, *Hist. de Port.*, vol. I, Introducção.

Para se arrependar, póde o Tejo recordar que o infante D. Miguel, filho bastardo de D. Pedro II, pereceu nas suas aguas, igualando-se este principe portuguez, na desastrosa morte, ao famoso imperador Frederico Barbarôxa, que naufragou no Selef.

Para se orgulhar, evoque o Tejo a recordação d'aquellas duas *pesetas*, que Espronceda lançou, desdenhoso, ás suas aguas, deante de Lisboa, exclamando — «que não queria entrar em tão grande capital com tão pouco dinheiro».

Ainda para se orgulhar, lembre o Tejo a lenda de Santa Iria, cujo virginal corpo recebeu do Zézere, como o Zézere o havia recebido do Nabão, e ufane-se de lhe haver dado sepultura em suas loiras areias na ribeira de Santarem.



3 — Torre do Bugio, na barra de Lisboa

Nasce o Tejo em Hespanha entre Albarracin e Orihuela, e penetra no territorio portuguez pelo Rosmaninhal, concelho de Idanha-a-Nova.

A sua margem direita é portugueza (Beira Baixa) e a esquerda hespanhola até ao rio Ponsul. Na foz d'este affluente, extremo do concelho de Castello Branco, o Tejo abandona a margem hespanhola, enfia pela apertada garganta que se chama Portas de Ródam e, tomando a direcção de sudoeste, torce em largas voltas seu curso, por entre penedias desgrenhadas e aspérrimas.

Depois, aproximando-se de Tancos, começa a espraia-se mais desafogado de obstaculos e a tornar-se mais magestoso e ameno, regando declives suaves ou planicies extensas.

A largura do rio vem successivamente aumentando, de modo que entre o Carregado e a Ponta da Erva atinge um maximo de 7:720 metros e um minimo de 520 ;

entre a Ponta da Erva e o Pontal de Cacilhas, um maximo de 12:700 metros e um minimo de 2:160.

A bacia do Tejo, entre Villa Velha de Ródam e a sua embocadura, n'um percurso de 211 kilometros, mede uma superficie de 27:715 hectares, aproximadamente.

Ha a notar, quanto á estrutura do alveo, muitos pégos, cascalheiras e cachões; e duas revessas, a do Cão e do Cimo do Nateiro.

Os mouchões principaes são o dos Coelhos, Esfola Vaccas, Escarapim, Leziria da Silveira, Reguengo, da Casa, da Saudade, da Povoia, do Lombo e da Alhandra.

O Tejo desagua no Atlantico, passando entre a Torre de S. Julião e a do Bugio.

Os canaes da barra são dois: um, entre os Cachôpos e o Bugio; ótro, entre os Cachôpos e S. Julião.

Este é o mais seguido, por ser o mais seguro.

Os principaes affluentes do Tejo dentro do territorio portuguez são: rio Elga, ribeira de Aravilla, rio Ponsul, rio Sever, ribeira de Niza, ribeira de Figueiró, ribeira Ocreza, rio Torto, ribeira Abrançalha, rio Zézere, rio Almonda, rio Alviella, ribeira de Alpiarça, ribeira de Muge, rio Maior, ribeira de Magos, rio Otta, rio de Alemquer, rio Sorraia, ribeira de Santo Estevam e rio de Sacavem.

Os ultimos sete são influenciados pelo fluxo das marés, cuja propagação tem um alcance de 81 kilometros, fazendo-se sentir até ás proximidades de Muge, e abrange uma superficie de 24:364 hectares.

Do canal de Azambuja para cima as marés começam a perder a sua energia, rapidamente.

O estuario do Tejo, entre Lisboa e Alhandra na margem direita e o Barreiro e Alcochete na margem esquerda, tem o nome de *Mar da Palha* e exerce uma acção benefica no regimen do rio, pois que, armazenando grande volume de aguas da maré, estabelece correntes de refluxo, que impedem o assoreamento.

Quanto á navegação do Tejo, diremos que entre Villa Velha e Abrantes só podem fluctuar barcos de pequena lotação: varinos, saveiros, lanchas de fundo chato.

Desde a Barquinha até Abrantes unicamente teem acesso as fragatas sem quilha, denominadas *barcos de agua acima*.

A conducção de madeiras faz-se por meio de jangadas que se organisam em Abrantes ou entram no Tejo em Constancia quando procedentes do Zézere.

Os hiates não passam da Azambuja.

A grande navegação cessa nos Olivaeas, e o maior movimento fluvial tem por limite Villa Franca.

Falando do movimento commercial de Lisboa no reinado de D. Fernando, diz Fernam Lopes na chronica d'este rei:

«E portanto vinham de desvairadas partes muitos navios a ella, em guisa que com aquelles que vinham de fóra e com que os que no reino havia, jaziam muitas vezes ante a cidade quatrocentos e quinhentos navios de carregação; e estavam á carga no rio de Sacavem e á ponta do Montijo, da parte de Riba-Tejo, sessenta e setenta navios em cada logar, carregando de sal e de vinhos; e por a grande espessura de muitos navios que jaziam ante a cidade, como dizemos, iam antes as barcas d'Almada aportar a Santos, que é um grande espaço da cidade, não podendo marear por entre elles».

As condições de navegabilidade do Tejo até Hespanha foram sondadas, em varias viagens de reconhecimento, pelo engenheiro hydraulico João Baptista Antonelli, italiano de nação, no tempo em que Filippé II de Castella reinava em Portugal.



Antonelli fez a primeira experiencia navegando as 24 leguas hespanholas que vão de Abrantes até Alcantara <sup>1</sup>.

Não tardou nova experiencia.

O audaz explorador fluvial embarcou n'uma chalupa, tripulada por quatro remeiros portuguezes, e subiu o Tejo desde Alcantara até Toledo.

Depois, no retorno, veiu desembarcar em Lisboa.

Filippe II, conhecidos estes factos, propoz ás côrtes de Madrid o alvitre de tornar effectiva a navegação do Tejo entre Hespanha e Portugal.

Os procuradores de Toledo oppuzeram-se, mas os outros concederam cem mil ducados a Antonelli para tentar a empreza.

No anno de 1584 o proprio rei e a comitiva real navegaram desde Vacia-Madrid a Aranjuez em dois barcos de fundo chato, sem nenhum incidente desagradavel.

Dois annos depois, algumas barca do mesmo teor vieram carregadas de trigo, e pilotadas por Christovam da Roda, sobrinho de Antonelli, desde Toledo a Lisboa, gastando quinze dias na viagem.

Em 1588 e 1589 repetiram-se estes ensaios de navegação e commercio internacional.

Tendo fallecido Antonelli, o rei commetteu a André de Udias o encargo de proseguir na exploração do Tejo.

Alguns barqueiros de Abrantes, estimulados de brio nacional, obrigaram-se a ir da sua villa até á cidade de Toledo em quarenta dias.

Estes exemplos provocaram novas affoutezas e o certo é que os pannos fabricados em Toledo e Talavera vinham pelo Tejo ao mercado de Lisboa, e que de Lisboa, pela mesma via fluvial, eram exportados para Madrid alguns productos portuguezes.

No reinado de Philippe III de Castella não se tornou a pensar na exploração commercial do famoso rio.

Filippe IV, ultimo do Portugal, quiz, durante a guerra da independencia, aproveitar a navegação do Tejo entre Toledo e Alcantara para o transporte de munições de guerra e bocca até á fronteira.

Mas esta idéa mallogrou-se, apesar de incumbida a dois engenheiros, Carduchi e Martelli.

O mesmo aconteceu ás tentativas empregadas por Carlos II, e em 1740 pelo gabinete Carvajal, para recommençar os ensaios de navegação entre os dois paizes.

No seculo XIX, 1828, outro engenheiro hydraulico, de nome Marco Artu, renovando a empreza, fez uma viagem de Aranjuez a Lisboa, subindo depois o Tejo n'um barco que fôra construido nos estaleiros da nossa capital.

Comtudo todas estas tentativas não tiveram seguimento, e o Tejo conservou-se fechado, como antes de Antonelli, desde Villa Velha de Ródam para cima.

D'ellas apenas resta memoria em o nome dado ao caes de Toledo d'onde os barcos partiam para Portugal, caes a que se ficou chamando — *Plazuela de las barcas*; bem como no roteiro e relação, luxuosamente impressos em Madrid, do reconhecimento emprehendido por Marco Artu. <sup>2</sup>

O Tejo produz, pelo beneficio das irrigações, uma consideravel riqueza agricola.

Com razão diz Oliveira Martins que elle fecunda os campos marginaes como succede no Egypto com o Nilo.

<sup>1</sup> Na margem esquerda do Tejo, provincia de Cáceres (Hespanha). Ha em Alcantara uma ponte romana sobre o Tejo (*Tajo*).

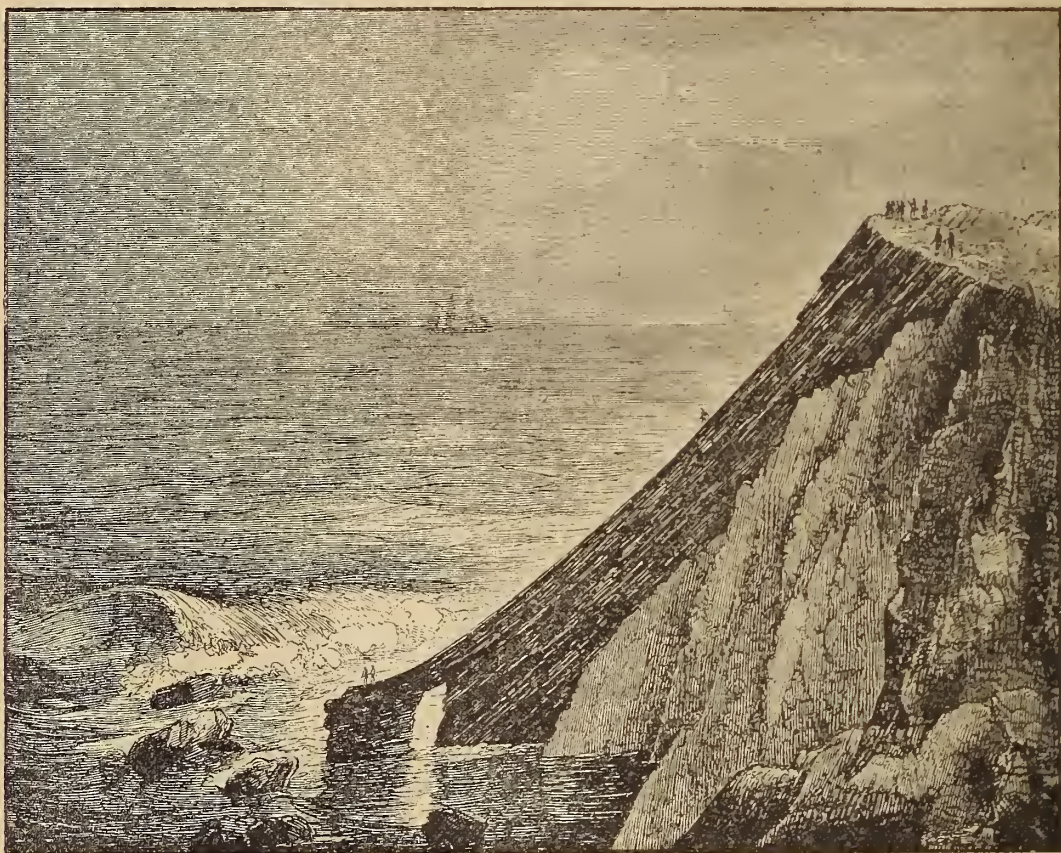
<sup>2</sup> *Panorama*, vol. IV, pag. 214.

O geographo arabe Edrisi (1154) põe em relevo a fecundidade dos terrenos ribeirinhos do Tejo, entre Lisboa e Santarem, dizendo que n'elles o trigo, germinando e amadurecendo em 40 dias, produzia 100 sementes.

O que é certo é que, ainda hoje, oito seculos depois, aquelles terrenos produzem trigo em abundancia, sobretudo o trigo temporão da primavera.

Todavia, maior poderia ser, para a agricultura, a utilidade colhida das aguas do Tejo.

Um engenheiro portuguez, o sr. Henrique Moreira, aconselha, n'esse sentido, as seguintes providencias: o enxugamento dos paues, a dominação das fortes correntes,



4 — Pedra d'Alvidrar

(Proximo a Collares, no litoral da serra de Cintra)

a arborisação apropriada ás circumstancias do terreno, a modificação dos effeitos nocivos das cheias, a educação do regimen hydraulico, a rectificação das margens, a colmatagem, o enateiramento e a drenagem.

Bento de Moura Portugal, o mal-sorteadado mathematico portuguez, engenhou o projecto de um dique, nas serras de Villa Velha, que regularia a corrente do Tejo, de modo a evitar a innundação dos terrenos marginaes, e a realisar uma conveniente distribuição das aguas irrigadoras.

Tambem pensou em augmentar a velocidade e segurança dos barcos do Ribatejo.

Fumos de mathematico inventivo, que o tempo e a desgraça dispersaram completamente.

Da industria piscatoria, que o Tejo proporciona, fallaremos quando tratarmos da região ribatejana.

No litoral da provincia da Extremadura desenham-se cinco cabos: Carvoeiro, Roca, Raso (a noroeste de Cascaes), Espichel e Sines; e abrem-se dois portos maritimos de 1.ª ordem, Lisboa e Setubal.

Tanto Setubal, como Alcacer do Sal, Grandola, Santiago do Cacem e Sines pertencem, em rigor geographico, ao Alemtejo, por isso que ficam «além do Tejo», mas fazem parte da provincia da Extremadura e do districto administrativo de Lisboa.

Destacam-se quatro peninsulas na costa da Extremadura: a de Peniche, que tem a figura de um coração; duas grandes, a de Lisboa, formada pelo Atlantico e pelo Tejo; a de Setubal e Cezimbra, formada pelo Tejo, pelo Atlantico e pelo Sado — e uma estreita peninsula, defronte de Setubal, Troia, formada pelo Sado e pelo mar.

A noroeste de Peniche surgem as ilhas Berlengas, dando-se este nome colectivo á Berlenga propriamente dita ou Berlenga Grande e aos grupos de cachopos denominados *O da Velha, Estrellas, Farilhões e Forçadas*.

A provincia da Extremadura, tanto na costa como no interior do Tejo, é illuminada pelos seguintes pharoes:

Localidades	Data em que começou a funcionar	Posições e situações relativas	Caracteres da luz	Alcance Milhas
S. Martinho do Porto....	1885	Na ponta de Santo Antonio, a 3 kilometros da villa de S. Martinho.....	Fixa, branca (apparelho de içar) .....	9
Berlenga.....	1841	No ponto mais elevado da ilha Berlenga	Grupos de tres clarões brancos de 30° em 30°..	30
Cabo Carvoeiro .....	1790	No extremo do Cabo Carvoeiro, a 3 kilometros da villa de Peniche .....	Fixa, vermelha .....	17
Peniche.....	1886	No forte das Cabanas, villa de Peniche.	Idem, branca .....	9
Ericeira :				
Luzes de di- anterior... 1864	1864	Na villa da Ericeira.....	Idem, branca .....	5
recção... posterior.. 1864	1864	Idem, idem .....	Idem, vermelha .....	5
Cabo da Roca.....	1772	No cabo da Roca.....	Luz electrica scintillante, branca.....	30
Cabo Raso.....	1894	No forte de S. Braz no Cabo Raso ....	Fixa, vermelha.....	5
Barra do N. do Tejo (luzes de direcção):				
Santa Martha (luz anterior).....	1868	No forte de Santa Martha, a 400 metros da cidadella de Cascaes .....	Idem, idem.....	6
Guia (luz posterior)..	1761	A 2:200 metros a W da villa de Cascaes	Idem, branca .....	15
Cascaes .....	1894	Na praça D. Amelia, na villa de Cascaes	Idem, vermelha.....	2
S. Julião.....	1775	Na torre de S. Julião, foz do Tejo.....	Idem, branca.....	12
Barra grande do Tejo (luzes de direcção):				
Porto Covô (luz anterior).....	1878	A 443 metros por 46° SW da posterior.	Idem, vermelha.....	10
Caxias (luz posterior).	18, 8	No forte de Caxias.....	Idem, idem.....	18
Belem .....	1847	Na torre de Belem.....	Idem, idem.....	8

Localidades	Data em que começou a funcionar	Posições e situações relativas	Caracteres da luz	Alcance Milhas
Cacilhas.....	1886	No pontal de Cacilhas, margem S. do Tejo.....	Idem, branca.....	12
Bugio.....	1755	Na torre de S. Lourenço da Barra, foz do Tejo.....	Idem, idem. com um clarão vermelho de 30° em 30°.	15
Espichel.....	1790	A 600 metros da igreja do cabo do Espichel.....	Grupos de quatro clarões brancos de 30° em 30°...	28
Cezimbra.....	1896	Na Ponta da Varanda, forte do Cavallo, a 1:600 metros ao SW. da villa de Cezimbra.....	Fixa, vermelha.....	10
Outão.....	1863	Na torre do Outão, foz do Rio Sado, a 5 kilometros a W. na cidade de Setubal.....	Idem, branca.....	15
Sines.....	1888	No Cabo de Sines.....	Idem, idem.....	18

Na provincia da Extremadura, além da alfandega grande de Lisboa, ha as seguintes delegações: de 1.<sup>a</sup> classe: Estação do caminho de ferro no Caes dos Soldados (Santa Apolonia) e estação do Rocio; de 2.<sup>a</sup> classe na Cruz da Pedra e Lazareto; de 3.<sup>a</sup> classe, em Alcantara, Aterro e Terreiro do Paço.

Postos de despacho de 1.<sup>a</sup> classe: alem dos que dão entrada na capital pela linha de circumvallação, os de Peniche, S. Martinho do Porto, Pederneira, Cezimbra e Sines.

Postos de despacho, 2.<sup>a</sup> classe: Vieira, Cruz da Oliveira, Estrada de Queluz, Cascaes, Barreiro e Ericeira.

Os postos fiscaes são numerosos e constam da organização dada aos serviços aduaneiros pelo decreto de 27 de setembro de 1894.

Contam-se cinco cidades na provincia da Extremadura, a saber: Lisboa, Leiria, Thomar, Santarem e Setubal.

A primeira, segunda e quarta são capitaes de districto.

Thomar pertence ao districto de Santarem e Setubal ao de Lisboa.

População d'estas cidades em relação aos annos decorridos desde 1864 até 1900:

	1900	1890	1878	1864
Lisboa.....	357:000	301:206	242:297	199:412
Setubal.....	21:819	17:581	14:798	12:747
Santarem.....	8:704	8:210	7:001	6:207
Thomar.....	6:933	5:816	5:105	4:005
Leiria.....	4:488	3:932	3:570	2:922

Serras da provincia da Extremadura:

Vermelha, que fica fronteira á villa de Dornes.

Ancião, que principia ao sul do Rabaçal e entronca na cordilheira de Ayre.

Redinha, a suéste da povoação d'este nome.

Sicó, a léste da villa de Pombal; é ramificação da serra de Ancião.

Aguda, ao norte da povoação d'este nome. Esta serra é a principal de um grupo de serras, que occupam o territorio chamado das Cinco Villas: Aguda, Avellar, Chão de Couce, Pousa-Flores, Maças de D. Maria.

Alvaiázere, a oéste da villa d'este nome. E' ramificação da serra de Ancião.

S. Paulo e Monte Minhôto, proximas á villa de Dornes. Ha aqui um dictado popular de referencia orographica: *Entre a serra de S. Paulo e o Monte Minhôto me ficou o meu bem todo.*

Guimareira ou de S. Saturnino, pequena serra de cinco kilometros de extensão. Na freguezia de Areias, concelho de Ferreira do Zézere.

Santa Catharina, começa na freguezia da Igreja Nova do Sobral, no mesmo concelho, e vae encontrar-se com a serra da Guimareira.

Caranguejeira, entre a cidade de Leiria e a villa de Abiul.

Ayre, serrania situada entre a Batalha, Porto de Móz, Alcanede, Torres Novas e Villa Nova d'Ourem. Toma varios nomes segundo as serras de que se compõe, taes como Albardos, Alqueidão, Minde, Porto de Mós, Mendiga e Malhou.

Da serra de Ayre avista-se Leiria, Porto de Mós, Alcobaça, Alcanede, Santarem, Torres Novas e Ourem: o ponto culminante d'esta serra mede 719 metros acima do nivel do mar.

Alfeizerão, entre as Caldas da Rainha e Alcobaça. Póde considerar-se um prolongamento da serra do Arrimal.

Arrimal, entre outras duas serras, mais pequenas, chamadas da Figueira e de Pias. Começa em Porto de Mós e finda em Rio Maior.

Alcobertas, dos Candieiros ou dos Molianos, a oéste da villa de Alcanede.

Serra d'El-Rei, no concelho de Peniche.

Monte Junto, entre Cadaval, Alcoentre, Alemquer e Villa Verde.

No seu ponto culminante eleva-se 728 metros acima do nivel do mar.

As serras de Santa Quiteria e Alvarrões são ramificações de Monte Junto.

Barregudo, entre Torres Vedras e Villa Verde.

Socorro, distante de Torres Vedras 10 kilometros.

Atalaya, em roda da freguezia de Santo Estevam das Galés, no concelho de Mafra. Malveira, pequena ramificação da serra da Atalaya.

Cintra (*Promontorio da Lua*) desde a villa do seu nome até ao oceano, correndo de léste a oéste na extensão de 18 kilometros. Fórma o Cabo da Roca. O seu ponto culminante attinge cêrca de 600 metros acima do nivel do mar.

Carregueira, ao norte de Bellas.

Amoreira, começa na freguezia de Odivellas e vai até ao lugar de Almargem do Bispo, no concelho de Cintra.

Ameixieira, pequena serra entre Ameixieira e Camarate.

Monsanto, a noroéste de Lisboa, proximo á linha da circumvallação.

Achada, pequena serra perto de Cascaes.

Palmella, na qual está situada a villa d'este nome.

Azeitão, entre as freguezias de Azeitão e a villa de Palmella.

Arrábida, entre Setubal e Cezimbra. A sua cota mais alta é de 499 metros, no monte chamado Formosinho.

Barris, braço da serra da Arrábida.

S. Filippe, ramificação da serra de Palmella, a oéste de Setubal.

Um dos seus montes chama-se Alto do Viso.

Aleidões, desde Grandola até Santiago do Cacem.

Algares, ramificação da serra antecedente.

Os rios principaes são: o Tejo, que banha as cidades de Santarem e Lisboa; o Sado, que banha Alcacer do Sal e Setubal; o Nabão, que banha Thomar e é affluente do Zézere; o Liz e o Lena, que banham Leiria; o Zézere, que decorre a este de Pedrogam Grande e ao norte de Dornes, entrando no Tejo em Constancia, como já se disse; o Sorraia, que passa em Benavente e Coruche; o Almonda, que nasce na serra de Ayre e atravessa Torres Novas; Rio Maior, que nasce a oeste de Alcanede e bordejá occidentalmente a villa do seu nome, S. João da Ribeira e Azambujeira; o Alviella, que foi em parte canalizado para abastecimento de Lisboa; o Otta, que da povoação assim chamada segue para Villa Nova da Rainha; o Sacavem, que desagua no *Mar da Palha*, um pouco a juzante do sitio do seu nome; o Arunca, que passa a oeste de Pombal e recebe as aguas de outros rios, entre os quaes o Abiul, indo desembocar no Mondego.

As principaes lagôas da provincia da Extremadura são: a de Obidos, proximo da villa d'este nome; a de Brescos,<sup>1</sup> perto da villa de Santiágo do Cacem; a de Albufeira,<sup>2</sup> 6 milhas ao norte do pharol do Espichel; a de Minde, ao norte da povoação assim chamada.

Outras ha, de menos importancia, e cuja existêcia é revelada por alguns chorógraphos.

Assim, por exemplo, João Baptista de Castro informa haver duas lagôas no alto da serra de Monte Junto.

As fortificações militares do reino estão hoje classificadas em 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes.

Na provincia da Extremadura apenas pertence á 1.<sup>a</sup> classe o «campo entrincheirado de Lisboa».

A cidadella de Cascaes pertence á segunda.

O «campo entrincheirado de Lisboa» comprehende quatro sectores: um ao norte e outro ao sul do Tejo para defesa terrestre, e um interior e outro exterior para defesa do porto.

O sector norte é constituido pelos fortes D. Carlos I e Marquez de Sá da Bandeira, reducto Monte Cintra, recinto de segurança de Sacavem a Caxias, baterias intermedias e estradas militares.

O sector sul será constituido pelas obras que vierem a construir-se na peninsula entre o Tejo e o Sado.

O sector exterior é constituido: na margem direita do Tejo, pelo forte de S. Julião da Barra, reducto Duque de Bragança e bateria de S. Gonçalo; na margem esquerda, pelas baterias Infante D. Manuel, e da Alpena.

O sector interior é constituido: na margem direita, pelas baterias Rainha D. Amelia, Rainha Maria Pia e Fontainhas, forte D. Luiz I, reducto do Alto do Duque, forte do Bom Successo e pelo serviço de torpedos fixos em Paço d'Arcos; na margem esquerda, pelas obras a montante da Trafaria.

A praça de Cascaes tem por governador, actualmente, um major do quadro da reserva; e tem um almoxarife (tenente) encarregado do material de guerra.

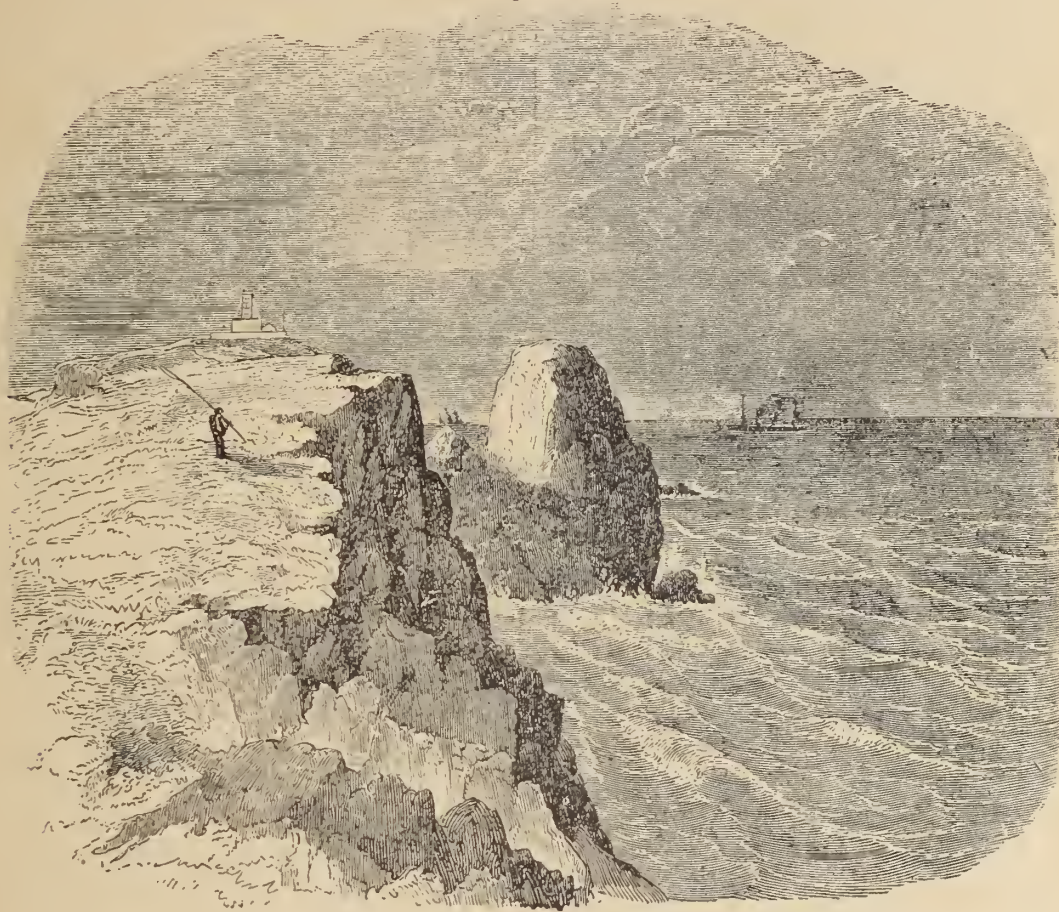
Estão desclassificadas muitas fortificações antigas da Extremadura, por exemplo: Castello de S. Jorge — Castello de Almada — Torre de S. Vicente de Belem — Forte da Cruz Quebrada — Forte de S. Pedro da Cadaveira — Forte de S. João da Cadaveira — Forte de S. Bruno — Forte da Guia — Forte das Maias — Forte do Arieiro — Forte,

<sup>1</sup> Tem meia legua de circuito.

<sup>2</sup> *Lagôa de Albufeira* é um pleonasma, que o uso sanciona.

Ja Junqueira — Forte de Santo Antonio da Barra — Forte de Catelazête — Forte do Guincho — Forte de Porto Salvo ou Giribita — Forte de Nossa Senhora do Valle — Forte da Roca — Bateria da Feitoria — Forte da Ericeira — Forte de Mil Fontes — Praça de Peniche — Castello de Obidos — Castello de Leiria — Castello de Torres Vedras — Praça de Abrantes — Castello de Palmella — Castello de S. Filippe de Setubal — Torre do Outão — Praça de Cezimbra — Praça de Sines.

A primeira divisão militar territorial, que faz parte da grande circumscripcão militar do sul, comprehende os districtos administrativos de Lisboa, Santarem e Leiria.



5 — Cabo da Roca

O quartel-general é em Lisboa.

Nascem na Extremadura portugueza algumas aguas mineraes muito conceituadas pela sua efficacia therapeutica.

Em Lisboa, dentro da cidade, ha no Terreiro do Trigo os tres balnearios das «Alcaçarias», chamados de *D. Clara*, da *Viuva Baptista* e do *Duque*; e os banhos de *S. Paulo* ou do *Doutor Lourenço*, cujas aguas, colhidas no Arsenal de Marinha, são levadas a *S. Paulo* por bombas a vapor.

No concelho de Cascaes contam-se em *S. João do Estoril* as thermas da *Pôça* e no *Estoril* as que são propriedade de *José Vianna da Silva Carvalho*.

No concelho de Loures teem bom credito as aguas medicamentosas da *Povoa de Santa Iria*, e no concelho de Mafra as de *Santa Martha* na *Ericeira*.

No concelho de Torres Vedras, a uns dois kilometros da villa d'este nome, encontra-se a estancia hydromedicinal dos Cucos.

Dentro da villa das Caldas da Rainha (districto de Leiria) acha-se situado o notavel e concorridissimo balneario que deu nome á povoação e cuja administração corre por conta do Estado.

Dois kilometros ao sudoeste das Caldas da Rainha está localizado o estabelecimento thermal das *Aguas Santas*, especialmente frequentado por gente pobre.

No districto de Santarem nascem aguas medicinaes em Fadagosa de Mação, Sardoal, Constancia, Alcanhões e Areias (freguezia de Ferreira do Zézere).

Em logar proprio, daremos noticia circumstanciada de cada uma d'estas aguas e suas respectivas estancias.

A provincia da Extremadura, mórmente no districto de Lisboa, é muito rica em marmores variegados.

Citaremos os azues e negros do jurassico de Cintra; os magnificos marmores do cretaco de Pêro Pinheiro; os do concelho de Cascaes (que é no districto o mais abundante em calcareos) taes como o busano e o apinhoado; ao sul do Tejo, os marmores bréchas da serra da Arrábida, conhecidos tanto no paiz como no estrangeiro por «brécha de Portugal».

Os marmores de Pêro Pinheiro e seus arredores começaram a evidenciar-se no tempo de D. João V, quando empregados no magestoso convento de Maфра.

Os melhores edificios de Lisboa são construidos de cantaria de Pêro Pinheiro, bem como os mais notaveis monumentos da cidade, incluindo o pedestal da estatua de D. José no Terreiro do Paço.

Além do lioz branco, tão proprio para estatuas, mausoléos, etc., encontram-se na região de Pêro Pinheiro: o marmore rosa com veios brancos ou amarellos; o marmore vermelho com manchas brancas ou amarellas; o branco com veios rosados; os cinzentos ou azues sarapintados de amarello; o preto (jurassico compacto) com uns veios amarellos ou brancos, que o cistinguem do marmore preto da Belgica.

Os bellos marmores da serra da Arrábida são polychromos, mosaicos, e conhecidos e estimados desde longos annos. <sup>1</sup>

No districto de Santarem ha, junto da estação de Chão de Maçãs, as celebres pedreiras de Valle dos Ovos, de que se extrae um lindo marmore encarnado, com que está sendo construida a igreja de S. Francisco (cathedral) em Madrid.

A exploração corre por conta de uma companhia portugueza.

Em Alcanede tambem ha pedreiras de excellente marmore, e em Minde.

No districto de Leiria impõe especial referencia o calcareo branco, de grão fino e homoganeo, que reveste o monumental edificio da Batalha tanto exterior como interiormente.

D'este calcareo escreve Frei Luiz de Sousa: «A qualidade da pedra toda huma, e não deve haver em toda a Hespanha outra melhor para semelhantes edificios: porque quanto á côr tem um extremo de alvura, e quanto á fortaleza he bastante dura, sem ser demasiado aspera ao lavar».

O rio Tejo divide geographically a provincia da Extremadura, como já dissémos, em duas regiões.

A do norte (A) é accidentada, montanhosa, constituida por um prolongamento do

<sup>1</sup> Veja-se a monographia *Subsidio para o estudo dos calcareos de Lisboa*, por Francisco Luiz Pereira e Sousa (1897).



grande macisso da Beira, a Serra da Estrella, ao qual ficam adjacentes terras baixas interiores, muito férteis, próprias para larga e proveitosa cultura.

O seu aspecto geral é o de todas as regiões jurássicas.

Ao oriente da cadeia de montanhas, na vertente do Tejo, dominam os terrenos miocenos de formação lacustre, desde Alverca até Rio Maior e Thomar. De Alverca a Lisboa aquella formação é marinha. Entre Lisboa, Paço d'Arcos, Cacem e Queluz encontram-se grandes tractos de basalto, que vão ligar-se a outros tractos d'igual grandeza, entre Almargem, Pêro Pinheiro e Chelleiros d'um lado, Tojal e Bucellas do outro lado.

A agua é muito abundante na região ao norte do Tejo, e utiliza-se como irrigação e motor.

Sob o ponto de vista exclusivamente agricola, o agronomo sr. B. de Barros Gomes subdivide a provincia da Extremadura em duas regiões: a primeira, que denomina *centro*, desde o litoral de Leiria até Lisboa; a segunda, *baixas do Sorraia*, desde a margem esquerda do Tejo até á fronteira do Alemtejo,

Estas subdivisões parece caracterisarem melhor as zonas intermediarias na divisão geral das nossas provincias.

Sob o ponto de vista especialmente vinicola, o sr. Cincinnato da Costa tambem distingue duas regiões: uma que vai desde Lisboa até ás proximidades da Nazareth e offerece um aspecto cultural independente e dominante; outra que comprehende a bacia e o litoral do Tejo.

A produção vinicola de toda a Extremadura é de 2.400:000 hectolitros.

N'esta provincia tem-se feito importantes replantações com videiras americanas; e n'ellas se destaca a exploração viticola de maior extensão em todo o mundo (Poceirão).

E' propriedade do sr. José Maria dos Santos, occupa uma superficie de 2.400 hectares—terreno plano—contém 6.000:000 de cêpas e produz regularmente 20.000 pipas de vinho.

A viticultura extremenha representa uma restauração agricola do seculo XIX, pois, como é sabido, o marquez de Pombal, com o despotico pretexto de acudir á falta de cereaes e favorecer a sua cultura, mandou, pelos alvarás de 26 de outubro e 18 de novembro de 1765, arrancar as vinhas dos campos do Tejo, e d'ahi para cima até ao Vouga. Os terrenos marginaes d'aquelle rio ficaram horripelmente devastados em seus vinhedos. As cêpas foram arrancadas pela raiz; algumas tinham estado cobertas de cachos, o que testemunhava quanto eram fecundas.

Por outro alvará, de 18 de janeiro de 1766, foram atingidas as plantações de vinha nas varzeas de Torres Vedras, região essencialmente vinicola.

O marquez queria fazer de Portugal um vasto celleiro, com barbaro sacrificio de florentissimas vinhas e bonissimos vinhos.

Faz isto lembrar as depradações que os habitantes do Ribatejo e os do Termo de Lisboa soffreram, no reinado de D. Fernando, aos inglezes que vieram com o conde de Cambridge.

O marquez não se ficou atraz d'elles na razzia.

Houve n'aquelle tempo tal soldado inglez, que se lhe apetecia comer lingua de vacca—abatia a vacca só para lhe aproveitar a lingua.

O marquez, para baratear os cereaes, encarecia o vinho.

As principaes castas de uva na Extremadura são:

## Branças

Alforcheiro — Almafego <sup>1</sup> — Árintho <sup>2</sup> — Assario — Boal — Cachudo — Camarate <sup>3</sup> — Carrega — Carrasquenho — Dona Branca — Diagalves <sup>4</sup> — Fernam Pires — Folha de figueira — Formosa — Gallego — Jampaulo — Malvasia — Mollinha — Moscatel — Mourisco — Olho de lebre — Rabo de ovelha — Tamarez — Terrantez — Thalia — Trincadeira — Verdelho.

## Tintas

Bastardo — Bomvedro — Castellão — João de Santarem — Maçã — Marôto — Monvedro <sup>5</sup> — Murtagua — Morteira — Mourisco — Negra molle — Olho de lebre — Periquita — Preto Martinho — Ramisco <sup>6</sup> — Tinta castellã — Tinta franceza — Tinta miuda — Tinta do Padre Antonio — Tintureiro — Trincadeira.

No conjuncto da provincia, a cultura da oliveira é importantissima em todo o districto de Santarem; no de Leiria, em Alcobaça; e no de Lisboa, nos Olivaeas.

Os campos da Gollegã tornam-se notaveis pela variedade das suas culturas: a oliveira, a vinha, o trigo, as hortaliças.

Os pomares de laranja em Alcobaça, Caldas, Collares e Setubal gosam de antiga reputação.

Nos arredores de Lisboa, a horticultura, por ter certo o consumo da cidade, constitue uma industria grandemente remuneradora.

A cultura da fava é, entre as leguminosas da Extremadura, muito importante, como se pode verificar por um exemplo, o da casa Palha Blanco, que recolhe uma porção annual de 400:000 a 500:000 litros.

No norte do paiz a fava apenas se aproveita, quasi exclusivamente, para ração do gado cavallar.

Na Extremadura tem grande consumo como alimento do homem, especialmente entre os trabalhadores das povoações ruraes, e em Lisboa entre as classes populares.

O minhôto, por exemplo, não gosta d'este legume; prefere-lhe as ervilhas de *graeiro* e as de *quebrar*; chega até a admirar-se de que os lisboetas admittam a fava na sua alimentação.

No litoral da região geographicamente situada ao norte do Tejo, encontram-se extensos pinhaes, merecendo especial menção o de Leiria, que abrange 8:000 hectares.

Toda esta região septentrional cria muito gado, ovino, bovino e cavallar, especialmente no Ribatejo.

Na sua área, entre outras coudelarias, justamente consideradas, citarei a de Palha Blanco no concelho de Villa Franca de Xira.

A criação de touros bravos, dentro d'esta região, localisa-se, principalmente, entre a Gollegã e a Povia de Santa Iria.

A região ao sul do Tejo (*B*) é mais arida e despovoada que a do norte, podendo dizer se que por detraz das povoações mais ou menos proximas do rio, Chamusca, Almeirim, Salvaterra, Benavente e Coruche, principia a charneca transtagana.

<sup>1</sup> Muito cultivada em Torres Novas.

<sup>2</sup> Base do vinho de Bucellas.

<sup>3</sup> Muito cultivada no Cartaxo.

<sup>4</sup> Usual em Torres Vedras.

<sup>5</sup> Muito commum nos arredores de Lisboa.

<sup>6</sup> E' a casta que dá character ao vinho de Collares.



Comtudo são muito fertéis os campos da Chamusca e de Almeirim, as varzeas do Sorraia, os terrenos da península de Setubal, e os arredores de Santiago do Cacem.

Mas a principal riqueza agricola da região do sul consiste nos montados de sobre e azinho.

Toda esta região produz tambem o trigo, a cevada, o centeio, a laranja (especialmente Setubal), as madeiras, e o vinho, sendo muito apreciado o do Lavradio, Setubal (moscatel de Azeitão), o do Samouço, etc.

A criação da raça bovina, brava, tem grande desenvolvimento desde a Chamusca até Alcochête, quasi em frente de Lisboa, graças, não só á extensão das pastagens nas lezirias do Tejo, mas tambem á visinhança das charnecas do Alemtejo para inverno-douro do gado.

A' beira do Sado, entre Setubal e Alcacer do Sal, encontram-se alguns exemplares d'esta raça, vivendo igualmente no estado selvagem.

A criação de gado cavallar é muito importante na região do sul, onde ha algumas coudelarias conhecidas e afamadas tanto em Portugal como no estrangeiro, por exemplo a do conde de Sobral em Almeirim.

Em toda a provincia da Extremadura.—ambas as regiões— a raça de cavallos predominante é a luso-andaluza.

No Ribatejo, principal centro de criação de touros bravos, os mais afamados creadores são: <sup>1</sup>

Companhia das Lezirias do Tejo e Sado \*; Herdeiros de Estevam de Oliveira (Pancas) \*; Paulino da Cunha e Silva; Emilio Infante da Camara; Luiz d'Oliveira Sommer (antiga raça Maximo Falcão) \*; D. Caetano de Bragança; Conselheiro Alva-res Pereira (successores); Marquez de Castello Melhor; Roberto & Roberto (hoje só um dos irmãos); J. P. Palha Blanco; Duqueza do Cadaval; José Rodrigues Vaz Monteiro; Antonio Vicente Santo; Conde de Sobral (successores); Luiz Patricio Correia Gomes; Manuel dos Santos Correia Branco; Eduardo Augusto Marques; Manuel Duarte d'Oliveira; Eduardo Santos.

Os cruzamentos em geral dão resultados pouco satisfatorios, porque os mestiços conservam os caracteres do gado indigena que é sempre bravo.

A engorda e matança do gado suino constitue uma importante industria de alguns concelhos do sul do Tejo como Aldea Gallega, Alcochête e Chamusca.

Ethnographicamente, tambem são duas as regiões mais interessantes e caracteristicas de toda a provincia: a do Ribatejo, e o habitat dos Saloios.

Da primeira damos a caracterisação geral no capitulo seguinte, e em todo este volume uma individuação minuciosa.

A região dos Saloios será comprehendida no segundo volume.

E' a Extremadura a provincia portugueza que possui maior numero de monumentos: Jeronymos, torre de Belem, igreja da Madre de Deus em Xabregas, basilica da Estrella, Conceição Velha, capella de S. João Baptista na igreja de S. Roque, o aqueducto das Aguas Livres, em Lisboa; castello da Pena e Paço Real, em Cintra; igreja e convento de Mafra; igrejas e mosteiros da Batalha e Alcobaça, etc.

Lisboa é não só capital da provincia, mas tambem do reino. E se já no seculo xvi Camões podia dizer

... tu, nobre Lisboa, que no mundo  
Facilmente das outras és princeza;

<sup>1</sup> O signal \* indica cruzamento com gado manso, nas manadas dos lavradores acima referidos.

hoje, com os seus novos edificios, bairros, ruas e avenidas, com as suas estatuas e jardins, as suas praças e docas, as suas fabricas e officinas, é certamente uma das mais bellas e progressivas capitães da Europa.

Sobre a indumentaria dos povos extremenhos espalhamos noticias por toda a obra.

Quanto aos dialectos da Extremadura, o que conhecemos de melhor é o *Essais de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, do sr. Gonçalves Vianna (Pariz, 1883).

O sr. Leite de Vasconcellos no opusculo *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (Paris, 1901) tambem se occupa dos dialectos meridionaes, extremenho, alemtejano e algarvio; mas, seguramente, o que n'esta obra ha de melhor são as observações alheias, citadas pelo auctor.

O mesmo publicista já em 1895 tinha estampado no Porto um opusculo sobre *Dialectos extremenhos*; ahi se occupa, principalmente, do dialecto de Peral, pequeno logar do concelho do Cadaval.

Conclue dizendo que este dialecto apresenta, como toda a linguagem da Extremadura ou dialecto extremenho geral, uma certa individualidade a respeito das provincias do norte e centro do reino; e que estabelece tambem differenças com relação ás outras provincias do sul.

Não dá grande novidade n'esta conclusão.

Na *Revista Lusitana* (vol. v) o sr. Leite de Vasconcellos, fazendo obra por uma poesia de Carvalho Lara em linguagem saloia, chega a descobrir o «dialecto» de Bemfica.

Ora o supposto dialecto de Bemfica não é mais que uma enfiada das deturpações tradicionaes usadas pelos habitantes rusticos do termo de Lisboa.

Por este systema teriamos o dialecto do Lumiar, o dialecto de Loures, o dialecto de Cintra, o dialecto de Mafra, etc.

As bacias do Tejo e do Sado forneceram ao general Carlos Ribeiro silex e quartzites lascados, nos quaes este illustre geólogo julgou encontrar vestigios da acção do homem terciario.

N'uma memoria apresentada á Academia Real das Sciencias, de Lisboa, em 1871, Carlos Ribeiro estampou 130 dos objectos por elle encontrados n'aquella região.

Examinados em 1872 no congresso de Bruxellas, o abbade Bourgeois não reconheceu n'elles vestigios da industria humana, mas confessou mais tarde, de accordo com o sr. Franks, director do Muzeu Britannico, haver, em alguns d'esses objectos, signaes evidentes da acção do homem.

Pelo que respeita, em geral, á archeologia préhistorica da provincia da Extremadura, encontram-se no museu da Escola Polytechnica muitos elementos de estudo colhidos em Setubal, Bellas, Barcarena, Leiria, Otta, Sacavem, Cezimbra, Peniche, Azambuja, Muge, etc.

Outros se podem consultar no muzeu anthropologico da Direcção dos Trabalhos Geologicos, taes são as facas e settas de silex, as placas de lousa com desenhos, os vasos de barro, as conchas, e os ossos de animaes encontrados por Carlos Ribeiro nas grutas préhistoricas do Pôço Velho, em Cascaes.

No muzeu archeologico do Carmo tambem se guardam alguns instrumentos pré-historicos (no original ou em copia) descobertos em Muge, Mafra e Obidos.

No mez de setembro de 1880 reuniu-se em Lisboa o congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia préhistoricas.

O assumpto capital d'este congresso era o exame a fazer sobre as provas da existencia do homem em Portugal durante a epoca terciaria.

Os congressistas não se limitaram a apreciar os trabalhos preparatorios de Carlos

Ribeiro e Nery Delgado, mas tambem visitaram as estações pré-historicas de Otta, Muge, Cascaes e Cintra, como em logar proprio diremos mais detidamente.

O assumpto foi discutido, e as opiniões dividiram-se.

Na sessão de 25 de setembro o presidente Virchow, tendo ouvido a comissão encarregada de dar parecer sobre os vestigios do homem em Portugal durante o periodo mioceno, e a opinião de outros congressistas, adiou a decisão do assumpto para novo congresso, por não ser admissivel que as questões scientificas se resolvam á pluralidade de votos.

Tambem o congresso tomou conhecimento dos trabalhos de Nery Delgado sobre os vestigios d'anthropophagia entre os habitantes da gruta da Furninha em Peniche.

Depois d'este congresso a corrente dominante, estabelecida por auctoridades scientificas, nega a existencia do homem terciario na Europa (Mortillet, Boule, Cartailhac, etc.)



7 — Barcos do Tejo

## II

# O Ribatejo



DESDE o seculo VIII em deante encontra-se nos nossos documentos a palavra *riba* ou *ripa* não só no sentido restricto de ribanceira ou margem montuosa de um rio, mas tambem na accepção ampla de todas as terras que ficavam superiores a qualquer curso fluvial, bem como de toda as aguas vertentes que a elle vinham.

N'uma antiga doação do tempo de D. Garcia, rei da Gallisa, (1070), a qual doação se refere a muitas herdades e mosteiros no territorio do Porto, lê-se, como prova d'este ultimo significado, a seguinte phrase: «*et jacent ipsas Villas territorio Portugale, ripa Durio.*»

Ora todas estas villas ficavam distantes da corrente do Douro, e muitas d'ellas estavam situadas na zona do rio Ave, *in ripa flumen Ave*.

«D'onde se vê, conclue Viterbo no *Elucidario*, que para ser *riba* basta que a terra fique superior ao rio, ou tambem ao mar».

E' n'este sentido que devemos entender a expressão Ribatejo, composta de duas palavras que se unificaram graphicamente.

Tal accepção, como se vê do *Elucidario*, é sempre um pouco vaga; por isso não deve causar extranhesa a difficuldade de marcar seguros limites geographicos á região denominada Ribatejo.

No seculo XVI o Lavradio era considerado como sendo já Ribatejo. Damião de Goes diz na *Chronica de D. Manuel* (Part 1.<sup>a</sup> cap. xxvi): «e de caminho visitarão ha Rainha d'ona Leonor, irmã del Rei, que então estaua no Lauradio, em Riba Tejo.»

Fernam Lopes, fallando de Montijo n'uma passagem que citamos no 1.<sup>o</sup> capitulo, diz que ficava «á parte de Ribatejo.»

Aldea Gallega é geralmente considerada Ribatejo, como o seu proprio nome indica «Aldea Gallega do Ribatejo»; mas aqui, mais que a situação geographica imperou a necessidade de distinguir esta povoação de outra de igual nome.

Escreve o Padre Carvalho na *Corografia*: «e por ficar no lessueste do rio Tejo, lhe accrescentarão de Ribatejo, para distincção de Aldea Galega da Merciana.»

Por identico motivo se diz — Moita do Ribatejo; é que ha muitas povoações com o mesmo nome de Moita.

Em todo o caso, a tradição legislou que o Ribatejo começasse a contar-se, na margem esquerda, desde o Lavradio, comquanto o concelho do Barreiro seja hoje uma continuação de Lisboa — na outra banda.

Relativamente á margem direita a caracterisação dos costumes ribatejanos começa a accentuar-se evidentemente nas proximidades de Villa Franca.

Mas pareceu-nos justo procurar n'esta margem a posição correspondente á das povoações que na margem fronteira são, por habito tradicional, consideradas Ribatejo.

Pelo que respeita aos limites superiores do Ribatejo crêmos que deverão collocar-se em Abrantes, porque d'esta villa se avisinham, oppondo seus costumes e aspectos, como differente caracterisação, as fronteiras das provincias da Beira Baixa e do Alemtejo.

Todavia, para não deixarmos mutilado o districto de Santarem, fomos até Mação com escala pelo Sardoal.

Relativamente aos costumes, que a nosso vêr constituem o mais saliente caracter differencial de provincia para provincia e de região para região, o Ribatejo pode considerar-se dividido em duas zonas, que o Tejo separa longitudinalmente.

Na margem esquerda, os costumes ribatejanos são limitados a léste pelos da provincia transtagana e d'elles recebem, na charneca, a influencia extranha que principia a descaracterisal-os.

Na margem direita, a sudoéste, os costumes do Ribatejo resentem-se já da região dos saloios, como se pode verificar, subindo o Tejo a maior distancia, no typo dos *barrões* e *barróas* dos arredores de Santarem.

Ainda no attinente aos costumes a região do Ribatejo deve estudar-se sob dois aspectos essencialmente caracteristicos: a borda d'agua, e o *interland*.

Pelo que se refere ao primeiro aspecto, fornecido pela zona propriamente ribeirinha, a caracterisação da vida e da população piscatoria é menos distincta e original que a da zona interior.

E a razão d'este factò está, principalmente, em que os pescadores do Ribatejo não são indigenas ou naturaes da região, mas individuos vindos do norte do paiz para exercer nas aguas do sul a sua industria.

O norte, especialmente o districto de Aveiro, empresta ás praias da Extremadura o pescador migrante que, levado pelo seu espirito aventureiro, vem procurar no sul maior esphera de acção com a esperanza de maior lucro.

Robusto, activo, soffredor, o vareiro não tem duvida em emigrar, seja pescador ou não, comtanto que ao menos uma vez por anno possa tornar a vêr a sua terra e a sua gente, e ir empregar ali o producto de alguns mezes de indefessa laboriosidade.

A colonia dos varinos de Lisboa e do Ribatejo, tão numerosa e tão pittoresca, porque não perde nunca o seu caracter originario, não se compõe apenas de pescadores e peixeiros. Ninguem ignora que a industria da venda dos jornaes na capital está, principalmente, nas mãos dos varinos, e é organisaada em companhias, como o pessoal piscatorio, sob a direcção de um chefe ou empresario que toma o nome de *capataz*.

Pois toda esta gente do norte vai annualmente visitar a sua terra, quasi sempre pelo S. João, em alegres ranchos que passam a noite cantando, no comboio, e tocando viola, harmonio ou guitarra, como se fossem para uma romaria.

Elles preferem a viola á guitarra, porque com a viola foram creados desde pequenos: é o instrumento tradicional da sua gente. A guitarra significa apenas um habito adquirido pela suggestão dos costumes populares de Lisboa: é portanto, para o varino, apenas um instrumento de emprestimo.



Quem, na linha ferrea do norte, não tem passado, em alguma noite de verão, por um comboio ascendente de cujas carruagens de 3.<sup>a</sup> classe rompe a cantoria tumultuaria dos varinos, ao som do harmonio, da viola chuleira ou da guitarra alfacinha?

São as colonias varinas de Lisboa e do Ribatejo que vão fazer a sua peregrinação annual em honra, digamos assim, dos deuses lareiros, e despejar no regaço da mãe-patria o pé-de-meia de laboriosas e suadas economias, que se fixam á terra natal pela compra de um predio, de um campo ou de uma bouça.

A população da borda d'agua, no Ribatejo, é pois constituída, na maior parte, pelo pescador do norte, que não quer construir habitação fóra da sua provincia.

Em Villa Franca de Xira ha, é certo, na rua do Alegrete, alguns predios edificados por varinos ricos, mas, não obstante, o snr. Lino de Macedo dá uma informação exacta nas suas linhas geraes quando diz: «Ainda é importante a pesca que se realisa nas aguas do Tejo em frente de Villa Franca. Infelizmente, por motivos que ignoramos, os naturaes não se dedicam á pescaria, preferindo entregar-se aos trabalhos agricolas. Os pescadores que aqui residem na maior parte do anno, são todos de Ovar, Estarreja e outros pontos do Norte e para lá levam as riquezas que todos os annos tiram das aguas do Tejo e que aqui deviam ficar. No anno de 1890 rendeu o imposto do pescado n'esta villa a quantia de 1:110.706 réis, tendo já rendido muito mais em outros annos. O sável, principalmente, pesca-se aqui em tal abundancia que chega a surpreender. Em alguns dias chegam a pescar-se 2:000 e 2:500 saveis!»<sup>1</sup>

Effectivamente, como bem se póde observar desde Villa Franca até Santarem, a pesca do sável, da fataça, do barbo e da enguia, é abundantissima.

A fataça pesca-se por meio de esteiras collocadas á flôr d'agua: o peixe vem, salta para dentro da esteira e fica preso.

Em Villa Franca avista-se sempre uma flotilha de barcos saveiros, com prôa recurva e véla de pendão. Bastariam estes indicios para denunciar ao leitor que ali existe uma colonia de pescadores do norte.

Em frente de Santarem emergem do Tejo as grades dos caneiros para a pesca do sável.

O pescador exerce a sua industria nas aguas que lhe não são defesas pela legislação vigente, ou em algum paul que tomou de arrendamento.

Ordinariamente habita em barracas de madeira, de pequena capacidade e ainda menor conforto. Ali repousa do trabalho da pesca, sem ambicionar a posse de palacios sumptuosos: tudo soffre pelo gosto de ganhar dinheiro e de poder gozal-o algum dia, tranquillamente, na sua terra, entre os seus parentes e patricios.

O segundo aspecto do Ribatejo é—a partir do campo marginal para o *interland*—justamente aquelle em que reside a maxima caracterisação da vida regional, não só pela originalidade dos costumes e dos habitantes, como tambem pelo aspecto da natureza, onde a linha recta predomina n'uma vastidão que se torna magestosa e bella.

Aqui, a configuração do terreno contrasta singularmente com o relevo das provincias do norte, tão notaveis nas suas altas montanhas e nos seus valles profundos.

No Ribatejo ha, a bem dizer, uma doce regularidade geometrica, raras vezes perturbada por saliencias montanhosas; tão doce, que não chega a ser monotona e menos ainda aborrecida.

São planas as famosas lezirias, palavra de origem arabe, que significa campo fertilizado pelas aguas do rio; são planas as terras do *interland*, que ainda participam do

<sup>1</sup> Antiquidades do moderno concelho de Villa Franca de Xira — 1893.

benefício da irrigação fluvial; são, finalmente, planas as charnecas que, na margem esquerda do Tejo, constituem a fronteira transtagana.

Garrett, falando da planície do Ribatejo, saúda-a, em termos encornásticos, exclamando: «Bella e vasta planície! Desafogada dos raios do sol, como ella se desenha ahi no horizonte tão suavemente! Que delicioso aroma selvagem que exhalam estas plantas, acres e tenazes de vida, que a cobrem, e que resistem verdes e viçosas a um sol portuguez de julho!»

Parece que, sobre o mappa de Portugal, a natureza caprichou em afastar d'esta região a dureza da pedra para a substituir pela malleabilidade fecunda da terra.

A pedra quasi se não avista aqui, e não faz falta, nem como variante do panorama, nem para os usos campestres.

As mulheres que vão lavar aos rios, não encontrando n'elles os lavadinhos naturaes, tão vulgares em outras provincias de Portugal, previnem-se com o banco de madeira, sobre o qual hão de, curvadas, ensaboar e bater a roupa.

Terra fertil e remuneradora, sim; pedra, raras vezes se encontra no Ribatejo; e não é sem extranheza nem assombro que o viajante mira os altos penhascos d'onde Santarem, enthronisada, parece estar-se proclamando a cabeça, a capital da região ribatejana.

O rio Tejo foi outr'ora mais largo e amplo, e quando recuou de ambas as margens deixou n'ellas os germens da fecundidade, que elle, como bom visinho, continúa alimentando generosamente.

Algumas povoações da beira d'agua, Villa Franca por exemplo, devem achar-se localisadas em terreno que outr'ora seria coberto pela corrente do Tejo.

Para se fazer idéa da vastidão e riqueza das lezírias bastará dizer que sómente aquellas que em 1836 foram adjudicadas á Companhia ainda hoje sua possuidora abran-

gem cêrca de 68 milhas.

Todos estes bens pertenceram á Corôa, á Casa do Infantado, á Casa da Rainha e á Patriarchal.

Eram propriedade immobilisada, e o Estado precisava de dinheiro.

Mandou-os, portanto, avaliar em 1835. A avaliação attingiu a somma de 1.694:621<sup>000</sup>354 réis. Pareceu certamente ter havido depreciação, porque novamente foram avaliados todos esses extensos territorios que se estendiam desde o Tejo até ao Sado.

A segunda avaliação foi mais alta; chegou á cifra de 2.210:431<sup>000</sup>370 réis.

Dois mil contos! Que outra região do paiz, a não ser o Ribatejo, podia prestar-se a uma transacção d'este vulto? Onde estava outr'ora o condado minhôto ou beirão, por mais vasto que fosse, capaz de hobrear com esta extensão de terrenos e esta quantia fabulosa? Que outra região, a não ser o Ribatejo, poderia garantir lucros remuneradores sobre o empate de tão elevado capital?

E' interessante conhecer quaes os lotes do terreno, e a sua avaliação definitiva, tanto mais que são elementos preponderantes na historia economica do Ribatejo.

#### Almozarifados da Corôa

Alcoelha.....	171:504 <sup>000</sup> 647
Malveira.....	304:973 <sup>000</sup> 623
Benavente.....	82:701 <sup>000</sup> 865



8 - Campino a pé

Azambuja . . . . .	69:921#320
Barrocas da Redinha e Paul da Asseca . . . . .	592#000
Salvaterra de Magos . . . . .	5:206#460

## Almojarifados do extineto Infantado

Povos e Castanheira . . . . .	159:832#002
Vallada . . . . .	110:865#340
Paul de Magos e Montalvo . . . . .	139:804#450
Toes de Cima . . . . .	222:615#400
Pera e Comporta . . . . .	12:279#200

## Almojarifados da Casa da Rainha

Chamusca . . . . .	189:620#000
--------------------	-------------

## Almojarifados da extineta Patriarchal

Povos, Villa Franca e Azambuja . . . . .	298:157#539
--	-------------

## Bens diversos

Lezirão do Desembargador . . . . .	27:615#552
Mouchão de Esfola-Vacas . . . . .	3:082#680
Campo do Quadro . . . . .	27:413#340
Capella de Constança Annes . . . . .	1:630#222
Mouchão da Cova . . . . .	21:416#000
Leziria do Patriarcha . . . . .	98:954#667

## Almojarifados que se achavam na administração do particular de Sua Magestade

Quinta da Murteira . . . . .	21:285#400
Samora e Belmonte . . . . .	240:959#600

Total . . . . . 2.210:431#307

O governo transaccionou com a Companhia por 2:000 contos, recebidos em dinheiro, mediante as seguintes condições, que foram approvadas por decreto de 13 de junho de 1836: isenção de contribuições directas ou indirectas sobre as terras incultas ou cultivadas; isenção de direitos aduaneiros sobre qualquer material importado para exploração.

Em janeiro de 1904 o sr. conselheiro Teixeira de Sousa, então ministro da fazenda, apresentou ao parlamento, entre outras, uma proposta de lei tendente á desamortização dos bens actualmente em posse da Companhia das Lezirias.

N'um dos considerandos da proposta dizia o seu illustre auctor:

«Não póde, não deve a Companhia das Lezirias do Tejo e Sado manter indivisas e intransmissíveis as vastas propriedades que possui. Extinguiram-se os vinculos, venderam-se os bens dos conventos, desamortizam-se diariamente os bens das corporações de mão morta, não se permite que as sociedades anonymas possuam bens immobiliares para além de um certo praso, preoccupa-nos a todos a divisão dos latifundios alemtejanos, e só a Companhia das Lezirias ha de manter intransmissível propriedade no valor provavel de 8:000 contos de réis!

«Que a Companhia Geral do Credito Predial Portuguez retenha propriedade immobiliaria comprehende-se, pela necessidade de assegurar e garantir os seus creditos.

Proibir-lhe a liquidação assim feita seria difficultar o credito predial, com manifesto prejuizo.»

Mas o ministro cahiu pouco depois, e a proposta ficou no limbo... entretanto.

No principio da monarchia, com o intuito de animar o desenvolvimento da povoação e da agricultura, as lezirias eram repartidas annualmente pelos pequenos proprietarios.

A' sombra das discordias politicas, que depois sobrevieram, os grandes proprietarios começaram a espoliar os pequenos.

Representaram estes a D. Affonso III contra a violencia que lhes era feita, e aquelle monarcha mandou reintegral-os na posse de seus respectivos quinhões.

D. Diniz, ainda com mais largos propositos de desenvolver a economia agricola da nação, dictou as bases, mediante o fôro de uma quota parte a receber na proporção das colheitas, do emprazamento dos terrenos visinhos do rio, que os concessionarios eram obrigados a arrotear e cultivar no periodo de quatro annos.

Mas os escambos e as usurpações, bem como as cheias do Tejo e o desleixo de alguns quinhoeiros, alteraram profundamente o regimen de exploração das lezirias, a ponto que el-rei D. Sebastião teve de organizar não só a direcção das vallas e defesas, quotizando para esse fim os proprietarios marginaes, mas tambem de estabelecer bases mais seguras e melhor definidas para a arroteação dos terrenos.

Estabeleceu o arrendamento triennial, harmonisou os quinhões com as posses dos lavradores, e a estes fintou-os na proporção não da colheita, que era incerta, mas na da superficie arada compativel com os recursos agricolas de cada um.

Estabeleceu disposições relativas á criação do gado, ordenando que nenhum lavrador pudesse exceder dez bois por charrua e seis éguas por tres grades.

Era permittido, aos lavradores, obtida licença previa, apascentar gados alheios, mas depois das primeiras aguas todos os animaes, precedendo pregão do almoxarife em Villa Franca, Povos e Castanheira, deviam despejar as lezirias até á epoca das lavouras.

Os lavradores de Villa Franca reclamaram contra estas disposições regulamentares, que reputaram demasiadamente restrictivas, e o rei, tendo ouvido o voto do desembargador Manuel da Fonseca que conhecia muito bem a região do Ribatejo, conveio em modificar o regimento das lezirias e paues, como lhe havia sido requerido.<sup>1</sup>

Segundo se acaba de vêr, a região ribatejana mereceu desde remotos tempos o cuidado de uma legislação especial, porque especial é tambem o character da sua lavoura e vida agricola.

Sob este aspecto, a criação e exploração do gado bravo constitue a sua feição proeminente, graças a propicias condições de terreno, que se estendem ainda para alem da fronteira do Alemtejo, mas que se não encontram em nenhuma outra provincia de Portugal.

A amplitude da região, a natureza do solo, a abundancia dos pastos nas lezirias e a proximidade da charneca transtagana são outros tantos elementos que proporcionam um regimen agricola e uma vida pastoril essencialmente diversos d'aquelles que podemos observar nas restantes regiões do paiz.

No Ribatejo tudo é grande: o territorio, a fertilidade da terra, a força das aguas e dos animaes e até o esforço do homem.

A' parte a influencia do clima, e, portanto, a divergencia da flora e da fauna, po-

<sup>1</sup> O regimento das lezirias e paues é de 4 de novembro de 1576.

deremos ver no Ribatejo o que quer que seja da amplitude, exuberancia, e riqueza do solo africano; e os frequentes perigos e combates a que se habituam as tribus sertanejas d'Africa como que até certo ponto se acham reproduzidos tambem na vida pastoril da região ribatejana.

O touro, pela elegancia, ligeireza e arrebatamento fogoso, faz por sua vez lembrar o bufalo, sempre tão difficil de amansar. •

Em relação ao resto do paiz, não só a terra é diferente, mas tambem o homem, e o gado.

Quanto a este, bastará lembrarmo-nos de que o Ribatejo é a região do *gado bravo*.

D'aqui o natural e necessario esforço do homem, a que desde pequeno se habitua, para viver entre vaccas e touros creados em plena liberdade e bravura, e que é preciso subjugar pelo valor e pela astucia até submettel-os ao trabalho agricola.

Julga-se falsamente, no norte do paiz, que a criação do gado bravo no Ribatejo constitue apenas uma industria tauromachica.

Não, é um erro; ella representa um alto valor economico, que se obtem á custa de um continuo e arriscado trabalho.

A propriedade, nas provincias septentrionaes do paiz, está dividida e retalhada: é a quinta, o campo, a bouça ou a horta.

Aqui, como no Alemtejo, percorrem-se léguas e léguas de terrenos pertencentes a um mesmo proprietario. A propriedade é vasta, immensa, a perder de vista. Proporciona as grandes colheitas e a criação das grandes manadas e rebanhos.

A vida do lavrador ribatejano torna-se portanto muito mais trabalhosa e o campino — designando por esta expressão todo o serviçal da lavoura ribatejana — é por via de regra um homem afoito e valente que todos os dias põe em jogo a sua vida com uma indifferença stoica singularmente admiravel.

Faz-se toureiro, não por gosto de vir exhibir a sua pericia tauromachica no redondel perante a multidão; mas por obrigação e necessidade, no campo, deante das hastes nuas do touro, não só do touro, mas da manada inteira, sem espectadores enthusiasmos e sem applausos ruidosos.

Ha, no homem do Ribatejo, o que quer que seja de forte e de simples, de athletico e indifferente, que parece conservar a expressão das edades primitivas, quando a força physica e a serenidade de animo eram precisas ao homem para lutar com os monstruosos animaes préhistoricos.

A natureza deu-lhe a bravura calma e a astucia ingenita necessarias para subjugar as rêzes bravas, acudindo-lhe com a astucia quando a valentia não basta.

Tambem o dotou com uma certa tendencia contemplativa, especie de identificação, placida e concentrada, com a vasta paizagem que o rodeia, onde a solidão é profunda e profundo é o silencio, apenas de quando em quando intercortado pelo mugido do touro, pelo uivo do lobo, pelo chocalho das manadas e rebanhos.

O perigo que, por via de regra, assusta o homem em qualquer parte, é no Ribatejo o pão nosso de cada dia, um habito, um costume, em vez de ser, como n'outras regiões do paiz, uma surpresa ou uma eventualidade.

Aqui, a natureza, favorecendo, por condições especiaes, a criação do gado bravo, pôz harmoniosamente, ao lado d'elle, o homem forte e sadio, robusto e tranquillo, que tem de viver e lutar quotidianamente com as rêzes possantes e manhosas.

Entre as oito raças bovinas portuguezas, a brava do Ribatejo é seguramente das mais caracteristicas na sua differenciação regional. <sup>4</sup>

<sup>4</sup> Já depois de escripto este capitulo appareceu mais uma interessante monographia sobre o touro

De pequena estatura e muito pé, agil, lesta, prompta para a investida e para o salto, ella presta-se por estas aptidões para o toureio e, depois de amansada, offerece excellentes condições de robustez para o trabalho agricola.

No inverno vive na charneca, entra Alemtejo dentro, e, passada a estação das chuvas, vem para as campinas do Tejo aproveitar os restólhos do trigo e as largas pastagens que os nateiros fecundam.

Na charneca ou na leziria, a raça brava do Ribatejo *assenta malhada* no meio da planicie, vigiada pelo maioral, contra-maioral, seus ajudantes e guardadores a cavallo.

Esta irrequieta colonia bovina não deixa um momento de paz e descanso aos homens a quem está confiada, e cujo trabalho é incessante, desde a difficil operação da *desmama* dos bezerros até á *amansia* do touro.

Taes operações, e as que lhes são intermediarias, conseguem-se não só pelo emprego da força quando é precisa, mas tambem por artificios de habilidade e astucia.

Comprehende-se quanto será perigosa e arriscada a empresa de separar a mãe e o filho n'uma raça de touros bravos, empresa que até nas raças de animaes domesticados não deixa de offerecer perigos.

Este acto inicial realisam-n'os os campinos, a cavallo, empregando o estratagemas e a força, a negaça ou o pampilho.

A lucta, no Ribatejo, entre o homem e o touro, quando ha necessidade de recorrer a esse extremo, effectua-se frente a frente, toma o caracter d'um combate singular, sempre arriscado, porque nós os portuguezes picamos o touro por deante, ao contrario dos hespanhoes que o mandam pela anca.

Picar á vara <sup>1</sup>, na campina, entre a manada, exige uma sciencia de destreza e segurança, que se não pôde igualar com identica operação realisada no redondel em presença de um só touro e com o auxilio dos capinhas e bandarilheiros.

Todas as operações do toureio agricola, digamos assim, são infinitamente mais perigosas que as do toureio recreativo, porque se não podem rodear das precauções que a tauromachia inventou a fim de produzir effeitos deslumbrantes com o menor risco possivel do toureiro.

E, comtudo, apesar das contingencias desastrosas a que o campino está constantemente sujeito, todas as operações, em que elle é chamado a intervir gradualmente na vida e liberdade das manadas, tomam um ar de folia local que sobrepõe a alegria á consciencia e temor do perigo.

A *enchocalhação* das vaccas, isto é, o acto de lhes pôr o chocalho ao pescoço, a *ferra* dos bezerros e a *capação* dos garraios são outras tantas festas ribatejanas, especialmente a *ferra*, que ordinariamente se effectua no pateo da casa do lavrador com grande assistencia de campinos, visinhos e convidados.

Os bezerros são pegados á unha e depois derrubados no chão. Muitos tombos, saltos e correrias provocam a hilaridade dos assistentes e dos proprios actores. Arde perto a fogueira para aquecer os ferros com que ha de ser imposta a marca. Subjugado o bezerro, golpeia-se-lhe uma orelha, para lhe deixar um signal ou distinctivo, e depois, com os ferros em braza, grava-se nas rêzes a marca do lavrador.

E' um dia de grande festa esse, seguido de jantar opiparo, em que toda a caracterisação da vida ribatejana resalta em interessante e pittoresco destaque.

---

selvagem das lezirias : é a que se intitula *A raça brava no Ribatejo*, dissertação inaugural de agronomia pelo sr. Carlos Yglesias Vianna.

<sup>1</sup> As varas de picar o gado bravo são de canna da India ou bambú ; as varas de tocar o gado nas charruas e carros, são de carvalho.

Entre os convidados ha, quasi sempre, pessoas nobres, lavradores fidalgos, que representam familias das mais illustres do paiz.

Comquanto seja rustico o tracto do Ribatejo, elle não tem perdido nunca certo *cachet* de nobreza, que está muito longe da rudez escabrosa do minhôto e do transmontano.

O campino é bem educado, respeitoso, pela convivencia com pessoas de boa linhagem, que sabe distinguir entre as outras que o não são.

Sente-se n'este seu proceder como que a tradição fidalga da região, onde a propriedade ainda hoje se conserva na mão de herdeiros bem nascidos ou já adquirida por opulentos lavradores, que se afidalgaram nas relações sociaes pela alta cotação da riqueza que possuem.

Impressiona vêr como o campino, tão esforçado e destemido, na apparencia tão rude, sabe conservar-se cortez, sem humilhação, deante de pessoas mais graduadas do que elle.

Dir-se-ha que o faz por habito tradicional, herdado de pais a filhos, pois que seus avós serviram reis e principes em Almeirim, em Muge, em Salvaterra e Alcochête, acompanharam damas e fidalgos, escudeiros e pagens, adquiriram então um certo geito de côrte, que não perderam nunca, e que ainda hoje, por successão, lustra o valor de seus netos.

Mas o homem forte e esforçado reaparece no campino sempre que é preciso, e quasi todos os dias o é, especialmente quando se trata de domesticar o touro bravo.

O tempo da lavoura é a occasião opportuna para realizar a operação a que no Ribatejo se chama *amansia*. Quer dizer: metter o touro á charrua.

As rezes estão n'essa epoca do anno um pouco mais enfraquecidas pela falta de pastagens, mas, ainda assim, comprehende-se quanto será difficil e arriscado submeter á canga um animal que foi educado em plena liberdade na lezíria.



9 — Campino a cavallo

O campino, para o conseguir, recorre primeiro ao ardil, depois á força, e sobre o seu cavallo elle faz prodigios de tactica e destreza que trazem á lembrança a pericia dos antigos parthas deante do inimigo.

Os touros, antes de os sujeitarem á charrua, são castrados.

Para effectuar a capação é preciso laçal-os, prendel-os a um poste e fazel-os depois entrar n'uma gaiola, onde ficam prisioneiros, impossibilitados de qualquer movimento.

E' claro que se não deixam reduzir a este estado de sujeição sem impaciencia e sem furia, que é preciso arrostar ou illudir.

Muitos d'elles são matreiros, e todos elles são bravos, de modo que o campino acha-se em frente de um animal enfurecido que parece querer protestar contra a perda da sua virilidade.

No redondel são corridos inteiros, mas embolados; na leziria, deante do campino que os pretende metter á charrua para a lavoura ou engaiolar para a castração, dispõem das armas com que a natureza os dotou, defendem-se em hastes limpas, são adversarios temiveis.

O touro bravo, depois de castrado, toma o nome de *boi da terra*, e alguns d'elles, mais espertos que os outros, são escolhidos para *cabrêstos*, guias que occupam sempre a deanteira ou testa da manada.

O conde de Sobral tinha em muita estimação um cabrêsto, o famoso *Azeviche*, que um dia foi dar comsigo em Alpiarça, e entrou pela casa do grande lavrador João de Sousa Falcão, o qual estava doente na cama.

Como ribatejano que era, Falcão não extranhou, nem se intimidou com a visita. Por sua parte, o boi correspondeu á franqueza amavel da recepção: o lavrador afagava-o e o boi lambia-lhe a mão reconhecido.

Castrado o touro, espontam-se lhe os chifres, para os tornar menos perigosos, e n'elles se enlaça uma corda, com a qual a rez anda durante tres ou quatro dias.

Depois é o touro puxado ao entralho, isto é, mette-se entre dois bois já mansos, e, em seguida a tel-o feito percorrer alguma distancia, passa-se para elle a canga do boi mestre, chamado boi de encosto.

Os touros assim amansados prestam bons serviços á lavoura pela sua ligeireza e diligencia, e ainda pela sua rusticidade.

São geralmente aproveitados para fazer o alqueive da primavera.

E aqui entra a proposito uma indicação agricola, rapidamente formulada.

Na região de Villa Franca, por exemplo, como grande parte dos terrenos são de constituição argillosa-salgada-impermeavel, a unica fórmula de obter d'elles cultura util é pelo regimen biennial, aproveitando-se o anno de folga ou descanso da terra na producção de relva ou feno para apascentamento dos gados.

Ora, os alqueives da primavera, além de beneficiarem o sólo, dão logar á sementeira mais economica a que se chama «aproveitar a leiva»: applica-se apenas a grade para desfazer os torrões; depois deita-se a semente, correndo outra vez com a grade até deixar perfeitamente razo o chão.

Nas terras doces o systema de cultura é triennial, ou sejam dois annos de cultura de trigo, e o terceiro anno de leguminosas ou milho.

Estas terras, pela sua natureza, não carecem d'aquelle genero de alqueive; e só no anno das leguminosas são alqueivadas; mas geralmente levam duas lavouras, sendo a segunda chamada de «deslavre».

O boi do Ribatejo, ainda quando domesticado, quasi nunca perde toda a bravura da sua raça.

O duque de Cadaval possuia um boi da terra, que veiu uma vez á antiga praça do Campo de Sant'Anna, e que deu agua pela barba a todos os bandarilheiros, capinhas e forcados que pretenderam recolhel-o.



Notarei de passagem que as cangas usadas no Ribatejo são menos floridas e vistosas que as das provincias do norte, o Minho por exemplo.

Ao vel-as, recebe-se a impressão de que a sua mesma simplicidade tem alguma cousa de eloquente: são um jugo necessario para animaes procedentes de uma raça brava; e não um aparelho de luxo, mais pomposo do que preciso, para conduzir bois que já nasceram mansos por sua geração e hereditaria domesticidade.

A canga no Ribatejo, simples e forte, é como que um reflexo da vida aspera e perigosa d'esta região; a canga no Minho, arrebicada de ornatos por pimponice do lavrador, revela uma lavoura tranquilla e suave, feliz e amena.

O lavrador minhôto não pôde fazer idéa do que seja a vida nómada do pastor ou do campino do Ribatejo na vastidão das lezirias e das charnecas.

No Minho, as povoações, as aldeas brancas e alegres, succedem-se a pequenas distancias.

Nunca ali se está só.

De dia, os visinhos avistam-se uns aos outros, encontram-se, falam, trocam impressões sobre seus negocios domesticos e interesses agricolas.

A' noite ouve-se cantar o gallo, ladrar o cão, de aldea para aldea, de casa para casa; ouve-se cantar o carreiro que passa na estrada ou sente-se a guisalhada dos machos do almocreve e do sardineiro.

No Ribatejo, salvas raras excepções, os povoados ficam separados por grandes distancias, e a leziria ou charneca parece infinda.

O pastor, muito sobrio de palavras por um habito de silencio adquirido na solidão, só vem a casa de semana a semana para aviar o alforge.

Demora-se pouco, e volta logo para o campo, a viver solitario junto das manadas e dos rebanhos.

Dorme n'uma palhota, embrulhado na sua manta, tendo ao pé o cão-de-gado, seu unico e fiel companheiro.

A noite é ali profunda e longa, e o silencio apenas cortado pelo uivar do lobo ou pelo mugir do touro.

O lobo faminto investe contra as manadas e os rebanhos, lançando n'elles uma grande confusão e pavor.

Quando o presente, o touro, assustado, começa a raspar no chão e tanto vae escarvando que enterra as mãos: então o lobo salta-lhe, fila-o de flanco, e o touro já não tem defesa possivel.

O boi da terra, mais experimentado na defesa, parte a correr, deante do lobo, fugindo sempre, n'uma carreira doida e cega, o olhar em fogo, a cabeça baixa, a bocca espumante.

A's vezes ouve-se a grande distancia a gritaria clamorosa dos pastores dando signal de que a alcatea anda perto, e esse vozear sinistro vae soando como o álerta de sentinellas perdidas no silencio de um longo acampamento.

Contou-me um illustre caçador do Ribatejo, o sr visconde da Athougua, que uma noite, depois de se ter ouvido a grita dos pastores, um boi, havendo-se separado da manada, foi deitar-se á porta de uma cabana, onde se abrigavam ao fogo dois caçadores.

Parecia procurar o seu pastor, n'aquelle sitio que fôra antiga malhada, e que elle conhecia talvez desde bezerro.

Ali, deitado á porta da cabana, pernoitou tranquillo.

Pela manhã levantou-se e foi reunir-se á manada, evitando assim o assalto dos lobos pelo instincto de conservação.

Em todas as manadas ha sempre um touro mais bravo e valente que os outros: é enominado *o possante*.

Impõe não só respeito á manada, mas tambem aos guardadores.

Entre os variados episodios da vida do gado bravo na leziria, avulta o das investidas de um touro contra outro por ciume das femeas. São combates arca por arca, sanguinarios, terriveis, em que um dos contendores tem de ficar vencido, gottejando sangue de suas carnes palpitantes, rasgadas pelo chifre do rival indómito — um Othello em hastes nuas.

E' um duello por amor, em que as duas rêzes executam prodigios de esgrima instinctiva, ensarilhando os paus para se conterem uma á outra; destramando os de subito, para atacar com agilidade; pondo-se em guarda, a aparar a marrada; ensarilhando de novo e de novo procurando acometter com destreza e odio, até que o menos forte, reconhecendo-se impotente para resistir por mais tempo, resolve fugir.

E' n'esse momento que, ordinariamente, o adversario lhe vibra o golpe de misericordia, jogando-lhe uma chavelhada decisiva.

Alexandre Herculano, em um artigo publicado no *Almanach das Senhoras* (1872), traça um quadro rapido, mas impressivo, de outro sentimento que por vezes agita as manadas durante o estio: o desespero que lhes causa a mordedura dos tavões e moscardos.

O eminente escriptor fala das vacas bravas na região que elle habitava dentro do districto de Santarem, em Val-de-Lobos, onde ha melhores abrigos de sombra para o gado, no verão, do que na margem esquerda do Tejo.

Diz Herculano:

«A residencia, porém, mais ordinaria d'esses animaes semi-selvagens demora pelas agruras da serra. E' ahí que, no inverno, os primeiros gômos do matto tenro das queimadas lhes subministram sadio alimento: é ahí onde primeiro, na primavera, rebentam algumas hervas por entre as carvalhiças, ao agasalho dos rochedos anfractuosos, ou nas clareiras que os lentiscos, os zimbros, as aroeiras cedem ás grammas: é ahí que, nos ardores do estio, a manada impaciente encontra, nos bosques seculares, sombrios refugios contra os tavões e moscardos, *que espalham no meio d'ella o terror e quasi a insanía*. A solidão e a aspereza das fragas empinadas, dos baldios montuosos, harmonizam, além d'isso, com a indole esquiva da vacca brava, melhor que o chão relvoso das varzeas e assentadas, onde a charrua que as sulca renova de anno em anno o sello da servidão.»

Cumpre-nos falar ainda de uma operação, não de character agricola, mas tauromachico a que é submettido o touro bravo.

Referimo-nos á *tenta*, que tem por fim experimentar a bravura das rezes destinadas á lide.

Esta operação, revestida de um aparato brilhante, realisa-se no redóndel ou *tentadero* dos creadores.

E' uma das mais animadas e alegres festas taurinas, para a qual se fazem convites, e que dá sempre pretexto para uma hospitalidade bizarra, como ella costuma ser na região do Ribatejo.

Tomam parte na *tenta* não só os feitores e campinos da casa, como tambem os convidados que são «amadores».

Temos, n'estas ultimas paginas, demorado a nossa attenção sobre as manadas do Ribatejo; tratemos agora, mais uma vez, dos homens que são seus guardadores e vivem tão familiarmente com as rêzes que, no meio da manada, por maior que seja, distinguem cada um dos animaes pelo nome que lhe puzeram.

Mendes Leal disse com graça e verdade:

«Evangelhos pequenos» chamam aos rifões populares. De um homem versado e pe-rito diz o adagio: *aquelle sabe o nome aos bois*. Pois ninguem sabe o nome aos bois como o campino. Perguntem-lh'os um por um, em duzentas ou trezentas cabeças que sejam. Dirá sem hesitar qual é o *cáraça*, qual o *salgado*, qual o *cabano*, qual o *pinheiro*, qual o *morgado*, qual o *janota*.»

Alem d'isto, tem um certo instincto medico em relação ao seu gado: percebe-lhe as doenças e vigia e trata, com dedicado carinho, o touro enfermo.

O traje dos campinos é muito característico e pinturesco.

Compõe-se de collete, jaleca de briche, barrete de lã, calção com fivella de prata,



10 — Os campinos (Quadro de Silva Porto)

faixa á cinta, meia atada por baixo do joelho, e por dentro do calção, com uma liga de côr.

A meia tende a desaparecer por causa da fivella da liga, que é de prata e obriga a maior despesa.

A meia costuma ser de lã, branca ou de duas côres, e tambem de linha.

Algumas meias são bordadas no canhão.

Pormenor interessante: E' o proprio campino que, no campo, guardando os touros, pau debaixo do braço, faz as suas meias, á semelhança das velhas do Minho que acumulam muitas vezes este serviço com qualquer outro e que até caminhando não largam as agulhas.

Não deixa de causar surpresa esta effeminação, aliás laboriosa, do valoroso campino do Ribatejo, sentado a fazer meia, junto á manada, na leziria ou na charneca.

E ao mesmo tempo que surprehende dá a idéa de como elle se completa a si proprio, longe da sua casa, empregando o tempo, com um grande espirito de economia, n'um labor que lhe aligeira a solidão e que o torna independente quanto ás necessidades do vestuario.

A polaina de linhagem vae hoje substituindo a meia: é mais barata, porque dispensa a fivella de prata, e mais resistente nos trabalhos do campo.

O collete tem rebuço recortado e, no traje de gala, o campino usa um segundo

collete, branco, cujo rebordo apparece, sobre o peito da camisa, por debaixo do outro. De cada lado do collete alinham-se seis botões, que ordinariamente apenas servem de ornato, porque raras vezes o campino aperta o collete.

A camisa é bordada no peito, especialmente ño traje de festa, e o collarinho dobra, a pequena altura do pescoço, sobre o cós da camisa.

E' um luxo entre os campinos abotoar o collarinho com dois guisos de filigrana de ouro.

No debrum de cada algibeira dos calções ha, por via de regra, tres botões iguaes aos do collete e cada calção é apertado sobre o joelho por uma pestana que se adorna com quatro botões identicos.

O sapato, largo e grosso, ata-se com atacador.

Commummente o barrete é verde e orlado de vermelho; preto demonstra luto.

Alguns campinos usam relógio, e penduram a corrente de um lado a outro do collete.

A jaleca, em marcha ou nas romarias, anda quasi sempre sobre o hombro esquerdo; e no trabalho é absolutamente dispensada.

Nos dias de festa, por bisarria galante, o collete é algumas vezes encarnado.

Se o campino está ao serviço de uma familia illustre, costuma trazer uma chapa com o brazão da casa sobre a lapella esquerda da jaleca.

A cavallo o campino enchumaça o albardão com pelles de carneiro para maior commodidade sua.

Os estribos são de pau e ferro.

O charnequenho usa calção, mas cobre as pernas, do joelho para cima, com os ceifões, pelles que lhe servem de guarda-matto.

Este traje marca a transição do Ribatejo para o Alemtejo, da leziria para a charneca.

O matteiro alemtejano usa ceifões por cima das calças e, alem d'elles, traz polainas de couro sobre os sapatos. Usa tambem faixa, mas substitue o barrete pelo chapéu desabado, amplo e de rebordo.

O campino do Ribatejo agasalha-se com uma manta — manta lobeira e manta de cordão — que ás vezes é aberta para se poder enfiar por ella a cabeça como por um escapulario.

A barba de que elle mais gosta é aquella a que o nosso povo dá o nome de maticões.

Agora já vae apparecendo o bigode.

Para fumar, o campino usa cachimbo de raizes vegetaes, que elle mesmo fabrica, com guarnições de metal amarello, bem como o espevitador, tenaz, e outros pertences, tudo do mesmo metal.

São outrosim manipulados pelo campino os objectos do seu uso ordinario: o «azeiteiro», feito de chifre; o «saleiro», tambem de chifre; o «galricho», especie de pequena mala para transportar peixe; a marmita, a tijela de folha e a colhér de folha ou corno.

Finalmente, é o campino que produz pelo seu trabalho manual diversos artigos chamados de «abegoaria», taes como, traitos (tirantes de junco torcido que amarram ás colleiras e travessas das grades), barbilhos, baraços (uns e outros de junco), ajoujos e cabrestilhos, de clina, vassouras de lentisco, etc.

Para o fabrico de alguns d'estes objectos carecem os campinos de instrumentos, que por sua propria mão preparam: assim, por exemplo, para a torção da clina ou do junco, servem-se do «fuso», peça de madeira, conica, com um buraco na parte mais delgada, por onde se enfia uma vareta tambem de madeira.

A mulher ribatejana é no seu traje mais incaracteristica do que o homem.

Traz saia de serguita, de côr ou preta, casebeque branco, ou de côr, avental, e lenço na cabeça.

A certaxeira usava roupinhas, e sobre ellas cruzava um lenço encarnado, mas este costume vae-se perdendo.

Algumas vezes, a mulher do Ribatejo, por causa da torreira do sol, substitue o lenço da cabeça pelo chapéu redondo.

Mas este facto é mais vulgar para a banda do Alemtejo, onde, como sabemos, o chapéu masculino prefere ao barrete de lã.

Até á Azambuja, a mulher ribatejana anda calçada, mas d'ahi para cima, especialmente no sul, anda descalça.

Para ir á missa, á confissão ou á romaria, põe capa de panno azul-escuro, bandada de alto abaixo, na frente, por duas tiras de seda azul-clara.

E' muito trabalhadora, ajuda na lavoura, olha pelo amanho da casa, cosinha, e lava a roupa no rio.

Como lavadeira, vei-a-heis passar com o seu banco de madeira á cabeça, a trouxa entalada entre os quatro pés do banco, a mão direita segurando este fardo, o braço esquerdo amparando o alguidar de barro.

O character ribatejano é, no geral, sério, probo, e independente.

Como tal, foi o mais resistente do nosso paiz á acção corruptora dos interesses politicos e das combinações eleitoraes.

A este respeito transcrevo do *Popular* uma informação que plenamente justifica o nosso asserto.

E' de um dos numeros de dezembro de 1903:

«Note-se que a respeito de probidade eleitoral o Ribatejo foi longos annos exemplarissimo. Desde os influêntes até os mais pobres eleitores todos mantinham com escrupulo a palavra dada. Podia contar-se com ella e, por isso, na vespera da eleição se calculava ao certo qual seria o resultado do dia seguinte. Nem ali se usavam fraudes eleitoraes nos recenseamentos ou na propria eleição, e o povo sabia até resistir a ameaças de força.

.....

«Entre os typos ribatejanos caracteristicos citaremos o velho Costa, feitor de uma casa riquissima em Salvaterra, e que sem se mover levava a votar os 150 eleitores da sua freguezia. Este Costa era muito amigo do candidato da opposição, que por costume se hospedava de passagem na sua casa, mas que não fizera nenhum favor ao Costa.

«Fontes querendo cambater aquella eleição imaginou apresentar como candidato o filho de um fidalgo estimavel e que fôra condiscipulo do Costa, tratando-se ainda os dois por tu. O fidalgo escreveu ao Costa a pedir-lhe os votos para o filho. E o Costa deu esta resposta antiga:

«— Pede-me o que quizeres que tudo te farei, menos dar-te os votos. O candidato opposto ao teu filho é meu hospede e eu não costumo desfeitear os meus hospedes.

«O fidalgo accomodou-se logo com a resposta digna do bom Costa e desistiu da eleição do filho.»

A lavoura, na região do Ribatejo, admite já as machinas e instrumentos agricolas aperfeiçoados, cujo uso as condições especiaes do solo permitem e favorecem.

## Charruas

Alem da charrua de pau com rodados, da araveça, e do arado, unicos instrumentos para lavrar que se usavam ha cincoenta annos e de que ainda se encontram exemplares em exercicio, são hoje usadas no Ribatejo para o mesmo fim varias charruas, sendo as principaes as seguintes.

Para alqueives ou lavoura no verão:

CHARRUA DOMBASLE — usa-se com rodados, ou sem elles, tem a aiveca fixa, lavrando por isso só para um lado. E' de todas a mais resistente.

CHARRUA BRABANT — tem duas aivecas, lavrando para ambos os lados; rodado de ferro.

CHARRUA AMERICANA — ou de volta aiveca. Ha dois numeros: um maior e outro menor. Lavra para ambos os lados.

CHARRUA VERNETTE, ARROTEADORA — menos usada, a não ser para metter vinha, porque demanda uma força de tracção enorme; abre sulcos de 0<sup>m</sup>,60 de profundidade.

Para lavouras de inverno e deslavres, usam-se as charruas já citadas e ainda as charruas POLYFÓLIA, as quaes podem ter duas, tres ou quatro folhas, dando por isso grande sahida nas sementeiras.

Para amanho de vinhas: Uma charrua pequena denominada charrua *Vernette*, a qual é puxada por um só animal: boi, cavallo ou muar.

Note-se que todas estas charruas teem nomes estrangeiros por terem vindo de fóra, não só as primeiras, mas durante muitos annos todas as que funccionavam no Ribatejo. Hoje, porém, todos estes typos se fabricam no paiz.

## Sementeiras

Ainda hoje a maior parte das sementeiras são feitas á mão, mas tambem são já bastante usados semeadores mecanicos. A principal vantagem d'estes instrumentos é a boa distribuição da semente, do que resulta uma importante economia. Um dos melhores é o semeador EMPIRE, pelo emprego do qual fica a semente deposta em um pequeno rego praticado pelo mesmo aparelho. Outros ha que lançam a semente á terra sem a enterrar, sendo até estes os mais usados, comquanto não reunam tantas vantagens como os outros.

## Grades

Servem para preparo da terra a fim de ser semeada, quebrando-lhe os torrões; e para cobrir a semente logo depois de lançada á terra.

Costumam ser puxadas por bois ou vaccas, e por cavallos ou eguas.

Ha-as todas de ferro, todas de madeira, e outras de madeira e ferro. São em geral rectangulares, mas tambem as ha triangulares; quando são de madeira e ferro, a grade propriamente dita é de madeira, sendo porem de ferro os respectivos tornos. As que se usam no Ribatejo não teem nome de auctores.

## Ceifeiras mecanicas

São simplesmente denominadas *ceifeiras* quando o seu trabalho se limita a cortar o cereal, e a deixal-o em paveias regularmente dispostas sobre a resteva.

CEIFEIRAS ATADEIRAS, quando alem de cortarem o cereal, o deixam atado em mólhos ou feixes. São as primeiras as mais usadas, e prestam muito bom serviço, puxadas por bois ou mulas. Uma d'estas machinas ceifa mais do que vinte homens n'um dia.

### Instrumentos e machinas de debulha

A debulha era outr'ora unicamente feita a pé de besta; depois foram usados os *trilhos* puxados por animaes; hoje além d'estes dois systemas são usadas as debulhadoras a vapôr.

Os trilhos são compostos de dois, tres ou quatro rolos de madeira guarnecidos de tórnos, dentes ou simplesmente prégos, mettidos n'uma grade de madeira, e gyrando



11 — Um grupo de campinos

em volta de um eixo, quando sobre o cereal são puxados. Alguns ha cuja grade e rolos são de ferro. Fabricam-se no paiz.

Todos os grandes lavradores empregam hoje debulhadoras a vapôr.

Compõem-se estas de duas partes distinctas: uma é denominada caldeira, parte onde se gera o vapôr; outra é a machina propriamente dita, onde se faz a debulha, isto é, onde se separa o cereal da haste em que se creou, e onde elle se limpa ou separa da moinha, da poeira, e outras impurezas. A palha sae tambem do mesmo apparelho triturada e limpa de pó, no estado em que vae para o consumo, enfardada ou não enfardada.

Estas machinas costumam ser da força de seis, oito, doze e até quatorze cavallo. Debulham algumas por dia vinte e mais moios de trigo. N'uma eira do sr. José Pereira Palha Blanco, tres debulhadoras trabalhando simultaneamente chegaram a debulhar, por dia, mais de sessenta moios de trigo ou sejam cincoenta mil litros d'elle. Já em Portugal se fabricam estas machinas, mas as que estão funccionando são quasi todas americanas ou inglezas.

Ransoms and Sines são os fabricantes que maior numero d'ellas teem vendido para o Ribatejo.

Ha possuidores d'estas machinas que fazem a debulha de lavradores que as não teem, levando geralmente por esse trabalho 10 % do cereal que debulham.

A palha depois de sahida da debulhadora é hoje geralmente enfardada, conservando-se assim melhor e occupando muito menos espaço por ser muito comprimida.

Denominam-se *enfardadeiras* as machinas que fazem este trabalho.

As estrangeiras são americanas, de Whitman a maior parte d'ellas, mas hoje fabricam-se em Portugal de differentes systemas, e fazem muito bom serviço. Ha-as manuaes e a vapôr, sendo unicamente estas empregadas na grande lavoura.

Se o motor que toca a debulhadora é muito poderoso, move simultaneamente a enfardadeira; mas ordinariamente serve o mesmo motor, fazendo, porém, um trabalho depois do outro.

Para a limpeza de trigo nos celleiros, usam-se em geral umas joeiras mecanicas denominadas *Tararas*, tocadas por um homem.

## Vinha

A trituração das uvas é feita a pés de gente ou com *esmagadores mecanicos*. Um dos mais usados é o GUILLOT, mas ha muitos systemas e muitissimos fabricantes d'estes aparelhos. Para se espremer a uva depois de triturada são usados differentes systemas de prensas, sendo as mais vulgares a MABILLE e a PICQUET, hoje fabricadas em Portugal.

Para o vinho tinto é mettida a uva triturada, juntamente com o sumo ou môsto que deitou, em balseiros onde fica a curtir, levando se depois ás prensas, onde extraído o vinho se envasilha. Para o branco geralmente não se dá curtimento á uva; é esta triturada e espremida logo, e envasilhado o môsto separado da massa.

## Azeite

Como no vinho as varas, com seus pesos e flechas, foram substituidas por prensas, as quaes são geralmente hydraulicas — *Mabille, Picquet* etc., mas mais reforçadas do que para a uva. Tembem foram substituidos os moinhos antigos para moer azeitona por outros modernos, sendo inumeros os systemas que d'elles ha.

A creação do gado cavallar floresce no Ribatejo a par da do gado bovino, senão com tanto desenvolvimento, pelo menos com brilho não menor.

Na primeira edição do livro *A raça equina em Portugal* (1887) pelo tenente de infantaria A. E. Victoria Pereira, vem um interessante catalogo dos principaes creadores de gado cavallar em Portugal n'aquella epoca, e das marcas ou ferros que empregavam.

N'esse catalogo, que desafortunadamente foi supprimido na segunda edição do livro, acham-se muitos nomes de lavradores ribatejanos, uns já mortos hoje, outros felizmente ainda vivos.

Em Portugal apenas leva vantagem ao Ribatejo, em productos de raça equina, o Alemtejo, no districto de Portalegre, por ser a séde do «melhor sangue» do paiz — a estimada raça de Alter.

O sr. Victoria Pereira define n'estes termos a raça cavallar ribatejana: altura 1<sup>m</sup>,45 a 1<sup>m</sup>,50; cabeça grossa e aganachada, olhos vivos e pequenos, pescoço curto, grosso e rodado, peito largo, ventre volumoso, fortes e grossas articulações, garupa descaída, membros posteriores um tanto curvos, espaldas salientes, pelligem ordinaria, predominando a côr castanha ou preta, cascos chatos e largos.



Na provincia da Extremadura, fóra do Ribatejo, apenas se encontram alguns exemplares apreciaveis creados nos campos de Alfeizerão (districto de Leiria) com o typo caracteristico de Alter e Niza, mais ou menos cruzado.

Na exposição pecuaria, que se inaugurou a 10 de agosto de 1903 na tapada da Ajuda em Lisboa, apresentou o sr. Palha Blanco: 6 éguas de 6 e 7 annos, todas com crias; 6 poldras de 2 annos e 6 de 3; 5 cavalloos reproductores, *Valoroso*, *Perdigão*, *Regedor*, *Romero* e *Canario*; finalmente, 8 cavalloos de 2 annos.

O *Diario de Noticias* affirmava que tinham causado a melhor impressão os exemplares Alter do sr. Palha Blanco.

O *Seculo* dizia que as poldras d'este creador foram muito apreciadas.

N'essa mesma exposição causaram geral enthusiasmo os campinos do sr. Palha Blanco, montando umas bellas eguas simplesmente em manta e atravessando assim, a todo o galope, o campo fronteiro ás barracas do jury.

As margens do Tejo, especialmente a esquerda, sempre foram muito abundantes em caça.

No tempo de el-rei D. Manuel representaram as côrtes no sentido de serem descoutadas algumas terras, porque de tantas coutadas, como então havia, resultava damno para o povo.

O rei fez a vontade ás côrtes, mas reservou para seu desporto, no Ribatejo, as coutadas de Almeirim, as que se estendiam desde a Chamusca até ao Barco das Enguias (Alcochête), e do rio de Coina até Azeitão e Cezimbra; as de Coruche e Erra, bem como as da ribeira de Canha e Cabrella, e todo o termo de Alcacer com a charneca da Landeira; finalmente, as mattas e montarias d'Obidos.

Bom rei venturoso! elle reservava para seu regalo o que em abundancia venatoria havia de melhor no Ribatejo.

Esta região foi durante seculos a preferida para as caçadas reaes.

Diogo Fernandes Ferreira, no seu livro *Arte da caça da altanería*, falando do ephémero principe que foi pae d'el-rei D. Sebastião conta que sua alteza real, estando a uma janella nos paços de Almeirim, viu passar uma garça, e logo chamou para que lhe trouxessem o açôr.

Acudiu, prompto, o pae do auctor d'aquelle livro, e então o principe lhe disse que se não tiraria da janella em quanto não visse o açôr matar a garça.

Obedeceram-lhe com presteza e o açôr, logo que o soltaram, começou a descrever gyros no ar até que logrou prear a garça e trazel-a.

O principe ficou tão satisfeito que disse:

— Homens me servem a mim na caça, que fazem muita vantagem aos que tenho no serviço de minha casa.

Falando das águias, que ainda hoje são vistas n'esta região, refere o mesmo auctor um episodio interessante:

«A uma aconteceu, andando á caça do coelho D. Luiz de Moura, e D. Robin e outros companheiros em uma queimada em Ribatejo, dos furões que levavam se sahiu fóra da barca um sem se sentir, e ficando longe dos amos pela terra e queimada foi visto d'uma águia, a qual desceu a elle e o tomou com as mãos; e como as unhas e mãos sejam muito grandes e o bicho muito delgado, ficou na chave da mão livre das unhas agudas da águia, a qual querendo-se cevar n'elle abaixando a cabeça, o furão apegou com a bocca e dentes das guellas e garganta da ave e a matou á vista dos caçadores, que até então não tinham achado o furão menos, o qual levaram livre e a águia morta.»

Quanto aos falcões, diz que eram vulgares no Ribatejo durante o inverno, porque no verão creavam seus filhos nos paizes frios e no inverno emigravam para o sul da Europa á procura de clima temperado e abundancia de sevandilhas com que pudessem alimentar-se.

Em Portugal um dos sitios predilectos dos falcões era o campo de Santarem.

Depois enumera outras especies de aves, que d'aqui saham para hybernar e se tornavam no tempo quente. Eram as meãs, as garçotás, zambralhos e martinetes, os colhareiros e cegonhas, as perotas, coreixas e garças ruivas.

Procuravam as lezirias e paues do Ribatejo onde podiam esconder seus ninhos entre as silvas.

Estas aves eram seguidas por grande caterva de passaros meúdos, taes como



12.-- Uma cheia em Almeirim

melroas, picanços, papafigos, abelharucos, rouxinoes, raberruivas, felosas, e outros muitos.

Hoje, na borda d'agua, encontra-se toda a caça ribeirinha, e nos pinhaes e mouções a narceja, a gallinhola e a codorniz, em abundancia.

Os falcões tambem apparecem.

Entre Alcochête e Santo Estevam ainda ha caça grossa. Mas o gamo tende a desaparecer do Ribatejo.

Um dos espectaculos mais grandiosos na região ribatejana tem por actor o Tejo.

E' a cheia, a inundação, o alagamento dos campos e povoações marginaes.

E' claro que este facto occorre principalmente no inverno durante as chuvas e os temporaes violentos. Ficaram memoraveis as cheias de dezembro de 1876, janeiro de 1877 e 1881, fevereiro de 1895. Mas tambem succede avolumar-se a corrente do Tejo na primavera, por effeito das «aguas mil» que o mez de abril costuma trazer. A cheia de abril de 1884 foi uma das mais caudalosas de que ha memoria.

A cota hydrometrica d'estas cheias, em relação ao nivel das maximas estiagens, dá o seguinte resultado em algarismos eloquentes:

Annos	Santarem Metros	Tancos Metros	Abrantes Metros	Villa Velha Metros
1876.....	8,28	8,70	16,32	26,16
1895.....	8,03	8,10	13,17	20,46
1831.....	7,63	7,74	11,55	17,56
1877.....	7,56	7,66	13,50	19,06
1884.....	7,48	7,46	11,00	17,16

Como se vê, a maior elevação das cheias dá-se entre Villa Velha e Abrantes, em consequencia da disposição orographica d'esta parte da bacia do Tejo.

Da cheia de 1881 fui eu mesmo testemunha presencial.

Recordo algumas das palavras que então escrevi sob a impressão de um phenomeno inteiramente inédito para mim:

«Desde que se passa a estação de Sant'Anna, o espectáculo toma uma feição nova, muito mais surpreendente por certo. Arvores verdejantes, laranjeiras e oliveiras surgem, n'uma grande abundancia, em linhas sinuosas, traçando sobre o rio desenhos phantasticos. Algumas das laranjeiras, copadas e viçosas, curvam para a corrente os seus pomos amarellos. Renques de choupos, emergindo do Tejo, estremecem convulsionados pelo impeto das aguas, movendo-se como n'uma dança macabra de arvores animalizadas. O telhado d'uma casa, erguido quatro ou cinco palmos acima da corrente, espera, na estúpida immobilidade de um naufrago, o momento de ser completamente submergido. De quando em quando uma ave solitaria desdobra serenamente as azas sobre o diluvio, ao passo que á flor do rio um grande ramo verde passa nadando vigorosamente, levado na onda.

«Em Santarem, a cidade baixa, a praça da Ribeira, está completamente inundada. Casas brancas e solitarias poisam sobre lagos vidrentos; as janellas fechadas, como na presença de um inimigo terrivel. Um outro vapor mandado de Lisboa, e prompto a qualquer aviso, aguarda as ordens do governador civil. Nas Portas do Sol estavam hoje muitas pessoas presenceando o imponente espectáculo da cheia. Vista d'essa altura, a bella ponte que atravessa o Tejo parece uma insignificante linha escura, que a corrente ameaça apagar de um momento para o outro. Entre Santarem e Almeirim parece mediar um oceano. Ao longe, as casas alvejantes de Alpiarça afiguram-se um bando de patos nadando, tal é a velocidade da corrente, e a distancia a que se mostram.

«Eis aqui as minhas impressões de viagem, escriptas muito ao correr da penna, á hora a que grandes bátegas d'agua fustigam as janellas da hospedaria do sr. Santos, na rua de S. Nicolau, d'esta diluviosa Santarem

«Agora mesmo oiço eu bater á porta do quarto: ou é o criado ou o Tejo.» <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Do livro *O que anda no ar*, pag. 140-141.

Um bilhete postal de Santarem reproduz o aspecto do bairro da Ribeira durante as inundações de 1902.

A altura das cheias está marcada na base do padrão de Santa Iria, que é um dos monumentos d'aquelle bairro.

E' crença entre o povo santareno que se a agua chegar alguma vez a attingir o busto da Santa, que encima o pedestal, todo o mundo será então alagado.

Como esse bilhete postal mostra, o movimento da população da Ribeira faz-se em barcos, que navegam de casa para casa ou de rua para rua, na occasião das cheias.

O bairro converte-se n'uma Veneza aquatica, onde os canaes são as unicas vias de comunicação possiveis.



13 — Mulheres do Ribatejo lavando (Almeirim)

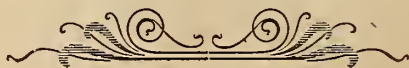
Falamos das grandes inundações.

As pequenas, em que a elevação das aguas apenas invade o terreno marginal pelas depressões ou alvercas, tomam o nome de aziellas.

São frequentes. De 1861 a 1897 houve nada menos de 44 superiores a 3 metros de altura, e 37 de altura inferior a essa medida.

O maior numero d'ellas occorreu na primavera, em maio; e no inverno, em novembro. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Estes elementos estatísticos são colhidos na monographia do sr. engenheiro Henrique Moreira.



### III

## Barreiro



CONCELHO do Barreiro, situado na margem esquerda do Tejo, faz parte da bacia hydrographica d'este rio.

E' constituido por terrenos arenosos, que pertencem ao grupo quaternario inferior, e que vem descendo em declive successivo até á beira d'agua.

Da sua mesma situação geographica resultaram para o concelho do Barreiro, especialmente para a villa que é cabeça do concelho, vantagens e inconvenientes, sendo as vantagens aliás muito superiores aos inconvenientes, e, portanto, um elemento de prosperidade.

Foi a sua posição junto ao Tejo, a bem dizer fronteira a Lisboa, que certamente lhe forneceu o primeiro nucleo de vitalidade.

Pescadores do Algarve vieram, n'uma epoca remota, estabelecer-se aqui em cabanas de palha para exercerem a sua industria na barra.

D'este facto proveio a designação por que desde logo foram conhecidos: *barreiros* lhes chamavam.

O mesmo facto explica o nome dado mais tarde á povoação.

A rua onde os pescadores algarvios se abairraram, em linha paralela á praia, denominou-se primitivamente — de Palhaes — em razão das cabanas de palha pelos proprios pescadores construidas.

Foi assim que o Barreiro teve sua origem, graças á situação geographica que favorecia o estabelecimento de colonias piscatorias, attraídas pela visinhança do Tejo e pelo abrigo que offerecia aos pescadores, em occasião de mau tempo, o esteiro que vae desde a ponta do Mexilhoeiro até Coina, e que pode considerar-se uma doca natural.

A «rua de Palhaes» deu, por sua parte, origem á povoação, que no anno de 1514 era ainda «aldéa», mas que, pouco mais de meio seculo depois, quando o cardeal Alexandrino veiu a Portugal (1571), merecia já ao escriptor italiano que o acompanhou a seguinte referencia: «bella villa» de trezentos fogos.

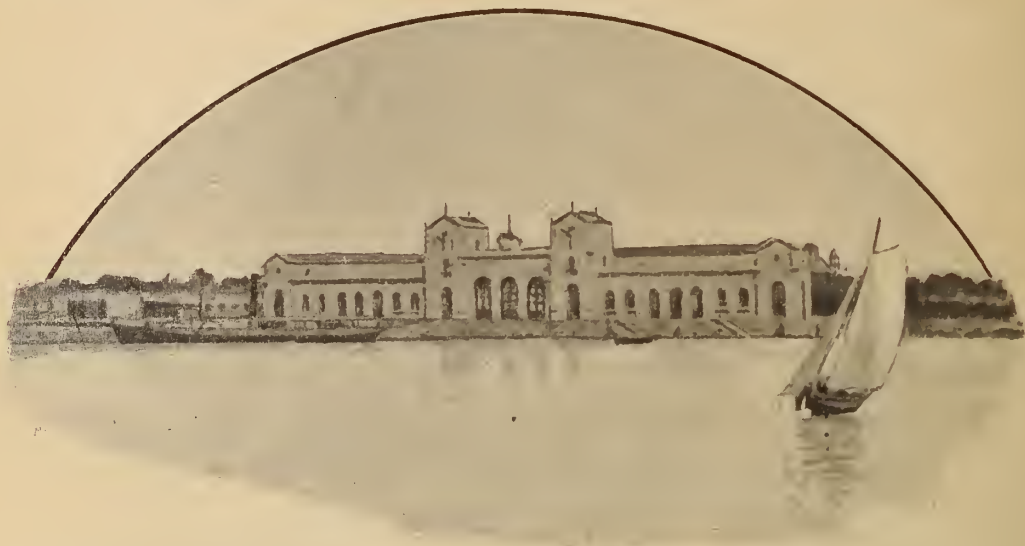
Não concorreria pouco para a prosperidade da povoação do Barreiro o facto, resultante da sua posição intermedia ao Alemtejo e Lisboa, de ser por ali que se dirigiam a esta cidade os viajantes estrangeiros, incluindo os príncipes de sangue, que vinham por qualquer motivo a Portugal, e que eram recebidos solemnemente.

Camões, no prologo de *Elrei Seleuco*, fala dos soalheiros de Alhos Vedros e Barreiro por serem então muito concorridos, certamente de viajantes, criadagem e azemeis.

Foi no Barreiro que D. João III esperou, com grande pompa official, a princeza D. Joanna de Castella, noiva do mallogrado principe D. João.

Passava-se isto no fim de novembro de 1553.

Foi pelo Barreiro que, vindo do Alemtejo, se dirigiu a Lisboa o cardeal Alexandrino, sobrinho e embaixador do Papa Pio V.



14 — Estação nova do Caminho de Ferro no Barreiro

Das festas que por esta ocasião se realisaram, fala o escriptor italiano João Baptista Venturino.

O cardeal descançou n'uma «boa casaria», onde os reis «costumam receber as rainhas, quando casam em Castella, ou outras personagens que por ahi passam».

Refere o chronista, entre varios pormenores da opulenta hospedagem do cardeal no Barreiro, que em todos os aposentos havia cheiros suavissimos, adornos pelas paredes e juncos pelo chão.

O sr. José Augusto Pimenta, auctor de uma estimavel *Memoria historica e descriptiva da villa do Barreiro* (Lisboa, 1886), commenta esta minudencia com uma nota interessante, dizendo: «Ainda hoje no Barreiro, especialmente no verão, se vê em algumas casas mais pobres vestigios d'este antigo uso».

O Barreiro, como a maior parte das outras povoações da margem esquerda do Tejo, era commenda da Ordem de Santiago, cuja cabeça fôra o convento de Palmella; mas pertencia ao numero das que constituíam apanagio da mesa mestral, quer dizer, das que tinham sido reservadas para regalo privativo dos gran-mestres. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Em geral as commendas eram beneficios rendosos em que os mestres das ordens militares ou os priores dos mosteiros proviam certas pessoas e familias nobres, não só como premio de serviços, mas

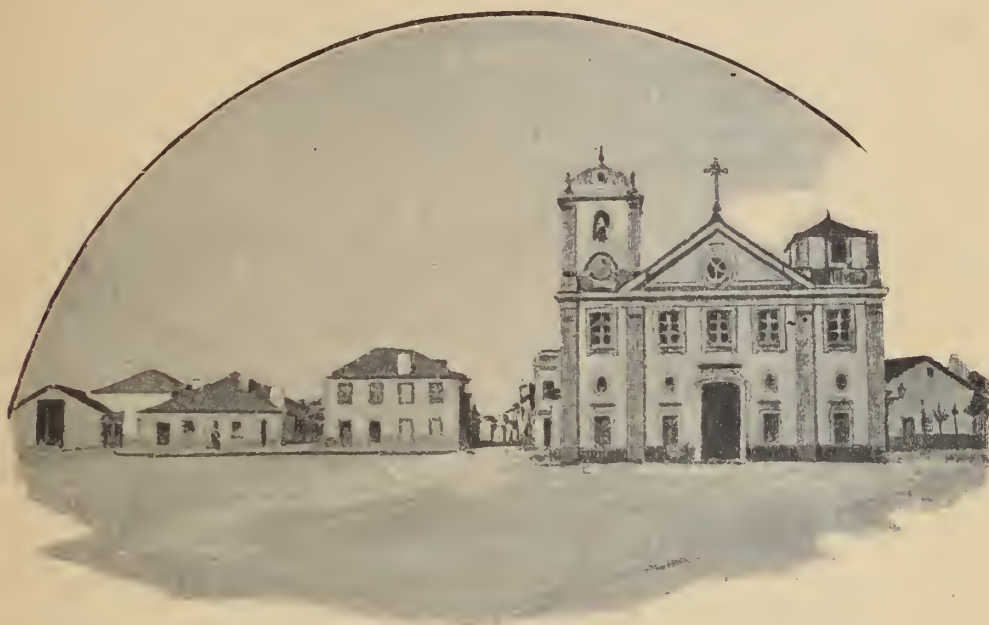
O ultimo d'estes altos dignitarios na Ordem de Santiago foi D. Jorge de Lencastre, filho bastardo de D. João II.

E' sabido que D. João III, em 1551, obteve para si e seus successores, por bulla do Papa Julio III, a dignidade de gran-mestre das Ordens Militares, e portanto todas as commendas e honras que eram inherentes ao mestrado.

Mas D. Jorge de Lencastre havia conferido a seu filho D. João, primeiro duque de Aveiro, a commenda do Barreiro entre outras muitas, e o proprio D. João III fez mercê ao neto de D. João II da jurisdicção de todas as mesmas villas, acrescentando-lhes ainda a de Penella, que estava vaga. <sup>4</sup>

Assim se explica que os duques de Aveiro fossem senhores donatarios da commenda do Barreiro até á tragica extincção d'aquella familia.

Depois as commendas da casa de Aveiro passaram para a Corôa.



15 — Igreja de Nossa Senhora do Rosario

Tanto o parochio como o beneficiado da freguezia de Santa Cruz do Barreiro eram freires da Ordem de Santiago, apresentados primeiro pelo gran-mestre, e depois de D. João III pela mesa da consciencia e ordens, á qual este rei deu o encargo de prover e expedir tudo o que dizia respeito ás ordens militares.

Ainda hoje por cima da porta principal da igreja de Santa Cruz do Barreiro se vê a insignia da Ordem de Santiago.

Pinho Leal labora n'um equivoco quando diz que el-rei D. Manuel deu foral, em 7 de maio de 1514, a esta villa do Barreiro.

E' certo que Franklin fala do foral dado a uma villa de identico nome, mas o sr. Pimenta conheceu o equivoco, e diz que esse foral se refere a uma povoação da Beira.

ambem n'um intuito de melhor administração e garantia de defesa territorial. Muitas vezes os commendatarios se levantaram com o beneficio, usurpando-o.

Fica assim explicado genericamente o sentido da palavra — commenda — que havemos de encontrar em varios logares d'esta monographia.

<sup>4</sup> *Hist. Geneal*, tom. XI, pag. 50.

Por minha parte posso trazer maior esclarecimento sobre o assumpto, pois que li o foral, e facilmente por elle reconheci que se trata da povoação do Barreiro na freguezia de Nossa Senhora da Natividade, do concelho de Tondella, districto de Vizeu.

Bastou-me achar n'elle referencias ao casal de Parada de Gonta, e ao casal de Masgallos.

Ora Parada de Gonta, «a fresca aldéa viçosa», que foi berço de Thomaz Ribeiro, pertence ao concelho de Tondella, e faz parte da freguezia de S. Miguel do Outeiro.

Masgallos (unica povoação d'este nome existente em Portugal, e portanto fóra de toda a duvida) não pertence ao mesmo concelho de Tondella, mas sim ao concelho de Vizeu.

Isto quanto á historia antiga da villa, cabeça do concelho.

Vejamos agora quaes foram, por muito tempo, os inconvenientes, menores que as vantagens, resultantes para o Barreiro da sua propria situação geographica.

Os lodos depositados pelo Tejo na praia formavam um extenso pantano, que, durante a vasante, impregnava de miasmas a atmospherá.

Uma valla, que a camara municipal mandára abrir para dar escoadouro ás aguas da chuva, era tambem um fóco de infecção, tanto mais que os habitantes da villa vasavam dentro da valla os despejos das suas casas.

Este estado de cousas durou até depois de 1852.

O Barreiro era flagellado por epidemias de febre typhoide ou de gastro-enterite, que dizimavam a população.

Felizmente, um homem muito importante na politica, o conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, a quem o povo portuguez pôz a alcunha de *Mata-grades* (allusão ao decreto que extinguiu as ordens religiosas, referendado por elle) e que possuia no concelho do Barreiro a quinta de S. Marcos, onde falleceu, <sup>1</sup> tornou-se desvelado protector d'aquella povoação, para cujos progressos muito contribuiu.

O maior serviço que J. A. d'Aguiar prestou ao Barreiro foi o de conseguir, em 1854, que se fixasse ali a estação *terminus* da linha de sul e suéste, e não em Aldéa Gallega, como primeiro tinha sido decretado.

Desde esse momento o Barreiro começou a adquirir a prosperidade que, em algumas dezenas de annos, trouxe o florescimento actual da villa.

Data d'essa época a sua historia moderna, que é a historia do seu desenvolvimento economico e do seu progresso material.

E' deploravel o costume que temos de mudar injustificadamente o nome ás ruas.

Mas explica-se, posto se não justifique, que o Barreiro dêsse á antiga rua de Parhaes o nome de rua do Conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar.

Entre os dois nomes, o antigo e o moderno, está toda a historia da origem e da renascença da povoação.

Hoje a villa do Barreiro, com uma unica freguezia, cujo orago é Santa Cruz, tem uma população de 5:281 habitantes.

Bastaria esta indicação estatistica para se avaliar quão longe estamos dos trezentos fogos de 1571.

Quanto ao concelho, estudado na sua vida municipal, tambem é facil conhecer quanto o protegeu J. A. de Aguiar, nas primeiras horas de triumpho que teve a *regeneração*.

Por decreto de 24 de dezembro de 1851 foram annexadas ao concelho do Barreiro

<sup>1</sup> A 26 de maio de 1874. Aguiar nasceu em Coimbra na rua do Correio, que hoje tem o seu nome. O seu cadaver foi do Barreiro transportado para Coimbra.



as freguezias da Moita e Alhos Vedros, só para os effeitos administrativos; e por decreto de 24 de outubro de 1855 a incorporação tornou-se definitiva, e completa, para todos os effeitos.

Mas em 1860, o partido historico subiu ao poder, succedendo a um gabinete presidido por Aguiar; as correntes politicas variaram, e por carta de lei de 18 de setembro de 1861 foi restaurado o concelho da Moita, annexando-se-lhe a freguezia de S. Lourenço de Alhos Vedros.

Mas já então este facto não podia prejudicar a prosperidade do Barreiro, que estava assegurada pela estação-*terminus* da linha de sul e sueste; linha que tinha sido aberta ao publico, na extensão de 69 kilometros (56 na linha principal e 13 no ramal de Setubal) em 1 de fevereiro de 1861.

Uma companhia tomára a seu cargo a construcção da mesma linha, mediante larguissima subvenção do Estado.

Era a companhia chamada *brasileira*.

Foi director d'esta companhia Francisco da Silva Mello Soares de Freitas, que tinha estado no Brasil, onde enriquecêra, e que mais tarde, por decreto de 11 de janeiro de 1863, recebeu o titulo de visconde do Barreiro. <sup>4</sup>

Este titular, emquanto a companhia subsistiu, assentou residencia na quinta da Fonte no Lavradio.

Por contrato feito em 6 de agosto de 1861, approvedo por decreto de 10 do mez, seguinte, ficou a linha de sul e sueste na posse do Estado, o qual liquidou as suas contas com a companhia, creditando-a pela quantia de 939:730:7950 réis.

Carissimo caminho de ferro e felicissima companhia.

O visconde do Barreiro fixou depois a sua residencia no Porto, onde o conheci, e cheguei a falar-lhe uma vez.

Quando ainda os titulos honorificos se não tinham democratisado, o principe D. João, regente do reino em nome de sua mãe a rainha D. Maria I, concedera o titulo de conde do Barreiro a D. Manuel José de Souza.

Foi, como vimos, o caminho de ferro que transformou a villa, dando-lhe uma caracterisação verdadeiramente moderna.

Hoje, o Barreiro é uma povoação industrial, onde o trabalho espalha ondas de vida: movimento de passageiros e de mercadorias; chegadas e partidas dos vapores da carreira; officinas de reparação do material ferro-viario; agglomeração de empregados da linha; fabricas, muitas fabricas, 4 de manipulação de cortiça—esse grande valor agricola que o Alemtejo para ali expede incessantemente—uma de creosotagem, uma de descasca de arroz, uma de moagem e massas, outras de cordoaria e serração de madeiras; officinas e estaleiros de construcções navaes; trafego da colonia piscatoria, que aliás se deixou supplantar pelas industrias supervenientes; transacções commerciaes, companhias e associações, agencias de seguros, expediente administrativo do concelho, taes são os copiosos elementos da vida local, acrescendo ainda a affluencia de banhistas que durante a estação calmosa procuram a praia do Barreiro e ali se fixam temporariamente.

E' dentro do concelho do Barreiro que a Parceria Geral de Pescarias procede á sécca do bacalhau, ramo de uma industria importantissima.

Materialmente, a villa, séde do concelho, acompanhou, como não podia deixar de ser, o seu desenvolvimento economico: ruas espaçosas e bem calçadas, destacando-se

<sup>4</sup> Succedeu-lhe seu filho, José da Silva Mello Soares de Freitas, agraciado com o mesmo titulo por decreto de 28 de setembro de 1878. Reside em Lisboa, no bairro da Estrella.

entre ellas a rua Albers, que liga o apeadeiro Barreiro A com a rua de S. Francisco, e que constitue uma arteria muito importante, pois que o bairro Albers é hoje dos mais populares do Barreiro; bons e bonitos predios, cujo numero augmenta todos os dias para corresponder ás exigencias da população crescente.

Pouco importa saber quando o Barreiro foi oficialmente elevado á categoria de villa, posto se julgue que seria em meados do seculo XVI; a sua prosperidade actual e os seus cinco mil habitantes já hoje lhe dão fóros de uma «cidadesinha» laboriosa, alegre e rica.

O movimento associativo, uma das características da vida social moderna, manifesta-se ali na existencia da Sociedade de Instrução e Recreio Barreirense (vulgo Penicheiros <sup>1</sup>), Gremio Barreirense, Associação de classe dos operarios corticeiros, So-



16 — Igreja parochial de Santa Cruz

cidade humanitaria do Barreiro, Associação humanitaria do pessoal do caminho de ferro ao sul do Tejo, Caixa de socorros dos caminhos de ferro do sul e suéste, Philharmonica Marcial Capricho Barreirense (vulgo Francezes <sup>2</sup>), Troupe Recreativa Operaria Barreirense.

Ha na villa as seguintes igrejas:

A matriz, Santa Cruz, na Praça d'este nome, junto aos Paços do concelho <sup>3</sup> e em frente da igreja da Misericordia.

<sup>1</sup> Chamou-se lhes assim, por allusão aos acontecimentos politicos (1867-1873) em que se achou envolvido o 3.º conde de Peniche, que foi socio d'esta aggremação.

<sup>2</sup> Por sua parte, os *penicheiros* deram o nome de *francezes* aos membros d'esta sociedade, por allusão aos desastres da França na guerra com a Allemanha.

Rivalidades locais, que, aqui como no Seixal, conservam a memoria da guerra franco-prussiana.

<sup>3</sup> No dia 8 de dezembro de 1904 foi lançada, solememente, a pedra fundamental do novo edificio dos paços do concelho, agora em construcção na rua Albers.

Grande, de uma só nave, solidamente construída.

Foi restaurada em 1877.

Igreja da Misericórdia, construção do último quartel do século xv.

Tem bonitos azulejos azues e brancos, e um pulpito, bem trabalhado, de mármore da Arrabida.

Igreja de S. Francisco (ordem terceira).

Ha n'este templo uma imagem do Senhor dos Passos que inspira á classe marítima a mais fervorosa devoção.

Na festa annual que lhe faz esta classe, nenhuma outra toma parte.

Os homens do mar, especialmente os pescadores, correm com toda a despesa, e julgar-se iam agravados pela offensa de qualquer auxilio estranho.



17 — O alto de Santa Barbara

Igreja de Nossa Senhora do Rosario, séde da real irmandade dos Escravos de Nossa Senhora do Rosario.

Até 1881 costumava ir a esta igreja um cirio de Lisboa, conduzido em galeota real.

Ermida de Santa Barbara, construída durante a dominação hespanhola.

N'esta ermida, reedificada em 1855, ha, além da imagem d'aquella santa, a de Nossa Senhora do Carmo, que para ali foi levada depois da extincção das ordens religiosas.

Recentemente renovou-se o costume de festejar com pompa ambas as imagens, graças á iniciativa de uma comissão.

Tenho presente o programma do último anno:

*Primeiro dia* — A comissão virá ao principio da rua Miguel Paes, junto ás cancelas dos caminhos de ferro do Sul e Suéste, esperar a banda de infantaria 11, que percorrerá as ruas da villa, indo buscar as imagens á capella do Alto de Santa Barbara para a igreja de Nossa Senhora do Rosario, onde se realizará a festa, a grande instru-

mental. A' tarde e á noite haverá um magnifico arraial que durará até á uma hora da noite, sendo abrilhantado pelá magnifica banda, e ao terminar queimar-se-ha um vistoso fogo preso, que será feito por um dos melhores pyrotechnicos portuguezes.

*Segundo dia* — Procissão, que partirá da igreja onde se realisou a festa para a capella das imagens, e seguir-se-ha o arraial, que durará até á uma hora da noite, queimando-se um magnifico fogo preso.

Ha no Barreiro uma casa de instrucção e beneficencia, Asylo de D. Pedro V, fundado em 1855 por iniciativa de D. Henriqueta Leonor Morão Gomez de Araujo.

Esta benemerita dama falleceu a 23 de abril de 1882.

D. Antonio da Costa, no livro *Auroras da instrucção*, conta enternecidamente a historia dos esforços e desvelos que empregou a fundadora para realisar o seu intuito, e dos auxilios que lhe prestaram a imperatriz Amelia, viuva de D. Pedro IV, e Vianna Pédra.

A instrucção publica não tem sido descurada no concelho do Barreiro.

Possue a villa duas escolas para um e outro sexo, ambas em edificios proprios.

A do sexo masculino é Conde de Ferreira. Foi construida em 1870.

A do feminino, estabelecida n'um edificio de maiores proporções que o anterior, foi mandada construir a expensas do municipio em 1878.

Além d'estas escolas officiaes, ha outras particulares.

As duas sociedades *Penicheiros* e *Francezes*, isto é, Philharmonica Barreirense e Capricho Barreirense, funcionam em edificios privativos e ambos tem sala de espectaculos, além de bilhares, buffetes, etc.

Não quero concluir esta noticia sobre a villa do Barreiro sem recordar o nome do engenheiro Miguel Paes (Miguel Carlos Corrêa Paes), homem de larga iniciativa, sonhador audacioso de empreendimentos progressivos, que foi incançavel promotor da construcção da nova estação do caminho de ferro, inaugurada em 4 de outubro de 1884, e do caes de embarque.

Por essa occasião a camara municipal resolveu: mandar collocar o seu retrato na sala das sessões, e dar o seu nome á rua que vae da igreja do Rosario á estação.

Assim se fez, e com inteira justiça.

Miguel Paes foi tambem na imprensa um indefesso propugnador dos melhoramentos de Lisboa e seu porto, porque o espirito d'este homem, tão activo como intelligente, não parava nunca.

A ponte sobre o Tejo era uma das sua constantes e entusiasticas aspirações.

Creio que se a Providencia lhe tivesse dado mais alguns annos de vida, elle tanto teimaria na sua cruzada patriotica, que veria construir a ponte.

Elle proprio a construiria, como ardentemente desejava.

Quanto aos melhoramentos do porto de Lisboa, os factos já lhe deram plena razão.

Miguel Paes era um homem de estatura meã, córado, vigoroso, energico, de phisnomia muito agradavel, quasi sempre illuminada por um sorriso alegre e franco.

A freguezia de Santa Cruz do Barreiro possue algumas quintas, a saber: da Recosta, quinta Pequena, quinta Grande, quinta de José Ribeiro, quinta do Gandum, e quinta de Verderêna.

Esta ultima pertenceu aos frades capuchinhos de Palhaes, d'onde sahiram por causa das febres que, devidas aos arrozaes circumvisinhos, dizimavam ali a communitade.

Vieram para a Verderêna em 1591.

O convento, situado n'uma eminencia, fica a dois kilometros da villa do Barreiro.

A propriedade de Verderêna pertence hoje ao sr. conselheiro Augusto Gomes de Araujo.

Da estação do Barreiro partem diligências para Azeitão; o percurso é de 17 kilometros e o preço de cada logar 300 réis.

Sobre a agricultura do concelho ha uma apreciavel monographia elaborada pelo agronomo sr. Eugenio de Freitas Bandeira de Mello, e publicada no Boletim da direcção geral de agricultura, 1897, sexto anno, n.º 12.

Ahi nota este distincto funcionario a circumstancia de que o concelho do Barreiro, pelas suas pequenas e medianas propriedades, constitue uma excepção na região do sul do Tejo, geralmente caracterisada pela extensão da propriedade rural.

D'aquelle factó resulta maior intensidade de cultura.

Os vinhos do concelho do Barreiro são em geral um tanto alcoolicos, se bem que macios e não muito cobertos, como os de toda esta região.

Dos vinhos do Lavradio falaremos especialmente.

As outras producções agricolas do concelho são o azeite, o trigo, o milho, o centeio, a batata, a fava, a ervilha, o grão, o feijão e o chicharo.

A batata é uma das culturas mais importantes nos concelhos ao sul do Tejo: n'este concelho a producção media annual está computada em 39:917 arrobas, com o valor de 24:000\$000 réis.

O concelho do Barreiro, que faz parte do districto de Lisboa, compõe-se de mais duas freguezias, a saber: Santa Margarida do Lavradio, com 893 habitantes, e Nossa Senhora da Graça de Palhaes, com 1:849.

A primeira dista da villa do Barreiro 1 kilometro, para léste; a segunda 4 kilometros, para suéste.

A povoação do Lavradio foi elevada a villa por D. Pedro II, diz-se que a pedido de Luiz de Mendonça Furtado de Albuquerque, que foi 54.º vice-rei da India, onde já anteriormente havia servido com distincção as armas portuguezas, especialmente em Margão.

E' tradição que nascêra na quinta da Fonte, e que por este motivo e por ser dedicadamente affeiçoado á sua terra, lhe deu aquelle monarcha o titulo de conde do Lavradio.

Furtado chegou á India, para assumir o governo da provincia, a 20 de maio de 1671. Vê-se, portanto, que todos aquelles actos attribuidos a D. Pedro foram praticados durante a sua regencia, e não ainda no seu reinado. O governo do conde do Lavradio teve alguns lampejos de felicidade. Em 1677 o vice-rei embarcou para a Europa, mas naufragou n'uns baixios. Pôde salvar-se, acolhendo-se a Moçambique. Querendo continuar a viagem, morreu durante ella.

Os documentos mais antigos que existem ácerca da quinta da Fonte são relativos ao tempo em que a possuia Pero de Mendonça, o qual a vendeu em 1545 a Tristão de Mendonça.

A Tristão de Mendonça seguiu se Pero de Albuquerque Mendonça Furtado, que da sua terça instituiu um morgado aggregando-lhe o do Lavradio, e respectivas marinhas, que seu pae lhe deixára, de fórma que os bens vinculados andassem sempre na familia Mendonça.

Em 1769, desaparece o ultimo administrador do morgado; depois a quinta passa aos condes de Sampaio, que a subrogaram ao visconde do Barreiro, por escripturas de 27 de maio e 26 de julho de 1858.

Por morte do visconde do Barreiro, herdou a quinta da Fonte sua filha, casada com o sr. conde do Bomfim, e são estes os donos actuaes da propriedade.

A quinta é bastante extensa; tem uma boa casa de habitação, pomar, horta, e vinha.

Convem desde já notar que o titulo de conde do Lavradio se extinguiu na familia

Mendonça Furtado com a morte do 1.º conde; e que os marquezes e condes do Lavradio, de que mais adiante falaremos, são differente familia.

Ha no Lavradio outras quintas importantes, taes como as de Barra-á Barra, a dos Loyos, a de S. Marcos, do Serradinho, a da Varzea, etc.

A de Barra-á-Barra foi solar dos Carcomo Lobos, fidalgos asturianos que vieram a Portugal no reinado de el-rei D. Sebastião.

Do cartorio d'esta familia, hoje representada pela sr.<sup>a</sup> D. Amelia Carolina de Carcomo Lobo, casada com o sr. Henrique Zepherino de Albuquerque, consta que D. Antonio Prior do Crato offereceu a propriedade de Barra-á-Barra á mesma familia como recompensa de serviços politicos em favor da sua causa.



18 — Quinta de Verderêna

O ultimo dos antigos proprietarios foi D. José Maria de Carcomo Lobo e Figueirôa, que vendeu a quinta ao sr. D. Antonio Sanches de Chatillon, e falleceu em 1898.

O vinho d'esta quinta teve sempre grande fama, como em geral todo o vinho do Lavradio, que, segundo a expressão de Antonio Augusto de Aguiar, nas *Conferencias*, constitue com o Carcavellos e Cadafaes uma aristocratica trindade de «vinhos pimpões».

Os do Lavradio lembram muito o do Douro. Nos primeiros annos, como informa o mesmo illustre œnólogo, são tão retintos e encorpados, que se mastigam na bocca.

Ainda outra expressão de Aguiar:

«Uma garrafa de Lavradio mette um grãosinho na aza do mais valente bebedor».

Já agora não me despedirei das *Conferencias* sem lhes pedir mais algumas indicações interessentes:

«Por maior que seja a seccura do anno, e ainda na quadra de mais intenso calor, os vinhedos do Lavradio teem sempre as raizes protegidas pela frescura do solo, que é

uma grande arenata, em que as aguas se infiltram com facilidade. Ficam, além d'isso, esta vinhas na visinhança do Tejo, que augmenta a humidade da região.

«Tudo isto combinado difficulta a maturação das uvas, e os vinhateiros vêem-se na necessidade de as assoalhar para que os mostos possam dar o vinho que necessitam obter. Conseguem-n'ò fazendo o avellamento da uva nas eiras, onde fica exposta á acção directa dos raios solares.

«Segundo a intensidade do calor, costumam regar a eira, e depois a uva duas ou tres vezes ao dia, para que os bagos não rachem, e a terra não chupe o sumo».

Mas um trabalho mais recente, devido ao sr. agronomo Bandeira de Mello, diz com relação ao Lavradio:



19 — Moleta de pesca do Barreiro

«Antigamente usava-se muito o avellamento da uva ao sol, depois de colhida, durante alguns dias, com a qual se produzia o afamado vinho *bastardinho* do Lavradio. Hoje, já d'este pouco se fabrica, porque a casta de uva que o produzia e lhe dava um tom especial, tem desaparecido em grande parte das antigas plantações, por isso que é a que menos tem resistido ás diferentes doenças parasitarias que tanto teem flagellado nos ultimos annos os nossos vinhêdos; tem sido substituida com vantagem nas novas plantações pelo *monvedro*, *moseto*, *periquita*, *pinhal-novo*, etc.».

A quinta dos Loyos foi dos conegos de S. João Evangelista (vulgarmente loyos) de Lisboa.

E' hoje propriedade da familia de Antonio José de Faria, já fallecido.

O edificio está ainda de pé, mas a capella de Nossa Senhora da Piedade, de que fala Pinho Leal, foi transformada... n'uma cocheira.

A quinta dos Loyos demora á sahida da villa do Lavradio para Alhos Vedros.

A quinta de S. Marcos, situada proximo do convento de Verderêna, diz-se que tinha um sumptuoso palacio, o qual, conjuntamente com os seus illustres moradores, desapareceu por effeito do terremoto de 1755.

A casa, onde n'esta quinta falleceu o conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, era modesta.

Não sei se o sr. visconde de Bucellas, que depois comprou a quinta, a melhorou.

A quinta da Varzea, que tem boa casa de habitação, pertence ao sr. juiz Pacheco d'Albuquerque.

Sabendo-se que algumas pessoas reaes residiram temporariamente no Lavradio, quando por occasião de pestes fugiam de Lisboa, uma pergunta acode naturalmente ao espirito: havia na villa paços, onde se domiciliassem, ou hospedavam-se nos conventos (Loyos, Verderêna)?

Mas se a hospedagem nos conventos de fçades é admissivel para os reis, parece inaceitavel em relação ás rainhas, e uma, D. Leonor, viuva de D. João II, sabemos nós que esteve no Lavradio, fugida á peste de 1496.

D'ali, no dia 8 de julho d'aquelle anno, dirigiu aos vereadores de Lisboa uma carta indicando-lhes a necessidade de mandarem fazer algumas devoções «pela saude da cidade.»

A rainha, virtuosa mas illustrada como era, não se fiou apenas nas devoções quanto á sua pessoa. Passou-se para o Lavradio, e de lá recommendava aos vereadores de Lisboa e procuradores dos mestéres que, em vez de se voltarem para a margem esquerda do Tejo, se voltassem para Deus. <sup>1</sup>

Mas o Lavradio nunca deixou de ser sezonatico, e n'aquelle tempo devia-o ser muito mais.

Perante a peste, porém, os reis e rainhas antes queriam soffrer as febres palustres, de que aliás procurariam acautelar-se, do que serem atacados pela epidemia.

D. João III, durante a peste de 1527, que foi das mais moderadas, tambem fugiu para o Lavradio, d'onde mandou carta aos vereadores de Lisboa.

Vou transcrevel-a, porque é interessantissima; mas, para menor enfado do leitor, pôl a-hei em portuguez moderno:

«Vi a carta que me escrevestes sobre os pregões, que dizeis que se lançaram, da defesa que nenhuma barca não passe d'este Ribatejo para lá, nem de lá para cá, a saber, desde a villa de Almada até Alcochête; e os prejuizos que essa cidade d'isso recebe: e porque eu não hei por bem que se faça nenhuma cousa, de que o povo receba damno, hei por bem que tanto que esta (carta) virdes, mandeis apregoar que todas as barcas possam ir e vir, com tudo o que quizerem, como se pudera fazer se os ditos pregões por meu mandado não foram lançados, nem a dita defesa fôra posta; porque hei por bem que se não cumpra, sómente se cumprirá n'este logar do Lavradio, e de Alhos Vedros e do Barreiro, emquanto eu aqui estiver; e de todos os outros logares irão e virão como d'antes se fazia, porque assim o hei por bem. Escripta no Lavradio, aos 20 de abril, Fernam d'Alvares a fez, de 1527. — REI.» <sup>2</sup>

Muito curioso, em verdade. D. João III prohibiu as communicações fluviaes entre as duas margens do Tejo, para evitar a propagação da peste, e para garantir em especial a indemnidade da sua real pessoa no Lavradio, visto que estabelece como limites da zona defesa as villas de Almada e Alcochête. A camara de Lisboa pondera-lhe os danos que d'esta prohibição resultam para o povo. Então o rei responde: «Se querem

<sup>1</sup> Esta carta vem no 1.º volume das *Rainhas de Portugal*, por Benevides, a pag. 309.

<sup>2</sup> *Elementos para a historia do municipio de Lisboa*, vol. I, pag. 471.



morrer de peste, morram; restabeleçam-se as communicações; menos entre Lisboa e os arredores do Lavradio, porque eu estou cá, e não quero morrer.»

Esta carta não manifesta grande carinho paternal do rei para com os seus vassallos, cuja saude e vida elle devia defender acima de quaesquer outras considerações: todavia tem o merito da franqueza, e prova mais uma vez que a caridade bem entendida começa por nós mesmos.

Mas em que edificio do Lavradio pousavam os reis e as rainhas, quando ali estavam?

Ao certo, não se sabe. Um amigo meu diz-me que talvez fosse n'um palacio que suppõe ter existido defronte da igreja, e de que ainda viu alguns vestigios.

A igreja, situada n'um largo, sobre uma pequena elevação de terreno, é modesta. Tem tido algumas restaurações.

O sr. Joaquim Faria, filho do proprietario que foi da quinta dos Loyos, mandou, estando no Brasil, dinheiro para ser renovado o altar do Senhor dos Passos.

Fica proximo da igreja o cemiterio.

Ha na villa duas escolas para ambos os sexos; e uma philharmonica, com sua casa de ensaios.

Dois predios se distinguem no Lavradio entre todos os mais: — um, da familia Couto; outro, de Candido Manuel Pereira.

Como todas as terras que se prezam, tem a villa uma boa praça, e n'ella um coreto.

A principal rua communica com as estradas districtaes do Barreiro e da Moita.

A industria da pesca não existe no Lavradio, porque a praia tem sido descurada, pelo que se tornou inacessivel á navegação, apesar de communicar com o Tejo por uma valla.

A principal riqueza da freguezia consiste em vinho, batatas, alguns cereaes, e sal. As marinhas são numerosas, e o sal é de boa qualidade.

Digamos agora dos marquezes e condes do Lavradio.

### Marquezes

1.º — D. Antonio de Almeida. Foi 4.º conde de Avintes, 1.º conde e 1.º marquez do Lavradio, de juro e herdade, vice-rei da India e governador de Angola.

2.º — D. Luiz de Almeida Portugal e Mascarenhas. Foi 5.º conde d'Avintes e 2.º marquez do Lavradio, tenente general, conselheiro de guerra, presidente do Desembargo do Paço, coronel do regimento de Cascaes, governador e capitão general da Bahia, vice-rei do Estado do Brazil, inspector geral das tropas de todas as armas no Alemtejo e Algarve.

3.º — D. Antonio de Almeida, mordomo-mór de S. M., tenente coronel commandante d'um regimento.

4.º — D. Luiz de Almeida, capitão de cavallaria, ajudante d'ordens do general conde d'Amarante. Morreu em 1812 em combate.

5.º — D. Antonio Maximo de Almeida Portugal Soares Alarcão Mello Castro Athayde Eça Mascarenhas Silva e Lencastre. Par do reino por carta regia de 30 de abril de 1826; tomou posse a 31 de outubro de 1826.

6.º — (actual) D. José de Almeida Corrêa de Sá, 2.º tenente da armada. Par do reino por hereditariedade; tomou posse em 3 de maio de 1902.

### Condes

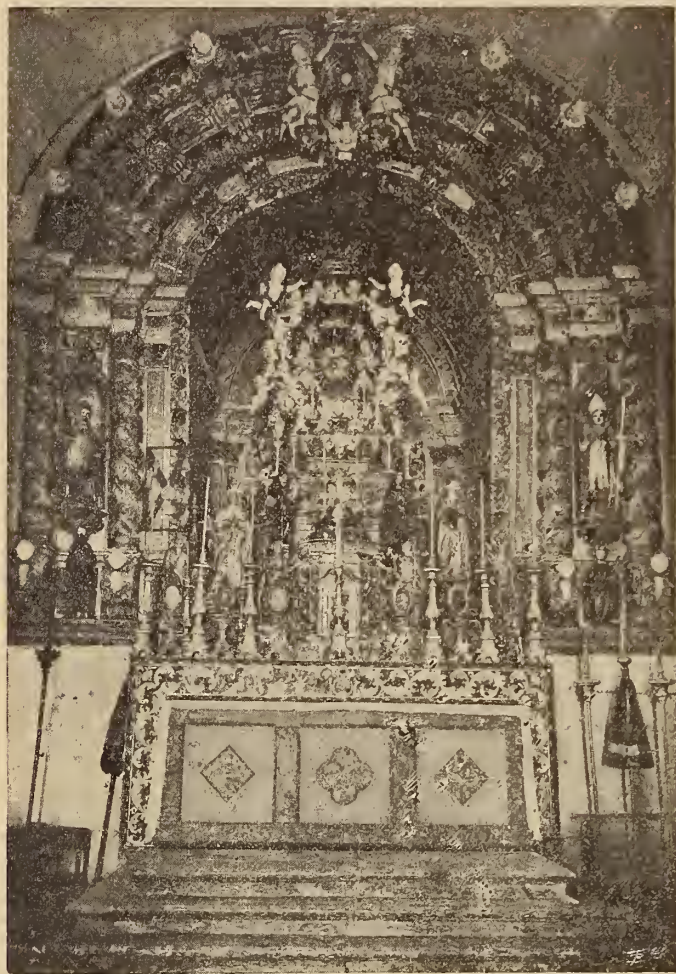
1.º — Foi o 1.º marquez.

2.º — D. Francisco de Almeida Portugal (era filho do 3.º marquez). Par do reino por

carta regia de 1 de outubro de 1835. Conselheiro d'estado, ministro, veador da Infanta D. Izabel Maria, ministro plenipotenciario em Londres, e Roma, onde morreu em 1870. Foi presidente da Camara dos Pares, socio da Academia Real das Sciencias, etc.

O seu busto em marmore está na sala das sessões d'aquella camara.

3.º — D. Salvador de Almeida Corrêa de Sá, official da secretaria do Supremo Tribunal Administrativo. Falleceu a 30 de junho de 1903. Era 2.º filho da filha herdeira do 5.º marquez.



20 — Altar-mór da igreja de Santa Margarida no Lavradio

Tres annos antes de morrer publicou um opusculo intitulado — *Os marquezes de Gouvea*, cujo fim era reivindicar este titulo para a casa dos marquezes do Lavradio.

Conheci o 3.º conde, quando ainda era apenas D. Salvador Corrêa de Sá. Estavamos então ambos em Portalegre, no Alemtejo: elle era funcionario aduaneiro, e eu administrador do concelho. Estabelecemos ahi relações de amizade, que duraram até á sua morte. Era um homem primorosamente educado, e um caracter nobilissimo. Foi casado com a sr.<sup>a</sup> baroneza de Paulo Cordeiro.

O Lavradio é a segunda estação na linha ferrea de sul e suéste, a partir do Barreiro.

Completa-se o concelho do Barreiro com a freguezia de Nossa Senhora da Graça de Palhaes, á qual foi annexada a do Salvador da extincta villa de Coina.

Pertence hoje ao ministerio da marinha o edificio do antigo convento, de capuchinhos descalços, fundado em Palhaes no anno 1542 a instancias de D. Francisco da Gama.

Foi encarregado da sua construcção o padre hespanhol frei Pedro d'Alcantara, que Innocencio X canonisou em 1630.

Por ser o logar muito doentio, passaram mais tarde os frades para o convento de Verderêna, como já dissemos.

O governo mandou demolir parte do edificio do convento, e retirar o material para Valle de Zebro.

A parte restante foi destinada a alojamento de operarios.

Está comprehendido na freguezia de Palhaes o logar de Coina (Casaes de Coina ou antes Coina-a-Nova), situado ao fundo de um esteiro do Tejo, em que entram regularmente as marés, no que se parece com Aldéa Gallega.

O rio de Coina passa junto á povoação, a qual dista da séde da parochia 4 kilometros.

A Empresa Ceramica de Lisboa tem em Coina uma fabrica de productos silico-calcareos.

Coina-a-Velha pertence ao concelho de Setubal, chama-se hoje Aldéa da Piedade, e faz parte da freguezia de S. Lourenço de Villa Nogueira, em Azeitão.

Vê se que a antiga povoação de Coina se desenvolveu no sentido Azeitão-Barreiro, certamente para vir procurar a communicação do Tejo, e que prosperou a ponto de se dividir em duas povoações, a antiga e a nova.

Foi, não ha duvida, uma povoação florescente, á qual el-rei D. Manuel deu foral em 1516.

Era commenda da Ordem de Santiago.

Coina-a-Nova, que é aquella de que visivelmente fala o Padre Carvalho na *Corografia*, foi séde de concelho até 1855.

A povoação tem hoje poucos habitantes, flagellados pelas febres palustres, e por isso em estado de manifesta decadência phisica.

Não obstante haverem sido extinguidos os arzoaes não só em Coina, mas tambem em Palhaes e Valle de Zebro, subsistem ainda pantanos miasmaticos, fócios de febres ou sezões, cuja nociva influencia se faz principalmente sentir nos mezes de julho, agosto e setembro, e que dizimam a população.

Coina tinha, em 1763, 170 fogos ou proximamente 500 habitantes; em 1822, passados 12 a 14 annos da cultura do arroz, tinha 65 fogos com 150 habitantes; em 1849, passados mais 27 annos d'aquella cultura, o numero de habitantes estava reduzido a 46.

A população achava-se completamente extincta, se não fosse renovada por alguns individuos que vão de fóra.

O rio de Coina tambem favorece a insalubridade da povoação, porque na vasante das marés, quando as aguas do esteiro do Tejo refluem, ficam a descoberto as materias organicas que a enchente tinha levado e que sob a acção do sol produzem exhalações deleterias.

No sitio do Casal do Bispo, perto de Coina-a-Velha, ha, no topo de um monte, vestigios de muralha, e de um subterraneo.

Parece serem ruinas de qualquer pequeno castello do tempo dos mouros.

Da igreja de S. Salvador de Coina-a-Nova apenas restam os escombros.



21 — Imagem de Santa Margarida, orag do Lavradio

A freguezia anniquilou-se a ponto de ser absorvida pela de Palhaes.

Alguns auctores suppõem que a antiga villa de Coina seria a *Equabona* dos itinerarios romanos.

Emilio Hübner julga, porém, que esta hypothese não tem melhor fundamento que uma remota semelhança de palavras.

Tambem faz parte da freguezia de Palhaes o logar de Valle de Zebro, que dista da séde da parochia um kilometro, e da povoação de Coina, tres.

E' servido pelo esteiro do Tejo.

Em Valle de Zebro funciona actualmente a commissão de officiaes de marinha en-



22 — Uma procissão no Lavradio

carregada de estudar varios explosivos e ainda outros assumptos relativos a questões de balística.

A carreira tem cerca de 150 metros de comprimento, e apenas serve actualmente para experiencias de velocidades iniciaes e pressões. Possui uma ponte rolante capaz de suspender 10 toneladas de peso; uma casa de abrigo em ferro recoberta de areia, para o pessoal; tornadas de corrente para os alvos de 25 em 25 metros; via ferrea desde o caes de desembarque até á carreira; duas platafórmias para fixação de canhões, estando a segunda em via de conclusão, para installar peças até ao calibre de 20 centimetros; apparatus de medição de velocidades; dois chronographos Boulangé e um chronometro de campanha, Schametz.

Ha montadas umas turbinas para serem movidas pela queda d'agua da caldeira do moinho annexo, a fim de darem movimento a um dynamo que fornecerá a energia electrica para os apparatus da carreira, illuminações do edificio e machinas da escola de torpedos moveis que está installada no mesmo edificio. Actualmente a electricidade é obtida por meio de baterias de pilhas de bichromato de potassa, e baterias de accumuladores.

O edificio acha-se convenientemente preparado para alojar a commissão technica de artilharia naval, que quando ha experiencias ali tem de permanecer durante alguns dias. <sup>1</sup>

Diz o padre Luiz Cardoso que havia outr'ora, junto aos moinhos de Valle de Zebro, os *Fornos d'El-Rei*, onde se fabricava o biscouto para as armadas.

Toda esta região de Valle de Zebro é arida, triste e doentia. Ha pantanos, ha arroyos. Não obstante, os caçadores frequentam-n'a muito. Zacharias d'Aça descreve-a fielmente n'uma das suas *Caçadas portuguezas*: «os nossos barcos atravessaram aquellos meandros do Tejo, que vão dar a Val de Zebro. A um e outro lado as margens, lodacentas, cobertas de uma relvasinha verde-escura, encobrem, sob essa apparencia innocente, um perigo, ás vezes mortal, para os que se arriscam a pôr-lhe o pé. Um abysmo de lama, um sorvedoiro, d'onde é quasi impossivel arrancar-se, sem auxilio estranho, quem tiver a infelicidade de n'elle cahir!»

Outro lugar da freguezia de Palhaes é Santo Antonio da Charneca.

Quintas de Palhaes: da Estalagem, da Fidalga, de S. João, da Miranda, da Graciosa, e do Corvo.

Ha feira, de tres dias, a 18 de julho.

A freguezia recolhe vinho, arroz, e tem abundancia de gado, caça, e lenha.

O lugar de Palhaes, séde da parochia, dista da estação de Alhos Vedros 3  $\frac{1}{2}$  kilometros.

O concelho do Barreiro pertence administrativamente ao districto de Lisboa, judicialmente á comarca do Seixal, e ecclesiasticamente ao Patriarchado.

População total do concelho, 8:023 habitantes.

Em 1897 publicou-se um periodico intitulado *O Concelho do Barreiro*. Já não existe.

---

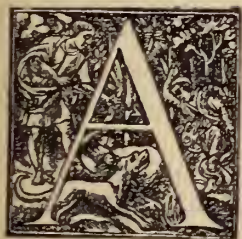
<sup>1</sup> Pensa-se actualmente em transferir estes serviços do Estado para a ilha de Montijo, estando calculada em 300 contos a despesa a fazer com a nova installação.





## IV

# Moita



VILLA da Moita, cabeça do concelho do mesmo nome, está situada na margem esquerda do Tejo, ao fundo de um esteiro que constitue o seu porto commercial, aliás bastante concorrido.

Communica com o porto pela rua chamada do Caes.

Fica duas leguas e meia a suéste de Lisboa.

E' villa populosa. Toda a freguezia que a tem por séde conta 4:632 habitantes, entre os quaes apenas avulta immediatamente á villa a população do logar de Sarilhos Pequenos.

Está a gente a vêr que a origem da Moita foi identica á do Barreiro: uma colonia de pescadores, talvez tambem algarvios, que vieram aqui estabelecer-se para aproveitar o esteiro do Tejo, e que elegeram por sua protectora Nossa Senhora da Boa Viagem, a qual ficou sendo depois orago da parochia.

Ainda hoje as maiores festas da Moita são as que a tradição tem conservado em honra da Virgem d'aquella invocação, posto que os progressos materiaes hajam descharacterizado a primitiva feição de pobreza piscatoria.

Pobrissima feição digo eu, e dou já testemunho comprovativo.

E' o *Theatro de Manuel de Figueiredo*, no tomo XIV :

«Todas as terras da parte do Sul, Samora, Aldegallega, *Mouta*, Barreiro, Aldea de Paio Pires, Arrentella, Sarilhos, Lavradio, Amora, e outras são povoações de Pescadores, onde ha sempre grande numero de viuvas moças, e quando se pergunta, de que morreu o Marido? na bateira, respondem.

«O dote das moças daquellas terras he o remendar: a que melhor sabe construir aquelles embutidos de Mafamede, á maneira de arlequim, que chegão a petrificar, são as primeiras buscadas para o Estado do Matrimonio; tal he a fortuna, que as espera.»

Depois, os recursos da villa foram augmentando pelo transito de viajantes alemtejanos que se dirigiam a Lisboa.

Construíram-se cocheiras e armazens para recolher os trens e cavallos de viagem; e, conjuntamente, se estabeleceram hospedarias.

Mais tarde, a linha ferrea do sul e suéste, dotando a Moita com uma estação que fica um kilometro ao sul da villa e com ella communica por uma estrada revestida de altos freixos, se por um lado a privou d'aquelle antigo transito, por outro a indemnizou tornando-a mais accessivel ás relações commerciaes com Lisboa e Alemtejo, e ligando-a com Aldea Gallega por meio de diligencias diarias á chegada de todos os comboios.

Mas, não obstante este reviramento successivamente progressivo, bastam as festas de Nossa Senhora da Boa Viagem para conservar a memoria da primeira phase da villa: sente-se, n'essa commemoração annual, a alma devota dos antigos pescadores, que pelo esteiro saíam para o Tejo a exercer sua rude industria.

Estas festas realisam-se no meado de setembro, e duram quatro ou cinco dias.

São cada vez mais pomposas e brilhantes.

Tenho presente o programma das que se effectuaram em 1903, e vou transcrevel-o na integra, porque elle se presta a considerações que reputo interessantes.

Dizia um jornal de Lisboa, em correspondencia da Moita :

«Promettem ser deslumbrantes as tradicionaes festas que em honra de N. S. da Boa Viagem, padroeira da villa, e advogada dos maritimos, se realisam n'esta localidade nos proximos dias 12, 13, 14 e 15 de setembro, sob a auspiciosa iniciativa de uma commissão, a qual conta já com a importante verba de um conto de réis para a organização de tão deslumbrantes festividades, bem como se tem esforçado não só em dar a estas a magnificencia e esplendor que o acto requer, mas tambem em adquirir elementos decorativos, a fim de dar ao arraial um aspecto brilhante e desusado, sendo illuminado com 8:000 lumes á moda do Minho.

«Estas festas serão abrilhantadas pelas bandas de infantaria 2, Armada Real e philarmonica Moitense.

«Comquanto o programma não seja ainda definitivo, podemos desde já noticiar pouco mais ou menos o que se projecta:

«Dia 12 — A's 8 horas da noite, ladainha por musica; ás 9 horas inauguração do arraial, o qual será annuciado por uma salva de 21 morteiros e algumas girandolas de foguetes e abrilhantado pelas bandas acima citadas, sendo queimado durante a noite algum fogo do ar de variegadas côres.

«Dia 13 — Alvorada ás 4 horas da manhã annunciada por uma outra salva de 21 morteiros, repiques de sinos, etc., percorrendo a philarmonica da terra algumas ruas da localidade; ás 10 horas da manhã, distribuição de medalhas aos festeiros; ao meio dia, missa de festa a grande instrumental e sermão; ás 5 horas da tarde sahida da procissão que percorrerá algumas ruas da villa, sendo conduzida a imagem até ao caes onde lhe será feita uma brilhante recepção pela gente da terra e povos vizinhos, seguindo d'ali para a sua capella depois de um curto descanço sob um artistico arco triumphal d'onde será desfraldada uma bandeira portugueza que deixará cair sobre a imagem flôres, petalas de rosas, pombos, etc., o que deverá produzir magnifico effeito.

«Depois de recolher a procissão terá de novo começo o arraial, com os mesmos attractivos das noites antecedentes, sendo a illuminação ampliada com a da fachada dos paços do concelho.

«Dia 14 — A's 4 horas da tarde grandiosa corrida de touros, na qual tomam parte os nossos melhores artistas portuguezes; á noite, continuação do arraial, sendo queimado ás 11 horas um deslumbrante fogo de artificio, executado por um dos melhores pyrotechnicos de Lisboa, e terminando por *bouquets* de foguetões de côres diversas



«Dia 15 — Organização de diversos bailes campestres e descantes populares, abrihantados pela phylarmonica Moitense.»

A primeira consideração a fazer versa sobre a extranheza que pode causar uma illuminação minhôta no Ribatejo, em terra tão opposta pelo seu aspecto e costumes á provincia do Minho.

Ora a verdade é que esta imitação se tem propagado no sul do reino, e que até já chegou a Lisboa por occasião da visita do rei de Hespanha Affonso XIII.

Não se pode contestar ao Minho o seu triumpho como illuminador de arraiaes.

As tres bandas de musica tocaram em outros tantos corêtos armados na praça do Principe Real D. Carlos.

Uma d'ellas era a phylarmonica da localidade, que se denomina *Estrella Moitense*.

A circumstancia da procissão vir ao caes revela mais um vestigio tradicional: em todas ou quasi todas as povoações piscatorias a imagem da padroeira dos pescadores é conduzida até á praia para abençoar as aguas e os barcos.

Aqui, na Moita, quando a procissão chega ao caes, local onde estão situados os hotéis, a multidão é enorme tanto nas janellas como na rua para presenciar um espectáculo realmente impressionante.

Desde que o andor da Senhora assoma a distancia até descer aos ultimos degraus do caes, de todos os botes, que para esse fim atracaram com as suas companhas e flammulas, rompe uma erupção estridorosa de foguetes, morteiros e bombas, cujos estilhaços o povo procura evitar refugiando-se dentro de casa ou debaixo dos chapéus-dosol e das arvores ou, em ultimo caso, fugindo precipitadamente.

E' durante os dias das festas da Boa Viagem que as familias não só dos pescadores, como de todos os outros habitantes da Moita, fazem de preferencia celebrar seus casamentos e baptisados, crendo piedosamente que os noivos e neophytos serão mais felizes recebendo os respectivos sacramentos n'aquella epoca do anno.

Mas uma festa na actual villa da Moita ficaria incompleta sem uma corrida de touros.

Partindo de Lisboa, a Moita é, na margem esquerda do Tejo, a primeira villa toureira, como na margem direita o é a Alhandra.

A propria situação geographica da Moita, que se acha collocada entre as lezirias do Tejo e do Sado, favorece a inclinação tauromachica dos seus habitantes.

E' uma paixão fanatica a que elles effectivamente manifestam pelo toureiro.

A praça de touros tem lotação para 2:000 espectadores.

Um dia de tourada na Moita é um dia de regosijo publico ali. Não se fala de outra coisa antes e depois. E ás vezes a effervescencia das opiniões vae até ao conflicto corpo a corpo dentro da praça ou fóra da praça.

Pelo que respeita aos descantes populares, de que rezava o programma, dão-me a impressão de ser tambem um arremêdo minhôto.

O povo do Ribatejo é menos cantante que o do Minho e o da Beira.

Gil Vicente, que tantas vezes nos seus autos fala da região ribatejana, até de povoações proximas á da Moita, como quando diz por exemplo:

Os de Abrantes e Punhete,  
D'Arruda e d'Alcouchete,  
D'Alhos V-dros e Barreiro,  
Me venham cá sem dinheiro  
Até cento e vinte e sete;

Gil Vicente não põe nunca a cantar um habitante do Ribatejo, mas na tragicomedia da Serra da Estrella fervem as canções pastoris.

O cancionero ribatejano é muito restricto, e no seu pouco resente-se da visinhança do Alemtejo.

Tanto assim, que o sr. Domingos Raul Ferreira Galiano, actual regente da banda de infantaria 22, querendo compôr uma rhapsodia extremenha não pôde esquivar-se a introduzir n'ella os cantos alemtejanos mesclados com os de Abrantes.

Os poetas e os musicos não teem, por isso, encontrado motivos populares no Ribatejo dignos de serem por elles imitados ou glosados; quanto a poetas lembro-me apenas de Palmeirim na toada ribatejana *Anninhas*.

O canto do Ribatejo é mais da natureza que das pessoas.

Na margem direita do Tejo, certamente por não estar em contacto com as terras transtaganas, e onde a população se agrupa mais densa, o canto é mais vivo e frequente



23—Villa da Moita.—Praça do Principe D. Carlos

do que na margem esquerda, onde a lezíria é vasta e solitaria, e onde a charneca, já proxima, é melancolica.

Quem tem voz n'esta margem do rio, e no *interland* d'ella, é o céu immenso, a terra extensa, a agua abundante, e se me permitem a expressão, o silencio profundo e eloquente.

A canção na margem esquerda não é a cantiga do Minho e da Beira, a serranilha de Traz-os-Montes, a melopea arabe do Alemtejo, nem o estribilho choreographico do Algarve, que saltitante como as ondas do seu litoral desassombra um pouco o effeito da tradição mourisca: é a propria respiração da natureza, o resfolegar dos grandes pulmões conjugados da terra, da agua, do céu, no silencio esmagador das coisas tristes e graves.

Mas voltando propriamente á villa da Moita, que já é tempo, faz-se por occasião das festas de Nossa Senhora da Boa Viagem uma grande feira annual, e ha mercado, sempre muito concorrido, no quarto domingo de cada mez.

Todos os domingos realisa-se na Praça do Principe D. Carlos uma outra especie de mercado, para contrato de trabalhadores (*caramelos*), como tambem se faz em Aldea Gallega.

O nome de «caramelos» abrange tanto os trabalhadores migrantes da Beira Baixa como os da propria região.

Aos procedentes da Beira Alta chama-se «ratinhos».

O traje dos «caramelos» é calça de bocca de sino, jaquêta, barrêta, e cinta de côr. N'este mercado usa se uma linguagem especial, para exprimir as cotações do dia. Diz-se por exemplo: «Estão a 18 e 14.»

Isto é: os trabalhadores masculinos encontram-se, n'esse dia, a 18 vintens, e os femininos a 14.

Na Praça do Principe D. Carlos, principal centro do commercio da villa, estão edificados os Paços do Concelho, onde se acham reunidas todas as repartições publicas.



24 — Moita. — Casa da Camara

Esta praça, que é ampla e airosa, tem um corêto permanente, e um chafariz de bonita construcção.

Além da rua do Caes, a que já nos referimos, ha mais a rua do Rosario, a rua Conde de Ferreira, a rua Palmella, a rua da Praia, a rua da Estação, a rua da Fabrica (extincta fabrica de cortumes) e a rua Direita ou da Igreja.

A matriz é boa e antiga. Tem uma só torre; e possui azulejos apreciaveis que representam os differentes mysterios da vida de Nossa Senhora.

As casas da Moita estão quasi sempre muito caiadas, trabalho que as mulheres effectuam frequentemente.

O traje feminino não tem caracterisação especial; é copiado das senhoras: blusa e saia.

As danças populares, ordinariamente realisadas á roda dos corêtos, tambem são copia dos costumes citadinos: a valsa ou a polka.

A tres kilometros da villa funciona a fabrica do Esteiro Furado, de serração de cortiça, propriedade de lord Bucknall e Carlos Creswell.

A Moita foi antigamente termo de Alhos Vedros, o que prova que a villa d'este nome era então mais importante do que ella.

Hoje é o contrario.

Só tarde foi que a antiga povoação piscatoria da Moita teve as honras de villa: concedeu-lh'as el-rei D. Pedro II, que a doou ao conde de Alvor, vice-rei da India.

E para alcançar maior progresso teve de esperar duzentos annos.

Hoje sim que tem vida: commercio, escolas, hotéis, pharmacias e associações (*União Moitense* de soccorros mutuos; *Caixa funeraria da Moita*).

Depois da villa, os logares mais importantes da freguezia são o de Sarilhos Pequenos e o do Rosairinho, a que o povo chama Rosairinho.

Sarilhos Pequenos distam um kilometro de Sarilhos Grandes, que pertencem ao concelho de Aldea Gallega.

O logar terá 100 fogos, pouco mais ou menos; e compõe-se de casas terreas.

Está situado a 4 kilometros da villa da Moita, com a qual se acha ligado por uma estrada, e fica fronteiro a Aldea Gallega, mettendo-se de permeio um braço do Tejo ou esteiro.

Ha uma pequena capella sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, imagem a que se faz uma festa annual.

Os habitantes de Sarilhos Pequenos são em geral matteiros, ou barqueiros que possuem algumas embarcações, quasi todas de fundo chato.

Sobresaem no logar duas quintas do sr. major de artilharia Côrte-Real, casado com uma sobrinha da sr.<sup>a</sup> condessa de Sarmento.

As festas em honra da Senhora da Graça teem sido brilhantes nos ultimos annos.

Ha arraial, com illuminações, fogo de artifício e musica.

E sae uma procissão que leva cinco andores: S. Sebastião, S. Pedro, Santo Antonio, Senhora da Conceição e Senhora da Graça.

E' perto do logar de Sarilhos Pequenos que fica a fabrica ingleza do Esteiro Furado, a que já nos referimos, e o magnífico palacete dos proprietarios da fabrica.

No logar do Rosairinho, que dista tres kilometros da villa da Moita, ha uma ermida de Nossa Senhora do Rosario, que foi fundada em 1532 por Cosme Bernardes de Macedo.

Tambem aqui se fazem grandes festas, no segundo ou terceiro domingo de outubro.

Os actos religiosos constam de missa cantada, sermão, e procissão, que se compõe dos andores de S. Sebastião, Nossa Senhora da Atalaya, e Nossa Senhora do Rosario.

Como na villa da Moita, a procissão vae até ao caes, por identico motivo.

Os barcos fundeados no Tejo estão vistosamente embandeirados n'esse dia, e quando o andar de Nossa Senhora do Rosario se aproxima do caes, as tripulações queimam centenaes de foguetes.

O concelho da Moita pertence administrativamente ao districto de Lisboa, judicialmente á comarca de Aldea Gallega, ecclesiasticamente ao Patriarchado.

A sua população total é de 6:376 habitantes, ambos os sexos.

Este concelho, como todos os concelhos pequenos, tem passado por varias evoluções politicas.

Foi supprimido por decreto de 24 de outubro de 1855 e annexado ao do Barreiro; foi restaurado por decreto de 18 de setembro de 1861; de novo extinto por decreto de 26 de setembro de 1895, e de novo restaurado por decreto de 13 de janeiro de 1898.

O concelho completa-se com a freguezia de S. Lourenço de Alhos Vedros, que tem 1:744 habitantes.

A povoação séde d'esta freguezia era outr'ora termo da villa de Palmella e comenda da mesa mestral da Ordem de Santiago.

El-rei D. Manuel deu-lhe foral a 15 de dezembro de 1514.

Está situada n'uma das reintrancias que se desenhann sobre a margem esquerda

do Tejo desde o pontal de Cacilhas até Aldea Gallega, e que são servidas por esteiros ou braços do rio. O caes de Alhos Vedros fica encostado ás ruínas do antigo palacio dos condes de Sampaio. E' proxima á villa a estação que, na linha de sul e suéste, tem o seu nome.

Alhos Vedros dista da villa da Moita cêrca de 4 kilometros, para sudoéste.

A igreja paròchial, comquanto possua alguns tumulos de pedra, é modesta, como a povoação, cuja melhor rua serve tambem de estrada.

Ha na villa duas escolas para ambos os sexos, uma philarmonica, e Misericordia, que presta soccorros domiciliarios.

A freguezia tem algumas salinas; e toda ella é sezonatica.

Quem hoje vir a villa de Alhos Vedros não dirá, apesar do beneficio que lhe adveio da visinhança da linha ferrea, que já por ali estanceou alguma vez a côrte dos nossos reis.

D. João I, logo que se reconheceu que a doença da rainha era peste, e o seu mal irremediavel, foi instado para sahir de Odivellas, onde a nobre enferma agonisava.

Aconselharam-n'o a que assim procedesse, e a razão de estado sobrelevou, no peito d'aquelle forte homem, a ternura do esposo.

Ficaram em Odivellas os infantes a velar o leito de sua mãe.

Para onde foi o rei? Dil-o Azurara: passou-se «alem do Tejo, a um logar que chamam Alhos Vedros.»

Como tantas vezes aconteceu n'aquelles tempos, não se teve em conta que o logar fosse insalubre; o que se pretendia era evitar o contagio da peste, mettendo o Tejo de permeio.

Havia palacio real em Alhos Vedros? Talvez não. O que havia, segundo o testemunho de antigos, era familias nobres, alguma das quaes podia ter hospedado el-rei. O certo é que D. João I esteve na villa então e que, após o fallecimento da rainha, os infantes, na ancia de realisarem alguma empresa militar em Africa, ali foram conferenciar com seu pae.

Azurara descreve este preliminar da conquista de Ceuta, dizendo: «... e acordaram (os infantes) que era bem de irem falar a seu padre, a qual cousa logo em aquella noite seguinte pozeram em obra, cá pouco mais de meia noite mandaram fazer prestes os bateis, e se foram a Alhos Vedros, em tal guisa, que quando era manhã estavam com seu padre, o qual acharam mui anojado, vestido de panos tintos, e quando outrossim viu os filhos vestidos de burel, renovou-se em sua vontade uma mui dolorosa lembrança da rainha sua mulher, e com elle estava o conde de Barcellos seu filho, e Gomes Martins de Lemos».

O rei annuiu a partir em breve, e poucos dias depois veiu na galé do conde de Barcellos para o Restello, onde a frota só esperava o momento de levantar ferro.

Conta ainda Azurara que o rei passou excellentemente durante a viagem a Africa; e comtudo, «quanto na terra era forte, no mar enfraquecia muito, e sómente em passar de Lisboa pera Coína, enjoava de tal guisa, que não sabia de si parte».

Na villa de Alhos Vedros fazem-se annualmente pomposas festas em honra de Nossa Senhora dos Anjos.

Costuma sahir uma procissão com sete andores, a saber: da Senhora da Conceição, da Senhora dos Anjos, de Santo Amaro, de S. Lourenço, de Santo Estevam, do Beato João e do Menino Jesus.

Alem do arraial, tem, por essa occasião, havido vaccadas na propriedade do sr. Joaquim Viegas.

A devoção com Nossa Senhora dos Anjos é antiga em Alhos Vedros.

Diz a lenda que no tempo em que os mouros occupavam ainda Palmella, vieram

de surpresa, em domingo de Ramos, assaltar a povoação christã de Alhos Vedros, cujos habitantes estavam n'essa occasião assistindo na sua igreja ao officio do dia.

Sahindo ao rebate, a surpresa pôde menos nos de Alhos Vedros que a sua fé religiosa.

Com as palmas e ramos bentos na mão, e invocando o auxilio de Nossa Senhora dos Anjos, se fortaleceram de coragem para resistir aos mouros, que tiveram de recolher a Palmella tumultuariamente.

Em memoria d'este feito é que se realisa ainda annualmente a festa áquella Senhora.

Por uma provisão do Mestre de Santiago D. Jorge, passada em 1513, eram outr'ora obrigados a assistir a esta festa e a tomar parte na procissão: o senado da camara com suas insignias, o prior e povo do Barreiro, os curas do Lavradio, Moita, Telha e Palhaes com suas cruces, alem de uma pessoa de cada casa.

N'esse tempo, a despesa com a festa sahia do producto de uma renda da villa chamada *moagem do sal* e arrecadada pelo senado da camara.

A freguezia de Alhos Vedros foi annexada desde 1833 a de Santo André da Telha. Hoje a séde d'esta antiga parochia é um lugar de poucos fogos, que conserva o primitivo nome de — Telha —, e se honorifica pallidamente com a tradição, quasi apagada, de ter sido o primeiro estaleiro (*Feitoria* se lhe chamava) em que se construíram naus portuguezas.

Memorias antigas alludem a este facto, e falam do padrão, em forma de cruzeiro, que foi ali erigido para commemoral-o.

Quanto á etymologia de Alhos Vedros, lembraremos apenas que a palavra — vedros — quer dizer velhos, antigos (do latim *vetus*).

Esta simples consideração abona a remota idade da villa.

O grande Affonso de Albuquerque possuiu em Alhos Vedros umas vinhas e pinhaes, como se vê do seu primeiro testamento, datado de 24 de março de 1506.

E' um nome que faz honra á terra.

Por decreto de 26 de janeiro de 1836 foi agraciado Antonio Hypolito da Costa com o titulo de barão de Alhos Vedros.

A freguezia comprehende varias quintas, e alguns casaes isolados.

Todo o concelho da Moita é abundante em vinho, cereaes, hortaliças, batatas e fructas; e bem abastecido de peixe e sal.

Por decreto de 13 de maio de 1824 foi concedido a um fidalgo e diplomata hespanhol, ligado ainda a Portugal por sua mui remota ascendencia, o titulo de conde da Moita.

Referimo-nos a D. José Antonio Aragon Azlor Pignatelli de Aragon, duque de Villa Hermosa em Hespanha.

A renovação do titulo no segundo conde verificou-se em 1862.



## De Xabregas á Povia de Santa Iria



ESDE que os nossos antigos chorógraphos consideraram como povoações ribatejanas, na margem esquerda do Tejo, o Lavradio e a Moita, teremos que classificar do mesmo modo povoações que na margem direita lhes correspondem em situação geographica, não obstante as freguezias do Beato e Oliveas fazerem hoje parte do 1.º bairro de Lisboa.

Para não sermos accusados de violar a tradição, postoque não concordemos inteiramente com ella, iremos seguindo os logares suburbanos que, ao occidente do Tejo, constituem actualmente o prolongamento marginal da cidade no sentido de sul para norte.

Os vastos armazens e depositos da Companhia de Norte e Léste, em Santa Apolonia, vieram estabelecer um traço de união entre a capital e Xabregas, que foi outr'ora arrabalde, e a viação electrica, chegando, por esse lado, ao Poço do Bispo, como que levou a cidade até ahi, chamando população fixa e pessoal de trafego a toda essa extensa região da borda d'agua.

Para o commercio e para a industria abriu-se, desde Xabregas á Povia de Santa Iria, um vasto campo de rendosa exploração, servido duplamente pela via fluvial e pela linha ferrea.

Animou-se de fabricas, officinas e armazens de retém essa longa região, que antigamente apenas fôra regalo de principes, de fidalgos, de frades e de freiras.

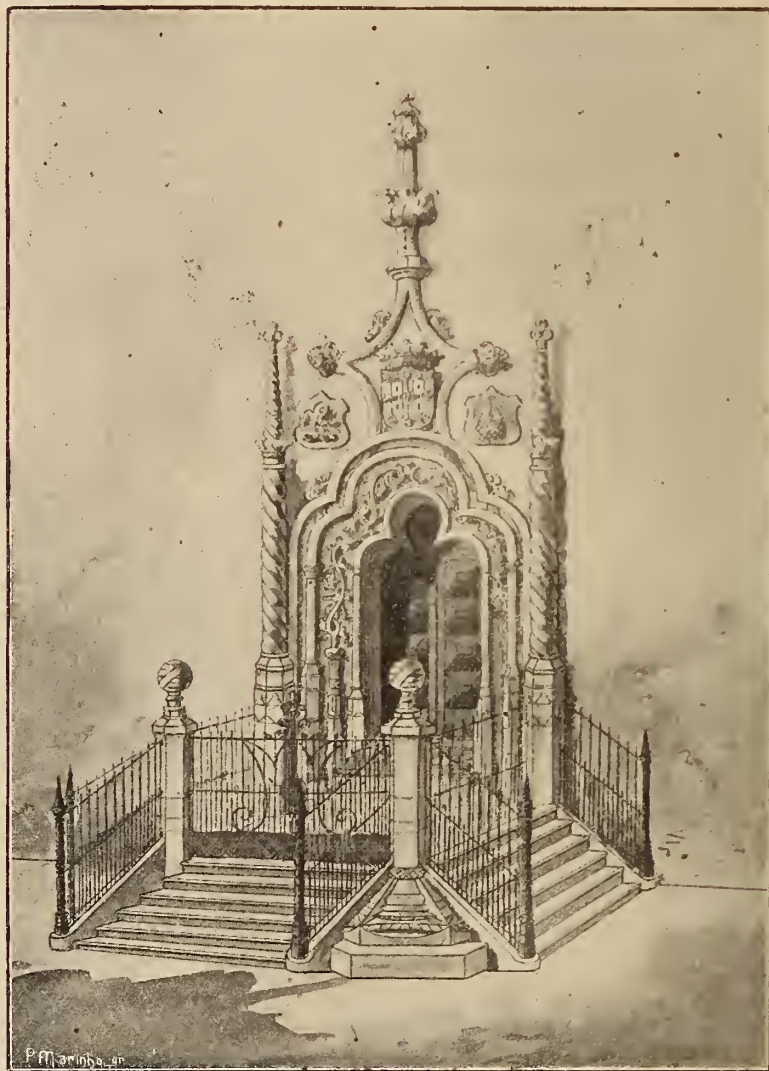
O movimento commercial e até a população urbana aproveitaram a expansão que o progresso lhes offerecia e, assim, o que n'outro tempo poderia, na margem direita, chamar-se talvez Ribatejo, em concordancia com as povoações fronteiras na margem esquerda, passou a ser um bairro excentrico, mas laborioso e importante, da capital moderna.

Xabregas ou Enxobregas, — como os velhos diziam — não é já o sitio retirado onde a viuva de D. João II adquirira umas casas e hortas, que pertenciam á viuva de

Alvaro da Cunha, para ahi, longe da côrte, fundar um paço onde pudesse entregar-se tranquillamente aos piedosos exercicios da devoção christã.

Não é. Mas ficou d'esse tempo um monumento notavel, que ainda subsiste, a igreja da Madre de Deus, mandada edificar, se bem que fosse singela a sua primitiva traça architectonica, por aquella virtuosa rainha.

Tomando D. Leonor gosto ao sitio de Xabregas, e adquiridas as casas de Alvaro



25 — Portal da Igreja da Madre de Deus

da Cunha, pensou em edificar ali um convento de freiras franciscanas sob o patronato de Nossa Senhora, mas vacillara na escolha da invocação que adoptaria.

Conta a tradição que entraram um dia no Paço de Lisboa dois moços, flamengos no traje, que pretendiam vender á rainha uma linda imagem de Nossa Senhora, á qual porventura chamariam pelo seu mais bello e sublime titulo: Madre de Deus.

Não podendo entender-se quanto ao preço, deixaram os flamengos a imagem em poder de D. Leonor, dizendo-lhe que no outro dia voltariam. Não voltaram mais. A rainha, espantada do caso, que não podia explicar-se em pessoas que vinham a fazer



negocio, e em tanto o estimavam, pôz a imagem na capella real, e em suas mãos depositou as chaves do novo convento, cuja invocação estava descoberta desde essa hora: seria da Madre de Deus.

Quiz a rainha D. Maria, segunda mulher de el-rei D. Manuel, poder residir por algum tempo em Xabregas. Aprazia-lhe o sitio, que é de bons ares, e tem a pittoresca visinhança do Tejo, largo e magestoso ahi.

Lembrou logo ao rei pedir á rainha sua irmã que lhe cedesse as casas que ella comprára á viuva de Alvaro da Cunha. Tinha-se como certa a desistencia, em homenagem ao rei. D. Leonor, porém, resistiu ao pedido, dizendo: «Que já entregára as chaves das casas de Xabregas a outra Rainha maior, que era a do Céu.»

Perante esta resposta, todas as instancias cessaram.

Começou a fundar-se o mosteiro em 1509<sup>1</sup>. Por ser modesto, correu rapidamente a construcção: em junho entraram as primeiras freiras, que vieram de Setubal; em julho, o arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, benzia a igreja.

Logo no outro anno, 1510, pôz a rainha D. Leonor o mosteiro sob a obediencia da ordem de S. Francisco.

Foi D. João III que, não menos de trinta ou quarenta annos mais tarde, augmentou o edificio, levantou nova igreja, mandou fazer novo claustro com muitas capellas.

O templo primitivo aproveitou-se para casa do capitulo. O singelo mas gracioso portal do tempo da fundadora, depois de estar entaipado durante tres seculos, foi em nossos dias descoberto, restaurado<sup>2</sup> e logo substituido ao que datava de D. João III, se lhe não fosse posterior.

Diz-se que a rainha D. Leonor, que para si concluire o paço de Xabregas, frequentava com assiduidade a igreja e mosteiro da Madre de Deus, trocando por vezes o paço pelo mosteiro.

Os sabbados e domingos eram dias de festa na casa religiosa de Xabregas, especialmente em certa epoca do anno. Aos sabbados havia sermão. E a concorrência de fieis chegava a constituir uma verdadeira romaria.

Da igreja construida por D. João III diz o auctor do *Santuario Mariano*: é um céu aberto.

Bastaria a confirmar esta opinião o deslumbramento do côro, obra riquissima de talha. As paredes estão cobertas por dezenove quadros, entre elles os retratos de D. João III e da rainha D. Catharina, bem como o panorama de Jerusalem, offerta do imperador Maximiliano á rainha D. Leonor, e que tem valor duplicado como antiguidade historica, porque n'elle se vê ajoelhada uma freira que é a propria rainha D. Leonor — unico retrato seu que se conhece.

Foi no paço de Xabregas, contiguo ao mosteiro da Madre de Deus, que Gil Vicente representou o *Auto da sybilla Cassandra* perante a infanta D. Beatriz, mãe de el-rei D. Manuel, que gravemente designavam «rainha velha».

Pena é que a igreja da Madre de Deus esteja ha largos annos vedada ao publico a titulo de obras sempre incompletas.

O illustrado conego Senna Freitas, n'um artigo recente, queixa-se, e com razão, d'este facto:

<sup>1</sup> Na Bibliotheca Nacional de Lisboa existe um manuscrito do seculo xvii (1639) que dá interessante *Noticia da fundação do convento da Madre de Deus*.

<sup>2</sup> Em conformidade com um quadro, que existe na sachristia e que, representando a recepção do corpo de Santa Aua, em 1512, mostra a fachada do primitivo templo.

«Não sei se v. ex.<sup>a</sup> já teve ensejo de vêr, estudar um pouco e admirar a referida igreja e o que ainda resta do antigo convento das religiosas Claras, que o habitavam. Ali, proporções harmonicas, retabulo, tribunas, côro, quadros a oleo, vestibulo, azulejados, capella mór, sacristia, tudo é gracioso e encantador. O frontão do arco-cruzeiro é o mais rendilhado e imaginosamente mimoso que até hoje tenho contemplado nos paizes



26 — D. Leonor de Lancastre, viuva de D. João II

que hei percorrido, e pôde v. ex.<sup>a</sup> crêr piamente que não teem sido poucos! O quadro a oleo da Assumpção da Virgem, que occupa o centro do tympano do frontão, completa pela sua perfeição a belleza d'aquella obra prima.

«Pois bem, ex.<sup>mo</sup> sr., este formosissimo templo, esta joia, este «ex-voto» de reis e rainhas portuguezes está... vedado ao culto publico e á apreciação da arte. Ha cincoenta annos que o trancaram para procederem a reparações, que permaneceram e permanecem incompletas, a fim de que se não alterem as nossas venerandas tradições patrias, de não concluir monumento algum, nem mesmo o dos Jeronymos!»

Antes de D. Leonor, já tinha havido em Xabregas um paço real, que estava em ruínas no tempo de D. Affonso V. Sabe-se que tinha uma torre, e um laranjal contíguo. <sup>1</sup>

Parece haver sido construído por D. Affonso III, e incendiado pelos castelhanos quando vieram pôr cerco a Lisboa no reinado de D. Fernando.

Affonso V fez doação do terreno e escombros, por carta de 17 de outubro de 1455, a D. Guiomar de Castro, primeira condessa da Athougua, que veio a ser avó materna de Affonso de Albuquerque, a qual fundou no mesmo lugar o convento de S. Francisco de Xabregas. <sup>2</sup>

O convento, derruído pelo terremoto de 1755, foi mais tarde reedificado.



27 — Vista geral da Fabrica União de moagem de trigo a vapor

Ao presente, tem uma aplicação industrial, de que logo falaremos.

O paço de D. Leonor seria augmentado em épocas posteriores, e talvez estivesse em obras no reinado de D. João III, quando este monarca, provavelmente para fugir da peste que invadira Lisboa, foi habitar em Xabregas as casas de D. Francisco d'Eça, que o sr. Julio de Castilho diz ignorar quaes fossem. <sup>3</sup>

Por ocasião dos desposorios do mallogrado príncipe D. João, filho do mesmo rei, realisaram-se defronte dos «paços» de Enxobregas (o plural dá ideia de maior grandeza) brilhantes torneios, de que traz noticia Francisco de Moraes no *Palmeirim de Inglaterra*.

O cardeal D. Henrique quando em 1579 fugiu á peste, retirou-se para Enxobregas, d'onde, fugindo sempre, seguiu para Villa Franca, depois para Salvaterra, e por ultimo para Almeirim.

<sup>1</sup> Braamcamp, *Brasões*, II, pag. 369.

<sup>2</sup> Viterbo, *Dicc. dos architect.*, vol. II, pag. 499.

<sup>3</sup> *A ribeira de Lisboa*, pag. 285:

O que é certo é que o paço de D. Leonor foi por D. João IV, a instancias da rainha D. Luiza, doado á camareira-mór, condessa de Unhão.

Mais tarde, succedendo os marquezes de Niza nos morgados da casa de Unhão, mandaram, no seculo XVIII, reconstruir completamente o paço de Xabregas.

No seculo seguinte, o governo comprou-o ao ultimo marquez de Niza, para n'elle estabelecer o *Asylo D. Maria Pia*, por iniciativa da rainha d'este nome, sendo então o edificio adaptado a tão benemerito fim.

E o mosteiro da Madre de Deus foi incorporado no Asylo.

O edificio do outro convento, fundado por D. Guiomar de Castro no sitio do antigo palacio real, foi, depois da extincção das ordens religiosas, occupado por uma fabrica de fiação e tecidos, que tinha o titulo de *Samaritana*.<sup>1</sup>

Um violento incendio destruiu parte do edificio, na noite de 3 de agosto de 1878.

Aquella fabrica foi então transferida para o Calvario e, mais tarde, reparados os estragos do incendio, estabeleceu-se no mesmo edificio a grande fabrica de tabacos denominada — de Xabregas.

Foi ella que me forneceu os primeiros maços de cigarros, com que, em verdes annos, tão encarniçadamente me iniciei no vicio de fumar.

Chego hoje a ter-lhe odio e... saudade.

O edificio da fabrica passou, nos ultimos annos, a ser propriedade da Companhia dos Tabacos de Portugal, com a mesma applicação.

Esta Companhia possui grandes armazens em Xabregas, nos terrenos conquistados ao Tejo.

Alem da fabrica de tabacos, ha em Xabregas mais as seguintes:

Companhia oriental de fiação e tecidos de Xabregas.

Companhia da fabrica de algodões de Xabregas.

Fabrica de licores (Ancora) no largo da Marquessa de Niza.

Fabrica Alliança de moagem de trigo a vapor (grande installação) pertencente á importante firma João Luiz de Sousa & Filho, n'um vasto edificio de tres andares, moderna e expressamente construido para este fim, com serventia de terra e mar.

Nas antigas barreiras de Xabregas existe uma fabrica de tijolo, pertencente á firma Brazil & Vences.

O commercio de vinhos anima tambem, actualmente, a povoação de Xabregas, pois estão aqui situados os armazens da firma José Antonio Barral & C.<sup>a</sup>, e o deposito da Empresa Vinicola de Salvaterra de Magos.

O posto da guarda fiscal em Xabregas tem consideravel movimento, especialmente devido ao despacho de vinhos.

Tambem na rua Direita de Xabregas se acha estabelecida a Cozinha Economica n.º 4, instituição de grande utilidade para os operarios das fabricas e armazens.

E' em Xabregas que funciona a escola de desenho industrial que tem o nome de *Affonso Domingues*, e foi inaugurada a 24 de novembro de 1884 n'um predio da calçada do Grillo.

Mais tarde pensou-se em aproveitar, para o funcionamento d'esta escola, uma parte das construcções annexas ao *Asylo D. Maria Pia*.

As obras de adaptação começaram em março de 1892 e concluíram-se cinco annos depois, sendo a inauguração do edificio realisada solemnemente no dia 24 de dezembro de 1897.

<sup>1</sup> Tomou este nome da Fonte da Samaritana, que a rainha D. Leonor tinha mandado construir no sitio de Xabregas.

A Escola *Affonso Domingues* possui aulas de pintura decorativa, de desenho ornamental, de desenho elementar, de geometria e arithmetica, de desenho de machinas, de architectura, de modelação, e officinas de serralharia civil, serralharia mecanica, fundição, carpintaria civil e carpintaria mecanica.

O director d'esta escola é o sr. João Vaz.

Como se vê, o bairro de Xabregas tem hoje mais importancia e movimentação do que algumas das grandes villas de provincia.

As exigencias da vida local tornam justificado o projecto de uma nova arteria de transito commercial, que ligue o largo da Marqueza de Niza com a estrada de Chellas.

Uma antiga tradição diz, quanto á etymologia de Xabregas, que em tempos muito anteriores a Affonso III havia n'este sitio um lavadouro publico, onde eram frequentes as rixas entre o mulhero. A' falta de policia, umas lavadeiras procuravam acomodar as outras, gritando-lhes *leixa bregas* (deixa brigas), d'onde viria, ou não viria talvez, o nome ao lavadouro e depois á povoação: Enxobregas ou simplesmente Xabregas.

E já que estamos em maré de tradições remotas, contarei outra.

A's hortas de Xabregas vinha outr'ora uma original procissão, que no retorno a Lisboa volvia mais original ainda.

Era a procissão *dos coentros*.

Os pescadores de Alfama e todos os outros pescadores e embarcações da cidade costumavam, na vespera do dia de S. Pedro Gonçalves, trazer o andor d'este seu milagroso patrono até Xabregas, em cujos campos passavam o dia folgando devotamente.

Todos os maritimos vestiam para esse effeito as suas melhores roupas e garridamente se ataviavam de louçanias.

Mas para voltar á cidade colhiam em Xabregas quantos coentros verdes encontravam, e com elles enramavam a cabeça, a si mesmos e ao santo, e assim engrinaldados reconduziam o andor florido até repôl o no templo.

No seculo xvi o arcebispo D. Fernando de Menezes prohibiu a *procissão dos coentros* por lhe parecer excessivamente gentilica; mas fez-se um milagre, ou o povo julgou que se fizera, e o prelado teve que levantar a prohibição.

Seguindo pela rua Direita de Xabregas, onde o transito de carroças é constante e ruidoso, depressa chegamos ao sitio do Grillo, cujo nome lhe proveio de dois conventos, um de eremitas descalços, de Santo Agostinho (vulgarmente *Grillos*); outro de freiras da mesma ordem e reforma, ambos fundados pela rainha D. Luiza de Gusmão.

N'este ultimo convento viveu aquella rainha — não só desgostosa com os successos politicos do paiz, mas tambem repellida da côrte — os ultimos tres annos da sua existencia, e n'elle falleceu a 27 de fevereiro de 1666.

Em 1888, tratando-se de remover o cadaver da rainha D. Luiza para o pantheon de S. Vicente de Fóra, fui com Luciano Cordeiro, o juiz Pereira Leite e outras pessoas assistir á abertura do féretro real e reconhecer se teria sido violado, como constava ás justiças da Boa-Hora.

Por essa occasião escrevi algures:

«Antes que o acto judicial principiasse, aproveitei o tempo visitando o convento, a que D. Luiza de Gusmão se recolheu a 17 de março de 1663, e onde tres annos depois fallecêra.

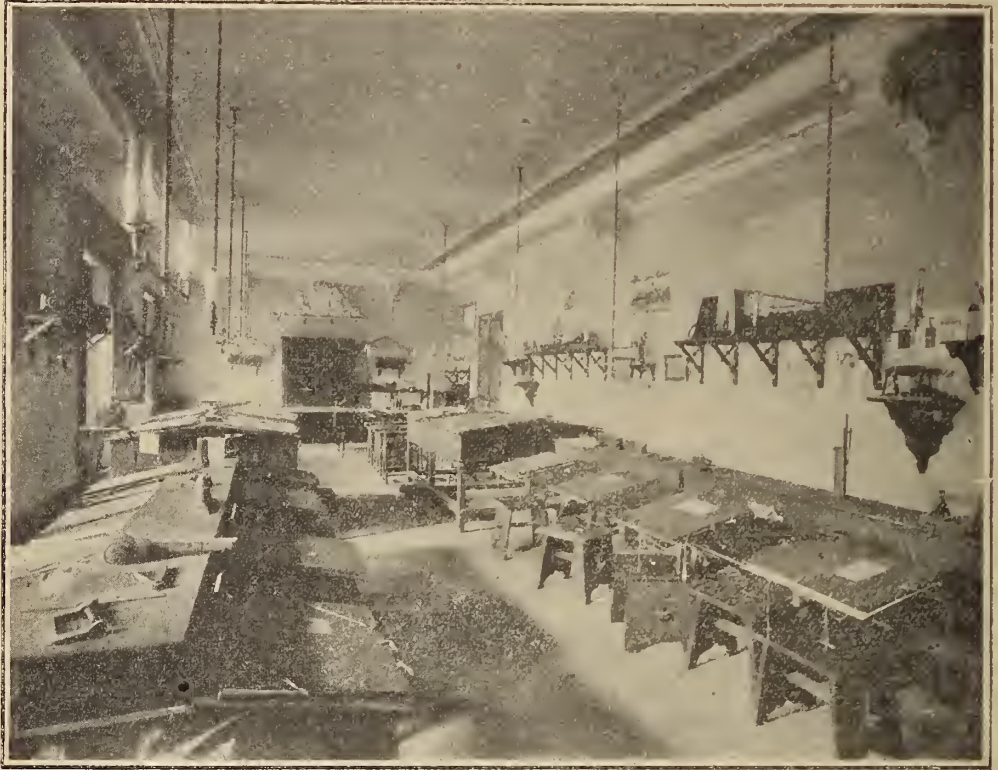
«E' vasto o convento, sem que todavia nada tenha de monumental. As Agostinhas Descalças não ostentavam pompas monasticas. Ha no interior do convento todo o aspecto de uma clausura severa: longos coñedores sombrios, cellas estreitas e mal allu-

miadas, tendo sobre a porta e o fundo da parede alguma inscripção religiosa, por exemplo: — *Da cella ao céu. — Não póde o servo servir a dois senhores.*

«A abundancia de altares, — pois vimos n'um a designação de 193 — denuncia que o culto era ali fervoroso, e que não se podia dar um passo no interior do convento sem ter diante dos olhos a imagem de um santo, de uma santa ou do Redemptor.

«Mas os nichos dos altares estão vazios, as imagens e as reliquias desapareceram; convento e igreja foram brutalmente despojados; diz-se que até o sino, apesar do campanario ser alto, desaparecêra!

«A rainha D. Luiza de Gusmão, afastada duramente da côrte pelos conselheiros



28 — Escola Industrial Affonso Domingues (Interior da aula de desenho de machinas)

de seu filho D. Affonso VI, acabou por decidir-se a entrar n'aquelle convento, mas nada ha ali que denuncie grandeza de aposentos reaes. Pareceu-nos que esses aposentos seriam uns que ficam voltados ao Tejo — por serem um pouco melhores do que os outros — constando de uma sala com chaminé e uma pequena cella, contigua á sala, da qual recebe luz por uma janella interior.

«D. Luiza de Gusmão vivêra, pois, modestamente entre as Agostinhas Descalças.

«Poucos conventos, porém, teriam uma claustra mais vasta do que a do Grillo; todo o pavimento terreo, que é enorme, serve hoje de deposito de artilharia, e está cheio de peças de campanha.

«Algumas freiras, como as inscripções tumulares indicam, jazem sob as carretas.

«Havia no Grillo só um côro, pequeno e modesto.

«Mas, em compensação, a igreja, comquanto não seja grande, é boa, coberta de azulejos de valor, e de quadros hoje completamente estragados pela humidade. A teia

do cruzeiro é magnifica, de ébano e mosaico florentino, com as armas de Portugal e da casa de Medina-Sidonia.»<sup>1</sup>

Segundo uma tradição — que a malicia popular reproduz em outras muitas povoações — haveria uma comunicação subterranea entre os dois conventos do Grillo, o dos frades e o das freiras.

Mas, como já disse, a clausura monastica das Agostinhas Descalças pareceu-me severa e isenta de suspeições escandalosas.

Por outro lado, em excavações modernas, nunca se encontrou o menor vestigio d'esse supposto subterraneo.



29 — Escola Industrial Afonso Domingues (Interior da aula de desenho de ornato)

O que é, porém, certo é que este sitio foi outr'ora retiro de frades e freiras, entre as quaes permaneceu durante algum tempo uma rainha de Portugal, e que por aqui ergueu seu palacio uma das familias mais distinctas de Portugal, a dos duques de Lafões.

O local do antigo convento das Grillas está comprehendido na planta do actual edificio da Manutenção Militar e suas dependencias.

Hoje já não se encontram na rua-estrada, que n'este sitio toma o nome de Rua Direita do Grillo, nem as recoveiras das freiras, nem os serventes dos frades, nem o côche dos duques de Lafões com o brazão da casa pintado nas portinholas: as armas dos Sousas enlaçando-se nobremente com as do reino.

Todavia ainda reside no Grillo o sr. D. Caetano de Bragança, actual representante da casa de Lafões, e ainda ali encontramos, n'uma rua perpendicular á Direita, a «calçada do Duque de Lafões».

<sup>1</sup> *Historias de reis e principes*, pag. 122 e seg.

Da quinta contigua ao palacio fala lord Beckford nas suas *Cartas*, dizendo :

«Esta propriedade tem grandes bellezas pittorescas. Magestosas arvores seculares inclinam-se sobre fontes em ruinas e estatuas mutiladas de heroes armados, a que os annos deram todos os seus innumeraveis tons vermelhos, azues e amarelllos. Do meio de quasi impenetraveis balsas de buxo e murta erguem-se estranhas pyramides de conchas, rodeadas de leões de marmore de apparencia magica e symbolica.»

Era o typo da quinta nobre no Portugal do seculo XVIII.

Outra rua do Grillo accusa um nome fidalgo — chama-se de «D. Gastão».

Era D. Gastão Coutinho da Camara, um dos conjurados de 1640, que teve aqui um palacio com ermida; representou-o depois na posse d'esta propriedade o conde da Taipa, seu descendente.

Mas os frades, as freiras e os grandes solares desappareceram ou perderam o aspecto antigo, sendo substituidos, bem ou mal, pela vida moderna, positiva e democratica.

O edificio da Manutenção Militar tem larga capacidade, propria para as funcções a que se destina.

Assim o poderão demonstrar aquellas das nossas estampas que representam alguns aspectos d'este edificio.

Defronte da Manutenção Militar foi inaugurado no dia 6 de junho de 1904, com a assistencia de Suas Magestades, o quartel da Companhia de Subsistencias.

Compõe se de um corpo central com quatro dependencias de tres pavimentos amplos e bem arejados.

O edificio está separado da rua por um gradeamento.

Sobre a porta de entrada para as dependencias lê-se esta inscripção :

NO REINADO DE D. CARLOS I,  
SENDO MINISTRO DA GUERRA O GENERAL LUIZ AUGUSTO  
PIMENTEL PINTO, FOI CONSTRUIDO ESTE QUARTEL  
PARA A COMPANHIA DE SUBSISTENCIAS  
1903-1904.

Na noite de 24 de setembro de 1904 arderam, no edificio da Manutenção Militar, oito armazens de forragens, sendo o prejuizo avultado.

Na rua Direita do Grillo ha uma fabrica de sabão, de Costa & Costa.

E vamos seguindo para o Beato, sem nunca perder de vista o Tejo, pois que caminhamos a seu lado.

O *Beato* era frei Antonio da Conceição, que se afavorou no piedoso empenho de recolher auxilios para reedificar n'este local o convento e igreja fundados por disposição testamentaria da rainha D. Izabel de Lencastre.

A igreja resistiu ao terremoto de 1755, mas foi roubada e profanada em 1834.

O convento foi posteriormente vendido, a diversos particulares, sendo um d'elles o industrial João de Brito, que estabeleceu, na parte que comprou, uma fabrica de bolachas e de moagem de cereaes, que ainda conserva o nome do seu fundador, já fallecido ha annos.

A freguezia do Beato tem uma densa população—10:406 habitantes.

Considera-se a mais florescente das freguezias suburbanas.

A igreja parochial é hoje a antiga igreja do convento dos Grillos, modernamente restaurada pelo governo. Tem lindo aspecto o seu interior.



Alem da fabrica de João de Brito ha, no Beato, rua do Assucar, a fabrica de preparo de cortiça, de José Villalonga; a fabrica de licores, de Moraes Ferrão & Irmãos; e da Companhia Portugueza de Phosphoros, e duas de sabão, pertencentes á Viuva Macieira & Filhos, e a Sousa & C.<sup>3</sup>

Tambem aqui tem a sua séde a Companhia da borracha — monopolio de Portugal. Sei que existe uma associação de soccorros mutuos com o titulo de *Marquez de Abrantes*, e uma escola para o sexo feminino, denominada *Casal Ribeiro*.

Este illustre homem d'estado e publicista, fallecido em 1896, promoveu a fundação da escola, em 1859, com o donativo de 10:000\$000 réis em inscrições para perpetuar a memoria de sua mãe.<sup>4</sup>

Desde Xabregas depara-se-nos aqui um sitio mais airoso e largo: é a alameda do Beato.

Antigamente, antes do alargamento da cidade, os patuscos de Lisboa frequentavam muito estes sitios.

Pelo que respeita ao seculo xviii diz o irmão, e editor, de Manuel de Figueiredo que os tocadores de viola iam aos domingos de tarde á Penha e ao Beato, com a banda direita do capote traçada sobre o hombro esquerdo, e que atraz d'elles seguia muito povo a ouvir a tonadilha da fôfa e do fandango.<sup>2</sup>

O logar onde os alegres ranchos acampavam no Beato era o famoso *embrexado*, ao lado da igreja já reedificada pelo padre Antonio da Conceição: bem pittoresco logar esse, em verdade, porque alem do pavimento em mosaico, feito de conchas e pedras miudas, havia capellinhas que prendiam a attenção, e sombra de arvoredado copado.

Todos estes sitios continuaram e ser passeio predilecto dos moradores de Lisboa até depois da primeira metade do seculo xix.

Garrett dizia nas *Viagens* em 1846:

«Assim o povo, que tem sempre melhor gôsto e mais puro do que essa escuma descórada que anda ao de cima das populações, e que se chama a si mesma a *Sociedade*, os seus passeios favoritos são a Madre-de-Deus e o Beato e Xabregas e Marvilla e as hortas de Chellas».

Vamos seguindo para Marvilla, que já pertence á freguezia dos Olivaes.

São mais dois passos apenas.

Dá-nos logo na vista em Marvilla o antigo Palacio da Mitra com a sua grande quinta, que era regalo dos prelados da diocese de Lisboa.

Foi reconstruido por D. Thomaz de Almeida, primeiro cardeal patriarcha.

Em 1864 resolveu-se vendel-o em hasta publica para se comprar o palacio do conde de Barbacêna, no campo de Santa Clara, com o fim de ser destinado a residencia habitual dos patriarchas.

Arrematou-o por pouco mais de 10:000\$000 réis o famoso banqueiro hespanhol D. José Salamanca.

Depois passou a outro possuidor, porque em 1885, ou já talvez antes, pertencia ao sr. Perry, diplomata americano, marido da insigne poetisa castelhana D. Carolina Coronado.

<sup>1</sup> Veja-se o ópusculo *Cartas sobre as escolas populares pelos ex.mos snrs. J. M. do Casal Ribeiro e A. F. de Castilho*, Lisboa, 1859.

<sup>2</sup> *Theatro de Manuel de Figueiredo*, vol. xiv, pag. 443.

Hoje pertence ao sr. dr. Antonio Centeno, e está sendo habitado pelo sr. D. Pedro de Torres Cabrera, illustrado e primoroso cavalheiro hespanhol, genro d'aquella notavel escriptora.

Foi no Palacio da Mitra que falleceu o erudito cardeal Saraiva (Frei Francisco de S. Luiz).

Caminhando para o alto de Marvilla encontramos, a meia calçada, o antigo convento de Nossa Senhora da Conceição, de religiosas de Santa Brizida, fundado no seculo xvii.

As freiras fabricavam uns deliciosos pasteis, muito estimados em Lisboa, e conhecidos por «pastellinhos de Marvilla».



3o — Fachada do quartel das Subsistencias e edificio da Manutenção Militar

Foi-se a gulodice com as freiras, porque em 1874 o edificio do convento transformou-se em *Asylo D. Luiz I*, instituição de Manuel Pinto da Fonseca.

A caridade tambem tem doçuras que regalam a alma.

No topo da calçada passa a linha ferrea.

Em Marvilla ha fabricas de preparo de cortiça, pertencentes a João Filippe Canhoto e a Emilio Augusto Panas; e uma de sabão, propriedade de Miguel P. da Costa Soares.

Entre as melhores quintas de Marvilla devemos mencionar a dos marquezes de Abrantes, e a dos Alfinêtes.

Esta tem uma bella casa de campo — excellente construcção antiga — com varandas nobres, soberbos azulejos, etc.

Os carros electricos estacionam no Poço do Bispo, que é o limite da carreira.

Aqui, no Poço do Bispo, ha grandes armazens de vinho, adegas e tanoarias, — um activissimo tráfego commercial, que aviventa a povoação; muitas lojas de negocio, especialmente tabernas.

Tambem ha quintas que merecem referencia especial, como a do Tintim, pertencente ao conselheiro Sequeira Pinto, e a do Ferrão, do conselheiro Martens Ferrão.<sup>4</sup>

Esta ultima propriedade deve ser, creio eu, um conjunto de duas quintas; a das Prestes, que era da familia Ferrão, e a de Val-Fundão, que o conselheiro Martens comprou ao conde de Casal Ribeiro.

Mencionaremos tambem uma associação existente no Poço do Bispo: é a dos corticeiros.

Distante do Tejo cerca de um kilometro, encontra-se a povoação de Chellas.

Junto á cidade de Lisboa — diz Frei Luiz de Sousa — ao norte d'ella, em distan-



31 — Manutenção Militar (Interior da fabrica de panificação)

cia de quasi uma legua, ha um valle por copia de quintas, e frescura de hortas e poma-res assás deleitoso, que chamam Valle de Chellas.

N'este valle está edificado o antigo convento de freiras agostinianas ou conegas re-grantes de S. Felix.

A sua fundação perde-se na noite dos tempos e, por isso, temos por mais aprazi-vel ao leitor deixar em paz a complicada historia do convento, bem como a da etymo-logia do nome de Chellas, que prende com o fabuloso Achilles, e outras individualida-des mythologicas de não saudosa memoria.

O valle de Chellas começa junto ao Tejo, entre o mosteiro da Madre de Deus e a fabrica de tabacos de Xabregas.

A povoação é grande, e cortada por um viaducto da linha ferrea.

<sup>4</sup> Martens Ferrão e Sequeira Pinto são já hoje fallecidos. Não sei se aquellas quintas permanecem ainda na posse das respectivas familias.

Tem apeadeiro e, junto d'elle, como indicio de elegancia moderna, recorta-se o desenho de um *chalet*.

O convento avista-se da linha. E' um casarão, velho e pardo, que se nos mostra enterrado no valle. Não obstante o seu aspecto despiendo, possui um lindo claustro em arcaria sustentada por columnas, cujos capiteis figuram estatuas allegoricas, e cujas bases assentam sobre um rebôrdo de dois degraus, revestidos de bons azulejos.

D'este convento vieram, em 1898, alguns objectos archeologicos para o museu do Carmo, e com elles quinze quadros de bello azulejo representando os passos da Paixão de Christo. <sup>1</sup>

O edificio do convento, que pertence hoje ao Estado, serve de residencia a familias pobres e aos operarios da Fabrica de polvora sem fumo, que funciona na localidade.

N'este retiro monachal madrugou em verdes annos o talento poetico da Marquez de Alorna, que tanto celebrou essa epoca em suas endeixas precocemente melancolicas.

E' que a inspirada *Alcippe* esteve aqui prisioneira do Estado, com sua mãe e sua irmã, ao passo que o pae jazia encarcerado no Forte da Junqueira, porque o Marquez de Pombal queria attribuir a esta-nobre familia alguma cumplicidade no attentado contra o rei, e não poupava idades nem sexos.

O valle de Chellas é muitas vezes invocado pela lyra juvenil de D. Leonor de Almeida n'um desafogo lacrimavel de captiveiro e desterro:

Oh Valle, oh triste Valle, tu me escuta!  
 Comtigo viverei: dá-me uma gruta  
 Tão triste, tão escura, que os Pastores,  
 As feras, os ligeiros passarinhos,  
 Cabanas, covas, e os mimosos ninhos  
 Ponham lá mui distante na espessura.

Das hortas de Chellas ha uma recordação na *Fabia* de Francisco Palha, posta na bocca de Maricotas, mulher portugueza estabelecida em Roma:

Doces hortas de Chellas, — meiga nora.

Meiga nora é uma graciosa ironia com um verosimil fundo de tristeza nostalgica: na ausencia a saudade tornava melodiosa a aspera chiada da nora nos poços de Chellas.

Fazem-se n'esta povoação brilhantes festejos annuaes por devoção a Nossa Senhora da Atalaya.

Quando o cirio chellense <sup>2</sup> regressava da celebre romaria d'aquelle nome, que se realisa na margem esquerda do Tejo, costumavam os romeiros parar no adro da igreja de Chellas antes de dispersar-se.

Aqui os esperavam alguns vendedores ambulantes, que de anno para anno foram crescendo em numero e medrando em negocio.

Celebrava-se então aqui uma festividade, que era custeada pelos romeiros, e que podia chamar-se a ultima despedida de cada anno á Senhora da Atalaya.

Mas os recursos do cirio foram decahindo e a festividade deixaria de effectuar-se,

<sup>1</sup> Veja-se o opusculo do sr. Ascensão Valdez, *Monumentos archeologicos de Chellas* (Lisboa, 1898). Sobre as antiguidades de Chellas, encontradas no convento, veja-se tambem o vol. VII do *Archivo pittoresco*, artigo de Vilhena Barbosa.

<sup>2</sup> O cirio de Chellas foi instituido de 1855 para 1856 por occasião da *colera-morbus*.

se não acudissem com novos auxilios a Sociedade União Chellense e algumas individualidades da povoação.

Assim pois este costume, longe de extinguir-se, tem revivido nos ultimos annos.

O arraial, que out'ora se fazia no adro da igreja, faz-se hoje na Avenida de Chellas, porque estando installada junto ao mosteiro a Fabrica de polvora sem fumo, conveiu afastar do antigo local tanto os festejos como a multidão dos romeiros.

A avenida é pomposamente ornamentada e n'ella são armados alguns theatros populares e as barracas de negocio e da kermesse.

A' noite ha illuminação e fogo de artificio.

Dias antes sae da igreja de Chellas para a do Beato a imagem da Senhora da Atalaya, que por por occasião da festa é reconduzida processionalmente a Chellas.

Esta região é tambem industrial. Na estrada de Chellas estão actualmente em laboração a fabrica de grude, de Ignacio de Magalhães Basto & C.<sup>a</sup>, e tres de fiação e tecidos de lã, pertencentes a José Lourenço Medely & Filhos, José Pedro de Mattos, Ignacio de Magalhães Basto & C.<sup>a</sup>

Do convento para o norte, a povoação pertence á freguezia dos Oliveaes; e do convento para o sul, á do Beato.

Voltando á margem do Tejo, depara-se-nos agora a povoação de Braço de Prata, com as suas quintas de recreio, as suas fabricas e armazens.

E' povoação importante, e risonha.

As suas casas sobem até á linha ferrea, e algumas d'ellas estão proximas da estação, que tem um amplo caes e grande movimento de mercadorias.

Trabalham em Braço de Prata as fabricas de estamperia e tinturaria, de Guilherme Graham Junior & C.<sup>a</sup>; de preparo de cortiça, de Quintella & France; e tambem havia a fabrica de vidros (Empresa Vidreira Portugueza), mas suspendeu ha tempos a sua laboração.

Entre as quintas mais notaveis de Braço de Prata citarei a da Esparteira, propriedade de Jacinto Daniel d'Almeida, com uma boa casa de residencia.

E' tambem aqui que se está construindo, por conta do Estado, a Fabrica de material de guerra.

Em 1901, o sr. conselheiro Pimentel Pinto, que então voltára a gerir a pasta da guerra, desejando dotar o Arsenal do Exercito com os machinismos mais aperfeiçoados para o fabrico dos differentes artigos de material de guerra, e reconhecendo que os locais onde estão as fabricas denominadas Fundição de Canhões e Fabrica d'Armas não tinham as condições necessarias para satisfazer áquelle fim, escolheu o terreno occupado por uns antigos armazens do deposito de material de guerra, nas proximidades da estação do caminho de ferro de Braço de Prata, por ficar não só próximo da linha ferrea de Norte e Léste, mas junto ao Tejo e á projectada avenida marginal.

Como este terreno precisasse ser ampliado, o mesmo ministro mandou adquirir uma faixa adjacente, ficando o espaço destinado para as novas officinas com a área total de 23:000 metros quadrados, susceptivel de augmento quando de futuro se construir aquella avenida.

O sr. Pimentel Pinto obedeceu á intenção de reunir aqui todas as officinas do arsenal, com excepção das que são destinadas ao fabrico das polvoras, que, pela natureza d'estes productos, precisam estar isoladas.

O terreno divide-se em dois planos differentes, um quasi ao nivel da rua Fernando Palha, com a superficie de 8:000 metros quadrados, e o outro 9 metros mais baixo, com uma área de 15:000 metros quadrados, tendo uma altura de 3 metros acima do nivel médio das aguas do Tejo.

Este ultimo é limitado ao sul por uma muralha.

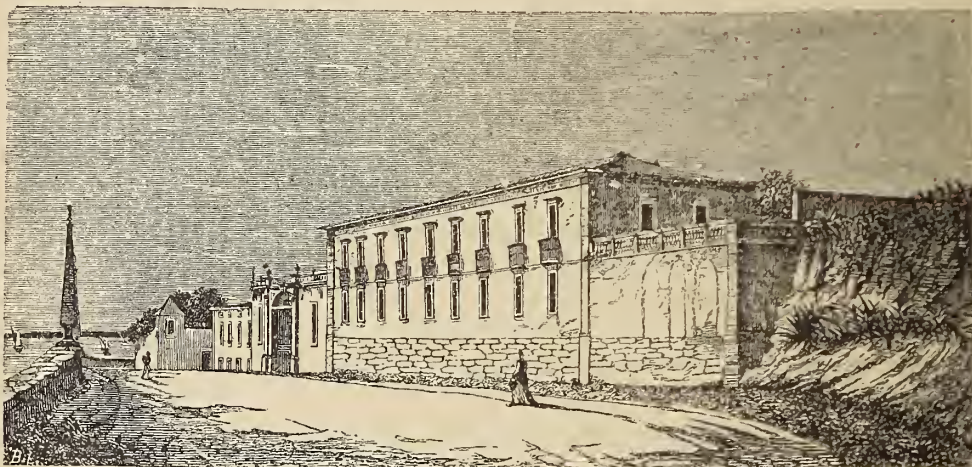
O andar superior da fabrica é destinado aos serviços da administração geral com suas dependencias e a moradia dos officiaes; o inferior ás officinas, quartel, machinas, motores e armazens.

As officinas são: para trabalhos de carpintaria, marcenaria e outros relativos ao fabrico de viaturas; para reparações de armas portateis; para fabrico de objectos de cabedal; para reparações de boccas de fogo e serralharia; para fabrico de munições de artilharia (cartuchos metallicos, projecteis e espoletas).

Em edificios apropriados serão installadas prensas hydraulicas, bombas e acumuladores, forjas, fundições de ferro, bronze e latão, pilões, etc.

Haverá armazens não só para guardar as materias primas, mas tambem para reparação.

Todas estas dependencias da fabrica serão servidas por linhas ferreas e elevadores e por uma ponte-caes acostavel quasi permanentemente.



32 — Antigo Palacio da Mitra em Marvilla

O quartel é um pequeno edificio destinado a alojar 16 praças, commandadas por um sargento, que devem constituir a guarda da fabrica.

Não sendo possivel por varias razões construir-se d'uma só vez este importante estabelecimento, o ministro approvou o projecto geral e mandou executar a parte que se refere ao fabrico de munições para artilharia.

A competente repartição do ministerio da guerra foi encarregada de obter os esclarecimentos precisos para se iniciar a construcção da nova fabrica.

Foram consultadas as principaes casas da Allemanha, Inglaterra e França, fornecedoras de machinas, e depois de colhidas as respostas resolveu o sr. Pimentel Pinto que a commissão encarregada da construcção da nova fabrica — composta do major de artilharia Francisco de Salles Ramos da Costa e dos capitães de engenharia Hermano de Oliveira e Herculano Galhardo — fosse ao estrangeiro examinar nos differentes arsenaes e fabricas as respectivas machinas e inteirar-se do seu funcçãoamento.

Esta commissão sahiu de Portugal em 30 de setembro de 1903 e em 20 de novembro regressou a Lisboa, apresentando o projecto da fabrica em 30 de março de 1904. No relatorio indicou como mais convenientes para o fornecimento das differentes machinas as fabricas Reinische Metallwaren und Maschinenfabrik, de Dusseldorf; W. Lahmeyr & C.<sup>a</sup>, de Frankfort; e Franco Tosi, de Legnano, sendo a primeira para as machinas operadoras, a segunda para material electrico, e a ultima para as machinas motoras e geradores de vapor.

O sr. Pimentel Pinto approvou a proposta da commissão e mandou proceder aos contratos de fornecimento com todas as casas mencionadas.

A povoação de Braço de Prata faz parte da freguezia dos Olivaes.

Seguindo o nosso roteiro para o norte, encontramos Cabo Ruivo, logar celebre no mundo bohemio e gastronomico pelas suas hortas, restaurantes, comesainas e patuscadas.

Comtudo, não é só propicio ao prazer, este logar.

Tambem aqui se trabalha.



33 — Porta da igreja do Mosteiro de Chellas

Creio que ha em Cabo Ruivo duas ou tres fabricas. De uma sei eu: é a de adubos e productos chimicos, do Casal das Rôlas.

Os *retiros* consagrados á glotonaria alegre verdejam as suas latadas junto á linha ferrea, e tentam o viandante com as suas taboletas e disticos berrantes.

Perto de Cabo Ruivo fica a quinta da Mattinha, outr'ora propriedade dos marqueses de Bellas (condes de Pombeiro).

O nome d'esta quinta derivou da sua matta, que termina em muralha sobre o Tejo. Pinho Leal dá-nos a seguinte tradição local:

¶ Conta-se que no seculo XVIII, vindo pela matta um cavalleiro atraz da uma lebre,

correndo a toda a bridá, viu esta esconder-se entre as urzes; mas quando reparou que estava á borda do precipicio, já não pôde soffrear o cavallo, que se precipitou d'aquella medonha altura, despedaçando-se e mais o cavalleiro, nos rochedos que bordam a praia».

*Pater noster*. . . pelo cavalleiro, e sigamos o nosso itinerario para a florescente povoação dos Olivaes, séde da freguezia do mesmo nome, que tem hoje 7:164 habitantes de ambos os sexos.

O orágo é Santa Maria. Diz-se que, pelo facto de ter aqui apparecido dentro de uma oliveira a imagem da Mãe de Deus, tomou a parochia o nome de Nossa Senhora dos Olivaes.

A freguezia é antiga, pois que já tinha existencia no anno de 1420.

Em 1852 estava tão prospera, que se formou (por decreto de 11 de setembro) o concelho dos Olivaes, de que ella foi cabeça.

Hoje é freguezia do 1.º bairro de Lisboa.

A villa vae adquirindo de dia para dia os progressos e as conquistas da civilização. Ha muitas edificações modernas, casas para o povo, e casas de luxo ou recreio, especialmente no lugar de Muscavide, onde os *chalets* abundam.

O industrial sr. Alves Gouveia, que tem nos Olivaes uma fabrica de estamparia, construiu na Praça Motta Veiga não só o *Chalet Candida*, onde reside, mas tambem outros predios, dois dos quaes destinados a lojas de negocio.

Um d'estes estabelecimentos vende bebidas. O outro vende generos alimenticios e artigos de fanqueiro.

Ambos são illuminados a luz electrica fornecida pelo motor da fabrica, que fica proxima.

Viva lá! já as lojas dos Olivaes teem tão brilhante illumination como as da *Baixa* em Lisboa.

Parte da Praça Motta Veiga uma rua, em linha recta, que se chama — Alves Gouvea — e que tem ao fundo a igreja parochial.

De um lado e outro ha predios baixos, as chamadas — casas baratas — de que tambem o sr. Alves Gouvea é proprietario.

A igreja tem na frente um adro com seu cruzeiro.

O templo é espaçoso, mas nada o recommenda; apenas a sacristia, que veiu do extincto convento de S. Cornelio <sup>1</sup>, merece algum apreço.

Aos domingos e dias santificados ha na igreja dos Olivaes doutrinação de creanças, ministrada não só por algumas senhoras illustres, mas tambem por algumas irmãs (carmelitas descalças, hespanholas) do convento do Candieiro.

Estas religiosas estiveram primeiro no recolhimento do Moinho, ao pé do Tejo, e depois separaram-se das recolhidas para ir habitar aquelle convento.

Por detraz da igreja fica o rocio, hoje chamado Praça da Viscondessa dos Olivaes. E' este o coração da villa.

A praça tem um chafariz e um corêto.

N'um dos predios que a contornam está installado o Asylo dos Olivaes, 12.ª casa da Sociedade Protectora da Infancia Desvalida; n'outro, o Collegio de Nossa Senhora da Conceição.

Tambem junto á praça se encontra a estação do serviço de incendios, e mais abaixo a esquadra de policia.

<sup>1</sup> Convento de frades arrabidos, situado nos limites da freguezia dos Olivaes. Vilhena Barbosa menciona a tradição de irem os lavradores em romaria levar cornos de prata a S. Cornelio, talvez em razão do nome do santo, e de serem votos feitos para obter as melhoras dos bois que adoeciam. ◀



E' na Praça da Viscondessa dos Oliveaes que costumam realisar-se os festejos da vespera e dia de Santo Antonio.

O titulo de visconde dos Oliveaes foi concedido (1864) a Antonio Theophilo de Araujo, que por carta regia de 16 de maio de 1874 recebeu a nomeação de par do reino.

Este titular falleceu a 4 d'agosto de 1879.

A viscondessa fundou nos Oliveaes uma escola para o sexo feminino.

O titulo era em duas vidas. A segunda verificou se em 1879 na pessoa de D. Clotilde da Veiga Araujo, sobrinha do 1.º visconde, a qual casou com Julio Pinto Leite, sendo estes, por decreto de 16 de setembro de 1886, os 1.ºs condes dos Oliveaes.

Perto da estação do caminho de ferro, o que vale o mesmo que dizer perto do Tejo, enfeita-se o logar de Muscavide com seus garridos *chalets*, o que quer que seja de arremêdo do Estoril, se bem que menos aristocratico.

Os Oliveaes propendem mais para a burocracia e para a politica — especialmente para a politica.

Isto vê-se não só em Muscavide, onde ha alguns *chalets* conselheiraes, mas tambem nos nomes de algumas ruas da villa, por exemplo: rua do conselheiro Mariano de Carvalho, rua do conselheiro Lopo Vaz, rua do conselheiro Ferreira do Amaral.

Parece que os Oliveaes se não dão mal com a politica, porque teem progredido.

As familia nobres, que outr'ora aqui residiam ou veraneavam, extinguiram-se ou decahiram; as suas casas de campo passaram hoje a outros possuidores, e as capellas dos antigos palacios estão profanadas.

Entre as muitas quintas dos Oliveaes mencionarei as seguintes:

Do *Cabeço*, cuja casa de habitação (seculo XVIII) tem mirantes, terraços, escadarias, entrada monumental, capella, parque, etc.

Uma tradição local diz que n'esta casa e quinta residira algum tempo a celebre madre Paula, de Odivellas.

Nada sei de seguro a este respeito, mas apenas que a espinêta (piano) de madre Paula, que o marquez de Vallada adquirira e que por sua morte foi comprada pelo proprietario do *Salão Triumpho* nas Portas de Santo Antão, estando hoje em poder do sr. conde dos Oliveaes e Penha Longa, fez parte do mobiliario da quinta do Cabeço.<sup>1</sup>

Esta quinta pertence actualmente ao sr. conde dos Oliveaes e Penha Longa.

Quinta do *Cangalheiro*, ao lado da quinta do *Cabeço*.

Do *Brito*, que pertence á viuva Patacão.

Da *Fonte*, casa de habitação com grandes salões artezoados, propriedade do sr. conde da Ribeira Grande.

Quinta do conde de Obidos.

Quinta dos Paios, propriedade dos irmãos Bastos.

Quinta do Charcão.

Quinta da Barroca, de Antonio Maria Tavares.

Quinta de Montalvão, do conde da Redinha.

Ha ainda mais outras quintas de menor importancia.

Fabricas, existem, que eu saiba, a de estamparia e tinturaria, de Alves Gouveia duas de louça, sendo uma de Joaquim dos Reis Cardoso e outra de José Pedro; tambem ha algumas modestas officinas de ceramica, que produzem tachos, panellas, alguidares, de barro cosido e vidrado, mas que estão decadentes pela carestia da mão d'obra, concorrência das fabricas de Lisboa, e carga de impostos.

<sup>1</sup> *As amantes de D. João V*, pag. 151.

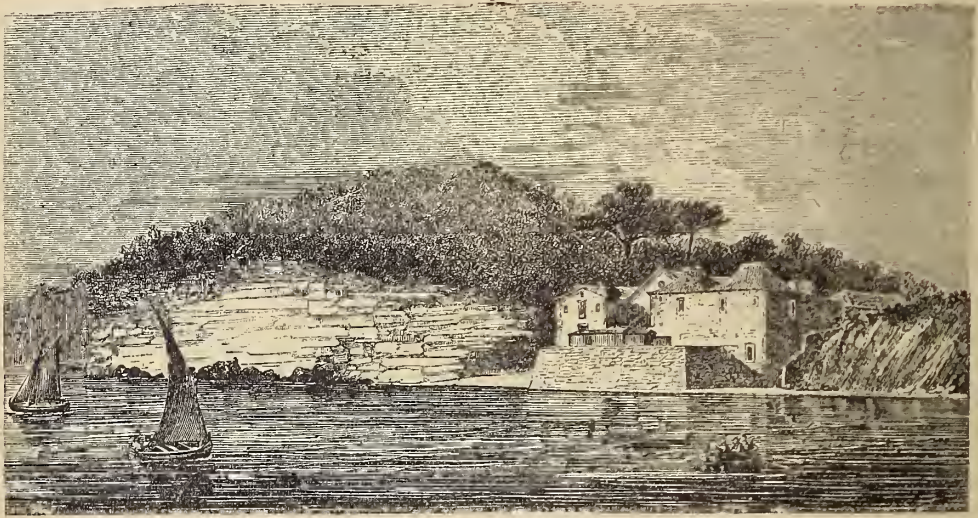
De associações existentes nos Olivaeos conheço a Associação Commercial do Beato e Olivaeos, Cooperativa Olivalense, Sociedade Philarmonica União e Capricho Olivaelense.

O sitio dos Olivaeos tem ganho fóros litterarios pelas referencias que lhe fizeram Camillo Castello Branco no *Romance d'um homem rico* e Eça de Queiroz nos *Maias*.

Quem passa na linha ferrea vê um dos *chalets* de Muscavide.

E' vistosamente torreado e por isso logo dá aviso ao viajante de que está a dois passos de uma localidade que se modernizou garridamente, á-la-moda.

Toda esta região marginal do Tejo, servida pela linha ferrea de norte a léste, que passa a pequena distancia das povoações ou junto a ellas, entesta pelo occidente com os territorios dos arredores de Lisboa habitados pelos saloios.



34 — Quinta da Mattinha, em Braço de Prata

Não apparece ainda aqui o typo caracteristico do ribatejano, comquanto vejamos já alguns exemplares de barqueiros e pescadores; mas faz-se annunciar o saloio na physionomia e no traje, se bem que incompletamente definido, e não plenamente accentuado.

Segue-se aos Olivaeos, Sacavem.

E' esta uma villa importante.

Divide-se em duas povoações, Sacavem de Baixo e Sacavem de Cima, constituindo uma só freguezia, que tem por orago Nossa Senhora da Purificação, com uma população de 2:308 habitantes.

Parochia muito antiga; já existia em 1191.

A parte inferior da villa está situada junto á margem direita do rio Sacavem.<sup>1</sup>

Da estação do caminho de ferro avista-se a pequena distancia a confluencia d'este rio com o Tejo.

Offerece profundo contraste o curso modesto do Sacavem, e o seu humilde desagadouro rasgado entre um areal plano, com o aspecto imponente e magestoso do Tejo.

Comtudo, o rio Sacavem é navegavel até Santo Antonio do Tojal. Por muito tempo, quando se tratava da fortificação de Lisboa, especialmente nos reinados de

<sup>1</sup> Pinho Leal tambem lhe chama Friellas.

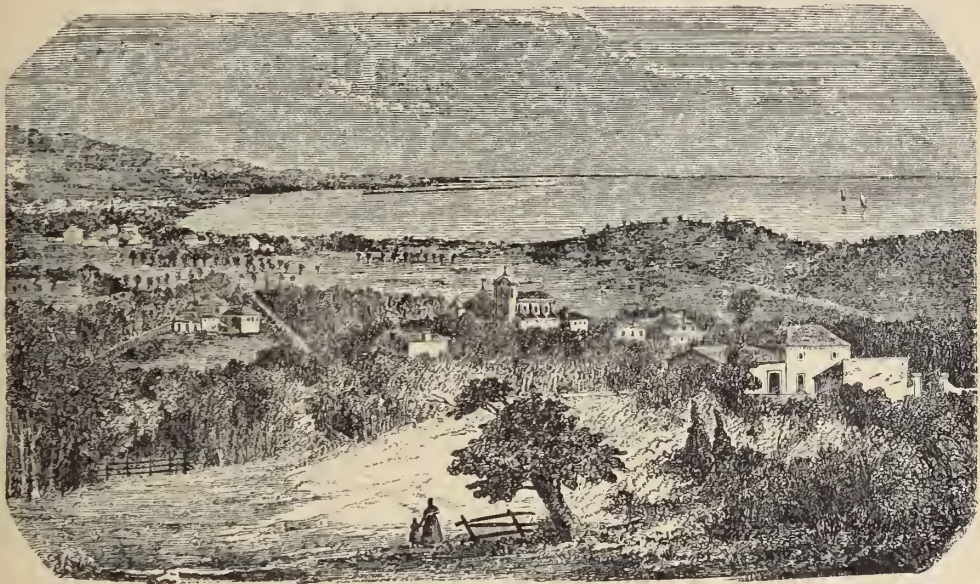
D. João IV e D. Affonso VI, se pensou em o fazer communicar com o oceano junto a Peniche.

Entram facilmente no Sacavem as faluas de carga, e é este, com certeza, um dos accidentes mais pittorescos da povoação.

Ao pé da estação do caminho de ferro avultam as chaminés bojudas da fabrica de ceramica, de Gilmane & C.<sup>a</sup>

Aqui se produz a conhecida *louça de Sacavem*, para serviço de mesa,—os pratos, terrinas e chicanas que ha trinta annos ou mais eram quasi grosseiros, mas solidos e fortes como o caracter inglez.

Lembram-me, principalmente, os pratos, de colorido escuro, em cujo fundo havia um desenho imperfeito, representando uma estatua equestre — o cavallo empinado. o



35 — Vista geral dos Olivaeis

cavalleiro com o braço direito scerguido n'uma attitude de commando —, tudo isto rodeado por varios accessorios decorativos, uma columna, uma torre, uma casa de campo, e arvores e flores tão confusas como tôscas.

Hoje o fabrico da louça de Sacavem está muito aperfeiçoado. A fabrica, cujo deposito em Lisboa é na rua da Prata, já produz pratos e chavenas de lindo colorido e desenho nitido, sendo a massa translucida.

Sobre o rio Sacavem passa o alto viaducto do caminho de ferro <sup>1</sup>, a ponte-syphão do Alviella, e a ponte que, destinada ao transito publico, assenta em tres arcos de ferro sobre quatro pérgões de granito, cylindro-conicos, havendo a meio do taboleiro um rodizio para o levantar, quando assim seja preciso á navegação.

Os arcos foram fundidos no Arsenal do Exercito, com muita pericia, mas com grande despesa, por faltarem ainda então em Portugal <sup>2</sup>, os apparelhos necessarios, e já adoptados em outros paizes.

<sup>1</sup> Veiu de Inglaterra já feito, e foi assente pelo engenheiro Black.

<sup>2</sup> Era em 1840. Encontramos estas informações no IV vol. do *Panorama*, pag 152.

A fundição fez-se em duas fornaças, que existiam na Fundição de Cima, e eram quasi do tempo em que ali se moldou a estatua equestre do Terreiro do Paço.

Os nossos chorógraphos dão uma complicada noticia das pontes que outr'ora existiram sobre o rio Sacavem.

Mas todos elles são concordes em falar de uma antiga ponte de cantaria que a tradição diz ser do tempo dos romanos, e talvez fosse.

D'esta ponte ainda havia vestigios na epoca (seculo xvii) em que Miguel Leitão de Andrada escreveu a sua *Miscellanea*.

Quanto ás pontes que se lhe seguiram, deixamos de parte o que escreveram Pinho Leal e outros, para seguir a informação do *Panorama* <sup>1</sup>, que nos parece mais clara e segura: «No reinado da sr.<sup>a</sup> D. Maria I, sendo secretario d'estado José de Seabra da Silva, planisou-se a edificação de uma outra ponte de tres arcos, que foi de feito delineada pelo architecto francez José Auffdiener, sendo avaliado o seu custo em trescentos mil cruzados. Nos principios d'este seculo (xix) tentou-se novamente uma similhante construcção, que a invasão dos francezes não permittiu realisar.»

Anteriormente ao principio do reinado de D. Maria I havia no rio Sacavem uma barca de passagem, cujo modelo tinha sido aperfeiçoado pelo infeliz Bento de Moura Portugal. <sup>2</sup>

A ponte actual foi contratada com uma empresa particular, e concluiu-se em breve tempo.

Logo ao sahir da estação entra-se na rua *Domingos José de Moraes*, assim chamada porque este opulento industrial, ha pouco fallecido, aqui mandou construir a grande fabrica de moagens, que depois da sua morte passou a ser explorada por um syndicato.

A rua é extensa, postoque não muito larga.

De um lado corre o vasto edificio da fabrica; do outro alinham-se os armazens e depositos d'ella.

Desde a fabrica até á estação estão assentes carris de ferro por onde deslisam, a impulso de braços, zorras que transportam os productos da mesma fabrica.

A fachada principal do edificio, sobre cujo portão se lê — Fabrica de moagens a vapor de Domingos José de Moraes & Irmão —, dá para o Largo da Feira, cujo nome provém de se fazer aqui, no mez de maio, a feira annual de Sacavem.

Esta feira dura tres dias: a ella concorrem todas as especies pecuarias, alem de quinquilharias, theatros populares, etc.

Ainda ha em Sacavem mais tres fabricas: uma de estamparia e tinturaria, de Rigoni Corrêa d'Oliveira & C.<sup>a</sup>; outra de estamparia, de Humberto Santos & C.<sup>a</sup>; outra de papel pintado, propriedade de Augusto Dias.

E' no Largo da Feira, e n'um plano superior a elle, que se eleva a igreja parochial, com o edificio que foi convento de religiosas capuchas, fundado um 1577 por Miguel de Moura, escrivão da puridade d'el-rei D. Sebastião, e sua mulher D. Beatriz da Costa.

Esta piedosa fundação memorou o facto de ter aquella dama sahido incólume de um incendio, que devorára os armazens de polvora então existentes á Pampulha, em Lisboa, junto á casa da sua residencia.

Os fundadores do convento deram-lhe a invocação de Nossa Senhora dos Mar-

<sup>1</sup> *Panorama*, vol. IX, pag. 330.

<sup>2</sup> Veja-se sobre este assumpto a sua obra *Inventos e varios planos de melhoramentos para este reino escriptos nas prisões da Junqueira*, e a carta dirigida pelo mesmo auctor ao conde de S. Lourenço.

Bento de Moura Portugal falleceu em 1777.

tyres, porque no sitio onde foi edificado haveria já uma ermida da mesma invocação, mandada erigir por D. Affonso Henriques.

Segundo a tradição, alguns dias depois de ter começado o cêrco ao castello de Lisboa, os mouros da Extremadura, vendo o aperto em que se encontravam os sitiados, e a sujeição em que os arrabaldes ficariam se a alcáçova fosse ganha pelos christãos, levantaram cinco mil cavallos, com que se fizeram na volta da cidade.

Foi Affonso Henriques avisado d'esta investida dos mouros, quando elles vinham perto de Sacavem.

Acudiu el-rei com gente que lhes impedisse aqui a passagem, mas não a tempo de evitar que elles atravessassem a ponte romana.

Travou-se rija peleja entre uns e outros, e muitos de ambos os exercitos pereceram no embate. Finalmente a victoria decidiu-se pelos portuguezes, que ao auxilio da Virgem Santissima a agradeceram.

Uma relação, contida no livro dos Privilegios da Torre do Tombo, dá noticia d'esse lendario successo :

«El-rei mandou logo fazer hi um oratorio de Nossa Senhora dos Martyres, e o primeiro ermitão que teve cuidado d'elle, foi Bezai Zaide, mouro alcaide do Castello, que está no cimo alto no braço do mar, o qual foi na volta, e fugiu para seu Castello, e o entregou logo aos christãos, dizendo que vira a Virgem em visão, e lhe dissera que haviam de ser desbaratados, e este mouro era muito amigo dos christãos, e caridoso a todos, e se fez christão, e tal morreu. Foi de muito boa vida, e morreu n'esta casa ha muito tempo, e sua mulher e seus filhos todos morreram christãos. Acabada esta batalha foram enterrados os christãos, sobre o dito braço do mar ao redor do Orador da Virgem, e muitos juntos, e visto os muitos mortos que havia, lhe pozerem ás cabeceiras da parte do chão cruces de pedra para saberem que eram christãos. E n'esta volta se affirma que viram os christãos muitos homens estranhos entre elles, que os ajudaram a rogo da Virgem que estava por elles rogando, devendo ser a seu bento filho, pelo que esta casa foi a primeira que se fez derredor de Lisboa, que se começou a dez dias depois da batalha, e vinte depois do cêrco.»

El-rei D. Sebastião, querendo perscrutar as memorias guerreiras do principio da monarchia, mandou inquirir do acontecimento de Sacavem, e achou ainda tradição oral do combate e do milagre.

Sem embargo, Alexandre Herculano, em a nota xxiii ao 1.º vol. da *Historia de Portugal*, considera uma fabula o recontro de Sacavem, dizendo, pela razões ahi allegadas, que «os erros grosseiros de historia são quasi tantos como as palavras» em toda essa narrativa.

A igreja é parochial desde 1863.

O convento é hoje quartel da 3.ª bateria da artilharia de guarnição n.º 1.

Esta bateria fornece o pessoal do forte de Sacavem, que está provido de material de guerra, e faz parte do campo entrincheirado de Lisboa.

Ao Largo da Feira, e pouco mais, se reduz Sacavem de Baixo, principal centro de commercio.

E' n'este bairro que funcionam, n'um unico edificio que tem o aspecto de *chalet*, as duas escolas officiaes para o sexo masculino e para o sexo feminino.

Pertence o edificio a Antonio Luiz de Moraes, irmão dos proprietarios da fabrica de moagens, Domingos e José.

Por toda a parte, em Sacavem de Baixo, se ouve ou lê o appellido d'esta familia que, em verdade, muito fez prosperar a povoação.

Uma capella, que pertenceu aos condes de Barbacena, está profanada: vimos n'ella uma loja de negocio.

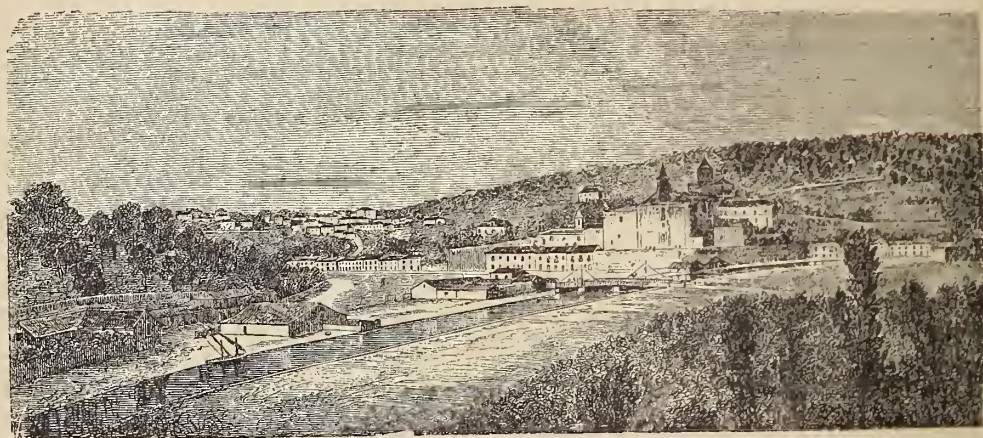
Na subida de Sacavem de Baixo para Sacavem de Cima gastam-se apenas uns cinco minutos.

O bairro alto é mais povoado que o baixo, se bem que menos esparecido.

Tem ruas estreitas, uma das quaes, a Direita, é torta, para não fugir á regra geral.

Depara-se-nos em Sacavem de Cima uma casa apalaçada, com sua capella anexa.

Pertence ao sr. Anselmo Braamcamp Freire, par do reino, que tambem é proprietario da quinta chamada da Victoria; da quinta e marinhas da Aldea (além do rio Sacavem); e da quinta do Carmo.



36)— Vista geral de Sacavem

A' quinta da Aldea se refere Julio de Castilho em a — advertencia — com que precede, no livro *Manuelinas*, a poesia «Singela historieta», que principia assim :

Vou contar uma historia. E' historia, sonho, ou fabula  
(não sei que nome tem).

Vou contar-lhes um caso acontecido ha dias  
commigo em Sacavem.

Diz-se que a primitiva capella da quinta da Victoria tivera a invocação de Nossa Senhora dos Prazeres, e que ahi os christãos celebravam seu culto mediante um tributo que pagavam aos mouros; mas que depois do combate de Sacavem, a que já nos referimos, Affonso Henriques lhe mudára a invocação para a de — Senhora da Victoria.

E' no bairro alto que está installada a estação dos bombeiros voluntarios, e a estação telegrapho-postal.

Ha n'este bairro um unico largo, com a ermida da Saude, onde se celebra annualmente, no mez de setembro, um lindo arraial como os de Santo Antonio e S. João. <sup>1</sup>

Tambem aqui esteve, n'este largo, a antiga igreja parochial, que o terremoto de 1755 destruiu.

Depois a séde da parochia passou para a capella da quinta da Victoria, e d'ahi, finalmente, para a igreja do convento.

Tanto em Sacavem de Cima como em Sacavem de Baixo foram improvisados uns theatrinhos em lojas que anteriormente serviam para outros fins.

<sup>1</sup> A devoção com a Senhora da Saude data, em Sacavem, do tempo da *peste grande*, 1599.

Um d'esses theatrinhos é o da *Sociedade Dramatica*, situado no largo da Victoria.

O titulo de visconde de Sacavem foi concedido em 30 de julho de 1874, em duas vidas, ao sr. José Joaquim Pinto da Silva, filho de um negociante do Porto, e residente em Lisboa.

A população de Sacavem perdeu o caracter ribatejano, como acontece na da Povia de Santa Iria, para exhibir o traje e o aspecto saloio, por natural influencia de uma proxima visinhança.

E, a proposito do povo, lembra-nos que Pinheiro Chagas contou na *Illustração Portuguesa*<sup>1</sup> que o d'esta villa dá serio «cavaco» com o annexim:

Burro vae, burro vem  
De Lisboa p'ra Sacavem.



37 — Ponte-syphão do Alviella em Sacavem

Ora este annexim é applicado ao povo de Sacavem unicamente por força de consoante.

Data originariamente do tempo de D. Fernando o *Formoso*, quando os castelhanos invadiram Portugal, e o rei portuguez, simulando querer combatel-os, mas tendo d'isso pouca vontade, ia de Lisboa a Santarem, voltando logo, para tornar depois.

O annexim foi parodiado no tempo das guerras civis, como diremos no artigo *Santarem*.

A villa de Sacavem, pela sua posição na estrada de Lisboa ao Porto, a dez kilometros da capital, colheu sempre beneficios do transito publico, como hoje os está recebendo do caminho de ferro, especialmente do serviço de tramways. E' um centro de commercio importante, vitalisado pela industria moderna.

O caminho de ferro de norte e léste, que começou pelo troço de Lisboa a Santarem, foi provisoriamente concedido á companhia representada por mr. Hislop, em 15 de agosto de 1852.

A primeira secção abrangia o traçado comprehendido entre Arroyos e Sacavem.

<sup>1</sup> Segundo anno, n.º 3, *De alguns proverbios portuguezes*.

Esta povoação, como todas as dos arredores de Lisboa, offereceu outr'ora pousada aos reis e á côrte.

Por occasião da peste de 1415, D. João I retirou para Sacavem, onde esteve durante os mezes de fevereiro, março e abril d'aquelle anno.

Mas a epidemia chegou a Sacavem, e D. João sahiu d'aqui para Odivellas.

A rainha ficou, e estando na igreja em oração, sentiu os primeiros symptomas da peste: falleceu aqui, segundo Ruy de Pina; ou em Odivellas — para onde a teriam transportado — segundo a circumstanciada narrativa de Azurara, a que dou mais fé, e por isso já segui n'este livro.

Sacavem fornece um elemento á historia das academias portuguezas, porque no seculo XVIII funcionou aqui a dos *Obzéquiosos*, em casa do seu fundador o bacharel João Dias Talaya Souto-Maior, que foi capitão de ordenanças e picador da casa real.

Esta academia tinha por unica empresa «cantar os annos e as acções da familia real».

Talaya, como alguns outros socios, discursava em prosa e verso sobre aquelles dois assumptos.

Por castigo da sua mania litteraria e da sua paixão tauromachica foi o pobre Talaya tratado zombeteiramente pelo Lobo da Madragôa, por Bocage, e até pelo grave mas disfrutador Filinto.

Tambem Talaya teve em Sacavem uma praça de touros, onde picava com desastrosa impericia, a darmos credito aos sonetos do Lobo.

No ultimo quartel do seculo XIX, como faltassem Talayas, Sacavem perdeu o gosto pelas touradas, deixou ir a terra uma praça que fôra estreada em maio de 1875; mas no verão de 1905 construiu-se e inaugurou-se aqui a praça actual.

A villa outra vez se «talayou» tauromachicamente.

Depois da revolução liberal do Porto em 1820, a junta provisional d'aquella cidade dirigiu-se a Lisboa e estacionou com o exercito do norte em Sacavem, onde os patriotas constitucionaes realisaram varios festejos, e cantaram um hymno composto pelo dr. Francisco José de Almeida.

Uma quadra dizia :

Viva el-rei! No seio viva  
Da santa religião!  
Seja esteio do seu throno  
A nova Constituição.

Pois sim, pois sim, o peor foi 1823; e adeus cantigas; adeus constituição.

Além dos theatrinhos, a villa tem uma — Sociedade Instrucção e Recreio Sacavense.

Vamos seguindo viagem, que já nos espera outra povoação importante, e outra estação da linha ferrea.

E' a Póvoa.

Póvoa de Santa Iria ou Santa Iria da Azoia, como lhe chama o censo geral da população em 1900, é uma freguezia que pertence actualmente ao concelho de Loures.

Mas já pertenceu ao extinto concelho de Alverca, e depois ao de Villa Franca de Xira.

O seu orago é Santa Iria.

Chama-se-lhe — Povoá —, do nome de um dos seus logares, a que Baptista <sup>1</sup> sempre ouviu chamar villa.

<sup>1</sup> *Chorographia moderna*, vol. IV, pag. 814. Lisboa, 1876.



Diz-se Santa Iria «da Azoia» porque Azoia é outro lugar da mesma freguezia, onde existiu um convento de arrabidos, fundado em 1584.

O padre Carvalho menciona o lugar da Povia de D. Martinho, que em 1708 era dos condes de Villa Nova de Portimão; segundo o mesmo auctor, havia ahi uma grande quinta e numerosas marinhas, cujo sal se dizia ser mais alvo e melhor que o de Setubal.

Ainda hoje o sal constitue uma das fontes de receita d'esta freguezia, que é populosa, pois contêm 1:505 habitantes de ambos os sexos.

O lugar da Povia demora a pouco mais de um kilometro do Tejo.

E a estação do caminho de ferro de norte e léste, denominada da Povia, fica proxima da povoação, para léste.

Funcionam aqui duas fabricas importantes, a da *Companhia de moagens da Povia de Santa Iria*,<sup>1</sup> e outra de superphosphatos e adubos compostos, propriedade de Henry Bachoffen & C.<sup>2</sup>

Tambem ha, em exploração, uma nascente de aguas mineraes.

Tem a Povia um theatrinho, onde o Grupo Dramatico Povoense realisa espectaculos.

E' n'esta freguezia que se acha situada a quinta dos antigos marquezes de Abrantes, onde se faz em maio a romaria de Nossa Senhora da Piedade, muito concorrida por gente da Povia, Via Longa, S. João da Talha, etc. Ha bailes e descantes, e animado arraial.

Agora nos ocorre a proverbial locução «légua da Povia», que não sabemos se se referirá a esta Povia, ou a qualquer outra do sul ou do norte.

A légua moderna tem cinco kilometros, a antiga tinha mais de seis, mas lá vem a da Povia, que é maior que todas.

E para que se não diga que este nosso capitulo pode medir-se pela «légua da Povia», paramos aqui.

---

<sup>1</sup> Fica entre Sacavem e a Povia.





38— Typos de campinos a pé e a cavallo (Cópia do natural)

## VI

# Aldea Gallega do Ribatejo

### I

#### A SÉDE DO CONCELHO



ESTAMOS a 23 de janeiro de 1904. São 8 horas em ponto, e o *Lusitano* larga da Ponte dos Vapores, no caes do Sodré, em direcção a Aldea Gallega do Ribatejo.

O sol não pôde ainda romper a névoa. Uma aragem fria sopra de nórdeste. Temos agua contraria, e o Tejo, pardacento, ondula encrespado.

A casaria de Lisboa esfuma-se sobre um fundo côr de cinza, delineando mal os seus contornos e accidentes; a margem do sul está ainda mais sombria e confusa.

A bordo encontro duas pessoas conhecidas: o dr. Manuel d'Arriaga e o dr. Alexandre Braga, que vão a Aldea Gallega tratar de uma questão judicial.

O vapor arfa cavernosamente, luctando com a vasante. De vez em quando os salpicos da vaga galgam por cima da amurada, e não poupam os passageiros.

O que vale é que a viagem é curta. O Padre Carvalho na *Corografia* calcula em tres léguas a distancia entre Lisboa e Aldea Gallega; eu creio que é um pouco mais, dezoito kilometros talvez.

Tejo acima, algum raio de sol, afastando debilmente a névoa, consegue aclarar por momentos a margem esquerda e as suas povoações: ao passo que a margem direita parece agora mais embrulhada e sombria do que no momento da partida.

Entrevêmos de passagem o Seixal, o Barreiro, o Lavradio, a Moita; dobramos a ponta de Montijo e entramos, finalmente, no amplo esteiro ou golfo, <sup>1</sup> que, mais se-

<sup>1</sup> Os marinheiros do Tejo chamam-lhe impropriamente canal.

reno do que o Tejo, se desvia e encurva para éste, conduzindo á enseada de Aldea Gallega.

O dr. Manuel d'Arriaga pergunta-me se já conheço a villa, a qual principia a alvejar, n'uma extensa linha recta, ao fundo do esteiro.

Respondo-lhe que vou vê-la pela primeira vez, e que o seu aspecto longinquo me está dando a impressão de ser uma das mais importantes povoações do Ribatejo.

— Não ha duvida, me responde elle. E' uma villa rica, onde se não encontra um unico pedinte. Conheço-a desde muitos annos.

Aproximamo-nos de terra, e a faixa branca da povoação, com os seus telhados de irregular altura, desenrola-se em mais viva nitidez. A chaminé de uma fabrica sacode no ar o seu pennacho de fumo. Ao oriente de Aldea Gallega, sobre o prolongamento do golfo para dentro da Lançada, dois moinhos trabalham activamente rodopiando as vélas.

O *Lusitano* aprôa á ponte dos vapores, construida sobre um alto paredão de cantaria.

A' esquerda fica-nos o caes da villa, reintrante como uma doca, onde fundeam algumas dezenas de faluas de carga.

Reconhece-se logo, effectivamente, que estamos n'uma povoação rica, vitalisada por um incessante movimento commercial.

Mas não padece duvida tambem que Aldea Gallega já foi mais animada e concorrida, antes da construcção das linhas ferreas de sul e suéste, quando era paragem obrigada de mercadorias e passageiros entre o Alemtejo e Lisboa.

No seculo XVIII, diz a *Corografia* e repete-o J. A. de Almeida no seu *Diccionario*,<sup>1</sup> havia em Aldea Gallega nove estalagens tidas como as melhores do reino, e um grande estanque de palha para as cavalgadas.

As origens da povoação explicam-se facilmente pelas vantagens da sua mesma situação topographica entre o Alemtejo e Lisboa. Logar frequentado por almocreves e viajantes, fundar-se-ia aqui um nucleo de commercio para explorar as urgencias do transito.

A lenda, transmittida pelo Padre Carvalho, conta que a primeira locanda que se estabeleceu n'este sitio pertencia a uma gallega, de nome Alda, vindo d'ahi á terra a denominação de Aldagallega.

Eu, sem dar grande valor ao assumpto, pendo a crêr que o primitivo nome da povoação não seria Alda, mas Aldea Gallega, talvez por serem da Galliza os primeiros negociantes que se aldearam aqui; tanto mais que os nossos chorógraphos dizem que, para a differença da Aldea Gallega da Merceana no concelho de Alemquer, se lhe acrescentou — do Ribatejo.

Ora, se esta villa era Aldagallega não podia confundir-se com a Aldea Gallega da margem direita do Tejo.

E se o complemento possessivo — do Ribatejo — foi necessario, é porque a confusão nascia de haver duas Aldeas Gallegas, uma na margem direita e outra na margem esquerda.

Em alguns documentos antigos apparece a graphia «Alde a gallega», talvez por suggestão da lenda, porque as tradições podem mais no uso geral do que as razões etymologicas.

E' certo, porém, que em outros documentos se orthographa «Aldea Galega do

<sup>1</sup> *Diccionario abreviado de chorographia, topographia, e archeologia das cidades, villas e aldeas de Portugal*, em 3 volumes. Valença, 1866.

Ribatejo»; que o Padre Carvalho assim escreve, e que os nossos velhos de ha um seculo diziam assim.

Hoje, nos documentos officiaes, incluindo o *Censo geral da população do reino em 1900*, lê-se «Aldea Gallega».

Os habitantes da villa querem agora chamar-lhe «Aldegallega», como que mostrando-se envergonhados da sua aldeia originaria. Mas eu acho que os progressos da povoação, e a prosperidade de que actualmente goza, não se amesquinham, antes se engrandecem, quando relembramos o humilde inicio da primitiva povoação.

Villa Real de Traz-os-Montes, que bem podia ser hoje uma cidade, não deseja perder o titulo de villa, que lhe é honroso.

Por todas as razões allegadas, e em harmonia com a nomenclatura official, diremos sempre — Aldea Gallega do Ribatejo.

Antes de D. Manuel, esta povoação formava com Alcochete uma só parochia, instituida na igreja de S. Francisco, a igual distancia, dois kilometros e meio, entre ambas as povoações; a qual igreja ficou sendo o termo limitrophe entre os dois povos.

Segundo o Padre Carvalho, a primeira séde da freguezia de Aldea Gallega, depois da autonomia parochial, foi a igreja de S. Sebastião.

Hoje, a matriz é outra, como havemos de vêr.

D. Manuel deu tambem regalias municipaes á nova parochia de Aldea Gallega pelo foral de 15 de setembro de 1514.

O mestrado de Santiago, então exercido pelo bastardo de D. João II, olhava orgulhoso do alto de Palmella para a florescente povoação que ia medrando junto ao esteiro do Tejo, e quando ella lhe pedia auxilio para edificar uma igreja mais perto do caes, apenas consentia que o povo de Aldea Gallega se fintasse para esse fim, tão laborioso e abastado o julgava já.

Mas o vapor *Lusitano* amarrou ao caes, e é preciso desembarcar.

Mal puz o pé em terra, e emquanto ia atravessando o atêrro que da ponte dos vapores conduz á villa, tratei de saber qual era o melhor *hotel* e quantos havia.

— Tres, me responderam. O do *Ribatejo*, o *Alemtejano*, e o *Lisbonense*. Mas é preferivel a Sara.

— Então ha quatro.

— Não ha. A Sara é a hespanhola que dirige o *Hotel do Ribatejo*.

— Pois então irei para esse, por duas razões á falta de uma: o titulo *Ribatejo* tem côr local; e a nacionalidade da Sara tambem a não deixa de ter, se nos lembrarmos da antiga tradição de Alda a gallega.

A julgar por aquelle que me inculcavam como melhor *hotel*, devo dizer que a importante villa de Aldea Gallega deixa muito a desejar na questão de *hoteis*.

O do *Ribatejo* é pequeno.

Entra-se por uma taberna, detraz da qual fica a estreita casa de jantar. No pavimento superior ha alguns quartos de cama do tamanho de bocêtas de chapéo. Asphyxia-se ali.

Appareceu-me a Sara, alta e magra, tendo n'isto alguma coisa da sua homonyma Bernhardt.

Conserva ainda, comquanto fale portuguez, o sotaque hespanhol.

Almocei «tant bien que mal» e fui vêr a villa.

As ruas são largas e planas.

Conhece-se que estamos na região de entre Tejo e Sado, que tem como typo primordial a cidade de Setubal.

As ruas e as casas não fogem a este modêlo. Ao lado de cada rua correm as regueiras, como em Setubal; mas em Aldea Gallega chamam-lhes «reganos». As casas,

segundo o antigo typo setubalense, são de um andar, e muitas d'ellas conservam ainda as portas de rótulas, a gelosia, como se via d'antes em Setubal.

Esta cidade lembra tambem, em Aldea Gallega, peio facto de se andar vendendo a agua potavel em pipas pela rua: cada 30 litros custam 10 réis.

Os despejos são arrastados pelos «reganos»; os dejectos são recolhidos em carroças municipaes.

Mas as ruas de Aldea Gallega sobrelevam as dos bairros antigos de Setubal — o de Troino, por exemplo.

Ha na villa muitas casas de um só andar; constituem até o maior numero.

Sem embargo, teem sido edificados alguns predios de excellente apparencia, taes como os palacetes de Manuel Soares Ventura, Antonio Luiz Nepomuceno, Manuel de Bastos Panellas; e o *chalet* do sr. Domingos Tavares, que é o proprietario mais rico de Aldea Gallega, actual presidente da camara.

A Praça Serpa Pinto constitue o coração da villa.



39 — Vista geral de Aldea Gallega

Ampla, se bem que irregular, tem corêto e bancos; lojas de commercio; e alguns dos palacetes já mencionados.

N'um dos recantos da Praça ergue-se a actual igreja matriz, cujo orágo é o Espirito Santo.

Foi restaurada em 1888.

O frontispicio é modesto: uma unica porta, sobre ella uma janella envidraçada; aos lados, duas torres que rematam em cupula.

O interior da igreja tem mais magestade: tres naves, separadas por columnas de granito; bellos azulejos representando passagens da vida de Nossa Senhora; pulpito de marmore encarnado; téa de pau santo com pilares de marmore d'aquella mesma côr.

A rua Direita, que parte da Praça Serpa Pinto, não é direita, como por via de regra acontece em todas as povoações; mas é extensa.

Encontra-se logo á entrada a casa da camara, em cujos baixos estão o açougue, e o mercado do peixe.

Chama-se-lhe lá «o Paço».

Tambem é n'esta rua que está situada a typographia e redacção do semanario *O Domingo*, que é propriedade do sr. José Augusto Saloio.

A este cavalheiro devemos as maiores amabilidades; entre ellas o obsequiar-nos com o primeiro numero do seu periodico.

Em épocas anteriores houve em Aldea Gallega as seguintes gazetas: *Jornal de Aldegallega do Ribatejo*, semanario dedicado á defeza dos interesses do cóncelho que compõem a comarca. Junho de 1880. Impresso em Lisboa — *A Comarca*, outubro de 1888.

Além da actual igreja matriz, tem Aldea Gallega mais os seguintes templos: de S. Sebastião (cemiterio), na rua d'este nome; a do Convento, na rua José Maria dos Santos; a da Misericórdia (com o respectivo hospital), no largo da Misericórdia; e a ermida do Senhor dos Afflictos, na quinta do Saldanha, estrada do Samouco.

A fundação da Misericórdia data de 1553.

O convento, que era de freiras, sob o patronato de Nossa Senhora da Conceição, está deshabitado.

Nada tem de importante.

Na sua igreja, por occasião da Procissão dos Passos, entra a imagem do Senhor e demora-se de um dia para o outro.



40 — Igreja matriz de Aldea Gallega

Pinho Leal conta uma anecdota a respeito da procissão dos Passos em Aldea Gallega. Colheu-a no *Diccionario* de J. A. de Almeida, que diz textualmente:

«Não perguntes aqui, como foi aquella procissão dos Passos, em que um pobre homem ia no andor figurando o Senhor com a cruz ás costas. O homem, ou por mal seguro, ou por qualquer outro motivo, cahiu do andor abaixo, e muito pêrro disse: «Só o diabo é que pôde servir de Senhor dos Passos!» — Leitor, se passares por esta povoação, não contes isto aos que n'ella habitam, porque te arriskas a ser desfeitoado.»

E' claro... que eu não fiz nenhuma pergunta a este respeito.

Mais duas palavras, apenas, sobre as ruas de Aldea Gallega.

Todas ellas, além de largas e planas, teem aspecto alegre, claro e attraente.

Uma, entre todas, se avanta em largura e talvez em extensão: é a de José Maria dos Santos. Parte da Praça Serpa Pinto, em frente da igreja, e vai entroncar na estrada do Samouco. E' n'esta rua que se acha estabelecida a estação telegrapho-postal; que

está, abandonado, o convento de Nossa Senhora da Conceição; e que foi edificada em 1866 a escola Conde de Ferreira. <sup>1</sup>

Ao fundo abairram-se os pescadores e, chegando ao caes, na volta para a estrada do Samouco, pouco depois de se deixar á direita um predio de boa apparencia que contrasta com os cardenhos dos pescadores, encontram-se as salinas de Aldea Gallega.

Direi desde já que, além da escola Conde de Ferreira, ha uma escola official para o sexo feminino, e uma escola municipal secundaria, o que faz honra á povoação.

Tambem ha varias aulas particulares para um e outro sexo.

Entre outras mais ruas da villa mencionarei a da Graça, que se segue á rua Direita; a rua do Conde, a rua do Poço, a rua do Forno, a rua do Quartel, a rua do Norte, a rua da Fabrica, a rua do Conselheiro João Franco, a rua Santos Oliveira, a rua do Tenente Valadim, a rua das Postas <sup>2</sup>, a rua do Lagar da Cêra, a rua Nova e a rua do Conde de Paçô Vieira, que era a antiga rua da Ponte.

O nome actual d'esta rua recorda os serviços ultimamente prestados a Aldea Gallega pelo conde de Paçô Vieira, quando ministro das obras publicas.

S. Ex.<sup>a</sup> mandou proceder á dragagem do esteiro junto ao caes, a fim de dar accesso a embarcações de maior lotação.

Esta obra importou em cêrca de 6:000\$000 réis.

Foi no dia 9 de agosto de 1903 que solememente se realisou a cerimonia da imposição do seu actual nome á antiga rua da Ponte.

Uma correspondencia de Aldea-Gallega descrevia, no dia seguinte, essa cerimonia, dizendo:

«Com grande solemnidade, como era natural, realisou-se hontem a mudança de nome da rua da Ponte, d'esta villa, para rua Conde de Paçô Vieira, como havia sido resolvido pela camara municipal, no dia em que o illustre ministro das obras publicas se dignou visitar esta terra e decretar para ella os melhoramentos a que já por mais de uma vez nos temos referido.

«A cerimonia principiou pelo içamento da bandeira nacional nos paços do concelho, seriam duas horas da tarde.

«Pouco depois sahiam da casa da camara os vereadores srs. Francisco da Silva, Antonio dos Anjos Bello e Marciano Augusto da Silva, que, acompanhados dos empregados do municipio e de muito povo, seguiram para a antiga rua da Ponte, que, como o seu nome indica, fica situada junto á ponte dos vapores e vai até á praça principal da villa.

«Ao encontro dos vereadores municipaes sahiu a banda da Sociedade 1.º Dezembro, que, tocando uma alegre marcha, os acompanhou até ao local da cerimonia.

«Os antigos titulos da rua tinham sido substituidos pelo nome do sr. conde de Paçô Vieira e achavam-se cobertos com uma cortina, que foi descerrada pelo sr. Francisco da Silva, vereador mais antigo e vice-presidente da camara.

«N'essa occasião a banda tocou o hymno nacional e deram-se vivas ao sr. ministro das obras publicas.»

<sup>1</sup> O Conde de Ferreira morreu no Porto a 24 março de 1866. Vê-se, pois, que a camara municipal de Aldea Gallega foi das primeiras que se aproveitaram do legado de 144:000\$000 réis que aquelle titular destinou á construcção de escolas (1:200\$000 réis para cada uma) nas cabeças de concelho.

<sup>2</sup> Posta era o que nós hoje dizemos alquilaria: casa que tinha cavallos e segos para jornadas, e serviço do correio. Mestre de postas seria o mesmo que alquilador. Este officio, em Aldea Gallega, andava n'uma familia, que enriqueceu a ponto de adquirir aqui uma quinta, chamada tambem das Postas pelo referido motivo.



Antigamente acontecia que muitas vezes, na occasião da vasante, os barcos davam em sêcco e não podiam atracar á praia.

Conta-se até, com referencia ao seculo XVI, que chegando el-rei D. Manuel, mais a sua comitiva, a Aldea Gallega, não pudera desembarcar por aquelle motivo.

Chamou se um pescador que por acaso ali estava perto, e elle prestou-se a transportar el-rei ás cavalleiras.

Perguntou-lhe D. Manuel o que desejava em remuneração.

O pescador respondeu :

— Que el-rei acceitasse o cargo de juiz perpetuo do cirio dos pescadores da sua terra á Senhora da Atalaya.

D. Manuel prometteu, e cumpriu.

Quizeram desembarcar do mesmo modo os fidalgos da comitiva.

Mas o pescador negou-se dizendo :

— Que em cavallo d'el-rei se não montava mais ninguem.

Ha na villa, além da Praça Serpa Pinto, dois largos que se denominam — do Collegio e do Poço Novo.

Para este, não completo ainda, está voltada uma das fachadas do amplo edificio onde se acham reunidos o tribunal, a administração do concelho, a repartição de fazenda ; e, ao rés do chão, a cadeia.

E' um edificio moderno, de dois andares, expressamente construido para os fins que preenche.

O tribunal funciona no pavimento superior, para o qual se sóbe por uma escada de pedra, que se biparte á direita e á esquerda dos primeiros degraus.

Entre os melhores e mais modernos edificios da villa devo mencionar o do Asylo de S. José, fundado por disposição testamentaria de José Marques Contramestre.

E' destinado a receber velhos e velhas. Está concluido, mas ainda não foi inaugurado. Fica á sahida da villa, na estrada que vai para o Pinhal Novo e Moita.

O fundador consignou a este piedoso fim um legado de 30:000.000 réis.

Ha em Aldea Gallega varias fabricas, a saber: de telha e tijôlo, de guano, de oleos e de serração de madeira, bem como alguns fórnos de cal.

Mas a principal riqueza da villa não provém d'estas industrias, e sim da criação de gado suino.

Mostraram-me um edificio, no largo do Poço Novo, onde se procede á chacina d'este gado; e ao fabrico da «manteiga de porco» por modernos processos mecanicos.

Faltou-me tempo para o visitar.

Tem Aldea Gallega um club, que é frequentado pela melhor gente da terra.

As senhóras da villa saem a passear á noite. Apenas pude adivinhar o rosto de algumas através das gelosias. Mas, apesar do clima do Ribatejo ser sezonatico, reconheci que tanto as senhoras como as mulheres do povo tinham boa côr.

Notei tambem que os homens das classes inferiores usavam «capa á cavallaria» e disseram-me lá que gostavam muito d'este fato.

O classico barrête ribatejano completa o traje popular.

Ha na villa trez pharmacias.

O serviço de trens está nas mãos de dois alquiladores, João Vintem e José Vintem.

Mas grande numero de carroças ocorre constantemente ao tráfego commercial da povoação.

A festa principal que se faz em Aldea Gallega é a do Espirito Santo, que ordinariamente se realisa no mez de junho.

Dura tres dias.

Ha procissão, arraial, illuminações e touradas.

Não vi a praça de touros, mas, a julgar pelo exterior, pareceu-me de construcção antiga.

Aldea Gallega é, como temos visto, uma das mais ricas e desenvolvidas povoações do Ribatejo.

Além da criação de gado suino, a producção de vinho e batatas constitue uma das suas abundantes fontes de receita.

Dos vinhos da extensa região da margem esquerda do Tejo comprehendida entre Chamusca e Almada, diz Aguiar, nas suas *Conferencias*, que, como os da margem direita, são finos, distintos e conhecidos nos mercados estrangeiros, mas que os processos de fabrico não estavam ainda sufficientemente aperfeiçoados.

Tinha razão o dr. Manuel da Arriaga quando me asseverou que na villa não havia pedintes.

Vi dois, mas eram mendigos errantes, que vinham de fóra.

Não ha duvida que o aspecto da villa e dos seus habitantes denota bem-estar, conforto e tranquillidade

A villa tem uma só freguezia com 8:129 moradores.

O concelho, que faz parte do districto administrativo de Lisboa, e se completa com as freguezias de Canha e Sarilhos Grandes, tem uma população total de 10:538 pessoas de ambos os sexos.

A comarca é de 2.<sup>a</sup> classe.

Na villa não se faz nenhuma feira ou mercado, mas realisa-se um junto á estrada de Aldea Gallega a Alcochête, em S. Francisco — nome que provém das ruinas do antigo convento de religiosos recolletos, a que já alludi-

mos, e de que falaremos com mais largueza no artigo — *Alcochête*

Effectua-se este mercado no terceiro domingo de cada mez.

Tambem o commercio local costuma concorrer aos mercados mensaes do Pinhal Novo e da Moita.

Aldea Gallega tem recebido a visita de algumas personagens illustres.

Lord Beckford, que fez caminho por aqui ao retirar-se de Portugal, descreve a impressão que lhe causou a villa, tanto para o lado do Tejo como do Alemtejo.

«As margens baixas de Aldea Gallega — diz elle — são ridentes e um tanto montanhosas; ali se encontram muitas especies da tulipa, do iris, e de diferentes plantas bulbosas, cruzando junto dos pinheiros, que embellezam a região, e cuja sombra se estende até muito longe.»

Seguindo viagem desde Aldea Gallega aos Pegões, o aspecto transtagano entristece-o: «Para todos os lados que me voltasse, apenas via uma região esteril, exceptuando alguns troncos de pinheiros enfêzados, de oliveiras e de azinheiras».

Suas altezas o principe real D. Luiz Philippe e infante D. Manuel visitaram inesperadamente esta villa na tarde do dia 3 de abril de 1905, fazendo se conduzir a bordo do yacht *Sado*.



41 — Conde de Paçô Vieira



## II

## NOSSA SENHORA DA ATALAYA

O afamado santuario de Nossa Senhora da Atalaya está situado no monte d'este nome, quatro kilometros ao nascente da villa de Aldea Gallega.

Basta a denominação antiga do monte para dar a idéa de preeminencia sobre vastos terrenos, que, effectivamente, d'elle se avistam.

Ao norte descobrem-se do monte da Atalaya as salinas de Alcochête, o Samouco, Povia, Alverca, Alhandra e Villa Franca de Xira; ao sul, a villa de Palmella e a Arrabida; a léste as lezirias da antiga Casa do Infantado, o valle de Rio Frio e a vasta planura transtagana; a oéste o curso do Tejo desde as lezirias até á torre do Bugio, a cidade de Lisboa, as villas d'Almada, Seixal, Barreiro e a serra de Cintra dominando o litoral.

No cume do monte ergue-se a capella, precedida por um espaçoso adro com para-peito de pedra e escadaria.

Ao poente alonga-se, em declive, um terreno, limitado por tres cruzeiros, que se denomina «arraial de Nossa Senhora».

Por detraz da capella ha um pequeno olival, cuja producção alimenta as lampadas que allumiam a veneranda imagem.

A cabeça e faldas do monte constituem a coutada da capella, n'uma área de mais de 3:600 metros.

No «arraial» encontram-se algumas casas térreas (apenas quatro teem pavimento superior) mandadas construir em diversas épocas pelas confrarias, que já então aqui traziam cirios, para n'ellas terem accomodação certa.

Na encosta do monte, a nordéste da capella, e distante quinhentos metros, brota a fonte junto á qual, segundo a tradição, apparecêra a imagem de Nossa Senhora dentro de uma aroeira.

Constando a apparição, os vizinhos do logar guardaram a imagem n'uma casinha que alvejava solitaria no monte. Correu fama, afervorou-se a devoção, e erigiu-se uma ermida. Mas diz a lenda que a imagem reapparecêra, pouco depois, na humilde casa d'onde a haviam tirado, e que este facto se repetira muitas vezes após outras tantas mudanças. Os devotos resolveram então mandar fazer uma outra imagem, mais pequena, que se ficou chamando «Senhora Moça» e que foi collocada no altar-mór da ermida; a primeira e antiga imagem deixaram-n'a no logar que ella preferia, convertendo para esse fim a predilecta casinha em sacristia da ermida.

Actualmente esta imagem está no throno da capella mór; a imagem pequena foi collocada junto ao sacrario e abaixo d'elle.

O nome — da Atalaya — veio certamente do monte; se bem que alguns digam «Nossa Senhora dos Pinheiros», por motivo de, coroando o cume, haver outr'ora basto pinheiral.

O que é certo é que nos estandartes, bandeiras e registos antigos a imagem de Nossa Senhora surge d'entre pinheiros.

A devoção dos cirios, denominação que teve origem nas grandes vélas de cêra que se usam nas romagens e procissões, <sup>1</sup> é muito antiga pelo que respeita á Atalaya.

<sup>1</sup> Em o norte do paiz, a equivalencia de cirios, no sentido de procissões ou romagens, é *clamores*, por derivacão dos canticos religiosos entoados pelos romeiros ou devotos.

Sabe-se que em 1607 já aqui concorriam 23.

Em 1823 o numero elevava-se a 34.

Vamos mencionar os que hoje nos são conhecidos no presente e no passado : cirios dos pescadores de Aldea Gallega e Setubal; dos maritimos solteiros de Alcochête; dos maritimos casados de Alcochête; cirios de Palma, Oeiras, da alfandega de Lisboa, da antiga villa de Coina, de Sarilhos Grandes, de Sarilhos Pequenos, de Alcochête, de Cabrella, Alhos Vedros, de S. Lourenço e S. Simão de Azeitão, cirio velho e cirio novo de Setubal, da villa de Cezimbra, do termo de Cezimbra, do Seixal, de Cacilhas, de Sacavem, da Arrentella, do Barreiro, da Quinta do Anjo, de Palmella, do Lavradio, dos pretos creoulos de Lisboa, dos pretos do Bairro Alto de Lisboa, cirio dos Montes, dos pretos do bairro d'Alfama, cirios da villa de Canha, da villa da Moita, cirio do terremoto d'Aldea Gallega; da villa de Oeiras, do Menino Jesus da Atalaya, da cholera morbus de Aldea Gallega, da freguezia dos Anjos de Lisboa, de Samora Correa, de Chellas, de S. Sebastião da Pedreira de Lisboa, da freguezia de S. Bartholomeu do sitio do Beato Antonio; das freguezias de S. Lourenço, Arroyos, Santa Isabel, Santos-o-Velho novo cirio de Santos-o-Velho, Santo Estevam, Santa Engracia, Ajuda, convento das Monicas e mosteiro de S. Salvador, de Lisboa; do sitio dos Olhos d'Agua, da Carregueira; da freguezia da Annunciada de Setubal; cirios das Francezinhas e Lapa, de Lisboa.

Como o leitor terá deprehendido, alguns d'estes cirios foram instituidos por voto religioso e occasião de calamidades publicas: as invasões de peste, o terremoto de 1755, a cholera-morbus.

Tres d'elles tem o titulo honorifico de «reaes»: são o da Ajuda, que data de 1757; o de Santa Izabel, organizado em 1857; e o das Francezinhas, ao qual aquelle titulo foi concedido pela actual rainha no seguinte diploma:

«Sua magestade a rainha D. Amelia de Orleans, primeira juiza do cirio de Nossa Senhora da Atalaya, que se venera na igreja do convento do Crucifixo (vulgo Francezinhas), faz saber a todos que este cirio virem o reconheçam como real, que para constar se passou este diploma, que pela mesma augusta senhora vai assignado.»

A capella da Senhora da Atalaya, que foi reedificada no seculo XVIII, é de uma só nave e de architectura singela.

A sua entrada olha para o occidente: tem um alpendre com tres arcos de cantaria e bancos de pedra.

Sobre o alpendre assenta o côro.

As paredes interiores da capella são revestidas, em dois terços da sua altura, por azulejos que representam os mysterios da vida de Nossa Senhora.

No altar-mór, que é de marmore, está a imagem da Senhora dentro de uma tribuna alta, de bella talha, e envidraçada.

Sotoposto ao sacrario ha um nicho com a imagem pequena, mettida n'uma linda maquinêta de prata.

Tem a capella dois altares lateraes: um, lado do Evangelho, dedicado a Nossa Senhora das Neves; outro, lado da Epistola, dedicado a Santo Amaro, se bem que n'este altar se venerem tambem as imagens de S. Lazaro, Santa Luzia, Nossa Senhora das Dôres, Santa Maria Magdalena e S. João Evangelista.

Aos lados do arco cruzeiro abrem-se duas portas: a do norte, dá communicação para a sacristia; a do sul, para o pateo das casas onde costumam alojar-se os ecclesiasticos por occasião dos cirios.

Como já disse, julga-se que a actual sacristia corresponde á primitiva casa da Senhora da Atalaya.

E' aqui, cobrindo as paredes, que estão depositadas as offerendas dos devotos, vulgarmente chamadas *milagres*: moldes de cêra, mortalhas, habitos, mulêtas, quadros, etc.

No corredor pendem duas grandes pelles, uma de giboia, outra de jacaré, em memoria de dois factos prodigiosos; e guardam-se, dentro de varias caixas, as vélas offer-tadas pelos *cirios*.

Por detraz da capella fica a torre, que tem um sino, grande, e bem timbrado.

Por cima da cupula do santuario ha um terraço, mandado fazer pelo governo em 1854, e que serve de ponto de referencia para estudos geodésicos.



43 — Registo de N. S. da Atalaya

Antigamente as villas de Alcochête e Aldea Gallega, quando reunidas n'uma só parochia, costumavam apresentar, conjuntamente, o ermitão-capellão da ermida de Nossa Senhora da Atalaya.

Depois, por commum accôrdo entre os dois povos, ficou a administração da igreja de Santa Maria de Sobonha <sup>1</sup> á villa de Alcochête, e a administração da ermida da Atalaya á villa de Aldea Gallega.

O mestre da Ordem de Santiago, D. Jorge, confirmou, em 1540, este accôrdo, reservando para si, porém, o direito de visitação e governança.

Mais tarde, os dois povos, de Alcochête e Aldea Gallega, pleitearam, renhidamente, o direito de apresentação.

Quando foram incorporadas na Corôa todas as igrejas, capellas e ermidas que eram da Ordem de Santiago, a apresentação passou a ser feita pela camara de

Aldea Gallega, mediante confirmação dos reis de Portugal como governadores e perpe-tuos administradores dos mestrados de todas as ordens militares.

Ultimamente, a apresentação tem sido feita pelo governo, sendo a posse dada pelo administrador do concelho de Aldea Gallega.

Até hoje contam-se 21 capellães do santuario da Atalaya; e dois administradores, que foram D. Rodrigo de Moura e Mendonça e José Maria de Lacerda Castello-Branco.

A imagem teve outr'ora uma aia, que lhe guardava as alfaias e joias, e a vestia. A nomeação era feita pela camara municipal de Aldea Gallega, e, segundo um diploma de 1687, esta prerogativa passou depois para a Corôa.

<sup>1</sup> Veja-se o que sobre este assumpto diremos no artigo Alcochête.

O santuario de Nossa Senhora da Atalaya tem inspirado sempre grande devoção aos povos do Ribatejo.

Algumas testas coroadas o visitaram devotamente, taes como el-rei D. João V, a rainha D. Marianna d'Austria, e seu filho D. José, ainda então principe do Brazil.

O infante D. Francisco, irmão de D. João V, tinha em muita veneração a imagem da Senhora, cujo santuario visitava todas as semanas, desde que partira uma perna andando á caça perto do sitio da Atalaya.

Em memoria d'este caso, o mesmo infante offereceu ao santuario uma perna de prata, de que hoje só resta memoria escripta.



44 — O arrayal da Atalaya

Vem a propósito lembrar, a respeito do infante D. Francisco, que «il y a avec le ciel des accommodements».

Entre os factos prodigiosos relacionados com a devoção da Atalaya, conta o *Santuario Marianno* que, sendo rei de Portugal Filippe II de Castella, déra este monarcha ordem para que ao pinhal da Atalaya se fosse buscar a madeira necessaria para o fabrico das naus.

Marcaram-se, com este fim, alguns dos melhores pinheiros. Mas quando os serradores chegaram, acharam-n'os tortos e inaproveitaveis. Cortaram um sómente, que parecia mais geitoso, e aparelharam-n'o para servir de leme á nau chamada «Nossa Senhora da Atalaya». Pois, segundo a tradição, o leme nunca deu governo certo.

Durante a maior parte do anno, o sitio da Atalaya não tem vida. Apenas aqui residem habitualmente alguns pobres carvoeiros. Mas anima-se extraordinariamente por occasião dos cirios, isto é, desde a ultima sexta-feira do mez de agosto até á segunda-feira seguinte.

Por essa occasião concorrem ao arraial muitos vendedores, que se estabelecem em barracas.

Por detraz da capella faz-se então uma grande feira de gado, que dura tres dias.

A concorrência, entre devotos e feirantes, orça por oito a dez mil pessoas.

E' variegado como um catasol o aspecto da Atalaya, tanto no monte como na chan, durante os tres dias da romagem.

Aqui, a fé entrega-se a actos de penitencia e devoção: alguns romeiros entram arastando-se em joelhos na capella, vestindo habitos ou mortalhas, a depôr suas offerendas e cumprir suas promessas, ordinariamente vélas, pernas, cabeças de cêra e tranças de cabello.

Ali, de madrugada, junto á Fonte Santa, vão outros fazer as tradicionaes abluções, e n'esta devoção já entra um pouco a folia que mundanisa a tradição religiosa.

O sr. Arnaldo da Fonseca, no *Branco e Negro*, descreve este costume, dizendo: «E antes que o dia nasça, os *caramellos*, elles de jaqueta voltada, ellas de toalhas bordadas na cabeça, vão na sua velha romaria á fonte santa, á fonte milagrosa, molhar a cara, molhar as mãos, chafurdar, rir. Proximo á fonte, filas de alguidares esperam freguezes, e o pregão repete-se: «*A dez réis... ó gentes... quem mais se lava?*»

Por toda a parte os cantos sagrados, as litánias, se misturam com as trovas profanas, a cadencia das danças populares e o pregão dos vendedores.

A' noite o arraial illumina se de mil fogos, o ruido cresce, a animação estontea, os descantes e «bailes» multiplicam-se, as philarmonicas confundem-se, o fogo de artificio abre leques de ouro, os foguetes estoiram desfolhando petalas de luz, a alegria attinge o delirio, e o somno, como ave nocturna espavorida, foge a procurar refugio n'algum ninho solitario e longinquo.

Tal é a festa brilhante da Atalaya, por occasião dos cirios.

O leitor das provincias do norte poderá ficar fazendo uma idéa dos cirios do sul pelas estampas que illustram este artigo e por uma poesia de Joaquim da Costa Cascaes, que os descreve com exactidão e verdade n'umas antigas redondilhas, mais espontaneas do que buriladas. <sup>1</sup>

Os anjos e as virgens que acompanham os cirios costumam entoar lôas, quasi sempre imperfeitas, mas algumas vezes compostas por distinctos poetas.

João de Deus escreveu umas, de ternissima devoção á Virgem, para o cirio do Cabo, em 1877.

A imagem da Senhora — pois que cada cirio leva sua imagem ou a mesma imagem passa de parochia para parochia — ora é conduzida em berlinda doirada, como nos cirios da Nazareth, ora em andor, como nos cirios que de Lisboa véem á Atalaya.

Se a distancia a percorrer é grande, os festeiros do cirio fazem-se transportar a cavallo ou em trem, ostentando muita galhardia e pompa.

Os cirios de Lisboa que visitam a Atalaya partem do Caes das Columnas em faluas e desembarcam em Aldea Gallega, d'onde seguem processionalmente para o santuario.

Para mais completa noticia do templo e das festas, veja-se a monographia — *Narrativa historica da imagem de Nossa Senhora da Atalaya*, pelo respectivo capellão, padre Manuel Frederico Ribeiro da Costa; Lisboa, 1887.

<sup>1</sup> Por mim transcriptas na *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal*, a pag. 33.



## III

## MONTIJO

O logar d'este nome pertence á freguezia do Espirito Santo de Aldea Gallega. Baptista diz na *Chorographia moderna* :

«O logar do Montijo está em uma ponta de terra que fórma a enseada de Aldea Gallega, e que se chama a Bocca do Montijo, é muito perigosa com vento forte e tem de largura 1  $\frac{1}{2}$  kilometro.»

O Padre Carvalho diz : «... a ponta, que chamam de Montijo, é mui espaçosa, e é d'esta ponta ao porto uma légua».

Ambos falam verdade. A *ponta* de Montijo fórma, effectivamente, a *bocca* que dá entrada para o canal do mesmo nome e, portanto, para Aldea Gallega.

A ilha chamada de Montijo, e situada no canal, é conhecida no paiz pelas suas ôstreiras.

A zona marginal comprehendida entre o Pontal de Cacilhas e Alcochête possui extensos bancos de ôstras.

Por contrato de 10 de agosto de 1867, foi pelo governo concedido ao dr. J. V. Barbosa do Bocage o exclusivo, por 30 annos, de estabelecer ôstreiras artificiaes e tanques de engorda, e colhêr ou dragar ôstras, para o commercio externo, nos bancos existentes ou que viessem a existir n'aquella zona.

A carta de lei de 9 de setembro de 1868 approvou este contrato.

Por decreto de 15 de fevereiro de 1873, foi o concessionario auctorisado a transferir a concessão ao banqueiro francez Henri Place por 12:000 libras, além de uma prestação de 40 libras por cada milhão de ôstras exportadas.

Em dezembro de 1877 pediu H. Place a prorogação do praso da concessão por mais 29 annos, o que lhe foi permittido pela lei de 15 de maio de 1878.

Entretanto este concessionario fundava em Paris, sem conhecimento do governo portuguez, uma *Société anonyme des huîtres de Portugal*, e negociava com capitalistas inglezes o conceder-lhes o monopolio de introduzir, durante 3 annos, as ôstras do Tejo nos mercados do Reino Unido.

A este contrato seguiu-se outro em que uma companhia ingleza se compromettia a adquirir por 200:000 libras a concessão primitivamente feita ao dr. Bocage, bem como os direitos de sublocatario da ilha do Montijo, que o mesmo dr. Bocage havia tomado de arrendamento a L. C. Pereira d'Abreu Bacellar de Castello Branco, por 90 annos (até 13 de outubro de 1958) pela renda annual de 31780 réis, com a faculdade de subarrendar.

O governo portuguez, como já dissémos, não auctorisou a transferencia da concessão á companhia franceza, nem a transferencia, por parte d'esta, á companhia ingleza. Seguiu-se um litigio judicial entre Henri Place e a companhia ingleza.

Place suicidou-se em Paris a 10 de setembro de 1880, sendo declarada a fallencia pelo tribunal do commercio do Sena, em março de 1881, não só de Henri Place, mas tambem da *Société anonyme des huîtres de Portugal*.

Foram seguidamente postos em praça os direitos de Henri Place e da companhia franceza, não sem protestos do dr. Bocage, da companhia ingleza e do proprietario da

ilha de Montijo; e adjudicados por 20:050 francos ao unico licitante, L. Amourous, o qual foi reconhecido em Portugal, por decreto de 12 de setembro de 1883, como legitimo successor de H. Place na concessão.

A companhia ingleza intentou uma acção contra o novo concessionario para fazer valer o contrato que celebrára com Henri Place; e a justiça de Londres declarou, por sentença, validos os direitos que essa companhia havia adquirido.

Esta sentença foi confirmada pelo tribunal da Relação de Lisboa.

Amourous falleceu, desgostoso, em Pariz, a 17 de julho de 1886.

Citados os seus herdeiros para comparecerem em juizo, não appareceu nenhum.



45 — A caminho do arrayal

Os embargos que Amourous tinha opposto, foram rejeitados pelo Supremo Tribunal de Justiça, e baixando a causa, novamente, ao Tribunal da Relação, este tribunal confirmou a sentença do tribunal inglez.

Ao mesmo tempo que a questão judicial seguia os seus morosos e complicados tramites, as chancellarias ingleza e franceza reclamavam diplomaticamente, havendo entre ellas e o governo portuguez uma longa correspondencia sobre o assumpto.

Todas estas noticias as fômos buscar ás seguintes publicações: *Questão das óstreiras ao sul do Tejo*, Lisboa, 1889; *A companhia anglo-portugueza das óstreiras ao sul do Tejo e os tribunaes portuguezes na decisão das variadas questões sobre revisão da sentença do Supremo Tribunal de Justiça de Londres, registo da transmissão das óstreiras e posse das mesmas*, Lisboa, 1891; finalmente, *Livro Branco*, documentos diplomaticos apresentados ás côrtes pelo governo portuguez em 1890, coordenados em duas partes, dizendo respeito a 1.<sup>a</sup> á reclamação britannica e a 2.<sup>a</sup> á reclamação franceza.

A concessão está actualmente em poder da companhia ingleza — The Anglo Por-

tuguese Oyster Fisheries Company Limited —, que foi quem, a final, venceu o pleito.

O terreno da ilha de Montijo, com os seus parques de criação, engórda e viveiros é hoje propriedade do sr. Alfredo de Oliveira de Sousa Leal.

A companhia ingleza paga ao proprietario determinada quantia por cada caixa de ôstras que d'aqui vai, mas é ella que possui o exclusivo da exploração.

Esta tem diminuido muito, ultimamente, porque a companhia prefere as ôstras americanas, que lhe ficam mais baratas.

A ilha é contornada por um areal que se estende até á linha baixa-mar das marés vivas.



45 - Caramellos em romaria

O proprietario mandou fazer uma muralha de defesa contra as invasões do Tejo. Ha um longo esteiro entre o sapal e as portas d'agua, que dão entrada para os parques de criação, em cuja extremidade ficam os viveiros e o parque de engórda.

Edificações apenas existem duas: um *chalet*, com jardim, mandado construir pelo proprietario, e a casa do guarda, o qual reside aqui constantemente, indo fazer a sua provisão de viveres no Rosairinho (margem esquerda do Tejo).

A ostreicultura portugueza tende a uma depreciação sensivel, motivada não só pela barateza das ôstras americanas, como tambem pela concorrência e vantagens das ôstras francezas.

As ôstras portuguezas são unisexuadas, ao passo que as ôstras francezas são hermaphroditas.

O sr. dr. Sabino Coelho, escrevendo a respeito das ôstras nacionaes, diz: «reproduzem-se sem necessidade de artifício em extensos bancos do nosso paiz, recebendo da

agua os germes que vem dos esgotos ou da terra sem canalisação, e juntam á sua inferioridade como comestiveis o seu maior poder infectante, sendo para notar que em nações com leis *ad hoc* se obtéem ôstras francezas sem germes morbigenos.»<sup>1</sup>

A comissão de pescarias organisou a carta ostreicola do paiz, e o sr. Albert Girard publicou uma memoria sobre as ôstras do Algarve.

Damos estas indicações aos que desejarem conhecer melhor o assumpto.

#### IV

### SARILHOS GRANDES

Esta freguezia pertence ao concelho de Aldea Gallega.

O seu nome, Sarilhos Grandes ou Sarilho o Grande, talvez provenha, como o de Sarilhos Pequenos (concelho da Moita), do facto de serem logares equidistantes d'uma azenha, denominada — Dois Termos — que outr'ora dividia as freguezias de S. Lourenço de Alhos Vedros e da Senhora da Sobonha, nos limites das villas de Aldea Gallega e Alcochête, e que hoje divide as villas da Moita e Aldea Gallega.

Esta azenha é composta de quatro mós de pedra, duas de cada termo, que trabalham quotidianamente, dando a impressão de um sarilho em movimento.

Uma tradição local diz, porém, que esta povoação se chamou antigamente Rabacilhos.

Parece fóra de duvida que já no anno de 1500 existia a freguezia de Sarilhos Grandes, como annexa ou filial da freguezia do Espirito Santo de Aldea Gallega.

A sua população, em 1768, era de 77 fogos; em 1879, de 161 fogos e 819 almas; em 1883, de 163 fogos e 797 almas; em 1890, de 174 fogos e 799 almas.

Hoje, pelo censo de 1900, tem 1:381 habitantes de ambos os sexos.

A população antiga constava, em geral, de jornaleiros maltezes e *ratinhos* — trabalhadores da Beira — em serviço nas quintas e vinhas que circuitam o logar. Tinha, pois, um character fluctuante; os indigenas eram poucos.

A maior propriedade do logar pertencia então aos condes da Atalaya, e compunha-se de uma grande quinta, muitas vinhas e pinhaes, hoje tudo aforado a varios individuos.

Tambem os mesmos titulares tinham aqui um palacio, que actualmente está reduzido a pardieiro.

Além d'este edificio, havia, perto da igreja matriz, outra casa nobre, com portão encimado por um escudo, e hoje bastante despresada, igualmente.

O resto eram poucas e pobres casas, algumas d'ellas cobertas de colmo.

Isto, e o estado decadente em que pelos annos de 1873 se encontrava a igreja matriz, explica a impressão desoladora com que Pinho Leal escreveu a respeito de Sarilhos Grandes.

Mas hoje não é assim. Ha grande numero de casas, algumas com andar nobre, que já formam largos e ruas: d'estas, especialisaremos a que vem da banda de Aldea Gallega para a Moita. Ha uma phylarmonica (fundada em 18 de novembro de 1898 pelo devotado cidadão Severo da Silva Firmino), a qual possui uma boa casa para en-

<sup>1</sup> *Jornal da Sociedade das Sciencias Médicas de Lisboa*, 1903, numeros 2 a 6. Artigo: As ôstras e a febre typhoide em Portugal.

saios musicaes, e um salão para bailes. No largo fronteiro a este predio está erigido um corêto de pedra e ferro, que pertence á mesma phylarmonica. Brevemente vae o logar de Sarilhos Grandes ter feira annual, e mercado nos terceiros domingos de cada mez. Possui a povoação uma escola, official, para o sexo masculino, e outra, particular, para o sexo feminino. As ruas e largos ainda não teem nome, nem as casas numeração, mas são evidentes os progressos do logar, desde 1895 a esta parte, graças á sua grande lavoi- ra, viticultura, vinicultura, commercio, industria e portos de embarque.

Das suas quintas, as mais importantes são: a do Arce, hoje dos herdeiros do visconde de Ouguella; a do Porto da Hortinha, pertencente ao visconde da Lançada; as da Espinhosa, Salinas, etc., que pertencem a diversos proprietarios.

A igreja matriz parece que seria reconstruida no tempo de D. João V, junto á primitiva capella, que era subordinada á freguezia de Aldea Gallega.

Pelo archivo da freguezia averigua-se que a reconstrucção foi concluida no dia 2 de maio de 1740.

Um painel, datado de 1735 e pendente na capella de Nossa Senhora da Piedade, memora o facto de haver cahido de um andaime, durante a obra, o operario João Alves e de se ter salvo por milagre da mesma Senhora.

A igreja é de uma só nave, com 18 metros de comprimento, 7 de largura e 8 de altura.

Tem tres altares: o da capella-mór, e dois lateraes, dedicados a Nossa Senhora do Rosario e a S. Jorge, orago da freguezia.

O tecto, pintado a tintas finas, representa attributos da Ordem de Santiago.

A igreja foi retocada em 1848, mas os estragos do tempo são já manifestos, não obstante os pequenos concertos mandados fazer á custa dos parochianos.

Tambem, com identicos recursos, teem sido adquiridas varias alfaias.

No pavimento da capella-mór, que é lageado, e junto aos degraus do supedaneo, encontra-se a seguinte inscripção lapidada:

AQVI IAS ANT.º COTRIN DE MEL.º  
FIDALGO DA CAZA DEIREI NOSOR. 1583.

E, logo mais abaixo, outra que diz:

S.ª DE PºFRZ HOVELHO E SEVS ERDEIROS.

Parece provavel que esta igreja não foi a primitiva parochial de Sarilhos Grandes, nem a contemporanea do fidalgo a quem diz respeito a lapide de 1533, mas sim a reconstruida ou renovada no tempo de D. João V.

Junto á igreja actual, do lado norte, e em communicacção com ella por uma porta mandada abrir em 1904, ergue-se a ermida de Nossa Senhora da Piedade, com um só altar.

E' de estylo ogival, toda abobadada, e tem alpendre voltado ao poente.

Crê-se que seja do tempo de D. Manuel.

A imagem da Senhora inspira muita devoção ao povo do logar, e circumvisinhos.

Ao pé do altar, junto ao supedaneo, ha uma lapide, já gasta pela accção do tempo, com uma inscripção em lettra gothica, que diz:

AQVY IAS RUY CUTRIM DE CASTANHEIDA  
FIDALGO DA CASA DE ELREY DÕ MANUELI

Ao lado d'esta lapide ha outra, sem éra ou data, tendo apenas gravados um escudo e uma espada.

Bem pôde ter sido esta capella da Piedade a antiga capella filial da igreja matriz do Espirito Santo de Aldea-Gallega; e aquelle Ruy Cotrim de Castanheida é possível que fosse o Ruy de Castanheda que acompanhou Vasco da Gama na segunda viagem á India. <sup>1</sup>

Mas o que pôde ter-se por seguro é que se trata de uma pessoa nobre, que viveu no reinado de D. Manuel.

Entre o povo de Sarilhos Grandes existe a lenda de que Ruy Cotrim de Castanheida está enterrado com toda a sua rica armadura de prata e ouro.

Em 1844, tendo fallecido um individuo muito abastado e caritativo, o prior de então entendeu que, por honra da sua memoria, devia mandar sepultal-o junto ao fidalgo Castanheida.

O povo do logar, imaginando que se tratava apenas de um pretexto para lançar mão da supposta armadura, que reputa ser um grande thesouro, correu á torre da igreja e começou a tocar o sino a rebate.

Foi geral o alarma, e esteve imminente uma revolução, em que as mulheres teriam grande parte.

O parochio viu-se obrigado a transigir com a attitude ameaçadora do povo.

Os registos mais antigos que se encontram no cartorio parochial d'esta freguezia datam do anno de 1769.

Em 1864, a camara municipal de Aldea Gallega mandou construir um cemiterio em Sarilhos Grandes, a instancias do respectivo parochio: é acanhado, anti-hygienico, e não tem ermida.

## V

### CANHA

A freguezia de Canha, orago Nossa Senhora da Conceição, tambem faz parte do concelho de Aldea Gallega.

Tem 1:028 habitantes de ambos os sexos.

Dista da séde do concelho 30 kilometros, para nordéste.

O termo da freguezia é muito extenso e conta numerosas herdades e sesmarias, cujo principal valor se deve á cortiça. Pertence-lhe a sesmaria do Vidigal, onde el-rei D. Carlos tem uma casa de campo; a herdade da Matta e suas annexas, importantes propriedades dos duques de Cadaval; a herdade da Abegoaria, de D. Maria do Carmo d'Oliveira Soares.

A villa está situada na encosta esquerda do valle, que serve de leito á ribeira de Canha, em logar elevado, mas inferior em altura aos terrenos da margem opposta.

A ribeira corre a uns trezentos metros de distancia da villa.

Quanto á etymologia de Canha, o Padre Carvalho disse—e Pinho Leal e Baptista repetiram ligeiramente—que por haver aqui muitas canas veio á povoação o nome de Canha.

Esta hypothese parece-nos pouco menos de disparatada.

O primeiro foral dado por Affonso Henriques á villa chama-lhe «Villa Nova de Canya» (*Damus et concedimus concilio Vile noue de canya*, etc.)

Ora *cania* é um termo da baixa latinidade, que significa — ortiga brava.

<sup>1</sup> Damião de Goes, *Chron.*, 1.ª parte, cap. l. xviii.



47—Um cyrio na Atalaya

Esta origem harmonisa-se não só com o primeiro foral <sup>1</sup>, mas tambem com o primitivo aspecto d'esta região: terra inculta ou maninha, «sesmaria». <sup>2</sup>

Comtudo, uma tradição local conta o seguinte: «No principio da monarchia, durante as guerras com os mouros, um chefe mandou acampar as suas tropas á *canha* da ribeira, e, tendo-se demorado o acampamento, houve um comêço de povoação, que recebeu o nome de — Canha.»

Esta palavra significa — esquerda, mão esquerda.

Ainda hoje dizemos «ás canhas» no sentido — ás avessas —, com a esquerda ou da esquerda para a direita.

Tolentino escreveu:

Em rôta capa ás canhas embuçado.

Embuçado ás canhas vale tanto como dizer: com a capa traçada do lado esquerdo sobre o hombro direito, ao contrario do que se costuma fazer.

Tambem temos os vocabulos *canho*, *canhóto* e *canhêstro*, synonymos do individuo que usa da mão esquerda em vez da direita.

«Cruzes, canhóto!» é uma locução popular do Minho, para significar um caso maravilhoso, que deixa uma pessoa atarantada a ponto de não saber com qual das mãos deve persignar-se.

A ribeira que banha a povoação só junto a ella toma o nome de *Canha*; em Montémór-o-Novo, que fica na sua margem direita, dá-se-lhe o de *Almansor*.

Por aqui se póde já inferir que foi a villa de Canha que deu o nome á ribeira, e não a ribeira que o recebeu da villa, qualquer que seja a etymologia a adoptar.

Uma das principaes nascentes que alimentam a ribeira de Canha brota n'uma herdade chamada «Almansor», que supponho pertencer ao concelho de Arrayolos.

Almansor, Al-Mansôr, Almansur <sup>3</sup> é o cognome de um famoso hagib da Hespanha mussulmana (986; 1001 da éra christã): significa o *victorioso*.

Este famoso capitão sarraceno, homem celebre pelos seus feitos militares e talentos litterarios, fez varias *algaras* pela Luzitania, chegando até Lamego <sup>4</sup>, tendo aliás entrado pelo sul.

E' possivel que n'uma d'essas incursões elle, seguindo de Cordova através da Andaluzia, da Extremadura hespanhola e do moderno Alemtejo, acampasse junto a Montémór-o-Novo, e que os soldados déssem á ribeira, que ahi encontraram, o nome do seu prestigioso general.

O mesmo nome tem uma serra da Beira Baixa, *Cabeça ou Cabeço de Almansor*.

A'cêrca da ribeira em questão diz Frei João de Sousa nos *Vestigios*: «tomou o nome de Almansur, por acampar com o seu exercito junto a ella».

D'este grande capitão, que morreu dos ferimentos recebidos na batalha de Calatanazor, ainda hoje restam na lingua hespanhola dois proverbios: «Em Calatanazor perdeu Almansor o tambor» e «Não se tomou Zamora em uma hora».

Depois d'elle, um principe da dynastia almohade adoptou para si o mesmo epitheto glorioso de *Almansor*: foi Yacub-Abu, filho de Yusuf. <sup>5</sup>

<sup>1</sup> D. Manuel deu novo foral á villa de Canha em 10 de fevereiro de 1512 (Franklin).

<sup>2</sup> Desde o principio da monarchia até ao fim da primeira dynastia os nossos reis pensaram em fazer arrotear os terrenos d'esta especie. Ficou notavel a *Lei das sesmarias* dada em côrtes e publicada em Santarem no anno de 1375.

<sup>3</sup> *Vestigios da lingua árabica*, pag. 55.

<sup>4</sup> Viardot, *Histoire des arabes*, tomo 1, pag 170.

<sup>5</sup> Herc. *Hist de Port.* vol. II, liv III.



E' mais provavel que fosse este o que deixou o seu nome ligado á ribeira de Montemór-o-Novo, porque em 1190 atravessou o moderno Alemtejo e, depois de passar o Tejo acima de Santarem, tomou o castello de Torres Novas, chegando o seu exercito até aos arredores de Coimbra. Novamente voltou talando os campos da Extremadura e levando importantes despojos.

Quanto ao nome de — Canha —, que parte da mesma ribeira certamente tomou da villa assim chamada, não supponho que signifique esquerda, mão esquerda. Outras povoações de identico nome existem em Portugal, nos concelhos de Anadia e Feira, além de varias quintas, casaes e herdades de igual titulo.

Antes a identidade do nome <sup>1</sup> faz suppôr que elle deriva do facto de todas aquellas terras serem outr'ora sesmarias, inçadas de ortigas bravas; e que de *cania* veio a dizer-se «Canha» por transformação da penultima vogal na consoante *h* como aconteceu por exemplo—em junho, de *junius*, e linha, de *linea*.

O leitor, no decurso d'este livro, reconhecerá que não gosto de pesquisar a origem dos onomasticos locativos; faço-o agora por deferencia para com um distincto medico, que discutiu particularmente comigo a etymologia d'esta povoação.

Em nossos dias, foram encontrados na herdade do Escatellar, situada tambem na margem esquerda da ribeira de Canha e a alguns kilometros da villa, interessantes vestigios de galerias subterraneas, calçadas de pedra miuda.

Suppoz-se que fossem restos de alguma fortaleza do periodo luso-arabe, para defender a fronteira do Alemtejo.

A igreja parochial é decerto muito antiga, mas não tem valor artistico.

O registo de baptismos existente data de 1543; comtudo póde crêr-se que o tempo seja anterior a essa epoca.

A freguezia de Canha foi commenda da ordem de Santiago. Em 1606 teve visitação de dois freires do convento de Palmella, os quaes entre varios capitulos de reprehensão ao prior, beneficiados e povo lamentavam a perda dos papeis pertencentes á parochia, que andavam em mão de particulares; e ordenavam a todos, sob pena de excommunhão, que os restituisssem para serem devidamente archivados.

Parece que a excommunhão se tornaria effectiva e geral, porque o cartorio da freguezia é de uma pobreza extrema.

A igreja foi concertada no meiado do seculo XIX, e se tinha anteriormente algum valor archeologico ou artistico, com esse concerto o perdeu.

A freguezia da Canha tem por orago Nossa Senhora da Oliveira. Pertence á diocese de Evora; mas todas as outras freguezias do concelho de Aldea Gallega pertencem ao Patriarchado.

Alem da igreja parochial, ha junto ao cemiterio uma ermida sob o patrocínio de S. Julião, e a capella da Misericordia.

A fundação da Santa Casa de Canha deve datar apenas do seculo XVII.

A mais antiga doação de bens a ella feita é a de Luiz Miguens, em julho de 1621: consiste na renda de sete alqueires de centeio, com o encargo de tres missas annuaes, perpetuas e resadas, por alma do doador.

Mas diz o documento referindo-se á Misericordia: *que se está instituindo*. Isto mostra que foi fundada n'aquelle seculo.

A principio, esta instituição parece ter tido apenas intuitos religiosos: suffragios pelos irmãos fallecidos.

<sup>1</sup> Do mesmo modo que no vulgar titulo de Zambujal, que se encontra em muitas povoações, derivado de azambujeiro ou azambujo, «oliveira brava»; Almagem, e outros.

Só mais tarde se transformou em corporação de beneficencia.

Até 1674 não teve capella propria nem capellão, e naturalmente cumpria os seus encargos mandando dizer, pelo prior ou beneficiados, as missas que os legados que recebia lhe impunham; mas, n'aquella data, o capitão Martim Fernandes e sua mulher Margarida Rodrigues, moradores em Canha, deixaram todos os seus bens á Misericordia com o encargo de uma missa diaria, perpetuamente, por suas almas.

Foi então que a Misericordia teve capellão proprio e capella propria, que ainda hoje existe, e onde foram sepultados Martim Fernandes e sua mulher, o que uma lapide regista e commemora.

Actualmente a Misericordia não tem capellão; dá ao prior da freguezia 50<sup>000</sup> réis de subsidio pelos seus serviços.

E fez reduzir os encargos de missas á importancia de 12<sup>575</sup> réis.

O seu rendimento é quasi unicamente applicado ao tratamento de doentes: — as creanças em seus domicilios, fornecendo-lhes assistencia clinica e pharmaceutica; e os adultos no hospital.

Este comporta 24 doentes, distribuidos por quatro enfermarias: duas d'ellas, uma para cada sexo, são destinadas a doenças geraes; e as outras duas, mais pequenas, a doentes que necessitem de isolamento pelo perigo de contagio ou outro qualquer.

As febres palustres grassam com intensidade em Canha durante o verão: o seu periodo mais agudo pode fixar-se entre 15 de junho e 15 de setembro.

A mortalidade infantil é grande; a mortalidade dos adultos é pequena.

Os *ratinhos*, que n'esta villa auxiliam a lida agricola, fornecem o maior numero de doentes ao hospital.

Ha em Canha escolas publicas de instrucção primaria para um e outro sexo. Ambas são subsidiadas pela Misericordia, que dá ao professor a gratificação de 50<sup>000</sup> réis por anno e á professora a de 36<sup>000</sup> réis.

Não existe philarmonica nenhuma; houve ha dois annos uma tentativa de organisação, mas abortou.

Costumava fazer-se annualmente na villa a festa do orago, Nossa Senhora da Oliveira; ultimamente esta tradição religiosa tem decaído tanto, que em 1903 não se realizou a festa.

A villa dista 12,7 kilometros da estação dos Pegões, e 18 de Vendas Novas, na linha de sul e suéste.

Tem estação postal, e hotel.



## VII

### Alcochête



REI João de Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, diz que o nome d'esta povoação proveio de Alcaxete, vocabulo composto de duas vozes, que n'aquella lingua significam «achado da ovelha».

Fica ao arbitrio de cada um reconstituir a lenda da ovelha que para aqui fugiu e encontrou bom pasto ou que se perdeu e aqui foi encontrada, pelo que o pastor ficaria estimando a terra.

O que é certo é que os nossos antigos escriptores, afastando-se d'esta supposta etymologia, escreviam Alcouchete; entre elles Gil Vicente, quando diz na tragi-comedia *Triumpho do inverno*:

Sois piloto d'Alcouchete  
Para o rio das enguias.<sup>1</sup>

Alcochête e Aldea Gallega, ambas situadas n'uma península<sup>2</sup> que rêcorta a margem esquerda do Tejo, e visinhas — paredes meias —, são duas villas do mesmo typo, que denunciam certas modificações do character ribatejano exercidas pela irradiação do mais populoso centro da proxima península de Setubal, que lhes fica ao sul: a cidade d'este ultimo nome.

Uma e outra villa apresentam traços de semelhança, especialmente no aspecto das ruas, com aquella cidade extremenha.

Isto explica-se, certamente, pelo natural desejo de quererem amoldar-se ao padrão urbano mais evidente no territorio d'entre Tejo e Sado.

Identico phenomeno se nota na provincia do Minho: Barcellos e Vianna, por exemplo, accusam reflexos da influencia de Braga.

<sup>1</sup> O rio das Enguias separa a herdade de Pancas da villa de Alcochête.

<sup>2</sup> Formada pelo Tejo e pela ponta e esteiro de Montijo. Alcochête fica ao norte d'esta pequena península, em frente dos Olivaes. O Tejo tem ahi 15 kilometros de largura. Aldea Gallega fica ao sul, sobre o esteiro.

Pode bem dizer-se que Alcochête e Aldea Gallega nasceram irmãs, ambas á sombra do mestrado da Ordem de Santiago, cuja cabeça era Palmella, e que sobre uma e outra exerceu jurisdição.

Ambas constituíram primitivamente uma só freguezia, cuja igreja parochial era a do convento de religiosos recoletos (S. Francisco) dedicado a Nossa Senhora de Sobonha<sup>1</sup> e mais tarde a Nossa Senhora do Socorro.

Ainda hoje, a 2 1/2 kilometros da villa de Alcochête e junto á estrada n.º 16, se encontram em pé as ruinas da fachada principal d'este convento, que foi outr'ora o traço de união entre as duas villas.

A separação fez-se por commum accôrdo, e intervenção do Mestre de Santiago, D. Jorge, junto da Corôa, no anno de 1539.

Alcochête converteu em igreja parochial a antiga mesquita dos mouros.



48 — Ponte-caes da villa de Alcochête

Aldea Gallega, como já vimos, foi edificar parochia independente, mas, em compensação, ficou investida na posse da ermida da Atalaya.

Vinte annos depois do contrato feito, surgiram rivalidades, que attingiram a maxima emulação, entre os dois povos, a pretexto do direito de apresentar o capellão da ermida.

Tal foi, até ao seculo xvi, a historia commum das villas de Alcochête e Aldea Gallega, bem como da autonomia parochial de uma e outra.

Alcochête, assim como a sua visinha, está situada em lugar plano, á beira do Tejo; mas a planicie eleva-se mais sobre o curso d'elle do que em Aldea Gallega.

Sabemos que a povoação d'este nome tem tido grande desenvolvimento material, alem de ser maior do que Alcochête.

Comtudo Alcochête gloria-se com tradições historicas, pergaminhos de nobreza, que faltam a Aldea Gallega.

<sup>1</sup> O padre Carvalho diz: Nossa Senhora da Cegonha. Outros auctores escrevem — Cebonha — e Sobonha. Esta ultima graphia julgo ser a mais moderna.

Eu estive em Alcochête no mez de janeiro de 1898, a convite do meu presado amigo D. Miguel Pereira Coutinho, da illustre casa de Soydos, no dia em que a villa festejava a restauração do concelho.<sup>1</sup>

Por essa occasião escrevi algumas impressões de viagem em folhetim do *Popular*; reproduzo quatro ou cinco trechos, que vêem a proposito:

«Garrett não mencionou Alcochête, e admira, porque foi uma terra nobre, e elle gostava tanto de boa gente de linhagem! Ali esteve a ares D. João I, por ser, diz Azurara, «logar fresco e de singular disposição para sua saude» e d'ali veiu morrer a Lisboa. Ali teve residencia o infante D. Fernando, duque de Vizeu, e ali nasceu o que foi rei D. Manuel. Os fidalgos da casa do duque ali edificaram predios, que seriam bons, e já não são cousa nenhuma.

«E' difficil o desembarque na ponte. Cousas nossas. A Trafaria tem andado ha não sei quantos annos a pedir uma ponte. Não sei se lh'a deram já. Alcochête tem uma, mas de pouco serve; de um caes é que precisava.

«A casaria agrupa-se quasi á beira d'agua; parte sobre muralha. Uma chaminé, da extincta fabrica de phosphoros, rompe de entre a casaria. E' um canudo do progresso n'uma terra que foi arabe, e ainda o é algum tanto.

«Mal ponho pé em terra vou com Nicolau de Brito — conversador d'aquella boa escola de Julio Cesar Machado, que ou escrevia folhetins ou os conversava — vou com Nicolau de Brito ver a povoação e a igreja.

«Tudo arabe, uma e outra. Casas embiocadas em gelosias; cabeças de mulheres espreitando por entre as rótulas. O que quer que seja de melancolia semitica, n'um descahir de tarde na Arabia.

«Na igreja matriz todo o ar de ter sido mesquita, embora D. Manuel a reconstruisse para lhe dar alguma feição christã. Uma torresinha e uma rosácea, que são um appetite. Uma porta lateral, em ogiva, que é outro appetite. E no interior do templo e ainda na faixa interna do adro lindos azulejos hispano arabes, puros, bem caracterisados, intactos.

«E está visto Alcochête, de relance, que é a melhor maneira de vêr as terras, grandes ou pequenas, porque se colhe uma impressão e não se enrêda a gente em pormenores cansativos.

«As terras são como as mulheres. Vistas de repente, agradam quasi sempre; mas se a gente começa a observar as feições, uma por uma, sempre acha alguma coisa que valha menos.

«Vae anoitecendo. O cahir da noite é triste á beira dos grandes rios.»

A transcripção aponta alguns dos titulos historicos que nobilitam a villa d'Alcochête. Mas ainda resta maior peculio d'elles.

Quanto ao palacio onde nasceu el-rei D. Manuel, devemos dizer que a capella e outras dependencias d'esse palacio cederam logar á actual Santa Casa da Misericordia.

Tanto sé orgulha Alcochête de ter sido berço do *Rei Venturoso*, que se prepara para levantar um monumento commemorativo d'esse factio.

Disse ha mezes um jornal de Lisboa:

«Vae brevemente ser erigido na linda e antiga villa ribatejense de Alcochête um sumptuoso monumento de marmore e bronze destinado a perpetuar a memoria de D. Manuel I, nascido e creado no palacio real d'aquella villa.

<sup>1</sup> Tinha sido suprimido em 1895.

«Para tal fim constituiu se uma comissão composta de oito cavalheiros de Alcochête sinceros patriotas e pugnadores dos melhoramentos d'aquella villa e concelho, cujos nomes, a seu pedido, não podemos ainda desvendar.

«O projecto da estatua é feito pelo punho do presidente da comissão e a parte escultural e architectonica estará a cargo de um distincto escultor conhecido.

«A comissão trabalha activamente para conseguir o lançamento da pedra fundamental em setembro do proximo anno.

«O local da estatua será o lindo largo do Rocio que tem 200 metros de comprimento e 70 de largura, contiguo ao magestoso Tejo, para onde fica olhando a estatua.

«O largo foi já todo macadamisado e construidos em lioz os passeios longitudinaes e lateraes e será brevemente arborisado com arvores vindas directamente do Porto e Allemanha, sendo essa arborisação a cargo do presidente do comissão referida.»<sup>1</sup>



49 — Uma rua de Alcochête

Berço de um monarcha, foi Alcochête terra predilecta de outro: D. João II muitas vezes a honrou com a sua presença.

A respeito d'este rei, e d'esta villa, conta Garcia de Rezende um episodio, que não deixa de ter valor historico para accentuar, até nas coisas minimas, a bravura e coragem do monarcha.

«Estando el-rei em Alcochête, escreve o chronista, indo um dia de casa a pé com a rainha, e damas e senhores e muitos fidalgos a vêr correr touros no terreiro junto da egreja, acertou que mettendo um touro na cancella fugiu do côrro e veio por a rua principal por onde el-rei ia, e diante do touro vinha muita gente fugindo com grande grita.

«Foi o receio tamanho nos que iam diante d'el-rei que todos fugiram e se metteram por casas e travessas. E el-rei só, tomou a rainha pela mão, e poz-se diante d'ella com a capa no braço, e a espada apunhada com muito grande segurança, esperou as-

<sup>1</sup> A primeira pedra do monumento foi lançada no dia 18 de setembro de 1904, com a assistencia do ministro da guerra, conselheiro Pimentel Pinto, que representava el-rei D. Carlos.

sim o touro, que quiz Deus que passou sem entender nelle. De que muitos fidalgos, e outros homens ficaram envergonhados e elle com muita honra, e foi sorte que se a el-rei vira fazer a outrem lhe fizera por isso muita mercê, segundo estimava as cousas bem feitas.

«E porque D. Jorge de Menezes seu pagem da lança, que lhe trazia a espada não vinha pegado com elle e ficava um pouco atraz com as damas, quando pediu a espada e não o viu, posto que lha deu muito prestes, o arrepellou primeiro que a tomasse.»

Este ligeiro episodio mostra-nos D. João II toureiro, de capa no braço e espada em punho, prompto, se fosse preciso, a matar um touro ou, pelo menos, a capeal o. Era para tudo aquelle *homem*. Encarava de frente todos os perigos; nunca voltou a cara a ninguem... nem aos fidalgos, nem aos touros.



50 — Igreja matriz de Alcochête

A frequencia com que então os reis estacionavam no Ribatejo fazia que elles entendessem de tauromachia e a praticassem por gosto ou necessidade.

Vejamos agora outro caso, tambem passado em Alcochête com D. João II, e que demonstra quanto este rei valoroso queria, sem mesquinhas rivalidades, prestar sempre homenagem aos homens de tão esforçado animo como elle.

D. Francisco d'Almeida, que depois foi o primeiro visor rei da India, praticou altas façanhas em Castella nas guerras de Granada, e tornando-se a Portugal recebeu-o el-rei D. João II com muita honra e favor.

Estando a côrte em Alcochête, e el-rei almoçando para ir montar, appareceu D. Francisco em traje de caçador.

Perguntou-lhe o monarcha se já tinha comido.

— Senhor, não, respondeu D. Francisco, deixei-o para depois do monte acabado, porque ainda é cedo.

D. João II replicou:

— Muito trabalho será esse. Assentai-vos ahi, e comei comigo.

De tal guisa, na presença de muitos e grandes senhores, quiz el-rei honrar um cavalleiro illustre.

Com estas e outras memorias historicas se nobilita o passado da villa de Alcochête.

Em alguns dos seus edificios ainda se podem entrelêr as paginas de uma remota era de grandeza, semi-apagadas pela acção do tempo.

Assim, na igreja parochial, cujo orago é S. João Baptista, a mão generosa de el-rei D. Manuel passou por cima da antiga mesquita dos mouros para lhe dar uma feição quinhentista, o sêllo da epoca, que principalmente se evidencia na bella rosácea do côro e na porta lateral em ogiva.

O templo é de tres naves, e tem oito altares.

Já dissemos que possui lindos azulejos.

Antigamente o prior era um freire da Ordem de Santiago, com dois beneficiados auxiliares.

Isto mostra o apreço que aquella Ordem dava á sua commenda de Alcochête.

A tres kilometros da villa, na estrada que a liga ao Samouco, ergue se a ermida de Nossa Senhora dos Mattos, com o seu singelo alpendre, pregoeiro de antiguidade.

Esta ermida estava annexa ao palacio da familia de Tristão da Cunha. Foi demolido o palacio, mas o templosinho evoca ainda a recordação d'aquelle famoso navegador, cujo neto, seu homonymo, descança, ao lado da esposa, D. Antonia da Silva, no altar-mór.

Junto ao vasto palacio da Barroca d'Alva, hoje propriedade do sr. José Maria dos Santos, tambem ha uma ermida, da invocação de Santo Antonio da Usça, que pôde considerar-se duas vezes notavel.

A' primeira vista recommenda-a logo o seu aspecto e situação.

E' de fórma circular, rodeada por um muro que lembra as ameias de um castello, especialmente o de Almourol; e está situada no meio de uma lagôa, cuja superficie mede cêrca de quatro kilometros.

A quinta da Barroca d'Alva era outr'ora uma charneca. Dista da villa oito kilometros. Foi o celebre industrial francez Jacome Ratton — que tanto se assignalou como introductor da mecanica fabril em Portugal <sup>1</sup>, e que se naturalizou cidadão portuguez em 1762 — quem adquiriu a charneca, mandou enxugar os pantanos, fazer grandes plantações de vinha e oliveiras, e construir um enorme palacio, ainda hoje de pé, postoque mal conservado.

A Jacome Ratton succedeu na posse da casa seu filho Diogo Ratton Clamouse, o qual teve uma unica filha, D. Emilia Julia Ratton, sua herdeira.

Esta senhora casou com um primo, Jacome Leão Daupias, filho do 1.º barão e 1.º visconde de Alcochête, Bernardo Daupias <sup>2</sup>; e, como o titulo de barão foi concedido em duas vidas, a mesma senhora e seu marido vieram a ser os segundos barões de Alcochête.

Foram estes titulares que mandaram erigir, em frente do seu palacio da Barroca d'Alva, uma columna monolithica, de pedra lioz, encimada pela estatua de Nossa Senhora da Conceição, como tributo de gratidão por um beneficio recebido em seus haveres n'aquella propriedade.

<sup>1</sup> Vide o capitulo *Thomar*, na parte relativa á fabrica de fição e tecidos de algodão, que elle fundou com Thimoteo Lecusson Verdier.

<sup>2</sup> Bernardo Daupias era commendador da Ordem de Christo e cavalleiro da Ordem da Conceição. Nasceu a 9 de novembro de 1782. Foi agraciado com o titulo de barão em 26 de maio de 1836, e com o de visconde em 18 de fevereiro de 1852. Casou com D. Maria Victoria Laurent. Tinha palacio em Lisboa ao Calvario, e em Pariz na rua Joubert, n.º 20.



A estatua é de ferro. A columna, incluindo a base e o capitel, tem 49 palmos de altura.

Ha n'este piedoso monumento quatro inscripções, que dizem:

- 1.<sup>a</sup> — Ave Maria Gratia Plena. O' Maria! Concebida sem peccado original, rogae por nós que recorremos a vós.
- 2.<sup>a</sup> — Maria Santissima commovida pelas orações e anciedade d'este povo, poz term ás devastações da cheia de janeiro de 1856, salvando-se ainda dez mil moios de sal. O Barão e a Baroneza d'Alcochête, reconhecidos, mandaram edificar este monumento para memoria. 21 de maio de 1859.
- 3.<sup>a</sup> — Saude dos enfermos. Refugio dos peccadores. Consoladora dos afflictos. Socorro dos christãos. Rogae por nós.
- 4.<sup>a</sup> — Saude dos enfermos, abençoe-nos e livrae-nos das febres que nos assolam.

Estas legendas põem em evidencia os dois maiores flagellos do Ribatejo: as inundações e as febres.

Quando eu ultimamente, em viagem d'estudo, percorri a região ribatejana, n'uma e n'outra margem do Tejo, encontrei por toda a parte o annuncio das *Pilulas mata sezões*, unica medicina de que os povos de toda essa região fazem uso frequente.

Os titulos de barão e visconde de Alcochête extinguiram-se por falta de successão.

Na herdade de Barroca d'Alva perfurou-se em 1825 um poço artesiano, dos melhores que existiam n'este reino.

Com o tempo e abandono, inutilisou-se.

A igreja da misericordia é de architectura simples, mas elegante.

No altar-mór sobresaem a obra de talha e alguns quadros a oleo.

A talha da grade do côro tambem é digna de menção.

As pinturas do tecto foram decalcadas sobre as do tempo de D. Manuel.

O pequeno hospital da Misericordia fica contiguo, n'um ponto alto da villa, e junto da muralha da beira-d'agua, á ermida de Nossa Senhora da Vida (antigamente erinida do Espirito Santo) cujo culto está a cargo da mesma Misericordia.

Esta ermida foi fundada pelo dr. Affonso Garcia e sua mulher Julia de Carvalho, que jazem sepultados no altar-mór.

Em 1672, Nuno Alvares Pereira Velho de Moraes juntou-se com outros confrades para reorganisarem a irmandade de Nossa Senhora da Vida, e elaboraram um compromisso que foi confirmado pelo principe regente em 25 de janeiro de 1674.

Este documento, aliás muito interessante, acha-se impresso por iniciativa do sr. E. A. R. da Costa (Lisboa, 1900).

N'elle se estabelece que a festa principal da Senhora da Vida se realise a 8 de setembro.

O artigo 2.<sup>o</sup> tem tanta originalidade, que não posso deixar de reproduzil o litteralmente, fazendo desde já notar que a syntaxe nem sempre é o forte dos espiritos piedosos:

«Ordenamos que as fogaças e leilões, que se costumão fazer na festa de Nossa Senhora da Vida, se não possa rematar nada a pessoa nobre, sem que pague o dinheiro logo, por escuzarem queixas de escandalos na cobrança d'ellas».

A Senhora da Vida é a imagem de maior devoção em Alcochête.

A sua romaria, sempre muito concorrida, dura tres dias.

Temos presente o programma das festas em 1903.

No sabbado 19 de setembro, á tarde, houve ladainha a grande instrumental e sermão; á noite, arraial á moda do Minho.

No domingo 20, pela manhã, missa a grande instrumental, sermão e *Te-Deum*; de tarde, procissão, acompanhada por quatro bandas de musica; á noite, arraial e fogo de artifício.

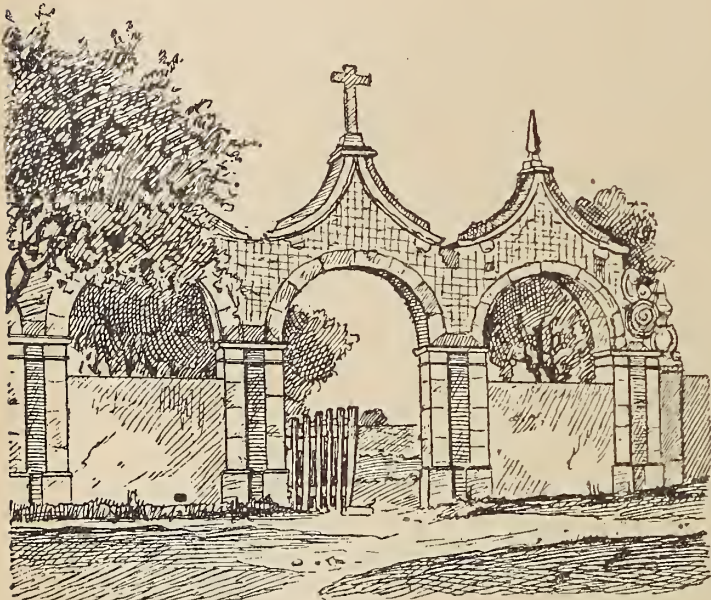
Quanto ao ultimo dia, dizia textualmente o programma:

«Na 2.<sup>a</sup> feira, 21, haverá, ás 2 horas da tarde, vistosas cavalladas á antiga portugueza, tomando n'ellas parte os mancebos da «elite» da villa, vestindo os trajés da região e montando em soberbos cavallos ajaezados á ribatejana; e ás 6 horas procissão voltando a imagem para a capella, continuando o arraial ás 7 horas da noite.»

O 3.<sup>o</sup> barão de Samora Corrêa, que nasceu no seu palacio de Alcochête em 1857 e falleceu em Lisboa a 12 de julho de 1902, deixou á Santa Casa da Misericordia um legado para fundação de um asylo destinado a recolher invalidos pobres de Alcochête e Samora.

Este legado constou de propriedades rusticas e urbanas, no valor de réis 100:000 000; e 20:000 000 réis em dinheiro.

Nas propriedades applicadas a este fim creio que foram incluídas a salina



51 — Portico do extinto convento de S. Francisco

na Nova da Bomba <sup>1</sup>, a Quinta da Bella Vista, e o predio da extincta fabrica de phosphoros.

Tem a villa dois medicos, duas pharmacias, duas escolas officiaes de instrucção primaria: uma para o sexo masculino, em edificio Conde de Ferreira, no Rocio; a do sexo feminino funciona em uma casa do largo D. João d'Alarcão.

Ha tambem varias aulas particulares.

O actual theatro é modesto e acanhado; mas pensa-se em construir um que satisfaça as justas aspirações da terra.

Ha uma philarmonica, denominada *15 de janeiro de 1898* (data da restauração do concelho de Alcochête); é composta de 33 figuras.

A antiga praça de touros foi demolida; trata-se agora de edificar nova praça, sendo a construcção de alvenaria.

Extincta a fabrica de phosphoros, quando se decretou o respectivo monopolio, subsistem apenas algumas fabricas, aliás modestas, de distillação de aguardente, e de preparação de azeite de oliveira.

<sup>1</sup> Esta salina é uma das mais importantes do concelho de Alcochête.

A principal riqueza do concelho, cuja superficie abrange 9:670 kilometros quadrados, com uma população de 6:332 habitantes de ambos os sexos, é o vinho.

O professor Aguiar comprehendeu os vinhos de Alcochête no districto vinicola do Lavradio (prolongando-o desde Alcochête até ao Barreiro) e especializou os do Samouco.

N'uma parodia aos *Sinos de Corneville*, ha annos representada em Lisboa, dizia-se :

Vinho do Samouco !  
Achei bem pouco  
O que bebi...

Ora o Samouco é uma freguezia que, com a da villa de Alcochête, completa o concelho d'este nome.

Antigamente o commercio da villa era mais animado do que hoje. Bastava, para isso, ser Alcochête passagem obrigada para as charnecas do Infantado (actualmente na posse da Companhia das Lezirias) onde a côrte realizava frequentes e pomposas caçadas. Comtudo algum proveito deve o commercio local receber actualmente do — Campo de tiro — que se acha estabelecido a quatro kilometros da villa.

O decreto de 1 de março de 1901 mandou proceder á expropriação por utilidade publica e urgente de uma faixa de terreno, de 1:680 hectares, nas charnecas de Alcochête pertencentes á Companhia das Lezirias, para o estabelecimento do — Campo de tiro — destinado á pratica do tiro com boccas de fogo a grandes distancias e a exercicios tacticos e fogos de guerra, tanto de artilharia como de armas portateis.

Decretada a expropriação do terreno, procedeu-se com as formalidades que a lei de 23 de julho de 1850 prescreve, e finalmente em 12 de junho de 1901 lavrou-se a escriptura, pela qual a companhia cedia ao Estado o terreno preciso para o campo de tiro á razão de 0.75 de real o metro quadarado.

Adquirido o terreno, foram incumbidos do respectivo levantamento topographico os srs. capitães de artilharia Alfredo Ernesto de Sá Cardoso e Nicolau Tolentino Pereira Homem Telles, que tinham anteriormente procedido aos estudos para a escolha do terreno.

Depois de concluido aquelle trabalho, procedeu-se á elaboração do projecto dos edificios destinados ao alojamento das forças, que hão de concorrer ao campo, e demais installações do estabelecimento, de que foi encarregado o distincto engenheiro sr. capitão Luiz Gonzaga Vaz da Victoria.

Approvedo o projecto, foi mandado pôr em execução, e actualmente já existem alguns edificios onde se podem alojar, não só o pessoal permanente do campo, mas tambem forças para receber instrucção.

Outrosim deve ser vantajosa á villa de Alcochête a regularidade da communicação fluvial que presentemente mantém com Lisboa.



52 — Nossa Senhora da Vida

No dia 2 de agosto de 1903 realisou-se a inauguração das carreiras regulares e diarias entre a capital e Alcochete com o vapor *Alcochête*, adquirido na Allemanha pela Empresa Portugueza de Navegação Fluvial.

Esta Empresa, fundada sem nenhum auxilio dos poderes publicos, conseguiu, apenas em oito mezes de existencia, estabelecer as suas carreiras.

O vapor largou da ponte dos caminhos de ferro de sul e suêste, no Terreiro do Paço, ás 8 horas e 10 minutos da manhã e gastou até Alcochête sómente 50 minutos.

A chegada do vapor foi aqui saudada com girandolas de foguetes, tiros de morteiro, numerosos vivas aos protectores de Alcochête, ao mesmo tempo que a banda *15 de janeiro* tocava o hymno nacional.

Seguiu-se a benção do vapor, pelos reverendos Teixeira Cardoso e beneficiado Oliveira, e logo após ella a celebração da missa de festa na igreja da Santa Casa da Misericordia (antiga capella do palacio onde nasceu el-rei D. Manuel). E depois organisou-se um cortejo á frente do qual os iniciadores da empresa e outros cavalheiros, srs. major Ramos da Costa, D. João Coutinho, beneficiado Oliveira, Eduardo Ramos da Costa, Antonio Leite da Cunha, acompanhados da banda *15 de janeiro*, entraram na séde d'esta sociedade, no meio de estrepitosos vivas e salvas de palmas, dando-se então começo á sessão solemne, na qual discursaram os srs. D. João Coutinho, major Ramos da Costa, Antonio Martins, Eduardo Ramos da Costa, Antonio da Cruz e Miguel Coelho Nunes da Silva.

Terminada a sessão solemne, constituiu-se novamente o cortejo, que percorreu as ruas da villa ao som de innumerous vivas, girandolas de foguetes e salvas de palmas até ao caes, d'onde partiu o vapor ao meio dia para fazer a sua primeira viagem de Alcochête a Lisboa.

A banda *15 de janeiro*, que se incorporou no cortejo em todo o percurso, executou um novo ordinario composto pelo regente da banda, sr. Joaquim José Boeiro, filho de Alcochête.

Depois da producção do vinho é a do sal uma das melhores fontes de receita que enriquecem o concelho de Alcochête.

Já falamos da salina Nova da Bomba. Na herdade da Barroca d'Alva mandou Jacome Ratton construir quatro salinas, que lhe rendiam annualmente 15:000 moios.

A producção de sal no concelho está calculada, por anno, em 100:000 moios ou seja 80.000:000 litros.

Entre os modernos melhoramentos de Alcochête deve mencionar-se o matadouro municipal, situado junto á estrada n.º 16, e construido nas melhores condições hygienicas.

Vê-se, pois, que esta villa não tem adormecido sobre os seus pergaminhos d'outr'ora, antes acompanha quanto possivel os progressos da actualidade.

Assim tambem, ao lado das familias de mais antiga linhagem, cujos appellidos illustram Alcochête, taes como Patos, Cunhas, Encerrabodes, S. Vicente e Coutinhos (Soydos), nós todos vimos tornar-se estimado, e desempenhar cargos de elevada representação politica, um bondoso lavrador, que Lisboa inteira conheceu pela simples designação de — Estevam de Alcochête.

Ao passo que resôa ainda em Alcochête o brilhante titulo de — Cadaval —, aqui representante de varias quintas, como em outros muitos logares da Extremadura portugueza, — vêmos surgir um novo potentado, o grande lavrador José Maria dos Santos, hoje o maior proprietario não só no concelho de Alcochête, mas tambem no sul do reino.

O commendador Estevam Antonio de Oliveira Junior e José Maria dos Santos foram amigos intimos, companheiros inseparaveis durante muitos annos.

O commendador era um homem alto, volumoso, de peito forte e largo, faces

córadas, olhos de um azul esbatido e humido, physionomia clara e alegre, falas mansas, maneiras respeitosas e singelas.

No seu tempo havia já muitos commendadores em Lisboa, mas só elle e mais dois parecia terem o monopolio d'esta mercê honorifica. A trindade dos commendadores mais conhecidos e populares compunha-se de Estevam Antonio d'Oliveira Junior, Antonio Ignacio da Fonseca, cambista na rua do Arsenal, e Antonio Florencio dos Santos, proprietário-director da Escola Academica.

Os outros seus collegas podiam ser commendadores em casa e em familia; estes tres eram commendadores em toda a parte, entre o clero, a nobreza e o povo.

Estevam Antonio d'Oliveira Junior foi por muitos annos deputado da nação, ora eleito pelo circulo de Montemor-o-Novo, ora pelo de Evora.

Presidiu como decano á junta preparatoria da camara em 1889 e 1890.

Em 1891 entrou na lista quintupla para os cargos de presidente e vice-presidente; e depois para o de supplente á presidencia.

Algumas vezes presidiu.

Lembro-me de que n'uma occasião a opposição preparara um *guet-apens* parlamentar e de que Estevam de Oliveira o soubera inutilisar com não menos habilidosa solercia, facto que deixou muito satisfeitos os seus correligionarios.

— Resolveu melhor, dizia-se, do que se estivesse na presidencia um homem de grande talento.

Tambem foi thesoureiro da camara dos deputados durante alguns annos.

Era o tempo do dinheiro, e o subsidio pagava-se em ouro — moedas de 10.000 réis.

Recebi-as da sua mão muitas vezes, e sempre o bondoso thesoureiro, com toda a sua bonomia ribatejana, tinha uma palavra amavel, ás vezes graciosa, para cada collega que ia chegando.

Em abril de 1894 foi eleito par do reino pelo collegio districtal de Evora, mas continuou fazendo parte da camara dos deputados até 15 de outubro seguinte, dia em que passou de uma para outra camara.

Recordo perfeitamente a commoção com que elle se despediu dos seus collegas de muitos annos para ir tomar assento como par do reino.

A camara dos deputados era n'esse tempo aquelle barracão azul e branco, que se fizera para as primeiras côrtes constitucionaes, e que ainda hoje funcionaria se um incendio o não tivesse devorado.

Estevam de Oliveira, de pé no meio da coxia central, fronteira á presidencia, pediu a palavra para fazer as suas despedidas.

Mas as lagrimas embargaram-lhe a voz.

Todos os seus collegas se acercaram d'elle, tambem impressionados.

Estevam não pôde dizer mais do que estas palavras:

— Adeus, rapazes!

O seu destacamento na camara dos pares teve curta duração, porque a parte electiva d'esta camara foi dissolvida com a camara dos deputados em 25 de setembro de 1895.

Ordinariamente eram escolhidos para pares do reino electivos aquelles deputados que tinham circulo certo e seguro; d'este modo deixavam o circulo vago para outrem, e os governos obtinham assim, no parlamento, dois votos a favor dependentes do mesmo individuo.

Não era sem sacrificio que os homens nas condições de Estevam d'Oliveira trocavam a cadeira de deputado pela de par, pois que temiam perder a influencia pessoal que tinham no seu antigo circulo.

Outros então eram eleitos pares de *galão branco*, como se dizia dos electivos, por

quererem fazer figura em alguma parte, e porque muitos d'elles imaginavam que bem podiam entrar na camara alta como pares electivos e ficar como vitalicios.

Quantos d'elles se enganaram, e tiveram de voltar á primeira forma!

Ainda hoje estão a marcar passo na camara dos deputados, com o cheiro na camara dos pares.

Um cheiro a esturro...

O commendador Estevam de Oliveira ou simplesmente o «Estevam d'Alcochête» tinha residencia em Lisboa, ahi para os lados da Sé, mas vinha todas as semanas, regularmente aos sabbados, a Alcochête, viajando n'uma falua, que não havia então outro meio de transporte. D'aqui seguia para a sua famosa herdade de Pancas.

Uma doença minaz arruinou-lhe vagarosamente o robusto organismo: Estevam de Oliveira falleceu a 12 de agosto de 1896, creio que sem deixar um unico inimigo.



53 — Igreja da Misericórdia

Os seus restos mortaes jazem em opulento mausoleo no cemiterio novo d'Alcochête.

Para os contemporaneos, o nome de Estevam Antonio de Oliveira Junior cosegue evocar a lembrança da sua terra com mais facilidade do que o poderá fazer a memoria de algum outro alcochetense illustre por meritos litterarios, como, por exemplo, o famoso missionario Padre João Rodrigues Girão.

A producção do concelho de Alcochête, alem do vinho e do sal, a que já nos referimos, consiste em trigo, arroz, legumes e cortiça.

A creação de gado, especialmente suino, é importante no concelho.

Ha na villa dois estaleiros, onde se construem barcos de véla.

Dissemos como eram pomposas as festas de Nossa Senhora da Vida; Resta-nos mencionar as do S. João, orago da villa; as romarias da Atalaya; e o anniversario da restauração do concelho que se tem celebrado desde 1898.

Em 1896 publicou-se um jornal com o titulo *Echo d'Alcochête*.

Posto fosse destinado a defender os interesses do concelho, tinha a séde da sua redacção e administração em Lisboa, onde era impresso.

A villa conta actualmente 5:376 habitantes, sendo 2:941 do sexo masculino e 2:435 do feminino.

O concelho faz parte do districto administrativo de Lisboa; e pertence judicialmente á comarca de Aldea Gallega.

O snr. E. H. R. da Costa publicou em 1902 (Lisboa) uma memoria sobre *O concelho de Alcochête*, que nos prestou alguns elementos interessantes.

Completa-se o concelho com a freguezia de S. Braz do Samouco, á qual a villa está ligada por uma estrada municipal de 2.<sup>a</sup> classe.

A freguezia do Samouco tem actualmente 956 habitantes de ambos os sexos.

Dista da villa de Alcochête cinco kilometros; e da villa de Aldea Gallega quatro kilometros. Está situada entre as duas villas, a sudoeste da primeira, e á borda d'agua.



54—Musicos extremenhos dirigindo se para o arraial

E' o Samouco uma aldea, mas parece querer ser villa pelo seu amor ao progresso. Agora não ha philarmonica no Samouco, mas já houve, e pensa-se em organizar uma brevemente.

Lá está á sua espera o corêto no Largo do Rocio.

Tem a povoação, alem d'este largo, mais os seguintes: Largo (arborisado) de Francisco Maria da Silva; largo do dr. Justino de Carvalho, largo do Casal e largo da Salgadeira.

Tem varias ruas, a saber: do Vespeira, de Barata Salgueiro, do Caldas, da Amoreira, de Francisco Falcão e da Praia.

A igreja parochial é ampla, se bem que de modesta architectura; no cemiterio ha uma boa capella.

E já que falamos no cemiterio diremos que possui um mausoléu, digno de menção: aquelle em que repousam os restos mortaes de Estevam da Cruz Vespeira.

O nome de Samouco serve não só para designar propriamente a povoação, como

tambem toda a região da margem esquerda do Tejo desde esta aldea até ao bairro dos pescadores em Aldea Gallega.

Os marinheiros costumam designar uma saliencia d'essa margem e região com o nome de ponta do Samouco.

As salinas mais importantes são a da Restinga e a dos Pinheirinhos, que pertencem ambas ao conde d'Azarujinha.

Uma tradição local, conservada pelos velhos, conta assim a etymologia do nome da sua terra.

Passou por esta aldea, então no seu periodo inicial, uma mulher que ia de longada e que perguntou a um homem aqui residente:

— Que terra é esta?

O interrogado ouviu perfeitamente a pergunta, mas respondeu gracejando:

— Sou mouco.

A caminheira replicou no mesmo tom:

— Já sei. Você quer dizer que é do logar do — Sou mouco.

Contou-se este caso nos soalheiros da aldea. Acharam-lhe graça. E lembraram-se de fazer o dito verdadeiro, dando á terra o nome de Soumouco, que depois, por corrupção, se converteu em Samouco.

Não ha no logar outra industria que não seja a agricola.

Fazem-se no Samouco algumas festas, com os respectivos arraiaes, a saber: a da Senhora do Monte do Carmo, no segundo domingo d'agosto; a do Rosario, no segundo domingo de novembro; e a de S. Braz, a 3 de fevereiro.

E' no limite oriental do concelho de Alcochête que está situada a grande adega do rico viticultor sr. José Maria dos Santos, dono da «maior vinha não só do Alemtejo (Poceirão) mas tambem de todo o mundo».

Em todas estas vastas officinas vinarias funcionam os mais aperfeiçoados machinismos.

As uvas são pisadas por esmagadores movidos a vapor, montados pela casa John Harcker & C.<sup>a</sup>

O motor dos esmagadores serve tambem aos alambiques que distillam a aguardente, e impulsiona os dynamos que fornecem a illuminação electrica tanto na adega como nas suas dependencias.

Por occasião das vindimas mal se póde imaginar a actividade e a vida, verdadeiramente prodigiosas, das enormes officinas em laboração, durante o dia e durante a noite.

Mas o espectáculo que ellas offerecem é ainda mais bello e phantastico á noite, quando a luz electrica projecta, sobre os machinismos em actividade e sobre o enxame de trabalhadores em acção, jorros de immensa claridade serena e nitida.

Surprehende encontrar aqui uma tão poderosa fabrica, porque, a bem dizer, as officinas de Rio Frio não são outra coisa senão uma colossal fabrica onde a uva se transforma em vinho, graças ao trabalho da machina e do homem.

A adega é servida por duas estradas de macadam, uma que segue directamente para a estação do Poceirão na linha ferrea de sul e suéste, e outra que pela estrada districtal 159 se liga á estrada real 16, estabelecendo assim communicação com a villa de Alcochête.

Por occasião das vindimas de 1904, noite de 24 para 25 de setembro, deu-se em Rio Frio um grave conflicto entre a população de «ratinhos», arraianos e maltezes que andavam trabalhando aqui em numero, talvez, de 3:000.

Referimos este facto porque elle caracteriza um dos muitos episodios da vida dos trabalhadores adventicios n'esta ampla colonia agricola.



Já dissemos algures que os «ratinhos» são procedentes da Beira. Emigram em ranchos de 50 a 60 homens ou mulheres, tomando cada rancho o nome de «malhada», sob o commando de um maioral.

Os arraianos são individuos da Amarelleja e outros pontos da raia, que vêem prestar serviços com as suas carrêtas, occupando-se em transportes.

Os maltezes são trabalhadores errantes, de varias classes e nacionalidades, que, sem contrato, trabalham em qualquer propriedade que os admitta.

Na noite referida, os arraianos, tendô recebido a fêria e beberricado na locanda do sitio, lembraram-se de ir provocar os «ratinhos».

ANNO I

DOMINGO, 5 DE JANEIRO DE 1896

N.º 4

# ECHO D'ALCOCHETE

Semanario independente, litterario, noticioso e charadistico

REDACTOR PRINCIPAL - JOÃO BAPTISTA NUNES JUNIOR

ASSIGNATURAS	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	PUBLICAÇÕES
Anno ..... 14000 réis	Lisboa - Largo das Orlarias - 05. 1.º	Annuncios na 4.ª pagina ... 30 reis a linha
Semestre ..... 600 "	REPRESENTANTE EM ALCOCHETE	No corpo do jornal preço convencional
Trimestre ..... 280 "	MIGUEL COELHO NUNES DA SILVA	A redacção accetta agradecida todas as noticias de interesse publico.
Numero avulso, 20 rs. Pagamento adiantado		

## EXPEDIENTE

Rogamos a quem enviamos o jornal ECHO D'ALCOCHETE, a fineza de no-lo remetterem, caso não acceitem a sua assignatura. Serão considerados assignantes os que assim o não fizerem.

—patria de D. Manuel, o Venturoso, cujo reinado de glorias e tradições venturosas, é uma das epochas mais brilhantes da nossa historia patria.

Estamos certos de que este jornal terá a acceitação que lhe agouramos e de que os nossos patricios o auxiliarão desinteressadamente, uma vez que o verdadeiro prysma por onde buscamos o provir, é por todos os motivos digno e sublime

Não é menos honroso o regis-

melhor exito a nossa união — o nosso patriotismo

Pela patria, pois, seja o nosso ideal lutando e sacrificando os nossos interesses por ella, e, quando a morte, esse implacavel inimigo, nos vier usurpar a existencia, teremos a consolação de havermos cumprido os nossos mais imperiosos deveres.

Expondo-vns estas expressões com a sinceridade que nos caracteriza e que traduzem tão sómente os estreitos laços d'amizade

## A supressão do cancelho d'Alcochete

### ESBANJAMENTOS

O anno de 1895 não foi dos mais ridentes para Alcochete e outras villas que, como esta, foram apunhaladas por esse instrumento cur que se praticam actos revoltantes com o nome de medulas economicas; e que ou sejam ou não, custanos a comprehender como, com tanta facilidade e tão pouca curdura, se executam acções d'esta or

55—Fac-simile do jornal *O Echo d'Alcochete*

Para este effeito combinaram que um d'elles deitasse a fugir, e os outros fingissem ir em sua perseguição até aos acampamentos dos «ratinhos.»

Assim fizeram.

Chegando ali simularam que o supposto perseguido se havia refugiado n'esses acampamentos, e começaram a querer arrombar as portas das pousadas dos «ratinhos.»

Estes, que são em geral timidos e ordeiros, mas temiveis, pelo seu numero, quando provocados, sahiram a campo, e em numero de 250, armados de cajados, chuços, enxadas, etc., lançaram-se em perseguição dos provocadores.

A escuridão era grande, e n'ella se desenrolou todo o drama.

Os arraianos defenderam-se a tiro, mas como vissem que os «ratinhos não se acobardavam, e os perseguiam charneca a dentro, fugiram, por fim, em completa debandada.

Houve varios ferimentos, mas nenhuma queixa.

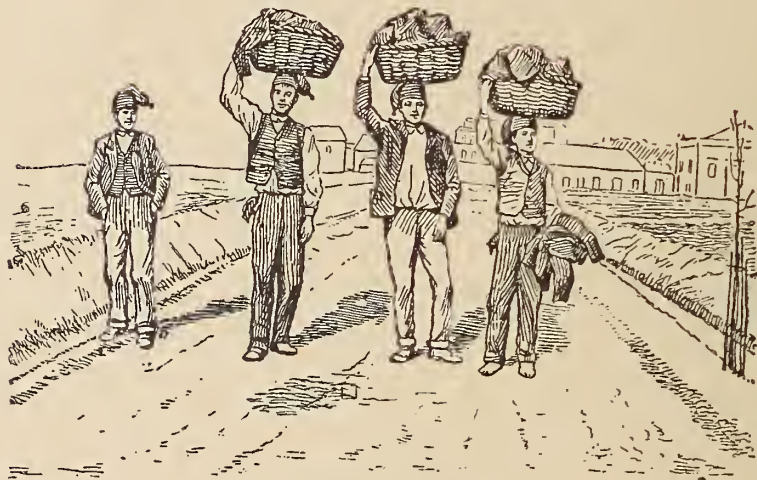
Interrogados os «ratinhos» e os arraianos sobre o conflicto, todos elles se entrincheiraram em laconicas evasivas:

- Não conheci quem me feriu.
- Não sei ao certo como o caso se passou.
- Não posso dizer nada, porque nada vi.

Uns e outros, homens fortes e pobres, liquidam assim as suas contas, evitando a intervenção da justiça.

Para elles, a justiça é a força physica. Quem provocou, apanhou. O castigo é rapido e barato.

Rio Frio dista de Aldea Gallega 11 kilometros.



5.—A caminbo das salinas

## VIII

# Villa Franca de Xira

---

### I

## ALVERCA



UEM, em viagem ascendente pela linha ferrea do norte, passou a estação da Povia, encontra, d'ahi a 4 kilometros, a estação de Alverca.

Estamos no concelho de Villa Franca de Xira, e já entre estas duas estações fica, terra dentro, uma povoação do mesmo concelho: Vialonga, freguezia de 1:789 almas, que tem por orago Nossa Senhora da Assumpção.

Alverca com as suas casas brancas e a sua igreja avista-se a pequena distancia da linha ferrea em terreno pouco elevado, mas superior ao nivel do Tejo.

Este rio corre a dois kilometros da villa, e sobre elle ha um caes que a serve, e se lhe liga por uma estrada, que atravessa a linha ferrea e segue depois por entre propriedades do conde da Ribeira Grande, Jeronymo Ferreira, e outros, chegando até Calhandriz.

Alverca é villa antiga. Basta-lhe o nome para indicar uma origem arabe: vem de *Alborca* — terra alagadiça, paul.

Affonso Henriques, havendo-a tomado aos mouros, doou-a aos cruzados que o auxiliaram na conquista de Lisboa, e concedeu-lhe foral em 1160.

Foi cabeça do concelho do seu nome, extinto pelo decreto de 24 de outubro de 1855.

E' desde então que faz parte do concelho de Villa Franca.

Tem uma só freguezia, com 1:988 habitantes.

Orago: S. Pedro.

A igreja parochial é grande, e a sua torre elegante.

Sabe-se que foi reconstruida no anno de 1687; e tornou a sel o em nossos dias.

O cemiterio fica, em baixo, ao pé da estrada real n.º 88, que segue para o Porto. Ha na villa uma praça, denominada de *João Mantas*. A um dos lados da praça está a escola do sexo masculino, e do outro lado a cadêa, que tem no pavimento superior a escola do sexo feminino.

Tambem havia no meio d'esta praça o pelourinho, symbolo da antiga autonomia municipal: foi apeado, e está guardado na cadêa.

Ao norte dá villa, dominando uma espaçosa alameda, existiu outr'ora um convento de carmelitas calçados.

D'elle já não restam vestigios.

Perto fazia-se uma feira franca, 15 a 17 de junho, que tinha grandes privilegios concedidos por D. João V.

N'esse tempo os frades celebravam pomposos festejos a Nossa Senhora do Carmo: e de Lisboa vinha um cirio, que chamava muita concorrência deromeiros.

Tambem na freguezia de Alverca houve um convento de franciscanos mendicantes: a igreja, posta sob a invocação de Nossa Senhora dos Anjos, era magnifica.

Restam apenas as suas ruinas.

Alverca é terra abundante em cereaes, vinho, azeite e fructas. Tem algumas salinas; e o Tejo abastece-a de peixe. Cria gado bravo. Não possui fabricas, mas apenas fornos de cal e lagares de azeite.

Entre as suas quintas mencionarei as do Galvão, da Omnia, do Cochão, e do Forno de Cal.

Esta ultima pertence ao estimado camaroteiro do theatro do Gymnasio, de Lisboa — Antonio Sant'Anna.

Na villa ha um theatro-barracão, com bancadas de pinho.

As festas mais animadas são a de S. Sebastião, que se faz junto ao cemiterio, e a S. de Pedro, em que se conserva a tradição das fogueiras.

Foi entre a igreja parochial e o rio Silveira, affluente do Tejo, que a uns tres kilometros da villa, no sitio de Alfarrobeira, se travou a rapida e tristemente celebre batalha d'este nome, a 20 de maio de 1449.

O infante D. Pedro, tendo partido de Coimbra, viera pela Batalha, Alcobaca, Rio Maior, acampar em Alcoentre.

Junto ao ribeiro de Alfarrobeira encontraram-se os dois exercitos inimigos: o do infante e o de Affonso V, seu sobrinho e genro.

O choque foi instantaneo e decisivo, porque uma setta, disparada com certa pontaria, feriu no peito o infante D. Pedro.

O conde de Avranches, D. Alvaro Vaz d'Almada, amigo e companheiro devotado do infante, havia com elle feito voto em Coimbra de morrerem no mesmo dia.

Logo que D. Pedro cahiu, um moço correu a avisar o conde, que pelejava bravamente n'outra parte do arraial, e disse-lhe:

— Senhor conde, que fazeis? porque o infante é morto.

D. Alvaro Vaz, dominando a sua commoção com grande esforço, respondeu-lhe:

— Cala-te, e aqui não o digas a ninguem.

A breve trecho cravava esporas no cavallo dirigindo-se para a sua tenda, onde, logo que entrou, serenamente pediu pão e vinho.

Servida esta refeição, retomou as armas e voltou a pé ao arraial. Como fosse reconhecido, cahiram sobre elle os soldados do rei. D. Alvaro defendia-se valorosamente com a lança; quebraram-lh'a. Puxou da espada, e brandia-a com uma rapidez e sanha formidandas. Feriu muitos, matou outros, até que as forças lhe faltaram, e então exclamou:

— O' corpo! já sinto que não podes mais, e tu, minha alma, já tardas.

Cahindo prostrado no chão, ainda pôde dizer com soberba ironia:

— Ora fartar, villanagem.

Tantos golpes os seus adversarios descarregaram então sobre elle, que dentro em pouco expirou.

Um dos do rei lhe cortou a cabeça e a levou a seu senhor fazendo jus a larga mercê; o tronco ficou feito em pedaços, diz Ruy de Pina.

O cadaver do infante esteve abandonado no campo, durante tres dias. Depois trouxeram-n'o sobre um escudo para a igreja de Alverca. D'aqui trasladaram-n'o para o castello de Abrantes, mais tarde para o mosteiro de Santo Eloy em Lisboa, finalmente, a pedido da rainha sua filha, para a igreja da Batalha.

Quanto aos esphacellados restos do conde de Avranches, esses teriam apodrecido no campo se seu irmão bastardo, João Vaz de Almada, não requeresse licença para os fazer conduzir ao jazigo de familia em S. Francisco de Lisboa.

Foi, pois, aqui junto ao ribeiro de Alfarrobeira, que se desenrolou esse rapido e sangrento drama, que nada aproveitou á patria, mas que ficou eternamente lembrado como heroico exemplo do antigo pundonor e brio dos cavalleiros portuguezes, e da amizade leal e fanatica entre dois irmãos de armas, que se tinham jurado uma solidariedade eterna, na morte como na vida.

Na villa de Alverca esteve, refugiado da peste de 1599, Duarte Nunes de Lião, e aqui se entregou ao trabalho que n'esse tempo trazia entre mãos: a *Descripção do reino de Portugal*.

Já dissemos que a estrada, que do caes de Alverca passa pela villa, vai até Cahandriz.

A freguezia d'este nome, a tres kilometros de Alverca, é pobre e insignificante.

Tem apenas 512 parochianos, e uma pequena e modesta igreja, de que S. Marcos é orago.

O titulo nobiliarchico — de Alverca — anda na casa dos condes de Anadia: barão, 21 de abril de 1795; visconde, 12 de novembro de 1805.

O sr. José de Sá Paes do Amaral Pereira de Menezes, filho do 4.<sup>o</sup> conde de Anadia e residente em Coimbra, tem o titulo de visconde de Alverca.

Ignoro se este titulo se refere á villa de Alverca na Beira Baixa ou á villa de Alverca na Extremadura.

Funciona n'esta villa uma fabrica de fiação e tecidos, propriedade de José Ferreira Amaral, que emprega actualmente 74 operarios.

Alverca dista da séde do concelho 9 kilometros, para o sul.

Entre os seus filhos distinctos contam-se Frei Pedro de Alverca, que se abalisou tanto no direito sagrado como no profano, e que fundou em Saragoça o convento dos Trinitarios; Antonio Brandão de Rovredo, que foi cavalleiro da Ordem de Christo e morreu em Gallisa (1662) combatendo pela patria; Francisco Xavier da Roma que, no seculo xvii, acompanhou Alexandre de Menezes á China, n'uma embaixada, cuja relação escreveu.

E sem mais demora me despeço d'esta primeira *étape* no concelho de Villa Franca de Xira dizendo ao leitor: «Um seu criado — Mathias d'Alverca».

## II

## ALHANDRA

A villa de Alhandra — Alhandra a toureira, como diz Garrett — é só em parte visível da linha ferrea, sobranceiro á qual, entre as estações d'aquelle nome e a de Alverca, corre o monte d'onde partiam, no tempo da terceira invasão franceza, as famosas linhas chamadas «de Torres Vedras».

Ainda hoje o viajante vê no *Alto do Boneco* uma estatua, cuja figura e significação não poderá facilmente discriminar na rapida passagem do comboio.

Pois é o chamado «Hercules da Alhandra», estatua que foi ali collocada sobre uma columna em 1877, justamente como monumento commemorativo d'essas celebres linhas que embargaram o passo a Masséna.

Diz a tradição que esta villa tivera, antes do nome actual, o de *Torre Negra*.

Quanto á etymologia do vocabulo — Alhandra — o snr. Lino de Macedo suppõe que virá do arabe *alhodera*, ou *alhodra*, tributo que os antigos habitantes fossem obrigados a pagar durante o dominio sarraceno.

E' uma hypothese como qualquer outra.

O que é certo é que Frei João de Sousa, nos *Vestigios da lingua arabica*, não menciona a palavra Alhandra como derivada d'aquella lingua.



57 — Dr. Sousa Martins

Haveria «no tempo dos mouros» alguma «torre» que pela sua espessa pátina merecesse o epitheto de «negra»?

Ou seria romana essa torre?

O silencio dos seculos abafa todas as conjecturas.

Portanto melhor nos parece pô-las de parte, e procurar apenas a origem da povoação christã.

Herculano diz-nos que por esforços do bispo de Lisboa D. Sueiro se lançaram os fundamentos da villa de Alhandra (1207).<sup>1</sup>

Isto é o que de positivo e seguro se pode saber.

Em virtude d'aquelle factio originario os prelados da diocese de Lisboa gosavam de regalias especiaes sobre a villa de Alhandra, tal era a de recolherem a quarta parte dos fructos colhidos pelos alhandrenses.

Mas isto dava logar a protestos e resistencias, e assim aconteceu até ao tempo do

<sup>1</sup> *Hist. de Port.*, 2.<sup>a</sup> edição, tom. II, pag. 100.

cardeal D. Jorge da Costa, que foi compellido a prescindir de tão violenta prerogativa.

A Alhandra constitue uma só freguezia, com 2:193 habitantes.

Orago, S. João Baptista.

A antiga matriz esteve desde o seculo XIII até ao XVI n'uma igreja da Praça, onde mais tarde se instituiu a irmandade da Misericordia.

A expensas do cardeal D. Henrique, no anno de 1558, foi edificada nova parochial—sumptuoso templo de tres naves, situado no alto do Castello ou *Miradeiro*, 200 metros acima do nivel da villa.

Este templo incendiou-se a 21 de agosto de 1877, ficando completamente reduzido a ruínas.

Na imprensa periodica encontramos recentemente a historia d'esse terrivel incendio, que tanto contristou os habitantes da villa de Alhandra:

«Foi a um domingo, depois de se ter celebrado com grande esplendor a festa ao glorioso Martyr S. Sebastião. Quando todos se haviam retirado para suas casas, para se prepararem para a procissão que d'ahi a pouco se devia de realisar e quando começava a affluir grande concorrencia de forasteiros das povoações visinhas para assistir áquella solemnidade, cêrca das 4 e meia horas da tarde, notou-se, com grande pavor



58—Funeral de Sousa Martins.—O cortejo funebre passando nas ruas de Alhandra

de todos, que um grande incendio lavrava nos forros e madeiramentos da igreja.

«O grito de alarme ecoou por toda a villa e tudo ali correu na melhor intenção de salvar tão grandiosa maravilha, mas infelizmente foram baldados tão heroicos esforços, por isso que d'ahi a momentos tudo era pasto das chammas.

«Ainda assim, devido á grande coragem de muitas pessoas, com grave risco de vidas, conseguiu-se salvar algumas imagens e alfaias.

«A briosa corporação dos Bombeiros Voluntarios, de Villa Franca, logo que teve conhecimento do incendio aqui correu com todo o seu material, prestando importantes serviços, pelo que a junta de parochia fez lavar na acta das suas sessões um voto de agradecimento.

«Esta data triste sempre ficou memoravel a todos os alhandrenses, pois ainda se recordam com bastante saudade do seu grandioso templo.

«O fallecido e illustre par do reino sr. marquez de Rio Maior bastante se empenhou pela reconstrucção da nossa egreja, conseguindo para ella ricos altares com obra de talha e marmore do extinto convento dos Grillos.

«Infelizmente a morte roubou-nos o nosso protector.

«Depois da infausta morte do nosso chorado patricio dr. Sousa Martins, o illustre ministro das obras publicas sr. conselheiro Augusto José da Cunha, como homenagem

á memoria d'aquelle grande vulto, visto ser n'aquelle templo que recebeu as aguas do baptismo, ordenou a demolição das paredes em ruina, elaborando-se o projecto e orçamento e começando em seguida a obra da nova igreja matriz, estando actualmente as paredes elevadas a quasi toda a altura em que devem ficar.

«Infelizmente ha cerca de dois annos que as obras estão paradas, e as paredes expostas ao rigor do tempo correndo o risco de se deteriorarem.»

Acrescentaremos agora que no dia 1 de outubro de 1905 foi solemnemente collocado o pau de fileira na nova igreja, a qual está situada no mesmo logar da antiga (alto do Castello) e fica com tres naves, tendo o corpo central 25 metros de comprimento e 7 de largura.

A fachada é de cantaria, em estylo gothico.

O marquez de Rio Maior (*Vide Rio Maior*) era proprietario no concelho de Villa

Franca, por sua esposa, que recebera a quinta de Subserra em herança paterna.

Esta importante quinta está comprehendida na freguezia de S. João dos Montes.

Tem uma grande casa de habitação — palacio — com 22 janelas de frente, capella, da invocação de S. José, jógos d'agua, estatuas e uma gruta de mosaico.

A sr.<sup>a</sup> marqueza viuva costuma passar n'esta quinta o estio.

Da estação de



59 — Jazigo de Sousa Martins no cemiterio de Alhandra

Alhandra segue-se para a quinta de Subserra pela estrada da Arruda dos Vinhos.

O dr. José Thomaz de Sousa Martins, honra da medicina portugueza e da Escola Medica de Lisboa, onde notavelmente exerceu o professorado, nasceu e morreu na villa de Alhandra.

Tuberculoso por constituição, o trabalho e o estudo apressaram-lhe a morte aos 50 annos de idade.

Quando se sentiu tocado pela doença, que bem sabia incuravel, o dr. Sousa Martins recolheu-se á sua casa de Alhandra, onde durante algumas dezenas de dias esperou a morte com esforçado animo, escrevendo affectuosas cartas de despedida aos seus amigos intimos e fazendo com stoica serenidade as suas ultimas disposições.

O funeral realisou-se n'esta villa, em cujo cemiterio Sousa Martins repouza n'um jazigo de familia; e foi concorrido por grande numero de pessoas, collegas, discipulos, admiradores e clientes, que de Lisboa vieram expressamente prestar essa devida homenagem de respeito e veneração ao illustre professor.

Sousa Martins falleceu no dia 18 de agosto de 1897, e o seu enterro effectuou-se no dia seguinte.

Uma commissão de amigos dedicados erigiu-lhe uma estatua no Campo dos Martyres da Patria, em Lisboa, deante do novo edificio da Escola Medica.



Essa estatua, inaugurada a 7 de março de 1900, segundo o projecto do esculptor Queiroz Ribeiro, suscitou acerbas criticas na imprensa quanto ás suas imperfeições artisticas, pelo que os promotores do monumento resolveram apael-o e fazel-o substituir por outro, cuja execução encarregaram ao esculptor Costa Motta.

O segundo monumento inaugurou-se em 1904.

Sousa Martins foi um ardente propugnador do tratamento da tuberculose pelos climas de altitude e, sob este ponto de vista, especialmente recommendava a serra da Estrella, que desde 1881 conhecia, pois que então a visitara como presidente da expedição da Sociedade de Geographia áquella serra.

O abalisado professor, alem da sua alta competencia scientifica, falava e escrevia com grande facilidade e elegancia.

Ouvindo-o na regencia da cadeira, todos os seus discipulos ficavam fanatisados por elle.

Infelizmente, pelas proprias condições de uma clinica numerosa e quotidiana, não lhe sobejava tempo para lucubrações de gabinete, de modo que deixou apenas alguns trabalhos escriptos.

D'elles citarei, porque são os que conheço melhor, a nosographia de Anthero de Quental, o prologo a um livro de Emygdio Navarro e a outro de José de Lacerda.

Depois da sua morte, dois estudantes da Escola Medica publicaram as lições de pathologia geral feitas por Sousa Martins e reconstruidas sobre rapidos apontamentos fugitivos, tomados durante a audição.

Uma tal base não podia fornecer seguros elementos de reconstrucção, e assim aconteceu.

Perguntamos um dia a Sousa Martins qual a razão por que não publicava as suas lições para perpetual-as.

Respondeu-nos que, estudando sempre, as via envelhecer e atrazarem-se de anno para anno, receiando, portanto, o arrependimento de as haver publicado, se o tivesse feito.

Logo que elle o não fez, por tão justos motivos, melhor teria sido deixar as suas brilhantes lições apenas na tradição oral.

Algumas vezes, na regencia da cadeira, Sousa Martins falava da sua terra com entranhado amor, se bem que a sua consciencia de medico não pudesse occultar que os pantanos de Alhandra eram perigosos como factores de empaludismo, por serem mixtos (agua doce e agua salgada).

A villa de Alhandra vae levantar na Praça Serpa Pinto um monumento a Sousa Martins.

A collocação da primeira pedra realisou-se no dia 18 d'agosto de 1904, anniversario da morte do abalisado professor.

O monumento consta de um pedestal e sobre elle o busto de Sousa Martins, modelado pelo esculptor Costa Motta.

Outro alhandrense, nosso contemporaneo, que merece referencia n'este artigo, é Salvador Marques, empresario de theatros, auctor dramatico, antigo jornalista e editor.

O Ribatejo deve-lhe um excellento quadro de costumes — o drama *Os campinos*.

Alhandra tributou publica homenagem a este seu filho dando o nome de — *Salvador Marques* — ao novo theatro da villa, que principiou a ser construido em 1886, mas só pôde ser inaugurado a 10 d'abril de 1905.

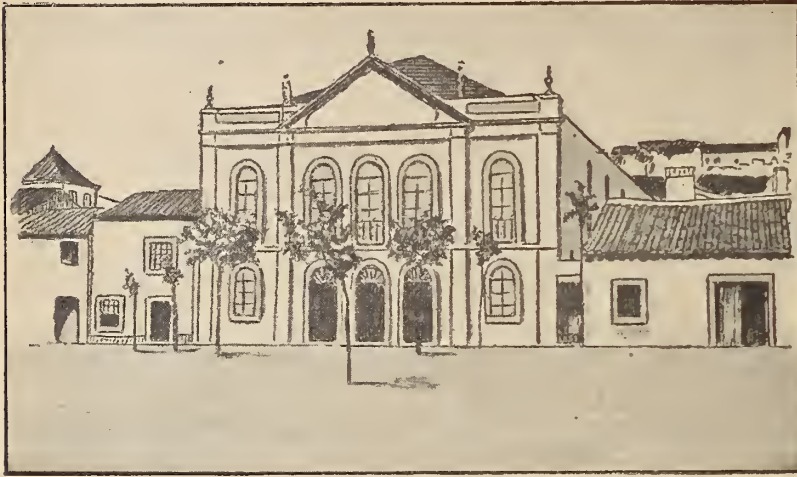
Este theatro tem duas ordens de camarotes, duas frizas, oito filas de *fauteuils*, sete de cadeiras, e uma geral com doze bancadas de cada lado.

Foi inaugurado pela companhia do Theatro do Gymnasio de Lisboa com a comedia *Commissario de policia*.

Muitas das ruas de Alhandra condecoram-se com os nomes de portuguezes illustres: o de Serpa Pinto foi dado á Praça, o do Duque da Terceira a uma rua, o de Pas-

sos Manuel a outra, e o de Salvador Marques, como alhandrense distincto, não só foi dado a uma rua, mas tambem ao novo theatro, cujo panno de bocca, esquecia-nos dizel-o, é trabalho do distincto pintor Velloso Salgado.

Entre os alhandrenses illustres devemos ainda mencionar o erudito bibliographo monsenhor Joaquim José Ferreira Gordo, auctor dos *Apontamentos para a historia civil e litteraria de Portugal* e das *Fontes proximas da compilação filippina*; o cisterciense Frei Innocencio Borges, que deixou, inédita, na bibliotheca d'Alcobaça, uma *Concordancia das sagradas paginas*; o fidalgo escriptor Manuel Freire d'Andrade, que se notabilizou como comediographo em Hespanha no seculo xvii; o cathedratico das universidades de Evora e Coimbra, prégador afamado, Frei Dionysio de Deus, fallecido em 1797; Vicente Paulo da Rocha, muito considerado no seu tempo como pintor de ornato; o theologo Frei Agostinho de S. Boaventura, que honrou o pulpito portuguez e falleceu na segunda metade do seculo xviii; etc.



60 — Theatro Salvador Marques

Na manhã do dia 17 de janeiro de 1904 chegou S. M. a Rainha D. Amelia á estação de Alhandra e pouco depois embarcou com a sua comitiva no vapor *Furão* atravessando o Tejo para a margem esquerda.

Ahi, o vapor abicou ao caes denominado «Portas do

Marquez» e sua magestade passou o dia caçando ás lebres no «Juncal do Sul».

N'esta caçada, promovida pelos srs. conde da Ribeira (D. Vicente) e dr. Augusto de Assis, foram vistas 9 lebres e engalgadas 6.

A rainha regressou á noite a Lisboa.

No dia 13 de dezembro de 1905 sua magestade voltou a Alhandra para o mesmo fim, realisando-se d'esta vez a caçada no mouchão da Cabra, propriedade do sr. Emilio Infante da Camara.

Ha em Alhandra tres fabricas: uma, á beira do Tejo, de tecidos de linho e juta, inaugurada em 27 de abril de 1892; a da quinta da Figueira, que, destinada a produzir tecidos de lã, começou a funcionar em 1890; e a de cimento Portland Tejo.

Esta ultima fabrica, que pertence á firma Antonio Moreira Rato & Filhos, occupa uma área de 66:000 metros quadrados, e produz annualmente 16:000 toneladas de cimento.

Possue tres motores a vapor, com a força total de 400 cavallos.

As materias primas do fabrico são colhidas nas pedreiras de Alhandra e na vasa do Tejo.

Tambem n'esta villa ha muitos fornos de telha e tijôlo.

Funcionam em Alhandra duas escolas para um e outro sexo.

E existe uma philarmonica com o titulo de — Sociedade Euterpe Alhandrense, bem como um corpo de bombeiros voluntarios.

Em 26 de agosto de 1826 foi agraciado João Leite Brandão d'Almeida com o titulo de conde de Alhandra.

A villa dista da séde do concelho 4 kilometros, e a estação do seu nome é a segunda que, em viagem ascendente, se encontra dentro do territorio do mesmo concelho. Produz boas fructas e hortaliças.

Fazem se aqui pomposas festas em honra de Nossa Senhora da Guia.

A familia dos senhores de Pancas teve em Alhandra um palacio, onde residiu por muito tempo a filha do marquez de Pombal casada com D. Christovam de Vilhena.

Na historia da imprensa villa-franquense, a Alhandra representa, como veremos, um elemento importante.

No logarejo do Matto, termo d'esta villa, nasceu em 1739 o benemerito bispo do Algarve D. Francisco Gomes d'Avellar.

### III

#### VILLA FRANCA

Esta antiga villa, cabeça do concelho do seu nome, depara-se-nos no mesmo plano da linha ferrea. O olhar do viajante enfia pela embocadura de uma das suas ruas, devasa rapidamente o interior da povoação, perscruta-o, observa relances de vitalidade local, e quando o comboio larga da estação de Villa Franca para seguir viagem, os pas-



61 — Vista geral de Villa Franca de Xira

sageiros levam a impressão de que acabaram de passar por uma das villas mais importantes do Ribatejo.

Se tiveram tempo de olhar para o lado do rio, aquella impressão agradável é confirmada pela flotilha de numerosos barcos de pesca e fragatas de carga, que fundeiam no Tejo junto ao caes da villa.

Eu por muitas vezes tinha visto fugitivamente, da janella de um wagon, o aspecto animado e laborioso de Villa Franca. Agradava-me, é certo, essa povoação ribeirinha, com os seus pescadores observando em descanso a passagem dos comboios; e um lance de olhos sobre o interior da villa, onde notava transito e movimento, dava-me realmente a impressão de que a vida aqui não seria monotona, e menos ainda aborrecida.

Só ultimamente, por amor d'este livro, desci em Villa Franca, e então pude examinar detidamente as suas ruas, largas e bem tratadas, avantajando-se a todas a que tomou o nome de Serpa Pinto, <sup>1</sup> as suas lojas de commercio, os seus predios não luxuosos mas confortaveis, o seu trafego animado e constante, a sua actividade e laboração, que a collocam, por varios motivos, em paralelo com outra villa ribatejana — Aldea Gallega, na margem esquerda do Tejo.

Diz o padre Carvalho que a primeira povoação foi devida a inglezes naturaes de Cornwall, dos que ajudaram Affonso Henriques na tomada de Lisboa, e que por esta razão chamaram ao logar — Cornualha.

Sendo assim, signal é este de que a terra lhes agradou, porque a baptisaram com o nome da sua patria.

De feito, essa primitiva povoação devia ter-se aldeado nas alturas da Barroca de Cima, como suppõe o sr. Lino de Macedo, e ficar semi-afogada no frondoso bosque que ensombrava intensamente todo o valle de Santa Sophia.

D'aqui viria depois o cognome de «Xira», que, segundo o *Elucidario* de Viterbo, é corrupção de *cira*, synonymo de matta, bosque.

Sancho I doou esta villa a Raulino e outros flamengos, para que a povoassem, d'onde se infere que os inglezes a teriam abandonado; e os flamengos tambem vieram a abandonal-a, pois que aquelle monarcha a pôde conceder a Fruila Ermiges, que a possuiu durante vinte e dois annos e lhe deu foral.

Provavelmente a matta bravia e cerrada, que exigia longo e dispendioso desbaste, seria causa de haverem os primitivos povoadores despresado o logar. Tinham ali caça em barda, é certo; tambem tinham madeiras de construcção, de que os petintaes se aproveitavam para construir embarcações; mas a exploração agricola devia ser difficil e cara por estar o sitio asselvajado de arvoredo, silvados, e matagaes espessos.

Villa Franca de Xira mudou de nome no primeiro quartel do seculo XIX; mas essa mudança foi ephemera. Lá diz Garrett nas *Viagens*: «Villa Franca, a que foi de Xira e depois da Restauração, e depois outra vez de Xira.»

O leitor conhece muito bem a historia do famoso golpe de Estado, com que D. João VI, precedido pela intervenção revolucionaria do infante D. Miguel, restabeleceu o poder absoluto e mandou bugiar as côrtes constituintes.

E' a *Villafrancada*.

O infante tinha sahido revoltoso de Lisboa para Santarem, a 27 de maio de 1823, com um regimento de infantaria.

El-rei seu pae — paternidade conforme ao direito romano — vendo que o filho ia assentar vasa em favor da Restauração, correu ao seu encontro, arrancou-lhe da mão os trunfos, animou-se a fazer joço de conta propria, e ganhou.

Entraram victoriosos em Lisboa, pae e filho, um porque tornava a ser rei absoluto, o outro porque dirigira os acontecimentos a seu bel-prazer, e lançára por terra a constituição apenas recém-nascida.

O carro triumphal de D. João VI foi, na entrada em Lisboa, puxado por homens, e a condecoração concedida aos restauradores ficou sendo conhecida pela designação ironica de «medalha da poeira.»

A *poeira* tinham-n'a levantado com «os pés» os absolutistas que voluntariamente substituiram as parelhas da Casa Real.

Foi no domicilio do capitão mór de Villa Franca, Antonio Feliciano de Sousa, que o rei se hospedou com as infantas e que veio reunir-se-lhes o infante D. Miguel.

<sup>1</sup> A camara de Villa Franca, em sessão de 6 de abril de 1904, resolveu dar o nome do sr. conselheiro Hintze Ribeiro a uma das ruas principaes da villa.

N'uma palavra, foi n'essa casa, de aspecto apalaçado — ainda hoje visível no extremo da villa para o lado de Povos — que a Restauração se consumou officialmente ao som de foguetes e repiques de sino.

Em memoria d'este caso, e por decreto de 5 de julho d'aquelle mesmo anno, recebeu Antonio Feliciano de Sousa o titulo de barão de Villa Franca.

Os acontecimentos politicos de 1823 e ainda os de 1833, que deram ás familias liberaes d'esta villa horas de amarga provação, são os que mais vivos se conservam hoje na tradição do povo villafranquense, se bem que outros factos historicos, de remota data, documentem honrosamente a antiguidade e importancia de Villa Franca.

A partir da doação feita a Fruila Ermiges, a povoação prosperou, se bem que não possa hoje deduzir-se, anno a anno, a integridade dos seus annaes; mas não ha duvida de que no seculo xv já era parochia constituida e n'ella residiam familias illustres.



62 — Aspecto do caes de Villa Franca de Xira

Sabemos pela chronica de Azurara que na igreja parochial de Villa Franca teve um «descanço» o cadaver de D. João I quando em transito de Lisboa para a Batalha; sabemos tambem que em 1453 nasceu na quinta do Paraizo, situada entre Alhandra e Villa Franca, aquelle que viria a ser o grande Affonso de Albuquerque, honra e orgulho de Portugal no Oriente.

A familia Albuquerque era nobre, porque o joven Affonso foi creado na côrte do quinto rei do mesmo nome, regalia de que só gosavam os moços de preclara stirpe.

Em 1510 D. Manuel deu foral novo á villa, concessão que por si só exprime intensidade de vida social e valorisação economica.

A antiga igreja parochial de Villa Franca esteve edificada no local onde hoje se vê a escola Conde de Ferreira e parte d'ella ruiu com o grande terremoto de 1755.

Era um dos mais notaveis templos do Ribatejo: tinha tres naves espaçosas, com dez columnas e quinze altares.

Houve tentativas de reconstrucção, mas por fim desistiu-se d'esse intento, e foi apeado o que resistira ao terremoto e o que de novo tinha sido feito.

A matriz actual data de 1667. Mandaram construir-a duas senhoras, que eram irmãs, e a dedicaram ao culto de S. Francisco, em cuja Ordem Terceira estavam filiadas.

Tres dos altares teem obra de talha e merecimento artistico.

As imagens que se veneram na matriz são as de S. Vicente Martyr, orago da parochia, Nossa Senhora d'Assumpção, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora

do Rosario, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Parto, S. João, S. Pedro, S. José, Santa Barbara, S. Caetano, S. Braz, Santo André, S. Paulo, Sant'Anna, S. Joaquim, Nossa Senhora das Dores e Menino Jesus.

Possue este templo alfaias ricas e muito antigas, que eram da primitiva matriz, salientando-se um calis de prata lavrada e dourada, offerecido a Nossa Senhora d'Assumpção pela rainha D. Leonor d'Austria, terceira mulher de D. Manuel, e um missal, com capa de prata lavrada, pertencente á Ordem Terceira do Carmo.

Ultimamente foi a matriz restaurada, celebrando-se por essa occasião pomposos festejos em Villa Franca.

# ECHOS DO RIBATEJO

N.º 168

REDACTOR-PRÓPRIETARIO — JOÃO BAPTISTA

4.º ANNO

SEMANARIO INDEPENDENTE

**Assinaturas**

Sociedade... 500 réis — Numero avulso... 20 réis

**Typographia e Redacção**  
Rua de Serra Pinto**ADMINISTRADOR — JOÃO BAPTISTA DA FONSECA**

VILLA FRANCA DE XIRA, 24 DE ABRIL DE 1904

**Anuncios**

Pela tabella preste a administração d'este jornal:

**Editor**  
JOÃO BAPTISTA DA FONSECA

## COISAS ESPANTOSAS

**ESTANDO** a Europa toda armada até aos dentes e a esgotar-se em exercicios para sustentar exercitos colossaes, entenderam os dirigentes d'este povo pacifico e curialdo que não deviam figurar a essa corrente geral e que o paiz devia tambem figurar na lista das nações armadas. E figura.

Mas o paiz está nas mesmas condições d'aquelle pobrissimo mestre de meninos, que designava as pessoas pelas rendimentos que lhes attribua; assim este — dizia elle — é homem para dois contos de réis; aquelle não passa de 500000 réis; mas este, mas isto a homem para vinte contos!

Assim é tambem para o exercito: á um exercito de 7.000 contos.

Verdade seja que não ha soldados, mas como isso não se vê lá fóra e o que consta é o orçamento escrupulo, e n'que se sente são as repetidas encon-

Primeira, a falta de propaganda democratica, que fez com que o povo se alheasse totalmente das coisas publicas deixando aos ministros toda a liberdade de acção.

Segunda, a desorganisação dos partidos, desde os mais avançados aos mais conservadores.

E por ultimo, o systema incomprehenhivel da representação nacional, feita á imagem e semelhança do poder pela crimiinosa indifferença d'ous, pela conveniencia e desvergonha d'outros, e ainda pela incoherencia e versatilidade de todos.

Dissolvidas as camaras, o governo prepara-se para fazer as eleições em julho, tripudiando como até agora á sombra do poder real e das maiorias parlamentares. O paiz continuará na mesma situação desgraçadissima e o sr.

Hintzo gosará da gloria suprema de ter abastido em Portugal o penhão da liberdade, hasteando em seu logar a bandeira negra do absolutismo.

## Carta aberta

Ao Ex.º Sr. de Augusto Assis

Ex.º Sr.

No momento em que o espirito absorve d'uma figura estranha a este concello procura actuar sobre nós, transformando em baluarte seu a historica villa de Alhandra, é dever meu voltar-me para v. ex.º e perguntar-lhe:

— E' possivel que o representante de Domingos Assis, o grande amigo d'esta terra, aquelle que, em vida, tanto procurou engrandecel-a, deias que alguém se lhe anteponha na direcção da politica local? Será critico qm v. ex.º, senhor dr. Augusto Assis, já pela sua grande fortuna, já pela sua elevada posição social, se deixa apañhar na rede de arastado da politica regeneradora, ateiramente lançada para estes sitios?

Não se deve aceditar. O espirito esclarecido, e ao mesmo tempo liberal, de v. ex.º ha de oppor-se nobremente a

cessão do partido progressista no poder, e prorrogamos então o nosso valor politico.

Se, desprezando o aviso, v. ex.º, apesar do toda a sua lucidez, não orientar os seus amigos no melhor caminho a seguir para atingir o fim indicado a essa primeira reunio, será empolgada a influencia d'esses seus amigos e v. ex.º mesmo será empolgado, ficando o plano inferior aquelle em que deo estar um homem com a impurtancia de v. ex.º

O tempo se encarregará de dar razão ás minhas palavras, se, entre os amigos dedicados que rodeiam v. ex.º, algum puder em duvida o que deixo enunciado.

Apresentando-lhe os protestos da minha consideração e respeito, creia-me

Do v. ex.

Muito attento venerador

Um alhandrense

63—Fac-simile do jornal Echos do Ribatejo

O altar-mór, que é de talha, tem lindo aspecto, e são dignas de apreço as sobrepontas do templo, todas de marmore, lavradas em caprichosos ornatos.

As imagens, que estiveram depositadas na igreja da Misericórdia enquanto duraram as obras de restauração, foram reconduzidas processionalmente aos seus antigos altares.

Houve festa de igreja a grande instrumental, fazendo se ouvir durante a missa alguns dos melhores cantores da Sé de Lisboa.

Na avenida Constantino Palha realisou-se uma kermesse, para a qual foram armadas vistas barracas e corêtos, e inauguraram-se tres focos de luz incandescente, que tornam muito clara a illuminação da avenida.

O povo de Villa Franca é sinceramente religioso, e tem antigas devoções muito arraigadas. A procissão do Senhor dos Passos costuma ser acompanhada pelas principaes pessoas da villa. A romaria da Senhora da Boa Morte, com seu arraial e bailaricos, é sempre concorridissima.

Por occasião d'esta romaria, uma tradição galante faz reunir os namorados no si-

tio do Penedo. Ali se demoram trocando juramentos de fidelidade, doces palavras de amorosa ternura.

E' o que no sul do paiz se chama, com lusitanissima propriedade, «o derrete».

Santa Sophia teve outr'ora em Villa Franca um fervoroso culto, de que ainda resta vivaz memoria, perpetuada na denominação do seu ameno valle, e de uma fonte construida em 1658.

Junto á fonte havia uma ermida da mesma invocação; foi erecta pelos lavradores n'uma epoca de longa estiagem, em que Santa Sophia lhes acudiu como intercessora.

Organisou-se uma confraria, que chegou a ser riquissima.

Bastará dizer que Santa Sophia tinha sempre uma grande manada de gado bravo, que, segundo a crença tradicional, pastava na leziria sem guardador, porque a propria Santa, de dentro da sua ermida, velava por ella, vigiando-a.

Eis aqui uma tradição bem retinta de côr local.

O ferro com que eram marcadas as rezes de Santa Sophia tinha o feitio de um bordão, insignia da Santa.

E' no concelho de Villa Franca, desde Alhandra a *toureira* para cima, que a região ribatejana da margem direita do Tejo principia a mostrar-se mais fanatica pela tauromachia.

O senhor D. Miguel de Bragança, emquanto foi rei de Portugal, vinha assistir ás touradas de Villa Franca, e de pampilho em punho, vestido de campino, folgava de ajudar a metter o gado na praça.

Depois, sempre na mesma *toilette*, calção e barrête verde, subia ao camarote real para assistir á corrida, em que umas vezes por outras tomava parte.

Já os liberaes estavam senhores de Lisboa, e ainda o senhor D. Miguel perdia alegremente o seu reino correndo em Villa Franca vaccas bravas, por não haver outro gado disponivel n'essa occasião.

A actual praça de touros de Villa Franca é não só uma das melhores do Ribatejo, mas tambem da Extremadura, e fica ao pé do cemiterio.

A' primeira vista pode parecer isto uma irreverencia com os mortos; mas a vozeria de uma tourada não os affrontará certamente, antes os ha de consolar em seu descanço eterno.

Seria até capaz de resuscital-os... se pudesse ser.

A villa, comquanto antiga, tem muito character moderno.

Possue fabricas de cintas, de fiação de lã, de moagens; muitas lojas de fazendas e modas, de ferragens, de mercearia, etc.; um deposito de adubos chimicos e instrumentos agricolas, que se denomina «Centro agricola ribatejano» e pertence ao sr. Cons-



64 - Igreja matriz de S. Francisco

tantino Pereira Palha; um asylo-crèche com o nome de Affonso de Albuquerque; uma associação de bombeiros voluntarios; um Montepio Fraternal dos Artistas Villafranquenses; um theatro denominado *Garrett*; uma banda e escola de musica, ambas regidas pelo sr. Adriano Augusto de Mendonça; e escolas publicas e particulares de instrucção primaria, bem como uma de francez.

Havia já tres hospedarias, e ultimamente abriu-se o *Novo Hotel Graça*, em frente da estação.

O movimento commercial e fabril da villa não bateu, nem supplantou, a antiga industria piscatoria, que, bem ao contrario, floresce ainda, graças principalmente á abundancia de savel nas aguas do Tejo.

O marisco tambem produz boa receita; uma quadra popular, não sem algum pique de pornographia, encarece as excellencias do camarão de Villa Franca.

Tem esta povoação, desde incerta data, Santa Casa da Misericordia, e um hospital que se denomina da Caridade.

Faz-se na villa uma feira annual, que principia no 1.º domingo de outubro e dura até á quarta feira seguinte.

O concelho de Villa Franca é um dos que no sul do paiz mais teem contribuido para o movimento jornalístico moderno, como vamos verificar pela enumeração dos seus periodicos, mais ou menos duradouros, já extinctos ou ainda existentes:

*O Ribatejo*, de julho de 1877 a janeiro de 1880. Impresso em Lisboa.

*Gazeta do campino*. Sahiu o primeiro numero em 11 de março de 1882. Era bisemanal. Terminou em julho do mesmo anno.

*O Campino*, fundado em Alhandra por Manuel Pereira Lobato <sup>1</sup>, maio de 1879. Era impresso na mesma villa em typographia propria. Desde 1 de outubro de 1881 passaram tanto a redacção como a typographia para Villa Franca. Em 29 de abril de 1882 foi adquirida a propriedade d'este periodico por Lino de Macedo, que lhe deu uma orientação democratica.

Reproduzimos em *fac-simile* um dos numeros do *Campino*, por ser o periodico de maior duração que tem havido no concelho.

Foi na typographia do *Campino* que o seu proprietario e redactor imprimiu as *Antiguidades do moderno concelho de Villa Franca* (1893), separata de artigos publicados no mesmo periodico.

Nas *Antiguidades*, o sr. Lino de Macedo espraia-se em largas divagações para alongar o seu trabalho: assim, por exemplo, falando do deposito de carros de bois que D. João V estabeleceu em Villa Franca para conducção de enfermos ás Caldas da Rainha, copiou textualmente algumas paginas de um livro meu <sup>2</sup>, não sem me citar, é certo — até com immerecido louvor.

Resultou que o sr. Lino de Macedo, sobre ter reunido na sua monographia muitas investigações proprias, agrupou outras de lavra alheia, produzindo assim um volume abundantemente noticioso.

Outro periodico, *O Combate*, (republicano) era redigido em Alhandra, e impresso em Lisboa. Apenas se publicaram dois numeros, o primeiro em 20 e o segundo em 27 de outubro de 1891.

<sup>1</sup> Manuel Pereira Lobato não era ribatejano, nem mesmo extremenho, mas sim bracarense — da conceituada familia do seu appellido. Veiu para Lisboa, onde publicou muitos romances. Tinha-se estreado litterariamente ainda em Braga com uma novella intitulada *A Judia*. No sul, foi administrador de varios concelhos.

<sup>2</sup> *As amantes de D. João V*.



A *Rectidão* (tambem periodico republicano) era, do mesmo modo, redigido em Alhandra e impresso em Lisboa.

O primeiro e unico numero sahiu em 14 de agosto de 1891.

Actualmente, publicam-se em Villa Franca de Xira dois semanarios:

O *Villafranquense*, composto e impresso na typographia Campeão em Alemquer. Dura ha sete annos; após uma interrupção, reapareceu ultimamente a 7 de maio de 1904 (n.º 336).

*Echos do Ribatejo*, que se imprime na villa e vai no 4.º anno de existencia.

Damos os *fac-similes* d'estes dois periodicos.

A freguezia de S. Vicente Martyr, que comprehende a villa cabeça do concelho, é das mais vastas e populosas do Ribatejo, pois que abrange grande parte das immensas campinas situadas na margem esquerda do Tejo.

Estas campinas estendem-se desde a Ponta da Herva, quasi em frente da Povia de Santa Iria, até á Bocca do Vau, muito acima do Carregado.

São as chamadas *Lezírias de Villa Franca*.

Medem 12:055 hectares de superficie, com 23 kilometros de extensão e 8 de largura maxima.

Fecundissimas em cereaes e em pastos, constituem uma avultada riqueza.

N'este dilatado mouchão, porque as *Lezírias* não são outra coisa, criam-se e engordam numerosas mânadas de gado bovino e cavallar.

As terras, propriedade da Companhia das Lezírias e de alguns particulares, comprehendem muitas empostas.

D'estas, umas pertencem ao concelho de Villa Franca, taes são as dos Juncaes, sul e norte; Giganta e Gigantina; Cabo, Malveira, Pragas da Malveira, Alcoelha, Côte Nova, Albastim; outras pertencem ao concelho da Azambuja, e são — as de Corredouros da Caldeira, Manique, Torrão e Conchosos.

Ha nas *Lezírias* tres igrejas: uma, a de Alcamé, onde ainda se celebram os actos religiosos, possui um lindo retábulo em talha, representado pela nossa estampa; as outras duas, S. José e Esperança, estão abandonadas.

Por detraz do mouchão corre paralelo ao Tejo o rio Sorraia.

D'antes, este rio entrava nas Lezírias e dentro d'ellas fazia uma volta para depois seguir caminho direito.

Foi desviado, e ao seu antigo leito chama-se ainda hoje «Sorraia velho».

Agora, separado das Lezírias, segue por detraz d'ellas em direcção a Samora, e chama-se-lhe «Sorraia novo».

Para ligar Benavente com o Tejo fez-se uma valla, denominada «Valla Nova».

Benavente communica pois com o Sorraia directamente, e com o Tejo pela Valla Nova.

Uma ponte atravessa de Benavente para a varzea d'este nome, a que se seguem, para o norte, amplos arneiros e os campos de Salvaterra.

A freguezia de S. Vicente Martyr conta 5:568 habitantes de ambos os sexos.

Ha no concelho de Villa Franca muitas e importantes propriedades, taes são: no valle de Santa Sophia, a quinta do Bulhão e a quinta do Casal; proximo de Santa Sophia a quinta do Farrobo, que ahi começa, e que pertenceu ao conde d'este titulo; a quinta do Paraizo, onde nasceu não só Affonso de Albuquerque, mas tambem seu filho Braz de Albuquerque, auctor dos *Commentarios*; a quinta das Torres, com um palacio mandado edificar pelo 1.º barão de Quintella; <sup>1</sup> a Quintinha pertencente ao sr.

<sup>1</sup> O 1.º barão de Quintella, pae do 1.º conde de Farrobo, instituiu um vinculo, no valor de mais de 400:000\$000 réis, cuja cabeça eram estas propriedades de Villa Franca.

visconde de Coruche; a quinta do Palyart, que é do sr. conde de Cascaes, D. Manuel Telles da Gama; as quintas da Cevadeira, da Setta, da Varzea, dos Bairros; a quinta de Subserra, da sr.<sup>a</sup> marquiza de Rio Maior, em S. João dos Montes; n'esta mesma freguezia a quinta do sr. João Hilario Pinto de Almeida, que estabeleceu ali um colmeal modelo, em que admittiu todos os typos de colmeas moveis modernamente inventados; a notavel quinta das Areias, do sr. Palha Blanco, entre Povos e a Castanheira, á qual, como é de justiça, consagraremos um capitulo especial; finalmente, ainda muitas outras quintas, que sentimos não poder enumerar mais ou menos circumstanciadamente.



65 — Retabulo da igreja de Alcamé

Honra-se Villa Franca de ter sido patria de alguns homens illustres, e de outros que por algum titulo se distinguiram.

Affonso de Albuquerque e seu filho nasceram, como sabemos, a pequena distancia da villa, na quinta do Paraizo; propriamente na villa nasceram D. Frei Manuel Nicolau d'Almeida, que foi bispo confirmado de Angra (1815) e bispo eleito de Bragança (1823); o general d'artilharia José Maria de Moura; o medico José Rodrigues de Mattos, que exerceu a clinica no Brazil e ali falleceu em 1877; Vicente de Mello Baracho, que seguiu a carreira das armas, e militou na India, chegando ao posto de coronel; outro Baracho, Francisco de Mello, que serviu a causa da liberdade e, sendo marechal reformado, expirou em 1889<sup>1</sup>; o presbytero secular e excellente musico João Chrysostomo da Cruz; o jornalista João Felix Rodrigues (Tanas), que morreu em Lisboa a 21 d'abril de 1870; o barão de S. Clemente, auctor dos *Documentos para a historia das côrtes geraes da nação portugueza* e das *Estatisticas e biographias parlamentares*, etc., etc.

Da villa partem diligencias para Alemquer e Samora, a 200 réis cada logar; para Benavente, a 340; e para Salvaterra, a 400 réis.

Sahindo de Villa Franca para a quinta das Areias, passa-se pela antiga villa de Povos.

Esta villa, hoje decadente, disputa a Alemquer o titulo de Jerabriga ou Terabriga, cidade romana da Lusitania; o que é certo é que tendo apparecido ossadas humanas no alto do Monte da Boa Morte, junto a Povos, se encontrou entre ellas uma exemplar de moeda cunhada em Roma.

Da extincta prosperidade de Povos apenas resta um symbolo municipal: o pelourinho.

Em tudo o mais é uma povoação que foi absorvida, material e administrativamente, pela sua visinha Villa Franca.

<sup>1</sup> Sobre a distincta familia dos Barachos, que todos descendem do mesmo ramo, veja-se o capitulo *Torres Novas*. No convento de Santo Antonio da Castanheira jaz uma senhora da mesma familia, D. Margarida.

Mas antigamente, quando o Tejo não se havia afastado tanto por successivos açoriamientos, Povos tinha um caes com escada de cantaria, que era ancoradouro de muitos barcos de pesca e de carga.

No seculo XVII ainda isso acontecia.

Conta-se que uns pescadores do Ribatejo, deixando os seus barcos em Povos, foram de romaria á Senhora da Graça, na Carnota (Alemquer).

Como esta imagem estivesse n'um alpendre aberto, e a tivessem por muito milagrosa, furtaram n'a, trouxeram-n'a até Povos, onde, aparelhando rapidamente os barcos, trataram de fazer-se ao largo com o seu precioso furto.

Anno 7.º

Villa Franca de Xira, 7 de Maio de 1904

Numero 336

# O VILLAFRANQUENSE

Composto e impresso no Typographia H. Campôo &amp; C.ª—Alemquer

Editor—Francisco Antonio de Sousa e Melo

ASSIGNATURAS		Administrador—Antonio Lopes da Cunha	ANNUNCIOS
Anno . . . . .	8000 réis	Redacção e administração—Pis. Direita, 63, 1.ª—Villa Franca de Xira	40 réis
Semestre . . . . .	500 "		60 "
Numero avulso, 20 réis		PUBLICA-SE AOS SABBADOS	60 "
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador			Os originaes, sejam ou não publicados, não se restituem

## DE NOVO!

**V**OLTA O *Villafranquense* a assumir o seu posto nas fileiras jornalisticas d'onde ha tempos anda arredado; necessario é pois que digamos a que vimos, e isto em duas palavras, porque não pretendemos ostentar programas espantosos destinados a deslumbrar a ingenuidade d'alguns leitores

Na nossa modesta tenda de campanha arvora-se a bandeira sob a qual sempre combatemos. Estamos onde sempre estivemos, isto é, ao lado dos homens serios e honestos que sob a superior direcção do sr. José Pereira Palha Blanco tem desinteressadamente servido esta terra

quem sempre por caminhos directos, sabendo o que zuerem e para onde vão

## Engasgados

Da reunião de 28 d'abril, na sala do Carmo, occuparam-se com especial cuidado os *Echos do Ribatejo* e o correspondente da *Vanguarda*; o primeiro em dois artigos de prosa mansa e arteira com as suas insidiosinhas letenies, o segundo em duas patasas correspondencias com varias impolias de indignação muito bem fingida, como é proprio do *furtoso* dramatico que as creveu e com abundantes offeras de capitães para empresas lucrativas que lhe dão ares de um Burnaysinho de papelão. O homem, além das macas e tomates, pretende embarcar o resto, querendo por força ser mãe de todos os filhos de paes incognitos que virem a luz n'esta terra, diossa por tal filho

especial para compellir alguns commerciantes de cá a proceder contra a sua consciencia.

Fiquem os homens avançados cá da villa com as honras de taes manjancas, por meio das quaes apenas pretendem dar satisfação a baixos rancores, a mesquinhas invejas e a raivosos despeitos

## Velo Club de Lisboa

No domingo ultimo realiso o seu passeio official a esta villa, o Velo Club de Lisboa, cujos socios em numero de 38 deram aqui entrada ás 11 horas da manhã, sendo, no Largo do Campo da Feira e rua Serpa Pinto onde se acha instalado o Hotel Ribatejano, queimadas muitas girandolas de foguetes á sua chegada.

Os socios eram aguardados n'esta villa pelo delegado da União Velocipedica Portugueza, o nosso amigo Pessoa de Amorim, que deu as boas vindas aos velocipedistas lisboenses.

No Hotel Ribatejano, onde foi servido um almoço de do galtheres, estava

## MUNICIPIO

SESSÃO DE 4 DE MAIO DE 1904

Presidente — Cesur Pereira Vefedores: Cabral, Mendes, Cancio e Reis Pinto.

Lida e approvada a acta anterior

### Correspondencia

Officio da administração do concelho, de 27 d'abril e 3 do corrente, accusando a recepção de resumos de de liberações tomadas pela camara Inteirado.

—Officios n.º 375, 377 e 379 da Comissão Districtal, de 29 d'abril, communicando a approvação de varias deliberações camarárias Inteirado . . . —Officio n.º 376 da mesma commissão, communicando ter sido suspensa a deliberação tomada sobre o requerimento de Augusto José dos Santos, d'Alhandra, acerca do desaterro do terreno municipal até ao nivel da escola Sousa Martins e inutilisação de uma pequena serventia, até que lhe sejam presentes varios documentos. Deliberou enviar os documentos pe-

36 — Fac-simile do jornal *O Villafranquense*

Todos os barcos largaram do caes facilmente, menos um: aquelle que levava a imagem. Não houve forças humanas que o fizessem mover. Nem á vara, a remos, á véla ou á sirga queria navegar.

Os tripullantes d'elle, muito surprehendidos, e já repêso do seu delicto, puzeram a imagem em terra, e abalaram emfim, porque só então o puderam fazer: aquelle barco, que até ahí se negava, logo deslisou ligeiro como os outros.

Foi avisado o prior de Povos de que a imagem tinha apparecido no caes abandonada; e por sua vez o prior avisou os frades da Castanheira, os quaes se deram pressa em ir busca-la.

Regressando, foram-n'a collocar na ermida que lhe destinaram dentro da matta na cêrca do convento.

Era ainda de noite quando voltaram.

Os passarinhos, como se tivessem consciencia do que se passava, sahiram dos seus ninhos, e começaram a cantar, a cantar alegremente. Até os corvos, que ali eram muitos, crocitavam em festa. E de toda a matta, de cada ninho, de cada ramo, de

cada garganta de ave ou harpa eólia sahia um cantico, pelo menos um ledο murmurio, de saudação á Virgem.

Encantadora lenda, esta.

No tempo em que a villa de Povos era municipio florescente, a camara, no dia 13 de junho, ia encorporada ao convento de Santo Antonio da Castanheira offerecer um rôlo de cêra, que dois muchachos de 14 a 15 annos, vestidos á mourisca, conduziam ufanamente.

O povo folgava muito de vêr n'aquelle dia este apparatus annual, e os dois felizes mourinhos faziam ralar de inveja todos os rapazes da sua idade, não só pela vistosa fatiota que ambos levavam, como pela farta paparoca que os frades lhes davam a comer.

A antiga igreja de Povos ficou arruinada pelo terremoto de 1755, mas depois a restauraram facilmente, porque esta igreja possuia grande patrimonio em foros.

Povos foi berço de José da Costa e Silva, o celebre architecto do theatro de S. Carlos.

Aqui perto, no monte, faz-se a romaria do Senhor Jesus da Boa-Morte.

Antes de chegarmos á encantadora vivenda do sr. Palha Blanco, passamos pela quinta da Cascata, que já é de pessoa da sua familia.

## IV

### QUINTA DAS AREIAS

A residencia da quinta das Areias domina a linha ferrea de entre um fundo de arvoredο espesso, avultando o pinheiral, sobre uma suave encosta.

E' uma vivenda magnifica e opulenta, um «chateau» principesco, em estylo Renascença.

A fachada que diz para a linha tem um duplo terraço, correpondente aos dois pisos do edificio, e abrange um extenso horizonte de lezirias e povoações na margem esquerda do Tejo.

O terraço inferior fica ao nivel da sala de recepção, onde as portas e *chaminé* são guarnecidas de lindos azulejos da Andaluzia, e as paredes revestidas de retratos de familia e copias de quadros celebres.

E' n'este mesmo pavimento que se encontra a casa de jantar, a sala do bilhar, e a capella, tão notavel pelas suas preciosas miniaturas em marfim.

Uma alameda umbrosa conduz do portão á outra fachada que dá accesso ao edificio por um portico alpendrado em seis columnas.

Os jardins, tão opulentos de flores, especialmente rosas, que fazem parede aos arruamentos ou se penduram das arvores engrinaldando-as como um parasol florido, ficam na frente d'esta fachada, dilatando-se para a encosta ao fundo e para um e outro lado.

No segundo pavimento do edificio são os aposentos particulares, e n'um dos andares superiores do torreão tem o sr. Palha Blanco o escriptorio, d'onde se alcança um vasto e encantador panorama, a perder de vista, terra e agua, campina e Tejo, n'uma área de muitas leguas.

Não posso esquecer jamais a impressão de deslumbramento que senti deante d'essa paisagem tranquilla e immensa, cheia de plácidez e grandeza.

El-Rei D. Carlos, que já por mais de uma vez tem honrado com a sua visita a casa do sr. Palha Blanco, jantou e pernοitou aqui no dia 23 de julho de 1095.

Sua Magestade veio de Lisboa no yacht *Sado* e desembarcou ás cinco horas da tarde no caes da Castanheira, mais conhecido por — Pousο do Emauz.

O *menu* do jantar teve muito caracter portuguez, especialmente ribatejano:

«*Duas sopas*: de caldo clarificado e de pão no forno; *Entradas*: frituras de miolos

de vitella, com arroz de sustancia; filetes de lombo de vacca brava á portugueza guardados de tomates recheados; lagostas no forno, fôrmas de codornizes e de gallinhas da India em geleia. *Assados*: perú recheado, legumes, azelgas loiras em leite. *Sobremesa*: pudins de chá aromatisados com café, fructas, café, licôres. *Vinhos*: brancos e tintos e agua pé das Areias; outros vinhos generosos nacionaes e vinhos tintos e brancos es-pumosos estrangeiros.»

Depois do jantar foi El-Rei assistir a uma tourada nocturna em Villa Franca, e regressou ao solar das Areias, onde dormiu.

A maior ou menor distancia da casa de habitação ficam as dependencias d'ella, separadas umas das outras, as abegoarias e officinas, hangares e depositos, arrecadações



67 — Solar Palha Blanco

de machinas e outros instrumentos agricolas, lagares e celleiro, tudo em grande, como nas residencias senhoriaes da Idade-Media ou nos conventos ricos do Minho.

Foi n'um sabbado que eu estive na quinta das Areias. Era dia de pagamento aos trabalhadores. Uma alluvião de homens e mulheres — entre estas havia numerosas jornaleiras da Beira Baixa — esperavam o momento de aproximar-se do *guichet* para receber a féria.

A ordem, o methodo observado em toda esta operação fazia lembrar uma repartição publica, das melhor dirigidas e das mais concorridas tambem.

O pessoal fixo, de soldada ajustada por anno, é em numero de 102 criados, e o pessoal movel nunca é inferior a 150 trabalhadores, chegando, em algumas epocas do anno, a atingir 700 e mais.

As culturas principaes n'esta região são: trigo, fava, cevada, milho e legumes.

E a producção da casa Palha Blanco é, em média annual, a seguinte:

Trigo.....	1.000:000	a	1.200:000	litros
Fava.....	400:000	a	500:000	»
Cevada e aveia.....	160:000	a	180:000	»
Milho.....	400:000	a	500:000	»

Legumes . . . . .	50:000	a	60:000 litros
Palha . . . . .	100:000	a	120:000 arrobas
Feno . . . . .	50:000	a	60:000 mólhos

As terras de cultura abrangem uma superficie de 1:100 a 1:200 hectares; e as de pastagens, destinadas á creação de gados, 1:300 a 1:350 hectares.

Ao todo, a vastidão das propriedades Palha Blanco dilata-se por uma superficie de 2:400 a 2:600 hectares.

A existencia de gados, em média, é :

Bovino-bravo . . . . .	460	cabeças
» -manso . . . . .	393	»
Cavallar . . . . .	296	»
Muar . . . . .	14	»
Lanigero . . . . .	600	»

As differentes castas de gado da casa Palha Blanco teem as seguintes procedencias :

Cavallar — hispano-arabe; Bovina-brava — andaluza e hispano-lusa; Bovina mansa — andaluza; Lanigera — merina pura e Rambouillet sobre bordaleza e merina andaluza.

Em média annual a casa Palha Blanco exporta para corridas formaes e novilhadas em Hespanha entre 54 a 60 rezes ou seja 9 a 10 curros, regulando o preço de cada rez entre 150 $\text{₣}$ 000 e 300 $\text{₣}$ 000 reis.

Vende tambem, média annual, 18 a 20 pôtros de tres annos, regulando o seu preço entre 180 a 250 $\text{₣}$ 000 reis; 10 a 15 éguas ao preço de 70 a 100 $\text{₣}$ 000 reis; bois de engorda 40 a 60, regulando o preço a 3 $\text{₣}$ 800 cada 15 kilos ou 60 $\text{₣}$ 000 reis por cabeça; vaccas de engorda, 30 a 40 ao preço de 40 $\text{₣}$ 000 reis por cabeça; ovelhas, 20 a 30, ao preço de 5 $\text{₣}$ 000 reis; borrêgos de seis a sete mezes, 100, ao preço de 4 $\text{₣}$ 000 reis.

As raças cavallar, bovina e lanigera da casa Palha Blanco teem obtido varios premios em diversos concursos, taes como: exposição pecuaria realisada em 1888 na Avenida da Liberdade, onde foram conferidos a differentes grupos de gado cavallar 8 premios, a bovinos mansos 5 premios, e a lanigeros 1 premio; no certamen taurino organizado em Sevilla, em abril de 1900, entre cêrca de 20 touros de dez *ganaderias* andaluzas, ganhou o primeiro premio (belleza e bravura) o touro *Canhóto*; e em 1903, na exposição hypica organisada pelo ministerio da guerra na Tapada da Ajuda, foi conferido o 2.<sup>o</sup> premio a um grupo d'éguas da casta d'esta casa, alem de varias menções honrosas a outros productos.

Pelo que respeita especialmente ao gado bovino bravo, o sr. Palha Blanco, querendo aperfeiçoar com maior largueza a sua *ganaderia*, adquiriu em 1884 tres bezerros do conhecido creador hespanhol D. Antonio Miura, para realisar cruzamentos que produziram magnificos exemplares.

De 1886 em diante continuaram os cruzamentos de touros da casta Miura e vaccas de sangue luso-andaluz e assim conserva hoje o sr. Palha Blanco uma manada de vacas sem mescla de outro sangue.

Em abril de 1891 comprou a D. Jacintho Trespacios, de Trujillo, 154 vaccas e novilhos da casta pura do Duque de Veragua, de quem aquelle as havia adquirido.

Em março de 1893 comprou ao mesmo D. Jacintho Trespacios mais 82 vaccas e novilhos da mesma casta; em dezembro de 1895 ao proprio Duque de Veragua 66 vacas; em 1896 a D. Jacintho Trespacios 3 novilhos puros Duque de Veragua, e com todo este gado constituiu outra manada de vaccas que actualmente conserva com o sangue puro d'aquella casta.

Tendo assim obtido rezes de duas castas das mais afamadas em Hespanha, não

abandonou o apuramento d'ellas e sempre tem continuado com as tentas a fim de conseguir um maior refinamento de sangue, o que logrou realizar como se prova pela procura que os seus touros tem tido, a ponto de vender todos os productos e de haver ganho o primeiro premio no certamen de rezes bravas em abril de 1900, Sevilha, — a maior recompensa ainda até hoje concedida a creadores de gado bravo.

Durante o anno de 1904 até não chegaram os touros para satisfazer todos os pedidos, tendo vendido 42 touros (7 corridas) só para a praça de Madrid, onde os curros de Palha Blanco gosam d'uma fama que certamente se não adquire com a mansidão, e onde *ganaderias* mais antigas não conseguem fazer correr senão um limitado numero de rezes.

XII Anno

Villa Franca de Xira 8 de Novembro de 1890

N. 597

# O CAMPINO

Redactor, Lino de Macedo

Publicações

Assimiladas (1890) 200 rs.  
Publicações e correio do numero em separado.  
N.º 12000  
NUMERO AVULSO 30 REIS

Publicações

Assimiladas (1890) 200 rs.  
Publicações e correio do numero em separado.  
N.º 12000  
RUA DO CAES, 141

## Os Leprosos

Em pleno Occidente parifere sobre o tropico de Cancer a ilha de Honolulu, Este, e de latitude Norte, 154° de longitude Oeste e de longitude sul, esta situada um rochedo que riuquem atravessa o oceano em direção do seu curso, e de curvavel e da sua vida carnosa. Este rochedo compo de um grupo de oito ilhotas habitadas com os estranhos nomes de Havaei, Mani, Moleka, Lanai, Kauai, Nihoa e Kaula. A ilha e terra. Pela sua posição uma grande importancia para abrigo dos navios que seguem para a China e Japão, se fizesse com a melhor o porto de

uma vegetação sempre verde, e a lepra mesmo de longe que estas rochedos sejam observados, com os seus sempre qual o vigor. A ilha tem uma vegetação, arborizada por palmeiras e das mangueiras, das yuccas e das amoreiras de pau. Há visito a parte da ilha de Sandwich, onde reside em algumas das montanhas da Nova Gales. Chegou a orçadão de vos descrever a molestia. Não lhe falta o terror das almas. Não se sabe se não existem mais lepras n'esta ilha. Não se sabe se não existem mais lepras n'esta ilha. Não se sabe se não existem mais lepras n'esta ilha.

quasi desapparecerem. A enfermidade procede por partes, e os dedos, pulso, antebraço, etc. são mais das vezes expugnados em diversos graus. O doente continua em liberdade, porém os atacados mais violentamente vão para o Hospital. Este hospital e um museu de lepra e e necessaria uma certa eorgia para se resistir ao triste especulo que se offerece á vista. Vi um homem de trinta annos somente, que tinha o rosto idiforme, e coberto de pustulas, uma pobre mulher que não tinha dedos nos pés nem nas mãos, duas jovens uma das quaes tinha falta de dentes, e a outra um joelho tão volumoso

que se isolado na solidão, apesar da saudavel vida-se por completo com a sua profissão. Não é ainda conhecido remedio contra a lepra. Se ha alguns annos a epidemia diminuiu de intensidade em Sandwich, deve attribuir-se a honra d'esse facto a um Francês, filho do grande Troussseau, que decretou a total separação dos atacados, sem se preocupar com os furroses que poderia provocar. Atribue-se esta doença ao uso que fazem os naturaes d'uma raiz chamada azen. Essa raiz produz um estado soporifico semelhante ao do opio, e que

68 — Fac-simile do jornal O Campino

Tambem em 1896 os touros d'esta casa ganharam o premio no concurso da praça d'Almagro (Mancha) em que se effectuaram tres corridas, sendo uma de D. Felix Gomes, de Colmenar, outra de Anastacio Martin, de Sevilha e a terceira da casa Palha Blanco, á qual foi conferido o premio por maior bravura e melhor apresentação.

Em outubro de 1901 um touro d'esta casa, posto não ganhasse o premio, foi comtudo um dos mais bravos da corrida-concurso organizada pela imprensa de Madrid, e em que se lidaram oito rezes, escolhidas das *ganaderias* de maior nomeada na peninsula.

Dadas estas informações sobre a bravura dos touros Palha Blanco, resta dizer ao leitor que, visitando as propriedades d'este conceituado *ganadero*, tive occasião, pela primeira vez na minha vida, de encontrar-me em pleno campo ribatejano entre algumas manadas de gado bravo, corpulentos e possantes touros, de sangue luso andaluz, alguns de «cara atrevida», destinados ás praças de Hespanha.

Confesso que esta sensação absolutamente nova para mim não a experimentei sem algum sobresalto, se bem que eu estivesse em boa companhia, de pessoas muito experimentadas e praticas na vida das lezirias.

A meu lado, n'uma commoda *victoria* tirada por uma excellente parelha, sentava-se o sr. conde de Cascaes. Na almofada, ao lado do cocheiro, ia o sr. Palha Blanco, que quizera ceder-nos o logar de honra, e que chamava a nossa attenção para alguns exemplares mais notaveis da sua *ganaderia*.

Seguia-se uma *charrette*, guiada pelo sr. Antonio Blanco, conduzindo o sr. Fernando Wanzeller e meu filho.

Os trens pararam a uns dez metros de distancia da manada, e o sr. Palha Blanco dera ordem ao maioral para fazer juntar algumas rezes que andavam mais afastadas.

A vastidão da leziria, dividida em tapadas contiguas, cujos recintos são limitados por estacadas de arame com picos agudos para conter os touros, a proximidade de uma raça de animaes selvagens, creados no estado de natureza, produzem, em quem não está habituado a este espectáculo, uma impressão de surpresa e receio, a que não é extranha a admiração de vêr os campinos perpassar afoitamente a cavallo por entre a manada e impôr-lhe respeito com a sua voz ou com o seu pampilho.

Alguns dos touros continuaram a pastar indifferentemente, mas outros, mais vivos ou mais desconfiados, olhavam de cabeça alta para os trens, observando todos os nossos movimentos.

Pareciam promptos a investir, tão penetrante era a sua attenção a qualquer gesto nosso.

Havia ahi exemplares perfeitos, que pareciam desenhados, na correcção anatomica da musculatura, na braveza fria do olhar, e na arrogancia da cabeça altiva e airosa.



69 — Quinta de Subserra em S. João dos Montes

Estivemos observando-os durante um bom quarto de hora, em que alguns d'elles não deixaram de fitar-nos sempre na mesma impassivel attitude de desconfiança e reserva.

Depois, por uma das cancellas da tranqueira, os nossos trens passaram a outras tapadas, onde a mesma scena se repetiu invariavelmente.

Todas as tapadas communicam com os corredores que facilmente conduzem os touros ao *redondel* onde se realisa a ferra, a enchocalhação, a tenta ou o enjaulamento. O *redondel* da casa Palha Blanco é vasto e solido.

Ha annos cahiu uma creança dentro de um dos curraes.

Houve um momento de terror, mas pôde ser tirada para fóra apenas com leves escoriações.

São justamente considerados como bravissimos, em Portugal e Hespanha, os touros do sr. Palha Blanco, e comtudo eu estive junto d'elles sem ter passado por qualquel incidente desagradavel.

Pelo que devo confessar francamente que antes quero atravessar a leziria por entre touros bravos do que a sociedade por entre certos homens ferozes.

E' que os touros são mais nobres.

Agora duas palavras sobre os productos da raça cavallar.

Já sabemos que a coudelaria do sr. Palha Blanco é muito numerosa e importante.

Entre os melhores cavallos reproductores vi dois verdadeiramente notaveis e bellos: *Romero*, de pello branco nitente, comprado ao governo hespanhol; e *Perdigão*, de uma solidez herculea de formas garbosas.



Visitei o hospital onde alguns animaes estavam em tratamento: um d'elles era um cavallo que por excesso de nutrição é sujeito a congestões frequentes.

Visitei o picadeiro, em que se pode trabalhar tanto de dia como de noite.

Visitei o campo onde estão apartadas as éguas durante a creação dos poldros.

Graciosissimo este quadro em que dezenas de mães correm ou pastam seguidas pelos filhos, brincalhões e inquietos, que ás vezes se baralham uns com os outros, e jámais confundem a sua mãe com outra égua qualquer.

— Até a conhecem pelo rinchar, disse-me um dos guardadores.

Parte de repente qualquer égua n'uma correria folgada, e logo o filho larga por ali fóra atraz d'ella. Acontece embarçar-se com outro poldro ou poldros e cahir ao chão. Mas levanta-se logo com rapidez e destreza, e vae procurar a mãe onde ella estiver.

As caricias filiaes dos poldros, a correspondencia terna das éguas a estas demonstrações de affecto, podem servir de lição a muitas mães descaroaveis da especie humana.

Para concluir as minhas impressões colhidas n'uma rapida visita ás propriedades do sr. Palha Blanco, direi que a sua descripção minuciosa gastaria por certo longo tempo e espaço, mas que é absolutamente indispensavel fazer-lhes ao menos alguma referencia sempre que se tratar do Ribatejo, porque são das mais importantes, das mais progressivas, das mais completas d'esta região: direi até que são por si mesmas uma eloquente e complexa caracterisação do Ribatejo actual.

## V

### ULTIMAS NOTICIAS SOBRE O CONCELHO

Como Povos, a Castanheira, séde da freguezia do seu nome, foi outr'ora uma villa populosa e importante.

Está ligada com as principaes povoações do concelho pela estrada real de Lisboa ao Porto.

Dista de Villa Franca 4 kilometros para nordéste.

Uma prova clara da sua decadencia actual está em não ter estação do caminho de ferro, comquanto a linha de Norte e Leste lhe passe perto.

Diz-se que o seu nome proveio de um frondoso bosque de castanheiros, que antigamente sombreava a ermida de Nossa Senhora do Tojo.

Antes de ser da Casa do Infantado, fôra dos condes da Castanheira.

El-rei D. Manuel deu-lhe foral em 1 de junho de 1510.

Teve Misericordia, com hospital, que em 1883 foi incorporada na de Villa Franca, e havia sido instituida pelo primeiro conde da Castanheira, D. Antonio d'Athayde, grande valido de D. João III.

Este titular foi vivamente satyrisado não só por causa do seu valimento politico, como por algumas quebras de nobreza que falhavam a sua genealogia.

Attribue-se a Damião de Goes a celebre satyra, que um dia certo frade capucho, entrando no Paço da Ribeira, entregou a D. João III; a qual satyra provocou a colera do rei e do seu valido.

Ahi se recordava com deprimente desdem a mesclada ascendencia do conde:

Mestre João sacerdote,  
de Barcellos natural,  
houve de uma moura tal  
um filho de boa sorte.

Pêro Esteves se chamou ;  
honradamente vivia ;  
por amorés se casou  
com uma formosa judia.

D'este (pois nada se esconde)  
nasceu Maria Pinheira,  
mãe da mãe d'aquelle conde  
que é conde da Castanheira.

Quem fosse o frade que entregou a satyra, não se soube nunca, apesar de D. João III o ter mandado procurar quando acabou de lê-la; mas sobre a paternidade d'ella convergiram todas as suspeitas em Damião de Goes, a quem o conde, por vingar-se, espancou uma vez, e outra lhe deu com as luvas na cara.



70 — Palacio da Quinta de Suberra

Não parou a desaffronta no primeiro conde, porque o segundo, do mesmo nome do pae, vingou os ultrajes dirigidos a sua bisavó Maria Pinheiro, mandando moer Damião de Goes com saccos de areia <sup>1</sup>.

A igreja matriz da Castanheira foi edificada pelo primeiro conde em 1554.

Antes existiu por certo outra, mas tel-a-ia derrubado o terremoto de 1531, que fizera muitos estragos em toda a villa.

Houve na Castanheira dois conventos: um de freiras franciscanas, de Nossa Senhora da Annunciada; outro de frades capuchos de Santo Antonio.

No primeiro d'estes conventos professaram muitas senhoras da mais alta nobreza.

Na igreja do segundo, situado entre as

freguezias da Castanheira e das Cachoeiras, em logar ameno e solitario, jazem dentro de urnas de marmore os ossos do primeiro conde e de sua mulher D. Anna de Tavora.

O conde, depois da morte de D. João III, retirou-se da scena politica e recolheu-se á sua casa da Castanheira, na Quinta Velha, onde se entregou a actos de piedade e falleceu a 7 de outubro de 1563.

Tambem aqui jazem, alem de outros fidalgos, o segundo conde e sua primeira mulher D. Maria de Vilhena.

O convento de Santo Antonio é hoje propriedade do meu illustre e illustrado amigo sr. conde de Cascaes, descendente de Vasco da Gama.

A freguezia da Castanheira tem por orago S. Bartholomeu e conta actualmente 886 habitantes.

Já mencionamos, com maior ou menor desenvolvimento, as freguezias de Alverca, Vialonga, Alhandra, Calhandriz, S. João dos Montes, Villa Franca, Povos e Castanheira.

<sup>1</sup> Sigo a versão reproduzida por Camillo nas *Noites de insomnia*, n.º 11. O sr. G. Henriques, no vol. I dos *Inediuos goesianos*, inclina-se para a hypothese de ter Damião de Goes, estando á lareira n'uma noite de inverno, cahido sobre o fogo por effeito de uma syncope, e assim morrer. Mas no 2.º vol. da mesma obra, com nobre isenção aponta alguns indicios que podem abonar a versão acceita por Camillo Lopes de Mendonça, na sua monographia, acha pouco verosimeis a hypothese d'aquelle accidente apoplectico e a do assassinio por criados da casa.

Tambem, posto que de passagem, já fizemos referencia á das Cachoeiras, que tem por orago Nossa Senhora da Purificação, e conta não menos de 1:141 habitantes.

Comtudo o sr. Lino de Macedo escreve a respeito d'esta freguezia:

«O bem-estar, a abundancia e alegria, que ainda ha poucos annos se observava no povo das Cachoeiras, tem ultimamente desaparecido. A população de vinhateira trans-



71 — Uma tourada fidalga em Villa Franca — As cortezias

formou-se em ceareira, e as cearas nas terras *delgadas* da freguezia mal dão para o sustento quotidiano. Os alegres casaes que se viam alvejar por entre o verde escuro das vinhas frondosas, picadas de louros cachos, estão hoje tostados, abandonados e muitos desertos.»

Da freguezia de S. João dos Montes, que se encontra dispersa n'uma área de alguns kilometros, e que tem 1:695 almas, diremos que foi outr'ora habitada por familias nobres, e parece que tambem pela côrte durante uma invasão de peste em Lisboa.

Tinham n'esta freguezia vastas propriedades os senhores de Pancas e Alpedrinha. No logar de Subserra, estão situados, como já tivemos occasião de dizer, o palacio e quinta da sr.<sup>a</sup> marquezia de Rio Maior.

Começou-se a edificar em Subserra um convento de freiras, que supponho seriam de Santa Clara; mas como ellas quizessem explorar a perdularia generosidade de D. João V, pediram-lhe como patrimonio todas as terras que se avistassem do convento: o rei, apesar da sua bossa freiratica, não deferiu o pedido, que era excessivo, e o edificio ficou por concluir.

Agora, duas palavras ainda sobre Vialonga, ou Villa Longa como alguns querem que fosse primeiro: a povoação é uma só rua, muito comprida, de quasi um kilometro de extensão.

Teve dois conventos: na Verdelha, o de Nossa Senhora do Amparo, de frades da Ordem de S. Francisco, fundado pelo celebre Pedro d'Alcaçova Carneiro; o de Nossa Senhora dos Poderes, que era de freiras da mesma Ordem, fundado por D. Brites de Castello Branco.

Vialonga produz excellentes hortaliças, que abastecem o mercado da capital.

Concluindo, o concelho de Villa Franca de Xira, com uma população total de 15:772 habitantes, pertence administrativamente ao districto de Lisboa, ecclesiasticamente ao Patriarchado, e judicialmente á comarca do seu nome, que é de 3.<sup>a</sup> classe.



## IX

# Benavente



VILLA de Benavente, situada na margem esquerda do Tejo, e distante d'elle cêrca de dez kilometros, é banhada, a léste e ao norte, pelo rio Sorraia.

Este rio, juntando as suas aguas ás da ribeira de Santo Estevam, forma o porto de Samora Corrêa.

Benavente communica com o Tejo por uma valla, a que se dá o nome de «Valla Nova». <sup>1</sup>

A villa foi povoada no reinado de D. Sancho I, anno de 1200, e já em 1201 obtinha foral. <sup>2</sup>

Não quer isto dizer que, antes da occupação mussulmana, deixasse de haver aqui povoação florescente. Rezende, nas *Antiguidades da Lusitania*, assignala que, no tempo do imperador Antonino Pio, partia de Benavente para Mérida a terceira via militar da Lusitania, o que já presuppõe importancia.

Significa apenas a prosperidade d'esta villa, e o seu rapido desenvolvimento, depois de fundada a monarchia portugueza.

O padre Carvalho diz que a etymologia do nome Benavente procede de um grande e feliz acontecimento, com que os christãos foram favorecidos na lucta contra «os barbaros» e ao qual ficaram designando por *Bene eventus*, «feliz successo».

Os «barbaros» seriam os mouros, e assim o entendeu Vilhena Barbosa; tambem se lhes dava o nome de «pagãos», como em alguma parte da sua *Historia de Portugal* notou Herculano.

Mas temos por certo ser esta uma das frequentes e disparatadas patranhas dos nossos antigos chronistas e chorógraphos: primeiro, porque mal se comprehende que os christãos impuzessem á localidade uma denominação romana; segundo, porque ou-

<sup>1</sup> Vide pag. 159 d'este volume.

<sup>2</sup> Herc., *Hist. de Port.*, 2.ª edição, tomo II, pag. 98.

tros logares portuguezes teem o mesmo nome, taes como uma aldêa da freguezia de João Antão no concelho e districto da Guarda, e um *monte* no concelho de Souzel, districto de Portalegre, sem que a taes logares se ligue a tradição de qualquer «feliz evento».

Ponhamos de parte esta questão, que não adeanta nada, como tambem a de saber se foi aqui situada a cidade romana *Aritium Pretorium*.

No tocante a quejandas velharias abrem as nossas chronicas largo campo para variadas hypotheses e conjecturas.

Nós o que principalmente pretendemos é dar a impressão do estado das povoações que vamos descrevendo: isso interessará ao presente e, mais ainda, ao futuro.

Portanto, só mui rapidamente diremos que Benavente foi commenda da Ordem de Aviz, a qual teve aqui uns paços, séde pelo menos honorifica <sup>1</sup> da Mesa Mestral da mesma Ordem, como se sabe por uma inscripção do anno 1403. <sup>2</sup>

Esta commenda andava na casa real, e pois que rendia, em bons annos, mais de dezeseis mil cruzados, comprehende-se que não quizesse a Corôa largal-a por doação a qualquer outra casa illustre, sem embargo de ter que repartir com a mitra e cabido da Sé de Evora a terça parte dos dizimos.

Tambem rapidamente lembraremos que o padre Carvalho diz ser o municipio de Benavente o mais rico do Ribatejo e ter a respectiva vereação a regalia de prover tres rendosas capellas — de S. Bartholomeu, Santa Catharina e outra instituida pelo padre João de Pontes.

Finalmente, a camara municipal tinha tal largueza de meios, que lhe permittia sahír todos os annos, incorporada, na vespera de S. Thomé, a distribuir esmolas pelas portas.

Mas, attenta a riqueza do municipio, devemos suppôr que este dinheiro não era propriamente esmola, senão que presente galante e tradicional do senado da camara aos municipes.

O padre Carvalho fala com fastidiosa prolixidade de muitas familias nobres residentes n'esta villa, embora não fossem oriundas d'ella.

Algumas, como os Françaes, «que procedem de Inglaterra, não obstante o appellido», bem podiam ter tido por tronco ou cavalleiros cruzados ou quaesquer outros aventureiros emigrantes que vieram a Portugal no principio da monarchia, e aqui apégaram encantados com o clima da Extremadura.

A villa actual tem uma só freguezia, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, com uma população de 3.559 moradores de ambos os sexos, sendo 1.817 homens e 1.742 mulheres.

O concelho do seu nome, comprehendendo ao todo 6.454 habitantes, compõe se mais das freguezias de Samora Corrêa e Santo Estevam.

A villa de Benavente é séde de uma comarca de 3.<sup>a</sup> classe.

Além da igreja parochial, que foi collegiada, e reconstruida no tempo de D. Pedro II, ha a da Misericordia, a de Santiago e a de Nossa Senhora da Paz.

N'esta ultima igreja faz-se annualmente uma festa, bastante concorrida, em honra da sua padroeira.

No arrabalde da villa, a menos de dez kilometros de distancia, fica a pittoresca aldêa de S. Braz da Barrosa, onde se realisam duas romagens, uma em honra d'a-

<sup>1</sup> Para commemorar o facto de D. Sancho I ter confirmado em Benavente esta Ordem.

<sup>2</sup> Esta inscripção, quando os paços se desmoronaram, foi mandada collocar na igreja parochial pelo prior Caetano José da Rocha.

quelle Santo e outra em honra de Santo Izidro, sendo esta ultima festa promovida pelos lavradores.

Tem Benavente uma avenida que se denomina — Esperança —, a praça — João Jacinto — e o — Largo do Chaveiro.

João Jacinto (da Silva Correa) é o illustre professor da faculdade de medicina, hoje jubilado, que nasceu n'esta villa, n'uma casa do Bêco do Assucar, agora Rua do Norte.

Na referida casa vê-se uma lapide com a seguinte inscripção: = Casa em que nasceu o Dr. João Jacintho em 16-6-1843. — 30-7-1903. =

Ultimamente foi construido um edificio escolar, mas ficou tão acanhado, que só comporta menos de metade dos alumnos, e as habitações dos professores não offerecem sufficiente commodidade.



72 — Passando o Iejo a vau

A este respeito dizia, ha pouco tempo, uma correspondencia de Benavente:

«A camara municipal d'esta villa representou ao governo pedindo para que no edificio escolar ultimamente construido aqui e destinado ás aulas dos dois sexos, seja apenas installada a escola do sexo masculino, visto ter a frequencia média de 100 alumnos e cada uma das salas das aulas só comportar 45. Além d'isso, a parte do edificio destinada á habitação dos professores é tão exigua, que tem de ser para um o que foi projectado para dois. E' impossivel caber uma familia em dois quartos de 4 metros quadrados, cada um.

«Este pedido é de tanta justiça e tão conducente ao bem da instrucção que, estamos certos, a camara ha de ser attendida, pois o sr. ministro do reino não ha de querer que a professora mande as creanças embora por falta de logar para as accomodar na sala da aula.»

Tem a villa um hospital, e está em construcção outro, por disposição testamentaria de D. Francisca Isabel Romana Silva d'Almeida Montanha, que falleceu a 23 de março de 1902, e era viuva de João Nunes Ribeiro Montanha, proprietario, em Lisboa, do conhecido *Café Montanha*.

A testadora legou á Santa Casa da Misericordia de Benavente a quantia de reis 100.000~~000~~, sendo 20 para a construcção de um hospital com duas enfermarias, uma para cada sexo, devendo dar-se-lhes o nome de enfermaria de S. João e enfermaria de Santa Francisca.

Os 80.000~~000~~ réis restantes constituem a dotação do hospital.

Foi encarregado de elaborar o projecto do edificio o sr. José Alexandre Soares, que fez o curso de architectura na Academia de Lisboa, e completou a sua educação artistica em Pariz, d'onde regressou em iulho de 1901, sendo nomeado architecto das obras publicas em 1902.

O arrematante da construcção foi o sr. Marcolino Cesario dos Santos.

Ao sul da villa, confinando pelo poente com a estrada districtal de Benavente a Santo Estevam, pelo sul com a nova avenida municipal, pelo nascente com um largo e pelo norte com uma rua que faz parte do projecto de um novo bairro, vae occupar o novo hospital uma área total de 10:072,25 metros quadrados, na sua quasi totalidade em terreno do dr. Balthasar Adriano de Freitas Brito e parte em terrenos da camara municipal, D. José Saldanha e dr. Henrique Xavier Correia da Silva Leotte.

Compõe-se o edificio de quatro partes perfeitamente distinctas, a saber: enfermarias e suas dependencias, serviços geraes, administração e pavilhões isolados.

Estes dois pavilhões são destinados: um a casa mortuaria e outro a estufa de desinfeção.

As enfermarias comportam vinte camas cada uma.

O rés-do-chão compõe-se de portico, vestibulo, secretaria e seu gabinete, archivo, casa de despacho, pharmacia e seu laboratorio, escada para o 1.º andar, sala de operações e seu gabinete, sala de observações e seu gabinete, quatro quartos particulares, dois para cada sexo; dois gabinetes de medico, quarto do enfermeiro, quarto da enfermeira, duas casas de banho e duas enfermarias; duas cellulas para alienados, dois refeitórios, duas copas, cosinha e suas dependencias, despensa, etc.

O 1.º andar compõe-se de gabinete do director ou administrador, situado no logar de honra do edificio, e dois grupos de seis compartimentos destinados á habitação das familias do enfermeiro e da enfermeira.

O vão dos madeiramentos do telhado de todo o edificio, assim como o das caves, será sómente aproveitado como caixa de ar, com excepção da cave dos pavilhões isolados, que será apropriada para arrecadações.

O edificio obedece em tudo ás indicações dos preceitos scientificos.

A sua posição em relação á linha norte-sul faz que elle seja banhado pelo sol tanto ao nascente como ao poente.

As enfermarias são de tectos ogivaes, tendo nos pontos mais altos da ogiva ventiladores que por um tubo geral com chaminé estabelecem a tiragem dos gazes deleterios: na prumada de cada um dos ventiladores dos tectos ha no solo um ventilador que recebe ar da grande cave cimentada.

Os soalhos são impermeaveis, os cantos arredondados, os estuques e portas completamente lisos.

Tem Benavente um club de recreio; mas não ha theatro, nem praça de touros, nem philharmonica.

Publica-se um periodico com o titulo de *O Benaventense*, cujo primeiro numero re-produzimos em *fac-simile*.

Começou a sahir em 31 d'agosto de 1896.

E' semanal. A sua redacção acha-se estabelecida na Travessa da Praça, n.º 5.

Anteriormente houve outros semanarios: *Jornal de Benavente*, «dedicado á defesa



dos interesses ruraes e industriaes dos concelhos de Benavente, Coruche e Salvaterra de Magos», 1885; e o *Ribatejo*, fundado em 1893.

Funcionam em Benavente duas fabricas: uma de papelão e outra de loiça.

Os campos de Benavente são abundantes na producção de vinhos (muito saccharinos), cereaes, hortaliças, legumes e fructas. Os melões e melancias teem fama de saborosissimos.

Só a quinta da Foz, que foi dos marquezes de Cascaes e depois dos marquezes de Niza, pagava de dizimo, antes da abolição d'este tributo, cem moios de trigo, uns annos por outros.

Hoje esta quinta pertence ao sr. José Pereira Palha Blanco.

A casa da Foz era um bello palacio, com todo o typo de uma residencia senhorial.

A escada principal já dava a impressão de grandeza. As salas tinham tectos entalhados em «tumba». Havia uma sala com columnas chamada Pateo das Damas. O pateo ou praça de touros estava construido de modo que as senhoras podiam das janelas gradeadas do salão assistir ás corridas, sem perigo.

Parte do edificio está hoje abandonada; outra parte é habitada ainda.

A creação de gado constitue em Benavente uma industria importante.

Os montes que se seguem para léste dão variada caça.

O Tejo e o Sorraia abastecem de peixe o mercado da villa.

Ha feira annual a 21 de setembro; dura tres dias. Tambem ha mercado mensal de gados, no primeiro domingo de cada mez.

O brazão d'armas de Benavente é uma cruz da Ordem de Aviz, tendo de cada lado uma corrente, e da parte direita, entre a corrente e a cruz, uma lança ao alto com uma bandeira vermelha: tudo em campo branco.

No tempo dos Filippes foi concedido o titulo de conde de Benavente <sup>1</sup> a João Affonso Pimentel, senhor de Bragança, descendente d'aquelle famoso e remoto Caio Carpo Palenciano, da Maia, a quem se liga a piedosa lenda do Senhor de Mattosinhos <sup>2</sup>.

Nasceu na villa de Benavente, a 12 de março de 1859, o distincto cavalleiro tauro-machico Fernando d'Oliveira.

Era filho de Firmino Antonio d'Oliveira e de D. Custodia do Sacramento Oliveira.

Seus paes mandaram-no educar litterariamente, facto que bem se evidenciava na conversação interessante, por vezes espiituosa, de Fernando.

Começou elle a sua carreira do mesmo modo que todos os cavalleiros: tomando parte como amator em algumas corridas.

Depois, abandonando á força de prejuizos uma lavoura que tivera em Villa Franca de Xira, fez-se cavalleiro de profissão, e conseguiu tornar-se notavel pela correcção, firmeza e brilho do seu trabalho.

O cavallo que montava foi colhido na praça do Campo Pequeno a 12 de maio de 1904 por um touro da *ganaderia* do sr. marquez de Castello Melhor.

Tendo cahido o cavallo, Fernando d'Oliveira, talvez para fugir á investida do touro, quiz soltar-se da sella, mas ficou entalado sem poder desembaraçar-se.

O touro investiu novamente com os vultos. O cavallo levantou-se rapidamente, e Fernando, a descoberto, continuava a soffrer as marradas da rez, até que as capas dos bandarilheiros conseguiram desvial-a.

<sup>1</sup> A noticia da *Hist. Gen.* alcança até ao 13.º conde de Benavente, D. Antonio Francisco Pimentel.

<sup>2</sup> Arrabalde da cidade do Porto.

Era já tarde, infelizmente.

Conduzido á enfermaria da praça, reconheceram os medicos que Fernando d'Oliveira tinha fractura do craneo, devida ás marradas do touro ou, como sustentavam alguns *aficionados*, á ferradura do cavallo.

Feito o primeiro curativo, foi o mallogrado cavalleiro levado para o hospital de S. José, mas expirou no caminho, em consequencia de hemorragia cerebral.

A familia real assistia á corrida.

A noticia do triste acontecimento impressionou não só todas as pessoas que o presenciaram, mas tambem a cidade inteira, porque Fernando contava muitos amigos e admiradores.

Na sua longa carreira artistica, pois que Fernando lidou touros durante 25 annos, poucas *colhidas* de importancia teve, sendo de todas estas a mais grave uma que soffreu na praça de Santarem.

Devido a esse desastre esteve Fernando d'Oliveira no leito perto de mez e meio, seguindo-se depois demorada convalescença.

Além d'esta colhida, houve uma outra — que podia ter tido tambem sérias consequencias, — no Barreiro, sendo derrubado n'essa occasião, juntamente com o cavallo, pelo touro *Borquillo*, de João Thomaz Piteira.

Na praça do Campo Pequeno foi uma vez fortemente colhido junto ás taboas ao collocar um par de ferros curtos no touro *Coelho*, da *ganaderia* de Roberto & Irmão.

Fernando d'Oliveira tinha o grau de cavalleiro de Christo.

Trabalhou em Hespanha e no Brazil.

No louvavel intuito de enriquecer a arte de tourear a cavallo com mais um attractivo, executava, e só elle, a difficil sorte de *garupa* á gaiola, que sempre levava a effeito com extraordinario exito.

A colhida a que Fernando d'Oliveira succumbiu deu-se na 13.<sup>a</sup> epoca da actual empresa do Campo Pequeno.

Pouco antes de começar a corrida, o cavalleiro Joaquim Alves dissera a Fernando:

—Então, compadre Fernando, vamos almoçar, que estou sem comer.

—Pois eu já cá tenho os meus ovos quentes e mais nada como.

—De facto, disse Alves, não é bom encher o estomago, porque logo podes ter que te *rebolar*.

Finalmente: Tendo prohibido o governador civil de Lisboa que se executasse o hymno da Carta durante as cortezias, foram apresentadas á empresa diversas marchas, para esta escolher a que devia ser executada. Pois a marcha escolhida foi exactamente a que se executou na ultima tourada em Salvaterra, em que morreu o conde dos Arcos, filho do marquez de Marialva.

Todas estas coincidencias não escaparam aos supersticiosos; e fazem certamente impressão.

Depois da villa de Benavente a povoação mais importante do concelho é Samora Corrêa.

A freguezia d'este nome dista d'aquella villa oito kilometros para sudoeste.

Tem por orago Nossa Senhora da Oliveira.

A população consta de 2.063 almas.

A villa de Samora Corrêa assenta em terreno plano. E' banhada pela ribeira de Santo Estevam, que lhe passa ao norte, e vem desaguar n'um estreito braço do golfo que principia em Montijo.

As aguas da ribeira e as do rio Sorraia, entrando reunidas no Tejo, formam em Samora o porto chamado — mar da pedra.

Os vapores teem accesso n'este porto e pódem subir até ao sitio denominado—Porto Alto.

A ribeira de Santo Estevam é a mesma que se chama Canha ou Almansor ; principia a chamar-se — de Santo Estevão—desde a freguezia d'este nome até ao desaguardo.

O principal predio da villa é o palacio da Companhia das Lezirias, situado em frente da igreja parochial.

Este templo foi restaurado ultimamente.

Ha tambem a igreja da Misericordia.

Tem Samora Corrêa escolas de instrucção primaria para ambos os sexos.

Publicação semânal — Numero avulso 20 réis

# O BENAVENTENSE

ADMINISTRADOR: **E. A. Silva**      REDACTOR PRINCIPAL: **Joaquim Neves de Carvalho**      GERENTE: **Eduardo Xavier**

---

ASSIGNATURAS: **EM BENAVENTE—Anno, 1.000 réis. Semanar, 500 réis. Trimestre, 250 réis. FÓRA DE BENAVENTE—Anno, 1.300 réis. Semestre, 600 réis. Trimestre 300 réis.**

PUBLICAÇÕES: **No corpo do jornal, linha 40 réis. Anuncios, linha 20 —. Anuncios permanentes preços concessionarios.**

Anno 1.º      **SEGUNDA FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1896**      N.º 1

*Benavente. 31 d' agosto de 1896*

**N**ÃO tantos os abusos, as prepotencias e as injusticias n'este paiz e Benavente não faz excepção, que bem significa o apparecimento de mais um jornal que pela propaganda produce obstar á corrente d'immoralidade, que tudo avassalla. Moralisar, castigando os maus costumes, deve ser a missão da imprensa e é portanto este o fim que temos em vista. Os actos bons, partam de quem partir, encontrarão aqui merecido louvor, assim como seremos implacáveis contra quem, esquecendo os seus deveres de cidadãos, se afastar na vida publica do caminho da honestidade e da honra. A differença de cores politicas não actuará em nosso animo para desvirtuar o procedimento dos adversarios nem tão pouco será motivo para enaltecer o d'aquelles, que commungando no mesmo ideal, pro-

hr, junto da familia. Os menores, á falta de protecção, não é raro vel-os victimas da desastres das fabricas ou nas obras, as mulheres presas da horrivel doenca da phisica, pelo excesso de trabalho e má alimentação, pois que para bna não podem chegar as magras fer-as.

Muitos estudos, muita legislação, muitos homeniarios, mas o resultado de tantas loucuras é zero!

Depois, a verdade é que ao passo que se diz existir o maior desejo para que os operarios sejam illustrados, saillam os seus direitos, etc.; nada d'isto querem aquelles para quem não contém a illustração do trabalhador, porque a luz offusca as trevas e o interesse, vive e floresce mais desafogadamente nas trevas do que com a luz.

E, uma coisa tem custado e ha de custar ainda a acabar com ella, é a perniciosa ideia de que a feria que se dá ao operario pelo trabalho produzido é ainda assim um favor, quando não uma especie de esmola. E, comu-

que se chama—LIBERDADE.

*Costa d'Alcantara.*

## MONTE-PIO

Remita a assembleia geral do monte-pio Benaventense, afim de lhe serem presentes as contas dos ultimos annos. O sr. presidente da direcção expoz n'um bom relatório o estado financeiro e decidente da associação, attendendo ao desleixo d'uos e á má vontade d' outros. Na maior parte das associações d'esta ordem não se gasta com medicamentos a media annual de mil réis por cada socio; porem em Benavente, graças á *solicitude* com que os respectivos facultativos do Monte-pio teem recitado para os associados a quota eleva-se ao triplo! Sabendo-se que um monte-pio que tem pouco mais de 300 socios só em 13 mezes gastou 876\$593 reis de medicamentos da pharmacia Martins, sabe-se tudo; e taes factos não se commentam: relatam-se apenas, uma instituição d'esta ordem, que anexas conta com as suas

uma folha. esse dia para mim torna-se pallido como a noite e triste como a morte, falta-me ao espirito quer que seja, fica-me taciturno, sequioso de leitura!

Sou subitamente predilecto pela imprensa, causa-me, como disse, immenso jubilo a noticia do apparecimento da mais um soldado do progresso; porque, deixem-se de catirices, a imprensa é o baluarte universal da civilisação. O que seriam os povos sem o seu auxilio, eem a sua provada preponderancia? Ella instrue e civilisa, ella tem sido e será a conquistadora do futuro.

En acho-me subidamente penhorado pela immerecida distincção e escollia que v. fizeram de mim, bem reconheço a minha incompetencia, affirmando todavia que, ó que n'ella me falta, será soheamento compensado pela boa vontade.

Sei que von ter por camaradas novos soldados, quando em já eston no peador da vida, mas que importa essa

73 — Fac simile do jornal O Benaventense

Uma antiga trova popular encarece os meritos choreographicos das raparigas de Samora, dizendo :

Salvaterra, Benavente,  
Jericó fica no meio.  
As meninas de Samora  
Bailam com muito asseio.

Jericó foi um convento de arrabidos fundado pelo infante D. Luiz.

D'esta casa monastica apenas resta hoje uma horta, com pomar de laranjeiras.

Ora se as «meninas de Samora» quizerem continuar a exhibir as suas prendas choreographicas, não lhes faltará musica para o bailarico, porque ha na villa uma philarmonica.

— Pare a dança! exclamará o leitor. Então não nos diz nada da historia de Samora Corrêa ?!

Tem o leitor carradas de razão.

Samora ou Çamora, como d'antes se graphava, é villa antiga. El-Rei D. Manuel deu-lhe foral a 13 de abril de 1510. Commenda da Ordem de Santiago, andava na casa dos duques de Aveiro. O padre Carvalho menciona a commenda de Belmonte <sup>1</sup>, no termo de Samora, como sendo antigamente de rendimento importante. Tambem o mesmo auctor informa que, a meia legua de distancia da villa, foi erecta a ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, cuja imagem, por muita milagrosa, attrahia numerosos romeiros; e que, perto da ermida, fundou D. Luiz da Silveira, segundo conde de Sarzedas, umas boas casas de campo.

D'este pequeno santuario, consagrado a Nossa Senhora de Guadalupe, e situado effectivamente a uns tres kilometros, junto do porto formado pelo desaguadoiro da ribeira de Santo Estevão, e do Sorraia, no braço do Tejo, conta Pinho Leal a origem.

Segundo a tradição, o duque de Aveiro, D. Jorge de Lencastre, casado com D. Magdalena Giron, filha dos duques de Ossuna, vivia desgostoso por não ter descendencia.

Prometteu, por este motivo, mandar erigir uma capella a Nossa Senhora de Guadalupe se por favor divino lhe assegurasse a successão que elle tanto ambicionava.

Isto prova ser falsa a lenda, que no seu *Aquilegio Medicinal* nos transmittiu o dr. Francisco da Fonseca Henriques, de ter uma fonte de Benavente, chamada *Bica da Casa*, a singular virtude de tornar fecundas as mulheres estereis.

E' de suppôr que a duqueza D. Magdalena, que tinha o remedio ali ao pé da porta, bebesse muita d'aquella agua.

Mas a lenda falhou. Foi preciso que o duque de Aveiro recorresse ao milagre para ter descendencia.

Nasceu-lhe uma filha que recebeu o nome de Juliana, e o pae feliz cumpriu seu voto erigindo a capella.

Ora esta D. Juliana de Lencastre, em cujas veias corria o sangue real de Dom João II, seu bisavô, foi aquella mesma dama por quem, segundo um documento que eu reproduzi algures <sup>2</sup>, se apaixonou o joven rei D. Sebastião, não tão invulneravel ao amor, segundo parece, como nol-o dizem os chronistas.

Mas tudo isto tem apenas o valor de uma antiguidade extincta, porque a ermida de Nossa Senhora de Guadalupe, adquirida por um particular, foi por elle destruida.

Que barbaridade!

Quanto á casa de campo fundada pelo segundo conde de Sarzedas, existem ainda hoje as suas ruínas.

Em Samora é conhecida essa casa, ou antes os vestigios que restam d'ella, pela designação de — casa dos *Meninos de Palhavã* — pois que ali estiveram escondidos estes bastardos de D. João V, quando se viram perseguidos pelo marquez de Pombal.

A freguezia de Samora Corrêa faz grande commercio de gado suino. Recolhe trigo, milho e vinho. Tem vastas mattas de pinheiros e abundancia de caça. A apicultura constitue tambem uma das suas fontes de receita.

Ultimamente foi creada uma feira franca, que se effectua de 27 a 29 de maio.

Tambem ultimamente foi construida uma praça de touros, que fica sendo propriedade da Fraternal Associação de Soccorros Mutuos de Nossa Senhora da Oliveira.

E' n'esta freguezia que está situada a celebre herdade de Pancas, a qual dista da villa de Samora 19 ou 20 kilometros, e da séde do concelho uns 27 ou 28.

<sup>1</sup> O Paul e mais terras de Belmonte, que pertenciam ao Infantado, são hoje da Companhia das Lezirias.

<sup>2</sup> *Atravez do passado*, pags. 119 e seg.

Como herdade, é das maiores do paiz : deve medir, aproximadamente, 12:000 hectares.

Nas *Monstruosidades do tempo e da fortuna* encontram-se varias noticias sobre as caçadas que D. Pedro II ali realisou, quando regente do reino.

Por exemplo : « Poucos dias depois, partiu S. A. da Côrte para a banda dalém, a uma quinta que chamam Pancas, donde ha muita caça. »<sup>1</sup>

O mesmo livro desvenda segredos da alcôva real, revelando-nos que o principe regente ia ali fruir amores, alguns até bem pouco limpos e seguros.

E talvez da atrapalhação em que se viu o principe, quando d'aquella herdade voltou enfermo de uma doença suspeita, proviesse o ditado — « vêr-se ou andar em pancas », que significa estar mettido em difficuldades.

A rainha (era a mulher do infeliz Affonso VI) já desconfiava d'estas caçadas em Pancas, como se vae ver.

« Entrou o mez de dezembro e S. A. se partiu para Pancas á caça; dias havia que a jornada estava disposta para ir passar até á festa do Natal ao seu palacio de Salvaterra. A rainha, que fez muitas diligencias por acompanhar a S. A. (como em Pancas não ha commodidade para dar agasalho a duas casas reaes), ficou d'accôrdo que sahiria da Côrte alguns dias depois, e iria em direitura a Salvaterra. Havia indicios de que andava prenhada de dois mezes; requereram os medicos que se não abalasse : pôde mais o gosto que a razão, sahiu de Lisboa, embarcando-se para fazer a viagem por rio com mais socego ; o das aguas não é constante, alterou-se o tempo, sentiu-se a rainha abalada, tomou porto em Villa Franca, seis leguas da Côrte, e ahi moveu. »<sup>2</sup>

Está a gente a ver que a rainha, mordida de ciumes, queria vigiar de perto o marido ; e por isso, não obstante estar melindrosa, affoutava-se á viagem Tejo acima.

Com igual transparencia se vê que o infante D. Pedro gostava de folgar em Pancas, aonde a rainha o não podia acompanhar, porque não cabiam no *monte* duas casas reaes.

Esta senhora D. Maria Francisca de Saboya só conheceu extremos no casamento : um marido gastava-se de menos, e o outro gastava-se de mais.

O *monte* (casal, no sentido alemtejano) da herdade de Pancas não era a esse tempo, nem ainda antes, propriedade da Corôa, mas os seus donos compraziavam-se certamente em hospedar o regente durante as caçadas.

N'esse seculo os senhores de Pancas, e Atalaya, eram os Costas Freires, como se pôde vêr na *Historia Genealogica* <sup>3</sup>.

Depois, e pela linha feminina, o morgado de Pancas passou á casa dos condes de Alpedrinha (Vilhenas).

Vem a molde transcrever poucas linhas de um livro meu :

« Mas o titulo de conde de Alpedrinha nunca foi tão popular no paiz como a designação de — senhores de Pancas — pela qual os Vilhenas eram geralmente conhecidos. Bastaria a celebrisal-os a famosa herdade do Ribatejo, verdadeiramente principesca.

« Se alguém, querendo dirigir-se ao palacio d'esta familia em Arroyos, dizia ao cocheiro — Para casa do conde de Alpedrinha —, o cocheiro ficava sem saber a direcção que havia de tomar.

<sup>1</sup> Pag. 124.

<sup>2</sup> *Monstruosidades*, pag. 152.

<sup>3</sup> Tom XII, part. 1.ª, pag. 50.

«Se, porem, lhe dissesse — Para o palacio dos senhores de Pancas —, o cocheiro fustigava logo os cavallos, e partia.»<sup>1</sup>

Um d'estes Vilhenas, filho segundo, foi o marido, negativo e incompleto, da viuva do famoso marquez de Chaves.

A decadencia da nobreza fez que as suas propriedades se dispersassem por mãos alheias.

Assim, a herdade de Pancas veio a pertencer, em nosso tempo, ao commendador Estevam Antonio d'Oliveira Junior, a cujo respeito já falamos detidamente no capitulo *Alcochête*.

Hoje pertence a seus filhos, Estevam Augusto d'Oliveira, José Estevam de Oliveira, D. Anna, D. Maria Eugenia, e D. Adelina. Só outra filha, D. Leonor, casada com o sr. Fernandes, d'Evora, é que já ali não tem quinhão algum.

Em Pancas não ha logar, mas sim o *monte* da herdade, que, com o respectivo pessoal, forma uma pequena aldea, a que não falta capella nem cruzeiro.

El-rei D. Luiz foi algumas vezes caçar a Pancas, sendo hospede do commendador Estevam, que o recebia com grandeza.

A herdade comprehende marinhas, terras de pão, vinha, montado de sôbro, pastagens e charneca.

Das marinhas, a mais importante é a de Vasa-Saccos.

Para concluir a noticia relativa á freguezia de Samora Corrêa resta-me dizer que o primeiro barão d'este titulo foi João Ferreira Prêgo, fidalgo da casa real, e rico proprietario; e o segundo, seu filho José, que nasceu em Alcochête a 7 de janeiro de 1810 e falleceu a 16 de outubro de 1866.

Do terceiro barão de Samora Corrêa, filho do anterior, démos noticia no artigo *Alcochête*.

Completa-se o concelho de Benavente com a freguezia de Santo Estevam, que tem 210 fogos e 832 habitantes.

Dista da séde do concelho 15 kilometros para suéste.

A igreja parochial está situada na margem direita da ribeira.

Comprehende esta freguezia os *montes* dos Condes, Zambujeiro, Cabo do Termo; e as quintas do Soeiro, Concelho e Almada.

Na ribeira trabalham azenhas.

Ha no logar de Santo Estevam (séde da parochia) uma philarmonica; e um coreto na rua Nova.

A povoação compunha-se, e n 1757, apenas de 36 fogos.

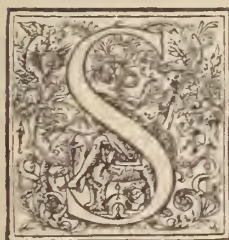
Todas as tres freguezias do concelho de Benavente pertencem ecclesiasticamente á diocese de Evora; e o concelho faz parte do districto de Santarem.

Na villa de Benavente projecta-se edificar um novo bairro, composto de 15 talhões, e comprehendido entre a antiga rua do Arrabalde (hoje de Luiz de Camões), Santo André, a estrada districtal n.º 132, e o largo do Chaveiro (agora praça Anselmo Xavier.)

<sup>1</sup> *Sangue azul*, pag. 286.



## Alemquer



É ha terra em Portugal bem fadada de poeticos dons e mimosa de galanterias da fortuna, essa terra é, com certeza, a villa de Alemquer.

A sua posição geographica, a seis kilometros da margem direita do Tejo, não pode ser mais pittoresca e desafogada; — mais bella, digamos a unica palavra propria.

Está a villa escalonada pela vertente e base de uma garbosa collina. em cujo topo se recortam as rôtas muralhas do vetusto castello, anterior aos mouros, mas reconstruido por elles.

O panorama que se abrange de alguns pontos da villa, especialmente do alto da Boa Vista, é vasto na direcção do sul, e sempre variado e deleitoso.

O rio de Alemquer banha a povoação, divide-a, e serve a sua industria fabril.

Este rio nasce junto á serra de Monte Junto e, dirigindo-se para sudoéste, vem receber na villa o nome de que se ufana.

Depois, seguindo a Villa Nova da Rainha, fertilisa os campos da Varzea e vai desembocar no Tejo, tendo completado um curso de 34 kilometros pouco mais ou menos.

Historicamente, parece que a boa estrella de Alemquer lhe sorriu logo desde os primeiros tempos da existencia politica de Portugal.

Não curemos de saber se, antes da occupação sarracena, houve aqui povoação romana; se Alemquer foi Jerabrica ou Gerabriga; deixemos, sobre este assumpto, discutir os amantes de velharias confusas.

Contentemo-nos de saber como, segundo a lenda, acabou em Alemquer para os mouros um dominio que durou quatro seculos.

Os christãos tinham durante dous longos mezes investido contra o castello, mas só na manhã de S. João (1148) conseguiram tomal-o, alentados de maior esforço por uma suggestão feliz.

Foi o caso que um grande cão, de pellagem pardacenta, que vigiava as muralhas, vendo Affonso Henriques e o seu séquito, não só lhes não ladrou como a estranhos e inimigos, mas até deu mostras de querer acaricial-os.

Certamente empinaria a cauda, signal de contentamento e confiança, porque diz com razão Affonso Daudet que a natureza deu a cauda aos cães para que elles pudessem exprimir os seus pensamentos.

Affonso Henriques tomou por bom agoiro este signal, e disse para os seus homens de armas: «Alan quer». <sup>1</sup>

Alan, de *alanus*, baixa latinidade, significa «cão grande de fila».

Logo o filho de Henrique mandou começar o ataque, que foi sanguinolento, mas decisivo: o castello de Alemquer cahiu, n'esse dia, em poder dos christãos.

Não é graciosa a lenda?

Pois, segundo ella, foi assim que a povoação se ficou chamando Alanquer, como graphavam os nossos chronistas, ou Alemquer como hoje se diz.

Outro nome, não menos auspicioso, e até interessante como memoria ethnographica, parece haver tido a povoação durante os primeiros tempos da monarchia portugueza.

Sancho I, mandando povoar a villa, deu-a em dote a sua filha Dona Sancha. Quiz disputar-lh'a Affonso II, mas Alemquer resistiu pela sua dama, e venceu. Morta a infanta, outro Affonso, o terceiro, doou a sua segunda mulher, a rainha D. Beatriz de Gusmão <sup>2</sup>, esta villa, que ficou depois pertencendo ao senhorio das rainhas de Portugal, como renda consignada aos seus chapins.

E então, em razão d'isto, se quereria chamar á povoação «Chapins da rainha».

Não vá, porém, o leitor encantar-se erradamente deante d'este nominativo suppondo que o chapim era um sapatinho delicado, quasi aereo e imponderavel, com que uma rica-dona poderia voar se quizesse.

De parte toda a idéa de galanteria madrigalesca... O chapim não passava de ser um calçado de quatro ou cinco solas de sobreiro, para que as damas parecessem mais altas. E' bom, ás vezes, desconfiar da poesia.

Mas o nome novo não pegou, porque a tradição tem sempre muita força; a lenda do «alão» embarcou-se nos chapins, e navegou triumphante.

Comtudo, Alemquer não deixou nunca de prestar fiel vassallagem ás rainhas de Portugal, incluindo D. Leonor Telles, cuja causa sustentou em opposição ao Mestre de Aviz.

O maior poeta de Portugal, Luiz de Camões, se não foi natural de Alemquer, foi pelo menos seu affeiçoado cantor.

Lá diz elle nos *Lusiadas*:

..... Alemquer, por onde soa  
O tom das frescas aguas entre as pedras,  
Que murmurando lava.....

E no celebre soneto C, de tão discutida interpretação, chama «verde e clara» á villa de Alemquer.

Estes dois adjectivos são tão felizes, que parecem uma pintura *d'après nature*.

Eu, em 1880, teimei e reteimei, sobre este soneto, que d'elle se podia inferir ter sido Alemquer a patria de Camões <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Reproduzimos a lenda sem desconhecer que outra versão etymologica refere que o nome da povoação é o de um governador mahometano chamado Allãoquer; e tambem que Frei Antonio Brandão diz na *Monarc. Lusit.* que o nome de Alemquer vem do tempo dos álanos.

<sup>2</sup> O diploma d'esta doação foi passado em Elvas a 25 de fevereiro de 1267. (Torre do Tombo, chancellaria de Affonso III, liv. I, fl. 141).

<sup>3</sup> No livro *O que anda no ar*, pag. 251.



Os meus argumentos não soffreram contestação; apenas Pinheiro Chagas estranhou o calor com que eu tomava partido por Alemquer <sup>1</sup>.

Depois de Camões, outros poetas, *gens minor*, teem cantado este lindo torrão.

Lembro-me agora de um, no seculo xvii, o livreiro poeta Francisco Lopes, cantor da vida e milagres de Santo Antonio, o qual entusiasticamente enaltece Alemquer dizendo :

Junto da patria ditosa  
D'Antonio e minha tambem,  
Uma villa está famosa,  
Que Alemquer por nome tem,  
Fresca, alegre, e deleitosa.

Se é incerto que Alemquer fosse berço de Camões, não padece duvida que o tenha sido do illustre Damião de Goes, que aqui repousa no seio da patria á sombra dos seus louros de chronista.

Alemquer pode dividir-se actualmente em quatro bairros: dois na villa alta, um, o mais antigo, inter-muros, o outro, extra-muros; dois, na villa baixa, um á quem do rio, outro, o de Triana <sup>2</sup>, alem do rio.

Entre os habitantes da «villa de baixo» e os da «villa de cima» é tradicional um certo espirito de acrimonia.

Os quatro bairros constituem, pela sua ordem, duas freguezias, a saber: Santo Estevam, com 3.530 habitantes; Nossa Senhora da Assumpção de Triana, com 3.001.

O leitor se quizer visitar a villa de Alemquer — e não duvido que o faça — deverá apeiar-se na estação do Carregado.

Vencerá em diligencia a distancia que já sabe ser apenas de seis kilometros: cada logar custa 120 réis.

Mas encontrará melhor vehiculo se quizer gastar mais.

O logar do Carregado pertence a duas freguezias: á de Santo Estevam, na villa, e á de Nossa Senhora da Assumpção dos Cadafaes.

E' terreno plano, extenso e fertil.

A ultima vez que passei no Carregado, um brasileiro, meu companheiro de viagem, atordou-me os ouvidos a gabar uma vastissima seara de fava, que verdejava a par da linha ferrea.

— Eu — dizia-me elle — dava cabo de tudo aquillo n'um mez.

Acreditei.

E vi-o em termos de saltar pela janella do wagon... para ir á fava.

O opulento lavrador sr. José Rodrigues Vaz Monteiro mandou ultimamente construir no Carregado uma escola.

Disse-me isto outro companheiro de viagem. Mas o brasileiro, sempre com os olhos arregalados n'um extasi de comilão, não fazia senão dizer:

— Que bello faval!

Uma senhora apostrophou:

— E um rio! olhem um rio tão pittoresco!

Outro passageiro explicou dizendo:

— E' a ribeira de Sant'Anna da Carnota, que vem desaguar ao Tejo.

O brasileiro replicou exclamativo, voltando-se para a dama:

— As favas, minha senhora! As favas!

<sup>1</sup> No *Almanach Camões* para 1881.

<sup>2</sup> De *trans amen*, «alem do rio».

A estação fica a éste-suéste do logar; a villa de Alemquer fica a noroéste da estação.

A villa de Alemquer é cabeça do concelho do seu nome, que tem uma população de 24.797 habitantes, e pertence ao districto administrativo de Lisboa.

Tambem é cabeça de uma comarca de 2.<sup>a</sup> classe.

Ecclesiasticamente, o concelho está sob a jurisdição do patriarchado.

Desde os primeiros tempos da monarchia foi a villa de Alemquer nobilitada não só pela doação feita á infanta D. Sancha, e depois por ser apanagio das rainhas, como tambem pela grande predilecção que mostraram ter-lhe as pessoas reaes.

Muitos documentos da chancellaria dos immediatos successores de Affonso Henriques são datados de Alemquer.

Entre as pessoas reaes que pousaram n'esta villa e a estimaram com subido apreço, merecem especial menção el-rei D. Diniz e a Rainha Santa.

Foi aqui que a virtuosa Izabel de Aragão, por inspiração celeste revelada n'um sonho, resolveu edificar uma igreja e hospital em honra do Espirito Santo no rocio da villa, junto ao rio.

Tendo-se dado começo á construcção, a todos pareceram maravilhosas certas occorrencias que se lhe seguiram.

Tratou-se de abrir os alicerces, excavou-se para esse fim a terra: logo appareceram abertos, e bem solidos.

Proseguiu, pois, rapidamente a obra.

Uma tarde, a Rainha Santa, estando ao pé dos operarios, cubiçou um ramo de rosas que vira na mão de uma rapariga, e promptamente o houve. Ao retirar-se para o paço, deu a cada trabalhador uma rosa, e, a breve trecho, cada rosa se converteu n'uma dobra de oiro, o que deixou surpresos todos os artifices e depois a villa toda.

A igreja do Espirito Santo foi reedificada em 1730 por ameaçar ruina.

No tempo da terceira invasão franceza (o general Masséna teve o seu quartel-general em Alemquer) foi a igreja muito damnificada pelos invasores, que tambem não pouparam outros edificios e preciosidades da villa.

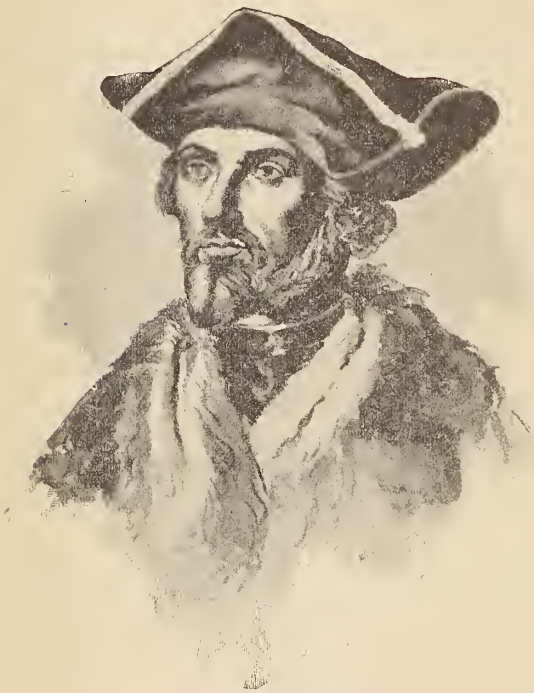
Depois de 1870 passou este templo por mais uma restauração, e facilmente se pôde comprehender que seria precisa sabendo-se que as cheias do rio teem por vezes chegado até á capella-mór.

Era n'esta igreja que se celebravam alguns actos das pomposas festas do Espirito Santo, instituidas pela Rainha Santa e por el-rei D. Diniz.

Estas festas tornaram-se desde logo celebres não só pelo seu esplendoroso apparato, como pela representação do Imperio, que era uma novidade attrahente.

Theophilo Braga diz que esta cerimonia é uma transformação de velhos cultos polytheistas, mas não foi certamente para resuscitar esses cultos que a Rainha Santa a instituiu.

Tal explicação não esclarece ninguem.



74 — Damião de Goes

Mas vamos a saber no que consistia a cerimonia; oiçamos, sobre o assumpto, a descripção feita pelo bispo do Porto, D. Fernando Correa de Lacerda:

«Dia da Ressurreição de Christo Senhor Nosso, vae acompanhado de toda a Nobresa e Povo da Villa, á igreja de S. Francisco della, o homem que ha de faser a figura de Emperador, com dous que faserem a de Reys, e tres Pagens, que lhe levão diante outras tantas coroas, hua das quaes deixou a Rainha Sancta para aquelle acto, e tanto que chegão ao Altar, se offerecem nelle as coroas a Deos, e hum Religioso vestido nas véstes Sacerdotaes, as põe na cabeça do Emperador, e dos Reys, e nesta forma vão, com magestoso séquito, acompanhar a alegre procissão, que naquella manhã florida se faz a Christo Senhor Nosso resuscitado, naquelle religioso convento; na mesma tarde sae da miraculosa Igreja do Espirito Santo o Emperador diante do qual precedem festins, e trombetas, e dous Pagens, hum com a Corôa da Magestade, outro com o estoque da justiça, e vai ao mesmo Convento a onde torna a ser coroado, e depois de se destribuirem ramalhetes pellas pessoas Nobres do acompanhamento, dançavam elles com alguas donzellas, que a titulo de Damas acompanhão ao Emperador, ás quaes se dava parte do dote para seu casamento: acabada esta funcção, torna o Emperador, com a mesma Magestade, á Igreja do Espirito Santo, e offerecendo a Corôa no Altar, a torna a receber das mãos de um Sacerdote, e se assenta em hum trono debaixo de hum docel, onde os Nobres o festejão com tanta reverencia, como se não fosse fingida a Magestade, e nesta forma continua o Imperio todos os Domingos seguintes, até o dia do Espirito Santo, em cuja vespera sae o Emperador do mesmo Convento, com toda a pompa, e com elle hum homem, que leva duas madeixas de cera benta na mão, hua ponta das quaes fica ardendo no Altar mór da mesma Igreja, e o mais saindo a procissão della, passando pela Porta do Carvalho <sup>1</sup>, se vai estendendo pellas ruas até chegar ao Altar da Igreja de Nossa Senhora de Triana, onde se enrola e se põe nella, para arder por todo o discurso do anno; acabando o acto, vae a procissão com todas as cruces das Igrejas, e dos Conventos, á Santa Casa do Espirito Santo, e nella bensem os Sacerdotes, o pão, e a carne, que ao outro dia se ha de comer em hum vodo; o que tudo se ordenou por instrucção da Santa Rainha; e considerando o Imperio e a candeia, se he licito ajuisar as alheas açoens, principalmente estas que são misteriosas, não podemos deixar de entender, que aquella candeia põe a Santa Rainha, todos os annos, ao Espirito Santo, para que Deos havendo hum só Pastor, e um só rebanho, estabeleça, em



75—Santa Izabel, rainha de Portugal (Copia d'um registo antigo)

<sup>1</sup> Uma das portas da antiga villa fortificada.

cumprimento da sua promessa, na Coroa Portuguesa, o Imperio universal do Mundo.»<sup>1</sup>

Estas festas começaram a decahir no seculo XVIII em Alemquer, e ha já muitos annos que se não celebram.

Mas o certo é que, em seguida á sua instituição, d'aqui passaram a Cintra e depois se generalisaram por todo o paiz, especialmente no sul, chegando até aos Açores, onde ainda se conserva muito viva a tradição dos Imperios e Coroações em quasi todas as villas e aldeas, o que justifica o anexam açoriano: «A cada canto, seu Espirito Santo».

A igreja de Triana, alem do rio, tambem se conta ter sido fundada pela Rainha Santa, e por effeito de revelação divina, como aconteceu com a igreja do Espirito Santo; mas por um documento se verificou que a freguezia d'aquelle nome já existia em 1239, o que apenas prova que, se é exacta a tradição, ella se não pode referir á primitiva igreja da mesma parochia.

Na «verde e clara» Alemquer são, pois, abundantes as memorias que falam da virtuosa Izabel de Aragão: templos que sonhou e erigiu, rosas que se converteram em oiro, donzellas que dotou, festas religiosas que instituiu, enfermos que hospitalava e cujas roupas ella mesma, por sua propria mão, ia lavar á fonte publica — todo um poema, finalmente, de amor christão, de caridade e abnegação evangelica.

A igreja e convento de S. Francisco, situados no ponto mais alto da villa, foram protegidos na sua fundação pela infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I. A igreja começou por ser o oratorio modesto e particular d'esta piedosa princeza a dentro dos paços em que habitava. Ahi recebeu ella as despedidas dos cinco frades de S. Francisco que foram missionar na Berberia, e lá padeceram morta affrontosa: os *cinco martyres de Marrocos*.

Depois a infanta resolveu dedicar-se á vida monastica e doou os seus paços á ordem de S. Francisco para estabelecer ahi o primeiro convento que essa ordem teve em Portugal.

Outra princeza, a rainha D. Beatriz de Gusmão, e seu filho el-rei D. Diniz protegeram o nascente instituto seraphico e ampliaram-n'o.

A nova igreja parece ter-se concluido em 1317.

No seculo XVI el-rei D. Manuel mandou fazer o claustro e restaurar o templo; a rainha D. Maria concorreu tambem para as obras.

A igreja actual, séde da freguezia de Santo Estevam, é, na sua architectura interior, igual á de Santa Quiteria de Meca.

Depois de abandonado o convento de S. Francisco pela extincção das ordens religiosas, foi o templo restaurado por disposição testamentaria de D. Maria do Patrocinio Bravo Pereira Forjaz.

O pavimento superior do convento está actualmente occupado pelo hospital da Misericordia.

A igreja d'esta irmandade<sup>2</sup> é tambem um templo digno de menção, pois offerece a singularidade de ter a capella-mór muito mais elevada que o resto do edificio.

Contiguas á igreja ha umas casas onde funccionou o hospital antes de passar para o convento de S. Francisco.

Na freguezia de Santo Estevam está encorporada a antiga parochia de S. Pedro. A actual igreja d'esta invocação é uma reedificação do seculo XVIII.

A igreja de Santa Maria da Varzea, situada na encosta, perto do rio, foi destruida

<sup>1</sup> *Historia da vida, morte, milagres, canonisação e trasladação da Sancta Isabel* (Lisboa, 1680) pag. 191-196

<sup>2</sup> A irmandade da Misericordia de Alemquer foi fundada por ordem de D. João III, em 1527.

no seculo xv por um incendio que se attribuiu aos judeus, os quaes tiveram de reconstruil-a por sentença, sendo depois expulsos da villa.

E' n'esta igreja que está sepultado o chronista Damião de Goes, natural de Alemquer, um dos mais superiores e avançados espiritos do seculo xvi em Portugal.

Não se pode falar de Damião de Goes e de Alemquer sem recordar o nome do sr. Guilherme João Carlos Henriques, illustrado compilador e annotador dos *Inéditos Goesianos* (dois vol., 1895-1898), que assim completou e esclareceu o que Camillo Castello Branco <sup>1</sup> e Antonio Pedro Lopes de Mendonça <sup>2</sup> investigaram e escreveram sobre o famoso chronista de D. Manuel.

Tambem o sr. Henriques publicou em 1873 uma interessante monographia *Alemquer e seu concelho*, que teve segunda edição em 1902, bem como é auctor de alguns curiosos opusculos sobre coisas e pessoas de Alemquer.

D'estes opusculos, possuo tres, todos elles de 1901: um que trata do ex-convento da Carnota e dois que obedecem á epigraphie — *Bibliographia Alemquerense*.

A igreja de Santiago, a meia altura do monte, nas costas da villa, foi séde de uma parochia hoje extincta.

D'este templo apenas resta actualmente a torre esguia e solitaria.

Entre as igrejas de S. Francisco e S. Pedro houve outr'ora um convento de freiras de Santa Clara, que hoje apenas se faz lembrar pelas suas ruinas e pela cêrca.

Um dos melhores edificios da villa é o lindo palacio da municipalidade, inaugurado a 2 de janeiro de 1890.

N'elle se acham installados, alem da secretaria e dependencias da camara municipal, a repartição de fazenda, a recebedoria da comarca, os cartorios dos escrivães do juizo, o tribunal, a administração do concelho, a conservatoria do registo predial, e bem assim o quartel com accommodações sufficientes tanto para os officiaes superiores como inferiores.

Quanto a construcções antigas da villa deverei ainda citar a Torre da Couraça, que se suppõe ser fundação dos mouros; a ponte do Espirito Santo, que é do tempo de D. Sebastião; a ponte de Triana ou do Areal, que parece ser posterior ao reinado de D.



76—Commendador Guilherme Henriques

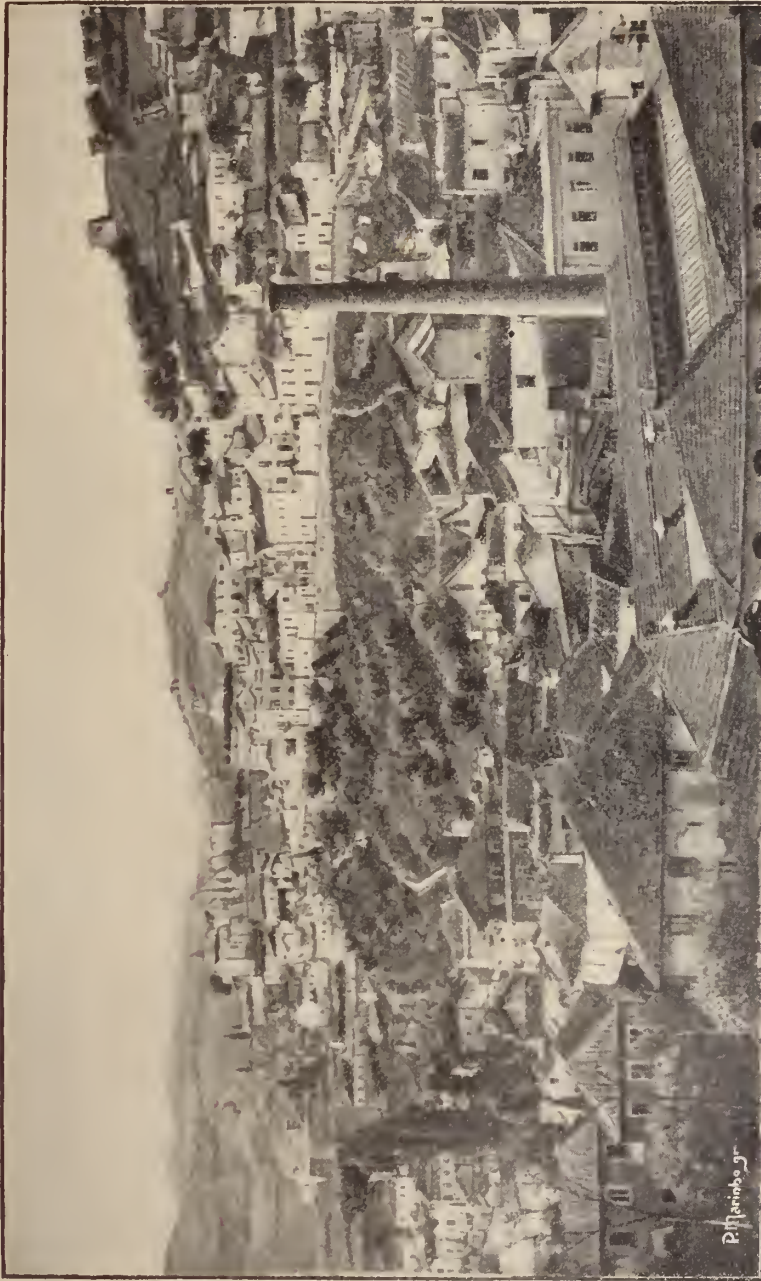
<sup>1</sup> *Noites de insomnia*, n.º 11.

<sup>2</sup> *Damião de Goes e a Inquisição em Portugal*. Lisboa, 1899.



Que eu saiba, tem tido Alemquer os seguintes jornaes :

O *Alemquerense*, politico, litterario e noticioso. Janeiro de 1878 a janeiro de 1880.  
— *Damião de Goes*, folha hebdomadaria. Começou a 3 de janeiro de 1886. Foi fundada por Jayme Pereira Coutinho e ainda dura. D'ella damos um *fac-simile*.



78 — Vista geral de Alemquer

Outro *Alemquerense*, semanario politico, litterario e noticioso. Começou em janeiro de 1888, e já acabou. O *Commercio de Alemquer* e o *Sol*, que tambem não existem.

Funcionam na villa 4 fabricas, a saber :

Fabrica chamada do Meio, de artefactos de lã e algodão (mantas, cobertores, camisolas, casimiras, castorinas, etc) fundada em 1838 pelo cidadão francez Augusto Lafavrie e por elle muito ampliada depois.

Desde 1881 é explorada pela Companhia de Lanificios de Alemquer.

Creio que o actual administrador d'esta fabrica é o sr. José Pimentel Ramos.

Segundo uma nota official, que solicitei pelo ministerio das obras publicas, esta fabrica emprega actualmente 236 operarios.

Fabrica da Romeira, tambem de tecidos de lã e algodão, fundada por Francisco José Lopes, e inaugurada em 29 de setembro de 1872.

Emprega actualmente 164 operarios.

Fabrica da Chemina, productora de lanificios, fundada (1889-1890) por José Joaquim dos Santos Guerra e Salomão dos Santos Guerra.

Emprega actualmente 189 operarios.

Fabrica do Papel. Em 1889 esta fabrica abandonou a industria de que lhe provinha o nome, e começou a produzir lanificios.

Era explorada pela «Companhia Portuguesa de Fiação e Tecidos».

Falliu em 1900.

E' hoje explorada por Antonio Francisco Ribeiro Ferreira & Irmão.

Emprega actualmente 211 operarios.

Os vinhos do concelho de Alemquer teem muitos pontos de analogia com os de Torres Vedras. Pertencem os dois concelhos á mesma região vinicola, que de Alemquer se prolonga para o occidente pelo territorio de Torres. Assim é que o professor Aguiar, falando da «região de Alemquer», exalta comò especialidade œnologica das mais distintas os vinhos brancos da Ribeira de Maria Affonso, que é um logar <sup>1</sup> da freguezia de Dois Portos no concelho de Torres Vedras.

Dentro propriamente dos limites administrativos do concelho de Alemquer lembra o mesmo professor o apreço que merecem os vinhos tintos da Abrigada, e o vinho dos Cadafaes.

Considera este ultimo como um dos tres vinhos aristocraticos da Extremadura, a saber: Carcavellos, Lavradio e Cadafaes. Chama lhes tres pimpões. Qualquer d'elles é vinho de se lhe «tirar o chapéo».

Organisou-se uma Empresa Vinicola de Alemquer, que tem deposito em Lisboa (Arroyos).

Todo o concelho é abundante em cereaes e azeite.

Pelo que respeita a fructas, tem uma especialidade: as ginjas garrafaes.

Agua, muita e excellente.

Nas duas freguezias da villa ha boas e importantes quintas.

Pertence á de Santo Estevam a conhecida quinta da Carnota, que era convento da ordem de Santo Antonio dos Capuchos.

Esta bella propriedade adquiriu-a em 1852 o subdito inglez John Smith Athelstane, que depois foi agraciado com o titulo de conde da Carnota.

Hoje é seu proprietario o sr. Guilherme João Carlos Henriques.

Entre as outras quintas d'esta freguezia mencionarei a do Campo, que é do sr. marquez de Castello Melhor; a dos Fornos, que foi dos marquezes de Ponte do Lima; a da Condessa, do Mascote, de Sans Soucie, das Sete Pedras, do Chacão, etc.

Entre os casaes, que são numerosos, especialisarei o de Goes, propriedade do sr. Francisco de Goes Souto Maior du Bocage, a quem ainda teremos occasião de referir-nos.

Na freguezia de Triana ha tambem varias quintas, taes como a da Gaia; do Baracho, que era do conde dos Arcos; do Carneiro, que era do conde de Lumiares; a de Por-

<sup>1</sup> Este logar tinha, em 1894, 34 fogos.



to, da Taipa, do Bispo, da Requeixada e a do Barreiro, onde a tradição diz que nasceu Damião de Goes.<sup>4</sup>

Alemquer tem por quatro vezes servido de titulo de nobreza :

Filippe II agraciou D. Diogo da Silva, conde de Salinas em Hespanha, com o Marquezado de Alemquer em Portugal.

No fim do seculo XVII recebeu o titulo de marquez de Alemquer D. Catharina Barbosa de Noronha.

Por decreto de 3 de julho de 1862 foi dado o titulo de barão de Alemquer a Manuel Joaquim d'Almeida.

Seu filho, D. Thomaz de Napoles, teve o titulo de visconde d'Alemquer por decreto de 5 de março de 1874.

Fui muito amigo do visconde d'Alemquer, que era um dos mais amaveis homens que tenho conhecido.

*Dilettante* das lettras, deixou algumas composições poeticas. Fazia parte da associação dos archeologos, e era um apaixonado colleccionador de livros, especialmente das obras do padre José Agostinho de Macedo.

Foi governador civil de Aveiro; e par do reino por carta regia de 23 de junho de 1887.

Casou com uma irmã do conde de Macedo.

Falleceu a 1 de julho de 1897.

Posto residisse em Lisboa, gostava muito de Alemquer.

Em todos os tempos tem esta villa sido dedicadamente apreciada por homens distinctos.

Com razão escreve o sr. Henriques :

«Pero d'Alemquer, Damião de Goes, Antonio Correa de Baharem, Salvador Ribeiro de Sousa, Manuel de Mesquita Perestrello, Tristão da Cunha, Simão da Cunha e Diogo Pacheco. Uns ahi nasceram; outros escolheram a terra para a sua ultima morada e todos a amaram.»

Ainda n'esta relação lhe esqueceu um: foi o infeliz D. Antonio Prior do Crato.

Depois de aclamado em Santarem, D. Antonio dirigiu-se a Alemquer, onde, no convento de S. Francisco, o receberam, acceitaram e reconheceram por legitimo rei d'estes reinos.

Rei ephemero, é certo, e por isso nem o contam na historia de Portugal; mas estimado e querido do povo, como poucos, sobretudo em Santarem e Alemquer.

E o desventuroso rei tão grato se conservou a esta villa, que por testamento feito em Pariz dispunha que os seus restos mortaes fossem sepultados em S. Francisco de Alemquer.

Passemos agora a vista pelas restantes freguezias que compõem o concelho.

A da Abrigada, cujo orago é Nossa Senhora da Graça, tem actualmente uma população de 2.047 habitantes — 1.080 do sexo masculino e 967 do feminino.

Comprehende a freguezia cinco logares, a saber: Abrigada, Bairro, Estribeiro, Athouguia das Cabras e Cabanas do Chão.

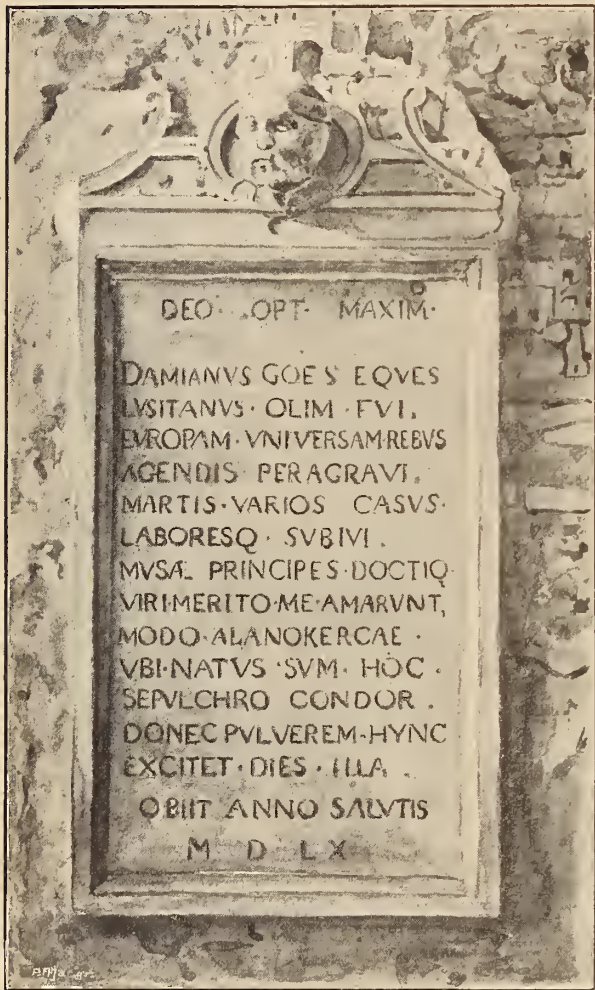


79 — Conde da Carnota

<sup>4</sup> O sr. Henriques contesta este facto.

Entre os povos dos logares de Cabanas do Chão e do Estribeiro, que ha já tempos andam de rixa, travou-se uma grande desordem em setembro de 1905, por occasião do arraial de Nossa Senhora da Graça.

Durante muitos annos a séde da parochia foi a Athouguia das Cabras, mas a Abrigada, graças á sua producção e commercio de vinhos, muito apreciados,— especialmente os tintos,—no paiz e no estrangeiro, desenvolveu-se a ponto de supplantar a Athouguia das Cabras na investidura da supremacia parochial.



80 — Epitaphio de Damião de Goes

Ao pé da sacristia depara-se-nos uma campa, sepultura da familia dos Araujos, morgados da Abrigada.

O cemiterio parochial foi construido em 1856, e tem dois mausoleos de maior vulto.

Um d'elles mandou-o erigir José Maria Camillo de Mendonça, agraciado com o titulo de visconde da Abrigada por decreto de 27 de janeiro de 1870.

Foi n'esta freguezia que nasceu a 25 de junho de 1836 o insigne jornalista, professor e parlamentar Marianno Cyrillo de Carvalho, fallecido no Monte Estoril a 19 de outubro de 1905.

Anteriormente ao seculo xvi, o logar da Abrigada ou Brigada, como dizem alguns documentos antigos, teve o nome de Amieiro.

Entre as quintas mais notaveis da freguezia mencionaremos a da Abrigada, da familia Raphael Gorrão; a do Bairro, do sr. Assencio Siqueira Freire; a de Vallongo, da Companhia Credito Predial, etc.

Os vinhedos da Abrigada rodeiam o logar d'este nome, e estendem-se pela freguezia na extensão de alguns kilometros.

Hoje a Abrigada é uma povoação attraente, com aspecto moderno; ao passo que a Athouguia das Cabras ficou estacionaria na sua primitiva feição.

A igreja parochial data certamente do seculo xiv, e conserva-se modesta, mas foi restaurada no anno de 1768.

Tem adro espaçoso, com um cruzeiro de pedra polida.

Em redor d'este adro ha algumas pequenas casas, que servem de hospedarias aos romeiros de Nossa Senhora da Ameixoeira.

A imagem d'esta invocação appareceu dentro de um cofre, cujo logar foi maravilhosamente indicado por um frade de Monte Junto: está hoje dentro de uma maquina no altar-mór da igreja.

As romagens realisam-se nos mezes de agosto e setembro.

Este logar fica dois kilometros a oéste da estrada real de Lisboa a Leiria, sobre o rio Otta.

Dista da villa de Alemquer dez kilometros.

A freguezia de Aldea Gallega da Merceana tem por orago Nossa Senhora dos Prazeres, e uma população de 2.153 habitantes, sendo 1.144 do sexo masculino, e 1.009 do feminino.

A villa do seu nome foi outr'ora separada do termo de Alemquer, e teve foral em 1318.

A freguezia pertencia em 1840 ao concelho, extinto por decreto de 24 de outubro de 1855, de Aldea Gallega da Merceana.



81 — O Castello (Restos da Torre de Menagem)

A igreja parochial é um lindo templo, claro e amplo. Possui bons azulejos, bem como alguns quadros estimaveis. Suppõe-se datar do tempo de D. João II e ter sido reedificada no seculo xvii.

Ha no corpo da igreja uma capella, de que foram proprietarios os condes da Eri-ceira.

A villa da Merceana, comprehendida n'esta freguezia, deve considerar-se uma das mais importantes povoações do actual concelho de Alemquer.

No rocio que está junto á igreja parochial fazem-se duas feiras annuaes, uma a 25 de março, e outra no domingo da Trindade. Tambem ha mercado mensal.

O templo de Nossa Senhora da Piedade, erecto no centro do logar, é magestoso, e attrae grande numero de romeiros por devoção á mesma Senhora.

O primitivo templo deveu a sua fundação á rainha D. Leonor, viuva de D. João II.

O actual foi reedificado com parte d'aquelle em 1707.

Houve na Merceana um convento de capuchos, da provincia de Santo Antonio, onde professou D. João Rolim, 17.º senhor da Azambuja (*Loulé*).

Hoje o edificio do convento serve de hospital.

Aldea Gallega da Merceana dista de Alemquer 11 kilometros, e está situada na encosta de um pequeno monte, rodeado de outeiros.

Corre perto uma ribeira affluente do rio Alemquer.

A freguezia de Aldea Gallega da Merceana comprehende varias quintas, entre as quaes a da Curujeira, que foi do conde de Casal Ribeiro; a da Conceição, do barão da Portella; a do Falou, do barão de Alemquer; a do Anjo, do conde de Magalhães; a da Chocalha, de Domingos Chapman Duff, etc.; e muitos casaes, entre elles o dos Corvos, do sr. Graciano Franco Monteiro; do Ventoso e do Arrieiro, do visconde de Juromenha; o do Inferno, de D. Maria Dorothea de Lima, etc.

A freguezia de Aldea Gavinha, orago Santa Maria Magdalena, com uma população de 1.285 habitantes, pertenceu até 1855 ao concelho de Aldea Gallega da Merceana.

Comprehende os logares de Aldea Gavinha, Freixial de Cima, Freixial de Baixo, Tojal, Montagil, Matta e Sobreiros.

O logar séde da parochia está situado na vertente de um monte proximo á mesma ribeira que passa em Aldea Gallega da Merceana.

Dista da villa de Alemquer 9 1/2 kilometros, para noroéste.

Parece que nas encostas que lhe ficam fronteiras houvera uma povoação fundada pelos romanos.

Esta povoação conservou-se até ao começo do seculo xv, mas sendo então dizimada pela peste, os habitantes mudaram-se para o logar que é hoje Aldea Gavinha, onde o flagello poupára um casal ali existente.

A igreja parochial data de 1550 pouco mais ou menos. E' espaçosa, posto que desprovida de obras de arte. Entre as campas, e não são poucas, que ficam dentro do corpo da igreja, ha uma da familia Siqueira, que no seculo xvii fundou um vinculo em Aldea Gavinha.

Mencionaremos entre as quintas d'esta freguezia as do Castello, da Cidade e da Conceição, propriedades de D. Maria da Piedade Telles; a do Tojal, da familia Chancelleiros; a de Santa Barbara, do barão da Portella, etc.

A freguezia de Cabanas de Torres, orago S. Gregorio Magno, com uma população de 715 habitantes, comprehende apenas dois logares, aquelle que deu nome á freguezia, e outro denominado da Paula.

O primeiro logar está situado sobre um alto, que domina a ribeira affluente do rio de Otta.

Dista da villa de Alemquer 15 kilometros, para noroéste.

Diz a tradição que este logar foi fundado por alguns habitantes de Torres Vedras e de Villa Verde dos Francos, que, fugindo a uma invasão de peste, acamparam n'esta paragem, aqui edificaram uma tôsca ermida a S. Roque, e aqui ficaram, gratos ao sitio, depois que a epidemia passou.

Isto, a ser verdade, deve ter occorrido durante a idade média, epoca das pestilencias devastadoras, ou pouco depois.

Querem alguns dizer que succedeu no seculo xiii, mas eu supponho que seria em 1569, por occasião da «peste grande», porque, segundo o testemunho de frei Antonio da Purificação na chronica dos eremitas de Santo Agostinho, muitos habitantes de Torres Vedras deixaram então a sua terra por fugir ao mortifero contagio.

O logar da Paula, d'esta freguezia de Cabanas de Torres, é insignificante.

Depois de Cabanas de Torres, a freguezia de menos população, no concelho de Alemquer, é a do Espirito Santo de Otta, que tem apenas 432 parochianos.

Faz parte d'ella a antiga freguezia de S. Bartholomeu do Paul.

O lugar de Otta, séde da parochia, é constituido por uma pequena povoação que demora sobre a estrada de Lisboa ás Caldas da Rainha.

A linha ferrea de Lisboa á Figueira da Foz prejudicou muito a povoação de Otta, por haver desviado o transito dos passageiros que se destinavam áquellas Caldas.

Julio Cesar Machado, que passou muitas vezes por Otta, com destino ás Caldas ou á sua casa da Durruivos, descreve-a rapidamente na *Vida alegre* dizendo:

«De Otta para deante o caminho é cada vez mais árido e faz perceber tanto mais isso, que Otta apresenta-se aos viajantes com uma feição elegante e senhorial. As quintas são bonitas; as fazendas andam bem tratadas. As propriedades Belmonte são as mais importantes».

Otta pertenceu remotamente ao mosteiro de Alcobaça. <sup>1</sup>

Fazia-se aqui uma feira annual chamada do Espirito Santo, mas, sem embargo, a povoação não conseguiu engrandecer-se por motivo das suas pessimas condições hygienicas.

E' terra muito sezonatica, em razão da grande lagôa ou pantano denominado o Bunhal, e dos campos genericamente designados pelo nome de Paul, os quaes retéem as aguas do inverno, e conjuntamente com a lagôa produzem as febres palustres.

Tivemos um velho proverbio que dizia :

Deus nos livre das sezões de Otta,  
E da justiça d'Alemquer  
Guarde Deus a nossa porta.

A primeira parte d'este proverbio está por si mesma explicada.

Quanto á segunda parte, precisamos dizer algumas palavras.

As terras do Paul de Otta eram coutadas, o que inspirou confiança aos malfeitos para se refugiarem n'ellas.

Ora tanto se pôde suppôr que a referencia á justiça de Alemquer fosse um apódo á situação deprimente de cega tolerancia, em que ella se encontrava perante um coio de bandoleiros, que não podia prender, nem castigar; como á situação apertada dos bandoleiros, suppondo que elles preferissem soffrer as sezões no seu homisio a cahir nas mãos da justiça de Alemquer, que por mais proxima temiam.

O sr. Henriques interpreta d'este ultimo modo, julgando que o proverbio era dos malfeitos, entalados entre Scylla e Charybdis, entre as maleitas dos coutos de Otta e as garras da justiça de Alemquer.

Sem embargo, a justiça de outras comarcas do paiz apparece malsinada em violentos apódos cuja interpretação é menos duvidosa, pelo que se pode presumir que o proverbio de que se trata teria o mesmo sentido. O povo em tempo nenhum gostou da



82 — Visconde de Alemquer

<sup>1</sup> No tomo I das *Pr vas da Hist. Gen* vem a doação que d'este lugar fizeram ao mosteiro d'Alcobaça D. Sancho I e a rainha D. Dulce: «in perpetuum habendam concedimus paludem de Otta a loco illo, que discurrere solebat rivus de Alamquer, etc.»

justiça, que o persegue e castiga. E' natural. Nas provincias do norte, ha um dictado desfavoravel á justiça de Fafe, e outro á de Guimarães :

Deus nos livre de Guimarães  
Onde prendem a gente  
E soltam os cães.

O que é certo é que os coutos de Otta eram tão infestados de malfeitores, que os romeiros da Senhora da Ameixoeira só reunidos em bando, e bem armados para qualquer eventualidade, se atreviam a passar por ali.

E, comtudo, Otta apenas dista da villa de Alemquer pouco mais de uma légua.

Proximo ao lugar de Otta passa o rio do mesmo nome, que nasce nas abas da serra de Monte Junto, e vae desaguar no Tejo a pequena distancia de Villa Nova da Rainha.

No dia 22 de setembro de 1880 foi a charneca de Otta visitada pelos membros, nacionaes e estrangeiros, do congresso internacional d'anthropologia e archeologia pré-historicas reunido em Lisboa.

Os congressistas reconheceram que o solo da charneca era terciario lacustre inferior, e que ao occidente se apoiava, em stratificação discordante, sobre terrenos jurássicos (Monte Redondo).

Fizeram varias pesquisas, e recolheram alguns exemplares de pedra lascada, mas só n'um d'estes exemplares se evidenciava o trabalho da mão do homem.

No outeiro do Archino fizeram

excavações em terreno encharcado d'agua doce, e encontraram restos de animaes, vertebrados e invertebrados.

Pareceu, pelo menos a alguns congressistas, que o solo encharcado devia classificar-se como mioceno.

Em frente de Monte Redondo foi servido um *lunch* aos membros do congresso, que n'esse mesmo dia regressaram a Lisboa.

A freguezia de Otta comprehende tambem os logares da Aldea e de Passos, ambos de somenos importancia.

Dentro da sua área ha tres quintas: a da Vassalla, cujos ultimos possuidores tem sido Raphael José da Cunha e o visconde da Abrigada; a da Torre, pertencente á familia Lindoso, de Guimarães; a de Otta, vasta propriedade dos condes de Belmonte.

A igreja parochial fica no centro do lugar. E' antiga, porque já existia em 1567, se bem que não apresente hoje nenhuns vestigios de antiguidade.



83 - Igreja de Santa Quiteria de Meca

A freguezia de Nossa Senhora da Assumpção de Cadafaes, com 1.357 habitantes, confina pelo sul com o concelho de Villa Franca de Xira.

O seu solo é em parte montanhoso, e em parte plano.

A igreja parochial data pelo menos de 1680 e está situada a pequena distancia do logar de Cadafaes. Do templo primitivo, que foi fundado em 1500 por Vasco de Carvalho, apenas resta uma capella manuelina atraz do altar-mór da actual igreja.

O orago foi antigamente Nossa Senhora das Candeias, ou Nossa Senhora do Zambujeiro, cuja imagem apparecêra, segundo a lenda, dentro de uma arvore d'este nome.

Na sacristia ha um lavatorio de pedra fina, que pertenceu ao convento de Santa Catharina da Carnota.



84 — Quinta do Valle, na Labrugeira.

Na parede exterior da sacristia conservam-se duas lapides romanas com inscripções tumulares.

O cemiterio parochial foi murado em 1850 por subscripção publica e iniciativa do prior.

A freguezia comprehende, alem do logar que é séde da parochia, mais o de Refugidos, Guizandaria, Casaes, e parte do logar do Carregado.

Tambem lhe pertenceu em tempo o pequeno logar da Carnota (hoje quinta da Carnota de Baixo.)

Parece que o logar de Refugidos deverá o seu nome ao facto de se terem ali abairrado os mouros depois de tomado o castello de Alemquer por D. Affonso Henriques.

O logar da Guizandaria fica proximo ao Carregado, e o dos Casaes, com uma povoação muito espalhada, foi designado pelo general Carlos Ribeiro como sendo um d'aquelles onde, nas bacias hydrographicas do Tejo, encontrou vestigios (pedra lascada) da presença do homem nos tempos préhistoricos.

Do logar do Carregado, já tivemos occasião de falar.

O vinho produzido na freguezia de Cadafaes, e que no principio do seculo XIX apparecia no mercado com o rótulo indicativo da sua proveniencia, é ainda hoje, apesar de vêr o seu nome absorvido pela designação geral do concelho, uma das principaes fontes de receita da freguezia, se não a principal.

O professor Aguiar, tratando do vinho de Cadafaes, a que chama «principe de styrye real», aprecia os seus dois typos, antigo e moderno, dizendo:

«O typo antigo de Cadafaes tem merito como vinho de sobremesa. A sua producção deve limitar-se ao restricto consumo que estes vinhos costumam ter, porque, como os pratos mais finos, não são para todos os dias.

«O vinho moderno é um typo perfeito, quando se acha na virilidade. E' comtudo preciso estudar bem o tempo que elle dura, para que seja bebido antes de se fazer velho».

Possue a freguezia de Cadafaes muitas e importantes quintas, entre ellas as de Meca, Ponte, Amendoeiras; Val de Flores, do sr. Sebastião Trigo; dos Cesares, que foi da familia Sabugosa e hoje é do sr. José Maria dos Santos; da Chamalaria, do Grillo, do Tonino, etc; e alguns casaes, pertencendo hoje um d'elles, o do Bernardo, á Companhia Credito Predial.

Na estrada que dos Cadafaes conduz a Sant'Anna da Carnota depara-se nos a famosa quinta da Carnota, contornada pelo muro que era da cêrca do antigo convento de Santo Antonio, e que constitue por este lado (Cadafaes) o limite da freguezia de Santo Estevam, a que aquella quinta pertence, como já dissemos.

Os Cadafaes distam da villa de Alemquer 6 kilometros, para suéste.

A freguezia de Sant'Anna da Carnota, com uma população de 1.390 habitantes, occupa a encosta da serra que, ao nascente, fecha o valle da Carnota.

Alem do lugar que é séde da parochia comprehende os seguintes: Do Sopo, Serra, Gateria, Moinho de Vento, Cural das Eiras, Boafuria, Prateiro, Gavinheira, Pipas, Antas e Canhestro.

Tem esta freguezia algumas quintas notaveis, como são as de Valle de Palha, do Alamo (casa Lafões), da Boafuria, da Borjana, do Sopo, de Val-de-Mulheres, da Prata, do Porto das Cannas, etc.

A Carnota dista da villa de Alemquer seis kilometros, para o sul.

A freguezia de Santa Quiteria de Meca, com 1.322 habitantes, deve a sua importancia á real casa da Santa do mesmo nome, em torno da qual se foi agglomerando povoação.

Diz a lenda que em 1721 apparecêra, entre os esgalhos de um espinheiro, no sitio de S. Braz, junto ao lugar de Méca, uma imagem de Santa Quiteria. Logo a devoção tratou de lhe edificar uma capella, que a breve trecho foi ampliada, mas o terremoto de 1755 arruinou-a.

Guardada interinamente a imagem n'um barracão de madeira, pensou-se em levantar o templo actual, amplo e magestoso, para o que concorreram os donativos de muitos fieis, incluindo a rainha D. Maria I.

Este templo é séde da parochia de Méca desde 1847.

Tem grande fama em toda a Extremadura, e tambem no Alemtejo, Santa Quiteria de Meca como intercessora na cura da raiva, pois que, segundo o *Flos Sanctorum*, os seus algozes, depois de a martyrisarem, tornaram-se energumenos furiosos por castigo do céo.

A igreja reza d'esta Santa no dia 22 de maio. No ultimo domingo do mez é, porem, que se effectua a romaria e o arraial.

No dia da festa ou pelo anno adeante, os lavradores (*marrões* como lá lhes chamam geralmente) levam todas as suas rêzes a Santa Quiteria de Meca, a fim de pre-



serval-as da raiva. Chegados ao adro da igreja, sae um capellão de hyssope em punho, sóbe os degraus do cruzeiro, e benze as manadas, rebanhos, varas e fatos que andam á roda do cruzeiro emquanto o sacerdote reza e asperge. Tanto os gados como os *marrões* estão enfeitados com um nastro cõr de rosa, que é reliquia benta, e assim voltam uns e outros para casa, a coberto do terrível mal, segundo a crença popular.

Tambem é costume dar a comer aos gados pão molhado no azeite da lampada e benzido.

Os romeiros põem ao peito varias medalhas, que se vendem nas dependencias da igreja como o nastro. <sup>1</sup>

A real casa de Santa Quiteria de Meca sustenta-se com este rendimento e com o das esmolas dos fieis. E' administrada por uma junta composta de tres vogaes, nos termos do decreto de 4 de maio de 1894.

A romaria realisa-se não só no adro, mas tambem n'uma espaçosa avenida que o continua.

No logar da Espeçandeira, da freguezia de Santa Quiteria de Meca, existe a igreja de S. Sebastião, que foi antigamente a séde da parochia, e apenas se recommenda por um sarcophago do seculo xvii, em que repousam os restos mortaes de frei João Boto Pimentel.

Quintas d'esta freguezia: Quinta de Baixo, quinta de Cima, do Carvalhal, da Boavista, de S. Braz, do Casco, de Val-Mourisco, do Rangel, da Espeçandeira e de D. Carlos, quasi todas pertencentes a familias nobres.

Santa Quiteria de Meca fica a quatro kilometros da villa de Alemquer, para noroéste.

A freguezia de Olhalvo, orago Nossa Senhora da Encarnação, tem 1:606 habitantes.

Comprehende os logares de Olhalvo, Pocariça e Penafirme, que pertenceram outr'ora á freguezia de Aldea Gavinha, e da qual se separaram a pedido dos respectivos moradores, em 1612.

Constituiu-se então para elles uma nova parochia com séde na ermida de Nossa Senhora da Encarnação no logar de Olhalvo.

Abolidos os conventos em 1834, passou a ser igreja parochial a do convento de carmelitas descalços, que fica proximo áquella ermida, em terreno superior a ella.

Esta igreja é sumptuosa, e em forma de cruz. Tem cinco altares de talha dourada, um bello cõro, e alguns quadros valiosos, que foram offerecidos pelo fundador D. Manuel da Cunha, bispo de Elvas, arcebispo eleito de Lisboa, e capellão-mór de el-rei D. João IV.

A sacristia e lavatorio são amplos e abobadados.

O convento foi adquirido pelo visconde de Fonte Arcada; mais tarde passou a outro proprietario, o barão de Alemquer.



85 — Joaquim Maximo Lopes de Carvalho

<sup>1</sup> Na *Galeria de figuras portuguezas*, Luiz Augusto Palmeirim descreveu a romaria de um saloio e do seu burro a Santa Quiteria de Meca por terem ambos sido mordidos de cão damnado:

«O padre encarregado de benzer o nosso homem, e a alimaria que elle levava para identica operação, tratou primeiro de quem tinha alma que perder, e, só depois, foi que admittiu o burro a dar as tres voltas do estylo á roda da igreja, atando-lhe por fim ao pescoço a fita de nastro vermelha, sem a qual ninguem regressa de Santa Quiteria de Meca, a não ser algum impio, perdido de todo para a bemaventurança».

O cemiterio parochial é dividido por extensas ruas ornadas de buxo, e sobre o portão de entrada lê-se esta inscripção :

Tornar-me-has a ver na morte.  
Tu terás a mesma sorte.

Mas nem só os mortos são tratados em Olhalvo com o respeito e decencia que merecem ; tambem os vivos curam do asseio e apuro da sua linda povoação, que tem boas ruas e excellentes construcções modernas.

E' uma encantadora terra.

Por isso a escolhi eu para ahi fazer passar algumas scenas do romancesinho *A ultima rosa*.<sup>1</sup>

Para o logar de Olhalvo foi transferido em 1663 um recolhimento de donzellas, primitivamente fundado em Aldea Gavinha.

As quintas mais importantes da freguezia de Olhalvo são : a da Margem da Arada, que pertencia ao visconde de Alemquer, D. Thomaz de Napolles ; da Ramalheira, de S. José da Lagem e da Boa Vista.

O logar de Olhalvo está situado junto á margem esquerda da ribeira de Alemquer. Dista da villa d'este nome 7 kilometros, para o norte. O logar communica com a villa por duas estradas : uma é a calçada antiga ; a outra, a estrada districtal da Merceana.

Um dos maiores proprietarios da freguezia, o

sr. Francisco de Goes Souto Maior du Bocage, representa um ramo da familia de Damião de Goes.

A freguezia de S. Miguel de Palha Canna, com 1:865 habitantes, comprehende, alem do logar d'este nome, séde da parochia, mais : os da Azedia, Silveira do Pinto, Matto, Ribafria, Outeiro do Vinagre, Palaios, Valverde, Bemvindo, e Pereiro.



86 — Igreja da Varzea

<sup>1</sup> No livro *Viagens á roda do Codigo Administrativo*.

O lugar de Palha Canna dista da villa de Alemquer dez kilometros, para occidente.

No lugar de Matto existiu um convento da ordem dos Jeronymos, fundado em 1354.

Foi vendido em hasta publica depois da extincção das ordens religiosas.

Possue a freguezia de Palha Canna algumas quintas e casaes. D'aquellas, mencionaremos a de Val dos Reis, da familia Loulé; a do Bouro, do sr. Sebastião Trigo-so; a do Conde, do conde de Casal Ribeiro; a do Carmo, do Prothenque, da Coteina, etc.

A freguezia da Ventosa, orago Nossa Senhora das Virtudes, tem 2:601 habitantes.

Comprehende os logares: da Ventosa, onde está edificada a igreja parochial; de Barreiras, da Atalaya, Quentes, Labrugeira, Penados, Penafirme, Cortegana, Penuzinhos ou Panazinhos, Freixial de Cima e Villa Chã.

O lugar da Ventosa fica na chã de um monte que tem este nome.

O lugar da Labrugeira constitue a povoação maior da freguezia e uma das mais importantes do concelho.

Fica 11 kilometros a noroeste da villa de Alemquer, á qual se liga por uma commoda estrada. Em 1707 tinha 40 visinhos; e em 1900 accusou 180 fogos e 800 almas. Tem delegação do correio.

Ha uma boa ermida da invocação de Santo Antonio.

Nos confins da aldeia estão as casas de residencia das importantes Quinta do Valle e Quinta do Coelho, que pertenceram ao distincto agricultor e erudito escriptor agricola Joaquim Maximo Lopes de Carvalho, que nasceu no

Campo Grande a 20 de agosto de 1808, e falleceu em Lisboa a 29 de agosto de 1873, deixando boa memoria de si como chefe de familia, e como cultivador scientifico.

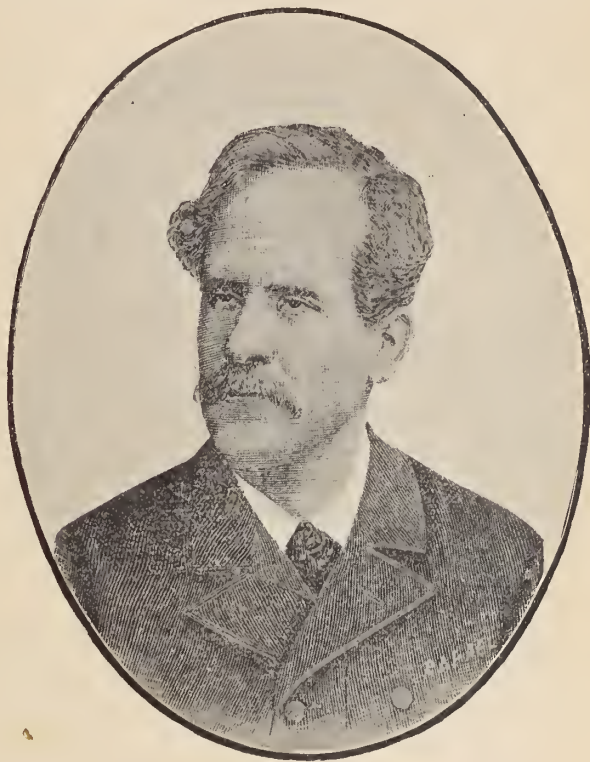
Regeu, durante cinco annos, a Granja Regional de Cintra, com optimos resultados.

A quinta do Valle pertence hoje ao seu filho mais velho, o commendador Antonio Maximo Lopes de Carvalho, cavalheiro estimabilissimo, que já mereceu aos seus visinhos a honra de ser eleito para os representar em Côrtes; a quinta do Coelho passou a outro filho, Gaspar Lopes de Carvalho, igualmente estimado como cidadão e viticultor.

No lugar da Cortegana residia o illustre parlamentar visconde de Chancelleiros, orador brilhantemente pittoresco, que n'esta freguezia possuia as quintas do Rocio, de Valle de Gamos e de Porto Franco.

O visconde foi por duas vezes chamado a gerir a pasta das obras publicas: em 1 de março de 1871 e 20 de março de 1892.

Nos ultimos tempos tinha-se afastado do parlamento para se dedicar á administração da sua casa, especialmente como viticultor.



87— Visconde de Chancelleiros

Portugal, sobretudo a Extremadura, deve-lhe a principal iniciativa na reconstituição dos vinhedos pela cepa americana.

Quando a *phylloxera* alastrou no paiz, o visconde de Chancelleiros, que até então colhia mais de 3.000 pipas de vinho (houve um anno em que chegou a colhêr 7.000) contratou arrojadamente com mr. Gouzy, de Bordéos, a replantação das suas propriedades, dando assim n'esse momento um salutar exemplo de coragem aos outros viticultores então muito desalentados.

Infelizmente, os resultados economicos da replantação não foram remuneradores na Cortegana, parece, segundo dizem, que por impericia do replantador francez.

Sebastião José de Carvalho, visconde de Chancelleiros, nasceu na quinta do Rocio a 11 de janeiro de 1833.

Coube-lhe a honra, aliás justissima, de por aclamação ser eleito presidente honorario do primeiro Congresso Viticola realizado em Portugal.

Falleceu ás 9 horas da noite de 13 de junho de 1905, na mesma quinta em que tinha nascido.

A freguezia de Villa Verde dos Francos, orago Nossa Senhora dos Anjos, tem 1:487 habitantes.

Está situada na falda da serra de Monte Junto, e dista da villa de Alemquer 16 kilometros, para noroéste.

D. Affonso Henriques deu esta terra a um cruzado franco, de nome Allardo, talvez Adhelard. <sup>1</sup>

D'aqui lhe veio o nome.

Teve castello, sobre um alto que domina a povoação; apenas restam alguns vestigios d'elle.

Antiga villa, attingiu toda a importancia das regalias municipaes que lhe competiam, ainda lembradas pela conservação do respectivo pelourinho.

Mas foi decahindo, até que em 1854 deixou de ser municipio.

A igreja parochial está no centro da povoação.

Parece datar do seculo XII.

O palacio dos donatarios (marquezes de Angeja) tem um gabinete chamado *do Conde*, suppõe-se que por ser obra do conde de Villa Verde, que foi governador da India.

Junto ao palacio ha um frondoso ulmeiro bellamente colossal.

Na vertente da serra fronteira a Villa Verde, mas do lado opposto, existiu um convento de recoletos da ordem franciscana da provincia de Xabregas, fundado por D. Pedro de Noronha em 1540.

A freguezia de Villa Verde dos Francos comprehende além do logar d'este nome, séde da parochia, mais os: do Avenal, Rechaldeira, Rabisaca, Lapadussus, Casaes Gallegos (metade d'este logar pertence á freguezia da Ventosa) e Portella.

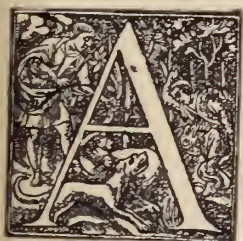
O maior proprietario d'esta freguezia era o marquez de Angeja, representante dos antigos donatarios.

Em Villa Verde ha feira annual a 21 de outubro.

<sup>1</sup> Alexandre Herculano, *Hist. de Port.*, 2.ª edição, tom. I, pag. 378.



## Azambuja



VILLA d'este nome fica a pequena distancia da linha ferrea de norte e leste, e logo de passagem a vêmos sentada em planicie, junto á corda dos montes, dando nos na vista os seus bons predios modernos.

A praça de touros fica á beira da linha ferrea.

Dois escriptores, dos maiores que teve Portugal no cyclo do romantismo, Garrett e Alexandre Herculano, honraram a Azambuja escrevendo a seu respeito.

Garrett confirma a attenção que nos desperta a villa quando, de relance, observamos o seu aspecto exterior, mas escrevia n'um tempo em que ella, menos desenvolvida do que hoje, apenas começava a prosperar.

Diz o illustre auctor das *Viagens*:

«Ahi está a Azambuja, pequena mas não triste povoação, com visiveis signaes de vida, aceadas e com ar de conforto as suas casas. E' a primeira povoação que dá indício de estarmos nas fertéis margens do Nilo portuguez».

Alexandre Herculano, posto escreva impressões de viagem como Garrett, não se pôde furtar ao gosto pelos estudos historicos, e remonta-se á origem da villa e sua primeira povoação no principio da monarchia.

Diz elle no *Panorama*: <sup>1</sup>

«A Azambuja, a antiga Villa Franca ou *Villa dos Francos*, descobria-se a espaços e a pouca distancia á raiz da cordilheira e no meio dos olivedos. Quem diria hoje aos habitantes d'este territorio que elles são os representantes e os successores de algumas colonias septemtrionaes que vieram fundar em Portugal uma nova patria nos começos do seculo XIII? E todavia nas formas esbeltas, no tronco espadaudo, no porte orgulhoso do ribatejano, restam bem visiveis os vestigios d'essa raça originaria que os chronicistas pintam como agigantada, robusta, e audaz no animo e no gesto. As mil causas que

<sup>1</sup> Vol. XI, 1854.

transformam, que misturam, que delem umas nas outras as variedades da especie humana, ainda não puderam em mais de seis seculos destruir na população da margem direita do Tejo os vestigios da transfusão do sangue germanico, vindo pela segunda vez renovar parcialmente a raça mixta, celto-romana e gothico-arabe do nosso paiz».

Estas poucas linhas juntam ao interesse geographico, que Alexandre Herculano sabe avivar com uma rapida pintura impressionista, um profundo quadro historico.

Ellas descrevem ao vivo os caracteres ethnographicos dos habitantes da margem direita do Tejo, especialmente os da região comprehendida entre Santarem e Alemquer, taes são os da Azambuja, representantes de uma colonia que, no principio da monarchia, viera da Flandres allemã ou flamenga povoar aquelle trato de terra.

A Flandres allemã ou flamenga era, nem mais nem menos, a zona maritima do antigo condado de Flandres, comprehendida entre o mar do Norte e a ribeira de Lis.

Tinha por cidades principaes Gand e Bruges: a lingua que se falava ahi era o flamengo.

Na *Historia de Portugal*,<sup>1</sup> adduzindo novos pormenores sobre as origens medievas da Azambuja, Alexandre Herculano escreve:

«Era o chefe principal d'esta colonia flamenga um certo Raolino (Raulin?). Destinaram-lhes, para se estabelecerem, uma parte dos largos campos que se estendem entre Santarem e Alemquer, dando-se-lhes por termos as varzeas que o Tejo fertilisa com as suas enchentes, e já conhecidas n'aquelle tempo pelo nome de Leziras. Então elles fundaram a villa-dos-francos (Villa-franca), designação que depois se mudou na de Azambuja. Raolino foi feito alcaide-mór do novo municipio; e homem talvez pobre e obscuro no seu paiz natal, honrado e enriquecido agora pelo principe portuguez,<sup>2</sup> viu prosperar no processo de uma dilatada existencia aquelle simulacro de patria, que levantara para si e para os seus em terra estrangeira, mas amiga».

Nos documentos do primeiro quartel do seculo XIII já esta povoação, perdendo o nome de Villa dos Francos, tomara o de Azambuja, porque Raolino é mencionado n'elles como «pretor *Azambugie*»; e Affonso III, confirmando a doação feita por Sancho I a Raolino (a *Monarchia Lusitana* chama-lhe Rolino) diz no respectivo diploma: «In Villa Franca quæ nunc *Azambuja* vocatur».

Este vocabulo significa: olival bravo ou zambujal.<sup>3</sup>

As mesmas palavras de Herculano, no artigo do *Panorama*, justificam a denominação, quando descreve a Azambuja, á raiz da cordilheira, no meio de olivedos.

Assim, pela força da tradição, vieram os colonos a adoptar, para a terra que lhes fôra concedida, o nome arabe *Azçabuja*, que se corrompeu em Azambuja.

Em mais remotos tempos, na epoca da dominação romana, já aqui houvera povoação, segundo os nossos chronistas, com o nome de *Oleastrum* (oleaster), que tambem significa zambujeiro.

Vê-se, pois, que tanto os romanos, como os arabes, como os flamengos se impressionaram, na escolha do nome dado á povoação, com o aspecto dos seus bastos olivedos, espessas florestas de zambujeiros ou azambujos.

Alem do foral de Sancho I, teve a Azambuja foral novo dado por D. Manuel (1513).

A villa actual constitue uma só freguezia, orago Nossa Senhora da Assumpção, com uma população de 2:740 habitantes.

<sup>1</sup> Segunda edição, tom. II. pag. 93-94.

<sup>2</sup> Sancho I.

<sup>3</sup> Sousa, *Vestig. da lingua arab.*, pag. 83.

E' cabeça do concelho (3.<sup>a</sup> ordem) do seu nome, que comprehende mais as freguezias de Alcoentre, Aveiras de Baixo, Aveiras de Cima, Manique do Intendente, e Villa Nova da Rainha.

População total do concelho: 11:519 habitantes.

A igreja parochial da villa é de tres naves; o topo do seu frontispicio vê-se da linha ferrea.

A festa em honra do orago da freguezia costuma ser brilhante.

Os nossos chorógraphos referem-se á feira annual da Azambuja, realisada no ultimo domingo de outubro.

O mercado de gados, sempre muito importante, a ponto de fornecer remonta para o exercito, e que durava um unico dia, passa agora a durar tres dias seguidos, 15, 16 e 17 de maio, no Campo da Feira, junto á praça de touros, ficando a Praça Serpa Pinto reservada para as barracas de quinquelharias.

Sei que se publicaram na Azambuja, pelo menos, dois periodicos: *Oleastro* e *Azambujense*, mas não me foi possivel encontrar nenhum exemplar nem de um, nem de outro.

Tambem manda a verdade dizer que, para este fim, não achei facilidade nenhuma em quem bem podia ter-me auxiliado.

Ha na villa escolas para ambos os sexos; Misericordia, e um hospital, chamado do Espirito Santo, administrado por ella.

Tambem ha hoteis, duas pharmacias e estação telegrapho-postal com serviço de emissão e pagamento de vales; bem como duas sociedades de recreio, Gremio Artistico Azambujense e Recreio Azambujense.

Entre os nomes modernos dados ás ruas da Azambuja, mencionaremos o de «Frederico Arouca», que era proprietario no concelho (Vide *Alcoentre*).

A Praça, como acima dissemos, chama-se de Serpa Pinto.

A villa está ligada ao Tejo (o qual passa tres kilometros ao sul) por um canal, que se chama «valla da Azambuja» e é orlado de arvoredos, principalmente álamos.

O Rio Maior, tendo recebido as aguas da ribeira de Almostér e de outras pequenas correntes, ao aproximar-se do Tejo encurva-se na direcção do sul para alimentar o canal da Azambuja.

Este canal, paralelo ao Tejo, tem a extensão de 25 kilometros.

A maré de aguas vivas entra no canal até 17 kilometros de distancia da sua emboadura, comquanto ainda ás vezes se faça sentir a sobreelevação das aguas na ponte de Sant'Anna, a 24 kilometros, mas este facto não pôde considerar-se, propriamente, fluxo das marés.

O canal é navegavel, nos 17 kilometros de penetração das marés, para barcos de 30 a 35 toneladas.

Mais 7 kilometros acima podem chegar botes de 3 toneladas.

Baptista, na *Chorographia moderna*, conta um episodio que lhe aconteceu em 1834, na valla da Azambuja. Tendo sido atacado por um typho no Valle de Santarem, vinha para Lisboa a bordo de uma grande fragata, com outros doentes; mas a valla era então estreita e tão pouco funda, que a fragata encalhou. A maré subia, e a agua entrava pela borda da embarcação. Alguns dos doentes, 10 ou 12, puderam passar por cima de uma taboa para um pequeno bote, que os conduziu a Villa Franca de Xira. Baptista foi d'este numero.

O auctor da *Chorographia* conclue dizendo:

«Em 1848 se começou a abrir o novo canal que veio pôr termo a tão graves inconvenientes e fazer prosperar as bellas çampinas do Ribatejo: abençoado seja o pro-

gresso quando assim se manifesta em obras de verdadeira e incontroversa utilidade para as nações, e sem gravame nem injustiça para ninguem.»

O concelho da Azambuja é fertil em azeite, cereaes, vinho, legumes, hortaliças e fructas. Exporta muitas caixas de uvas, tomates e maçãs para Inglaterra, especialmente para Liverpool. E comprehende importantes quintas.

O notavel livro *Le Portugal au point de vue agricole* (Lisboa — 1900) diz, referindo-se á região vinicola da Azambuja, que os seus vinhos, entre elles os de Aveiras de Cima, são muito finos e delicados; e faz menção especial dos da quinta de Mór, que pertenceu ao fallecido professor de viticultura Henrique de Mendia.

Sobre a estrada que vae para Santarem fica o famoso pinhal da Azambuja, que outr'ora era infestado por quadrilhas de salteadores, e que forneceu á nossa lingua uma locução proverbial, synonyma de ladroeira e rapinação.

O Lobo da Madragôa faz-lhe referencia n'um soneto, dizendo:

Ora um d'estes, se as garras avarentas  
Na Azambuja affizesse a um bom cajado,  
Que bolças não teria amarfanhado,  
A quantos não quebrara ambas as ventas ?

Foi este pinhal mandado semear por el-rei D. Diniz.

Garrett, nas *Viagens*, mostra-se desapontado (esta palavra era muito d'elle) por já não encontrar no pinhal da Azambuja os famosos bandoleiros de que se conservava ainda memoria aterradora.

«Isto não pôde ser! diz Garrett. Uns poucos de pinheiros raros e enfezados através dos quaes se estão quasi vendo as vinhas e olivedos circumstantes!... E' o desapontamento mais chapado e solemne que nunca tive na minha vida — uma verdadeira logração em boa e antiga phrase portugueza.

«E comtudo aqui é que devia ser, aqui é que é geographica e topographicamente falando, o bem conhecido e confrontado sitio do pinhal da Azambuja...»

Tem graça recordar, a proposito, que oito annos depois, Alexandre Herculano, atravessando a serra da Falpêrra, entre Braga e Guimarães, lamentava vêr extincta a lenda dos assaltos e roubos que outr'ora ahi praticavam os salteadores barbaçudos.

«A Falpêrra das tradições, dos terrores dantescos — diz Herculano — não existe, e essa indecente Falpêrra, acervo de cousas ineptas como a actual lei dos foraes, equiparam-n'a á pacifica e humilde rua de povoado; dobraram-lhe a cerviz sob os pés de poucos soldados.»<sup>1</sup>

Todavia, entre as *Viagens* de Garrett e o artigo de Herculano, o paiz continuava infestado de salteadores, especialmente no Minho: eram, no seu maior numero, criminosos que se tinham evadido das cadeias do reino em abril de 1847.

Uma portaria de 21 de dezembro d'aquelle anno reza do caso.

Não estando ainda então perdida, nem estragada, a carreira de saiteador, o que se conclue é que Almeida Garrett no pinhal d'Azambuja e Alexandre Herculano na serra da Falpêrra, tiveram sorte... menor porém que a dos salteadores, porque, no caso de se ter effectuado o roubo nos haveres d'aquelles dois illustres viajantes, os mais roubados seriam os proprios salteadores.

Honra-se a Azambuja com ter sido berço de alguns homens notaveis, taes como: D. João Esteves, chamado «o cardeal da Azambuja», que depois de ter seguido a car-

<sup>1</sup> *Panorama*, vol. XII.



reira das armas no tempo de D. João I se dedicou á vida ecclesiastica, recebendo por seus meritos o chapéo cardinalicio das mãos do papa João XXIII; <sup>1</sup> Diogo da Azambuja, sabio naturalista portuguez do seculo XVI, que esteve na India, e deixou um livro manuscrito, hoje perdido, sobre o que lá viu e estudou; frei Jeronymo da Azambuja, que teve o cognome de *Oleastro*, e foi abalisado theologo, mas que se mostrou intolerantissimo como inquisidor em Evora e Lisboa <sup>2</sup>; outro Diogo da Azambuja, que foi contemporaneo de D. João II, edificou o castello de S. Jorge da Mina, e assistiu, como testemunya do rei, ao assassinio do duque de Vizeu em Setubal; frei Victoriano da Azambuja, monge cisterciense, e auctor de um inédito intitulado *Vida dos Santos*, em latim.

O brazão do municipio da Azambuja, posto não venha no livro dos brazões da Torre do Tombo, tem um zambujeiro ao meio do escudo, e de cada lado uma flor de liz, tudo em campo branco.

Afoito-me a uma hypothese: não serão as flores de liz uma memoria heraldica da ribeira de Lis, da Flandres allemã, d'onde vieram os colonos flamengos?

Quanto ao zambujeiro não é preciso inventar hypotheses: a realidade salta aos olhos.

O primeiro conde de Azambuja, agraciado com este titulo em 21 de maio de 1763, foi D. Antonio Rolim de Moura, 19.<sup>o</sup> senhor da villa d'aquelle nome.

O 2.<sup>o</sup> conde foi José Maria Rolim de Moura, sobrinho e herdeiro do antecedente.

O actual conde é o 3.<sup>o</sup> do titulo: Augusto Pedro de Mendóça Rolim de Moura Barreto.

Tem as honras de 25.<sup>o</sup> senhor da Azambuja.

Eu estive pela primeira vez n'esta villa em janeiro de 1881, por occasião de uma grande cheia do Tejo.

Fui hospede do parocho que era então o rev. Gil Carneiro, hoje prior de S. Sebastião da Pedreira em Lisboa.

Estava-se em rigoroso inverno. Todo o Ribatejo, desolado, soffria as consequencias da inundação torrencial.

Foi sob esta impressão melancolica que eu visitei a villa, então triste e acabrunhada, e não minto se disser que, não obstante reconhecer a sua importancia e desenvolvimento, fiquei vendo-a depois d'isso sempre pelo mesmo prisma de 1881.

Uma das freguezias do actual concelho da Azambuja, Alcoentre, pertenceu outr'ora ao concelho d'este seu nome, extinto por decreto de 24 de outubro de 1855.

Dista da villa de Azambuja 5 kilometros, para noroéste, e assenta n'uma baixa ao sul da ribeira de Almostér.

A freguezia de Alcoentre, cujo nome, segundo frei João de Sousa, vem do arabe, e significa — ponte pequena, — tem por orago Nossa Senhora da Purificação, e uma população de 1:874 habitantes.

Na igreja parochial foi recebido o cadaver de el-rei D. João I, quando em transito de Lisboa para a Batalha.

Diz Azurara na *Chronica*: «E de Alcoentre sahiu o bispo da Guarda receber o corpo d'el-rei, revestido em pontifical, e mui acompanhado de clerezia, e o levaram á igreja que assim mesmo estava corrigida como as outras, e ditas as vespervas, ficaram de noute os religiosos ordenados, e por guarda do corpo o infante D. Fernando, acompanhado dos seus e dos criados d'el-rei seu padre».

<sup>1</sup> O cardeal, depois de se ter demorado em Roma, onde fundou um convento de eremitas de S. Jeronymo, e dispendeu grossos cabedaes, falleceu, na volta, em a cidade de Bruges a 23 de janeiro de 1415.

<sup>2</sup> Falleceu em Lisboa no principio do anno de 1563.

E, por enfiar memorias historicas, citemos outra.

O exercito do infante D. Pedro esteve acampado em Alcoentre, antes de seguir para Alfarrobeira, onde se encontrou com o de D. Affonso V.

Ayres Gomes da Silva, a quem estava encarregada a guarda das forragens, fôra cercado pelos esclarecedores do exercito real.

Logo que isto constou no acampamento de Alcoentre, o conde de Avranches, segundo conta Ruy de Pina, trigosamente partiu com outros em tropel e arremetteu contra os do rei, dos quaes uns, querendo salvar-se, cahiram n'uma grande lagoa de que não puderam sahir, e outros ficaram prisioneiros. Entre estes ultimos estava Pêro de Castro, fidalgo e criado tredo do infante D. Henrique.

Boa estrea de campanha para o infante D. Pedro e o seu leal amigo Alvaro Vaz de Almada; mas infelizmente o desfecho dos acontecimentos não correspondeu á estrea.

O parcho de Alcoentre era antigamente apresentado pelo mosteiro de Villa do Conde.

Comprehende a freguezia, alem da villa, sua séde, que é pequena, varios logares, o mais notavel dos quaes é Tagarro, e varios casaes, todos muitos distantes da igreja parochial.

Ha em Alcoentre apenas duas quintas, a da Ribeira, que era do conselheiro Frederico Arouca, e a do Paço, que pertence a D. Diogo de Pina Manique.

A primeira d'estas quintas compunha-se de diversas propriedades com nomes diferentes, mas tomou a denominação geral de —Ribeira,— que é a de uma d'essas propriedades.

O conselheiro Frederico de Gusmão Correa Arouca cuidava devotadamente do cultivo da sua quinta de Alcoentre, onde passava muitos dias entregue ao prazer da agricultura e aos seus encargos de proprietario.

Elle foi na mocidade um distincto *sportman*, chegando a tomar parte, como amator, em algumas festas tauromachicas.

D'esse tempo ficou-lhe sempre a destreza e a elegancia, o que quer que fôsse de brilho marialva, que jámais perdeu.

Foi delegado do Procurador Regio na capital, e ajudante do Procurador Geral da Corôa.

Tendo entrado na politica, fez uma carreira tão rapida como feliz.

Geriu, como ministro, duas pastas, a das obras publicas e a dos negocios estrangeiros, representou por algum tempo Portugal na côrte de Londres, foi conselheiro de Estado, par do reino, e vogal do Tribunal de Contas.

Falleceu repentinamente no Estoril em 6 de março de 1902.

Como orador parlamentar, falava com energia e calor.

Gostava muito de tratar questões agricolas.

Com a quinta da Ribeira confina a tapada da Torre Bella, pertencente ao sr. D. Cactano de Bragança (Lafões), mas eu não sei ao certo se esta propriedade pertence á freguezia de Alcoentre.

Na Torre Bella realisam-se caçadas ao veado; ainda ultimamente ali houve uma.

A quinta do Paço foi outr'ora dos marquezes de Villa Real, senhores da villa de Alcoentre.

Venderam elles esta villa a Martim Affonso de Sousa, que esteve na India em 1547, o qual, diz o padre Carvalho na *Corographia*, «fundou a torre e palacio que hoje existe».

Martim Affonso de Sousa, descendente de Martim Affonso, filho de D. Affonso III foi capitão de Diu e duas vezes governador da Mina.

A torre que elle fundou em Alcoentre está actualmente bastante damnificada, mas representa uma fortaleza do Oriente, creio que a de Diu.

A quinta, onde a fortaleza se acha situada, é a do Paço, isto é, do antigo palacio de Martim Affonso de Sousa.

Em 1708 tinha a villa de Alcoentre um hospital, e quatro ermidas.

N'esse tempo os seus moradores fabricavam excellentes colchas brancas e tapetes.

Faz-se em Alcoentre feira annual a 29 de setembro.

Tem a sua séde n'esta povoação a «Sociedade Philharmonica Alcoentrese».

A terra é abundante em vinho, azeite, cereaes e fructas.

Além do foral antigo, dado em 1174 por D. Affonso Henriques, teve a villa de Alcoentre foral novo em 1513.

Ha um logar chamado Alcoentrinho, na freguezia de Manique do Intendente, a nordéste de Alcoentre.

As villas de Aveiras de Baixo e Aveiras de Cima, que tambem fazem parte do actual concelho da Azambuja, devem a sua origem ao municipio que D. Sancho I, misturando com os francos os portuguezes, estabeleceu sob o nome de Aveiras entre Pontével e Azambuja, no anno 1204. <sup>1</sup>

Aveiras de Baixo merece duplamente este restrictivo, não só porque fica ao sul de Aveiras de Cima, mas porque assenta n'uma baixa entre montanhas.

Passa-lhe pelo meio uma ribeira que vae desaguar á valla da Azambuja.

A povoação constitue uma só freguezia, que dista da séde do concelho 6 kilometros para o norte, e tem por orago Nossa Senhora do Rosario.

A população consta actualmente de 901 habitantes.

E' n'esta freguezia que está comprehendido o grande pinhal chamado da Azambuja.

Os condes de Aveiras, que eram donatarios da villa, tinham aqui a quinta denominada — Guarita.

O titulo de conde de Aveiras, hoje extincto, recahiu pela primeira vez na pessoa de D. João da Silva Tello e Menezes, que o recebeu em fevereiro de 1640, bem como a nomeação de vice-rei da India.

O seu governo em Gôa foi muito agitado e trabalhoso, pela resistencia que era preciso oppôr contra as constantes arremettidas dos hollandezes.

Feita a restauração de Portugal, facto de que o vice-rei teve conhecimento por uma carta de D. João IV, recebida em janeiro de 1641, foi alli proclamada por elle a nossa independencia, com unanime adhesão de todos os governadores das fortalezas.

Em 1645, o conde de Aveiras deixou o governo da India, mas ia em viagem, segunda vez nomeado para aquelle cargo, em 1650, quando falleceu perto de Moçambique.

O segundo conde foi D. Luiz da Silva Tello e Menezes, regedor da Casa da Supplicação e presidente da Mesa da Consciencia e Ordens.

O 3.º, filho do precedente, foi D. João da Silva Tello e Menezes, regedor das justizas, conselheiro de estado, e presidente do senado de Lisboa em 1702 e 1711.

O 4.º foi seu filho D. Luiz da Silva Tello e Menezes, que seguiu a carreira militar e chegou ao posto de mestre de campo general, com o governo das armas do Minho.

O 5.º, D. Antonio Duarte da Camara, recebeu o titulo por ter casado com a filha e herdeira do antecedente.

<sup>1</sup> A Herculano, *Hist. de Portugal*, 2.ª edição, tom. II, pag. 100.

Sucedeu-lhe seu filho Francisco da Silva Tello e Menezes, depois nomeado Marquez de Vagos, titulo que passou aos seus successores.

O Padre Carvalho diz que no logar da<sup>s</sup> Virtudes houve um convento da ordem de S. Francisco, fundado em 1419, e extincto em 1834.

Na sua quinta de Val da Lebre, n'esta freguezia de Aveiras de Baixo, falleceu em agosto de 1904 o general de divisão Alvares Pereira, professor e director do Instituto de Agronomia e da Escola do Exercito, membro do Conselho Superior de Agricultura.

Pertencia á arma de engenharia. Alistou-se em 26 de fevereiro de 1857 e foi promovido a general de divisão em 7 de janeiro de 1898.

Aveiras de Baixo é logar fertil em fructas, vinho e azeite.

Tem feira annual a 8 de setembro.

El-rei D. Manuel deu foral novo, em 1513, tanto a Aveiras de Baixo como a Aveiras de Cima.

Esta ultima povoação dista da séde do concelho dez kilometros, para nordéste, e assenta n'um valle tristonho.

A freguezia do seu nome tem por orago Nossa Senhora da Purificação, e uma população de 2.900 habitantes.

O logar mais importante é Valle do Paraizo, que conta hoje um numero de fogos superior a 100.

Faz-se n'este logar uma brilhante festividade a Nossa Senhora, havendo procissão, durante a passagem da qual todos os moradores accendem á porta da rua um fogareiro onde queimam alfazema e alecrim com que aromatisam o ar.

O dia da festa é sempre por elles considerado de guarda.

A freguezia de Aveiras de Cima cria muito gado e caça.

A freguezia de Manique do Intendente dista da séde do concelho mais de vinte kilometros, para o norte.

Tem por orago S. Pedro, e uma população de 2.820 habitantes.

A povoação que deu o nome á freguezia foi protegida pelo celebre intendente geral de policia Diogo Ignacio de Pina Manique, que á sua custa mandou construir a casa da camara e a igreja parochial.

Parece que a villa de Manique do Intendente seria então cabeça de concelho; depois encorporou-se no de Alcoentre, e em 1855 no da Azambuja.

Os logares mais importantes da freguezia são Massuça e Villa Nova de S. Pedro.

Ha aqui um outro logar e uma quinta ambos com o nome de Val-de-Lobos, que mais de uma vez encontramos na Extremadura.

Tambem ha o logar e quinta de Manique.

O 1.º senhor da villa foi o famoso intendente de quem acima falamos.

A concessão do senhorio effectuou-se por decreto de 11 de julho de 1791.

O 2.º senhor, filho do 1.º, chamava se Pedro Antonio de Pina Manique Nogueira Mattos de Andrade. Por decreto de 10 de abril de 1801 foi feito 1.º barão de Manique e, por decreto de 6 de fevereiro de 1812, 1.º visconde do mesmo titulo. <sup>4</sup>

Finalmente, a freguezia de Villa Nova da Rainha, orago Santa Martha, completa o concelho da Azambuja.

População, 284 habitantes.

Como se vê é insignificante o numero dos seus moradores.

Tanto a freguezia como a villa do seu nome decahiram muito depois que deixaram

<sup>4</sup> Este titulo está hoje extincto.

de ser transitado obrigado das pessoas que se dirigiam para as Caldas da Rainha a fazer uso das aguas thermaes.

Entre essas pessoas havia testas coroadas, que desembarcando em Villa Nova aqui descansavam para depois seguir jornada até ás Caldas. Conta-se n'aquelle numero el-rei D. João V, que por esta villa passou muitas vezes nas suas numerosas excursões motivadas pela longa enfermidade a que succumbiu.

Quando se tratou da primeira jornada fez-se expressamente um côche, que ainda hoje se conserva no museu das carruagens reaes, e que tem *Water-closet*, para que nenhuma commodidade faltasse.

A fim de que pudesse subir a ladeira de Espinhaço do Cão foi preciso atrellar ao côche dez parelhas de machos.

O cardeal da Cunha tinha ido adiante para benzer os caminhos por onde o rei havia de passar.

Garrett diz nas *Viagens*: «Somos chegados ao triste desembarcadero de Villa Nova da Rainha, que é o mais feio pedaço de terra alluvial em que ainda poisei os meus pés».

Mas, apesar de feio, esse pequeno porto do Tejo era outr'ora muito frequentado, como já dissemos.

Julio Cesar Machado lembra n'estes termos as antigas carreiras fluviaes nas faluas de Villa Nova da Rainha: «Toda a gente tem viajado em diligencia, em caminho de ferro, em vapor; mas raros são os que saibam o que era viajar nas faluas de Villa Nova! No tempo em que vamos, de vias ferreas, de grandes estradas, de machinas sabias e complicadas, aquellas embarcações primitivas, que bastavam a nossos paes, deviam estar nos estaleiros reservados, para observação dos curiosos, como destroços de uma civilisação sumida, etc.» (*Apontamentos de um folhetinista.*)

Entre o Tejo e Villa Nova da Rainha desdobra-se uma extensa e melancolica planicie; para a parte de Alemquer dilata-se uma longa e fecunda varzea, tambem carregada de attracções pittorescas, além de muito sezonatica.

Parte da freguezia de S. Bartholomeu do Paul de Otta pertencia á parochia de Villa Nova da Rainha. As febres palustres dizimaram-lhe a população, que se foi extinguindo. A parte restante d'aquella freguezia pertence hoje ao concelho de Alemquer integrando a parochia do Espirito Santo de Otta.

Conservo uma confusa ideia de me terem dito que a quinta das Barracas, hoje na posse da Companhia das Lezirias, perto do desembarcadero de Villa Nova, deve o seu nome ás construcções ali mandadas fazer por D. Miguel de Bragança para a ferra de gado e outros rudes serviços do seu *sport*.

Não sei com que principe reinante se relacionará a denominação da quinta chamada—do Rei.

A casa Castello Melhor possui aqui propriedades.

A igreja matriz de Villa Nova deve ser de fundação antiga, pois é fama que n'ella se celebrou o casamento do grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira com D. Leonor Alvim, viuva de Vasco Gonçalves Barroso.

Tambem se diz que no lugar de Santa Martha existiu outr'ora uma povoação, que el-rei D. Fernando elevára á categoria de villa, mas que os castelhanos, quando debandaram do campo de Aljubarrota, destruíram pegando-lhe fogo.

Apenas respeitaram a igreja, e as casas que lhe ficavam mais proximas.

O nome de *Queimado*, dado a um olival, parece ter tido origem no incendio d'aquella povoação.

Villa Nova da Rainha produz cereaes, vinho, azeite, e cria muito gado.

Os titulos de 1.º barão e 1.º senhor de Villa Nova da Rainha foram concedidos a

Francisco José Rufino de Sousa Lobato, mais tarde agraciado com o titulo de visconde, em duas vidas, por decreto de 21 de maio de 1810.

A segunda vida verificou-se, por decreto de 12 de setembro de 1855, na pessoa de Antonio de Barros Saldanha da Gama, sobrinho da 1.<sup>a</sup> viscondessa de Villa Nova da Rainha.

Este segundo visconde, que nasceu em 30 de junho de 1827, casou duas vezes e falleceu ha poucos annos.

Em honra do orago da freguezia de Villa Nova da Rainha, Santa Martha, realisam-se aqui festas no mez de setembro.

O concelho da Azambuja pertence ao districto de Lisboa, á comarca do Cartaxo, e á jurisdicção ecclesiastica do patriarchado.



## Salvaterra de Magos



ESTA villa, outr'ora tão predilecta de alguns dos nossos reis, dista da margem esquerda do Tejo dois kilometros, e assenta n'uma planicie situada entre aquelle rio e o Sorraia.

A valla chamada — de Salvaterra — dá accesso a faluas de carga e outras embarcações até ao caes da villa.

A tradição popular diz que o nome e sobrenome de Salvaterra de Magos provém do facto de terem sido enviados para as montanhas d'esta região os feiticeiros (*magos*) desterrados pelo Santo Officio; e como o degredo os livrava dos carcereiros da Inquisição, os mesmos degredados chamavam «terra salva» a estas montanhas. Segundo a lenda, as primeiras casas de Salvaterra (transposição de «terra salva») foram construidas pelos proprios feiticeiros exilados, no sitio que por o mesmo motivo se ficou chamando — Magos. <sup>1</sup>

Como quer que seja, é o genitivo — de Magos — que differencêa onomasticamente esta villa ribatejana de outra Salvaterra, chamada do Extremo, na Beira Baixa, e á qual se referem algumas trovas do cancionero do povo. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> «Memorias parochias de 1758,» apud *Archeologo Português*, vol. VII, pag. 123.

<sup>2</sup> Conheço duas quadras populares que dizem respeito a Salvaterra do Extremo, e não de Magos. Unicamente a titulo de curiosidade as deixo aqui reproduzidas:

Salvaterra não tem agua,  
Venha cá, que eu lh'a darei;  
Com o pranto dos meus olhos  
Salvaterra regarei.

Salvaterra me desterra,  
Idanha me dá calor.  
Ponho os olhos em Monsanto,  
Lembra-me Penamacôr.

A dos Magos paga-se de não andar tão cantada ufanando-se com ter sido proscenio de alguns eventos memoráveis, que a tornaram conhecida em todo o paiz.

El-rei D. Diniz mandou repovoar Salvaterra de Magos, e doou ao bispo de Lisboa D. João Martins Soalhães e seus successores (1296) a igreja parochial que este prelado havia reconstruido com licença do rei, o qual diz no respectivo diploma: «*Quam (Salvaterra) de novo apud Magos fieri fecimus*». <sup>1</sup>

O Padre Carvalho escreve que D. Manuel deu foral novo a Salvaterra de Magos (o primeiro era do tempo de D. Diniz <sup>2</sup>) em 20 de agosto de 1517 <sup>3</sup>; o mesmo chorographo acrescenta que Salvaterra foi commenda dos condes da Atalaya e que, por escambo, passou ás mãos do infante D. Luiz, irmão de D. João III.

A tradição local reza, effectivamente, que o palacio de Salvaterra foi mandado construir por este infante.

Mas vejamos: construir ou reconstruir?

Fernam Lopes conta que el-rei D. Fernando, estando em Salvaterra, «um logar seu cerca dô Tejo», <sup>4</sup> justára aqui o casamento de sua filha D. Beatriz com D. João de Castella.

Parece que já então a Corôa devia possuir um palacio seu em Salvaterra.

N'este caso, o infante D. Luiz tel-o ia mandado reconstruir, havendo-o adquirido com a commenda de Salvaterra.

No seculo XVII, o palacio ainda pertencia ao Infantado, porque o auctor das *Monstruosidades do tempo e da fortuna* diz com referencia á epoca em que o infante D. Pedro, irmão de Affonso VI, regeu o reino: «Entrou o mez de dezembro (1670) e S. A. se partiu para Pancas á caça; dias havia que a jornada estava disposta para ir passar até a festa do Natal ao seu *Palacio de Salvaterra*». <sup>5</sup>

Depois, se houvermos de dar credito a uma noticia do marquez de Rezende, o palacio teria voltado, não sabemos como, ás mãos dos marquezes de Tancos ou dos condes da Atalaya, o que tudo vem a dar na mesma, porque os primogenitos d'aquelles marquezes tinham o titulo de condes da Atalaya.

A noticia do marquez de Rezende diz textualmente: «Entre outras doações, fez el-rei D. João V mercê de todos os bens da casa dos condes da Feira, das quintas da Murteira e do Alfeite, da terra das Marnotas, e dos paços da Bemposta e de Samora Correa, ao infante D. Francisco, que adquiriu o paço de Salvaterra de Magos por uma transacção que fez com o primeiro marquez de Tancos». <sup>6</sup>

O que não padece duvida, porem, é que Salvaterra teve um palacio real, com sua grande coutada, e que muitos dos nossos reis costumavam passar aqui algum tempo para entregar-se ao prazer da caça.

O palacio, cuja fachada nobre ficava sobre a praça da villa, confrontava pelo norte com esta praça, pelo sul com o picadeiro, pelo nascente com a capella e pelo poente com o theatro real.

Folheemos agora algumas memorias do tempo em que os nossos reis e principes frequentavam este palacio.

D. Francisco Manuel, na *Viola de Talia*, <sup>7</sup> responde a um papel que lhe manda-

<sup>1</sup> *Monarc. Lusit*, Quinta Parte, liv. XVII, cap. XXIV.

<sup>2</sup> Franklin menciona dois foraes dados a Salvaterra por este rei.

<sup>3</sup> Mencionado tambem por Franklin.

<sup>4</sup> *Chron.*, capit. CLVIII.

<sup>5</sup> Pag. 152.

<sup>6</sup> *Panorama*, vol. XII, pag. 77, nota 3.<sup>a</sup>

<sup>7</sup> Romance XXIX.



ram de Salvaterra, onde estava a côrte, para elle dizer o que mais o enfadava n'esta villa.

Tem interesse essa resposta, comquanto dessaborida em toantes á castelhana, porque esboça um ligeiro quadro da vida e dos aspectos de Salvaterra na segunda metade do seculo xvii.

Apontamos apenas uma ou outra quadra de maior intenção:

Item me enfada a trombeta,  
que nos tange ao amanhecer;  
um certo francez tão mal,  
que é segundo mal francez.

Item me enfada o Paul,  
d'onde não vejo que ver,  
posto que seu santo nome  
seja dos Santos tres Reis.

Item me enfada esta terra  
que á morte sempre se vê,  
pois segundo estão as aguas,  
ella está para morrer.

Item as casas me enfadam,  
porque por um és não és,  
estas casas são casinhas  
d'onde a gente sai a arder.

Item me enfada esta praça,  
tão varrida que se crê,  
que para escola de esgrima,  
hoje, a aluga o almotacel.

Item me enfadam as ruas,  
porque tanta areia têm,  
que ha ruas mais areadas,  
que os pretendentes talvez

A respeito do infante D. Pedro, quando regente do reino em nome de Affonso VI, conta, com certo pique de ironia, o auctor das *Monstruosidades*, referindo se ao mez de janeiro de 1671:

«Assistiu S. A. á festa do Senhor em Santa Engracia, que se acabou em 18, e aos 19 se partiu para Salvaterra com a Rainha, e pessoas precisas para seu serviço, d'onde chegaram com bom successo, ainda que o tempo que lá estiveram foi rigorosissimo de frios e chuvas. Os Principes, por seguirem seu gosto, fazem d'elle thema, e nunca se dão por entendidos das opposições do seu gosto, sabendo dissimular a impossibilidade de as vencer; porque se não imagine que não podem o que não querem, fazem gosto do mesmo que lhes dá pena. Se os nossos Principes puderam deixar o monte, e voltar-se logo á Côrte, sem que o mundo o entendesse, tenho para mim que seria n'esta occasião a ida por vinda, porém foi razão de Estado até o entrudo, que se voltaram para o Paço, sem succeder cousa de que se faça caso.»

E' bem observado, e delicadamente escripto.

Depois de D. Pedro II, o principe reinante que maior sympathia mostrou pela coutada de Salvaterra foi seu neto o sr. D. José.

Lá diz Rebello da Silva n'aquella formosa narrativa que ficou celebre: «O Senhor D. José, primeiro do nome, era em Salvaterra um rei em ferias».

O anotador do *Theatro* de Manuel de Figueiredo <sup>1</sup> tambem nos dá interessantes informações sobre as caçadas reaes em Salvaterra no tempo de D. José.

A transcrição é um pouco longa, talvez; mas saborosa.

«O Senhor Rei D. José o 1.º, de gloriosa memoria, começando depois de 1750 a ir para o Sul do Tejo passar os dois, ou tres mezes de inverno no divertimento da caça, a sua maior residencia era em Salvaterra, e para ir aos altos lhe era preciso fazer o caminho de uma, duas, e tres leguas, amanhecendo depois das 7 horas, e anoitecendo ás 5, sendo lhe preciso gastar no caminho em ir, e vir, quatro e cinco horas, que o caçador julga tempo perdido, não podendo fazer em carruagem aquellas distancias, como

<sup>1</sup> O anotador foi Francisco Coelho de Figueiredo, irmão do dramaturgo, e seu editor.

depois fazia, ageitando-se ás estradas: sendo-lhe preciso para estar no alto ao amanhecer andar a cavallo de noite duas, e tres horas para se aproveitar das oito, ou nove do dia.

«O frio da estação n'aquellas terras, a hora da madrugada, as neves, as geadas, as chuvas, as densas nevoas, e dissoluções d'ellas, nada diminuiam o gosto da caça áquelles Senhores, pois estando tenebrosas, e chuvosas as noites, parecia aos criados alguma vez, que El-Rei não sahira; mas consultando a Rainha, (por quem nunca esperou) referindo-lhe o mau dia, que teriam, sempre a resposta foi: e se estiar? Regularmente partiam, muitas vezes descarregando de noite vinham a ter bom dia: se não viessemos que dia perdiamos? dizia a Rainha: estes, e outros acontecimentos eram authenticos para se não esperar dia improprio alem dos domingos, e dias santos, se bem me lembro, que ficavam em casa, se se não emprazava lobo». <sup>1</sup>



38 — Caes da valla de Salvaterra

A rainha D. Marianna Victoria de Bourbon era tão entusiasmada como perita no exercicio da equitação e da caça, especialmente da caça.

Um folheto composto por Bento de Menezes, e intitulado *Diana nos bosques*, celebra as proezas equestres e venatorias da rainha.

Os divertimentos reaes em Salvaterra não se limitavam, porém, ao prazer do monte.

Havia bellos jardins de recreio, que foram ampliados por ordem de D. Pedro II.

Havia circo tauromachico, e Rebello da Silva dramaticamente nos conta como pela colhida mortal do conde dos Arcos deixaram de picar-se touros reaes em Salvaterra.

Tambem havia theatro, como já dissemos. Foi construido antes de 1753, segundo o desenho encommendado a João Carlos Bibiena, que ainda então não tinha vindo para Portugal. <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Vol. XIV, pag. 325-326.

<sup>2</sup> Volkart Machado, *Collecção de memorias*, pag. 109-190.

Ali foram cantadas operas de David Peres, Jomelli, Bertoni, Zannetti, Piccini, Jeronymo Francisco de Lima e Guglielmi.

Theophilo Braga menciona vinte e duas, que subiram á scena entre 1765 e 1791. <sup>1</sup>

D'essas, algumas foram cantadas no carnaval, o que mostra que a familia real costumava passal-o em Salvaterra.

O machinismo do theatro esteve confiado a Petronio Mazzoni, e o guarda-roupa a Paulo Sollenghi, que tinham os mesmos empregos nos theatros regios da Ajuda e Queluz. <sup>2</sup>

A rainha D. Maria I foi trazida em 1792 para Salvaterra, na esperança de encontrar aqui algum lenitivo aos seus padecimentos mentaes.

Na noite de 1 de fevereiro d'aquelle anno, ao sahir do theatro, soffreu, porrem, um tão violento ataque de loucura, que esse facto determinou o governo a deferir ao principe D. João a regencia do reino, nove dias depois.

Nos ultimos annos do reinado d'el-rei D. João VI, durante uma representação no theatro de Salvaterra, em a noite de 29 de fevereiro de 1824, foi assassinado o marquez de Loulé, Agostinho de Mendóça, camarista do rei e seu valido.

Os liberaes imputaram este crime ao infante D. Miguel, mas eu pude ler o processo que então se instaurou, e d'elle conclui que o assassinio deve attribuir-se a algum amigo do infante, com exclusão da responsabilidade pessoal do proprio infante. <sup>3</sup>

Joaquim Martins de Carvalho, que proficientemente conhecia a historia d'essa epoca, e era liberal dos quatro costados, tambem não accusa D. Miguel de haver commettido pessoalmente o homicidio; apenas lhe impõe a responsabilidade moral d'elle — «em razão de andar sempre rodeado de individuos de má nota». <sup>4</sup>

Foi no reinado de D. João VI que um grande incendio destruiu o palacio real de Salvaterra, n'essa occasião deshabitado.

D'este edificio apenas restam hoje a capella e quatro monumentaes chaminés, que estão convertidas em bons celleiros e adegas, e pertencem a particulares.

A capella foi fundada ou renovada pelo infante D. Luiz, duque de Beja, filho de el-rei D. Manuel, em 1514; e restaurada modernamente por iniciativa do rev. Francisco



89 — Procissão da Paixão passando pela rua de S. Paulo

<sup>1</sup> Benevides, nas *Rainhas de Portugal*, vol. II, pag. 171, menciona algumas operas cantadas no theatro de Salvaterra; mas a relação de T. Braga é mais extensa. (*Hist. do Th. Portuguez*, III vol., pag. 373).

<sup>2</sup> Marquez de Rezende, *Panorama*, XII, pag. 78.

<sup>3</sup> *A ultima côrte do absolutismo em Portugal*, pag. 206 e 218.

<sup>4</sup> *Conimbricense*, de 18 de dezembro de 1888.

Moreira Coelho de Carvalho (então prior em Salvaterra) com o auxilio dos parochianos.

Está hoje a cargo da junta de parochia.

Tanto o altar-mór como os dois lateraes são muito notaveis pelas pinturas (quadros) e obra de talha.

O altar do lado do Evangelho é dedicado a S. Francisco de Assis, e o do lado da Epistola a Santo Antonio.

O vasto terreno outr'ora occupado pelo palacio foi vendido, por insignificante preço, a varios proprietarios, que se aproveitaram de grande quantidade de cantaria, restos das paredes do edificio.

O theatro foi demolido e pelo local que elle occupava passa agora a estrada de Coruche.

Em parte das ruinas do paço descobre-se uma varanda onde a tradição diz que se passou a rapida tragedia de que foi victima o marquez de Loulé.

Subsiste ainda a casa da «secretaria de estado», onde o marquez de Pombal, quando el-rei D. José demorava em Salvaterra, preparava o despacho real e occorria ao expediente diario dos negocios.

Estão hoje ahi installadas as repartições publicas. A administração do concelho occupa as dependencias que foram outr'ora gabinete do primeiro ministro.

A igreja parochial da villa de Salvaterra, cujo orago é S. Paulo, foi mandada construir pelo bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães.

Restauraram-n'a ha poucos annos.

Tem a villa hospital da Misericordia.

A capella d'este nome recomenda-se pelas magnificas pinturas do tecto, que representam as «Obras de Misericordia».

Salvaterra conta hoje 4.640 habitantes de ambos os sexos.

E' terra prospera, graças principalmente á sua producção de vinho e cereaes. Possue seguramente 10 bons predios particulares; a Praça Dr. Oliveira Feijão, arborizada, com um coreto para musica, além de varios largos, entre os quaes mencionarei o da Igreja, o do Palacio, o do Calvario, e o de S. Sebastião; duas avenidas, a do Calvario e a do Arneiro; e entre outras ruas, lembra-me citar as de Santo Antonio, Direita, e de S. Paulo.

Quanto á viticultura, é dever nosso accentuar a importancia que tem adquirido a «Liga Vinicola de Salvaterra de Magos».

Esta liga promoveu ultimamente um grande banquete, que se realisou na mesma villa a 4 de janeiro de 1904, em honra do sr. dr. Feijão, presidente da Real Associação Central de Agricultura Portugueza.

O dr. Feijão, logo que chegou, foi visitar a quinta do Escaroupim, do sr. Ignacio Rebello de Andrade, e em seguida as vinhas da Liga Vinicola.

Houve depois o banquete, servido na sala da camara municipal; e durante elle foi lida e entregue ao dr. Feijão a seguinte mensagem:

«Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Francisco d'Oliveira Feijão, dignissimo presidente da direcção da Real Associação Central de Agricultura Portugueza.

«Os agricultores do concelho de Salvaterra de Magos abaixo assignados, altamente reconhecidos pelos beneficios que á sua causa v. ex.<sup>a</sup> tem trazido com a sua salutar interferencia nos diversos congressos, trabalhos anteriores e posteriores, a que v. ex.<sup>a</sup> se dignou presidir; admirando a sua correctissima e energica attitude perante o governo, a que devem quanto a favor da viticultura se tem conseguido nos ultimos tempos, veem dizer a v. ex.<sup>a</sup> que a sua gratidão será eterna e que juntos, com todo o paiz agricola,

porque decerto é este o seu sentir unanime, se felicitam pela acertadissima eleição que conferiu a v. ex.<sup>a</sup> o cargo de presidente da Real Associação Central de Agricultura Portuguesa. A v. ex.<sup>a</sup> deve seguramente a agricultura em geral, e a viticultura em especial, o ter evitado a sua queda n'esse abysmo chamado «miseria», onde era fatal a submersão da classe mais numerosa do paiz e a que representa a primeira fonte de riqueza publica: não podem portanto os abaixos assignados, ex.<sup>mo</sup> sr., deixar de consignar aqui quanto é grande a sua admiração e respeito por um character tão altruista e superior como o de v. ex.<sup>a</sup>.

«Fazem ardentes votos para que a Providencia continue a dar a v. ex.<sup>a</sup> a energia phisica que até aqui tem possuido auxiliando o trabalho das superiores faculdades do seu intellecto privilegiado, e que por longos annos continue presidindo aos destinos de tão prestimosa associação, podendo assim a agricultura ter certo um poderoso esteio que lhe garante o seu bem estar com manifesto regosijo dos seus numerosos amigos, que são tantos quantos teem a honra de conhecer a v. ex.<sup>a</sup>»

Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup>

Salvaterra, 4 de janeiro de 1904.

(Seguiam as assignaturas).»

Os vinhos, que eram os da região, foram fornecidos pelos srs. Ignacio Rebello de Andrade, Virgilio Roquette, e Gaspar da Costa Ramalho.

A quinta do Escaroupim fica junto ao Tejo, a quatro kilometros de distancia da villa.

Produz os afamados vinhos, brancos e tintos, conhecidos pelos titulos *Marialva*, *Sauterne* e *Trincadeira*, premiados em varias exposições, e que a Empresa Vinicola tem á venda na rua Nova do Carmo, em Lisboa, sendo o deposito em Xabregas.

Segue-se a esta quinta, um pouco mais para o sul e nascente, a colossal plantação de vinha pertencente áquella empresa ou liga dos viticultores de Salvaterra, administrada pelo mesmo Rebello de Andrade.

Esta grandiosa propriedade, com todas as suas adegas, depositos, caldeiras de destillação, lagares, etc., foi visitada em setembro de 1902 por mr. Vialá, sabio oenólogo francez, na sua missão de estudo a Portugal.

O illustre visitante teceu os maiores elogios aos processos de vinificação ali empregados, bem como a todas as installações, que reputou modelares.

Em janeiro de 1904 tambem o distincto agronomo e professor portuguez Sertorio do Monte Pereira veio a Salvaterra mostrar aos seus alumnos aquella notavel propriedade.

Possue Salvaterra duas escolas primarias, para um e outro sexo; e dois clubs de recreio.

Actualmente não ha philarmonica, mas pensa-se em organizar uma.

Tambem não ha theatro, nem praça de touros.

Comtudo, a tauromachia portugueza não póde esquecer a villa de Salvaterra de Magos, berço dos dois irmãos Robertos, bandarilheiros distinctissimos.

Foram seus pais Antonio Roberto da Fonseca, tambem apreciado toureiro, e Maria Gertrudes da Fonseca.

Um dos Robertos, o Vicente, falleceu em 1 de julho de 1896, na sua casa de Salvaterra. Depois de uma colhida, que soffreu na praça da Figueira da Foz em 10 de setembro de 1888, aggravaram-se os seus padecimentos, que o fizeram soffrer por longo tempo.

Vicente Roberto deixou testamento, no qual contemplou as Misericordias de Sal-

vattera de Magos, Figueira da Foz, Coruche, Santarem, e o Monte-Pio de Salvaterra.

Descrevendo o funeral, dizia uma biographia do prestigioso bandarilheiro:

«O seu funeral, embora por expressa determinação do glorioso artista fôsse o mais modesto possivel, assumiu um character deveras grandioso e imponente, acorrendo a Salvaterra todos os seus amigos, collegas e admiradores, a fim de lhe renderem as derradeiras homenagens. N'esse dia viu-se bem qual a entranhada affeição que a Vicente Roberto dedicava todo o povo de Salvaterra, desfilando reverente e commovido perante o seu féretro e espargindo mil bençãos sobre aquelle que foi um dos seus filhos mais dilectos e um dos seus mais devotados protectores. Assim Vicente Roberto, que durante a vida se viu rodeado dos maiores affectos e admirações, depois de morto teve todas as honrarias a que tinha direito, sendo conduzido á ultima morada por entre as alas compactas dos amigos.»

A casa dos Robertos fica á entrada da villa de Salvaterra, pelo lado norte.

Ainda vive o outro irmão, Roberto Jacob da Fonseca. Ha pouco mais de um anno esteve ás portas da morte, mas conseguiu restabelecer-se, e hoje encontra-se como que rejuvenescido, apesar dos seus setenta e tantos annos.

Os dois Robertos possuíam a elegancia e destreza characteristics dos homens do Ribatejo, e uma grande serenidade nos mais arriscados *passes*, que executavam sempre com muito garbo e galhardia.

Os *aficionados* tinham pelos irmãos Robertos uma carinhosa admiração.

Os nossos chorógraphos falam de uma bella casa de campo, que nas visinhanças da villa mandou edificar Garcia de Mello, Monteiro-mór do reino, Presidente da Camara de Lisboa, da Mesa da Consciencia e Ordens, Regedor das Justiças, Presidente do Desembargo do Paço e do Conselho d'Estado de el-rei D. Pedro II.

O auctor da *Historia Genealogica* diz ainda a respeito d'este magnate: «Era de aspecto severo, revestido de auctoridade natural, summamente inteiro, promptissimo na audiencia das partes, e com todas as qualidades de perfeito ministro. Morreu de mais de oitenta annos em 25 de fevereiro de 1706». <sup>1</sup>

A casa mandada edificar por Garcia de Mello, conhecida pela designação de «Casa de campo», está situada no largo da Igreja: faz esquina para as ruas Direita e de S. Paulo.

Tendo soffrido varias reparações, o seu aspecto actual é vulgarissimo.

Nos ultimos lustros do seculo XIX foi habitação do opulento lavrador, já fallecido, José Ferreira Roquette, que ali recebeu bizarramente a fina flor do *sport* tauromachico.

O actual proprietario é o conhecido José Miguel, alquilador em Santarem.



60 — Vicente Roberto

<sup>1</sup> Tomo V, pag. 348.

*Quantum mutatus ab illo!*

Esta casa, que tão lembrada anda ainda nas chorographias portuguezas, está hoje occupada por diversos estabelecimentos commerciaes.

As solemnidades da Semana Santa são feitas em Salvaterra de Magos com grande pompa, e sempre a expensas de um juiz, que todos os annos é escolhido.

Claro está que, sendo o encargo pesado por dispendioso, a eleição costuma recahir n'um proprietario abastado.

Uma d'essas solemnidades, a Procissão da Paixão—que a nossa estampa representa—chama grande concorrência, e tem fama em todas as circumvisinhanças da villa.

Em Salvaterra, como em varias outras povoações do Ribatejo, não ha romarias,



91 — Praça do Dr. Oliveira Feijão

arraiaes, ou semelhantes festas populares, que no norte do paiz, maiormente no Minho, tanta distracção offerecem ás classes trabalhadoras.

No Ribatejo o gosto pela tauromachia é a paixão dominante do povo; e proporciona o maior e mais attraente divertimento da região. Pode não haver praça de touros, como actualmentê acontece em Salvaterra de Magos, mas ha ferras de gado bravo, apartações, amansias, que ao mesmo tempo são folguedo e escola.

O povo gosa assistindo, e assim vai perpetuando tambem a tradição tauromachica local, porque esse spectaculo, tão frequente e sempre tão animado, serve de ensinamento a futuros toureiros.

Os campos de Salvaterra fornecem excellente pasto ás rezes. O Tejo, que muitas vezes os inunda, rega-os e fertilisa-os.

A cheia do inverno de 1876-1877 chegou até ao meio da rua de S. Paulo, na villa.

O concelho de Salvaterra de Magos, que é de 4.<sup>a</sup> ordem, pertence ao districto administrativo de Santarem, e faz parte da comarca de Benavente.

No «*Diccionario chorographico*» incluído no *Almanach Palhares* para 1903, diz-

se que junto a Salvaterra de Magos houve um combate entre portuguezes e hespanhoes no dia 25 d'agosto de 1643.

E' equivoco.

Não se trata de Salvaterra de Magos, mas sim de Salvatierra em Gallisa, praça fronteira a Monsão e portanto situada na margem direita do rio Minho.

Por decreto de 29 de agosto de 1870 foi concedido a Luiz Ferreira Roquette o titulo de barão de Salvaterra de Magos.

O concelho d'este nome completa-se com a freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Muge, que conta 3.776 habitantes de ambos os sexos, e dista da cabeça do concelho 13 kilometros, para o norte.

Antigamente dizia-se Muja.

Não confundir a povoação de Muge com a de Porto de Muge.

Muge fica sobre a margem esquerda do Tejo, em planicie, na estrada de Almeirim para Salvaterra.

A ribeira de Muge passa junto á povoação.

Porto de Muge fica, pelo contrario, na margem direita do Tejo, defronte de Muge.

Porto de Muge, <sup>1</sup> lugar já bastante populoso, tem alguns predios modernos e boas granjas, que o dique de Vallada defende das enchentes do Tejo.

Chama-se Porto de Muge provavelmente porque a fronteira villa de Muge se utilisava, por meio de barcas, do caes da margem direita para o seu movimento commercial, pondo-se assim em mais facil communicacão com a capital do districto.

Hoje, a villa de Muge, que é aquella de que vamos tratar, é servida por uma estação da linha do Setil a Vendas Novas, estação que fica dois kilometros distante da villa do seu nome.

O conhecido alquilé de Vallada, Gregorio Fernandes, passou alguns trens para o sul a fim de fazer carreiras da estação de Muge para Salvaterra, e conduzir as malas do correio.

Da estação avistam-se as casas da villa de Muge, a pequena distancia do Tejo, e a sua igreja com duas torres.

O Padre Carvalho diz, quanto á etymologia de Muge, que se lhe deu este nome em razão «dos muitos peixes muges, de que abunda».

Conta que D. Diniz concedeu foral a esta villa em 6 de dezembro de 1304, e acrescenta que ao mesmo monarcha, n'uma occasião em que pousava em Villa Franca, mandaram de presente os moradores de Muge um sôlho que pesava 17 arrobas, e que o rei quiz perpetuar a memoria da offerta, ordenando que se tirasse o desenho do peixe e se guardasse na Torre do Tombo.

Pinho Leal repete a historieta do Padre Carvalho, e a hypothese d'elle sobre a etymologia.

Se o nome vem da abundancia de muges, é de estranhar que se adoptasse o singular em vez do plural; quanto ao sôlho, nada tem que vêr o caso com a denominação da villa, porque sôlhos e muges são peixes de familias differentes.

Damião de Goes, no penultimo capitulo da *Chronica do serenissimo senhor rei D. Emanuel*, diz que este monarcha «mandou abrir o paul de muja» e, mais adeante, que «fez de novo os paços da ribeira de Muja por alli haver muita caça, e montaria que á naquella comarca, nos quais mandou poer todo o seruiço necessario de mesa, cozinha, camas, leitos, roupa de linho para os que consigo leuaua».

<sup>1</sup> Pertence á freguezia de Vallada e ao concelho do Cartaxo.



Isto prova que antes de D. Manuel já havia paço real em Muge; muito antes por certo, pois que estava arruinado, e o rei o mandou reedificar,

No tempo dos Philippes (1596) ainda o paço era da Corôa, pois que um documento emanado da chancellaria real fala dos «meus paços de Almeirim, Santarem e da Ribeira de Muja», cujo mestre das obras de carpintaria era então Antonio Pires, que succedeu n'este cargo a Simão Dias.<sup>1</sup>

Como o palacio passou depois á casa dos duques de Cadaval, em cuja posse se conserva, ignoro-o. Mas quando D. Luiza, filha bastarda d'el-rei D. Pedro II, casou com o duque D. Luiz (enviuando, passou a segundas nupcias com seu cunhado o duque D. Jayme), já o palacio de Muge era propriedade dos Cadavaes, pois que Antonio Caetano de Sousa diz na *Historia Genealogica*: «Vivia a Senhora D. Luiza com grande satisfação, muito estimada de seu pai, achando-se em Salvaterra nas occasiões em que El-Rei passou áquelle sitio a divertir-se no exercicio da caça, e ella estava na sua Casa de Campo de Muja, donde repetidas vezes via a El-Rei, achando-se nas caçadas».<sup>2</sup>

E não foi porque a infanta D. Luiza recebesse o palacio de Muge em dote, o qual, segundo o mesmo auctor, constou das commendas de Santa Maria das Moreiras no arcebispado de Braga, e da de Santiago de Monsarás no arcebispado de Evora, além das joias que levasse ao casal.

Na villa de Muge só ha memoria de ter aquelle palacio como possuidores os duques de Cadaval, mas tudo faz suppor que elle seja o antigo paço real, a que se refere Damião de Goes, porque a ribeira de Muge corre junto d'elle, e não ha n'outro sitio indício algum de qualquer palacio.

Este edificio fica dentro da povoação, e está bem conservado.

Attesta, pela sua grandeza, o poderio de uma das mais nobres e opulentas familias do paiz, á qual n'esta villa, como em toda a parte, não faltavam commodidades, nem regalos.

Entre estes devo mencionar uma praça de touros, que era privativa da casa, e servia para recreio dos duques.

Veja-se o nosso artigo *Cadaval* (no 2.º vol).

Alem da igreja parochial, cuja restauração data de poucos annos, tem a villa de Muge uma capella da Misericordia.

A instrucção primaria é ministrada por duas escolas: uma para o sexo masculino, outra para o feminino.

Não ha hospital.

Tem Muge uma praça e algumas ruas, com nomes pomposamente historicos.

Assim, o largo da Igreja chama-se hoje Praça do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira; e as ruas são — de D. João IV, de Almeida Garrett, do Duque de Cadaval, do Marquez de Ferreira,<sup>3</sup> de Luiz de Camões, etc.

Tambem em Muge se não faz romaria alguma.

Ha na villa uma philharmonica.

Producção agricola da freguezia: cereaes e vinho.

Nossa Senhora da Conceição de Muge e S. Paulo de Salvaterra de Magos são parochias do Patriarchado.

<sup>1</sup> Sousa Viterbo, *Dicc. dos archit. portug.*

<sup>2</sup> Tom. VIII, pag. 471.

<sup>3</sup> O titulo de duque de Cadaval, creado em 1648, recahiu na casa dos marquezes de Ferreira e condes de Tentugal.

A actual duqueza de Cadaval (1904) fundou em Muge uma crèche destinada a receber creanças de dois mezes a trez annos.

No dia 24 de setembro de 1880 os membros do congresso internacional d'anthropologia e archeologia pré-historicas, reunido em Lisboa, fizeram uma excursão scientifica a Muge.

Impressionou-os, tanto em Santarem como na margem esquerda do Tejo, a exhibição de campinos a cavallo, nos seus trages caracteristicos, evolucionando em correrias cheias de agilidade e graça, que lhes fizeram lembrar uma verdadeira *fantasia* arabe.

Em Muge, na *Moita de S. Sebastião*, havia sido feita préviamente uma excavação larga e profunda, na qual foram encontrados muitos esqueletos humanos.

Os congressistas examinaram varios kiokkenmoddings (monticulos em grande parte constituídos de rebotalhos de cozinha): destroços de conchas, fragmentes de carvão, ossos, etc.

No sitio do Cabeço da Arruda tinha sido feita outra excavação, onde encontraram alguns esqueletos humanos e uma quantidade enorme de valvas de molluscos.

A estação pré-historica de Muge foi reconhecida como sendo de superior importancia.

Os congressistas *lançaram* sob a mesma tenda de campanha que serviu na excursão a Otta.

No *Almanach de lembranças* para 1882, a pag. 243, encontra-se uma noticia da festiva recepção feita em Salvaterra e Muge aos membros do congresso.

Essa noticia dá um pormenor interessante relativo aos esqueletos encontrados:

«Os congressistas ao chegarem ali (Cabeço da Arruda) <sup>1</sup> e patenteando-se-lhes á vista os esqueletos humanos, collocados em monticulos de terra, talhados no solo, no proprio local da descoberta do fossil, a fim de lhes conservar a posição inherente; e assentes no solo inferior d'areia amarella; as paredes da excavação verticaes, compostas de terra e marisco na altura de 5 metros, —enthusiasmaram-se, e bateram as palmas exclamando: Magnifique!... Magnifique! ..

«Os esqueletos eram bastantes; apresentando-se quasi todos de costas com as pernas curvas sobre as côxas; alguns estavam confusamente amontoados, e outros apresentavam posições differentes. Todos tinham bellos dentes chatos e rijos».

No supplemento ao *Almanach de lembranças* para 1888, pag. 44, vem transcripta do relatorio official (*compte rendu*) do Congresso de 1880 parte de um artigo de mr. Bellucci sobre a excursão a Muge.

Foi a esse mesmo relatorio official, impresso em 1884 nas officinas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, que fomos buscar o essencial d'esta resenha.

<sup>1</sup> Sobre esta estação pré-historica, teem escripto, que nos conste, alem de Carlos Ribeiro, os srs. Pereira da Costa e Paula e Oliveira.



## XIII

# Setil

### A LINHA FERREA DO SETIL A VENDAS NOVAS



logar do Setil, situado entre as estações de Sant'Anna e Reguengo na linha férrea de norte e léste — ao kilometro 56,400 — era até agora tão humilde, que nem sequer figurava no *Diccionario postal e chorographico do Reino de Portugal*.

Escolhido para testa do ramal, que entronca n'aquella linha, e d'aqui segue por Coruche para Vendas Novas, dando mais facil ligação ás provincias do sul (Alemtejo e Algarve) com as do norte do paiz, principiou o logar do Setil a tornar-se não só conhecido, mas até popular.

E' de suppôr que dentro de algumas dezenas de annos se haja estabelecido aqui um importante nucleo de povoação, vitalisado o logar pelo entroncamento do ramal de Vendas Novas.

Facto identico aconteceu no Pinhal Novo, logar, na margem esquerda do Tejo, onde se bifurcam a linha de sul e suéste e o ramal de Setubal.

Todos nós vimos nascer, crescer e desenvolver-se rapidamente a povoação do Pinhal Novo, graças ao caminho de ferro.

O logar do Setil não tem condições tão favoraveis ao seu desenvolvimento como o Pinhal Novo, que está situado em planicie, e por ella pôde a povoação alastrar-se comoda e facilmente. A estação do Setil acha-se collocada, é certo, n'uma nesga de terreno plano, todavia fica-lhe superior uma alta ribanceira, que difficultará o agrupamento de edificações.

Mas, em compensação, está proxima ao Tejo, o que deve considerar-se uma vantagem topographica.

O ramal de que se trata foi auctorisado pelo governo em 28 de setembro de 1887, e só passados dezeseis annos pôde converter-se em realidade.

A concessão, feita primitivamente a um particular, para ser explorada pelo syste-

ma americano, foi mais tarde modificada, por auctorisacção superior, no sentido de transformar-se aquelle systema n'uma linha de via larga.

O concessionario transferiu a concessão a uma sociedade, a Companhia dos Caminhos de Ferro Meridionaes, que se fundou com o capital de 1.600 contos.

Não cabe no plano d'este livro historiar todas as difficuldades que concorreram para impedir a construcção immediata da linha, nem as laboriosas e longas negociações para effectuar um accôrdo definitivo entre a Companhia dos Meridionaes e a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, á qual aquella Companhia pretendia fazer a transferencia da concessão.

Só em 1902 foi que as difficuldades puderam ser aplanadas completamente, e que as negociações se ultimaram.

Em virtude de contrato realisado com a Companhia Real, esta garantiu á Companhia dos Meridionaes a annuidade minima de 455:000 francos em ouro, que é destinada ao serviço das 19:500 obrigações de 50 francos e 4  $\frac{1}{2}$  p. c. que esta mesma Companhia emittiu em Pariz e estão cotadas lá fóra acima do par.

Alem d'esta annuidade fixa, a Companhia dos Meridionaes é interessada nas receitas de exploração da linha de Vendas Novas por percentagens determinadas.

A Companhia Real fez a construcção da linha por conta da dos Meridionaes, que todos os mezes pagou á primeira as liquidações dos trabalhos executados, os quaes foram concluidos um anno antes do praso convencionado, facto que até hoje nunca se tinha dado entre nós.

Todos os trabalhos de construcção estavam ultimados dentro de dezoito mezes, apenas.

E comtudo o ramal do Setil a Vendas Novas tem o desenvolvimento de 70 kilometros.

As obras d'arte principaes são: ponte sobre a valla da Azambuja com 144 metros; sobre o Tejo com 840 metros; sobre a valla de Muge com 105 metros; sobre a ribeira de Magos com 10 metros; sobre o Sorraia com 100 metros; sobre os alvercões do Sorraia quatro pontes de 30 metros e uma de 10 metros; sobre o Lavre com 20 metros; e sobre o Canha com 30 metros.

As estações são: Setil no entroncamento com a linha de norte e léste, Muge, Marinhaes, Coruche, Quinta Grande, Lavre, Canha e Vendas Novas.

Os apeadeiros são: Vallada, Agulada, S. Torcato e Vidigal.

A ponte da Azambuja dá esgoto ás aguas do Rio Maior e só tem de dar vasão ás aguas do Tejo em regimen de cheias. A valla de Muge póde considerar-se um braço do Tejo, de que está separada pelos mouchões da Silveira e do Escaroupim; recebe as aguas do canal de Alpiarça e da ribeira de Muge.

A ponte sobre o Tejo assegura a vasão das aguas que correm em regimen de cheias maximas entre o dique de Vallada e o mouchão da Silveira.

Em occasião de cheias extraordinarias a ponte da Valla de Muge completa a do Tejo, assegurando as duas a vasão de todo o caudal que então cobre as lezirias.

Ao valle proximo do Tejo segue-se o valle do Sorraia, cortado por este rio e por quatro alvercões onde correm aguas em epocas de chuvas.

N'este valle tem a linha, como já dissemos, uma ponte de 100 metros em tres tramos, quatro pontes de 30 metros, e uma de 10.

Do valle do Sorraia a linha passa ao valle do Lavre, transpondo uma ribeira em ponte de 20 metros; e d'este valle ao da ribeira de Canha, que transpõe em uma de 30 metros.

De todas as obras d'arte da nova linha, a principal é a ponte sobre o Tejo, a mais extensa da Peninsula, que por portaria publicada no *Diario do Governo* de 14 de janeiro de 1904 foi denominada ponte Rainha D. Amelia.

Esta ponte assenta em 13 pilares e dois encontros de alvenaria e cantaria; as suas fundações foram descidas a uma profundidade de 12 a 14 metros, e, exceptuando o encontro da margem direita, a sua construção foi effectuada pelo systema de ar comprimido.

O encontro direito está construido sobre estacaria.

A ponte, repetiremos, tem de extensão 840 metros.

A sua parte metallica foi executada pela casa constructora Fives Lille, sendo a montagem dirigida pelo engenheiro Andouard, que muito proficientemente se desempenhou de missão tão difficil e delicada.

Todos os restantes trabalhos de construção da linha foram executados directamente sob a direcção do sr. Vasconcellos Porto, lente da Escola do Exercito e engenheiro distinctissimo, ao serviço da Companhia Real.<sup>1</sup>

De todas as estações a mais importante é a do entroncamento no Setil, com um



92 — Ponte Rainha D. Amelia

kilometro de extensão entre agulhas, sete linhas e grande numero de construcções, a saber—o edificio dos passageiros, quatro edificios para habitação do pessoal e varias installações para as machinas.

O dia 14 de janeiro de 1904 foi o marcado para a inauguração da linha, acto que se realisou com a presença de el-rei D. Carlos.

Por parte do governo assistiu o então ministro das obras publicas, conde de Paçõ Vieira.

A Companhia Real distribuiu cêrca de 400 convites, assim redigidos :

«Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Dignando-se Sua Magestade El-Rei solemnizar com a Sua Augusta Presença a abertura á exploração da linha de Vendas Novas, que deve verificar-se em 14 do corrente, a Administração da Companhia Real tem a honra de convidar V. Ex.<sup>a</sup> para a viagem de inauguração.

O Presidente da Comissão Executiva  
*Victorino Vaz Junior*

«Lisboa 10 de Janeiro de 1904.

«Esta carta serve de bilhete de admissão no comboio de inauguração que parte da estação do Rocio ás 11 horas da manhã e regressa ás 6 horas e vinte minutos da tarde.»

<sup>1</sup> Chamado aos conselhos da Corôa, como ministro da guerra, em maio de 1906.

O comboio inaugural partiu da estação do Rocio alguns minutos depois da chegada de el-rei.

Na *gare* foi profusamente distribuido pelos convidados o horario do comboio.

Na estação do Setil, onde havia grande aglomeração de povo, foi servido o almoço a el-rei e aos convidados.

A' hora marcada, o comboio partiu do Setil e passando a ponte da Azambuja entrou, pouco depois, na do Tejo, parando á entrada.

El-rei apeiou-se então e descobriu o distico — Ponte Rainha D. Amelia — que estava velado com a bandeira nacional.

A demora foi apenas de dez minutos.

O espectáculo que offereciam a valla da Azambuja, engrossada pelas ultimas chuvas, e o Tejo caudaloso, se bem que sereno, era realmente admiravel e soberbo.

Em todas as estações do percurso, tanto á ida como á volta, as demonstrações festivas foram repetidas e calorosas, especialmente na de Coruche, como em outro lugar mais desenvolvidamente diremos. (Vide *Coruche*).

Todo o povo da região beneficiada pela nova linha se mostrava contentissimo, especialmente o do valle do Sorraia, que via assim devidamente valorizados os importantes campos d'essa zona, riquissima de azinhaes e sobreiros e de extensas searas.

Além d'esta vantagem economica, elemento certo de prosperidade, acresce a circumstancia da commodidade pessoal, extensiva não só áquelles povos, mas tambem aos do Alemtejo e Algarve, que, se quizerem ir ao norte do paiz, ao Porto por exemplo, já não precisam atravessar o Tejo na sua maior largura, soffrer um trasbordo no Barreiro, outro no Terreiro do Paço, atravessar Lisboa com a bagagem, e esperar na estação do Rocio que parta o comboio do norte.

De igual vantagem gosa o lisboeta que, poupando se á travessia do Tejo em vapor, queira ir ao Alemtejo ou ao Algarve, embora tenha ainda que soffrer um trasbordo na estação de Vendas Novas.

Todos ganharam; só a linha de sul e suéste é que perdeu pelo que respeita ao trôço comprehendido entre Vendas Novas e o Barreiro.

Mas o Estado lucra, embora uma receita diminua, quando esse prejuizo se póde traduzir em prosperidade economica do paiz e commodidade dos povos.

A rainha D. Amelia atravessou pela primeira vez a ponte do seu nome a 28 de janeiro do mesmo anno, indo com el-rei para Villa Viçosa.



## XIV

# Coruche



recente linha férrea do Setil a Vendas Novas veio corrigir os inconvenientes da situação isolada em que se encontrava a villa de Coruche no confim oriental da provincia da Extremadura.

Esse ramal abriu facil communição entre Coruche, o Alemtejo e Algarve por Vendas Novas; entre Coruche e as linhas do norte e léste; e, finalmente, entre Coruche e Lisboa, pelo Setil.

D'antes, os coruchenses que tinham de vir á capital iam a Santarem tomar o comboio.

O mesmo acontecia aos habitantes de Salvaterra, e outros.

Santarem perdeu muito em não ser a testa do ramal; mas Coruche ganhou por todos os motivos—porque deixou de estar isolada, e porque o Setil lhe fica mais perto do que Santarem.

Comprehende-se, portanto, o justificado jubilo com que a villa de Coruche recebeu este enorme beneficio, que sem duvida a fará prosperar consideravelmente dentro de algumas dezenas de annos, apenas.

A primeira locomotiva de serviço chegou a Coruche no dia 1.º de agosto de 1903, havendo por tal motivo ruidosas manifestações de alegria n'esta villa.

Mas o enthusiasmo attingiu o delirio no dia da inauguração official da linha, a 14 de janeiro de 1904, quando o primeiro comboio, conduzindo el-rei, o ministro das obras publicas e outras pessoas, chegou á estação de Coruche para seguir até Vendas Novas.

E' indescriptivel o aspecto festivo que offereciam os arredores da estação. Nos terrenos altos uma compacta massa de camponeses, homens e mulheres, saudava a passagem do comboio, dando vivas, acenando com as carapuças, os chapéus ou os lenços.

Em baixo, ao nivel da estação, do lado norte, estavam postados cem campinos a cavallo, com os seus lindos fatos de gala, em pleno character ribatejano.

E junto á linha ferrea, quasi sobre os *rails*, enfileirava-se uma extensa multidão

de povo, que, ao aproximar-se o comboio, prorompeu n'uma ovação entusiastica, delirante.

A estação de Coruche estava ornamentada com vistosos cobrejões, colgaduras de seda, alfaias, machinas e utensilios agricolas, muitas camelias, plantas e bandeiras.

Do lado sul improvisara-se um museu que representava toda a economia vital do concelho de Coruche, além dos usos e costumes agricolas dos seus habitantes, a saber: saccaria cheia de cereaes, cortiça em prancha, saccaria de carvão vegetal, fardos de palha de trigo, cascaria de vinho, touros, gado suino, ranchos da apanha de azeitona, ranchos de mondadoras de trigo, de vindimadores, de jornaleiros do campo, tudo ornamentado com gosto e vestido e apresentado segundo o uso do concelho, parecendo como que uma exposição municipal.

Sob a *marquise*, viam-se as damas de Coruche, de pé, saudando.

*Toilettes* alegres, claras, e elegantes. Alguns rostos lindamente coloridos, graciosamente juvenis, frescos como flores de primavera.

A' frente, na extremidade do caes, para fazerem os seus cumprimentos a el-rei, as auctoridades da comarca e do concelho.

Depois dos vivas officiaes, um outro viva (que não estava talvez auctorisado pelo protocollo) rompeu, fremente, de varias carruagens do comboio:

— Vivam as damas de Coruche!

Doces sorrisos de agradecimento recompensaram este viva espontaneo, unisono.

Emquanto o comboio avançava na linha, os campinos acompanharam-n'o galopando e agitando as carapuças verdes.

Espectaculo soberbo, o de essa bella raça de homens fortes! Um d'elles cahiu, mas rapidamente montou, com a agilidade de um acrobata, seguindo os outros. Esse veloz e pittoresco esquadrão, á paragem do comboio, continuou galopando com a velocidade de uma flecha disparada no ar.

Grandes applausos saudaram esta inesperada e opportuna exhibição dos campinos, que d'ahi a pouco, quando o comboio regressou de Vendas Novas, tornaram a apparecer galopando ao lado d'elle até que, estacando de repente, formaram em linha e fizeram continencia, despedindo-se.

Todos os convidados se mostravam satisfeitos de vêr o garboso e agil esquadrão dos campinos. Não eram soldados disciplinados; mas eram corações leaes e sinceros, embora rudes. Eram representantes de uma pittoresca região do paiz, homens valentes, homens fortes, homens honestos, sempre prompts a encarar o perigo com stoica serenidade e coragem.

As duas estações que, partindo do Setil, precedem a de Coruche, são as de Marihaes e Agulada.

De Muge por deante ha vasto pinheiral. O terreno é silicioso.

A linha recta dilata-se amplamente. Na vegetação, assomos do Alemtejo: as estêvas, a joia.

O solo é arido, e despovoado até Agulada.

Ha paúes. Ha queimadas a devastar o esteval e a chamuscar a rama dos pinheiros.

Quem põe o fogo na charneca? Talvez o proprietario, para obter pasto mais tenro para os gados, pois que as cinzas, ricas em potassa, são um bom adubo para fazer germinar as raizes, que ficaram incolumes, enterradas na terra. Talvez os cabreiros por descuido; talvez os caçadores por egoismo, para desalojar os coelhos.

Passando Agulada, os campos fecundos de Coruche principiam a estender-se, a desenrolar-se.

Entra-se no valle do Sorraia, cujas margens não são tão amenas como as do Lima ou do Ave, rios do norte, mas são abundantes e ferazes.



A agua espelha-se no meio d'elles: reconhece-se que estamos n'uma região que a fertilidade enriquece.

Chegamos, finalmente, a Coruche.

Esta antiquissima villa está situada n'uma planicie, regada pelo rio Sorraia, ao sopé de um monte que lhe fica ao norte e se denomina do Castello, por ter havido ali outr'ora uma fortaleza construida em remotas éras.

Já no seculo xvii o dr. Antonio Brandão dizia que a villa de Coruche era de «boa grandeza e bem assentada».<sup>1</sup>

O rio Sorraia corre na margem esquerda do Tejo, ao qual vai desaguar.



93 — Vista geral de Coruche

Quando o Sorraia cresce, invade as ruas da povoação mais proximas do seu curso.

Os campos de Coruche tambem são inundados pelo Sorraia em occasiões de cheia; e cortados por grandes charcos, que as chuvas alimentam e aos quaes se dá o nome de «alverções».

Sobre estes «alverções» foi preciso construir, no traçado da nova linha férrea do Setil a Vendas Novas, as pontes de que já falamos no capitulo anterior.

Tambem, para serviço da mesma linha férrea, se construiu sobre o Sorraia a ponte de 100 metros de extensão.

Coruche apenas tem uma insignificante ponte de madeira sobre o Sorraia. Quando o rio enche, a comunicação entre as duas margens d'elle é feita por uma barca de passagem.

Ha, porém, uma poesia que se refere «á ponte junto a Coruche, que tem por cima um chorão».

Perguntei por esta ponte, e responderam-me: «Essa é a dos campos. De uma boa

<sup>1</sup> *Monarc. Lusit.*, terceira parte, liv. XI, cap. XI.

ponte, em frente da villa, precisavamos nós, mas não a temos, apesar de Pinho Leal dizer que existe uma de cantaria».

A poesia a que fiz allusão foi composta por Francisco E. Leoni (auctor do *Genio da lingua portugueza*) e intitula-se *Amor e saudade ou a ponte de Coruche*, (1854).

Diz uma quadra:

E eu jazia solitario,  
Recostado sobre a mão,  
Junto a Coruche, na Ponte  
Que tem por cima um chorão.

A poesia conclue por est'outra quadra :

Longo tempo sobre a Ponte  
Fiquei sem de mim saber,  
Solitario e pensativo,  
E olhando as aguas correr.

O Sorraia tem por affluentes as ribeiras de Erra e de Divor.

A villa é cabeça de uma comarca de 3.<sup>a</sup> classe e do concelho do seu nome, o qual comprehende, além da villa, as freguezias de Matto, Erra, Lamarosa, Couço, Peso e Santa Justa, com uma população total de 9:660 habitantes de ambos os sexos.

O concelho de Coruche pertence ao districto de Santarem, e confina com a provincia do Alemtejo; para os effeitos ecclesiasticos está incluído na archidiocese de Evora.

Por este motivo, e não decerto por falta de vegetação, que aliás é aqui abundantissima, disse Gil Vicente n'um dos seus autos :

Quem quizer vir arrendar  
As «charnecas» de Coruche,  
Antes que o lanço mais puxe,  
Que se querem arrematar.

E' que justamente Coruche estabelece a transição do Ribatejo para o Alemtejo: a este, principia a charneca transtagana.

Mas os campos são fertes junto á villa, a abundancia de agua amenisa-os e fecunda-os; as pastagens que alimentam numerosas cabeças de gado são extensas e bastas; ha quintas muito productivas, vinhas, hortas, olivae, etc.

Laranjeiras e outras arvores fructiferas vestem opulentamente a encosta dos montes.

A villa communica com o do Castello por uma grande calçada.

Subâmol-a. No alto, o recinto outr'ora afortalezado está convertido em Passeio.

Pódem crêr que não é exagerada esta descripção do bello panorama que se descobre do monte do Castello :

«Lançando a vista para o horizonte, ver-se-ha a extensa leziria regada pelo Sorraia, d'um aspecto surprehendente; o gado pastando na relva; áquem e álem grupos de trabalhadores de ambos os sexos entregues á sua faina campestre; ao longe, como que descortinando-se, algumas herdades, e mais perto, ostentando a sua grandeza, as herdades de Monte da Barca e Quinta Grande; áquem do Sorraia, que brandamente desliza por entre os salgueiros, a villa, com o seu aspecto risonho, mostrando-nos as suas casas d'uma brancura inexcédível». <sup>1</sup>

E' no topo d'este monte que se ergue, com os seus muros brancos, a ermida de

<sup>1</sup> *Branco e Negro*, n.º 93.

Nossa Senhora do Castello, cuja festa se celebra todos os annos de 14 a 18 de agosto e á qual concorrem milhares de devotos.

Por essa occasião realisam-se em Coruche touradas gratuitas.

Tem a villa duas extensas ruas, Direita e da Misericordia, alem de outras, e de algumas travessas.

Tambem tem uma praça arborisada, que se denomina do Commercio—com um corêto para musica, e alguns bancos para commodidade do publico.

A igreja da Misericordia, templo de boa architectura, é a séde da parochia (unica da villa de Coruche) desde 1803. Orago, S. João Baptista. N'esta igreja havia uma antiga collegiada, que o decreto de 25 de junho de 1851 reduziu a um reitor (o parochio) e oito beneficiados.

A collegiada extinguiu-se pela morte do seu ultimo beneficiado em 27 de novembro de 1901.

O hospital da Misericordia, comquanto não seja rico, é subsidiado pela philantropia de muitas pessoas, e presta carinhosos soccorros aos coruchenses enfermos.

Está provido de todos os recursos que o progresso da medicina e da cirurgia actualmente exige.

Tambem como instituição de assistencia devemos mencionar a associação de soccorros mutuos denominada — *Monte-Pio União Coruchense*, que foi fundado por artistas, e conta actualmente 293 associados.

Realisa-se em Coruche uma feira a 29 de setembro, chamada de S. Miguel; dura tres dias.

A villa, dotada com varios predios de boa apparencia, tem um aspecto alegre, e a sua posição muito pittoresca, como se deverá ter inferido do que já dissemos.

Ha lojas de commercio importantes, e bem postas.

A uma legua de distancia, para léste, fica a povoação da Erra, cujo aspecto, bem ao contrario, é triste e opprimido.

Falando d'esta povoação diz um escriptor que, presa entre dois montes, parece lamentar-se do seu eterno captiveiro.

Houve em Erra um convento da terceira Ordem de S. Francisco.

Nos arredores da villa de Coruche acha-se, em sitio aprazivel, o Monte da Barca, que foi convento de frades agostinhos, e é hoje propriedade da sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina Rosa da Silva Veiga.

No amplo terreiro do Monte da Barca effectuou-se, a 25 de maio de 1903, um grande festival, que terminou por uma batalha de flores.

A este elegante deporte concorreram muitas familias de Santarem, Alpiarça, Almeirim, Muge, Salvaterra, Benavente, Couço e Lavre.

Coruche dista do Tejo — que lhe passa a oéste — talvez uns vinte kilometros, ou pouco mais.



94 — O rio Sorraia

Sabe-se que D. Affonso Henriques conquistou a villa aos mouros, os quaes depois a rehouveram e arrazaram, certamente despeitados pela reluctancia que os habitantes oppunham ao dominio sarraceno. Dois annos permaneceu Coruche em ruinas, mas D. Affonso Henriques, querendo-a restaurar e reparar, concedeu lhe foral<sup>1</sup> com muitos privilegios, que D. Manuel ainda acrescentou no foral novo que lhe deu em 28 de março de 1513.

Como todas as villas importantes do Ribatejo, esta foi theatro de alguns acontecimentos politicos da nossa historia, durante o periodo da idade-media.

Um d'esses acontecimentos, sabemos nós, occorreu reinando Pedro I de Portugal, quando o crudelissimo Pedro de Castella lhe veio pedir auxilio contra o conde D. Henrique seu irmão.

O monarcha portuguez pousava então nos paços de Vallada.

O castelhano parou em Coruche, d'onde mandou recado ao tio. Em Coruche esperou a resposta, que lhe foi levada pelo conde D. João Affonso Tello. O rei de Portugal nem lhe deu auxilio, nem o quiz receber.

D. Pedro de Castella ficou desesperado, e de uma janella começou a atirar punhados de dobras para cima de um alpendre.

Um cortezão disse-lhe que eram mal empregadas, e que melhor fôra dal-as a algum dos seus.

O castelhano respondeu:

— Não cureis d'isso, ca quem as semeia as virá depois colhêr.

Felizmente, não colheu.

O brazão d'armas de Coruche era um escudo branco com uma coruja ao meio.

A este respeito dizem alguns, entre elles Pinho Leal, que a villa se chamou primeiro Coruja, e que por corrupção veio a dizer-se Coruche.

Não quebramos lanças por etymologia nenhuma; muito menos por esta.

E' de notar que na *Chronica Gottorum* se usa a graphia *Coluche* em vez de Coruche.

Hoje, segundo Baptista, Coruche tem por brazão um castello com duas torres lateraes, e ao meio, por cima da porta, uma moldura com a imagem de Nossa Senhora

Entre os bons edificios da villa devemos mencionar, alem do hospital e da igreja, os paços do concelho.

Ha uma sociedade, que se denomina *Instrucção Musical Coruchense*, e é uma das mais distinctas do districto de Santarem.

A banda d'esta sociedade tem actualmente por mestre o habil musico Serra e Moura.

O theatro da villa é propriedade da mesma sociedade.

Ha tambem uma casa de recreio, *Club Coruchense*, frequentada pelas pessoas mais gradas da localidade.

Recentemente, em 1 de maio de 1906, inaugurou-se o *Gremio Artistico Commercial Coruchense*.

Coruche era servida por algumas estradas; mas só o caminho de ferro veio corrigir os inconvenientes da sua posição geographica.

Foi commenda da ordem de Aviz. Andava na familia dos Lencastres. O leitor pôde travar conhecimento com os antigos commendadores de Coruche, se quizer ler o tomo XI da *Historia Genealogica da Casa Real* a pag. 329.

Funcionam na villa duas escolas: uma do sexo masculino e outra do feminino.

<sup>1</sup> *Monarc. Lusit*, tec. port, liv. XI, cap. III.

Jornal não ha nenhum, o que se pode reputar uma das grandes felicidades de Coruche.

Houve um, intitulado *O Coruchense*, mas teve vida ephemera.

Ainda bem, porque as gazetas, nas terras pequenas, são por via de regra brazeiros que espirram faiscas incendiarias de odios e inimizades locais.

O concelho de Coruche tem uma área de 121.500 hectares e é muito rico em gados, cereaes, legumes, fructas e cortiça: cortiça especialmente.

A produção de vinho chega para o consumo local, e ainda sobeja para exportação.

A povoação da Lamarosa, que tambem se chamou outr'ora — das Enguias —, era villa, da qual foram donatarios os Telles de Menezes.

Está situada em um valle, cercada de montes, sobre a ribeira Lamarosa.

Dista de Coruche 15 kilometros, para nordéste.

A aldea do Matto, cuja parochia tem por orago Sant'Anna, assenta entre dois regatos, que formam uma pequena ribeira affluente da Divor.

A freguezia do Peso fica na estrada de Coruche para Monte-Mór o-Novo.

Tem por orago Nossa Senhora, cuja imagem é de marfim e de um palmo de altura.

Diz a tradição que foi encontrada no tronco de uma aroeira.

O Couço dista de Coruche 25 kilometros para léste. Esta aldea está situada ao sul da margem esquerda do Sorraia no ponto de junção das ribeiras Sôr e Raia. O orago da parochia é Santo Antonio.

A freguezia de Santa Justa fica a nordéste do Couço, na estrada de Coruche para Montargil e Ponte de Sôr.

O sr. Caetano da Silva Luz, filho do antigo lente da Escola Medica de Lisboa e abalisado operador José Lourenço da Luz, foi agraciado com o titulo de visconde de Coruche por decreto de 16 de novembro de 1876.

Era um agricultor distincto, proprietario da Quinta Grande.

Este titular offereceu em 1897, ao Museu Ethnographico Portuguez, alguns objectos romanos achados n'aquella sua propriedade.

A Quinta Grande é hoje servida por uma estação da linha ferrea.

Do comboio avistam-se a distancia, na planicie arborisada de sobreiros, algumas das edificações do «monte».

Pedi ao sr. visconde de Coruche que, na sua qualidade de agronomo e proprietario, me dêsse uma succinta noticia dos processos agricolas e generos de cultura usados não só na sua herdade, mas tambem em toda a região de Coruche. S. ex.<sup>a</sup> annuiu ao meu desejo enviando-me a seguinte carta, que o leitor certamente achará interessantissima:

«A *Quinta Grande* nada tem de extraordinario que a recomende como modelo de agricultura mais aperfeiçoada do que tantas outras propriedades. No entretanto di-



95 — Nossa Senhora do Castello

rei o que ao correr da penna me parece mais essencial para dar uma ideia geral do que são as propriedades d'aquella natureza, cujo typo é commum á região e ao meio economico em que se encontra, e cujo systema de exploração e administração tambem é seguido com pequenas variantes em outras propriedades analogas.

«A Quinta Grande não é propriamente uma *Quinta* com o caracter das Quintas dos arrabaldes da capital e d'outras localidades; é uma *Herdade* como as que se encontram no Alemtejo e em parte da Extremadura ao sul do Tejo.

«O que caracteriza este genero de propriedades — é serem geralmente grandes e terem todas um centro denominado *Monte*, onde se acham reunidas as casas de habitação do pessoal, as officinas, arribanas, palheiros, etc.



96 — Casa de habitação e jardim da Quinta Grande, vistos do norte

«O *monte* da Quinta Grande é dos maiores d'aquelles sitios, tem a apparencia de uma pequena povoação, cujos habitantes permanentes, familias de criados e empregados, têm quasi sempre orçado por 100 almas, incluindo mulheres e creanças. Não obstante achar-se em frente e muito perto da Villa de Coruche, a cerca de 3 kilometros, é como se estivesse muito longe, sobretudo de inverno, porque tem de permeio o rio Sorraia e as terras de campo que constituem toda a largura da varzea da ribeira de Coruche, que, por falta de caminhos e de pontes e em occasião de cheias, torna difficil e até impossivel a comunicação com a villa.

«O aspecto geral da propriedade como o de muitas outras,

que de uma e outra margem do Sorraia se seguem em toda a extensa linha da ribeira de Coruche, é principalmente caracterisado por duas circumstancias locais, uma dependente da natureza geologica mais ou menos fertil dos terrenos, e outra das culturas ou da vegetação que os cobrem temporaria ou permanentemente.

«Na bacia do Sorraia, como em todos os valles dos rios que não são limitados por altas montanhas, existe uma grande differença na qualidade e na fertilidade dos terrenos: os de alluvião cobertos periodicamente pelas cheias e inundações do rio; e os chamados *terrenos altos* aonde as cheias não costumam chegar.

«Os primeiros são em geral mais ferteis; os segundos menos.

«Na ribeira de Coruche, porém, a differença de natureza e fertilidade de uns e outros — é enormissima. Ao passo que as terras de varzea são geralmente ferteis e substanciaes, as outras são quasi exclusivamente constituídas por terrenos terciarios, po-brissimos, muito fracos, e cuja riqueza principal consiste nos montados de sôbro, que em muitos pontos os cobrem. Fóra dos montados e dos arneiros arroteados e limpos de matto, ou dos chaparraes nascidos espontaneamente, quasi todos os outros terrenos aonde não chegam as cheias, são constituídos por vastissimas charnecas, aproveitadas para a criação de vaccas ou de cabras, e que mal compensam as seáras de centeio que de annos a annos ás vezes se fazem n'essas charnecas, pelo systema das roças e das queimadas.

«Alem dos montados e das charnecas tambem se encontram pinhaes cobrindo esses maus terrenos.

«Nas proprias terras de varzea tambem ha terrenos maus á falta de regimen das aguas, que abrindo alvercas onde as correntes irrompem com grande velocidade, deixam os terrenos cobertos d'areia esteril.

«A Herdade da Quinta Grande tem de tudo, não obstante as terras de varzea representarem apenas  $\frac{1}{7}$  parte de toda a sua superficie. Mas em compensação tem um montado de sôbro importante, que tenho conseguido augmentar com as constantes e seguidas arrotêas feitas durante a minha administração, para desbravar as charnecas e aproveitar os chaparros novos e velhos que se achavam cobertos de matto.

«Este systema de explorar, de melhorar e de valorisar aquelles terrenos, é geralmente seguido pelos proprietarios que cuidam e administram regularmente as propriedades d'aquelle typo.

«Nunca tentei fazer agricultura aperfeiçoada imitada do estrangeiro, porque todas ou quasi todas as tentativas, aliás louvaveis, minhas e estranhas, que conheço, feitas n'esse sentido, têm dado resultados economicos negativos e arruinado numerosos emprehededores, proprietarios, lavradores e mesmo algumas emprezas que as tem tentado introduzir. Entre nós sempre me lembrarei de Alexandre Herculano, que, de sociedade com Joaquim Filippe de Soure e outros, tentara uma lavoira aperfeiçoada em Calhariz ao sul do Tejo, <sup>1</sup> e ao cabo de 9 annos tinham perdido 9 contos de reis abandonando por fim a tentativa.

«A sociedade dos terrenos incultos que se fundou entre nós ha cerca de 30 annos, e tinha cinco directores, pessoas dignas de toda a consideração, tambem não logrou prosperar. Isto não é duvidar do progresso, mas apenas acreditar na difficuldade de alliar aos conhecimentos theoreticos e praticos o bom criterio que nem sempre entre nós anda alliado aos que mais prégam e preconisam as pretendidas vantagens do progresso.

«Alem dos montados tem a Herdade da Quinta Grande pinhaes que já existiam antes de eu a administrar, e outros que semeei e continuo ainda a semear.

«Parte dos antigos pinhaes está hoje convertida em montados, porque o sôbro, aliás muito difficil de transplantar n'aquella região, nasce e cresce todavia com mais facilidade dentro dos pinhaes do que nas charnecas abertas, onde os gados, especialmente as cabras, os destroem á medida que vão nascendo os novos rebentos.



97 — Casa de habitação e jardim da Quinta Grande, vistos do nascente

<sup>1</sup> Anotando, diremos que a propriedade de Calhariz, que fica no concelho de Cezimbra, pertence á casa dos duques de Palmella.

«Não tenho consentido cabras dentro da Herdade, mas n'aquella localidade é muito difficil impedir que uma ou outra vez os pastores não devassem as propriedades.

«O systema de cultura geralmente usado nas terras de varzea da ribeira de Coruche é o biennial, trigo e milho alternados. Este systema é seguido n'aquella região desde tempos immemoriaes. Algumas vezes intercala-se um anno com a cultura da fava. Não obstante a cultura da fava ser mais contingente, representa uma boa folga para o trigo. Na cultura do milho é costume intercalar a abobora, o feijão e o grão. Este systema, apesar de antiquissimo, tem razão de ser n'aquella região, e por isso é que é seguido, e

tem resistido a qualquer outro systema ou innovação que acaso se tenha tentado para o substituir.

«Na região de Coruche dá-se uma variedade de trigo especial, denominado *temporão de Coruche*, muito rustico e productivo, e muito procurado como semente para differentes regiões do nosso paiz. E' um trigo cuja apparencia e qualidades o assemelham muito ao chamado trigo de Ricti, da Italia, muito afamado como boa semente.

«Em resumo, as culturas principais da Quinta Grande são as seguintes, a saber:

«Nas terras de varzea aonde chegam as cheias—culturas arvenses, trigo e milho successivamente alternando e ás vezes intercalados com uma folha de fava. Nas partes mais baixas dos valles e lameiros, pastagem.

«Nas terras altas: montado de sôbro, criação de porcos e algumas searas de centeio nos arneiros limpos, ou

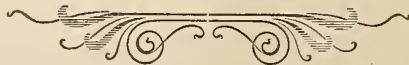
nas charnecas, e n'este ultimo caso, pelo systema das roças e ás vezes das queimadas, com as quaes é preciso o maior cuidado por causa dos fogos.

«A vinha occupa como disse uma parte maior nos terrenos de arneiro, e uma parte menor nos de varzea. Mas nas terras de arneiro tem a vinha sido sempre plantada com estacas de oliveira, no proposito de, no futuro, quando a vinha acabar, ficar o olival. Este systema é conhecido e seguido em Portugal desde antigos tempos.

«E' meu filho mais velho, agronomo, a quem eduquei para não ser empregado publico, nem fazer da politica profissão lucrativa, quem hoje está á testa da propriedade e a administra.»

Esta carta foi um dos ultimos escriptos, se não o ultimo, do sr. visconde de Coruche, que falleceu na madrugada de 29 de dezembro de 1904, em Lisboa.

O titulo foi pouco depois renovado no filho mais velho do illustre extincto.



98 — Visconde de Coruche



## Cartaxo



ESCREVIA Garrett, ha cincoenta e tantos annos, nas *Viagens*:

«E' das povoações mais bonitas de Portugal, o Cartaxo, acaada, alegre; parece o bairro suburbano de uma cidade.

«Não ha aqui monumentos, não ha aqui historia antiga: a terra é nova, e a sua prosperidade e crescimento datam de trinta ou quarenta annos, desde que o seu vinho começou a ter fama. Já decahida do que foi pela estagnação d'aquelle commercio, ainda

é comtudo a melhor coisa da Borda-d'agua.

«Não tem historia antiga, disse; mas tem-n'a moderna e importantissima.

«Que memorias aqui não ficaram da guerra peninsular! Que espantosas borracheiras aqui não tomaram os mais famosos generaes, os mais distinctos militares da nossa *antiga e fiel* alliada, que ainda então, ao menos, nos bebia o vinho!»

Saudemos desde já, na esteira de Garrett, o famoso vinho do Cartaxo, o forte, o encorpado Cartaxo, o vinho-presunto, que os taberneiros de Lisboa apreciam tanto e que, como disse Aguiar, é o mais graduado dos vinhos que podem cortar-se á faca.

Evohé! Hurrah pelo Cartaxo! Aqui nos era precisa a veia poetica do classico Antonio Diniz para cantar dythirambos; mas, se o não podêmos igualar nas strophes bacchicas, copiemos lh'as sequer ao menos:

Oh mil vezes mil ditoso  
 O terreno  
 Que produz no seio ameno  
 Este néctar saboroso,  
 Este balsamo odoroso,  
 Que pode curar n'um instante  
 Ferida que é tão penetrante!

E, feitos os nossos cumprimentos ao presunto liquido do Cartaxo, acompanhemos de um leve commentario o delicado *foie gras* da prosa de Garrett.

A villa do Cartaxo não é nenhuma creança; teve foraes, «velhos e novos»; já lhe pennujava o buço ahi pela tempo de el-rei Diniz; mas «a sua prosperidade e crescimento», graças ao vinho, é que datavam de trinta ou quarenta annos ao tempo em que Almeida Garrett acepilhava galantemente os periodos das *Viagens*.

A historia antiga da povoação, ainda que pudessemos reconstituil-a, postos a trabalhar nas trevas, valeria menos, muito menos, que a moderna historia.

Assim deve entender-se o que diz Garrett.

Quando os francezes cá vieram, e os inglezes nos ajudaram a deital-os fóra, dou que uns e outros abusariam por igual do vinho-presunto do Cartaxo.

Junot, vindo de Abrantes para Lisboa, estabeleceu o quartel-general no Cartaxo.

O sr. Brito Aranha conta a este respeito uma interessante memoria:

«Acertou de ser, em 1807, o commendador (hoje fallecido) Bernardo Antonio da Silva Freire, mais conhecido por *capitão* Bernardo, porque o era das milicias, o homem mais rico da villa. O general francez cahiu-lhe em casa. A esposa do capitão, D. Maria Barbosa Xavier Grondona, deu n'esse dia á luz uma menina. Soube-o Junot e disse que, por ter-se dado a coincidencia da chegada d'elle com o nascimento da menina, queria ser o padrinho. O capitão Bernardo accedeu a essa vontade, e a recém nascida recebeu na pia baptismal o nome de Anna, sob a tutella de Junot. Mas, quando os francezes sahiram do Cartaxo, a afilhada não soube mais do padrinho; e o capitão Bernardo soube que o seu compadre, o general francez, lhe mandára tirar da cavallariça e não as quizera restituir, duas das melhores éguas.»<sup>1</sup>

Junot era um padrinho... de guerra; e ha um proverbio que diz: «na guerra como na guerra». Este proverbio é uma porta aberta para roubar as éguas dos compadres. E elles, então, os francezes!...

«Ha doze annos—prosegue Garrett—tornou o Cartaxo a figurar conspicuamente na historia de Portugal. Aqui, nas longas e terriveis luctas da ultima guerra de *sucessão*, esteve muito tempo o quartel-general do marquez de Saldanha.

«Alguns dythirambos se fizeram...»

Sim, fizeram. A paixão politica, o odio de facção, é um vinho terrivelmente capitoso; não seria preciso que as parreiras do Cartaxo o reforçassem.

O exercito de D. Miguel, no ultimo apêrto, fortificara-se em Santarem. O marechal Saldanha, ancioso de ferir o golpe decisivo, avançava para elle, mas não podia passar do Cartaxo.

E os miguelistas cantavam em som de mofa:

Saldanha p'ra cima,  
Saldanha p'ra baixo,  
Mas não passa  
Do Cartaxo.

Vai p'ra cima  
E vem p'ra baixo  
E não passa do Cartaxo.  
Elle vai, e elle vem,  
E não chega a Santarem.

O quartel-general de Saldanha estabeleceu-se no bello palacete que era então do commendador Damaso Xavier dos Santos, e que depois foi adquirido por José dos Prazeres Batalhoz.

<sup>1</sup> *Esboços e recordações*, 1875, «Festa no Cartaxo».

Aquelle sr. D., «honra e alegria do Ribatejo», de que Almeida Garrett fala nas *Viagens*, era o hospedeiro de Saldanha, era Damaso Xavier dos Santos.

Elle mesmo serviu ao marechal de *cicerone* na marcha sobre Almostér, e durante a batalha d'este nome.

Tambem Garrett fala «do alfageme do Cartaxo.»

Este alfageme, bem menos celebre que o de Santarem, era um pobre mestre ferreiro, muito cabralista e discursador, que chegou a juiz eleito.

Comtudo, a maior honra que o Vulcano do Cartaxo conquistou foi, decerto, o ficar eternamente lembrado nas *Viagens*... sobre um pēdestal de ironia.

A villa, situada na margem direita do Tejo, a 6 kilometros d'elle, para o occidente, é, como notou Garrett, muito assejada e alegre.



99 Paços do Concelho

Estou hoje com a bossa das citações ; vamos a ellas.

«O aspecto da villa, por sua situação e por seu aceio, é soberbo, diz Brito Aranha. Excellentes casas, duas vezes caiadas e pintadas durante o anno, por acertada disposição da municipalidade ; ruas espaçosas e macadamizadas e lojas claras, aformoseadas e sufficientemente fornecidas. Nota-se abundancia e limpeza por toda a parte. Nas propriedades, que circumdam o Cartaxo, ha opulencia de vegetação. D'ellas sae toda a riqueza do concelho.»

Ora o concelho, que faz parte do districto de Santarem, conta actualmente 14.600 habitantes de ambos os sexos. Compõe se da villa do seu nome, que forma uma só freguezia com 7.265 moradores, e mais das freguezias de Ereira, Pontével, Vallada e Valle da Pinta.

O vinho, e depois d'elle o azeite, enriquecem o concelho. A divisão da propriedade faz que não haja ninguem absolutamente pobre no Cartaxo. A mendicidade não existe aqui.

O povo é activo e vigoroso.

Por isso eu já escrevi algures : que o trabalhador do sul, se fizermos excepção do

cartaxeiro, typo de robustez e actividade, fica inferior em faculdades de energia e resistencia ao trabalhador do norte.

O Cartaxo, mantendo as suas condições de asseio tradicional, conserva muito limpas todas as ruas da villa, das quaes a mais importante é a da Carreira, bem como a praça, que se denomina — *15 de dezembro*, e mede 92 metros de comprimento por 90 de largura.

Esta praça era o antigo «largo do Convento», pois no mesmo local existiu outr'ora um de frades franciscanos.

E' aqui que está situado o vasto edificio, de dois pavimentos e quatro faces, onde se accomodam com largueza a camara municipal, o tribunal, a repartição de fazenda e a recebedoria, a conservatoria, a administração do concelho, a cadeia para homens e mulheres, e as escolas primarias, em casas independentes, para ambos os sexos.

Todas estas repartições teem sua entrada privativa, sendo a principal para o tribunal e camara.

A sala das audiencias, no tribunal, comporta quatrocentas ou quinhentas pessoas.

A sala das sessões da camara, que mede 70 metros quadrados, é ornada, no tecto, com uma serie de medalhões em que estão retratados muitos portuguezes illustres.

Das janellas do edificio avista-se um largo e desafogado horizonte, que offerece variadas perspectivas.

A igreja parochial é do seculo XIV e foi sagrada pelo bispo D. Ambrosio, como se vê da seguinte inscripção que se conserva na porta :

NA ERA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, NO ANNO DE MIL TREZENTOS E VINTE E NOVE, E NO DERRADEIRO DIA DE AGOSTO, O BISPO D. AMBROSIO SAGROU ESTA EGREJA DE S. JOÃO DO CARTAXO, ADRO, SINO E ALTAR-MÓR.

Não tem este templo valor architectonico.

Interiormente está muito bem tratado, graças aos esforços do parochio actual.

Ha tambem, no Cartaxo, as seguintes capellas :

—Do Senhor Jesus dos Passos, na rua Mousinho d'Albuquerque (antiga rua Direita), primeiro capella do Espirito Santo, depois de Santo Antonio, e agora d'aquella invocação, por doação feita á irmandade dos Passos.

Tem á entrada o brazão de um bispo, que se julga ser aquelle mesmo D. Ambrosio.

—Capella de S. Sebastião, com portico manuelino.

—A dois kilometros da villa, um pouco ao poente, a capella do Senhor Jesus, cuja imagem inspira muita devoção aos habitantes do Cartaxo.

Esta capella pertence á quinta da familia Salasar Leite.

—Finalmente, no importante logar do Casal do Oiro, a capella do Senhor Jesus dos Afflictos, grande e moderna.

Não ha romarias no Cartaxo, mas sim festividades: de S. Sebastião, do Senhor Jesus, e do Santissimo no dia 1 de janeiro.

E faz-se com grande esplendor a procissão dos Passos.

Tem o Cartaxo um bom hospital, fundado em 1814 por Antonio de Sousa Freire, ara tratamento de doentes de ambos os sexos.

O mesmo individuo instituiu, como annexo do hospital, uma albergaria para viandantes.

O edificio do hospital consta de dois pavimentos. Tem uma enfermaria especial para doenças contagiosas, e um jardim para recreio dos convalescentes. E' um estabelecimento de caridade que nada deixa a desejar.

O theatro da villa póde comportar, na platéa e galeria, 400 pessoas.

Inaugurou-se uma *troupe* de amadores, denominada «Sociedade artistica cartaxense».

Ultimamente, os srs dr. André dos Reis e Joaquim Guedes organisaram a «Troupe Juvenil Euterpe Cartaxense», composta de creanças de 5 a 6 annos.

A primeira representação dada por esta *troupe* effectuou-se no dia 10 de abril de 1904.

O espectáculo abriu com a «Ballada da Troupe», letra do dr. Reis, musica do dr. Valente, que foi cantada por vinte vozes.

Eis a letra da «Ballada»:

## I

No alvôr da vida, aves implumes,  
Sonhos fruimos e illusões,  
Que nos deslumbram co'os seus perfumes  
E nos enlevam os coraçõs!...

## II

Em todo o tempo, ai, quem nos déra  
Sempre esses sonhos gosar... gosar...  
Em mar bemdito de primavera...  
Fortuna ao léme, nós a remar!

## III

Tristeza alguma faça ruir,  
Na dura lucta pela existencia,  
A nossa esp'rança pelo porvir,  
Estes encantos da innocencia!...

## IV

Peitos abertos tão só p'ra o Bem  
Queremos ser... é o nosso anhelos!...  
Enxugar prantos, se chóra alguem,  
Iremos prestos e com desvelo!...

## V

Em a nossa alma simples, serena,  
Rancor's funestos não têm guarida.  
Inda a maldade não envenena  
O ceu tão puro da nossa vida!...

## VI

Em todo o tempo, ai quem nos déra  
Odios no peito não abrigar  
E em mar tranquillo... de primavera...  
Fortuna ao léme... nós a remar!...

## VII

Que a rosea aurora, em cada dia,  
Mil beijos traga, sempre a sorrir!...  
Jámais, jámais, de hoje a alegria  
Possa um momento de nós fugir!...

## VIII

Nem uma nuvem venha offuscar  
O sol que brilha, p'ra nós, nos céus.  
E a paz sagrada do nosso lar  
Bem dita seja sempre de Deus!...

A praça de touros, que hoje está bastante arruinada, foi construida em quatro mezes, por iniciativa do sr. Arthur Peres Vilhena Barbosa, e subscrição publica.

A inauguração realisou-se a 23 de agosto de 1874.

Além da rua Mousinho d'Albuquerque, tem o Cartaxo mais as seguintes : rua Batahoz (antiga Carreira), rua do Bom Jesus, rua Serpa Pinto, rua d'Além, rua de S. Sebastião, e as praças 15 de Dezembro e de S. João Baptista.

Como o leitor já pode calcular, o Cartaxo é uma linda terra, alem de muito asseada, muito activa e zelosa de todos os progressos modernos.

Ao seu amor pelo trabalho, pela faina da industria agricola, sua principal fonte de riqueza, associa louvaveis tendencias para uma discreta e agradável mundanidade.

E' que nem só de pão vive o homem.

Ha aqui convivencia, ha dois clubs, «Sociedade União Cartaxense» e «Gremio Artistico»; e já no tempo de Garrett, em 1846, havia um botequim, o que levou o auctor

das *Viagens* a dizer:— «O café é uma das feições mais características de uma terra».

Villa que ha mais de meio seculo possuia um botequim, inculcava felizes predisposições para um futuro de civilisada sociabilidade.

E o futuro não mentiu.

Não tem sido o Cartaxo estranho ás lidas da imprensa.

Que eu saiba, já se publicaram aqui os seguintes jornaes: *O Povo do Cartaxo*, folha semanal, agricola e litteraria, noticiosa e commercial. Agosto de 1883 a agosto de 1885.— *O Chronista*, politico e noticioso. De maio de 1886 a dezembro de 1888.— *O Rouxinol*, jornal de musica para piano. Começou em 1887. Ainda durava em 1889.— *Jornal do Cartaxo*. De 1887 a 1889.— *O Provinciano*, semanario scientifico, litterario, noticioso e agricola. Começou em janeiro de 1889.

Agora, uma ultima nota local: As mulheres do Cartaxo, quasi sempre descalças, não abandonaram ainda o antigo capote portuguez, honra lhes seja.

Alem de cabeça de concelho, a villa é cabeça de comarca de 2.<sup>a</sup> classe.

No 1.<sup>o</sup> de novembro começa no Cartaxo a grande feira «dos Santos», que dura seis dias.

Da estação de Sant'Anna, na linha ferrea do norte, ha diligencia para a villa. A distancia é apenas de tres kilometros, e o preço de cada logar—100 réis.

Esta estação foi construida em terreno da quinta dos Chavões, que pertenceu ao marquez de Niza, e á qual se referiu Alexandre Herculano no XI vol. do *Panorama*, dizendo:

«E' a (quinta) dos Chavões residencia do mais instruido cultivador de Portugal, o marquez de Niza. Collocado no alto de uma collina, quasi sobre o canal, o palacio dos Chavões parece um castello senhorial da idade media no meio das vastas propriedades de um d'esses barões dos seculos XII ou XIII, especie de regulos dentro dos seus coutos e honras, dominando algumas vezes pelo amor, e muitas mais pelo terror, os camponeses servos. As terras do marquez n'estes sitios, terras que abrangem os dous extensos predios dos Chavões e da Aramenha, offerecem o exemplo, aliás tão raro, da cultura aperfeiçoada e ao mesmo tempo lucrativa».

A quinta dos Chavões pertence hoje á viuva Batalhoz.

Na região agricola do Cartaxo merecem referencia especial, sob o ponto de vista da viticultura, a quinta das Varandas, do conde de Paço do Lumiar, e a vasta propriedade do sr. Antonio Ribeiro Ferreira, onde foram ultimamente plantados mais de 600.000 bacellos.

A adega e os celleiros d'esta propriedade são verdadeiramente monumentaes.

Constituiu-se na villa uma associação de soccorros mutuos, denominada — de Nossa Senhora da Conceição.

Luiz Teixeira de Sampaio, irmão do conde da Povoia, recebeu o titulo de visconde do Cartaxo, que passou a sua filha.

A familia de Luiz Teixeira residia em Lisboa no largo do Carmo, d'onde lhe veio o cognomento de «Sampaios do Carmo».

No Cartaxo, a casa d'esta familia ficava fóra da villa: era conhecida por «quinta do Sampaio.»

A ella se refere Garrett no ultimo capitulo das *Viagens*, chamando-lhe «hospedeira casa».

Lembrou-me agora, de repente, o grande susto que, em 1667, um fidalgo portuguez apanhou no Cartaxo.

Affonso VI cedêra emfim a separar-se do seu valido, do seu fiel e dedicado amigo conde de Castel-Melhor.

Fôra o válido mandado sahir da côrte, e na piugada d'elle chammejava um rasto de odios políticos.

Passou no Cartaxo o conde da Feira, D. Fernando Pereira Forjaz, em viagem para o seu condado.

O povo ouviu falar em conde, julgou que era o de Castel-Melhor, e assaltou-lhe a liteira, gritando: «Morra. Morra.»

D. Fernando, para desfazer o engano, apeiou-se, mostrou-se ao povo, que só então se desilludiu.

Ficou-lhe morto um dos machos; e ao conde pouco lhe doeu esta pêrda, porque salvou a propria vida.



100 — Rua do Bom Jesu,

Mas tamanho susto apanhou, que, antes de seguir viagem, mandou um criado adeante para apregoar que elle era o conde da Feira e não o de Castel-Melhor.

Uma das freguezias que compõem o concelho do Cartaxo é a de Nossa Senhora da Purificação de Pontével.

Tem 2.682 habitantes de ambos os sexos.

Dista do Cartaxo 5 kilometros, para sudoéste.

Primitivamente chamou-se-lhe Ponteval, parece que por derivação de «ponte» em um «valle»: o valle por onde, sob uma ponte de um só arco, corre o rio da Fonte. Com o andar dos tempos veio a dizer-se Pontével.

Foi commenda da ordem de Malta, ordem em que militavam os cavalleiros francos, e outros, que ajudaram a expulsar os mouros de Portugal.

O primeiro foral de Pontével foi-lhe dado por D. Sancho I em dezembro de 1194; o segundo foral, de 1195, consigna uma doação especial aos francos, já senhores da Lourinhã e de Villa Verde.

Affonso II confirmou esta doação.

Além da acção dos donatarios, contribuíram para o rapido desenvolvimento de Pontével, no curso dos annos, outros factores, entre elles a protecção da Rainha San-

ta, que n'esta povoação descançava quando em jornada, e um legado de Bartholomeu Joannes <sup>1</sup> para se fazer uma nova ponte sobre o rio de Pontével.

A povoação, que dista da villa do Cartaxo pouco mais de quatro kilometros para o sul, assenta no alto e encosta de um monte.

A igreja parochial foi reconstruida no seculo xvii. Tem uma só nave, que é forrada de bons azulejos. Em 1866, por iniciativa do prior Pinto de Carvalho, fizeram-se alguns concertos n'este templo, sendo-lhe renovadas as pinturas.

No pavimento da igreja encontram-se varias lapides com inscripções mortuarias.

O altar da capella-mór é de talha dourada.

Ha na povoação uma ermida, que antigamente estava sob a invocação do Espirito Santo, e hoje sob a de Nossa Senhora do Desterro.

Tem um portal manuelino, e alpendre. Interiormente, as paredes são revestidas de azulejos.

O sr. José Joaquim d'Ascensão Valdez, que em 1874 publicou uma interessante monographia de Pontével, escreve a respeito d'esta ermida que a ella concorre muita gente dos logares visinhos a cumprir suas promessas.

E acrescenta: «O povo do logar faz a sua festa annual em agosto ou setembro. A antiga irmandade era rica, possuia manadas de gado, e pela festa do Espirito Santo matava-se uma rez, que era distribuida pelos pobres. Davam tourada, e ainda se vê o local, onde eram corridos os touros, que fica pelo lado de traz da ermida».

Luiz Pereira Motta, fallecido em 1873, contemplou esta ermida com um legado importante.

Houve em Pontével outras ermidas, a saber — de S. Gens, de S. Pedro e de S. Damaso (com um recolhimento annexo), das quaes só existem ruinas ou apenas a memoria.

No largo fronteiro á igreja e é chamado — da Commenda — estava o palacio dos commendadores de Pontével, com as respectivas dependencias — celleiro, adegas, etc.

Proximo ao Rocio, em um largo chamado — do Fidalgo —, existiu outro palacio, que foi habitado, no tempo de el-rei D. José, por Martinho Affonso de Miranda Malafaia.

Ha em Pontével escolas para ambos os sexos.

A primeira funciona na Praça, em um predio cujo pavimento inferior foi destinado a açougue e cadeia.

Perto da povoação brota uma nascente de agua ferrea, outr'ora muito procurada.

Pontével é abundante de azeite, milho, trigo, e vinho: mas o vinho constitue a sua principal riqueza.

D. Elvira Maria de Vilhena, dama da rainha D. Luiza de Gusmão e da rainha de Inglaterra D. Catharina de Bragança, foi agraciada com o titulo de condessa de Pontével: a mesma dama fundou em Lisboa a igreja da Encarnação.

Além da monographia do sr. Valdez, ha uma *Descripção de Pontével*, escripta pelo Padre Nicolau da Silva Castro (Vide tomo XXIX do *Diccionario geographico de Portugal*, existente na Torre do Tombo).

A freguezia de Vallada, que tambem faz parte do concelho do Cartaxo, tem por orago Nossa Senhora da Expectação, e conta actualmente 1.918 habitantes de ambos os sexos.

Comprehende algumas quintas importantes, taes como a de Malpique, do Basco, do Brillhante, das Varandas, que especialisamos, e outras.

<sup>1</sup> E' o mesmo que jaz na linda capella do seu nome, agora restaurada, na Sé de Lisboa. Sobre este piedoso varão do seculo xiv veja-se *O Panorama* (1846) vol. IX, pag. 41.



Dos seus logares o mais nomeado é Porto de Muge, a que nos referimos com maior largueza no capitulo *Salvaterra*, a proposito da villa de Muge, que lhe fica fronteira, na margem esquerda do Tejo.

A povoação séde da freguezia demora quatro kilometros a éste da estação da Ponte do Reguengo na linha ferrea do norte, e dista onze kilometros da villa do Car-taxo.

Na linda estrada macia que da estação do Reguengo segue para Vallada, e é guardada por filas de choupos, cujas frondes formam um tunnel de verdura, realisaram-se no dia 18 de março de 1906, com a assistencia de toda a Familia Real, interessantes corridas de automoveis promovidas pelo Real Automovel Club.

A povoação de Vallada tem um visinho perigoso: é o Tejo... se está de mau humor.

Para poder viver em paz, fez-se separar d'elle por meio de um dique; todavia, as grandes cheias zombam da solidez d'essa divisoria artificial, como tem acontecido muitas vezes, por exemplo em 1876.

Quando isto succede, a agua arromba o dique, invade os campos e a povoação, alaga, destroe e arrasta quanto encontra, chegando a pôr em risco a vida dos moradores, que procuram salvar-se fugindo para os telhados, exactamente como aconteceu em 1876, que foi a maior cheia depois da de 1823.

Sempre que ha inundação, costumam ser enviados de Lisboa soccorros para Vallada.

Acodem os rebocadores do Arsenal e outros vapores, bem como lanchões a reboque, não só para salvar os habitantes de Vallada, caso a sua vida esteja em risco, mas tambem para lhes levar mantimentos, pois que a povoação fica bloqueada pelo Tejo, como por um exercito inimigo.

A cada grande cheia segue-se em Vallada uma crise de pobreza, havendo para alguns habitantes ruina total, como é facil de comprehender se nos lembrarmos de que esses viram as suas casas, mobílias e roupas ir... pela agua abaixo.

Os campos de Vallada são notaveis pela vastidão, que chega a cançar a vista.

Frei Francisco Brandão chama-lhes uns «dos mais ferteis de toda a Europa» e conta como desde Affonso Henriques, que os mandou repartir pelos pobres, foram sempre insistentemente disputados pela nobreza, até que el-rei D. Diniz sentenciou a final a demanda em favor dos pobres.<sup>1</sup>

A povoação conta hoje umas dez lojas de commercio, e tem uma alquilaria, cujo dono, Gregorio Fernandes, faz as carreiras do correio.

Por cima do dique ha passagem para Porto de Muge.

Outr'ora, Vallada teve paços reaes, como se sabe pela informação das chronicas antigas. Fernam Lopes diz de D. Pedro I: «El-rei de Portugal em esta sazão pousava nos paços de Vallada que são acerca de uma villa que chamam Santarem, e era isto no mez de maio». E na chronica de el rei D. Fernando, quando fala da entrevista em que este rei e D. Henrique de Castella firmaram pazes, diz o mesmo escriptor: «e quando el-rei D. Henrique (que partiu de Lisboa) chegou a Santarem pousou em uns paços que chamam Vallada, em um espaçoso campo junto com o rio, meia légua do logar». Depois, preparando o momento em que os reis hão-de avistar-se sobre o Tejo (porque assim mesmo é que foi) continua Fernam Lopes: «Então partiu el-rei (D. Henrique) dos paços de Vallada, com muitas gentes d'armas comsigo, em guisa que gran parte do campo era cheio, como por verem como os reis falavam».

<sup>1</sup> *Monarc. Lusit.*, tom. V, pag. 145-147.

O que é certo é que esta povoação perdeu, no curso dos tempos, as suas antigas honrarias sendo-lhe dada apenas uma compensação... puramente nominal. Refiro-me á instituição do titulo de marquez de Vallada, concedido em 1813 ao conde de Caparica, D. Francisco de Menezes da Silveira e Castro, veador da rainha D. Carlota Joaquina, e seu mordomo-mór.

Este fidalgo casou duas vezes, e das segundas nupcias nasceu o successor no titulo, D. José de Menezes da Silveira e Castro, segundo e ultimo marquez de Vallada.

Tem ido desapparecendo pouco a pouco, como a luz esbatida de um occaso, a velha aristocracia portugueza, tão característica nas suas qualidades e defeitos de classe, tão original e pittoresca nas suas excentricidades, nos seus desdens, e nas suas manias.

O duque da Terceira e o duque de Saldanha, os dois famosos marechaes das campanhas da liberdade, pareceram assumir na morte, por direito de posição, o commando dos mortos illustres que os igualaram em nobreza, já que os não puderam igualar em valor.

Ambos elles foram notaveis como generaes, se bem que divergissem nos delineamentos da sua physionomia militar.

Saldanha era fogoso, arrojado, brilhante, mas por vezes incoherente. A carga das Guellas de Pau, no Porto, faria em qualquer parte do mundo a gloria de um general audacioso. Terceira, dotado de um valor frio, paciente e soffrido, como que se retrata militarmente na trabalhosa e disciplinada marcha do Algarve a Cacilhas.

Um e outro conservaram tradições de familia e de classe, que constituíam um justo orgulho da nobreza de outr'ora. Saldanha caprichava em mostrar-se erudito, porque, ao contrario do que muita

gente suppõe, a velha aristocracia portugueza folgava de poder lustrar o seu brazão litterariamente.

Sirva de exemplo a longa e illustrada familia dos Ericeiras.

O duque da Terceira, se não podia nivelar-se em saber com o marechal Saldanha, nivelava-se com elle na fé religiosa, outro orgulho da aristocracia antiga, e morria n'uma grande simplicidade christã, declarando aos amigos intimos que nunca fôra maçom.

Os dois generaes partiram primeiro em caminho da eternidade, como para tomar, na vanguarda, o commando de um exercito de sombras illustres.

O duque de Loulé ficará eternamente notavel como typo do *gentleman* portuguez, do homem elegante que endoidecia de amor a imaginação das princezas.

Como estadista, falava pouco, porque o seu predominio como primeiro ministro estava justamente na grandeza aristocratica do seu vulto, na superior distincção do seu porte e das suas maneiras.

O marquez de Niza seguira por outro caminho, fizera da anecdota o seu cavallo de batalha, celebrisára-se lendariamente pela aventura mundana, fôra o mais completo representante de uma mocidade estroina, que parece ter acabado com elle.

Por isso, na hora em que elle morria nos Pyrenéus, Julio Cesar Machado escreveu que o champagne estremecêra nas taças...

Como o conde de Farrobo, o marquez de Niza, antecipando-se á vulgarisação das theorias socialistas, gastava largamente o seu patrimonio, arrojando punhados de ouro



101 — Retrato antigo do Marquez de Vallada

pela janella fóra como um Creso aborrecido, deseioso de provar ao mundo que um fidalgo, ainda depois de arruinado, continuava a ser fidalgo.

O segundo marquez de Vallada, fallecido em outubro de 1895, foi, sob o ponto de vista de uma collectividade que desaparece, uma figura saliente e completa, muito característica nas suas predilecções, nos seus contrastes, e nos seus habitos, que se impunha á curiosa indagação do publico e, por vezes, aos humorismos das gazetas trocistas.

Gostando de viver com o povo, de se familiarisar com elle, despreocupado habitualmente da correcção da *toilette*, lisonjeando-se de ser recebido e ouvido nos clubs politicos, timbrando de democrata, alguma vez de revolucionario, elle era, comtudo, nas occasiões solemnes, mettido dentro do seu coche de gala, rodeiado de criados de libré verde, *lacraus* como lhes chamava pittorescamente o povo na sua linguagem tropologica, elle era bem o representante de uma raça e de uma classe que gostava, quando tinha o capricho de picar uma veia, de vêr escorrer sangue azul.

Certamente que a epoca em que nasceu, e os homens que primeiro ouviu nas salas do seu palacio, exerceram uma grande influencia na maneira de pensar do marquez de Vallada. Era o tempo em que a liberdade, guiada pela mão do constitucionalismo, nascia com o orgulho de afirmar o progresso intellectual d'aquelles que a comprehendiam.

D. Pedro IV é, por excellencia, a figura symbolica d'essa época, figura por vezes dubia, por vezes contradictoria, como é proprio de uma época de transição.

O marquez de Vallada teve, durante toda a sua vida, a preocupação de querer ser liberal sem comtudo deixar de ser fidalgo. Era um verdadeiro successor dos homens de 1820, que tiveram nas suas mãos uma republica, e acabaram por casar D. João VI com a Constituição. Cabeças cheias de reformas constitucionaes, corações cheios de amor ao rei. O marquez de Vallada foi um pouco assim toda a sua vida, vacillando entre o povo e a côrte como os homens de 1820, que o precederam na scena politica.

Mas o que é certo é que o povo chegou a comprehender o que n'elle era mais incomprehensivel: a sua dupla feição de fidalgo e democrata, o seu coche de galla e o seu frak de lustrina, os seus lacaios verdes e os seus discursos nos comicios.

O povo habituara-se a essa original figura de marquez, sem ter odio ás suas equipagens e sem ter desdem pelas condecorações que elle exhibia nos dias solemnes.

Outra das feições proeminentes do marquez de Vallada foi a sua vasta erudição fradesca, que parecia adquirida n'um convento letrado, como o de Alcobaça, erudição servida pela mais extraordinaria memoria que tem apparecido em Portugal depois do padre Macedo — o do *omni scibili*.

Nos seus discursos, como nas suas conversações, as citações latinas e gregas, as referencias aos poetas, aos oradores, aos philosophos da antiguidade classica esfervilhavam como um vespeiro, que o não deixava ouvir a si proprio, porque frequentes vezes perdia a concatenação logica das ideias na confusão das digressões e dos incidentes oratorios.



102 — Rua Batalhoz

Quando citava em latim, fazia gosto de accentuar muito as syllabas, para mostrar que não errava a terminação dos casos, nem infringia as regras grammaticaes da syntaxe.

Sabia o nome de todas as pessoas a quem falava, e a historia de todas as familias, por mais complicada que fosse a arvore genealogica d'essas familias. Quando se lhe pedia a biographia de uma pessoa que elle conhecêra, contava logo, pelo menos, tres biographias: a d'essa pessoa, a do pae e a do avô.

Perdido no meio d'uma grande armazenagem de conhecimentos historicos e litterarios, de datas, de nomes, de anedotas, não podia facilmente adaptar-se á obediencia do methodo para reproduzil-os pela escripta. Leu muito e escreveu pouquissimo. O que mais lhe agradava não era coordenar idéas, mas ir tirando do espirito, ao acaso, noticias e citações, como se pódem tirar livros de uma estante sem os escolher pelos titulos.

Foi por isso que elle chegou a ser o mais pittoresco conversador do nosso tempo, tendo apenas o defeito de não olhar nunca para o relógio; —d'aqui vinha recearem algumas pessoas encontrar-se com elle, porque a sua memoria só parecia falhar n'uma coisa: em não se recordar das horas que iam passando emquanto falava.

Por isso mesmo, andava sempre apressado, n'um passo lesto, um pouco dançante, para ressarcir o tempo que tinha perdido.

Mas, ainda quando o tabellião Barradas estivesse esperando por elle para assignar uma escriptura, o marquez, se encontrava na rua uma pessoa conhecida — e elle conhecia toda a gente — respondia com uma historia, com dez historias, com vinte anedotas, com trinta citações a qualquer pergunta que lhe fosse dirigida.

—Eu lhe conto... dizia o marquez.

E d'ahi a momentos, devendo estar em casa do tabellião Barradas, estava na quinta geração do sujeito por quem lhe tinham perguntado.

Foi um typo, uma figura cheia de originalidade, muito complexa, porque agrupava em si a erudição do frade, as tradições aristocraticas do fidalgo antigo, as tendencias democraticas do espirito moderno, o humor de um folhetinista, a verbosidade de um orador, a variedade de um almanach, a preguiça de um *Fainéant*, a azafama de um andarilho, o orgulho de ser antigo, querendo sempre parecer contemporaneo dos mais moços...

Mas voltemos á povoação, para dizer duas palavras, apenas.

A estrada do Cartaxo a Vallada é incontestavelmente uma das mais lindas do Ribatejo.

Ultimamente a municipalidade cartaxense mandou derrubar mais de mil choupos n'esta estrada. Bem dizia Garrett que nós eramos um povo de dendroclastas. Somma e segue.

O concelho do Cartaxo completa-se pelas freguezias do Espirito Santo da Ereira, com 1.856 habitantes, e de S. Bartholomeu de Valle da Pinta, com 879.

N'esta ultima freguezia tem-se feito brilhantes festas em honra de Nossa Senhora da Graça, havendo procissão, arraial com bailes campestres, fogo de artifício, kermesse, etc.



## Rio Maior



villa d'este nome, situada na margem direita do Tejo, entre Santarem e as Caldas da Rainha, é um centro importante de commercio, a que convergem muitos e variados productos da exploração agricola e industrial dos concelhos circumvisinhos, taes como Alcobaça, Caldas, Cadaval e parte do de Santarem.

Terra fecunda, o concelho, de que a villa é cabeça, produz e exporta annualmente cerca de 11.000 pipas de vinho e 1.000 de azeite; trigo, milho, arroz, batatas, cortiça, sal, madeira, cêra e mel.

A villa está rodeada de pinhaes, que não só a tornam saudavel, mas tambem lhe dão prosperidade economica, pela importancia commercial que representam, pois são ainda muito bastos, não obstante os frequentes e extensos córtes que teem soffrido nos ultimos annos.

Ha no concelho duas fabricas e dez officinas de serração de madeira, e nem menos de dez negociantes que se entregam a este ramo de especulação commercial.

Mas a vida laboriosa e as fontes de receita do concelho de Rio Maior abrangem ainda outras industrias, taes como fabricas de louça ordinaria, fabricas de telha e tijolo, fornos de cal e carvão, moinhos de vento, exploração de uma vasta salina, e officinas de canteiro.

A dois kilometros da villa, proximo da Fonte da Bica, é que está situada a salina, unica, mas tão extensa, que se compõe de 300 talhos, os quaes andam arrendados pelos seus proprietarios aos habitantes dos logares proximos.

Estes talhos são alimentados por um poço d: agua salgada, que o povo diz provir de um braço de mar subterraneo.

A agua é extrahida por dois baldes suspensos na extremidade de uma vara e movidos por dois homens, durante o dia e a noite.

Ha quem diga que se trata de uma mina de chloreto de sodio, a qual seria unica em Portugal.

Seja como fôr, o sal é tão alvo, que o denominam «sal-espuma»; manipulam-n'ó com diversos feitiços, sendo mais vulgar o de pequenos queijos.

Nas mesas, pode substituir perfeitamente o sal refinado.

A exportação de sal está calculada em 780.000 litros por anno, notando-se que o carregamento d'este producto é feito ainda por um processo primitivo: a tracção animal.

As cargas são transportadas por jumentos ás terras onde o sal de Rio Maior tem procura certa, e é muito apreciado.

O mesmo acontece com as cantarias d'este concelho, que podem considerar-se excellentes, e que offerecem largo futuro industrial logo que seja possível baratear o transporte, actualmente feito em carrêtas.

Assim, pois, a fecundidade e riqueza do concelho se reflecte na vida laboriosa e abastada da villa, a qual, se não tem monumentos artisticos a recommendal-a, dispõe comtudo de bellezas naturaes, certamente agradaveis aos olhos dos forasteiros.

O nome da villa provém do *rio*, que, por ser o *maior* dos que se lhe juntam, assim se denomina.

Nasce este rio a tres kilometros da villa, para occidente, e rompe por diversos es-



103 — Um trecho da villa

coadouros abertos na muralha que serve de base á estrada districtal de Santarem a Peniche e que, n'um córte quasi vertical, mede uma altura de 15 metros aproximadamente.

Antes da construcção da estrada, as aguas borbulhavam naturalmente pelas fendas dos rochedos.

A este sitio se dá o nome de — *Boccas*.

A estrada desenha-se n'um valle profundo entre duas serras, que dão a impressão de ser formadas por duas unicas rochas.

Um collaborador do *Almanach de Lembranças* descrevia assim, em 1880, o aspecto interior, os recessos sombrios, das *Boccas* de Rio Maior:

«Certo dia um amigo e eu emprehendemos uma gatinhação por ali acima, e, escorregando aqui, esfregando além o nariz pelos carrascos, fugindo-nos mais adiante uma pedra debaixo dos pés, deitando, enfim, os bofes pela bôcca fóra, como lá se diz, conseguimos atingir uma das *Boccas*. Penetramos o vestibulo, alpendrado por enormes pedregulhos que ameaçavam achatar-nos d'um momento para outro, accendemos os nossos cigarros e, munidos d'uma indispensavel vella, proseguimos ávante.

«Notámos que o solo era humido e polvilhado de negro; um certo cheiro a antiguidade, que é costume encontrar se nos edificios velhos e deshabitados, nos veio regalar os pulmões. Apoz isto, alguns morcegos e outros volateis nocturnos vieram fazer-nos uma recepção, um tanto brusca, é verdade, mas que muito nos animou: já não eramos completamente sós.

«A' proporção que caminhavamos o terreno elevava-se, o tecto descia e as paredes,

sempre escabrosas e irregulares, estreitavam progressivamente: iam-nos internando por um funil. Paravamos; apenas se ouvia a nossa respiração arquejante e de mais em mais difficultosa. Em volta de nós um silencio profundo e aterrador, mas parecendo ter mil vozes que vinham ecoar na nossa imaginação. Era attraente! No meio d'isto a vella caminhava para o estado de côto com uma rapidez incrível.

«Proseguimos mais e mais, até chegarmos a um ponto que só um corpo rastejando poderia por ali passar. Um vento fresco e rapido vinha affagar-nos a luz, fazendo-a oscillar tão desastradamente que por vezes a julgamos perdida. Um buraco escuro e mysterioso nos deixou adivinhar a poucos passos de nós um grande vacuo, um abysmo.»

O sitio das *Boccas* é muito frequentado no verão, e de preferencia escolhido para realização de *pic-nics*.



104 — A salina

O rio *maior* que ali nasce, ou parece nascer, perfaz um curso de 54 kilometros, e vae desaguar ao Tejo quasi em frente de Salvaterra de Magos.

Não é navegavel.

Atravessam-n'ò tres pontes: duas que dão passagem em Rio Maior e Asseca; outra, privativa da linha ferrea de norte e léste.

O conspecto da villa é ameno e pittoresco.

No alto vê-se a Capella das Almas e a seu lado o edifício, encimado por um frontão modesto, onde funcçionam as escolas de instrucção primaria para ambos os sexos, e que foi construido a expensas do benemerito cidadão João José da Costa.

A villa tem uma só freguezia com 4.637 habitantes.

O orago da parochia é Nossa Senhora da Conceição.

A igreja parochial, que era antigamente capella da confraria do Santissimo, foi restaurada e ampliada desde 1898 até 1902.

E' um templo elegante, airoso e cheio de luz; tem um bello baptisterio, bom cartorio, etc.

A antiga matriz foi devorada por um incendio; ainda hoje resta a torre com os sinos no meio do cemiterio, ao sul do rio.

Tinha-se escolhido para edificação da igreja «nova» o Alto da Capella das Almas. Chegaram a fazer-se os alicerces, mas abandonou-se essa ideia, não só por falta de recursos, como tambem por ser o local de difficil accesso.

O leitor poderá verificar, pela estampa que lhe fornecemos, que o altar-mór de igreja e os altares lateraes do cruzeiro ficaram com excellente aspecto depois da restauração da igreja parochial.

Em casas proprias, e com entrada pelo templo, funcçionam a irmandade da Misericordia e a confraria do Santissimo.

A Misericordia rege-se conforme um compromisso approved por alvará de 13 de julho de 1894.

O hospital, fundado em 1619, foi administrado pela Misericordia de Santarem até 1759, epoca em que el-rei D. José, a pedido dos moradores da villa, lhe concedeu a creação de uma irmandade da Misericordia autónoma.

O edificio, reconstruido em 1870, tem capacidade para 30 doentes.

Em 1835 a Misericordia de Rio Maior foi beneficiada com um legado de 7:000\$000 réis.<sup>1</sup>

Ha na villa as seguintes capellas:

De S. Sebastião, na antiga rua d'este nome, hoje Avenida Marianno de Carvalho.

Está a cargo da Misericordia. E' de regulares dimensões, mas sem belleza alguma.

Das Almas, no sitio chamado o Alto. E' pequena, mas elegante. Tem uma torre, onde estava o antigo relógio da villa. De S. João Baptista, no sitio da Fonte da Bica. Regular, e bem tratada. De Santo Antonio, no logar da Azinheira. Bastante espaçosa. De Santo André, proximo ao sitio dos Figueiredos. Tambem espaçosa. De S. Domingos, no logar da Asseiceira. Pequena, e mal tratada. De S. Paio, na quinta d'este nome. Em completo abandono. De Nossa Senhora da Luz, na quinta da mesma denominação. Pequena, e mal tratada.

Os novos paços do concelho funcçionam desde 1895 no local onde esteve o hospicio de frades franciscanos.

Realizou-se a sua construcção com o producto de um emprestimo levantado na Caixa Geral dos Depósitos.

O terreno foi cedido pelo governo á camara municipal.

O andar nobre comprehende, além da espaçosa sala das sessões, secretaria e archivo da camara, a secretaria da administração do concelho, o gabinete do administrador, o tribunal judicial, gabinetes para o juiz e jurados, sala de espera para as testemunhas.

Rio Maior é comarca de 3.<sup>a</sup> classe.

No rés do chão estão installadas a repartição de fazenda, recebedoria, aula de instrucção secundaria, conservatoria, cartorio do escrivão do 1.<sup>o</sup> officio, cadeias e casa do carcereiro.

Este edificio tem relógio, como era costume antigo de Portugal, ainda tradicional e sensatamente conservado em alguns concelhos.

N'outro edificio funcçionam o theatro, que não está concluido, e a Assembléa Rio-Maiorense, com um magnifico salão de baile, casa de bilhar e jogos de vasa e gabinete da direcção.

Todo este edificio é illuminado interiormente a gaz acetylene.

<sup>1</sup> Costa Goodolphim, *As Misericordias*, pag. 339.



Pinho Leal fala da associação Progresso Dramatico Rio-Maiorense.

Esta associação já não existe hoje.

Actualmente ha duas associações a saber: dos bombeiros voluntarios, com banda de musica; e Nova Philarmonica Progresso Rio-Maiorense.

As praças e ruas principaes da villa são: Praça do Commercio, Largo João Franco, Rocio; avenida Marianno de Carvalho, com bancos e um corêto; rua Serpa Pinto, rua Nova d'El-rei, rua do Principe Real, etc.

Pinho Leal allude a diversas minas de metaes e nascentes de aguas sulphurosas existentes dentro dos limites do concelho de Rio Maior.

O que é certo, porém, é que nem umas nem outras teem sido exploradas, por se reconhecer que a exploração não seria remuneradora.

Tambem o mesmo auctor se refere ás deliciosas laranjas creadas junto á Fonte da Bica no sitio chamado *Valle de Laranjas*.

A Fonte da Bica é aquella povoaçãozinha, aquelle grupo de casas aldeãs que o leitor vê alvejar sobre a encosta da serra, na estampa que representa a salina de Rio Maior.

Effectivamente, ha ali perto um laranjal, aliás pequeno, já muito reduzido pela morte de bastantes arvores: é *Valle de Laranjas*.

Fructos magnificos, em verdade; notavelmente saborosos.

Mas, a não ser ali, não ha laranjaes tanto na freguezia de Rio Maior como em todo o concelho.

Parece que a natureza quiz compensar a escacez da quantidade pela excellencia da qualidade.

Na villa fazem-se mensalmente importantes mercados de gado, e duas feiras annuaes, uma no 5.º domingo da Quaresma, e a outra desde 31 de agosto a 3 de setembro.

Effectuam-se n'estas feiras importantes transacções em gado bovino, suino e asinino; em madeiras, vasilhame, sal, louças, cebolas, ferragens, cabedal, latoaria, quinilharias, fazendas de lã e algodão, etc.

Calcula-se que cerca de 10:000 pessoas, dos concelhos circumvisinhos, affluem a Rio Maior por occasião das feiras, que são, realmente, das mais importantes da Extremadura.

O trage dos habitantes do concelho não offerece nenhuma singularidade: as mulheres usam saia, casaco cintado, lenço, chaile, sapatos e meia; os homens, calça, collete, jaleco, cinta e barrete preto ou de côr, sapatos e meia

Não se faz em todo o concelho nenhuma romaria digna de menção.

Na villa publica-se um semanario — *A Civilisação Popular* — que vae no 11.º anno de existencia.

Versa principalmente assumptos pedagogicos, e é o mais antigo orgão do professorado primario em Portugal.

Pensa-se actualmente em crear mais duas escolas, uma no logar da Fonte da Bica, outra no logar da Panasqueira, ambos comprehendidos na freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Rio Maior.



105 — Paços do Concelho

No logar de Azinheira, tambem da mesma freguezia, e distante da villa tres kilometros, floresceu durante muitos annos a industria das pedreneiras, a que os seus habitantes se entregavam.

Por este motivo eram elles isentos do recenseamento militar, pois que serviam assim o paiz fornecendo ao exercito um elemento indispensavel do seu armamento.

Esta isenção durou até 1834.

Hoje a industria está decadente, não só por já não ser a pedreneira utilisada no exercito, mas tambem porque o monopolio dos phosphoros não permite empregal-a nos usos domesticos.

11.º ANNO Folha pedagogica, illustrada, noticiosa e o mais antigo orgao semanal do professorado primario. N. 445  
 Direccao: DR. JOSE FERREIRA  
 Director: DR. JOSE FERREIRA  
 Rio Maior, 26 de janeiro de 1904  
 Publicação Semanal  
 Preço de cada folha 100 réis  
 Preço de cada volume 1000 réis  
 Pagamento adiantado

## INSTRUCCAO PRIMARIA

**BENEFICENCIA ESCOLAR**  
 Uma das mais sympathicas das obras de uma reforma da instrucção primaria, e certamente a que mais importa ao bem da infancia, é a beneficencia escolar. Para que a beneficencia escolar seja realmente eficaz, como o foi a reforma da infancia, um dos primeiros e mais importantes passos a dar é a criação de um fundo de beneficencia escolar, que possa ser empregado em favor da infancia escolar, e que possa ser empregado em favor da infancia escolar, e que possa ser empregado em favor da infancia escolar.

**O affecto maritimo**  
 O affecto maritimo é um affecto que se encontra em todos os povos que vivem junto ao mar. Este affecto é muito antigo, e tem sido sempre uma das forças mais poderosas da civilização humana. O affecto maritimo é uma das forças mais poderosas da civilização humana.

**Lições**

106 — Fac-simile do semanario A Civilização Popular

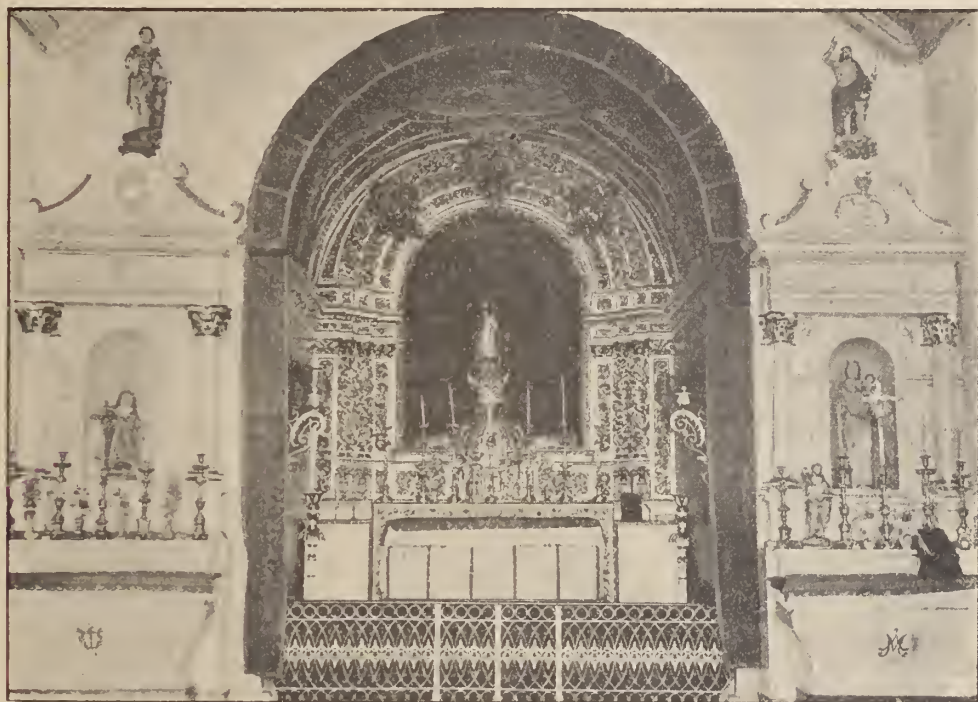
Todavia, a Azinheira ainda exporta algumas pedreneiras para as provincias ultramarinas, e para a Hespanha.

Rio Maior é titulo de nobreza de uma das mais illustres familias de Portugal.

### 1.º CONDE DE RIO MAIOR

João Vicente de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa, 1.º Conde de Rio Maior (1802), 16.º Morgado de Oliveira. Nasceu em 1746. Do Conselho de Estado, Gentil Homem da Camara da Rainha D. Maria I, Grão-Cruz da Ordem de Christo, Comendador d'Azamor no patriarchado de Santa Maria em Africa, de S. Martinho de Santarem, de Santa Maria da Torre na prelazia de Thomar, todas estas cinco commendas na ordem de Christo. Deputado na junta provisoria do Erario Regio e Inspector Geral do Terreiro Publico. Morreu em 1804, tendo cazado com D. Maria Amalia de Carvalho Daun e Lorena, 2.ª filha dos 1.ºs Marquezes de Pombal. FILHOS: 1.º D. Maria Constança, por seu casamento 6.ª Condessa da Ponte; 2.º Antonio, 2.º Conde de Rio Maior; 3.º José Sebastião, 1.º Conde de Alpedrinha; 4.º D. Mariana, casada com

D. Luiz Machado, cuja filha foi a 1.<sup>a</sup> Condessa da Figueira por seu casamento; 5.<sup>o</sup> D. Maria Ignacia, por seu casamento 1.<sup>a</sup> Condessa de Mesquitella; 6.<sup>o</sup> D. Anna Izabel, por seu casamento Viscondessa da Bahia; 7.<sup>o</sup> D. Francisca de Paula, por seu casamento 1.<sup>a</sup> Condessa de Oliveira dos Arcos; 8.<sup>o</sup> D. Leonor Ernestina, por seu casamento 4.<sup>a</sup> Marqueza de Pombal; 9.<sup>o</sup> João Carlos, 1.<sup>o</sup> Conde, 1.<sup>o</sup> Marquez, 1.<sup>o</sup> Duque de Saldanha; 10.<sup>o</sup> D. Maria Joanna, casada a primeira vez com Miguel Paes (Anadia) e a segunda com D. Sancho Manuel de Vilhena; 11.<sup>o</sup> Francisco de Paula, 1.<sup>o</sup> Conde da Azinhaga, casado com D. Emilia Ribeiro Neves; 12.<sup>o</sup> Domingos de Saldanha. Morreu solteiro, governador d'Angola.



107 — Altar-mór e lateracs da igreja parochial

## 2.<sup>o</sup> CONDE DE RIO MAIOR

Antonio de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa, 2.<sup>o</sup> Conde de Rio Maior (1804), 17.<sup>o</sup> Morgado de Oliveira. Nasceu em 1776. Moço fidalgo com exercicio, Grão-Cruz das ordens de Santiago e Conceição, Commendador da de Christo, Embaixador extraordinario ao Brazil (1823), Commissario real para acompanhar o infante D. Miguel em suas viagens, Coronel do Regimento de Milicias de Voluntarios Reaes de Lisboa Oriental, pelo mesmo Conde creado. Morreu em 1825, em Vienna d'Austria, tendo casado com sua prima D. Maria Leonor Ernestina de Carvalho Daun e Lorena, 1.<sup>a</sup> filha dos 3.<sup>os</sup> Marquezes de Pombal. FILHOS: 1.<sup>o</sup> D. Maria Francisca, solteira; 2.<sup>o</sup> João, 3.<sup>o</sup> Conde de Rio Maior; 3.<sup>o</sup> Nuno, casado com D. Maria Romana de Sousa. Teve seis filhos.

## 3.<sup>o</sup> CONDE DE RIO MAIOR

João de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa. 3.<sup>o</sup> Conde de Rio Maior (1824) 18.<sup>o</sup> Morgado de Oliveira. Nasceu em 1811. Par do Reino (1826), Grão-Cruz da Ordem da Conceição, Commendador da de Christo, Commendador da de Carlos III de Hes-

panha, Alferes honorario de cavallaria, Ajudante d'ordens do Duque da Terceira durante a campanha de 1833, Governador Civil de Coimbra (1854), Presidente e Vereador da Camara Municipal de Lisboa de 1858 a 1859, Procurador á Junta Geral do Districto. Morreu em 1872 tendo casado com D. Izabel Maria de Sousa Botelho Mourão de Vasconcellos, dama da Rainha e da Imperatriz, filha dos 1.<sup>os</sup> Condes de Villa Real, senhora de raro talento e virtude. FILHOS: 1.<sup>o</sup> Antonio, 4.<sup>o</sup> Conde e 1.<sup>o</sup> Marquez de Rio Maior; 2.<sup>o</sup> D. Thereza, s. g.; 3.<sup>o</sup> José, casado com D. Barbara Maria Tavares Proença, em que segue geração.

#### 1.<sup>o</sup> MARQUEZ E 4.<sup>o</sup> CONDE DE RIO MAIOR

Antonio José Luiz de Saldanha Oliveira Juzarte Figueira e Sousa, 1.<sup>o</sup> Marquez (1886), 4.<sup>o</sup> Conde de Rio Maior (1853). Nasceu em 1836. Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, Par do Reino hereditario, Official mór da Casa Real e durante muitos annos mestre-sala, 19.<sup>o</sup> Morgado de Oliveira no termo d'Evora (instituido em 1354 por D. Martinho de Oliveira, Arcebispo de Braga, em favor de seu irmão Pedro Pires de Oliveira); Morgado da Azinhaga (instituido por Christovão Soares, ultimo administrador e usufructuario dos bens da Commenda de Santa Maria d'Africa, na Ordem de Christo); Commendador da Ordem da Conceição, Grão-Cruz das Ordens da Rosa, do Brazil; da de Leopoldo, da Belgica; da da Corôa, de Italia; da de S. Gregorio Magno; Provedor durante 18 annos da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, Presidente por duas vezes da Camara Municipal de Lisboa, Vogal do Conselho Geral de Beneficencia, antigo Deputado da Nação. Morreu a 4 de fevereiro de 1891. Casou com D. Maria Izabel da Anunciação de Lemos e Roxas Carvalho e Menezes, dama camarista de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia; filha dos 2.<sup>os</sup> Marquezes e 2.<sup>o</sup> Condes da Bemposta-Subserra.

#### FILHOS DE D. JOSÉ DE SALDANHA OLIVEIRA E SOUSA, IRMÃO DO 1.<sup>o</sup> MARQUEZ

1.<sup>o</sup> João de Saldanha Oliveira e Sousa, engenheiro; 2.<sup>o</sup> D. Maria Izabel de Saldanha Oliveira e Sousa; 3.<sup>o</sup> D. Maria da Piedade, Marqueza de Lavradio; 4.<sup>o</sup> D. Maria Thereza, Condessa das Alcáçovas; 5.<sup>o</sup> José Luiz de Saldanha Oliveira e Sousa, agronomo.

Conheci pessoalmente o 4.<sup>o</sup> conde e 1.<sup>o</sup> marquez de Rio Maior.

Homem amavel, illustrado e caritativo, gosava de geraes sympathias.

A sr.<sup>a</sup> marqueza viuva tem o seu nome vinculado a muitas instituições de caridade e a numerosas obras philanthropicas.

Dama exemplarmente virtuosa, consagra a sua vida a actos relevantemente meritorios com uma dedicação verdadeiramente evangelica.

Folgo de já haver prestado a devida homenagem, em outra publicação, aos talentos e virtudes d'esta illustre dama da aristocracia de Lisboa. <sup>1</sup>

A casa Rio Maior não tem propriedade alguma no concelho d'este nome. O titulo derivou de uma commenda antiga.

Ha no concelho importantes quintas, taes como: a do Jogadouro <sup>2</sup> (cuja casa de habitação e capella arderam em 18 de janeiro de 1823), a das Bastidas, de Assentiz, Sanguinhal, S. Paio, Carvalhal, Seabra, etc.

O concelho, cuja população total é de 11.592 almas, comprehende, além da freguezia de Nossa Senhora da Conceição (villa), mais sete freguezias.

<sup>1</sup> *Esboço biographico da senhora marqueza de Rio Maior*, Lisboa, 1897.

<sup>2</sup> O nome provém de ter havido ali um jogo de bola, cujos fitos eram de ouro.

A das Alcobertas, orago Santa Maria Magdalena, com 1.213 habitantes, dista da séde do concelho 12 kilometros, para o norte.

O logar séde da parochia assenta n'um valle da serra das Alcobertas ou dos Candieiros.

Em frente da povoação, e na vertente oriental da serra, encontra-se a celebre caverna das Alcobertas, cuja extensão é de mais de 200 metros.

«A altura d'esta caverna, diz uma memoria, é muito variavel: ha pontos em que attinge quasi dez metros; n'outros apenas terá uns oitenta centimetros.

«As secções principaes em que se divide, acham-se separadas por penhas enormes, que é necessario galgar para seguir ávante, o que nem todos conseguem com facilidade.

«Ha paragens em que o aspecto d'estes subterraneos é sobremodo original e surpreendente. Os longos feixes de stalactites, os aggregados de stalagmites, as concreções que revestem paredes e abobadas, e que se combinam de mil modos, produzindo as mais estranhas figuras, delineando os mais extravagantes arabescos, facultam a uma phantasia creadora o descobrir ali mausoleus sumptuosos, estatuas, columnatas, lustres e candelabros, retabulos de alabastro, profusamente ornamentados com os mais subtis e delicados labores do estylo gothico florido.

«N'esta caverna deparam-se-nos algumas voragens e precipicios. Ao meio, proxima-mente, da galeria central, existe uma quadra onde desembocam varios corredores, e onde alguns individuos se teem já visto seriamente embaraçados, por não atinarem com a sahida d'aquelle labyrintho, no qual não é prudente penetrar sem ir premunido de um fio conductor.»<sup>1</sup>

Não consta, porém, que na caverna das Alcobertas hajam sido encontrados quaesquer vestigios das epochas préhistoricas.

As concreções vitreas, stalactites e stalagmites, estão muito damnificadas pelo vandalismo dos visitantes.

A freguezia das Alcobertas pertenceu ao concelho de Alcanede, extinto em 1855.

A da Arruda dos Pisões, orago S. Gregorio, foi outr'ora vigairaria e commenda da ordem de Aviz.

Tem apenas 316 habitantes. Dois d'elles fabricam loiça ordinaria.

O logar séde da parochia fica n'um valle, junto á ribeira das Alcobertas.

Dista da villa de Rio Maior 11 kilometros.

A freguezia de Nossa Senhora do Rosario da Azambujeira tem 511 vizinhos.

D. João IV elevou á categoria de villa, em 1654, o logar da Azambujeira, que pertencia então á freguezia de S. João da Ribeira, e doou-o a Lourenço Pires de Carvalho, provedor das obras e paços reaes.

Depois aquelle logar, em virtude de casamento da unica herdeira, passou á casa dos condes de Soure.

A freguezia comprehende mais os logares de Alfouves e Calhariz.

Dista da séde do concelho 18 kilometros, para suéste.

A freguezia de Santo Antonio de Fragoas pertenceu tambem ao concelho de Alcanede.

Conta 789 habitantes de ambos os sexos.

Ha escola para o masculino.

O logar de Fragoas fica na margem esquerda da ribeira das Alcobertas, e dista da villa de Rio Maior 10 kilometros, para nordéste.

<sup>1</sup> *Almanach de Lembranças* para 1887, pag. 421.

Faz-se aqui uma feira a 29 de setembro.

A freguezia da Marmelleira, orago S. Francisco de Assis, tem uma população de 1:393 habitantes. Fica a 12 kilometros da villa de Rio Maior e a outros tantos da estação do Valle de Santarem. Compõe-se das povoações da Marmelleira e Assentiz, que foram desannexadas da freguezia de S. João da Ribeira (decreto de 16 de maio de 1876). Ha pharmacia; e escolas para ambos os sexos.

A freguezia do Outeiro da Cortiçada, orago Nossa Senhora da Ribeira, tem 667 habitantes.

O logar do Outeiro está situado na margem direita da ribeira das Alcobertas.



108 — Estrada do Rio Maior para as Caldas no sitio das Bocas

Dista da villa de Rio Maior 11 kilometros, para léste.

A freguezia comprehende mais os logares de Val de Marinhas e Correias.

Ha escola para o sexo masculino.

A freguezia de S. João da Ribeira, orago S. João Baptista, tem uma população importante: 2.073 almas. Já foi cabeça do concelho de Rio Maior.

Todas as freguezias do concelho pertencem ecclesiasticamente ao Patriarchado.

Da estação de Sant'Anna ha carreiras para a villa de Rio Maior, ás terças, quintas e sabbados, e da villa para a estação ás segundas, quartas e sextas. A distancia é de 32 kilometros. O preço de cada logar — 500 réis.

O carro do correio para as Caldas da Rainha tambem costuma levar passageiros.



## XVII

# Santarem

### I

#### A CIDADE



PRECIO muito Santarem. Estive ali, pela terceira vez, a 14 de março d'este anno (1903). Fui assistir á exhumação da ossada de Pedro Alvares Cabral na igreja da Graça, por parte da comissão executiva do conselho dos monumentos nacionaes. Folguei de, sem o esperar, tornar a vêr uma terra de que havia trazido já por duas vezes agradaveis recordações.

Quando pela manhã sahi de Lisboa, chovia. Para mim a chuva em viagem é o peor de todos os accidentes imprevistos.

Mas, como se tratava de um acto official que tinha dia marcado, resignei me a partir. E o facto de tornar a ir vêr Santarem fez que me parecesse menos quesilenta a contrariedade da chuva.

A exhumação dos restos mortaes de Cabral e a sua trasladação para uma urna pomposa foram promovidas por um distincto brasileiro, o sr. dr. Alberto de Carvalho.

Eu não conhecia pessoalmente este cavalheiro, nem as pessoas, senhoras e homens, que de Lisboa o acompanhavam.

Na estação do Rocio não houve apresentações. Cada um tomou seu logar em silencio, como pôde. O comboio partiu, a chuva continuava, e o silencio tambem. Se não fôsse o dr. Serrano, illustre lente da Escola Medica, eu teria chegado a Santarem sem haver trocado duas palavras com pessoa alguma. Iamos todos para o mesmo fim, mas parecia que uma cautelosa reserva pairava sobre nós.

Quando nos apeámos em Santarem, tomámos logar nas carruagens que o governador civil puzera gentilmente á nossa disposição, e dirigimo-nos logo para a igreja da Graça.

A exhumação foi demorada, durou longas horas, e eu não sou homem para espe-

rar muito tempo pelos vivos, quanto mais pelos mortos. Como a chuva tivesse passado e o sol descobrisse, fui dar uma vista de olhos pela cidade. A' noite, quando jantava no *Hotel Commercial*, <sup>1</sup> soube que em vez de um Pedro Alvares Cabral haviam apparecido... seis!

Esta noticia não me espantou muito, não só porque já estamos habituados a que cada um dos nossos homens celebres tenha pelo menos duas ossadas, mas ainda porque Santarem é, para o meu espirito, uma terra complicada de interessantes surpresas.

Procura a gente ali uma cidade antiga, e encontra uma cidade nova. Procura uma cidade nova e tem a memoria cheia de tradições de uma cidade antiga. E' que em Santarem ha hoje reunidas n'uma só cidade muitas cidades de diversas epochas: ha a cidade mythologica do rei Abidis, a quem deve o seu primitivo nome de *Scalabis*, «alimento ou manjar de Abidis»; ha a cidade romana de Julio Cesar. *Præsidium Julium*, um dos tres conventos juridicos da Lusitania; ha a cidade gothica do tempo de Receswindo, epocha em que se diz ter vindo ao Tejo o corpo de Santa Irene, virgem martyr, d'onde alguns querem derivar o nome Santarem; ha a cidade moirisca, em cujo topo escarpado campeava a alcaçova, que Affonso Henriques assaltou pela porta de Atamarma; ha a cidade medieval, com algum raro vestigio da sua antiga fortificação, tal é uma guarita de pedra n'um dos angulos da muralha, cidade onde a côrte portugueza folgou por varias vezes e onde se desenrolaram grandes dramas, alguns d'elles funebres, como foram o supplicio de dois assassinos de Ignez de Castro e a morte desastrosa do mallogrado filho de D. João II; ha, finalmente, a cidade moderna, onde o recinto da alcaçova foi convertido no lindo jardim da *Porta do Sol* e as ruinas do convento de S. Domingos, tão bellamente descripto por Frei Luiz de Sousa, transformadas na actual praça de touros.

Das antigas portas de Santarem, sete foram derruidas pelo camartello municipal; apenas resta a da Alcaçova.

A cidade velha, se exceptuarmos a torre das Cabaças ou Cabaceiro, a guarita de pedra na murallia, a vetusta fonte das Figueiras reconstruida por D. Manuel, o Padrão de Santa Iria na Ribeira, e alguns templos, apenas sobrevive no papel, na historia, nas chronicas e nos poemas.

Sim, nos poemas tambem. Aqui tenho eu deante de mim um que se intitula o *Santissimo Milagre*, composto em verso branco — o mais branco possivel — por Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco, e publicado em 1839 (Lisboa).

O leitor vai ter occasião de avaliar, por um trecho d'este poema nefando, quanto seria maçador que eu me puzesse a fazer historia minuciosa de Santarem desde o rei Abidis até D. Affonso Henriques.

Sobranceira se ostenta, sita á margem  
Do decantado Tejo, sobre o Occaso,  
De Santarem a Villa; olhando ao longe,  
E com nobre altivez, os ferteis campos,  
Vastos, e amenos, que as riquezas suas  
Lhe offertam liberaes; e esses extensos,  
Deliciosos pomares, que por isso,  
Que os fructos todos no seu seio encerram,  
*Omnias* chamados são; e eis onde ella  
Magestosa se mostra; e em montes sete  
Firma, e descança o gigantesco corpo!

<sup>1</sup> Este hotel já fechou, por desaccôrdo entre os conjuges que o dirigiam. Hoje ha o *Hotel Duarte*, o *Hotel do Commercio*, e creio que mais um ou dois.

<sup>2</sup> Foi elevada á categoria de cidade por carta de lei de 24 de dezembro de 1868.



N'este setiplicado, excelso throno,  
 Sentada, qual rainha, ufana observa  
 Vir de longe correndo as niveas filhas  
 Do velho Tejo, em liquescida forma,  
 A render-lhe homenagem; e ella apenas  
 Seus pés estende, onde as coitadas beijam,  
 Que de ufania tanta descontentes,  
 Logo, insoffridas, em murmurio rompem !  
 Sobre um dos sete montes, e o mais alto,  
 Plano em seu cume, e onde Marvilla chamam,  
 Fundado está no meio o templo bello  
 D'esse primeiro Martyr, que regára  
 Com seu fecundo sangue o inculto Campo  
 Da Esposa do Senhor: a Santa Igreja,  
 Que, desde logo, produziu mil fructos ;  
 E tanto o exemplo seu instiga, e anima,  
 Que onze milhões de imitadores teve !

Contém a Villa treze freguezias,  
 E conventos quatorze, em seu recinto ;  
 De religiosos onze, e tres de freiras.

Ah! Leonardo da Senhora das Dores, poeta brasileiro piauiense, que já não posso mais; nem o leitor tambem. Estamos a bocejar com somno.

Depois de Lisboa, não ha cidade de que se tenha escripto tanto em prosa e verso. O que está escripto, escripto fique. Nós vamos por aqui fóra a querer pensar mais no impressionismo galante de Garrett do que nas chronicas maçudas e nos chronistas maçadores. De poetas, como o nosso bom Leonardo, nem é bom falar. Diremos o que pensamos de Santarem, como attraente terra que é, com soberba paizagem de terra e agua, de montanha escarpada e de valle profundo, terra amena e fertil — deixando em paz os romanos, os godos, os moiros, os affonsinhos e os frades.

A cidade actual continua a manter a sua variedade de aspectos, porque se conserva dividida em tres bairros distinctos; Marvilla no alto, Alfange n'uma quebrada á banda do sul; Ribeira, na margem do Tejo.

Como graciosos appensos d'esta pittoresca cidade tripartida devemos mencionar o fecundo torrão das Assacaias, ao norte e ao meio dia os feracissimos pomares e verdejantes hortas das Omnias, que, como disse o relamborio poeta Leonardo, tudo produzem, o que plenamente justifica a sua denominação latina.

A propria configuração da cidade impede que ella possa ser vista em conjunto n'um só lance de olhos. Parece, portanto, mais pequena do que é, mas a belleza da paizagem, a altura do monte, em que outr'ora assentava a alcaçova, as edificações que alvejando espreitam por entre as arvores e os rochedos, dão immediatamente ao viajante a impressão de que Santarem é chamada com toda a propriedade a rainha do Ribatejo.

A extensa ponte, que mede 1.195 metros de extensão e foi inaugurada a 17 de setembro de 1881, communicando as duas margens do Tejo, completa desde logo a convicção de que está ali construida para servir os interesses de uma cidade importante e populosa, que trasborda o seu movimento e vitalidade para toda a vasta região ribatejana.

E' pelo bairro da Ribeira que passa a linha ferrea do norte, a pequena distancia do rio. E' ahí que se encontra a «estação de Santarem». Este bairro da Ribeira é já de per si uma villa, que, pôde dizer-se, alimenta uma vida local independente.

Já antes da conquista christã era um arrabalde povoado, tanto que D.'Affonso Henriques, ao acommetter a alcaçova, se desviou d'elle para não levantar suspeitas e

evitar o alarma: teve outr'ora o nome de Sesarigo, como se vê de um documento dos Templarios — *in suburbio de seserigo* — e do cancionero do Collegio dos Nobres:

Ai senterigo, ai senterigo ?  
Al é Alfanz, e al Sesarigo.

Aqui estão nomeados os dois bairros inferiores de Santarem: Alfange e Sesarigo. Esta ultima denominação julga Alexandre Herculano que significasse terreno á borda de um ribeiro ou rio, proprio para construir azenhas. O bairro da Ribeira tem commercio proprio, animado pelo trafego do Tejo e do caminho de ferro. Comprehende varias ruas, uma praça ampla, uma igreja parochial, uma capella do secu-



109 — Uma vista de Santarem

lo xv, dedicada a Nossa Senhora das Neves, e um theatro, que actualmente acumula tambem as funcções de assembléa.

Além d'isto, tem suas memorias historicas, taes como o Padrão de Santa Irene ou Iria e a lenda do Alfageme vidente.

Contaremos ao leitor, no capitulo «Thomar», a vida e morte de Santa Iria.

Aqui, no primeiro encontro com esta lenda religiosa, que se encadea a duas cidades e tres rios da Extremadura portugueza, teremos que recordar apenas a historia maravilhosa do moimento.

O corpo de Santa Iria foi pelo Nabão levado ao Zezere, e o Zezere o trouxe ao Tejo até junto á ribeira que hoje, talvez por esse mesmo motivo, se chama de Santarem.

Diz-se que os habitantes da Chamusca, vendo passar á flor da corrente um vulto negro — talvez não despojado ainda de algum manto escuro com que a casta Iria se abafasse nas suas noites de penitencia, porque outras roupas lhe arrancou, como sabere-

remos, o soldado algoz — conjecturaram ser uma saca de carvão de sôbro, e assim lhe ligaram pouco valor.

Refere tambem a tradição que desde essa hora e por memoravel castigo ficaram todos os habitantes da Chamusca muito bronzeados do rosto, como se fossem da côr do carvão.

Ainda ouvi falar de identica pena infligida pelo Céu a outros moradores da margem do Tejo, mas não me lembra qual terra.

O monge Celio, tio de Iria, veio, com toda a gente nabantina, procurando o cadaver da virtuosa sôbrinha.

Na falda do monte Scalabitano é que o corpo de Iria havia parado, e ahi lhe tinham fabricado os anjos por suas proprias mãos um prodigioso sepulcro de alabastro occulto sob as aguas.

Os de Nabancia tiveram a revelação de ser aquella a mysteriosa jazida de Iria.

«Chegaram ao pé do tumulo, diz Garrett, abriram-n'o, viram e tocaram o corpo



110 — A Ponte de Santarem

da santa, mas não o poderam tirar, por mais diligencias que fizeram. Conheceu-se que era milagre; e contentando se de levar reliquias dos cabellos e da tunica, voltaram todos para sua terra.

«As aguas tornaram a juntar-se e a correr como d'antes, e nunca mais se abriram senão d'ahi a seis seculos e meio, quando a boa rainha santa Isabel, mulher d'el-rei D. Diniz, tão fervorosas orações fez ao pé do rio pedindo á santa que lhe apparecesse, que o rio tornou a abrir-se como o mar Vermelho á voz de Moysés, dizem os devotos chronistas, e patenteou o bemdito sepulcro».

Se acrescentarmos que nem então o mesmo tumulo se deixou abrir, esta é a mesma versão ministrada por Frei Isidoro Barreira nos capitulos xxiii e xxiv da *Historia da vida e martyrio da gloriosa Virgem Santa Eria*.

Castilho, nos *Quadros historicos*, traz uma ballada em que rememora os prodigios do tumulo de Santa Iria na ribeira de Santarem.

E' um cantar de romeiro :

O sol té aos fundos penetra do mar :  
 Quem fôra planeta de tanto luzeiro !  
 Que vira o que nunca vêr pôde um romeiro,  
 Segredos divinos de muito folgar.

Veria em que valle do Tejo, encantado,  
 Reluz o sepulcro de tanta valia,  
 E n'elle, entre palmas, de rosas c'roado,  
 O corpo de Iria.

As aguas co'as folhas têm longo palrar :  
 ;Ai bordas do Tejo, quem fôra salgueiro !  
 De uns psalmos soubera que ignora o romeiro,  
 Segredos divinos de muito folgar.

Soubera os cantares que a todo momento  
 Os anjos renovam com gran melodia,  
 Debaixo das ondas em torno ao moimento,  
 Sacrario de Iria.

Quem fôra a serea do mago cantar,  
 Ou quem te soubera cantar feiticeiro !  
 Da veia do Tejo, de noite ao romeiro  
 Cantára mil cousas de muito folgar.

Cantára-lhe a vida do lirio entre espinhos  
 Nascido, creado, desfeito n'um dia,  
 E como ao céu alto, por novos caminhos,  
 Subiu Santa Iria.

Assim descantava, de noite ao luar,  
 Em barca boiada sem mão de romeiro,  
 No pégo de Iria, de Iria um romeiro,  
 Accêso em saudades de santo folgar.

E ao somno passando com esta memoria,  
 Sonhou que os desejos o céu lhe cumpria !...  
 Desfaz-se-lhe o sonho, desperta na gloria,  
 E vê Santa Iria !

Vamos agora á historia do tumulo, tomada desde o tempo de D. Diniz :

«E vendo El-rei D. Diniz, e a Rainha Santa, diz Frei Isidoro Barreira, que as aguas do Tejo davam mostra de tornarem a seu ordinario curso, e com ellas se havia de tornar a cobrir a sepultura de Santa Eria sem ficar signal certo do logar em que fôra vista, mandaram com presteza fazer sobre ella um baluarte de pedra e cal para continua lembrança do milagroso successo e logar em que se achára a tal sepultura, e d'isso não houvesse duvida em os tempos vindouros. Onde é de advertir que sobre este baluarte antigo, que pelo tempo adeante com a continuação e corrente das aguas veio a parecer um tôsko penedo, se edificou depois outro de cantaria a modo de pyramide, que ali mandou fazer a villa de Santarem, menos ha de cem annos (isto era impresso em 1618), mas do antigo que fica debaixo, que hoje parece uma só pedra carcomida, se tirou sempre, e tira ainda agora areia por partes, que estão abertas, para doentes de maleitas, que são muitos os que n'esta molesta enfermidade recorrem com grande devoção a esta boa mézinha, etc.»

Em 1644 o senado santareno tornou a occupar-se do tumulo de Santa Iria, mandando reparar os estragos causados pelo tempo e pela agua.

Muitas vezes as cheias do Tejo teem attingido o moimento, menos o busto que o encima. O povo diz que se alguma vez o busto fôr alcançado pela corrente, o mundo inteiro ficará coberto d'agua, a inundação será geral e tremenda, — um diluvio.

Esse modesto monumento de pedra, de que o bairro da Ribeira tanto se ufana, inspira grande devoção aos moradores do bairro, especialmente aos barqueiros do Tejo, que fazem muitas offertas de azeite á imagem de Santa Iria, para alimentar a lampada do seu culto.

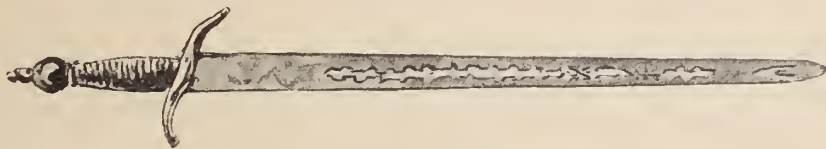
Outra lenda da Ribeira é a do famoso Alfageme, que revelou ao joven D. Nuno Alvares Pereira as suas futuras glorias militares em serviço da independencia da patria

e que deu o assumpto e o titulo a um dos dramas historicos com que o visconde de Almeida Garrett restaurou o theatro nacional.

A espada sobre a qual o Alfageme fez a sua propheta, existe, ou como tal a julgam, no gabinete de archeologia e numismatica do real paço da Ajuda.

A Ribeira, posto lucre com a vizinhança do Tejo, tambem ás vezes é incommodada por causa d'ella, na occasião de cheias. O rio alaga as ruas e invade os predios, de modo que os moradores do bairro são obrigados a servirem-se de barcos como unico meio possivel de locomoção.

E' a Ribeira um bairro popular, onde ainda hoje se faz sentir a influencia tradicional dos antigos costumes portuguezes, taes como a «Serração da Velha» e o «Enterro do Bacalhau», que ali se teem celebrado nos ultimos annos com pompa e brilho.



111—A espada do Condestavel

A Ribeira faz parte da cidade de Santarem, mas parece, pela sua situação topographica e pela sua vida propria, uma villasinha autónoma, modesta e tranquilla, que de nenhum modo nos deixa adivinhar a cidade altiva, antigamente guerreira e cortezã, cavalheiresca e fidalga, que se enthronisa, com os seus edificios historicos, no topo da montanha.

D'aqui uma certa rivalidade entre o bairro baixo e o bairro alto de Santarem, cujos moradores crearam designações toponymicas com que uns aos outros procuram differenciar-se, comquanto todos elles sejam santarenos.

Os da Ribeira são *ribeiristas*; os de Marvilla, certamente por corrupção de vocabulo, são *marmellistas*.

E nem uns nem outros queeriam trocar suas glorias e tradições locaes, pois que se Marvilla tem os seus conventos e igrejas, os seus palacios e repartições publicas, a Ribeira possui a sepultura de Santa Iria e a lenda do Alfageme: em cima está a *cidade*; mas em baixo está o Tejo. Brazão por brazão, pergaminho por pergaminho.

E de mais a mais o nome actual, Santarem, partiria de baixo para cima: foi o bairro da Ribeira — diz a tradição ribeirista — que o cedeu á *cidade*, posto que Santa Iria lhe pertença por incontestavel direito que deriva de uma posse secular.

A' chegada dos comboios ha sempre diligencia e trens que transportam os viajantes ao bairro alto. Cada trem, 500 réis; cada logar na diligencia, 100 réis.

Esse primeiro passeio, de tres kilometros, é já de si mesmo o prologo encantador de uma agradabilissima *villegiature*.

Os trens vão subindo vagarosamente por uma estrada povoada de umbrosos arvores, que vestem opulentamente as quebradas e os declives, parecendo que de proposito quiz a natureza entornar sobre os rochedos uma onda de poderosa vegetação para disfarçar a aspereza das escarpas e illudir a curiosidade do viajante.

A' medida que se sóbe, o Tejo vae reaparecendo mais vasto e mais fundo no valle, e um panorama extenso e suave começa a desenrolar-se cortado apenas, aqui e ali, pelos primeiros edificios da cidade alta, que emergem d'entre o arvoredo.

Vamos vendo, de passagem, ao aproximarmo-nos de Marvilla, algum resquicio da monumental Santarem de outr'ora.

Está n'este caso a antiga *Fonte das Figueiras*, com os seus arcos ogivais e a sua cimalha denticulada, galante construcção, restaurada no seculo xvi.

Surge-nos, sobranceiro, o antigo convento de Santa Clara, tão rico de memorias, e até conhecido pelos famosos bolos *celestes* que as freiras fabricavam por suas mãos.

Hoje não ha ali freiras; mas ainda em Santarem se vendem os deliciosos *celestes*, porque os preparam certas conserveiras que do convento herdaram o segredo de os fazer, genuinos.

Santa Clara é o bairro dos ciganos, a Triana de Santarem.

Entrámos finalmente na cidade, surgem-nos fachadas de grandes edificios, os conventos da Trindade e S. Francisco, que são hoje o quartel de artilharia, e logo adeante d'elles, tambem á direita, o *Passeio da Rainha D. Amelia*, contiguo ao vasto Campo Sá da Bandeira; passamos o largo de Passos Manuel, que se nobilita com o amplo edificio do Seminario, e penetrámos nas estreitas ruas de Santarem, que são um feito de origem, já quanto possivel corrigido por alinhamentos modernos.



112—As cheias na Ribeira

Fére-nos logo a vista a exuberancia de movimento commercial. De um lado e outro de cada rua abundam as lojas de fazendas, de quinquilharias, de modas, de utensilios domesticos, de generos alimenticios. Ha *montres* elegantes, algumas luxuosas; e extensos estabelecimentos que rivalisam com os de Lisboa na capacidade e na provisão.

O vasto armazem de fazendas de

Alexandre da Silva Telhada & Irmão, installado em edificio proprio, bem pôde chamar-se o Grandella de Santarem.

A cidade historica tende a desaparecer, é certo, os monumentos antigos teem sido transformados ou abatidos, bem ou mal, mas a Santarem moderna é uma cidade viva, activa, rica, especialmente pela abundancia e energia dos factores commerciaes.

Não se encontra um unico vestigio de mendicidade; dos moradores do bairro alto os que não são ricos parece serem remediados.

O viajante, já bem disposto pelas bellezas naturaes que o impressionaram desde a Ribeira, começa a sentir-se bem, a tomar gosto á terra quando chega a Marvilla, não obstante a estreiteza das ruas e o aspecto antiquado dê muitas d'ellas.

Reconhece que está n'uma cidade que trabalha, interessam-n'o as cambiantes da vida local e a actividade da população, em que se nota o que quer que seja de mundanidade alegre e civilisada.

E' que as familias santarenas, algumas das quaes são de boa origem, possuem os recursos pecuniarios sufficientes para uma existencia despreoccupada; e da sua facil communicacão social com Lisboa tiram o gosto pelo theatro, pelos passeios, pela *toilette*, pela convivencia e trato polido, por todo esse «verniz de vida» que caracteriza os grandes centros populosos.

Assim, não obstante a cidade estar alcandorada e como solitaria sobre uma alta montanha, cujo acesso é difficil, o seu aspecto interior revela alegria e a sua população, longe de ser bisonha, diverte-se e trabalha, enriquece e gosa, vive e convive, aproveitando todos os regalos e distracções das sociedades modernas.

Não se limita, pois, a ser fanatica por touros e touradas como aliás todo o Ribatejo; divertimento que por tradição regional alvoroça sempre o espirito dos santarenos e lhes fornece assumpto para animadas discussões.

Tem um lindo theatro, que tomou o nome da actriz «Rosa Damasceno» e que, se exceptuarmos o de Evora, é um dos melhores e mais elegantes que conhecemos nas provincias do sul.

Bom theatro, com tres ordens de camarotes, além das frizas.

O panno de bocca, representando a vista do Tejo, foi pintado pelo visconde de Athougua.



113 — Vista da cidade alta

No vestibulo ha uma miniatura da sala, para facilitar a escolha dos logares.

Ha ainda na cidade alta, por detraz do Museu de S. João d'Alporão, o modesto theatrinho «Taborda».

Possue Santarem uma excellente assembléa, onde todas as noites se reúnem os mais grados habitantes da cidade e onde, pelo Carnaval, se realizam bailes muito concorridos e brilhantes.

Não vá suppôr-se que esta tendencia de sociabilidade se circumscreve apenas ás familias principaes. Não. Os empregados do commercio organisaram uma Tuna para seu recreio. E as classes operarias tambem se divertem e convivem. O leitor ainda ha de estar lembrado do pavoroso incendio que destruiu o *Gremio artistico* de Santarem n'uma noite de Carnaval, 18 de fevereiro de 1896, fazendo 36 victimas.

Como *rendez-vous* elegante, ao ar livre, ha em Santarem o *Passeio da Rainha* onde, aos domingos e quintas feiras toca a banda regimental, e que costuma ser frequentado pela melhor sociedade scalabitana.

N'este Passeio o *trottoir* elegante é a rua fronteira á fachada lateral do Seminario.

As damas santarenas vestem com distincção e simplicidade, andam ao corrente da moda pelos figurinos de Lisboa, e são gentilmente amaveis. Ha entre ellas algumas de maior belleza. Vi tres, como taes celebradas com toda a justiça. E os meus olhos deram-se por bem pagos da viagem a Santarem. Rendi-lhes o devido culto — o culto que merecem todas as mulheres bonitas, porque são a glorificação esthetica do Creador na creatura.

Mas o *Passeio da Rainha*, com ser o mais elegante de Santarem, não é o mais pittoresco, pois em formosura de situação o desbanca e supplanta o jardim da Porta do Sol, fundado em 1895 no monte da Alcaçova.

Construiu-se uma larga avenida, que se intitula *Conde de Alto Mearim*, e que duas filas de olaias marginam gentilmente.

Que lindo é vel-a, quando na primavera as olaias estão floridas!

Seguindo para o Jardim da Porta do Sol, ficam-nos á esquerda, sobre esta avenida, dois edificios notaveis por seu valor historico: a modesta casa onde nasceu a 26 de setembro de 1795 o marquez de

Sá da Bandeira, e a branca igreja da Alcaçova, que já não é mais do que uma contrafacção da sua primitiva fabrica.

O marquez de Sá da Bandeira, Bernardo de Sá Nogueira, foi um dos mais heroicos defensores da Liberdade e da Carta, um dos mais dedicados amigos do Imperador e da Rainha.

A 8 de setembro de 1832, no Alto da Bandeira, em Gaya, uma bala miguelista fracturou-lhe o braço direito. Continuou no seu posto, bravo, sereno, commandando firmemente os soldados, até reconduzil-os para dentro do Porto. Só então, cumprido o dever militar, deixou fazer a amputação, que soffreu sem um gemido.

Tal era, no campo de batalha, a bravura de Bernardo de Sá Nogueira.

Com razão, pois, disse Pinheiro Chagas a seu respeito: «Sá da Bandeira, que era um d'esses varões de Plutarcho, que apparecem de secu-



114 — Fonte das Figueiras

los a seculos na historia, que se chamam Nuno Alvares Pereira na nossa idade média, Bayard em França, D. João de Castro na nossa epopea indiana; Sá da Bandeira, o cavalleiro *sans peur et sans reproche*, valente como a sua espada, era tambem como a sua espada um espelho de lealdade, de pundonor e de brio».

Durante o perigo, a coragem de Sá da Bandeira mantinha-se inabalavel, fria como um bloco de gelo.

Em 1838, sendo então presidente do conselho de ministros, esteve para ser assassinado durante o motim que perturbou a procissão de Corpus Christi, porque defendeu contra os discolos a porta da casa onde se haviam refugiado José da Silva Carvalho e Antonio Bernardo da Costa Cabral. Escapou de uma bayonetada, que, felizmente, encontrou resistencia no crachá que Sá da Bandeira trazia ao peito.



O auctor do attentado foi preso, agarrado pela multidão.

Sá da Bandeira disse serenamente:

— Dêem-lhe de comer e deixem-n'ò ir.

Como estadista, Sá da Bandeira foi honesto e bom, altruista e sincero.

Dois nobres ideaes, principalmente, encheram os ultimos annos da sua velhice: a defeza militar do paiz e a abolição da escravatura nas colonias portuguezas.

Foi elle, entre nós, que deu os primeiros passos n'este sentido.

Convencido de que o progresso das nossas provincias ultramarinas devia começar por abolir-se n'ellas a escravidão, todos os seus pensamentos eram orientados n'esse generoso proposito.

Uma vez passeava em Cintra com el-rei D. Pedro V.

Passando em frente da quinta de um homem que enriquecêra no Brazil, e apòntando para as aguas que repuxavam no tanque, disse Sá da Bandeira ao rei:

— Sabe V. M. o que ali está correndo?

— O que ali corre?! respondeu com surpresa D. Pedro V. E' agua.

— Não, meu senhor. E' o sangue dos negros, com que foram amassados os alicerces de toda esta riqueza.

Bernardo de Sá foi primeiro barão, primeiro visconde e primeiro marquez de Sá da Bandeira.

Este titulo commemora o brilhante feito d'armas de que sahi mutilado em Gaya.

Sá da Bandeira falleceu em Lisboa, na sua casa da travessa do Moreira, ao Salitre, a 6 de janeiro de 1876.

O seu cadaver foi conduzido para Santarem e recolhido no jazigo de Manuel da Silva Passos.

Sá da Bandeira deixou umas breves instrucções para o seu funeral:

«Quero que o meu corpo seja sepultado no cemiterio da cidade de Santarem, á qual tenho tido sempre especial affeição, por haver nascido n'ella, e pela sympathia que á mesma cidade me causaram os seus infortunios, soffridos pela invasão dos francezes e guerra civil.

«Quero que em Santarem se façam os officios na igreja do Salvador, em cuja freguezia nasci, e que estes officios constem apenas de uma missa resada com as cerimoniaes do ritual».

Tambem deixou o teor do seu epitaphio escripto do proprio punho:

BERNARDO DE SA NOGUEIRA

FOI SOLDADO DESDE O DIA 4 DE ABRIL DE 1810;

COMBATENDO PE' A INDEPENDENCIA DA PATRIA, FOI GRAVEMENTE FERIDO

E DEIXADO POR MORTO NO CAMPO DE VIEILE, EM FRANÇA;

COMBATENDO PELA LIBERDADE, FOI FERIDO QUATRO VEZES

E PERDEU O BRAÇO DIREITO NO ALTO DO BANDEIRA.

SERVINDO O SEU PAIZ, SERVIU AS SUAS CONVICÇÕES;

MORRE SATISFEITO, A PATRIA NADA LHE DEVE

Mandava-se enterrar em campa rasa, á sombra de uma arvore, que podia ser uma nogueira, mas nunca um cypreste.

E assim dorme hoje na paz eterna de uma gloria modesta aquelle que honrou a sua patria bem servindo-a.

A linda Avenida *Conde de Alto Mearim* predispõe excellentemente o viajante para d'ali a pouco ir gosar um dos mais bellos panoramas da provincia da Extremadura.

Refiro-me á Porta do Sol, d'onde se abrange um vasto horizonte, a perder de vista pelo Ribatejo fóra: immensas planicies, esmaltadas de vegetação, salpicadas de grupos

de casas, povoações que, como Almeirim, Alpiarça, Muge e Salvaterra, alvejam mais perto ou mais longe.

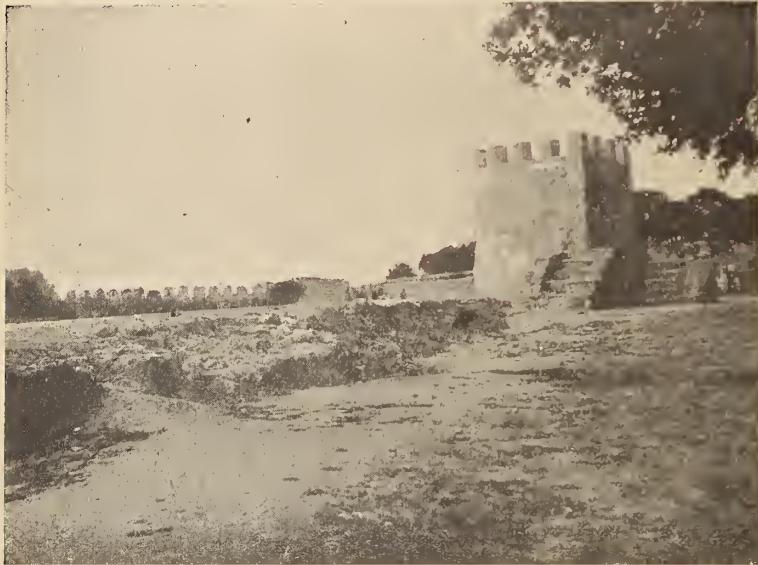
Em baixo, no valle, o Tejo deriva imponente e extenso, n'um recorte caprichoso, que lhe augmenta a belleza.

Os rios dão a todas as paizagens uma fluidez suave, que as avelluda docemente, embora em certos dias mais nublados lhes ponha algum toque de melancolia.

Garrett viu o panorama da *Porta do Sol* n'um d'esses dias: não ha que duvidar.

Aqui o Tejo contribue para amaciar cristallinamente a paizagem.

Porta do Sol! Rocha Tarpeia d'onde outr'ora, segundo a tradição, eram despeñados os réus condemnados a pena ultima. Mas bem posto nome, qualquer que seja a sua origem. Por ali entra não só o sol, mas todo o céu, toda a belleza do ar e da



115 — Antigas muralhas da Porta do Sol

terra n'uma alliança encantadora de côres e de luz. Ali, no alto do monte, dominando vastos territorios e um hemicyclo amplissimo, como que nos assalta a vertigem do infinito. Temos inveja ás aves, ambicionamos duas azas, que nos levem céu em fóra n'um largo vôo de insaciavel curiosidade e de inquieta phantasia.

Já n'aquelle espaçoso recinto não existe a alcaçova, reduzida agora a escassos trechos de muralha, foi-se ó passado, foram-se as pedras an-

cestraes, mas ficou a eterna belleza da paizagem, que o homem não pôde demolir, e menos ainda apagar.

Ha ali uma casa realmente invejavel, não só porque nenhuma outra está melhor situada, mas tambem porque pertence á familia de um homem, que possuiu em alto grau a instrucção progressiva dos estadistas revolucionarios.

Refiro me a Passos Manuel, homem do norte, que se aclimou no sul e foi tão grande na sua epoca, que ainda hoje seria talvez maior.

N'aquella casa se hospedou Garrett, ali lhe acudiram, certamente, os primeiros pensamentos galantes das suas *Viagens*, que trouxe para Lisboa *in mente*.

Este jardim da Porta do Sol tem seu lago, seu casal de cysnes, seus relvados e canteiros, mas o que elle possui de melhor e de mais bello, não está dentro dos seus graciosos contornos, está fóra, ao largo, no ar, na terra, que d'ali se dilatam infinitamente, deslumbrando os olhos e a imaginação. E comtudo este Passeio é menos frequentado pela sociedade elegante que o da Rainha D. Amelia.

No recinto da Porta do Sol acha-se edificado o reservatorio da agua do Tejo que, por meio de um elevador mecanico, vai abastecer a cidade alta.

A esthetica quereria tirado d'ali aquelle edificio de pedra e vidro, mas a prosa da vida, e da mecanica tambem, precisava trazer a agua ao ponto culminante da cidade, e trouxe-a.

A esthetica que se encolha.

E viva a Porta do Sol, apesar do reservatorio, porque ella é a mais bella joia da Santarem de todos os tempos, sem offensa de outros lindos pontos de vista, o *Monte do Cravo*, por exemplo.

O elemento militar anima por sua vez a vida da cidade. Além de artilharia 3 e de caçadores 6, ha a mencionar o pessoal superior do Presidio, que se compõe de um commandante, um adjunto, um medico, um capellão e um secretario.

Aquelle edificio, que foi construido no monte da Rafoa com pedra do extincto convento de S. Domingos — até as pedras estão sujeitas ao capricho dos fados! — comquanto fosse destinado a penitenciaría districtal, tem servido para dar cumprimento á pena de «presidio» estabelecida no codigo de justiça militar de 13 de maio de 1896.

Situado ao poente do Campo Sá da Bandeira, a sua fachada desenha-se no fundo de uma alameda e, sem ser ostentosa, é contudo elegante.

Os uniformes dos officiaes aquartellados em Santarem põem uma nota brilhante no aspecto da população, e a banda de caçadores 6, quando ao domingo passa para a missa, alegra as ruas attraíndo ás janelas as damas santarenas.



116 — Presidio militar

Tambem concorrem os estudantes, todos de capa e batina, para variar o aspecto geral da vida exterior.

Ha na cidade um movimento quasi constante de trens, particulares ou de aluguer, além dos que diariamente fazem carreiras para a estação do caminho de ferro. No districto residem muitos agricultores abastados, e até illustres, que possuem carruagens, e que frequentes vezes visitam a cidade em passeio de recreio ou para realizar transacções e fazer transferencias de fundos.

Em Santarem funciona uma agencia do Banco de Portugal, o que por si só dá a medida da importancia commercial da cidade.

Os cereaes, o vinho e o azeite constituem os principaes ramos de negocio.

Ali fui encontrar um cavalheiro natural de Villa Nova de Gaya, que se occupa no commercio de vinhos como agente de importantes transacções, e sei que outros cavalheiros da mesma procedencia ali residem para identico fim.

Falando dos vinhos de Santarem, Antonio Augusto de Aguiar diz que esta região apresenta os vinhos do campo, empregados como vinhos de caldeira, e os dos bairros, dos terrenos altos e enxutos, diferentes dos primeiros, e considerados de copo e de exportação.

Acrescenta que Santarem, Pombalinho, Azinhaga e Chamusca são o solar dos vinhos do campo.

Quanto ao azeite, o leitor sabe que é muito afamado o que se produz no districto

de Santarem. Alexandre Herculano, em Val-de-Lobos, deixou de ser historiador para ser azeiteiro. O azeite de José Galache goza de excellente reputação.

Os bastos olivedos da região santarena deram origem ao dictado popular: «Séca, Méca e Olivaes de Santarem».

Garrett, nas *Viagens*, procurou explicar este proloquio aventando a hypothese de que — Séca — fôsse corrupção de — Asseca.

N'esta ordem de idéas, Méca deveria ser Santa Quiteria de Méca, no concelho de Alemquer.

Mas, segundo Moraes, o proloquio vem-nos do castelhano, que por sua vez o recebeu do arabigo, «porque *Céca* era uma das romarias dos mouros em Cordova». Entende, pois, que devemos graphar á castelhana, *Céca e Méca*, e o mesmo entende Cortesão nos *Subsidios*. Portanto, andar de Céca em Méca ou correr Céca e Méca exprimiria primitivamente, segundo os arabes de Hespanha, a longa e religiosa andada entre a romaria a Cordova e a peregrinação á cidade santa onde Mahomet nasceu, peregrinação que todo o bom mussulmano deve fazer pelo menos uma vez na vida. O mesmo proloquio encontra-se na *Ulysippo* de Jorge Ferreira. Moraes conclue dizendo que lhe acrescentamos «e olivaes de Santarem» por serem mui dilatados.

Já que estamos com a mão sobre locuções populares, lembraremos que tambem se relaciona com a cidade de Santarem a que diz respeito ao famoso «homem das botas.»

Referem as chronicas milagrentas que na rua das Esteiras d'esta cidade vivia no seculo XIII certa mulher, que foi consultar uma comadre judia para que lhe ensinasse o modo de reaccender as ternuras amorosas do marido.

Aconselhou-lhe a judia que, fingindo ir commungar á igreja de Santo Estevam, trouxesse para casa a hostia embrulhada na beatilha. Depois lhe diria o mais que tinha a fazer.

A crédula mulher executou o conselho, mas quando ella tornava da igreja com a sagrada particula, notou o povo que da beatilha escorria sangue.

Muito perturbada, a comadre da judia correu para casa, e guardou a hostia n'uma arca.

De noite, tanto ella como o marido accordaram deslumbrados por uma estranha claridade e logo sentiram no ambiente um cheiro muito suave.

Então a pobre mulher, já arrependida e attonita, contou ao marido tudo quanto fizera, e o marido não descançou emquanto não foi contar ao parochio de Santo Estevam tão prodigioso successo.

Seguiu-se a reconducção processional da hostia áquella igreja, levando-a o povo em triumpho.

Ao maravilhoso acontecimento ficou-se chamando o *Santo Milagre*, sendo a hostia, que lhe deu origem, considerada desde logo uma preciosissima reliquia e encerrada n'uma ambrula de cristal.

Tanto os santarenos a estimaram que, no tempo dos francezes, para maior segurança a trouxeram, muito em segredo, para a Sé de Lisboa, d'onde passou para a capella do patriarcha no palacio da mitra em Marvilla.

Expulsos os francezes, quizeram os santarenos reaver a sua estimada reliquia, mas o povo de Lisboa oppunha-se á restitução.

Parecia não haver meio de resolver esta difficuldade. Comtudo a imaginação humana é fertil em recursos, e no dia 3o de novembro de 1811 appareceu affixado nas ruas de Lisboa um cartaz annunciando que, no dia 2 de dezembro proximo, um official britânico atravessaria o Tejo, por aposta, com um par de botas de cortiça, desde a torre de Belem até á Torre Velha (hoje Lazareto).

Quem fabricou este aviso conhecia bem a indole curiosa, o genio pasmadiço e frivolo dos lisboetas.

Despovoou-se a capital para ir vêr «o homem das botas».

Mas tal homem não appareceu.

E emquanto os alfacinhas estavam de olho arregalado para o Tejo, alguns devotos santarenos safaram-se rio acima, n'uma falua, levando comsigo a preciosa reliquia.

De modo que falar no «homem das botas» vale o mesmo que dizer — grande logro e pirraça.

Historicamente, esta locução popular lembra logo Santarem e o *Santo Milagre*.

Lisboa não gosta nada de quê lhe recordem tamanho fiasco.

E eu estou bem certo de que ainda hoje seria facil engrolal-a com qualquer outro «homem das botas».

A questão era apparecerem os cartazes.

No domingo do Bom Pastor e no domingo seguinte faz-se em Santarem a festa do Santo Milagre. Por essa occasião, a ambula que contém a hostia — diz-se que a sagrada particula conserva ainda laivos de sangue — é dada a beijar aos forasteiros, aos habitantes da cidade e aos alumnos do Seminario.

Uma trova popular allude a esta devoção :

Fui a Santarem por terra  
P'ra vêr o Santo Milagre:  
Nunca vi terra tão santa,  
Gente de tanta maldade.

Tambem no domingo do Bom Pastor se faz a feira do Santo Milagre.

A casa da rua das Esteiras foi convertida em capella — por memoria do caso milagroso.

O Santo Milagre tem dado assumpto a muitos escriptores.

Sobre elle escreveram monographias Pedro Mariz (1612), Frei Manuel de Santa Anna Braga (1803), Frei Claudio da Conceição (1811); e o brasileiro Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco compoz o poema que já citamos no principio d'este capitulo.

Ainda ultimamente (1901) o sr. Salvador José da Costa escreveu uma peça em 3 actos e 5 quadros, intitulada *Zara*, que é extraída d'esta tradição santarena.

Dos antigos monumentos de Santarem uns desapareceram já, outros foram applicados a fins muito differentes d'aquelles para que tinham sido instituidos.

O vasto collegio da Companhia de Jesus, com o seu templo ao meio (como a Sé Nova de Coimbra), dizendo ambos para o largo de Passos Manuel, é hoje seminario patriarchal.

A respeito das quatro figuras de frades, que adornam a fachada da igreja, conta-se na cidade uma chalaça tradicional.

Diz-se que um dos frades se mostra admirado de ter sido roubada certa guloseima.

O outro, que lhe fica inferior, allega sua innocencia no delicto.

Do lado opposto, a fazer *pendant* a estes frades, ha outros dois.

O de cima, apontando para o de baixo, parece indical-o como auctor do furto.

O de baixo, pondo as mãos sobre o estomago, dá a impressão de dizer: «Já cá está no papo».

Ora estas quatro figuras, que a lenda não poupou, são nada menos que as imagens de quatro santos de polpa, todos da Companhia: Santo Ignacio de Loyola, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja e Santo Estanislau Kostka.

No interior do templo do Seminario ha a notar o altar-mór em rico mosaico e um dos altares lateraes, o de Nossa Senhora da Boa Morte, em lindos marmores variados.

O convento de S. Francisco, cujo lindo portico ainda subsiste e que data do tempo de D. Sancho II, é, conjuntamente com o da Trindade, quartel de artilharia 3, como já referimos.

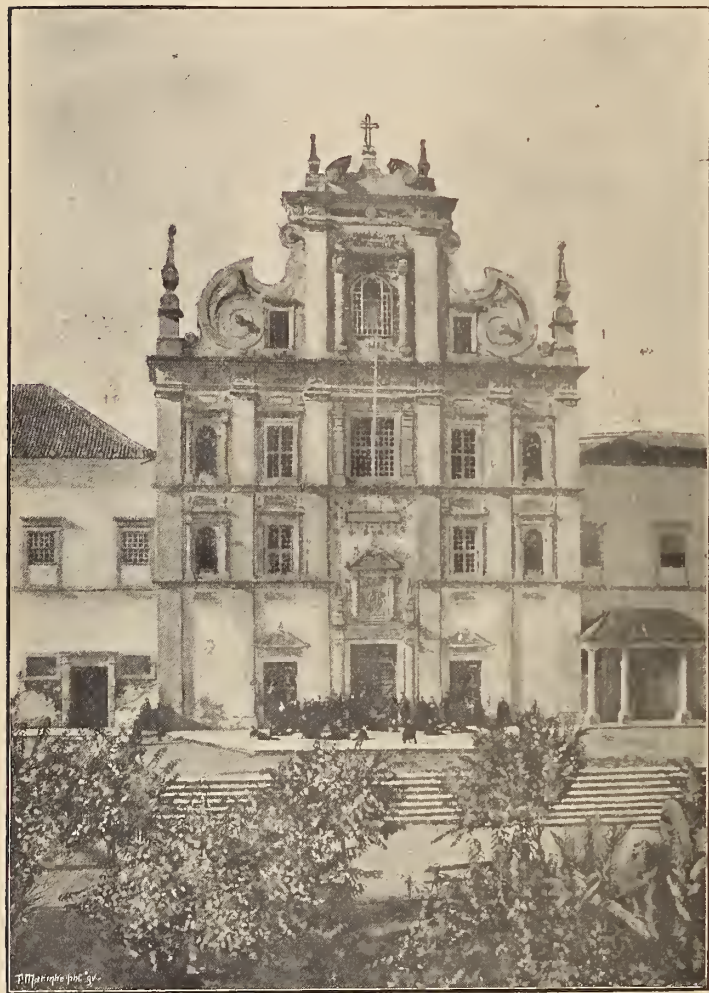
A igreja de S. João de Alporão <sup>1</sup> serviu, e muito bem, para installação do museu districtal, creado em 1876 pelo então governador civil do districto, conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa.

Foi uma feliz iniciativa, porque salvou ainda a igreja de Alporão, que já tinha perdido a sua terre, e ao mesmo tempo salvou as preciosidades santareneas que o museu contém.

A collecção não é grande, mas grandemente estimavel a começar pelo bello tumulo de D. Duarte de Menezes, que estava no convento de S. Francisco.

Alto, elegante, muito ornado de trabalhosos labores, esse tumulo monumental não continha mais, quando foi aberto, do que um dente do illustre morto cuja memoria honrava, e ainda honra.

Nem admira que viesse d'Africa, onde D. Duarte de Menezes, terceiro conde de Vianna, tão bravamente serviu a patria e o rei, apenas um dente como seu despojo



117 — Seminario de Santarem

mortal, porque o conde, para cobrir uma desastrosa retirada de Affonso V em Benafofú, teve de arrostar com todo o peso dos mouros, que certamente o despedaçaram a golpes de lança.

O dente do conde de Vianna deve conservar-se no Governo Civil de Santarem, guardado dentro de um estojo.

Creio que ainda lá estará.

Entre as outras preciosidades do museu de Alporão citaremos: o tumulo do infan-

<sup>1</sup> Sobre a discutida etymologia d'esta palavra, parece verosimil a opinião do sr. David Lopes: *planum*, lat. com o artigo *al*, que arabisou o vocabulo.

te D. Henrique, filho de D. Affonso III; os tumulos dos famosos chanceleres more s do reino, Gil d'Ocem e seu filho Martim, aquelles, diz Herculano, cuja voz exprimia a summa razão e a summa sciencia nos conselhos dos reis, — tumulos que estavam no convento de S. Francisco; o tumulo de João d'Ocem, sobrinho de Martim, que veio a succeder na casa á falta de herdeiros directos; umas gárgulas da igreja de Marvilla; os capiteis arabes de uma antiga casa na Alcaçova; o portico da enfermaria dos convalescentes no antigo hospital de Santarem; os cippos romanos que estavam na igreja da Alcaçova; uma grade em marmore da igreja de S. Domingos; os exemplares de azulejo, as moedas romanas, os marmores de Chão de Maças, etc.

Por detraz da capella mór ha uma escadinha torcida que conduz aos terraços. Vale a pena subil-a para gosar o panorama immenso que d'essa altura se descortina: vista de terras e de rio.

O tumulo de el-rei D. Fernando, que tambem estava no convento de S. Francisco em Santarem, veio para o museu do Carmo em Lisboa.

Este tumulo, que foi mandado fazer pela neta do formoso e inconstante monarcha, tem nas diversas esculpturas das suas quatro faces algumas singularidades notaveis: especialmente a que representa a tentação de S. Francisco e a que representa um alchimista preso no seu laboratorio para não fazer maleficios.

Tambem veio para o museu do Carmo o sarcophago do infante D. Sancio, filho de el-rei D. Diniz, que falleceu em Santarem; e a tampa do tumulo de S. Frei Gil, de quem ainda teremos occasião de falar.

Junto á igreja-museu de S. João de Alporão, e á ilharga d'ella, ergue-se a curiosa Torre das Cabaças ou Cabaceiro.

Parece ter sido edificada para montagem de um relógio, que regulasse o tempo dos bons santarenos e dos seus vizinhos.

Conta a lenda que el-rei D. Manuel, vendo a torre e achando-a banal, mandára, n'um impeto de colera, pôr no alto d'esse desgracioso campanario tantas cabaças de barro, quantas haviam sido as cabeças ôcas dos vereadores que emprehenderam a obra.

E' lenda, e não faz sentido, porque seria uma brutalidade real, uma affronta para Santarem.

Mas talvez no fundo da lenda haja uma só coisa aceitavel como verdadeira: que el-rei D. Manuel, sempre tão faustoso e habituado como estava ao gothico florido, achasse a torre detestavel por incaracteristica, e exprimisse o seu descontentamento.

Depois, a chalaça lusitana inventaria a lenda.

Ou a torre é anterior a D. Manuel, que a desdenhou quando alguma vez reparou mais n'ella; ou, se é do tempo de D. Manuel, como quer Ramalho Ortigão, nada tem da sua epoca.



118 — A Torre das Cabaças

Eu inclino-me á primeira hypothese.

Diz Ramalho, falando d'esta celebre torre: «Comquanto Garrett a faça invocar anachronicamente no *Alfageme de Santarem*, em estimulo de defesa contra a invasão castelhana, como um dos traços mais expressivos da physionomia pittoresca da patria, essa torre data apenas do tempo de D. Manuel. Não tem character propriamente architectural, é uma simples peça de alvenaria quadrada. Mas o seu estranho remate, em grande elevação, formado pelo sino a descoberto, sustido na convergencia superior de quatro varões de ferro, estribados obliquamente nos quatro angulos da torre, e revestidos de pucaras de barro, da olaria local, destinadas a ampliar a sonoridade do bronze no tanger das horas e dos signaes de rebate, dá-lhe uma feição verdadeiramente especial, inconfundivel, indelevel. Não será talvez o mais monumental, o mais nobre, o mais rico, mas é decerto o mais suggestivo, o mais anecdotico, o mais interessante, o mais carinhoso, o mais familiar, o mais lindo campanario de toda essa tão formosa campina ribatejana, o mais aberto sorriso agrario da terra portugueza. Tudo envolve de penetrante poesia local essa velha torre. O seu mesmo nome de *relogio das cabaças* ou de *cabaceiro* se allia harmonicamente no ouvido á lembrança das lezirias, das hortas, dos paues, das courellas e dos olivedos, que o circumdam, e fazem d'elle como que uma parte integrante da paizagem, um natural rebento da terra. O aspecto de improvisação e de interinidade d'essa summaria ventana de sino, que parece armada em quatro pampilhos, é uma verdadeira obra d'arte, que lembra mais commoventemente do que nenhuma outra inventada pelos architectos, a origem arabe, a vida nómada, a tradição pastoral da região em que surgiu». <sup>1</sup>

A Torre das Cabaças tem effectivamente este character regional. E' uma *torre de relogio*, alta, e grosseira; alta, para que o tanger das horas ou o alarme dos sinos pudessem soar ao longe no descampado; grosseira, porque não foi construida como obra de arte, mas sim de utilidade pratica na vida real.

El-rei D. Manuel, gastador e artista, é que o não entendeu assim.

D'ahi o seu descontentamento; d'ahi a lenda.

As cabaças de barro, para repercutir o som, são a expressão ingenua da velha acustica, que sob o palco dos theatros collocava grandes caldeirões para fazer retumbar a voz dos actores.

Tudo isto, além do modo por que as cabaças estão suspensas, mostra uma simpleza de processo, que faz recuar a origem da torre a mais remota antiguidade que o tempo de D. Manuel.

Creio que Almeida Garrett pensaria isto mesmo, e que por isso já faz uma referencia ao Cabaceiro n'um drama cuja acção se passa entre D. Fernando e D. João I.

Eu explico assim o apparente anachronismo em que elle cahiu.

Garrett esteve em Santarem, ouviria lá dizer, como eu ouvi, como todos ouvimos, que a torre é do tempo de D. Manuel; mas não o acreditou, como eu tambem não pendo a acreditar, e por isso pespegou a torre, mais as cabaças, n'uma epoca anterior.

Se não commetteu maior peccado, creio que por este poderia salvar a sua alma.

Uma das tradições santarenas a que Almeida Garrett deu maior importancia foi a lenda de S. Frei Gil, o famoso Fausto portuguez do seculo XII.

E' em verdade um assumpto interessantissimo, que parece inexgotavel.

E' mina para ser explorada por todos, grandes e pequenos, velhos e novos.

Eu, já chegado a «annos de prosa», ousei metrificicar em consoantes a lenda do prodigioso santo.

<sup>1</sup> *O culto da arte em Portugal*, pag. 61.



Muito se ha escripto e repetido sobre tão extraordinaria individualidade; comtudo, em verso apenas tenho noticia <sup>1</sup> do monotono poema *A Egidéa*, publicado anonymo em 1788, mas de que foi auctor João Pedro Xavier do Monte; e da apparição episodica do santo na *D. Branca* de Garrett, onde o diabo lhe responde a um esconjuro com este remoque:

Mas um tal frade bruxo, meio frade  
E mais que meio bruxo, que na manga  
Trazia os sortilegios co'as reliquias,  
Proprio fradinho o tal da mão furada,  
O teu vivo retrato emfim...

O eruditissimo biblióphilo e editor portuense José Gomes Monteiro tentou por varias vezes Camillo Castello Branco a escrever um romance sobre S. Frei Gil.

Camillo oppunha duvidas.

N'uma carta a Monteiro dizia-lhe: «Se elle (o romance) me sahisse *Fausto*, não m'ó entenderiam os juizes dos 500 réis; se sahisse milagreiro, cada lorpa se faria Voltaire para o arguir. Contemplarei o meio termó entre os dois juizes.»

Monteiro convinha em que o assumpto ficaria melhor tratado n'um poema do que n'um romance.

Mas Camillo objectava-lhe: que não chegava lá (ao poema) a sua aptidão.<sup>2</sup>

Em julho de 1863, pensava Camillo em escrever o romance do *Fausto portuguez*, mas creio que nunca chegou a começal-o.

Ora eu não fiz um poema, nem pretendi fazel-o, o que seria audacia desmarcada. Synthetisei a lenda em algumas strophes apenas, procurando abranger a mocidade, a conversão, a velhice e a morte de S. Frei Gil.

Sinto que este notavel modelo de perversão e santidade não tivesse melhor cantor do que eu.

A mais apuradas mãos, as de Castilho, foi parar a lenda de Santa Iria.

E, comtudo, S. Frei Gil e Santa Iria teem ambos o seu nome vinculado á historia antiga de Santarem; elle é o santo de Marvilla, como ella é a santa da Ribeira.

Resalta de mais a mais a coincidencia de que o moço Gil recebeu de Sancho I, como dotação para seguir seus estudos, o rendimento de tres conezias e dois priorados, um d'elles em Coruche, outro em Santa Iria de Santarem.

Eram «conezias» d'aquelle tempo, que tanto se davam a seculares como a ecclesiasticos, a velhos como a novos, comtanto que fossem «personas gratas».

Hoje dão-se outras «conezias», mas não são menos, nem menores.

Como prévia annotação á *Lenda*, direi da vida do santo, em poucas palavras, quanto baste para esclarecimento de algumas passagens do texto metrificado.

Nasceu S. Frei Gil em Vouzella, pelos annos de 1190, na quinta da Cavallaria, que tres seculos depois pertenceu ao famoso Duarte d'Almeida, o *Decepado*.

Ainda hoje subsiste, n'essa quinta, uma capella edificada na alcôva onde o santo nasceu.<sup>3</sup>

Foram progenitores de tão illustre vouzellense D. Ruy Paes de Valladares, não só alcaide-mór de Coimbra, mas tambem mordomo-mór de Sancho I, e Dona Tareja Gil.

<sup>1</sup> Quando isto escreviamos ainda não estava publicado o poema de Theophilo Braga — *Frei Gil de Santarem* — Porto, 1905.

<sup>2</sup> *O Romance do romancista*, pag. 277.

<sup>3</sup> Camillo, *Noites de insomnia*, n.º 4, pag. 81.

Frei Luiz de Sousa nomeia-o sempre por Gil Rodrigues; eu o trato por Gil Paes, que, como acabamos de vêr, era appellido seu, de familia, por derivação paterna.

Em Coimbra, sendo muito moço, começou Gil Paes a estudar medicina.

André de Rezende, escrevendo em latim a vida do famoso santo, inclina-se a que houvera em Coimbra, antes da fundação da Universidade, *estudos maiores*.<sup>1</sup> Assim foi. Eram ministrados no convento ensinante de Santa Cruz.<sup>2</sup>



119 — S. Frei Gil (segundo a estatua jacente da tampa do seu tumulo)

Mas Gil Paes teve de ir buscar o grau de doutor a Pariz, se desejou rebel-o: o mesmo aconteceu ao conego regrante D. Mendo Dias, que por esse tempo professava medicina n'aquelle convento.

Em principios da monarchia, o cléro, a classe mais illustrada, exercia a «arte de curar».

Ainda no tempo de D. Fernando o cargo de physico-mór do reino era desempenhado por um padre, de nome Rodrigo.

Tudo o que da tempestuosa mocidade de Gil Paes e da sua prodigiosa conversão eu conto na *Lenda*, é conforme á longa, mas interessante narrativa, feita por Frei Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos*.

A restituição do documento em que Gil Paes vendeu a alma a Satanaz, descreve-a o elegante chronista dominicano nos seguintes termos: «E logo notou que vinha descendo do alto da capella, da parte onde a vasava uma abertura, pela qual os (espíritos malignos) vira ir fugindo de tropel, um pedaço de pergaminho, que para signal do que era, e de quem o ganhára, e déra a victoria, se veio como posto á mão offerrecer, e assentar aos pés da Senhora sobre o altar: era este o mesmo logar por onde cahia a corda do sino do convento».

Em Frei Luiz de Sousa vem a larga relação dos trabalhos e milagres de S. Frei Gil, depois de convertido e mundificado pela restituição do pergaminho execrando.

A *Lenda* não podia acompanhar as minucias d'essa extensa narrativa, que abrange os ultimos annos da existencia de S. Frei Gil até ao dia da sua morte, succedida em 1265, e os prodigios que elle depois de morto operou.

<sup>1</sup> André de Rezende, *Conversionis mirandæ D. Aegidii*, que sahiu no *Thezaurus arcanus*.

<sup>2</sup> D. Antonio da Costa, *Historia da instrucção popular em Portugal*, pag. 12.

Posto isto, segue a

LENDA DE S. FREI GIL

I

Nascido em Vouzella de gente de prol,  
Cresceu, illustrou-se, dos moços escol.

Já medico, e imberbe, folgado e mimoso,  
Gil Paes ambiciona mór gloria e mór goso.

Seus paes abandona, solar e paiz,  
Por ir graduar-se, folgando, em Pariz.

Partiu. No caminho lhe surge um arteiro  
Demonio que off'rece ser seu companheiro

E intenta perdel-o, soprar-lhe a ambição,  
Com muitas palavras de encanto e traição :

«Quereis vós do mundo — tentando-o dizia —  
«Possuir o dominio ? Buscae a Magia.

«E' lanço infallivel. Prometto-vos eu  
«Fazer-vos um novo Apollonio Thianeu

«De mim colherás a rainha das sciencias,  
«Que esmaga riquezas, imperios, consciencias».

Acceito o convite com ancia febril,  
Sem custo o diabo consegue de Gil,

Por troca, a renuncia da fé que seguia,  
Escripta com sangue que ás veias pedia.

Vendida a sua alma por este papel,  
Lá parte Gil Paes com o socio infiel.

Os dois, par e passo, chegando a Tolêdo,  
Demandam as cóvas, aonde em segredo

Praticam mysterios, cabalas e taes  
Prodigios que infringem as leis naturaes.

Ali corre o tempo, a sciencia se exgotta.  
«Teu sonho é cumprido. Prosegue a derrota.

—Lhe diz o diabo, afoutando-se já  
Ao trato de amigo, tu cá e tu lá. —

«Conheces a fundo as sciencias occultas.  
«Exulto de vêr que sabendo-as exultas.

«Pariz vai ficar assombrada de vêr  
«N'um homem tão novo tão grandé saber».

Gil cinge-o nos braços, saudoso chorando.  
Despede-se. E vai a Pariz caminhando.

Sorri-se o diabo mal que elle abalou.  
«E' meu» diz soberbo. E ao inferno voltou.

II

Pariz ! Pariz ! contando seculos  
Tens sido sempre um sorvedouro,  
Fundo e voraz, que as almas tragas.  
Immenso mar de lama e ouro  
Fremindo, louco, em tuas vagas.

Gil Paes ao ver-te encontra estimulo  
A's ruins paixões que o minam já.  
Não vai perder-se em teus escolhos:  
Perdido vai, perdido está,  
Prazeres busca, e cerra os olhos.

E' Satanaz que o torna célebre,  
Quem, invisivel, o doutrina.  
Diz a méstrança que Gil Paes  
Não pode ter na medicina  
Antagonistas, nem rivaes.

Faz maravilhas, e prodigios.  
Em ouro os cobra ou em ternura.  
Estranho entra e sáe amante  
Da alcôva em que febricitante  
Pollue, no leito, a virgem pura.

Ultraja ufano o lar domestico,  
Desfolha a flôr, calca o dever.  
Tem drogas taes, e tal magia,  
Que faz viver ou faz morrer,  
Que o mal agrava ou allivia.

Assim desvaira entregue á crápula,  
Quando um ousado cavalleiro,  
Que a investil-o se abalança,  
Aos olhos seus impõe certo  
A ponta aguda de uma lança.

Quedou-se Gil a olhal-o attónito,  
E ouviu dizer-lhe ameaçador,  
De rosto fero e lança erguida:  
«Errado vais, ó peccador,  
«Volve á razão, segue outra vida».

Crê Gil ter sido um sonho ephémero  
Que o aturdiu e que passou.  
Em breve tempo eis que medonho  
O cavalleiro retornou,  
Verdade clara em vez de sonho.

E fala iroso e diz altiloquo  
Ao mesmo passo que arremette  
Brandindo a lança com ardor,  
Esporeando o seu ginete :  
«Errado vais, ó peccador».

Gil Paes tremendo, oppresso e pávido,  
«Errado vou» disse constricto,  
Mortiço o olhar, mortal a face,  
E cae soltando immenso grito,  
Qual se uma lança o trespassasse.

Deixa Pariz, fugindo rapido.  
Retoma Espanha, onde, em Palencia,  
Dominicanos vê piedosos,  
Mansão de paz e penitencia  
Edificando pressurosos.

Viu e parou. Quer ser do numero  
Dos bons que ali erguem um ninho.  
Pede logar, e prompto o achou.  
Escuta vozes de carinho :  
«Fica entre nós». E ali ficou.

### III

Noviço, era exemplo de fé e virtude.  
Professo, excedeu os mais santos exemplos.  
Parece prodigio que assim se transmude  
Quem foi dos alcouces e agora é dos templos.

Na sua familia vai grande alvoroço  
Por essa ditosa surpresa que tem.  
A' Espanha o reclama gritando-lhe «E' nosso».  
Gil cede, e a Palencia antepõe Santarem.

Os seus dominicos aqui o recebem  
Com muito carinho, ternissimo zêlo.  
Ouvindo-o, tratando-o, contentes percebem  
Ter n'elle um luzeiro, brazão e modelo.

Frei Gil largas horas medita invocando  
A Virgem Maria, refugio superno.  
Supplica-lhe, exora, constricto chorando  
Que logre arrancar-o do jugo do inferno.

Revôlto, o demonio persegue-o raivoso,  
Tomando a figura de monstros ferozes.  
«E's meu» lhe repete rugindo fogoso,  
Soltando improperios, terrificas vozes.

Frei Gil receando que o hálito ardente  
De serpes e dragos sua alma requeime,  
Prostrado ante a Virgem no chão, penitente,  
Lhe pede exclamando : «Senhora ! valei-me».

Eis que n'um momento de mór anciedade,  
Dos genios malditos sentindo o tropel,  
Vê Nossa Senhora ter d'elle piedade,  
Repôr-lhe nas mãos o nefando papel.

Selvou-se. De rôjo mil graças então,  
Rendendo homenagem, hosanna entoando.  
Um grito medonho no inferno resôa,  
E o démo, esmagado, resfolga arquejando.

Frei Gil desde essa hora viveu como um santo,  
Honrando o resgate que o Céu lhe enviou.  
Milagres que fez inda causam espanto,  
Pois Deus como filho dilecto o amou.

Velhinho, aguardava, sorrindo, o momento  
De vêr de mais perto a divina mansão.  
Colheu Santarem o seu ultimo alento,  
E evoca-lhe o nome vivaz tradição.

O cadaver de S. Frei Gil foi sepultado no chão dentro do convento de S. Domingos em Santarem.

Uma prima do santo, D. Joanna Dias, senhora da Athougua, havia-lhe mandado construir uma capella e tumulo condignos de sua fama e gloria.

Mas ia-se adiando por incuria a trasladação, até que o santo appareceu a Frei João de Santarem, porteiro do convento, reclamando que o levassem ao logar que lhe estava destinado.

Fez-se então o reconhecimento do cadaver, e a sua trasladação solemne.

«E' a capella, diz Frei Luiz de Sousa, no arco cruzeiro, que responde á porta travessa da igreja. Ficou pequena, porque o sitio não dá para mais : e pobre, conforme a humildade do santo, e estreiteza dos tempos antigos. O moimento é grande, toma o largo d'ella da banda da Epistola, a face de fóra lavrada de folhagens ao uso antigo, na lágea, que o cobre, entalhada de relevo ao longo uma figura de frade. Serve-lhe de letreiro, porque na pedra não parece nenhum, a pintura do retábulo, inda que pequeno, e pouco lustroso, que representa em côres e sombras a conversão do santo, e alguns successos mais de sua vida e morte».

Foi demolido o convento de S. Domingos de Santarem, e com elle a capella do santo.

Felizmente ha uma reproducção graphica da capella e do moimento, completo, n'uma estampa que illustra o poema *A Egidéa*, e que é copia de um registo que no ultimo quartel do seculo XVIII se vendia aos devotos, a 10 réis cada exemplar.

Do moimento salvou-se uma parte, a tampa, que existe no Museu Archeologico do Carmo. D'ella copiámos a imagem do santo, lavrada horizontalmente em vulto, segundo o costume da epoca.

Da arca sepulcral, que continha a ossada de S. Frei Gil, fizeram em Santarem uma pia de amassar cal para as obras do municipio.<sup>1</sup>

Parece incrível, mas é verdade.

Quanto á ossada ha tambem que dizer. E por isso é agora chamado á auctoria o convento de Santa Clara, que tem ainda de pé a sua igreja de tres naves, mas cuja ultima freira falleceu em abril de 1902.

Garrett nas *Viagens* conta que as religiosas franciscanas d'este convento receberam n'uma noite de 1834 o sagrado deposito dos ossos de S. Frei Gil.

Expulsos os frades do convento de S. Domingos, em nome da liberdade, abando-

nado este convento e a sua igreja, mas poupadas pela lei exterminadora as freiras, foram ás de Santa Clara confiados os restos mortaes do grande nigromante S. Frei Gil para que os guardassem e defendessem de algum futuro e sacrilego desacato.

Pinho Leal dá, porém, outra versão, cuja veracidade garante.

Constou, effectivamente, que os venerandos ossos haviam sido entregues á guarda das freiras de Santa Clara.

Mas não foi assim. Ex-

pulsos os dominicos em 1834, como todos os outros frades, uns rapinantes quaesquer lembraram-se de ir ao tumulo de S. Frei Gil procurar algum objecto de valor. Querendo livrar de maior profanação a ossada, certo individuo de Santarem foi-se depois ao tumulo, tirou respeitosa-mente os ossos e levou-os para sua casa em segredo, fazendo constar, por disfarce, que elles haviam sido trasladados para o convento de Santa Clara. Passados annos, os ossos vieram de casa do seu possuidor para a capella do palacio do marquez de Penalva na rua dos Lagares em Lisboa, pois que S. Frei Gil foi ascendente collateral da sr.<sup>a</sup> marqueza.

O que é certo é que ainda hoje se conservam em poder d'esta illustre senhora, como o testemunha a seguinte carta—certamente não serei indiscreto publicando-a—em que o sr. conde de Tarouca se dignou responder a uma pergunta minha sobre o assumpto:

«Lisboa, 29. — . . . Sr. e meu amigo.—Desculpe-me de só hoje accusar a recepção da sua carta; mas estive por muito tempo prohibido pelo medico de applicar a vista em consequencia d'uma troca de remedios, que me queimou horrivelmente o olho direito.



120 — Convento de Santa Clara

<sup>1</sup> *O culto da arte em Portugal*, Ramalho Ortigão, p. 70—*Catalogo do museu da real associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*, 1891, pag 62, n.º 2:308.

«Os ossos de S. Frei Gil estão na posse da Sr.<sup>a</sup> Marquiza de Penalva, guardados n'uma urna em capella particular da sua casa em Lisboa. Pode V. quando quizer vir vel-os á rua Rosa Araujo, 58-60.

«Creia-me, etc., — *Conde de Tarouca.*»<sup>1</sup>

Outro convento de Santarem, o de Santa Thereza, serviu para installação do Governo Civil e demais repartições publicas, que ali estão funcionando.

Tambem ali se acha installado o correio e telegrapho, nos baixos do edificio.

O Governo Civil possui de apreciavel a antiga sala da Junta Geral, que tem um bom trabalho de pintura fingindo papel. A illusão, que aliás não diremos de muito bom gosto, é completa. Nas paredes, os brazões dos concelhos que compõem o districto.

O gabinete do governador civil está mobilado com certa simplicidade elegante.

O hospital de Jesus Christo, fundado por João Affonso, acha-se estabelecido no convento dos terceiros de S. Francisco.

Este edificio avulta ao fundo do Largo — Pimentel Pinto — que communica com o vasto Campo Sá da Bandeira.

E' n'estes dois grandes recintos que se faz a feira da Piedade.

A' ilharga do Largo — Pimentel Pinto — foi edificado por um particular, de nome Laurentino, um bairro que se denomina de S. Lazaro.

O antigo convento das Donas serve actualmente de quartel a caçadores 6.

As voltas que o mundo dá! Um soldado é tudo o que ha de menos dona, como uma dona devia ser tudo o que pudesse haver de menos soldado.

No local do antigo convento de S. Domingos — que Frei Luiz de Sousa tão bem descreveu — e a propósito d'elle a cidade de Santarem — foi construida a praça de touros, que é ampla, muito solida, e que pertence ao hospital de Jesus Christo.

Ainda queremos falar de dois templos, que o merecem.

E' um d'elles a magestosa igreja da Graça, onde está o jazigo de Pedro Alvares Cabral, agora resguardado, na sua capella, por uma grade de ferro.

Diz-se que para o altar d'esta capella virá em breve um crucifixo do Brazil.

A igreja é de tres naves, e linda. Possui um painel attribuido a Ribera: representa S. Miguel esmagando Lucifer. Ha um outro painel attribuido a Josepha de Obidos. E ha, finalmente, alguns sarcophagos dignos de apreço.

A real capella da Piedade, que a nossa estampa representa, merece ser visitada, não só como elegante construcção de seculo xvii, como pelas tradições historicas que se lhe ligam.

Diz-se que a 27 de maio de 1663, na antiga ermida que estava sobre a porta de Leiria, fôra presenciado que a imagem da Senhora da Piedade inclinava mais o rosto para o seu Divino Filho, que tem morto nos braços, e que Jesus alteava por sua vez o corpo, para aproximar-se da Virgem n'um extasi de ternura filial.

Tirou-se d'este milagre bom agoiro, e no dia 8 de junho seguinte venciam os portuguezes a batalha do Ameixial.

A 25 de janeiro de 1664, foi D. Affonso VI a Santarem lançar a primeira pedra da capella da Piedade, por memoria e agradecimento da victoria dos portuguezes n'aquella batalha.

Frei Luiz de Jesus (1734) escreveu a chronica do milagre e da fundação da capella.

Ha em Santarem dois asylos: um de orphãos e inválidos, sustentado pela Misericordia; outro, de Santo Antonio, para raparigas, sustentado pelo districto.

Estão organisadas na cidade duas corporações de bombeiros: municipaes e volun-

<sup>1</sup> A sr.<sup>a</sup> marquiza de Penalva falleceu pouco depois, a 27 de outubro de 1905.

tarios. Estes ultimos crearam uma banda de Saxe, que se faz ouvir em alguns actos publicos.

Funcionam em Santarem diversas fabricas: duas de cortumes, uma de moagem (dizem-me que está agora parada), uma de alvaiade na estrada da Corrente e uma de lanificios estabelecida por um individuo de Minde.

Ha duas officinas para escolha de trapos.

A associação commercial de Santarem, em resposta a um questionario do governo, reuniu, recentemente, as seguintes informações sobre as industrias exploradas no concelho:

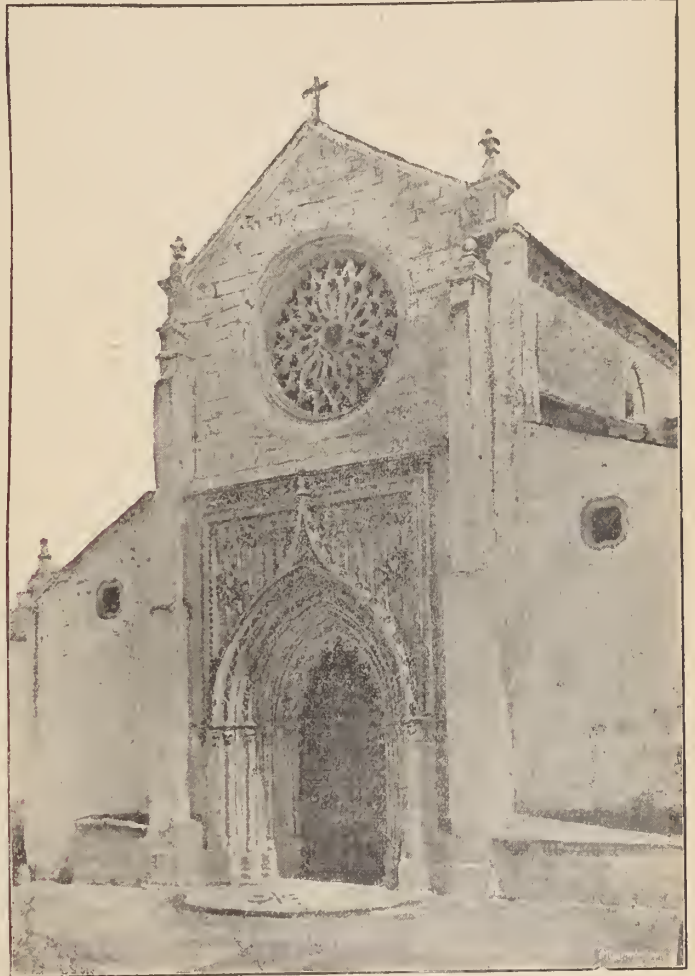
«Exploram-se as que são correlativas e subsidiarias da agricultura, de que Santarem é, sem duvida, o principal centro do paiz, sendo de especialisar as do fabrico de vinhos e azeites, e de distillação de vinhos.

«Com referencia a esta ultima industria, é Santarem séde de uma estação official de distillação — uma das tres creadas pelo estado — e cuja installação está prestes a concluir-se, em edificio proprio junto á estação do caminho de ferro de Santarem.

«Tem mais as industrias de refrigerantes e bebidas fermentadas; a do fabrico, em grande escala, da amendoa, por processos mechanicos; a de cortumes; a de serralharia mechanica; a de serragem de madeiras; a de marcenaria; a do fabrico de pás, fouces e verrumas; a de mobiliario de ferro; a de espartaria; a de carros e carruagens; a de fabrico de cintas; a de mobiliario de banho (interessante especialidade da região, premiada em varias exposições nacionaes e estrangeiras); a de escolha de trapo destinado a exportação; a do fabrico de telha e tijolo; a de ceramica vulgar; cantarias aparelhadas, além d'outras peculiares aos centros populosos, como sapatarias, alfaiatarias, latoarias, etc.»

Um dos melhores predios da cidade é o palacio do dr. Silva, no largo do Espirito Santo, que foi habitado por D. Miguel de Bragança e suas duas irmãs, D. Izabel Maria e D. Maria da Assumpção.

A ultima d'estas infantas falleceu, aos vinte e nove annos de idade, em Santarem, n'aquelle mesmo palacio, e jaz enterrada ao abandono, sem pedra nem inscripção, na igreja do Santo Milagre.



121 — Portico da igreja da Graça

Voltemo-nos agora para um de dois institutos novos, que modernizam o districto de Santarem, e que o viajante não quererá deixar de vêr.

E' a Escola de regentes agricolas Moraes Soares.

O outro é a Coudelaria Nacional, mas como está mais proximo do Valle de Santarem que da cidade, falaremos a seu respeito quando tratarmos do Valle.

A Escola Moraes Soares acha-se estabelecida na quinta do Gallinheiro, logar de S. Pedro, a dois kilometros da cidade.

A sua historia diz-se em poucas palavras.

O decreto de 18 de julho de 1888 creou a Escola pratica de Santarem, sendo ministro das obras publicas o conselheiro Emygdio Navarro. A 8 de outubro de 1891 passou a ser Escola elementar de agricultura pratica, e em 17 de outubro de 1899 foi transformada na Escola de regentes agricolas Moraes Soares, tal como hoje existe, sendo então ministro o conselheiro Elvino de Brito.

O pessoal, superior e subalterno, constitue actualmente o seguinte quadro:

*Director agronomo*, João Coelho da Motta Prego. — *Agronomos professores*, Antonio Arthur Telles da Silva Menezes e Adelino Freire de Almeida Dias. — *Professor auxiliar*, Padre José da Cruz Biscaya. — *Pessoal subalterno*, regentes agricolas, João Severino Fonseca, José Pedro Tacão; 1 conductor do quadro de Obras Publicas; 2 praticos italianos para vinhos, azeites e lacticinios.

O movimento escolar e aproveitamento dos alumnos constam dos seguintes dados estatisticos:

Annos	Alumnos matriculados	Examinados	
		Approvados	Addiados
1899 a 1900.....	64	20	24
1900 a 1901.....	74	26	24
1901 a 1902.....	74	34	17

No anno de 1901 a 1902 completaram o curso de regente agricola 10 alumnos.

N'esta Escola é professado o systema de afolhamentos, a saber:

Afolhamento principal de 4 annos com as seguintes culturas: leguminosas, trigo, milho, aveia ou cevada.

Afolhamentos secundarios — diversos.

Fabrica-se o azeite com separação de typos e com moenda, vapor e prensas de varios systemas. A casa Balboutin, de Sevilha, installou este anno (1903) na Escola um lagar modelo do seu systema especial.

Fabricam-se queijos de diversos typos e manteigas pelo processo da desnatação centrifuga.

Na alimentação do gado estão estabelecidas as rações segundo as tabellas de Wolff. Ha exemplares das raças leiteiras Jersey e Hollandeza; da raça ovina, merinos de Rambouillet; e suina York-Shire e Berck-Shire.

Materias de que se compõe o curso: portuguez, francez, arithmetica pratica, desenho, geometria pratica, mechanica, agrimensura, physica geral e agricola, botanica, zoologia agricola, machinas agricolas, agrologia, apicultura geral, viticultura, artes agricolas, estudo dos animaes domesticos, arboricultura, geographia, construcções ruraes, noções de historia, administração e contabilidade.

Estas disciplinas são professadas em quatro annos conjuntamente com o desenho de utensilios agricolas, agrimensura e levantamento de plantas, desenho de machinas e aguarellas, pratica do microscopio e de artes agricolas (oleos, lacticinios e productos alcoolicos).



Entre as innovações uteis de Santarem deve mencionar-se a bibliotheca municipal, que não é por ora rica em volumes, mas que está bem installada.

Fui visital-a á noite, e achei-a aberta. Leitores, havia um ou dois.

Folguei de que uma lei, que é da minha unica iniciativa, e que tanto me custou a fazer passar no parlamento, a lei que estabeleceu a leitura nocturna nas bibliothecas publicas, fosse pontualmente observada n'uma cidade de provincia.

N'aquella noite eram poucos os leitores, mas quem sabe se elles teriam tempo de dia para ir consultar livros? Estivesse a bibliotheca fechada á noite e não poderiam consultal-os nem então, nem nunca.

N'outras occasiões haverá mais quem deseje lêr, porque a cidade é já hoje muito populosa.

As suas quatro freguezias comprehendem dez mil habitantes, a saber:

Santa Iria, na Ribeira.....	1.427
Marvilla.....	3.536
S. Nicolau .....	2.004
Salvador.....	3.164
Total.....	10.131

Bastariam estes elementos estatisticos para mostrar que Marvilla é o coração da cidade.

Santarem não ficou improgressiva, abraçada aos seus poentos pergaminhos, nem apontando apenas para as memorias historicas, que tanto a enobrecem. Não. Renovou-se, seguiu a evolução dos tempos, accomodou-se ás circumstancias, e n'isto lhe seguiu o exemplo a sua vizinha da margem fronteira, a villa de Almeirim.

A gloria de Santarem data do principio da monarchia, desde que Affonso Henriques a tomou aos mouros e lhe deu foral. Depois d'isso, duas vezes se assignalou defendendo-se contra os infieis. Em varias epocas ali se reuniram em côrtes os tres estados do reino. Ali pousou, mais vezes ainda, a côrte dos nossos reis. Ali nasceram, ali casaram, ali morreram princezas e principes, alguns dos quaes reinantes.

Entre os que morreram em Santarem, citaremos el-rei D. Diniz e aquelle mallogrado infante D. Affonso, de quem já falamos, que devia herdar a corôa de D. João II.

Aqui nasceram, alem de outros principes, o Infante Santo, o infante D. João, seu irmão, e muitos outros homens que pelas letras ou pelas armas se tornaram dignos da admiração e do respeito de todos os portuguezes, a saber: Fernam Lopes de Castanheda, Frei Luiz de Sousa, Frei Antonio da Piedade, Pedro Eannes Lobato, D. Duarte de Menezes, o marquez de Sá da Bandeira, e, mais recentemente ainda, Guilherme de Azevedo, o poeta da *Alma Nova*.

Por decreto de 11 de dezembro de 1811 o principe regente creou visconde de Santarem a João Diogo de Barros Leitão de Carvalhosa.

O 2.º visconde Manuel Francisco de Barros e Sousa da Mesquita Macedo Leitão e Carvalhosa foi um escriptor prestante, um investigador erudito e indefesso: é o autor do *Quatro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*.

Bastava a compilação d'esse utilissimo indice para o recommendar á posteridade.

Mas outras muitas obras de pesquisa historica escreveu tambem e todas proficientemente: uma d'ellas sobre os alcaides-môres da villa de Santarem.

Muitos acontecimentos politicos, dos de maior tomo e consequencias na historia antiga de Portugal, se desenrolaram n'esta cidade, que por tantas vezes soffreu o peso de estrangeiros, como por exemplo depois da morte de D. Fernando e no tempo da terceira invasão franceza, mas que tão patriotica e leal se mostrava logo que as circumstancias lh'o permittiam.

Refiro-me ao povo de Santarem, principalmente: que a nobreza aqui, como em toda a parte, verga a considerações menos desinteressadas... Mas o povo é sempre amigo da patria e da justiça.

Foi o povo santareno, foi a Ribeira, foi o Alfange que acclamou rei, em 1580, o prior do Crato, gritando n'um delirio de entusiasmo espontaneo: «*Real! Real! Por D. Antonio rei de Portugal*».

Aquelle rei era filho do povo; por isso o povo lhe queria como a pessoa sua.



122 — Real Capella da Piedade

Marvilla olhava lá de cima, desdenhosamente, para o rei do povo, cuja mãe fôra uma judia humilde, que fascinou um principe.

Mas o que é certo é que se todo o reino tivesse imitado o exemplo de Santarem, nobre e patriótico exemplo, não teriam reinado cá os Filippes, nem o reino supportado um longo captivo de sessenta annos.

No tempo das luctas constitucionaes, Santarem foi o ultimo baluarte de D. Miguel, rei pouco menos ephemero que D. Antonio, mas tão popular, tão querido e tão *portuguez* como elle.

D. Pedro mordia-se de desespero, andava rondando Santarem, mas não podia desalojar d'ali o irmão. Por isso os miguelistas lhe cantavam ironicamente:

Eil-o vai,  
Eil-o vem,  
Mas não entra  
Em Santarem.

No segundo domingo de cada mez ha na cidade um mercado que costuma ser muito concorrido.

O leitor já sabe que se fazem em Santarem duas feiras annuaes: a do Santo Milagre e a da Piedade.

Em outubro d'este anno, 1903, fui de proposito assistir á feira da Piedade.

Encontrei na cidade um movimento e animação extraordinarios, um borborinho constante de trens, de cavalleiros, de peões, que chegavam a cada momento. Santarem estava em festa. No Campo Sá da Bandeira armavam-se as barracas dos feirantes, de brincheiros, de fanqueiros, de quinquilheiros, de ourives, de bebidas, de pim-pam-pum (estas então em grande numero), havendo tambem armados alguns theatros populares.

N'um dos recantos do Campo havia enorme estendal de fructas, principalmente os magnificos pêros de Alcobaça, em altas pilhas, de vivissimas côes.

No largo do Espirito Santo, sobre a terra, e arrumadas contra as paredes, estavam expostas as alfaias agricolas e as madeiras de construcção.

No largo—Pimentel Pinto—era a feira do gado, muito abundante de exemplares e de species.

Junto ao Presídio Militar estabeleceu-se o acampamento dos ciganos, e funcionava a comissão de remonta.

Contornando o Passeio da Rainha havia alinhamentos de tableiros com bôlos, brinquedos, logares de fructas, legumes e hortaliças, etc.

As ciganas com os seus fatos acatasolados, tendo algumas (especialmente as creanças) ornatos de metal nas saias, punham, no conjunto da multidão, uma nota agra-davelmente brilhante e intensamente característica.

Depois d'ellas, eram as raparigas de Almeirim, com os seus lenços vivazes na cabeça e no peito, que animavam o brilho do quadro, vitalisando-o, entre o fato escuro dos homens e das mulheres dos arredores de Santarem.

Havia pelas ruas, principalmente nas vizinhanças da feira, uma correria incessante



123 — Entrada dos touros através do campo Sá da Bandeira

de cavalleiros macabros, alguns d'elles encarapuçados, que faziam trazer a gente o *Credo* na bôcca para salvar a pelle.

As lojas da cidade não tinham mãos a medir, e os *hoteis* estavam em plena barafunda.

Realisaram-se tres corridas de touros, em dias successivos. Muito gritador o *sol*: eram ribatejanos entendidos, que se désesperavam a cada instante. Entre os espectadores, contava-se grande numero de mulheres de Almeirim, que se distinguiam pelo colorido alegre do traje.

Todas as tres corridas da feira da Piedade são dadas pela Misericordia, que, não sendo rica, só com esta receita eventual consegue fazer face ao *deficit* do seu orçamento ordinario.

A facilidade e barateza dos transportes attrae hoje grande concorrência á feira da Piedade, como a quasi todas as mais afamadas do paiz.

Antigamente os almocreves abusavam da algibeira dos viajantes, até em occasiões normaes; a respeito de Santarem, temos o depoimento de Gil Vicente, que, vindo de Coimbra para esta cidade, ficou a tinir depois de pagar o aluguer da bêsta.

Elle mesmo o noticiou a D. João III, certamente com a mira em alguma ajuda de custo:

A Santarem cheguei eu  
 Bem tal qual como Deus nasceu,  
 Que não trouxe lá do ceu  
 Comsiço um vintem de seu.

Gil Vicente é um nome que não póde esquecer entre as memorias de Santarem, não só por este episodio de jornada, como pelas chalaças ao christão novo Affonso Lopes Çapaio que, vindo de Thomar, aqui adoeceu de bem pouco odorifera enfermidade; como ainda pela famosa reprimenda aos frades santarenos para que deixassem de atçar no povo o terror causado pelo terremoto de 1531; como, finalmente, por alguma referencia dos seus autos, que possa dar idéa da vida da côrte quando alegremente pousava n'esta antiga villa, por exemplo:

Eu bailei em Santarem  
 Sendo os infantes pequenos.

E' muito difficil, quasi impossivel, creio que já o dissemos, recordar todos os nomes dos que litterariamente se associaram á historia de Santarem. Na prosa lembramo-nos de Frei Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos*; do Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos, na *Historia de Santarem edificada*; de Luiz Duarte Villela da Silva, nas *Memorias historicas da insigne e real collegiada de Santa Maria de Alcaçova*; de Alexandre Herculano na *Historia de Portugal* e no *Panorama* de 1854; de Castilho nos *Quadros historicos*; de Garrett nas *Viagens*; de Zephyrino Brandão nos *Monumentos e lendas de Santarem*; de João Arruda, o mais moderno de todos, no seu interessante livro *Atravez de Santarem*. Mas quantos outros me não escaparão ainda pela malha! No verso, acode-nos á lembrança o bacharel Joaquim Nunes Ribeiro, em *As ruinas de Santarem ou uma galeria de finados*; e o Leonardo piauiense, já mais de uma vez citado, no poema *O santissimo milagre*. Ha de haver muitos mais, que eu não conheço ou que me não lembram agora.

O poema heroi-comico *Santarenaida*, de Francisco de Paula de Figueiredo, engana muito pelo titulo: não tem, como póde imaginar-se, a cidade de Santarem por assumpto; conta o caso de um taberneiro, José Rodrigues Santareno, que vivia em Coimbra e que, sendo muito amigo de vinho, morreu por causa de uma tarraçada de agua na festa do Espirito Santo, em Santo Antonio dos Olivaes.

As bellas artes tambem teem honrado na téla Santarem.

Um quadro de Torcato Pinheiro, representando o trabalho das ciras na Ribeira, foi premiado no *Salon* de Pariz.

A cidade de Santarem é capital de districto e cabeça de comarca de 1.<sup>a</sup> classe.

O districto, com uma população de 283:676 habitantes, compõe-se de 18 concelhos: Abrantes, Almeirim, Benavente, Cartaxo, Chamusca, Constancia, Coruche, Ferreira do Zézere, Gollegã, Mação, Rio Maior, Salvaterra de Magos, Santarem, Sardoal, Thomar, Torres Novas, Villa Nova da Barquinha e Villa Nova de Ourem.

A instrucção publica tem-se desenvolvido muito no districto. Além da instrucção secundaria ministrada no seminario e no lyceu da cidade, ha 245 escolas de instrucção primaria em todos os concelhos, a saber:

Abrantes, 22; Almeirim, 6; Barquinha, 5; Benavente, 5; Cartaxo, 10; Chamusca, 7; Constancia, 4; Coruche, 8; Ferreira do Zézere, 18; Gollegã, 4; Mação, 18; Rio Maior, 10; Salvaterra de Magos, 5; Santarem, 42; Sardoal, 5; Thomar, 21; Torres Novas 35; Ourem, 21.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O *Correio da Extremadura* dizia no seu numero de 19 de dezembro de 1903:

«O districto de Santarem possui já, construidos desde 1901, edificios escolares em Minde, Cartaxo

Na cidade existem actualmente dois monte-pios: o *Artístico* e o *Scalabitano*.

A imprensa periodica é hoje representada em Santarem pelo *Correio da Extremadura*, de que é redactor-proprietario João Arruda.

Este semanario, que vai no 13.º anno da sua publicação e tem sabido sustentar um certo caracter de seriedade, começou, ultimamente, a dar alguns numeros illustrados.

Outros periodicos tem havido, taes como: *Boletim do exercito de operações*, de 1 a 15 de dezembro de 1846; *O Scalabitano*, 1856-1857; *Recreio Litterario*, 1857; *O Campeão Litterario*, janeiro a abril de 1857; *O Alfageme*, 1871; *Revista Mensal*, órgão dos academicos de Santarem, janeiro a abril de 1875; *O Ecletico*, (impresso em Lisboa) maio a julho de 1875; *Aurora do Tejo*, (impresso em Lisboa) agosto a dezem-

CORREIO DA EXTREMADURA

N.º 632
Redactor-proprietario — JOÃO ARRUDA
13.º ANNO

---

**Amplificationes**  
Cada trimestre ... 350 reis — Semest. ... 600 reis  
Etypographia e Lithographia  
Rua D. Pedro, 120, 140, 160 e 180 — SANTAREM

**PUBLICA-SE AOS SABBADOS**  
Santarem, 10 de outubro de 1903

**Amplificationes**  
Polo tabella para se saber qual a hora dos feriados  
324 linhas  
JOÃO ARRUDA

---

### Real Capella da Piedade

**As guerras da aclamação — Oratorio da porta de Leiria — O milagre da Virgem: trecho d'um chronista fradesco — Construção da capella pelos reis D. Affonso VI e D. Pedro II — Breve descripção do templo — Instituição da irmandade da Piedade.**

**D**eus de restituia a coroa de Portugal a D. João IV, cuja aclamação se fez em 1640, e guirante-se as pelejas dos castelhanos por espaço de vinte e dois annos, porque a Hespanha não podia suportar que um grupo de heróicos patriotas luzes pozesse termo ao seu jugo deprimente.

As victorias dos portuguezes succediam-se então, quando D. João d'Austria, em maio de 1663, cobriu as terras frastagoras com um formidavel exercito, á orden de Philippe IV de Castello, afim de recuperar as perdas soffridas. Um combate incessante se travou entre as muralhas d'Evora e

de e a maior parte da sua corte, a venerar as imagens que estavam no oratorio da Porta de Leiria — uma das sete portas da cidade que o camarillo municipal destruiu, restando hoje apenas a d'Alcaçova! — e junto da capella se apeou o monarca para render graças á Virgem. No dia 25 de maio mez ali celebrou missa de P. n.º 100, e em a sole mude po de Tarzo, D. Francisco Couto-Mayor, assistindo as pessoas reais. O pr. la. m. benzeu depois o camo d'Alcaçova a nova capella, que o rei traçou n'aquelle sitio, e a pedra fundamental do mesmo templo que o infante D. Pedro — depois rei, 2.º d'este nome — collocou por suas proprias mãos.

A obra de edificação proseguiu até á camalhar real, estacionando os trabalhos, durante a guin tempo, até que D. Pedro II, se mandou proseguir e ultimar, ficando a capella da Senhora da Piedade a servir de capella real do novo templo, que não é grande porque o acanhado do sitio não permitia maior expansão.

A igreja e sextavada, tendo a configuração de

lataente, com a benedictão do templo e promovendo em hiar noua com as receitas da irmandade, algumas reparações na igreja e dependencias.

Em todos os sabbados, a noite, se canta uma Ladaina a Nossa Senhora, sendo a igreja bastante visitada de fiéis, nessa occasião, especialmente por parte das damas da melhor sociedade scalabitana.

Muito tempo antes da fundação da actual igreja — em julho de 1653 — por iniciativa do então vigario geral de Santarem de Manoel Dias da Costa, reunio-se a irmandade de Santarem da Piedade, com doze membros, na qual estavam representados os tres estados (seus ecclesiasticos, seus nobres e seus officiaes) lavrando-se um termo de juramento e n.º 1.º de ac.º em que se resolve a D. Affonso VI, assignando-lhe o jurato da irmandade que o monarca accoutou, obrigando-se, por carta de seu proprio punho, a ser juiz perpetuo.

Elrei D. Pedro concedeu depois a mercê do Oratorio da Piedade aos frades Jesuítas de Santo a Capella — confirmando a accção que de que perpetuo fizesse seu irradio Affonso e resguio compromettos, afim de perpetuar a memoria da irmandade, e em 1702, publicou-se a accção dos irmanos da nova meza, n'esse anno, que formo o termo de D. João, deus rei, os infantes D. Francisco D. Antonio e D. Miguel, o duque de Cidaval D. Nuno Alvariz Pereira, o Marquez de Marilva e o Marquês de S. Pedro, o rei nomeo



124—Fac-simile do jornal Correio da Extremadura

bro de 1875; *Districto de Santarem* (republicano), abril de 1880 a outubro de 1886; *Jornal de Santarem*, 1884-1889; *O Adolescente*, 1888; *Guilherme d'Azvedo*, 1888; *A Chronica*, 1888; *Commercio de Santarem*, cujo primeiro numero sahiu em setembro de 1888.

Abrantes e Benavente, todos entregues ás respectivas municipalidades, estando já a escola da villa de Abrantes a funcionar.

«Em construcção acham-se os de Rio de Moinhos, S. Miguel de Rio Torto e Tramagal, no concelho de Abrantes; Barquinha e Paio de Pelle (reparações), no concelho da Barquinha; e Alqueidão de Santo Amaro, no concelho de Ferreira do Zézere.

•Estudam-se os projectos de outros em Mont'alegre, no concelho do Sardoal; Alcanena, no concelho de Torres Novas, e na cidade de Thomar.

«Ouvimos que a camara de Almeirim vae tambem requerer a construcção de um edificio escolar, assim como sabemos de fonte segura que o edificio que se projecta para Thomar será construido no pittoresco local da Varzea Grande, em estylo architectonico adequado ao predominante no vetusto e lindo monumento do convento de Christo.»

Entre as mais importantes quintas do arrabalde, mencionaremos a da Mafarra, propriedade do dr. Oliveira Feijão, lente da Escola Medica de Lisboa.

E, ainda a proposito do arrabalde, direi que uma das suas mais concorridas romarias é a da Senhora dos Anjos, no sitio da Portella das Padeiras.

Quero concluir dizendo que o leitor dará por bem empregado o tempo que gastar n'uma visita a Santarem. Se lá for, e quizer voltar, não beba agua da Fonte de Palhaes, nem coma marmellos de Alçorca. Cahindo n'este duplo laço, ficará, diz a lenda, para sempre preso a Santarem.

E não era caso para desesperar.

## II

### O CONCELHO

O concelho de Santarem compõe-se de 23 freguezias, alem das quatro comprehendidas dentro da cidade (Santa Iria da Ribeira, Marvilla, S. Nicolau e S. Salvador).

D'algumas d'aquellas, as que por qualquer titulo julgamos mais importantes, vamos fazer uma quanto possivel especificada resenha, nas seguintes noticias.

#### ABITUREIRAS

A freguezia de Nossa Senhora da Conceição das Abitureiras, com 1.917 habitantes, está situada sobre dezeseis collinas.

Dista de Santarem 14 kilometros, para noroeste.

Ha n'esta freguezia uma capella de Nossa Senhora do Livramento, fundada em 1716, e profanada desde o tempo da invasão franceza.

Pertence ao sr. João da Costa Rebello.

A imagem da Senhora do Livramento é de pedra e de um trabalho esculptural digno de menção.

No mez de março costuma esta imagem sahir processionalmente para outra capella, de Nossa Senhora da Conceição, a qual é propriedade do sr. Luiz Maria do Couto e Silva, e possui um quadro em tela, que se diz ser muito antigo: representa Santo Antonio livrando seu pae da forca.

A freguezia, que se compõe de varios logares, tem muitos casaes.

#### ABRAÃ

A igreja parochial data do seculo xvii. Primitivamente, era na ermida de Santa Margarida, fóra do lugar, que se celebravam os actos religiosos. A povoação divide-se em Abraã grande e Abraã pequena, e comprehende as aldêas de Ameaes de cima, Ameaes de baixo, Canal e Espinheiro.

Ao todo, 1.444 habitantes. O orago continuou a ser Santa Margarida.

Na aldêa de Canal, cujo padroeiro é S. Silvestre, faz-se no ultimo dia de cada anno uma feira, recentemente creada.

Esta feira coincide com a festa ao padroeiro, a cuja capella concorrem então muitos forasteiros com os seus gados em devotas romarias.

## ALCANEDE

Brandão traz na *Monarchia Lusitana* <sup>1</sup> uma noticia sobre a fundação do castello e villa de Alcanede no reinado de Affonso Henriques, anno de 1163, noticia fundada n'um diploma do Archivo de Santa Cruz, que principia assim na versão portugueza, porque o texto é latino, segundo o costume da epoca :

«Eu el Rey D. Affonso dei, e concedi a meu fiel vassalo Gonçalo Mendes de Sousa, aquelle logar de Alcanêde, com tal condição que ambos possuamos a dita povoação, *no qual logar nunca parece que a houve*».

Como adeante veremos, a defesa do castello de Alcanede, ou por commum accordo ou só por vontade do rei, foi no reinado seguinte confiada a uma ordem militar.

A villa pertenceu ao concelho de Alcanede, que foi extinto em 1855, passando então para o de Santarem.

Está situada junto ás serras de Alcanede e Mendiga, na encosta de um alto monte em cuja chapada existem as ruinas do castello que Sancho I mandou occupar por cavalleiros de Calatrava. <sup>2</sup>

Tanto dentro do castello como nos arredores da villa teem apparecido moedas romanas de cobre e prata.

A meia encosta do monte fica a igreja parochial, sobreposta a uma ribeira affluente da ribeira das Alcobertas.

Diz-se que este templo foi fundado por D. Affonso Henriques.

O padre Carvalho, na *Corografia*, faz larga menção de um prior de Alcanede, frei Lopo Vaz Folgado, sujeito de grande talento e virtude, o qual, talvez por isso mesmo, teve varios inimigos que o perseguiram, e por fim o mandaram envenenar.

Carvalho refere, a este respeito, uma lenda prodigiosa, tal é a seguinte; «desde o ponto em que expirou até á hora em que o sepultaram, que foi em Lisboa, os sinos da sua igreja de Alcanede por si estiveram dobrando, sem pessoa alguma lhes pôr mão, e tanto continuaram estes signaes, até que de todo se quebraram.»

Jamais teve tanta propriedade, como n'este caso, a expressão portugueza : tocar até rachar.

Tambem o Padre Carvalho informa, descendo das regiões do prodigio, que o termo de Alcanede é abundante de pão, vinho, azeite, fructas de toda a casta, muito gado, muito mel, caça, boa criação de cavallos, algumas madeiras, havendo tambem ali «pedreiras de marmore mui fino, que fazem boa cantaria.»

Pinho Leal, em contraposição, diz que a villa é pouco fertil.

Mas não ha duvida que produz muito vinho e azeite.

Tambem o mesmo auctor diz que não tem communicação com outras terras.

Comtudo é certo ter hoje estrada para Santarem, de que dista 27 kilometros, a noroeste; como tambem para Rio Maior e Porto de Mós.

Não se sabe ao certo quem deu o primeiro foral á antiga villa de Alcanede, mas ha noticia de que D. Manuel o confirmou.

A commenda de Alcanede andava na casa dos condes de Villa Nova de Portimão, alcaides-móres d'esta villa.

Por tudo o que fica dito se vê qual foi outr'ora a importancia de Alcanede.

Mas ainda acrescentaremos que teve assento em côrtes.

<sup>1</sup> *Terceira parte*, liv. XI cap. I I.

<sup>2</sup> Herculanu — *Hist. de Portug.*, 2.ª edição, tomo 2.º, pag. 15.

Tambem parece que teve brazão (escudo branco bipartido, da direita a cruz da ordem de Aviz e da esquerda um castello com tres torres) comquanto não venha no livro dos brazões da Torre do Tombo, nem em Vilhena Barbosa.

Ha na villa hospital da misericordia.

Antigamente o povo de Alcanede era obrigado a dar annualmente um jantar ao rei: a principio em generos, depois em dinheiro.

A villa tem uma só freguezia, que actualmente conta 3.563 habitantes de ambos os sexos.

O titulo de conde de Alcanede, concedido por Philippe IV a D. Francisco de Alencastre, commendador mór de Aviz, não foi reconhecido depois da Restauração.

Na igreja da villa esteve depositado o cadaver de D. João II, quando veio trasladado da sé de Silves para o mosteiro da Batalha. Diz Garcia de Rezende na chronica d'este rei: «E a noite que o santo corpo chegou a Alcanede, que foi uma sexta feira a vinte dias do mez de outubro do dito anno de noventa e nove, El-Rei foi dormir a Rio Maior, e ao sabbado foi jantar a Alcobaça, e d'ahi se foi aguardar o santo corpo a S. Jorge da Victoria, o qual trouxeram pela serra da Mendiga e pela serra Ventosa, e sobre o Porto de Mós, té chegarem á igreja de S. Jorge onde el-rei o estava aguardando.»

No museu de Alporão, em Santarem, conservam-se algumas das antigas medidas do extincto concelho de Alcanede.

Os habitantes d'esta freguezia costumam ser gente decidida, prompta nas occasiões. Um facto o prova.

No tempo de D. João V, o arrendatario dos impostos quiz cobrar os que andavam atrasados, e recorreu para esse fim á justiça do donatario, que era o conde de Villa Nova.

Mais de 600 homens de Alcanede vieram por ahi abaixo pedir a protecção de el-rei, e foram desattendidos.

Então reuniram-se todos no Terreiro do Paço fazendo o que hoje chamamos «uma manifestação»: clamando em altas vozes e erguendo no ar os seus paus ferrados.

O povo de Lisboa sympathisou com aquella «bernarda» e fez-lhe cauda.

No Paço já não iam gostando da brincadeira. El-rei mandou chamar dois dos manifestantes, que voltaram com despacho favoravel.

E então os de Alcanede calaram-se, abateram os paus ferrados, e rodaram para a sua terra — victoriosos mas pacificos.

## ALCANHÕES

Não falariamos da Povia dos Gallegos, se não admittissemos a hypothese de que o leitor, tendo ido de Santarem á Azoia de Baixo, quiz no regresso á cidade passar em Alcanhões, fazendo curto desvio.

A Povia é uma freguezia de 638 habitantes, que nada tem de recommendavel.

Fica na estrada real de Torres Novas a Santarem, e seis kilometros ao noroeste da margem direita do Tejo.

— O seu orago é Nossa Senhora da Luz.

Produz cereaes e azeite.

Vamos sem demora rodando para Alcanhões e respirando o ar puro do descampado. O horizonte é largo. A planicie cultivada desenrola-se aos nossos olhos delectosamente. Ha trechos de estrada arborisados, e muito pittorescos.

Chegamos a Alcanhões. Pinho Leal, falando d'esta freguezia do concelho de Santarem, a qual hoje conta 1.870 habitantes, não faz sentir a importancia que a vitalizou outr'ora.



Pois aqui pousou por varias vezes a côrte, especialmente no reinado de el-rei D. Fernando. Aqui houve uns antigos paços que hospedavam principes, e em que se realisaram alguns successos notaveis.

Já no tempo de el-rei D. Manuel estes paços reaes eram designados pelo qualificativo de «velhos». Estavam em ruina. Aquelle monarcha doou-os n'esse estado, de fôro e emprazamento, a D. João de Menezes, mordomo-mór da côrte. <sup>1</sup>

Relembremos alguns dos successos que se desenrolaram nos paços de Alcanhões.

El-rei D. Fernando, depois de deixar o cadaver de seu pae no moimento de Alcobça, recolheu se ao castello de Porto de Mós, onde esteve alguns dias.

D'ali jornadaeu a Santarem, e parou em Alcanhões, onde recebeu a embaixada do rei de Aragão, que vinha a tratar paz e amizade; e onde tambem se avistou com Diogo Lopes Pacheco, embaixador do rei D. Henrique de Castella, para identico fim.

Fernam Lopes, falando da hostilidade d'este rei contra D. Fernando o *Formoso*, e da sua entrada em Portugal, escreve:

«El-rei de Castella, quando isto soube, moveu com sua gente caminho de Santarem e chegou áquem do logar «a uns paços que dizem Alcanhões», e ali foi certo que el-rei D. Fernando não queria pelejar com elle. Então partiu elrei (D. Henrique) para Lisboa, a um sabbado dezenove dias de fevereiro, e foi por cima de Santarem, caminho dos Feijoaes e pelas Abitureiras, sem turvação que de nenhum recebesse.»

Por cima de Santarem quer dizer que o monarcha castelhano, vendo que o portuguez não sahia a dar-lhe batalha, seguiu, desdenhoso, seu caminho, passando ao norte da então villa e hoje cidade d'aquella denominação.

Foi ladeando pelas Abitureiras, parochia antiga, situada sobre 16 collinas, ficando a povoação principal, isto é, o logar que deu o nome á freguezia, sobre uma pequena ribeira affluente do Rio Maior.

Hoje, como sabemos, a população das Abitureiras é consideravel.

Diga-se em abono da verdade que el-rei D. Fernando, aliás fraco homem de guerra, ainda teve uns assomos de valentia quixotesca quando soube que Henrique de Castella lhe andava rondando a porta, insolente e provocador. Chegou a vestir as armas e a montar a cavallo, mas o conde D. João Affonso Tello e o Prior do Hospital deram-lhe um conselho prudente: que se abtivesse de combater, pois não tinha á sua disposição a gente que precisava.



125 — Conselheiro Barros Gomes

<sup>1</sup> Viterbo, *Dicc dos archit.*, vol. II, pag. 525.

Tambem aqui em Alcanhões se concertou o plano definitivo do tenebroso drama, que teve por catastrophe final o assassinio de D. Maria Telles, irmã da rainha.

O infante D. João, que como se sabe era um dos filhos de Ignez de Castro, gosava de popularidade, e fazia sombra á rainha, a qual receava que sua filha a princeza D. Beatriz viesse a ser suplantada, na successão da corôa, por aquelle infante e D. Maria Telles.

Então, arteiramente, a rainha mandou insinuar no espirito de D. João que lhe daria D. Beatriz em casamento se elle se desfizesse da mulher.

O infante acceitou este plano e, já disposto a executal-o, «foi-se caminho d'Alcanhões, onde el-rei e a rainha eram então com toda sua casa.»

Hospedou-o o conde de Barcellos, conluiado com a rainha. Houve dança e merenda. Depois levou-o ao paço a falar com a rainha e o rei. Era a ultima demão no abominavel plano. De Alcanhões seguiu o infante D. João por Thomar para Coimbra, onde, como se sabe, matou aleivosamente sua mulher D. Maria Telles.

A hediondez do crime orça pela do logro em que o infante cahiu.

Estes successos historicos, que tiveram por theatro os paços de Alcanhões, foram esquecidos ou ignorados por Pinho Leal.

A povoação, conquanto perdesse o seu antigo esplendor, ainda hoje se faz notar pelo numero de predios arruados e pelas quintas que possui, duas das quaes se avantajam a todas as outras.

Refiro-me á das Ladeiras, do conselheiro Henrique de Barros Gomes, que ali falleceu a 9 de novembro, de 1898; e á da Commenda, propriedade do abastado lavrador Paulino da Cunha e Silva.

O cadaver de Barros Gomes veio no dia seguinte para Lisboa, onde jaz sepultado.

Este estadista foi, em epochas diversas, ministro da fazenda, dos estrangeiros e da marinha. Tambem foi director e vice-governador do Banco de Portugal.

Tendo começado por seguir a bandeira politica do bispo de Vizeu, ficou depois, como aconteceu a tantos outros, no partido progressista, onde a sua intelligencia e caracter foram devidamente apreciados.

Homem politico, Barros Gomes soffreu grandes amarguras. Como ministro da fazenda, a sua proposta de lei estabelecendo o imposto de rendimento foi vivamente atacada; como ministro dos negocios estrangeiros, o *ultimatum* da Inglaterra, em 1890, abalou-lhe profundamente o espirito e a saude.

Quando, depois, foi ministro da marinha, o seu aspecto de doença a todos causava dó.

Como parlamentar, Barros Gomes era energico na defesa ou no ataque; correcto na phrase, que tinha sabor litterario; e sempre cortez com os seus adversarios, na tribuna. Unicamente peccava por diffuso.

O seu ultimo discurso foi pronunciado na sessão nocturna de 27 de abril de 1898. Parecia já semi-morto, o pobre orador.

No districto de Santarem, as mulheres de Alcanhões teem fama de ser bonitas.

Algumas vi que, realmente, não eram feias.

Modernamente organisou-se em Alcanhões uma banda de creanças, sob o nome de «Fanfarra Escolar», que já se deixou ouvir na cidade de Santarem, onde foi muito applaudida.

E' custeada pela «Caixa de beneficencia escolar de Alcanhões», instituição que faz honra á localidade, e conta grande numero de socios.

Tambem Alcanhões se recommenda por um estabelecimento thermal, que dista da povoação cerca de dois kilometros e tem facil communicação com a cidade de Santarem, e com a estação de Valle de Figueira.

Este estabelecimento é modesto, mas decente. Reduz-se a um pequeno *chalet*. E as aguas, chloretadas, que ali nascem, passam por ser excellentes para uso externo no tratamento das doenças de pelle, rheumatismo e gota; e para uso interno no tratamento das doenças de estomago, rins, figado e bexiga

Em 1891, o sr. Manuel Luiz da Fonseca, ali proprietario, notou que a agua de uma nascente, em vez de beneficiar as plantas, as estragava e fazia morrer.

Verificado o facto por meio de repetidas experiencias, mandou-se proceder á analyse da agua, trabalho que foi confiado ao conceituado director do Laboratorio Chimico do Instituto de Agronomia e Veterinaria de Lisboa, sr. Rebello da Silva, e ainda ao chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio da Universidade de Coimbra, sr. Santos e Silva. Pela analyse qualificativa e quantitativa foi demonstrado que um litro d'aquella agua continha:

Chloretos: de sodio, 2,1834 grammas; de calcio, 1,2420 gr.; de magnésio, 0,2159 gr.; de lithio, vestígios; sulfatos: de calcio, 0,0396 gr.; de potassio, 0,0770 gr.; de ammonio, 0,1124 gr.; carbonatos: de ferro 0,0123 gr.; de calcio, 0,1611 gr.; de magnésio, 0,1453 gr.; acido carbonico livre, 0,1791 gr.; silica, 0,0538 gr Total das substancias 4,4219 gr.



126 — Estabelecimento thermal de Alcanhões

Immediatamente se constituiu

a empresa das aguas de Alcanhões, de que foram fundadores os srs. Alfredo Cesar Henriques, Julio Cesar Henriques de Carvalho, Emilio Augusto Infante da Camara, Antonio Mendes Cabral, José da Silva Cardoso Junior, Augusto Cesar Henriques de Carvalho e Manuel Luiz da Fonseca.

Construiu-se então o edificio, que se compõe de uma sala de entrada, uma outra onde se toma a agua, e oito quartos para banhos, 4 de 1.<sup>a</sup> classe e 4 de 2.<sup>a</sup>, havendo tambem os necessarios aparelhos para banhos de chuva e duches de agulheta.

A agua é tirada do poço, que mais tarde se construiu, por meio de bomba e elevada até um deposito d'onde depois é distribuida, fria ou quente, para as banheiras.

A estrada de Alcanhões a Santarem tem lindos trechos, orlados de arvoredo, que constituem extensas alamedas.

Tambem tem, junto á *Ponte do Frade*, talvez a dois kilometros de Santarem, uma lenda piedosa, em que apparece Jesus Christo transmudado n'um formoso ancião de barbas brancas, tão brancas como a neve.

Vendo um grupo de camponезes a malhar trigo, quiz experimentar a sua bondade, e pediu-lhes esmola.

— Que se fosse, e os deixasse em paz, responderam.

O ancião insistiu, muito humilde.

Tornaram-lhe que se fosse, se queria ir a bem; quando não...

Apontando para um monte de trigo, disse o pedinte.

— Dai-me ao menos uma mancheia d'aquelle trigo, que vos não ha de fazer falta.

— Aquillo é terra.

— Terra será.

Então o mendigo das barbas brancas foi andando seu caminho, e os camponezes continuaram malhando. No dia seguinte, quando chegaram á eira para recommençar a lide, acharam o trigo convertido em terra.

D'aqui veio, diz a lenda, o ficar-se chamando *Monte do Trigo* áquelle sitio.

Mas o caso parece ainda mais prodigioso com dizer-se que a força das chuvas tem escodeado outros montes proximos, respeitando sempre aquelle.

#### ALMOSTÉR

A freguezia de Santa Maria de Almostér, que actualmente conta 2:965 habitantes, está situada em uma planicie, na estrada de Santarem para Rio Maior, sobre a margem direita da ribeira de Almostér.

Fica 11 kilometros ao occidente de Santarem.

E' terra fertil: recolhe trigo, fructas, especialmente figos, vinho e azeite.

D. Sancha Pires, que falleceu no seculo XIII, ordenou em testamento que sua filha, D. Berengaria Ayres, fundasse n'aquella chan um mosteiro de monjas, ao qual o logar deveria o nome (*al + monasterii*) que depois teve.

Derivou, effectivamente, d'essa disposição testamentaria a fundação do mosteiro destinado a freiras bernardas.

A Rainha Santa, de quem D. Berengaria foi dama de honor, doou muitas rendas a esta casa religiosa, cuja construcção largamente subsidiou por morte da sua dama.<sup>1</sup>

Aqui professou a formosa *Pelicana*, mãe do Prior do Crato, D. Antonio, que primeiro esteve no mosteiro de Vairão.

A 18 de fevereiro de 1834 feriu-se em Almostér uma sanguinolenta batalha. Foi mais uma temeridade feliz dos liberaes, que deixaram que os realistas atravessassem a ponte de Santa Maria, entre Villa Nova e Alforgemel e formassem nas alturas em posição vantajosa, com o plano de os envolver depois.

Para a victoria n'esta acção muito contribuiu o coronel Antonio Vicente de Queiroz, commandante de caçadores 12.

Diz Saldanha no seu relatorio ao Imperador, dando a impressão geral da batalha:

«O regimento n.º 1 ficou de reserva, tendo formado em linha a menos de meio tiro de fuzil da linha inimiga, e conservou-se com a maior firmeza, exposto a um terrivel fogo, que os rebeldes sustentaram com a maior actividade enquanto as nossas bayonetas lhes não podiam chegar, mas logo que o verificaram, voltaram costas, precipitaram-se das alturas e amontoaram-se junto á Ponte. Momento verdadeiramente horrivel, qualquer que fosse o inimigo, mas insupportavel quando nos lembramos que eram portuguezes! uma especie de torpor se apoderou dos rebeldes, offerecendo uma resistencia quasi nulla, não se decidiam a render-se, e os nossos soldados enraivecidos por tanta tenacidade, fizeram uma carnagem verdadeiramente espantosa. Durante todas as minhas campanhas, só me lembra de vêr na Brecha de S. Sebastião<sup>2</sup> alguma cousa que se pu-

<sup>1</sup> *Portugal glorioso*, pag. 142.

<sup>2</sup> Refere-se ao ataque á praça de S. Sebastião de Biscaya, em 25 de julho e 31 de agosto de 1813.

desse comparar áquella scena, assim como mui poucas vezes soffri um fogo tão violento, como aquelle que os rebeldes nos fizeram até ao momento de fugirem.»

Saldanha tinha comsigo, na acção de Almostér, os batalhões de caçadores 2, 12, e os regimentos 3 e 6 de infantaria.

Pinho Leal, no *Portugal antigo e moderno*, commenta este combate dizendo com toda a sua obcecação de ferrenho miguelista: «Nenhum dos partidos foi vencido (em Almostér), ambos ficaram nas posições antecedentes, mas ambos cantaram victoria».

Este commentario apaixonado briga fundamentalmente com a «resistencia quasi nulla» dos realistas, e com a «carnagem verdadeiramente espantosa», a que se refere Saldanha no seu relatorio official.

O que é certo é que os miguelistas não só não podiam cantar victoria, porque a sorte lhes foi adversa n'esse lance de armas, mas que tambem ficaram profundamente abatidos, tanto mais que n'uma proclamação lida ao exercito se lhe havia prometido, contando com o bom éxito da acção, que iriam n'essa noite dormir ao Cartaxo e d'ahi a quarenta e oito horas entrariam em Lisboa.

O coronel Antonio Vicente de Queiroz, a quem tanto se deveu a victoria, tinha sido encarregado da defesa das alturas entre o Paul e a Ponte de Santa Maria. Audaciosamente deixou que os miguelistas atravessassem a ribeira e ganhassem as alturas, para depois, cahindo-lhes sobre o flanco e cortando-lhes a retirada, os esmagar irremediavelmente. Este feito militar valeu-lhe o titulo de barão da Ponte de Santa Maria e depois o de visconde e conde.

O leitor ha de ter ouvido contar muitas anedotas que caracterisam a rudeza illustrada do bravo official Queiroz.

Ainda que todas sejam verdadeiras, o que é certo, e basta como gloria, é que serviu brilhantemente a sua patria no campo de batalha.

Uma das recompensas honorificas com que foram premiados os serviços de Saldanha consistiu em ser dado (1 de dezembro de 1836) o titulo de conde de Almostér a seu filho Augusto Carlos,<sup>1</sup> em memoria da batalha ali ganha pelo prestigioso general.



127 — Ultima guarita das fortificações de Santarem

<sup>1</sup> Este mallegrado moço, que seguia a carreira diplomatica, falleceu em Karlsbad aos 24 annos.

O convento de Almostér acha-se hoje muito arruinado, mas a igreja está regularmente conservada.

Na exposição retrospectiva de arte ornamental (Lisboa, 1881-1882) figuraram alguns preciosos objectos procedentes d'este convento, taes como uma custodia de prata dourada, guarnecida de numerosas pedras, e, como recordação da opulencia das freiras, ricos prégos de cabello em oiro esmaltado, cravejados de esmeraldas, rubins, e diamantes, obra do seculo xvi.

Um d'esses prégos tinha a forma de borboleta.

Quem sabe em que chamma se queimaria esta rutila mariposa, que certamente pousou sobre a cabeça... de uma freira de Almostér!

Entre os parochos que teem pastoreado esta freguezia conta-se um, o padre Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa, que se assignalou pela sua hostilidade a Bocage e, principalmente, pelas sovas monumentaes que Bocage lhe applicou em desforra.

Era natural de Cascaes e fez parte da Nova Arcadia com o nome de *Corydon Neptunino*.

Foi poeta e musico de algum merecimento. Tambem foi prégador. Escreveu, para o theatro, uma tragedia original—intitulada *Sesóstris*.

Nada d'isto, porém, lhe garantiria a immortalidade, se Bocage, por desaggravar-se, o não houvesse arrastado pelas ruas da amargura, deixando o a escorrer sangue deante dos vindouros.

O leitor lembra-se, certamente, do famoso soneto de Bocage que principia:

O mundo a porfiar que o Franco é tolo;  
O Franco a porfiar que o mundo mente!

Pois este Franco era elle, o vigario ou abbade da freguezia da Santa Maria de Almostér.

Uma das quintas mais notaveis da freguezia é a do sr. Francisco de Vasconcellos Coutinho. Tem palacete e capella.

#### AZOIA DE BAIXO — AZOIA DE CIMA

A freguezia de Azoia de Baixo, cujo orago é Nossa Senhora da Conceição, está situada n'um valle, sobre a margem direita de uma pequena ribeira, affluente do Tejo.

Fica a legua e meia da cidade de Santarem, para o norte; e a igual distancia da estação de Val de Figueira, para o occidente.

No estreito adro da igreja, a qual nada tem de notavel, ha um jazigo cuja inscripção compensa bem a modestia do templo parochial e d'aquella aldêa.

Diz a inscripção:

*«Neste jazigo do general Pedro Vieira Gorjão estiveram depositados os restos mortaes do eminente escriptor Alexandre Herculano desde 14 de setembro de 1877 até 27 de junho de 1888, dia em que foram trasladados para o monumento erigido no convento dos Jeronymos.*

*Esta memoria mandou aqui pôr a commissão executiva d'aquelle monumento.*

Foi Alexandre Herculano quem deu celebridade á aldêa de Azoia de Baixo, durante os ultimos vinte annos da sua vida, e ainda depois de morto.

O eminente escriptor, certamente mais aborrecido da vida litteraria que da litte-

ratura, porque se abandonou uma, nunca deixou de cultivar a outra, refugiou-se na aldeia de Azoia de Baixo na casa e quinta de um amigo, o general Gorjão, contigua á escola actual.

Foi este o seu primeiro aquartelamento no districto de Santarem, depois de ter resolvido afastar-se da capital.

Herculano havia preparado e publicado os seus quatro volumes de *Historia de Portugal* ao nivel intellectual de Eichhorn, de Thierry, de Guizot, de Ranke, de Niebuhr e de Mommsen, isto é, com uma pujança de critica que revolvia fundamentalmente o passado, absorvendo n'elle toda a attenção, toda a existencia do historiador.

Os seus outros livros foram aparas d'essa grande obra; apenas ramificações conexas dos seus estudos predilectos.

O presente não era para elle mais do que o momento fugitivo em que trabalhava.

Mas o preterito era a eternidade esclarecida, vitalisada pela aurora de uma renovação intellectual, que raiava da França e da Allemanha, e vinha aclarar as linhas, contornos e côres das epochas, segundo a expressão do proprio Herculano.

Assim tinha elle adquirido, em graves labores litterarios, esse espirito de solidão que deriva lentamente da convicção de que os livros são melhores do que os homens e as regiões do pensamento bem mais serenas do que as relações sociaes.

De todos os generos de litteratura é talvez a Historia aquelle que mais predispõe ao silencio, á meditação, ao apartamento emfim.

O estudo das gerações mortas, o habito de revolver cinzas e reconstituir epochas, afervora o culto do passado, isola do presente e cria repugnancia pelo futuro.

Os homens, vistos a grande distancia de tempo, tornam-se menos irritantes e mais supportaveis do que aquelles que podêmos ter ainda deante de nós, e nos dão o espectáculo abominavel das suas paixões effervescentes e das suas miserias quotidianas.

Como historiador que era, Herculano sentiu se absorvido pelo passado, aonde foi colhêr a materia prima da sua obra litteraria; e esta vida retroactiva, esta regressão intellectual a que tomou gosto, trouxe como consequencia o desdem, ás vezes o desprezo pelos seus contemporaneos, sentimentos que foram aggravados pelas aggressões e convicções que o perseguiram e azedaram.

Ainda quando em Lisboa, Herculano isolou-se voluntariamente no ermiterio da Ajuda e preenchia hygienicamente os seus ocios dando passeios solitarios pela serra de Monsanto ou cavando a terra n'uma horta da calçada do Galvão.

Mas até essa epoca não se tinha separado completamente da convivencia litteraria. Na Ajuda hospedava Garrett, recebia semanalmente os seus intimos, taes como Rebello da Silva, Bulhão Pato, e outros. Comtudo ouvia ainda de perto os rumores de uma



123 — Azoia de Baixo

grande cidade, e o seu aborrecimento pela vida frivola e tumultuaria da capital, a sua descrença politica, a sua saciedade de desgostos e aggravos litterarios e, mais que tudo, talvez, a sua predilecção especial e absorvente pelos estudos historicos, foram, no espirito de Herculano, superiores ao desprazer que lhe causaria o facto de ter que separar-se da convivencia dos seus intimos.

Um dia, deliberadamente, trocou o ermo da Ajuda pela solidão, maior e mais profunda, da Azoia de Baixo, não ainda como proprietario, mas apenas como hospede.

A simplicidade e liberdade dos habitos ruraes, a largueza das horas que podia consagrar á leitura e á meditação, alternadas com os exercicios hygienicos tão convenientes a um organismo que o trabalho tinha abalado e a idade ia alquebrando cada vez mais, fizeram que Herculano creasse raizes n'aquelle rincão do districto de Santarem, passando de hospede a proprietario, e de lavrador *in partibus* a lavrador effectivo.

Adquiriu a quinta de Val-de-Lobos (é singular a coincidência de se chamar *Val-de-Lobo* a quinta, em França, onde Chateaubriand se isolou quando, por 1811, regressou de Jerusalem), e pensou menos em commodidades pessoas do que em fixar-se definitivamente n'uma vida menos impertinente e mais tranquilla e sadia que a de Lisboa.

Ao passo que dispensava desvelos á sua modesta propriedade agricola, pelo que tocava á cultura, á rega, ao amanho das terras, e ao fabrico do azeite especialmente, reservava para habitação um *rez-de-chaussée* pequeno, acanhado, com um terracinho exiguo, e só dois aposentos altos: o seu quarto de dormir e o seu escriptorio.

Pode dizer-se, sem exageração, que a modesta casa de Val-de-Lobos cabe em metade do espaçoso lagar de azeite construido por Herculano, e montado em harmonia com os melhores e mais modernos processos de fabrico.

Ali, em Val-de-Lobos, me contaram que Herculano percorria muitas vezes, todos os dias, a sua quinta, apparecendo agora aqui, logo acolá, conversando com os camponezes e jornaleiros, entrando no lagar de azeite, examinando o aviario, cuidando das flores, sentando-se algumas vezes no terracinho a ver dançar e a ouvir cantar as raparigas, visitando a igreja parochial quando havia festa e até encorporando-se nas procissões aldeãs.

Isto não quer dizer que renunciasse completamente á litteratura, do mesmo modo que tinha renunciado á vida litteraria. Não. Tambem ouvi dizer em Val-de-Lobos que respondia largamente a consultas, que recebia do estrangeiro ou do paiz; e todos nós sabemos que por varias vezes honrou com a sua collaboração alguns jornaes e até *almnachs*, depois do isolamento.

Um tal homem como Herculano não pode supprimir-se nunca, nem esquecer já-mais. Por isso, se uma correspondencia culta e frequente o ia procurar ao retiro de Val-de-Lobos, tambem ali o iam visitar todos os seus intimos e, alem d'elles, alguns viajantes de distincção, designadamente o imperador do Brazil D. Pedro II.

Este monarcha veiu duas vezes a Portugal: ainda voltou uma terceira vez, mas já desthronado, e pouco depois falleceu em Pariz (1891).<sup>1</sup>

Pois da primeira vez, na manhã de 10 de março de 1872 visitou a Alexandre Herculano em Val-de-Lobos, almoçou com elle, e foi depois ver a cidade de Santarem, onde a sepultura de Pedro Alvares Cabral lhe prendia a attenção, especialmente.

Da segunda vez, em 1877, quando o imperador chegou a Lisboa, Alexandre Herculano, posto andasse um pouco mais incommodado da sua bronchite chronica, veiu a Lisboa no dia 1 de setembro, para cumprimentar D. Pedro II.

<sup>1</sup> O seu cadaver e o da imperatriz, fallecida no Porto, estão no panthéon real de S. Vicente de Fóra em Lisboa.



Sentiu-se peor ao regressar a Val-de-Lobos, onde logo no dia 3 se viu obrigado a ficar de cama.

Tres dias depois, o diagnostico da doença era claro e grave: uma pneumonia.

O processo pathologico desenvolveu-se completamente: o desenlace fatal aproximava-se.

Na noite de 11 para 12, Herculano, recostado na cama, dicta as suas disposições testamentarias, e assigna-as, não já sem difficuldade.

Ao amanhecer do dia 13, elle, sentindo avizinhar-se a morte, quer despedir-se do sol, das arvores, das suas terras de Val-de-Lobos.

Bulhão Pato, testemunha presencial, escrevia sob a commoção intensa de angustia-do espectador:

« A luz que entrava pelas frinchas da janella sobrelevava já ao clarão mortiço da lampada accesa no quarto proximo ao do enfermo.

« Alexandre Herculano disse :

« — Abram a janella. Quero ver as arvores.

« Eduardo abriu as portas da janella. O orvalho, aos clarões vivos e virginaes da alvorada, brilhava como pedras preciosas correndo em lagrimas pelos vidros empanados. Eduardo limpou os vidros com o lenço.

« N'esse mesmo momento tinham entrado o quarto José Bastos, José Candido dos Santos, um dedicado amigo de Val-de-Lobos, hoje morto; a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Marianna Herminia Meira e as amigas intimas que a acompanhavam. Não me recordo de algumas pessoas mais.

« A luz da manhã crescia em ondas. Alexandre Herculano estava extremamente pallido. O queixo inferior que de ordinario, quando falava, tremia um pouco, agora tremia constante e fortemente.

« Não havia nem lagrimas nos olhos, nem palavra na bocca de ninguem.

« Nada, ás vezes, é mais eloquente do que o completo silencio! Herculano, vendo entrar as senhoras, olhou fixo para sua mulher, que elle amava extremosamente, com expressão dolorosa e afflictiva.

« Depois, estendendo o braço, disse com energia :

« — Levem d'aqui as mulheres: mulheres não são para ver isto.

« Que se passaria n'aquelle forte, e ao mesmo tempo, amantissimo coração ao proferir estas palavras, em tal instante, e com tal hombridade?!

« O medico assistente, doutor Pedroso <sup>1</sup>, chegou pelas oito horas. Na consternação da sua boa e intelligente physionomia lia-se a sentença fatal!

« O criado Manuel, que Alexandre Herculano tivera em sua casa de pequeno e mandára educar, veio trazer lhe um caldo.

« Herculano fez um gesto repulsivo.

« Manuel insistiu sollicitamente.

« O doente respondeu :

« — Bebe-o tu, coitado, que necessitas; eu já não preciso de nada!»

Interrompo aqui a narrativa de Bulhão Pato, para dizer o que eu proprio ouvi contar em Val-de-Lobos.

N'um dos momentos em que o caseiro da quinta se aproximou do leito, Herculano disse-lhe serenamente, em tom de confidencia:

<sup>1</sup> Antonio Mendes Pedroso, medico habilissimo, natural de Santarem, ao qual esta cidade fez uma solemne apotheose em dezembro de 1905, e que falleceu pouco depois, em janeiro de 1906.

Tinha nascido n'uma casa da rua de S. Nicolau. Na casa foi collocada uma lapide commemorativa e a rua passou a chamar-se -- do dr. Mendes Pedroso.

—Agora é que eu vou saber o segredo da abelha.

O caseiro comprehendeu-o, porque estava habituado a que Herculano, falando, descesse ao nível da sua intelligencia de homem rude.

Bulhão Pato prosegue:

«A respiração continuava anhelante, porém menos ruidosa. Cada vez maior difficuldade de espectorar.

«Tinha alguns minutos de apparente somnolencia; depois, estremecendo, abria os olhos.

«Seriam tres da tarde. Interrompendo um longo silencio, disse apontando para os pés:

«— A morte já ahí vem a subir.

«Em seguida, levando a mão á testa ampla e proeminente, bateu repetidas vezes acrescentando:

«— Isto ainda está bom. Foi muito riço.

«Esteve alguns segundos fitando-me e continuou:

«— Agora vocês é que ficam sendo os velhos!

«Nas horas em que estive ao pé d'elle, durante a enfermidade, foi n'esse momento que pela primeira vez lhe vi os olhos humidos de lagrimas.

«A tarde começou a declinar.

«Eu estava no seu gabinete de trabalho, proximo do quarto. Eduardo Galhardo chegou-se a mim.

«— Olha, o tio recitou agora uns versos; mas eu não pude perceber bem.

«Abeirei-me do leito e falei-lhe.

«Respondeu:

«— Ainda lhe comprava mais dois centos.



290 — Alexandre Herculano

«Tornei a falar-lhe.

«Repetiu as mesmas palavras, e, passado breve espaço, acrescentou:

«— Tanchões de oliveira.

«Os olhos haviam tomado expressão diversa, espantados, desvairados!

«Estava em delirio.

«Sahi ou antes fugi do quarto.

«Quando vi transtornada aquella soberana razão, que desde os meus dezeseis annos me habituára a venerar e admirar em diurna convivencia, perdi completamente o animo.

«Sem me despedir de ninguem, metti-me com o duque de Palmella n'uma caleche e parti.

«D'ali a pouco mais de duas horas Alexandre Herculano estava morto.»

Expirára ás 10 da noite.

O pobre caseiro, chorando, contemplando a physionomia pallida e apagada do seu illustre patrão, pensaria certamente :

«Sim, agora já elle sabe tudo o que lhe faltava saber.»

Os restos mortaes de Herculano estiveram durante onze annos no adro de Azoia de Baixo, como já dissemos, em o jazigo do general de engenheiros Vieira Gorjão.

A 27 de junho de 1888 vieram para o sumptuoso mausoléo que lhes foi destinado na casa do capitulo, para esse fim concluida, do mosteiro de Belem.

Uma commissão composta dos srs. José Gregorio da Rosa Araujo, João de Andrade Corvo, Francisco Antonio Pereira da Costa, Francisco Augusto Xavier de Almeida, duque de Palmella, José Maria Borges, José Thomaz de Sousa Martins, Eduardo Coelho, José Manuel da Costa Basto, João Maria Galhardo, José Joaquim Gomes de Brito e outros, promoveu uma subscrição nacional para erigir aquelle monumento.

O estado concorreu, por virtude de auctorisação parlamentar, com a verba de 12:500\$000 réis.

A camara municipal de Lisboa subscreveu com 1:000\$000 réis, os duques de Palmella com igual quantia, e o sr. Joaquim Filippe de Soure com 6:000\$000 réis.

O total da subscrição publica attingiu a cifra de 14:000\$000 réis.

Concluido o monumento foram as sobras da subscrição applicadas á creação da escola Alexandre Herculano na freguezia de Azoia de Baixo.

Em 13 de setembro de 1893, 16.º anniversario do passamento do eminente escriptor, foi collocada a primeira pedra d'este instituto escolar.

O edificio, construido com elegancia e em conformidade com as prescrições da pedagogia e hygiene, mede 26 metros de frente sobre 8 de fundo e tem altura proporcionada.

A' frente e na parte central do edificio ha um pequeno recinto calçado de pedra miuda e vedado ao publico por meio de grade e meias portas de ferro com hobreiras de pedra ornadas de pinaculos.

No frontão foram collocadas duas lapides com as seguintes inscrições:

ESCOLA  
ALEXANDRE HERCULANO

E por baixo :

MANDADA EDIFICAR COM AS SOBRAS DA SUBSCRIPÇÃO NACIONAL  
PARA O MONUMENTO QUE, NO EDIFICIO DOS JERONYMOS, EM BELEM,  
ENCERRA AS CINZAS DO GRANDE HISTORIADOR.  
EM MEMORIA DOS ULTIMOS VINTE ANNOS POR ELLE PASSADOS,  
PRIMEIRO N'ESTA ALDEA, E CASA CONTIGUA, DEPOIS NA PROXIMA  
PROPRIEDADE DE VAL-DE-LOBOS.

TRAÇOU E DIRIGIU A OBRA O CORONEL DE ENGENHEIROS  
MANUEL RAYMUNDO VALLADAS

SETEMBRO DE 1894

A «casa contigua», de que se fala na primeira lapide, era a do general Gorjão; passou depois a José Filippe de Sá, e hoje pertence a D. Maria da Piedade e Silva.

A mobilia da escola foi offerecida pelo duque de Palmella, e feita nas officinas da Penitenciaría de Lisboa.

No dia 27 de dezembro de 1895 foi a escola entregue á camara municipal de San-

tarem e solemnemente inaugurada, havendo ruidosas demonstrações de regosijo na freguezia de Azoia de Baixo.

A construcção da escola, destinada a ambos os sexos, permite manter-se completa separação de alumnos e alumnas, tanto dentro das aulas e nos corredores como nos jardins de recreio.

Em março d'este anno (1903), quando visitei a escola — Alexandre Herculano — era ella frequentada por 17 alumnos e 28 alumnas.

O professor achava-se presente, e com elle e outras pessoas da localidade estive conversando a respeito de Herculano, cuja memoria valorisa historicamente aquella aldeia, e attrae ali forasteiros, apesar dos restos mortaes do grande historiador terem sido removidos para longe.

Em cada aula ha um retrato de Herculano, em photographia, por detraz da cadeira do respectivo professor e professora.

Contemplando aquella physionomia severa, de feições duras, perguntei a alguns velhos lavradores se Herculano era com elles expansivo e agradável.

Responderam-me que sim: que os entretinha muito a falar de agricultura, unico assumpto em que o poderiam acompanhar e entender.

Uma das ideias em que insistia frequentemente era a de que adquirissem propriedades por meio de aforamentos.

Da escola fui vêr a quinta de Val-de Lobos. Iam-me mostrando as bemfeitorias que Herculano ali realisára. Por ellas reconheci o gosto com que esse homem superior tratava das suas terras. Tambem me mostraram um socalco, sombreado por alguns cyprestes, onde parece que elle desejava ficar sepultado. Pode dizer-se ser esse o logar mais alto da quinta, a qual é quasi toda plana, como o valle em que assenta.

A casa de habitação estava fechada, e já não havia tempo de mandar pedir a chave ao herdeiro de Herculano, o sr. Paulino da Cunha e Silva, que aliás não a recusa a ninguem

Mas o caseiro mostrou-me o pateo, para o qual olha a sala de jantar, o aviario, a coelheira e o lagar de azeite, esse famoso *Azeite Herculano* que tanto deu que falar.

Quem vae a Santarem não deve deixar de visitar a Azoia de Baixo, não porque a povoação seja grande e mais pittoresca do que qualquer outra do concelho, onde os olivedos abundam, mas porque ali estão reunidas muitas e interessantes recordações do mais erudito e profundo escriptor portuguez do nosso tempo.<sup>1</sup>

— A freguezia de Azoia de Cima, cujo orago é Nossa Senhora da Graça, fica na raiz de um monte, á margem direita da mesma ribeira que passa em Azoia de Baixo.

Dista de Santarem 15 kilometros, para o norte.

Foi antigamente capellania de uma commenda da ordem de Aviz, que andava na casa dos condes de Unhão.

A Azoia de Cima é mais populosa que a Azoia de Baixo, pois conta 601 habitantes, mas não teve nunca a felicidade de se vêr glorificada por um homem notavel.

O leitor, se fôr de Santarem em carruagem á Azoia de Baixo, póde, no regresso á cidade, alongar um pouco o passeio para vêr a Povia dos Gallegos e Alcanhões, especialmente Alcanhões, o que não deixa de ser agradável.

<sup>1</sup> Pensa-se em erigir um monumento a Alexandre Herculano em Azoia de Baixo. Para este fim foi nomeada uma commissão.

## PERNES

Esta povoação, situada no recosto de um monte brandamente ondulado, doze kilometros ao norte de Santarem, tem a recommendal-a a memoria das chronicas, a amenidade do sitio, e a pittoresca cascata onde, principalmente no inverno, se despenham com fragor os sobejos da canalisação do Alviella.

Como diremos no capitulo *Torres Novas*, 15:000 metros cubicos de agua, por dia, foram reservados para o serviço da agricultura.



130 — Cascata de Pernes

O canal, que conduz o grosso do Alviella a Lisboa, passa ao norte de Pernes, seguindo junto á estrada de Santarem.

A memoria das chronicas, pelo que respeita a Pernes, alcança até ao principio da nossa nacionalidade, porque reconta que D. Affonso Henriques, vindo de Coimbra com o secreto intuito de tomar Santarem aos mouros, só em Pernes descobrira tão ousado plano aos seus companheiros d'armas.

A amenidade do sitio resulta da fertilidade e boa sombra da terra, rica de arvoredos, abastecida de hortas e pomares virentes, fecundados pela vizinhança do Alviella e ainda da ribeira de Pernes.

Todavia o que mais prende ali a attenção é a cascata do Alviella, que vem cahindo do alto e quebrando suas aguas com estrondo.

No verão, a cascata ou *corredoura* está quasi sêcca. Mas no inverno é ruidosa e espumante.

Em 12 de dezembro de 1903 dizia uma correspondencia de Pernes para Lisboa: «N'estes ultimos dias tem aqui chovido muitissimo. A cascata está imponente e o Alviella, sahindo do leito, tem engrossado de tal maneira que cobre já boa parte dos campos marginaes».

E', realmente, um espectáculo soberbo, novo para o viajante, que se dá por bem pago de ter ido a Pernes só com vêr a cascata fremente do Alviella.

E ali se demora alguns minutos a contemplal-a muito curioso e surprehendido.

Depois vai-se familiarisando, perde o medo do estrépito das aguas, começa a experimentar a furia do sorvedouro arremessando-lhe de cima quaesquer projecteis que são logo tragados pelo cachão e nunca mais apparecem.

O leito do Alviella é lindamente marginado por magnificos effeitos decorativos: campos, hortas, pomares, jardins, pontes e engenhos.

A cascata ou *corredoura* brilha ornamentalmente sobre todos os outros effeitos.

A villa de Pernes é de remota origem: D. Manuel deu-lhe foral em 1514. Foi cabeça de concelho até 1855. Actualmente a freguezia conta 1:184 habitantes.

No seculo XVIII o conde de Obidos possuia aqui importantes abegoarias, onde hospedava galhardamente todos quantos ciganos passavam para a feira da Piedade em Santarem, realisando assim o dizer de Cervantes, na comedia *Pedro de Urdemalas*, a respeito dos ciganos:

á quien nunca falta casa  
que el deseo busque y pida.

Durante as campanhas da liberdade occorreram em Pernes alguns acontecimentos militares.

O exercito realista foi aqui surprehendido e posto em debandada, a 11 de novembro de 1833, pelo general Saldanha, que destruiu os moinhos da povoação.

No anno seguinte, 30 de janeiro, quando já os realistas haviam retomado posição em Pernes, o mesmo general os atacou de novo, mas então, se algumas tropas debandaram tambem ou foram esmagadas, como aconteceu ao regimento 17—flôr da infantaria miguelista—outras, entre as quaes as do commando do coronel Vellasco, resistiram bravamente e conseguiram retirar em boa ordem para Santarem.

O proprio Saldanha elogiou a bravura e firmeza com que se houve n'essa occasião o coronel Velasco e o seu regimento 24, infantaria de Bragança.

O coronel Pedro Paulo Ferreira de Sousa, do exercito de D. Pedro, assignalou-se tanto n'esta acção que, em memoria d'ella, foi mais tarde agraciado com o titulo de barão de Pernes <sup>1</sup>.

A igreja matriz fica no ponto mais elevado da povoação. Um delicioso panorama se rasga amplamente deante d'esse velho templo, que, segundo uma tradição respeitada em varias terras portuguezas, parece tomar a posição de um pastor que está velando, cuidadoso, pelo seu rebanho.

O povo de Pernes é muito religioso, e tem grande devoção com a imagem de Nossa Senhora do Rosario, cuja elegante capella fica situada á esquerda da igreja matriz.

Ha em Pernes um apreciavel hotel; muito melhor do que se poderia esperar ali. Tambem ha um Rocio com lojas de commercio.

<sup>1</sup> Par do reino por carta regia de 5 de março de 1863. Falleceu a 16 de novembro de 1862.

Lá dizem «largo do Rocio», disparate igual ao que ainda se repete em Lisboa dizendo «Praça do Rocio».

Faz-se n'esta povoação uma feira annual, a feira da Conceição, a 8, 9, 10 e 11 de dezembro.

E' das mais concorridas do districto de Santarem: armam-se numerosas barracas e affluem feirantes em barda.

Funciona em Pernes uma importante fabrica de verrumas e pás de aço.

Ha uma philharmonica que se denomina Associação Musical Pernense, a qual vae tocar varias vezes ao corêto do Rocio; e uma sociedade dramatica, Recreio e Instrução, que está construindo um predio para n'elle estabelecer a sua séde.

Entre as quintas de Pernes mencionarei a de S. Silvestre, que pertence á sr.<sup>a</sup> viscondessa de Andaluz.

As principaes ruas e praças da villa são, além do Rocio, largo das Eiras, rua Direita, rua da Misericordia, rua dos Paços do Concelho, rua da Igreja, estrada da Fabrica, etc.

Em 1904 celebrou-se n'esta povoação o 1.<sup>o</sup> de maio: houve cortejo operario, no qual figuraram estandartes e carros allegoricos. Todo o numeroso pessoal da fabrica se incorporou no cortejo.

Um dos mais distinctos filhos de Pernes foi o Padre Antonio dos Reis, que nasceu em 1690. Rejeitou a mitra de Pekim e o governo do arcebispado de Braga. Deixou varias obras, entre ellas sermões. Falleceu em Lisboa em 1738.

#### POMBALINHO

Esta antiga freguezia do concelho de Santarem chamou-se outr'ora Fombal, mas adoptou-se o diminutivo para a distinguir de outras povoações de igual nome.

O orago é Santa Cruz, e a população 821 habitantes de ambos os sexos.

A séde da parochia fica dezoito kilometros a nordêste da cidade de Santarem, na estrada da Gollegã a esta cidade, e tres kilometros ao sul da estação de Matto de Miranda.

N'uma folha diaria encontramos interessantes pormenores sobre a risonha povoação de Pombalinho.

Aqui os vamos deixar condensados para completa elucidção do leitor.

As ruas principaes são as do Campo, da Igreja, de Baixo, de Santo Antonio, Nova, Valle Verde, Norte e travessa do Cural.

O Tejo passa a 3 kilometros de distancia do logar para o lado do nascente, e ao poente, talvez a 1.800 metros, correm as aguas remanentes do Alviella, que proximo da propriedade da Boa Vista vem juntar-se ao Tejo.

No centro da povoação, na rua da Igreja, ainda existem as ruinas do palacete do sr. barão de Almeirim, <sup>1</sup> destruido por um incendio na noite de 9 de dezembro de 1870.

Uns saltimbancos hespanhoes, que por caridade pernoitaram n'um palheiro contiguo ao palacete, deram causa ao sinistro deixando cahido no pavimento um phosphoro. Tendo elles já partido, entrou ali um individuo de appellido Cruz, para tratar de um burro que por favor lá guardava, e pisou o phosphoro que se inflammou sem que elle dêsse por tal.

<sup>1</sup> Manuel Nunes Freire da Rocha, agraciado com o titulo de barão de Almeirim por decreto de 23 de outubro de 1837.

Pouco depois declarava-se o incendio com grande violencia, ardendo totalmente o palheiro e o palacete com todos os objectos de valor que encerrava, e que eram muitos. Não houve perdas pessoas, perecendo apenas queimados dois burros, uma cadella e dois cachorros.

As labaredas elevavam-se a tamanha altura, que se avistavam de Santarem.

Nas trazeiras das ruinas do palacete ainda se encontram em bom estado cavallariças, um lagar de azeite e armazens, e ha tambem uma horta, vulgarmente conhecida pela Horta Grande, que tem cerca de 400 metros de comprido por 80 de largo. A rua principal, que divide a propriedade, tem duas filas de roseiras e videiras que formam uma abobada, de lindissimo effeito.



131 — Igreja de Pombalinho

Quasi á entrada da Horta encontra-se uma meia laranja de aproximadamente 120 metros quadrados, circumdada de roseiras. Era n'esse vasto recinto que, no tempo do pae do actual barão de Almeirim, se realisavam grandes bailes em que as mais gentis raparigas do campo vinham com as suas vestes caracteristicas ostentar suas danças e des-cantes.

Em frente das ruinas do palacio fica o Largo da Abegoaria, onde se deram enthu-siasticas touradas offerecidas pelo mesmo fidalgo, com touros seus, no tempo em que no Pombalinho se fazia com muito luzimen-to a festa dos Taboleiros, ou do Espirito Santo, de que elle era influente e generoso protector.

No extremo da povoação, lado do poen-te, e separada da mesma pela estrada real de Lisboa ao Porto, fica a Estalagem do Pocinho, celebre por correr entre o povo dos sitios a tradição de se terem ali commetido varios crimes de roubo e assassinio, quando havia grande movimento de passageiros pelo campo, antes de haver o caminho de ferro.

A povoação é circumdada pelas seguin-

tes importantes propriedades, além de outras de somenos valor :

Quinta da Requeimada, a 1:500 metros de distancia, que hoje é propriedade do sr. Antonio Meira, de Alpiarça. Tem esta propriedade vastas adegas, lagares, palheiros, casa de residencia, terras de sementeira e grandes vinhas que produzem 10 a 11 pipas por milheiro de cepas. Tem cepas que costumam encher cada uma dois cestos vindimos de uva. A colheita de vinho regula por 500 pipas.

Ao lado d'esta quinta fica a do Outeiro, pertencente ao sr. barão de Almeirim, que a adquiriu em 1841 por compra feita ao sr. Falcão, mais conhecido por «O Carquejo».

No tempo deste proprietario houve ali grandes touradas nocturnas, nas quaes tomou parte o sr. D. Miguel de Bragança como bandarilheiro.

A illuminação era feita a candeias de azeite e vélas, e quando os touros saham da gaiola traziam meio archote acceso em cada haste.

Vêem-se ainda n'esta quinta algumas edificações e restos de outras, entre estas uma



capella onde n'aquella epoca se celebrava missa; e as ruinas de uma estação telegraphica, pelo antigo systema de taboinhas.

Esta propriedade tem ainda hoje grande valor pela muita quantidade de sobreiros, pinhal, vinha e boas terras de sementeira que lhe ficam annexas, denominadas «Os Caldeirões», separadas da quinta pela linha ferrea, e onde sobresaie a Córte da Machadilha, terreno de primeira qualidade.

A cortiça do sobral da quinta do Outeiro foi vendida na ultima tirada, ha 3 annos, por 14:000\$000 réis.

Casal da Pedra Fita, contiguo á estrada real de Lisboa ao Porto, no começo da povoação. Pertence esta magnifica propriedade ao sr. Hilario José Barreiros, abastado proprietario e lavrador. Tem espaçosas construcções recentes para lagares de vinho e azeite, armazens, celleiros, etc.

N'esta ultima dependencia o sr. Julio Barreiros, filho do proprietario, apaixonado amator dramatico, fez construir um elegante theatrinho, onde ha frequentes espectaculos familiares.

Em frente d'esta propriedade fica a terra da Eira, do mesmo dono, com grande plantação de vinha.

O sr. Hilario recolhe d'estas e outras propriedades que possui, 80 pipas de azeite, 160 pipas de vinho e 250 moios de trigo.

Quinta da Melhorada, a 1 kilometro da Pombalinho. Pertence ao riquissimo proprietario sr. Luiz Sommer, e tem grande rendimento em olival e sobral.

Lavra 400 pipas de azeite, e 400 a 500 moios de diferentes generos.

Quinta de Fernão Leite, a igual distancia, pertencente ao sr. padre José Maria do Rosario, assim como o Tanchual e Choupal da Alverca que fica proximo, e que se alaga quando o Tejo engrossa, pouco que seja, entrando pelo botareo que fica nas moitas do sr. José Serrão de Faria.

No sitio da Alverca ainda se podem ver restos d'uma ponte que ali houve para serventia dos povos de Pombalinho e Reguengo, quando a cheia era grande.

Esta ponte ainda hoje seria de reconhecida vantagem, e a respectiva camara bem poderia sem grande sacrificio reconstruir-a, pois qualquer das citadas povoações contribue fartamente para as receitas municipaes.

No campo do Pombalinho ha magnificas terras de sementeira e vinhas importantes, dos srs. Antonio Meira, Padre José Maria do Rosario, Domingos Motta, Hilario José Barreiros, Veiga da Broa, herdeiros de Carlos Marques, D. Maria Emilia Infante da Camara, Maria Barbosa, Julia Silva, e outros.

Os trigos dão ali na maior producção 16 a 18 sementes, e em media 10.

Confina com este campo o do Reguengo, onde o sr. barão de Almeirim possui o Mouchão da Velha e Tapada do Secretario, propriedades de grande valor, quasi na margem do Tejo. N'este campo, do Reguengo, possui o sr. Hilario José Barreiros uma terra chamada Figueiró, que é de superior qualidade.

O abastado lavrador sr. Emilio Infante tem ali a leziria da Palmeira, que comprou ha annos ao dr. Pinto Coelho por 12:000\$000 réis.

Pode considerar-se a primeira do campo.

Devem ainda mencionar-se no mesmo campo as propriedades denominadas: Cavalleiro, da sr.<sup>a</sup> D. Antonia de Passos Canavarro; Santa Clara, do sr. coronel de engenharia Nuno Basto de Brito Taborda, que recolhe 700 pipas de vinho; Ralo e campo do Borrado, do sr. Nuno Infante, que tira 400 pipas; Caria ou Sapaia, do sr. Julio Cesar Henriques de Carvalho, que produz 200 e tantas pipas.

N'esta povoação de Pombalinho teem sido feitas, com bom éxito, algumas investigações archeologicas.

No olival do Serrado da rua de Baixo, o qual é propriedade do sr. barão d'Almeirim, encontraram-se ultimamente diversas ruínas romanas que se presume terem pertencido a uma *villa*, na accepção latina de casa de campo ou quinta—accepção que se está readoptando para designar um *chalet* no campo, nas praias e até nas cidades, como acontece em alguns bairros de Lisboa.

O primeiro monumento encontrado no olival do Serrado foi uma sepultura de tijolo, profunda, abobadada, dentro da qual foram achados muitos vasos de vidro, objectos metallicos, um almofariz de calcareo ou *mortarium* com a mão ou *pistillum*, objectos que estão hoje no Museu Ethnologico Portuguez.

Avulsamente encontraram-se moedas romanas de Antonino Pio, Maximiano e Constantino; fragmentos de grandes vasilhas (*dolia*); de tegulas e de imbrices; mós de mão, etc.

Em Pombalinho realisa-se com grande pompa a festa de S. Sebastião nos dias 27, 28 e 29 de junho, havendo missa cantada, sermão de manhã e de tarde, procissão, bazar, cavalhadas, corridas de *saccos*, mastro de *cocagne* e fogo de artificio.

Na procissão costumam exhibir-se as fogaceiras, isto é, algumas raparigas da terra com os seus melhores trajes, conduzindo galantemente as fogaças (Vide *Pombal*, no 2.º volume).

Ha em Pombalinho uma phylarmonica com o titulo de União e Recreio.

O 1.º barão de Pombalinho, que Almeida Garrett designa nas *Viagens* pelas iniçias B. de P., e diz ser o typo, já então raro, da antiga nobreza das nossas provincias, chamou-se Antonio de Araujo Vasques da Cunha Porto Carrero.

Nasceu a 20 de abril de 1783. O titulo foi-lhe concedido em 8 de maio de 1837.

#### TREMEZ

O lugar de Tremez fica na estrada de Alcanede a Santarem, e dista d'esta cidade 17 kilometros para noroéste.

Merece especial menção pela grande feira que se realisa aqui no dia de Santiago, a 25 de julho.

Dura tres dias.

Faz-se n'essa occasião muito negocio em gado, madeiras, cabedal, louça, ourivesaria, quinquilharias, etc.

Pela importancia das transacções e pela concorrência de povo, esta feira rivalisa com a de setembro em Rio Maior, e com a da Piedade, na cidade de Santarem, em outubro.

A freguezia de Tremez, cujo orago é Santiago, pertence ao concelho e districto de Santarem; tem uma população de 1:773 habitantes, sendo 895 do sexo masculino e 878 do feminino.

Em 1840 pertencia ao concelho de Alcanede.

Os condes de Villa Nova de Portimão apresentavam antigamente o prior.

E' terra muito fertil.

Fica 15 kilometros a noroéste da estação de Valle de Figueira.

#### VALLE DE FIGUEIRA

Esta freguezia, cujo orago é S. Domingos, conta 803 habitantes.

O lugar séde da parochia fica a 2 kilometros da margem direita do Tejo e a 12 da cidade de Santarem, para nordéste.

Antigamente houve aqui um convento de arrabidos.

A importancia actual da freguezia de Valle de Figueira vem-lhe das propriedades do sr. Emilio Infante da Camara, um dos mais conhecidos *ganaderos* do Ribatejo.

No dia 7 de março de 1906, el rei D. Carlos e a rainha D. Amelia foram ali assistir a uma *ferra e derriba*, que se realisaram no *tentadero* da leziria das Barracas.

Em seguida o sr. Emilio Infante offereceu um *lunch* em sua casa ás pessoas reaes, que n'esta mesma tarde regressaram a Lisboa.

#### VALLE DE SANTAREM

A povoação d'este nome era no seculo XVIII um curado annexo á igreja de Santa Maria de Marvilla, de Santarem, e contava apenas, segundo informa o Padre Carvalho, 125 vizinhos.

Hoje é freguezia independente, tendo Nossa Senhora da Expectação por orago, e uma população de 1:505 habitantes, de ambos os sexos.

Como se vê, o Valle de Santarem progrediu muito durante o seculo XIX, constituiu-se em parochia, povoou-se consideravelmente, mas quem lhe deu celebridade foi o visconde de Almeida Garrett, consagrando lhe talvez as mais bellas paginas das *Viagens na minha terra*: o romance da menina dos olhos verdes e dos rouxinoes.

Fica o Valle a sudoeste de Santarem, distante da cidade uns 8 kilometros. A estação do seu nome, na linha ferrea de norte e leste, é a que, do sul para o norte, antecede a d'aquella cidade.

«O valle de Santarem, diz Garrett, é um d'estes logares privilegiados pela natureza, sitios amenos e deleitosos em que as plantas, o ar, a situação, tudo está n'uma harmonia suavissima e perfeita: não ha alli nada grandioso nem sublime, mas ha uma como symetria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece senão que a paz, a saude, o socego do espirito e o repouso do coração devem viver alli, reinar alli um reinado de amor e benevolencia. As paixões más, os pensamentos mesquinhos, os pezares e as villezas da vida não podem senão fugir para longe. Imagina-se por aqui o Eden que o primeiro homem habitou com a sua innocencia e com a virgindade do seu coração.»



132 — Portico da igreja de Marvilla na cidade de Santarem

Depois de preparado este suggestivo scenario, Garrett colloca ali, em pleno Valle, espreitando por entre um claro de arvores, a janella de Joanninha, e nós ficamos com elle, e como elle, presos áquella janella, real ou imaginaria.

Que a menina dos olhos verdes existiu, e viveu no Valle, e Garrett a conheceu, e foi a recordação suave de duas mulheres personificada n'uma só, julgo eu tel-o provado bastantemente em outro logar. <sup>1</sup>

Por isso creio que nem Joanninha, nem a sua janella seriam uma idealidade apenas, mas sim uma grata e dupla realidade, que o poeta coloriu bellamente com alguns toques de phantasia sonhadora.

O que é certo é que o Valle de Santarem ganhou tanta e tamanha nomeada depois que Garrett o descreveu nas *Viagens*, que deseja conhecel-o quem ainda o não viu, e que o conhece ao menos pela fama quem ainda o não pôde vêr.

Economicamente, a vizinhança do Tejo e da linha ferrea favoreceram muito o desenvolvimento do Valle de Santarem.

A povoação, atravessada pela estrada real, tem um lindo aspecto: casas alegres, muito caiadas, com seus jardinsinhos viçosos.

A igreja parochial, o cemiterio e a ponte foram melhorados por iniciativa do prior Manuel Marques, a partir de 1874.

E' aqui o logar proprio de falarmos na Coudelaria Nacional, fundada em 1887 pelo conselheiro Emygdio Navarro e situada proximo ao Valle na quinta denominada Fonte Boa, a 9 kilometros da cidade de Santarem.

Este estabelecimento tem contribuido para o aperfeiçoamento da raça cavallar por meio de selecções zootechnicas de reproductores, que são enviados todos os annos para os differentes postos hypicos do paiz, uns municipaes, outros particulares.

Os reproductores com que foi fundada a Coudelaria Nacional vieram da extincta quinta regional de Cintra e do estrangeiro, Inglaterra e Arabia.

Ultimamente foram importados não só alguns cavallos arabes, mas tambem andaluzes.

O pessoal dirigente e subalterno da Coudelaria é actualmente o seguinte:

Director, Antonio Augusto Baptista; Sub-director interino, Antonio Candido Ferreira Segurado; Regente principal, Manuel Maria Baptista; Picador, Manuel Mourisca Junior; Ajudante do picador, Jorge Arthur Rebello da Silva; Regente agricola, desempenhando o cargo de monitor pecuario, D. José d'Almeida e Noronha; Fiel, José Pereira d'Almeida; Escriptuario, Ernesto José da Silva.

Ha tratadores de gado em numero de 22, e um picador.

Foram postas á disposição da Coudelaria algumas dependencias no edificio do extincto convento de Almostér.

Além da Fonte Boa, onde se acha installada a Coudelaria, ha no Valle outras quintas notaveis, taes são a do fallecido escriptor Luiz Augusto Rebello da Silva (que d'aqui datou a «introducção» dos *Contos e lendas*); a da Ponte do Valle, propriedade da senhora marquezia da Ribeira Grande; a dos Covões e a Bica.

Tive curiosidade de saber como Rebello da Silva gastava os seus ocios na quinta do Valle, a que tanto queria, e consultei a este respeito seu filho mais velho, que se dignou enviar-me a seguinte informação:

«Lisboa, 19 d'abril de 1904. — Meu ... Am.º — Respondendo ao seu pedido, e sendo em extremo resumido, como desejo, vou dar-lhe algumas simples notas ácerca de meu pae.

<sup>1</sup> No livro *Ninho de guincho*, Lisboa, 1903.

«Era meu pae ainda muito creança, quando foi entregue aos cuidados de dois tios frades do Convento de Jesus, Fr. José e Fr. Manuel, que o doutoraram em latim e logica á força de férula, a ponto de o obrigarem a fugir do convento para se subtrahir ao cumprimento d'uma sentença a que o haviam condemnado — a «brincadeira» de soffrer uma novena de palmatoadas! Eram os costumes da epoca, com reminiscencias ainda da Inquisição.

«Aos 20 annos foi matricular-se na Universidade no 1.º anno de Philosophia, vendo-se obrigado a abandonar Coimbra, antes de concluir os seus estudos, por causa d'uma grave doença que o atormentou durante muito tempo.

«Apenas restabelecido, entusiasmado pelos estudos historicos, foi para a bibliotheca da Ajuda trabalhar sob a direcção do grande Alexandre Herculano, amigo intimo de meu avô Luiz Antonio, então desembargador aposentado da Relação do Porto, o qual falleceu em 1849.

«Meu pae passava na quinta do Valle de Santarem os mezes de verão e outomno.

«Ainda me lembro de vêr ali, por vezes, o que havia então no paiz de mais distincto nas armas, nas lettras e nas artes, os mais illustres luctadores da tribuna politica, velhos soldados da guerra Peninsular e veteranos das campanhas da liberdade; bellos typos de militar, com uma attitudede marcial que se impunha á admiração e jámais esquece.

«O almoço era ás 3 horas no verão e o jantar ás 4 horas. Havia quasi sempre alguns convivas, e a discussão corria animada e instructiva. A's 11 horas meu pae despedia-se dos seus hospedes e trabalhava no escriptorio até á hora do jantar. A' tarde, cuidava as flores do jardim e dava um longo passeio pelos campos, e, voltando a casa, escrevia até altas horas da noute, porque nunca conheci ninguem que dormisse menos! O que era meu pae na conversação intima, dil-o Bulhão Pato:

«Rebello da Silva, com os formosos olhos peninsulares e a bôcca voltaireana, mas sem dicacidade malevola, tomava parte na conversação. Quando aquella bôcca se abria era uma torrente luminosa! Sim, caudal de prata, rebentando do açude, espumante e prismatica, dardejada pelo sol que se accendeu no azul, transparente e immaculado, de um dia de abril!» — Creia-me, etc. — *Luiz Rebello da Silva.*»

Quando Rebello da Silva foi ministro da marinha — e excellente ministro que elle foi — o excesso de trabalho aggravou os seus padecimentos cardiacos. Licenciou-se, e foi procurar allivio na quinta do Valle de Santarem. Ao cabo de algum tempo chegou ali a noticia da queda do governo. Foram dar-lh'a ao quarto de cama. Rebello da Silva estava ainda deitado. Ouviu a novidade e disse:

— Bem. Fechem a janella, e deixem-me dormir.



133 — Rebello da Silva

Todo o terreno do Valle é propicio ás mais variadas culturas. Abunda em cereaes e vinho, principalmente. E é sombreado por bastos pinhaes e olivedos.

Póde ser que o leitor, visitando hoje este rincão afamado, ache demasiadamente entusiastica a descripção das *Viagens*. E' certo que Almeida Garrett tinha imaginação e olhos de poeta. Mas, tratando d'este assumpto, parece-nos justificavel o seu entusiasmo.

No tempo em que Almeida Garrett visitou o Valle de Santarem, era aquelle logar muito mais pittoresco do que hoje é.



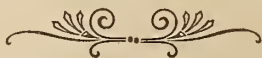
134 — Claustro do convento de S. Francisco na cidade de Santarem

Toda a região vinicola, desde o Cartaxo até ao Valle, cansava pela sua monotonia, e uma aridez desolada estendia-se em vasta charneca até ao ponto em que se encontrava o caminho do Valle.

Era uma azinhaga onde a vegetação crescia livremente. A um dos lados deslisavam as aguas de um claro arroio. Lindo prologo do Valle, que finalmente apparecia, sempre bello, delicioso pomar de laranja onde, no tempo da flôr, os aromas que se espalhavam no ar eram inebriantes e suavissimos.

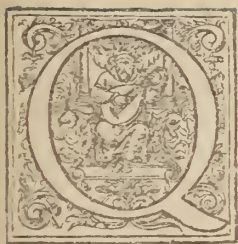
Tudo isto preparava agradavelmente o espirito, dispondo-o para os devaneios da imaginação.

Facil foi, pois, a Garrett, a um tal homem como Garrett, encantar-se com o Valle, mais com a janella, onde uma cortina branca deixava entrever um vulto de mulher.



## XVIII

# Almeirim



QUEM atravessa a ponte de Santarem e entra na estrada de Almeirim recebe a impressão de ir folheando o prologo suggestivo de um lindo livro.

Começa-se a tomar gosto e a achar encanto ao estylo do auctor e ao assumpto da obra, sendo certo que não ha melhor auctor do que a natureza, especialmente quando sobredoirada pela graça discreta da arte, nem melhor assumpto que a paizagem clara e alegre, que Deus illuminou, e os homens souberam aproveitar com galante sobriedade. A ponte, estrada aerea lançada elegantemente como um traço de união entre as duas margens do Tejo, aproxima dois panoramas, que se contrastam sem violencia: na margem direita, a cidade alcantilada, emergindo d'entre arvores e penhascos; na margem esquerda, a planicie suave, que, favorecida pela vegetação, perde á monotonia da leziria, sem perder a sua grandeza rectilinea.

Sae-se da ponte para entrar n'uma estrada encantadora, orlada por altos choupos, desenhados n'uma tal harmonia de fórmas, que nenhum parece mais avantajado, nem mais vestido do que os outros.

A natureza, que a arte adornou parcimoniosamente, sorri e canta ao longo d'esta estrada, até que, avizinhandose de Almeirim, os choupos já não precisam acompanhar o viajante, e a povoação, que se aproxima, parece tomar conta d'elle, e dar-lhe as boas-vindas.

Nas aguas do Alpiaçoulo, que se encontram a breve trecho, sente-se a vida do povoado cada vez mais perto, no rancho de lavadeiras que vitalisam a paizagem trabalhando, rindo e cantando.

A mulher é sempre um elemento de animação e graça, sobretudo quando, sem o proposito de impudor, se permite no campo a liberdade de ser menos avara do boleio das suas fórmas.

As lavadeiras do Alpiaçoulo, mettidas dentro d'agua, com as pernas nuas, a cabeça ao vento, dão interesse á bucólica e maior esmalte ao rio humilde, que sem ellas passaria quasi despercebido.

Depois, d'ali a momentos, entramos em Almeirim, terra outr'ora fidalga, que

hoje teve o bom senso de, na falta de seus antigos senhores, se alindar com uma discreta compostura moderna.

E' uma villa grande, plana, cheia de luz, meticulosa de asseio, toda branca, fazendo por isto lembrar, sem o ser, as nossas povoações da beira-mar, especialmente no Algarve. Tudo o que era antigo desapareceu.

Foi-se d'ali a côrte, sumiram-se as damas e os poetas, que só hoje conhecemos pelo *Cancioneiro* de Garcia de Rezende, passaram os serões galantes e as caçadas pomposas, dispersaram-se os tres estados que, a convite do cardeal-rei, se reuniram ali, em 1580 — infructiferamente, para tratar da successão do reino; calou-se a voz patriótica de Phebo Moniz, *vox clamantis in deserto*; já não ha côrte nem côrtes em Almeirim: primeiro se eclypsaram os homens, depois desabaram as pedras dos edificios que falavam d'elles; e, comtudo, aquella villa soube substituir a sua vida antiga, que a tornou notavel, por uma nova existencia, que a torna attraente, sem que se sinta o peso de tamanha perda.

Fez Almeirim o que não teem conseguido fazer muitas familias illustres: sobreviver com dignidade á sua propria ruina.

Já não ha ali monumentos, é certo; nem torre, nem paços reaes, nem coutada, nem palacios antigos com portões brazonados, já não ha ali o fausto nem a grandeza, que por toda a parte seguem os reis; mas não falta o decoro, o asseio, o garbo sem presumpção, a limpeza sem garridice, uma certa largueza de linhas, um certo apuro de gosto, que não deslustram o passado e honram o presente.

O antigo Almeirim só existe hoje nas chronicas e nos cancioneiros; é papel bolorento, postoque venerando; mas o Almeirim actual transformou-se como a Phénix, renasceu de si mesmo, viveu e sobrevive, morreu e resuscitou.

Poucas villas de Portugal tenho conhecido que pudessem dispensar, como Almeirim, os favores da Historia e a celebridade das chronicas.

E' um livro velho e, ainda que fosse apenas um livro novo, sem a consagração do passado, e sem o prestigio de muitas memorias palatinas, far-se-ia lêr com agrado desde as primeiras linhas do prologo, escriptas pelos choupos na estrada, até ao interior da villa, luminosa e branca como a neve ao sol.

N'este lindo torrão de Almeirim, em cujo nome os moiros deixaram para todo o sempre assignalados os vestigios da sua passagem (como, aliás, em tantos outros sitios da região santarena) não é preciso ir buscar a remotos seculos a tradição aristocratica: basta colhel a no tempo em que D. João I engrandeceu o lugar com erigir n'elle um paço real, rodeado de jardins e pomares, que se diz terem sido bellos e amplos, como continha a regalo de principes.

Já não é pouca antiguidade, nem pequena nobreza:

Os reis antigos levavam a sua côrte para onde bem lhes aprazia, e assim foi que á volta do real paço de Almeirim, como aconteceu em muitas outras localidades, se edificaram palacios de familias nobres, pois que no systema planetario da monarchia os satellites teem sido sempre numerosos, e mais o foram quando os reis tinham mais que dar.

O que é certo, porque memorias escriptas nol-o confirmam, é que todos esses palacios, o real e os outros, eram alterosos e torreados, de soberbo aspecto, como são alguns da nossa moderna Cintra.

Um poeta do *Cancioneiro* de Garcia de Rezende, Dom Gustavo Coutinho, comendador de Cezimbra, deixou esta indicação interessante n'uma das suas trovas de amor:

O' campos de Santarem,  
 Altas torres de Almeirim,  
 Fazeis-me lembrar de quem  
 Me fez esquecer de mim.



E, comtudo, a mais alta torre de Almeirim deveria ser aquella que D. Duarte, quando ainda principe real, tinha mandado levantar, e que não chegou a concluir-se.

Conta-se que já ia em meia altura quando D. João I, notando o desaprumo da construcção, ordenou que fosse arrazada, para que «não ficassem vestígios de coisas mal feitas».

Isto revela senso esthetico por parte do Mestre de Aviz, que só estamos costumados a vêr como bom guerreiro e bom patriota.

Pois, senhores, o que não arrazaria elle hoje n'esta Lisboa moderna, onde o desaprumo, a deselegancia e o desalinho são moeda corrente!

Almeirim era verdadeiramente a Cintra de inverno da nossa antiga côrte e dos nossos reis antigos.

Por uma das referencias que lhe faz Jorge Ferreira de Vasconcellos na comedia *Eufrosina* vê-se que os convidados para as caçadas, por serem muito numerosos, estavam «em pilha como as sardinhas.»

A caça foi sempre abundantissima no inverno de Almeirim.

Para favorecel-a havia em Santarem umas casas chamadas *mudas*, onde as aves encontravam commoda habitação no periodo para ellas difficil da mudança de penna.

Não padece duvida que D. João I legou aos seus successores o gosto de poisar em Almeirim, e com elles ia todo esse mundo a que se chama côrte, onde os acontecimentos são tão variados, que cada dia parece trazer uma novidade.

Do tempo de Affonso V conhecemos, porque Rezende nol-o refere, um grave episodio politico occorrido em Almeirim entre o principe D. João, depois segundo rei do nome, e o famoso cardeal d'Alpedrinha, D. Jorge da Costa.

Vae na propria linguagem do chronista para lhe não tirarmos o sabor do singelo dizer antigo:

«E estando el-rei em Almeirim, andando passeando no campo, o principe se apartou com o cardeal a cavallo, e foram passeando caminho de Santarem, e á ponte d'Alpiarça o principe mandou ficar todos, e só com o cardeal e os moços d'estribeira adiante afastados, passou a ponte d'Alpiarça. E foi reprehendendo muito o cardeal com palavras asperas e feias, estranhando-lhe as cousas que fazia, e o cardeal dando-lhe muitas desculpas, o principe lh'as não recebia, e lhe disse: «Para que é nada, senão a um cardeal tão mal ensinado, desagradecido e de má condição mandál-o tomar por quatro moços d'esporas e afogal-o em um rio, e dizer que cahiu e se afogou por desastre.» E isto indo se chegando ao Tejo, de que o cardeal houve tamanho medo que verdadeiramente cuidou que o principe o levava para o mandar matar. E d'ahi por diante se emendou e o temeu tanto, que logo determinou a sua ida para Roma, e se foi, e lá contou a muitas pessoas que nunca tão grande medo houvera, e que áquella hora se dera por morto.»

Ora o cardeal d'Alpedrinha era um d'estes potentados politicos, que em todos os tempos teem assambarcado honras e proveitos, para si, para os seus parentes, amigos, e criados.

O mesmo Garcia de Rezende o diz na *Miscellanea* :

Um clérigo natural  
Da villa de Alpedrinha,  
Vimos cá ser cardeal  
Em pouco tempo, e asinha  
Cardeal de Portugal;  
Teve dois arcebispos,  
Abbadias e bispados,  
Fez dois irmãos arcebispos,  
Parentes, amigos, bispos  
E criados mui honrados.

Pois este colosso politico desabou aqui, entre Almeirim e Alpiarça, abalado sómente por algumas palavras, «asperas e feias», do principe que promettia vir a ser aquelle rei que *não soffria cócegas na grandeza*, como tão pittorescamente, e com tanta verdade, disse D. Francisco Manuel de Mello.

A contrastar com estas nuvens escuras da politica muitos casos galantes, proprios da vida frivola da côrte, tiveram por theatro a villa de Almeirim.

Ali houve serões, torneios e caçadas, recreações brilhantes em que os reis e a côrte sohiam desenfadar-se.

De uma d'ellas nos dá noticia o chronista Rezende.

Foi depois das sumptuosas festas com que em Evora se celebraram os esponsaes do principe D. Affonso, filho de el-rei D. João II, com a infanta castelhana D. Izabel.

Entrára o mez de maio de 1491, el-rei, com toda a sua côrte, partiu do Alemtejo para Santarem, passando em seguida a Montemor-o-Novo, «onde houve festas e recebimento honrado, e d'ahi foram correndo montes reaes, e pelo campo com ricas tendas armadas e enramadas com muita grandeza e abastança para arraiaes».

Estas palavras do chronista contém um quadrinho de costumes realengos, pintado com tanto travo da epoca, que não pôde a gente repellil-as só porque gostosamente lhe sabem ao antigo, pois que o serem muito características as valorisa. As palavras são como as tintas: por si mesmas pregôam o tempo em que foram usadas; e quanto mais antigas mais valiosas são.

Garcia de Rezende prosegue na sua narrativa, guiando-nos agora para Almeirim:

«E pelos montes e arvores de noite ardiam sempre muitos fogareiros, e com muito prazer chegaram a Coruche o Pentecoste, onde estavam ordenadas muitas festas que não fizeram por ahi dizerem a el-rei que a marquezia de Villa Real era fallecida, de que mostrou sentimento e se encerrou por ella; e de Coruche foram a Almeirim, onde todos repousaram com muito prazer e grandes desenfadamentos alguns dias. E el-rei em tanto mandou fazer o aposentamento da côrte em Santarem e aperceber as cousas para o recebimento do principe e princeza, que el-rei quiz que se fizesse em grande perfeição».

Esta serie de festas, que a nossos olhos se vão desenrolando no Ribatejo, tiveram, pois, uma breve pausa, occasionada pelo fallecimento da marquezia de Villa Real, primeira do titulo.

A marquezia era proxima parenta da rainha, por ser filha do segundo duque de Bragança, D. Fernando.

Mas passaram os dias de nojo, e as festas proseguiram.

Observe o leitor mais est'outro quadro dos costumes palacianos de Portugal no seculo xv:

«Aos quatorze dias do mez de junho (diz Rezende referindo-se ao mesmo anno, que era o de 1491) em que o principe e princeza entraram em Santarem primeiro que el-rei e a rainha, o principe e a princeza depois de ouvirem missa em Almeirim, acompanhados de grandes senhores e nobre gente, foram jantar ao casal de Lopo Palha, que é junto do Tejo acima de Santarem, onde sohia estar uma lezira de grandes avoredos, que o Tejo depois levou.

«E ahi foram armadas muitas e ricas tendas em que se todos agasalharam, e foram banqueteados com grande abastança e perfeição. E depois de repousarem embarcaram ahi, e houve um singular recebimento d'albetoças,<sup>1</sup> barcas e bateis, e outros muitos navios que para isso ahi foram vindos, toldados em grande perfeição. E o principe e a

<sup>1</sup> Segundo Moraes, era uma embarcação pequena e coberta.

princeza com suas damas e muitos senhores embarcaram em uma grande alivadoira,<sup>1</sup> toda toldada de brocado com muitas bandeiras de seda e alcatifada, e muitas almofadas de brocado, e bateis que a levavam á tóa,<sup>2</sup> com os remeiros todos vestidos de libré das cores da princeza, e os bateis muito embandeirados e pintados todos, e os remos mui enramados, e n'elles muitas folias de homens e mulheres muito bem vestidos das côres da princeza, e muitos entremezes e festas.»

O quadro é ainda mais extenso, e animado. Mas basta isto para dar idéa do que foram Almeirim e Santarem n'aquelle tempo, e o que foi tambem o Tejo que, posto entre as duas localidades, participava do brilho principesco de uma e outra.

Em Santarem passou a côrte o S. João e S. Pedro d'esse anno de 1491.



135 — Alpiaçoulo ou ribeira de Alpiarça

Na segunda feira 11 de julho, sahiram el-rei e o principe a «correr montes» em Almeirim, e tornaram alegres e despreoccupados.

Todavia, sem que o presentissem, estavam na vespera da lastimosa catastrophe que victimou o principe em plena e florida adolescencia.

Morreu o rei que havia de ser, morreu depois o rei que tinha sido, e succedeu no throno outro rei que sua boa fortuna elegeu: *Le roi est mort; vive le roi.*

O Senhor D. Manuel gostou tambem muito de Almeirim, como ribatejano que era.

Conta-se que ampliou o palacio real, a ponto de o tornar proprio tanto para residencia de inverno como de verão.

Lá diz Frei de Sousa falando de Almeirim: «estancia deleitosa nos mezes do inverno com a occasião da caça, que é muita, uma de veação, que offerece o monte na

<sup>1</sup> Tambem segundo Moraes, seria talvez uma barcaça, como as que servem á descarga dos navios.

<sup>2</sup> E' o que nós hoje dizemos a reboque ou á sirga.

espessura dos bosques, e mattas; outra de volateria nos campos, que se estendem a perder de vista ao longo da montanha, e do grande rio Tejo<sup>1</sup>.»

O palacio real de Almeirim ficou apto a servir como aposentadoria da côrte nas estações do anno mais propicias aos exercicios venatorios.

E' certo que Damião de Goes não menciona, na respectiva *Chronica*, a reconstrucção d'este palacio, mas não é menos certo que geralmente se crê que D. Manuel foi o seu reedificador.

Refere-se, sim, aquelle chronista á fundação do mosteiro de Nossa Senhora da Serra, distante de Almeirim uns oito kilometros; e que esta obra se fez no tempo de D. Manuel não pôde restar duvida.

Como contra-prova temos o testemunho de Frei Luiz de Sousa; e outros depoimentos subsidiarios.

Em tempos antigos, os pastores haviam achado na charneca uma imagem de Nossa Senhora, com a qual logo sua fé se apegou.

Fizeram-lhe, para recolhel-a, um tôsko alpendre, que já existia no reinado de D. João II.

Este monarcha, sempre muito agradado de Almeirim, como sabemos, teve tenção de substituir o alpendre por uma ermida, mais consoante á decencia do culto.

A morte embargou-lhe o projecto, mas ainda deu tempo para que D. João, em testamento, recommendasse a feitura da obra ao seu successor.

D. Manuel fez a ermida, cumprindo a recommendação, e doou-a á ordem de S. Domingos, impondo-lhe a obrigação de ter n'ella permanentemente tres sacerdotes, e haver missa diaria.

A doação foi acceita, com os respectivos encargos.

Um dia, o principe real, que veiu a ser D. João III, pediu a el-rei seu pae que o deixasse edificar ali um mosteiro da ordem de S. Domingos.

Foi-lhe o desejo consentido, e até auxiliado por donativos do rei e da rainha, bem como dos fidalgos da côrte.

D'estes auxiliares da obra diz Frei Luiz de Sousa: «porque continuando o monte, ora em companhia dos reis, ora sós, quando acontecia tornarem cansados e moídos (que o mór passa-tempo da vida humana se compra no fim com quebrantamento do corpo, e fastio da vontade) achavam aqui allivio de trato cortez, e santo, com frades bem entendidos, letrados, e curiosos. E se era tempo invernosos, tinham abrigo de casas recolhidas, e bom fogo nas chaminés».

O convento tomou o nome de Nossa Senhora da Serra, e d'elle, bem como da igreja, apenas restam hoje ruinas, que pertencem ao sr. conde de Sobral, porque estão dentro de propriedade sua.

A imagem da Senhora, que sempre teve fama de milagrosa (por gratidão lhe fez outr'ora um legado o lavrador Francisco Pires, de alcunha *O Gago*) está actualmente na igreja parochial da villa.

Uma das mais brilhantes festas da côrte em Almeirim foi a que se realisou para celebrar os desposorios da infanta D. Izabel, filha do rei *Venturoso*, com o imperador Carlos V.

No sarau a rainha dançou com a noiva, sua filha; el-rei e os infantes D. Luiz e D. Fernando com varias damas.

O contrato de casamento assignou-se em Torres Novas, mas as festas effectua-

<sup>1</sup> *Historia de S. Domingos*, 2.<sup>a</sup> parte, liv. VI, cap. XVI. O Padre Carvalho, na *Corografia*, copiou estas palavras, sem indicar a procedencia d'ellas.

ram-se logo depois em Almeirim, apesar de ser inverno (novembro de 1525), certamente porque o palacio real d'esta villa, depois de reedificado, tinha capacidade para grandes recepções e cerimoniaes.

Toda a Extremadura, especialmente o Ribatejo, soffreu graves estragos com o terremoto de janeiro de 1531.

Almeirim foi uma das povoações mais prejudicadas.

Garcia de Resende deixou noticia, em sua *Miscellanea*, não só do horror total do cataclismo, mas tambem do muito que se fez sentir em Almeirim :

E no janeiro do anno  
Logo seguinte, signaes  
Espantosos vimos, taes  
Que não basta engenho humano  
A os boquejar não mais :  
Antemanhã, quinta-feira,  
Foi em tão grande maneira  
Terremoto em Portugal,  
Que se não viu outro tal  
Nem Deus, que se veja, queira.

Veio primeiro um raio,  
Após elle um trovão  
E gran terremoto então,  
Tão grande, que poz desmaio,  
Qual não viram, nem verão ;  
Tal, que a todos parecia  
Que o mundo se destrua  
Para não haver mais mundo,  
E que tudo era profundo  
E a terra se subvertia.

Obra de um *Credo* durou ;  
Se mais fôra, destruiu-a,  
Tudo por terra cahira,  
Morrêra quem escapou.  
A mór parte se fundira :  
Em um ponto pontual  
Foi em todo Portugal,  
Na Extremadura mór,  
Nas outras partes menor,  
Que não foi todo igual.

E ás sete horas do dia  
Foi outro tremor estranho  
Que poz medo, e covardia,  
E depois do meio dia  
Outro, porém não tamanho ;

E em outra quinta-feira  
Antemanhã, da maneira  
Que foi o grande, espantoso,  
Foi outro mui temeroso,  
Outro ante a terça-feira.

D'este grande ao primeiro  
Cincoenta dias houve,  
Nos quaes todos por inteiro  
Tremeu : deu tal marteiro  
Que té'gora se não soube ;  
Um anno todo tremeu  
Mas pouca cousa, e perdeu  
A gente já o temor ;  
Aproveu a Nosso Senhor  
Que cessou, não esqueceu.

Grêtas, buracos fazia  
A terra, e se abriu,  
Agua e areia sahia  
Que a enxofre fedia ;  
Isto em Almeirim se viu.  
E porque logo vieram  
Grandes chuvas que choveram,  
E alguns dias duraram,  
As aberturas taparam  
Que nunca mais pareceram.

.....  
Muros e torres cahiram,  
Villas, paços, moesteiros,  
Egrejas, casas, celleiros,  
Quintas, e as mais abriram ;  
Não cahiam pardieiros ;  
Pedras se viam rachadas  
E em pedaços quebradas,  
E cousas de muitas sortes,  
Quanto mais rijas, mais fortes,  
Tanto mais espedaçadas.

Um dos paços arruinados pelo terremoto foi o de Almeirim.

Conta-se que D. João III, vendo-o fendido a esbarrondar-se por grandes brechas, dissera para os fidalgos :

— O paço parece que ri !

Um d'elles, D. João Henriques, respondeu :

— Sim, senhor. E tanto que arrebenta pelas ilhargas.

Que foi concertado, não padece duvida, porque n'elle residiu depois o cardeal-rei, e n'elle foram celebradas côrtes.

Mas talvez não readquirisse a antiga imponencia, porque D. João III não conti-

nuou o gosto de seu pae pela sumptuosidade graciosa que se revela ainda hoje nos edificios muito propriamente chamados *manuelinos*.

A architectura é um espelho das epochas, e comquanto D. João III succedesse immediatamente a seu pae, parece cavar-se um enorme abysmo de tempo entre o pae e o filho.

Do antigo palacio restou por alguns annos, em nossos dias, um paredão, sobre o qual se dizia terem assentado as janellas dos aposentos que o cardeal D. Henrique habitára.

Fui vêr o sitio do palacio, e não achei senão o sitio. *Campus ubi Troja fuit.*

Então puz-me a pensar que tambem n'aquelle paço extincto desabrocharam por vezes as primicias do theatro portuguez. Ali foram ouvidos alguns autos de Gil Vicente em tempo de D. Manuel e de João III: o da *Fé*, o da *Barca da Gloria*, o do *Juíz*, o do *Clerigo da Beira*, e finalmente o da *Historia de Deus*.

Tive a visão longinqua do nosso primitivo theatro, representado sobre um simples estrado ou tapete, sem bastidores nem gambiarras, sem panno de bocca nem ribalta. Vi Gil Vicente esfumado a grande distancia; vi-o pela primeira vez, que os bustos e retratos que d'elle nos dão por ahi não são mais do que phantasias e mystificações. Vi sua filha Paula Vicente, menos agraciada do semblante que da intelligencia, dizendo com muita graça e naturalidade, a tal ponto que lhe perdoavam por isso o ser feia. Não sei se vi tambem os dois rapazes, Gil e Luiz, ou um só d'elles, porque o outro, o primeiro, já teria ido para a India. Mas o que, sem duvida, eu vi foi o theatro portuguez a desabrochar, como flor transplantada da Grecia e de Roma, na presença da côrte, em cujas bagagens elle parecia ir para toda a parte, levado por Gil Vicente, empresario, auctor e actor ambulante n'um tempo em que não havia ainda *tournées*.

E depois que esta visão se me apagou, tive outra: a dos certamens poeticos e dos apodos joviaes dos fidalgos nos ócios nobres de Almeirim.

Ouvi rir de Simão de Sousa porque apparecêra no terreiro do palacio com umas grandes esporas de Fez, calçadas sobre os chapins; de D. Jeronymo de Eça por ter vestido [certas mangas muito estreitas, forradas de martas velhas; e de Luiz da Silveira, um *gourmet* da côrte, porque estando em Almeirim não prescindia de mandar comprar a Lisboa grandes porções de manteiga para seu uso e regalo.

Vi e ouvi estes desenfadados e folguedos da vida palaciana de Almeirim, comquanto não possa dizer ao certo se realmente os presenciei ou se os fui colhêr nas rubricas do *Cancioneiro*.

Tudo já desapareceu — até as paredes do edificio.

As cavallariças do paço real são hoje a adega do dr. João César Henriques.

Subsiste, porém, em Almeirim a vaga tradição da existencia de um subterraneo, que nunca ninguem se lembrou de explorar, e sabe Deus para que serviria.

N'esta villa fundou D. João III uma confraria, que tinha por fim soccorrer os cortesãos pobres e as viúvas fidalgas, cujos maridos houvessem morrido ao serviço da patria.

Aqui se recreou a côrte, aqui realisou suas festas, saraus e devoções, aqui houve bôdas reaes, aqui se effectuou ao menos uma vez o juramento de um principe herdeiro, <sup>1</sup> aqui se desenrolaram grandes dramas politicos e ligeiras comedias galantes, aqui estrebuchou, moribunda, a independencia de Portugal.

Por fugir da peste, o cardeal D. Henrique sahiu de Lisboa para Xabregas, de Xabregas para Villa Franca, de Villa Franca para Salvaterra, de Salvaterra para Almeirim.

<sup>1</sup> O ephémero príncipe que foi pae de D. Sebastião.

Parecia um moço empenhado em defender sua vida e mocidade, e comtudo já tinha mais de sessenta e oito annos.

Na fuga, dois espectros o perseguiram: a peste e o Prior do Crato.

A peste deixou-o ir em paz, certa de que a morte não tardaria, sem pestilencia ou com ella.

O Prior do Crato, D. Antonio, procedeu de outro modo: sahiu tambem de Lisboa para o norte, a fim de poder acudir de prompto a qualquer manobra da côrte.

Parou em Coimbra, no convento de Santa Cruz.

Os estudantes enthusiasmaram-se com a chegada do principe bastardo, que representava a causa do povo e da patria. Fizeram-lhe boa acolhida ou, como hoje dizemos, «manifestações de sympathia», que sobresaltaram em Almeirim o espirito desfallecido do velho cardeal.

Ordenou D. Henrique que o meirinhomór do reino fosse a Coimbra prender o Prior do Crato. Soube-o D. Antonio, e logo se passou a Entre-Douro-e-Minho.

Voltou o meirinho-mór a Almeirim sem poder desempenhar sua commissão, cujo desacerto era elle o primeiro a reconhecer.

Enfureceu-se o velho cardeal, e mandou que o sobrinho fosse preso onde quer que o encontrassem.

De novo partiu de Almeirim o meirinhomór, e o sr. D. Antonio, continuando a jogar as escondidas com as justças de el-rei, veiu secretamente para Lisboa.

No que deu muito gosto ao meirinhomór, que era seu amigo, e não queria prendel-o.

Tornou o meirinho a Almeirim, e D. Antonio voltou para Coimbra.

Mais enfurecido ficou ainda, com este mallogro de suas ordens, o cardeal-rei.

E, n'um arranco de auctoridade real, que devia ser o ultimo, mandou affixar nas portas do paço uma carta de éditos citando o Prior do Crato para, no praso de tres dias, vir responder por suas culpas... que eram as de ser pretendente á corôa.

D. Antonio fez ouvidos de mercador, importando se pouco com a citação.

Não será facil calcular aonde poderia chegar a colera do cardeal, se lh'a não apaziguassem dois calmantes poderosos: a prudencia de um velho fidalgo, D. Francisco Pereira, que discretamente aconselhou indulgencia e tolerancia; e a morte, que fez sentir a sua aproximação, chegando breve.

O cardeal-rei falleceu aqui em Almeirim, a 31 de janeiro de 1580, e com elle succumbiu, estrangulada, a independenciã da patria.

Pode pois dizer-se que o maior e mais deploravel acontecimento da nossa historia teve Almeirim por theatro.

Grande e tenebroso drama esse, o da morte do cardeal, ouvindo junto ao leito as reclamações energicas de sua sobrinha a duqueza de Bragança, que de Villa Viçosa viera a Almeirim advogar a sua causa; sabendo que o Prior do Crato, outro pretendente, não devia pairar por longe, e tanto assim era que veiu, incognito, tambem a Almeirim n'essa occasião; adivinhando as murmurações dos patriotas que já começavam a amaldiçoar a memoria do fraco rei portuguez, cuja mão senil deixava resvalar a corôa de Portugal para a cabeça do rei de Castella.



136 — Conde de Sobral

O cardeal agonisava, sabendo, diz Pinheiro Chagas, «que o povo, agglomerado em torno do paço, não reprimia a sua colera, e lhe perturbava a agonia com os seus insultos, entoando a cantiga com que se vingava do modo como elle trahira a patria».

E' allusão a uma quadra popular que soava tremenda como um rugido de maldição:

«Viva el-rei D. Henrique  
No inferno muitos annos,  
Que deixou em testamento  
Portugal aos castelhanos».

Sim, grande e tenebroso drama esse, que teve por theatro Almeirim.

O cadaver do cardeal-rei ficou depositado na capella real do paço, até que Filippe II, de Hespanha, successor na corôa, o fez transportar para o mosteiro de Belem.

Filippe veiu a Portugal tomar posse do seu novo reino.

Na primavera de 1581 chegou a Elvas, e d'ali seguiu para Thomar, caminho de Lisboa.

De Thomar escrevia ás infantas suas filhas, em 1 de maio, dizendo lhes: «Y por estar ya bueno Lisboa (referia se á peste) y andar en buenos térmynos las córtes, trato ya de ir alli, aunque passaré por Almerín y otros lugares que están cerca del camyno; y lo más penso ir por el rio, qu'es muy buena cosa».

A 2 de julho chegava a Santarem, onde foi recebido com frieza. Os santarenos gostavam do Prior do Crato, que tinham acclamado com enthusiasmo. Em geral a população do Ribatejo era favoravel a D. Antonio.

E' natural que Filippe II, como tinha mandado dizer para Madrid, fosse a Almeirim ao menos sob a apparencia de prestar homenagem á memoria do cardeal-rei; mas na collecção das suas cartas, escriptas em 1581, não ha referencia nenhuma a esse facto.

Em maio do anno seguinte foi certo ir de Lisboa a Almeirim para encontrar-se ali com sua irmã D. Maria, viuva do imperador d'Austria Maximiliano II.

De Almeirim dizia ás filhas, em 7 de maio: «Y primero os diré que desde Salvatera vine, el martes á la tarde, á Muja, qu'es dos leguas de ali e dos de aqui, adónde my hermana avia de venir á hazer noche antes de llegar aqui. Y por no occupar el aposento, no la esperé alli, sino fuyme, el miercoles, á un monesterillo de Dominicos, bonito aunque pequeno, que se llama Nuestra Señora da Sera, qu'es dos leguas de alli y dos de aqui.»

Refere-se ao conventinho da Serra, de que já falamos.

A imperatriz chegou com algum atrazo, pois que, havendo peste em Portalegre, teve de fazer jornada por Estremoz.

Filippe II foi de Almeirim esperal-a a Muge; mas como a não encontrasse, ainda avançou mais ao seu encontro. Finalmente, avistaram-se os dois irmãos, que se não tinham visto havia 26 annos,

«Venimos así hasta Muja, diz o rei, donde estuve un rato con my hermana, y me bolvi al monesterio aquella noche, porque no cupiéramos todos en el lugar».

No outro dia tornou Filippe II a Muge e ali apresentou a irmã e os sobrinhos á côrte.

Depois vieram para Almeirim.

«Y mañana creo — prosegue o rei — que iremos todos al campo, si conciertan alguna caça, y el jueves pensamos ir por tierra á Salvatiera, y de alli á Lisboa en dos dias, por agua, de manera que pensamos llegar allá el sábado.»

Filippe, logo que entrou no paço de Almeirim com a irmã, dirigiu-se á capella e aspergiu com agua benta a sepultura do cardeal-rei.

Devia-lhe, em verdade, esta e ainda maiores homenagens de respeito e gratidão,



pois que da mão do velho D. Henrique havia recebido generosamente a corôa de Portugal.

O hespanhol, que se aborrecia muito no paço da Ribeira em Lisboa, certamente apreciava as pittorescas residencias reaes do Ribatejo, especialmente o paço de Almeirim, que era grande e bom desde que D. Manuel o reconstruiu. Tambem gostava de Cintra, e de Almada, onde — dizia elle — «tengo una posada muy bonita, aunque pequeña.»

Filippe II entrára mal impressionado no paço da Ribeira, porque o duque de Alba lhe tinha mandado dizer: «La casa de la ribera es triste como una prision, que apénas se vee la mar d'ella.»

O rei, quando chegou a Lisboa e viu o palacio, ainda esperava peor, porque commentou a informação do duque de Alba dizendo: «Más tristes son las otras.»

Comtudo, não gostou, porque deu ordem para que a Inquisição despejasse o palacio do Rocio; e mandou que fosse restaurado, para ir habitar n'elle.

Do paço da Ribeira dizia Filippe a suas filhas: que era grande, postoque mal dividido; mas que tinha boas galerias e lindas vistas, bem como um jardim, alto e bello.

Este paço havia sido restaurado, e o monarcha confessava que se tinha dispendido ali mais dinheiro do que elle esperava.

O que é certo é que Filippe II, no paço da Ribeira, matava o tempo a ver, da janelle, descarregar as naus da India.

Isto podia lisonjear a sua vaidade de soberano; mas não devia divertil o muito.

Depois da Restauração a côrte principiou a frequentar menos Almeirim.

Data d'essa epoca a sua decadencia como villa fidalga.

D. Pedro II, por exemplo, preferia Pancas a Almeirim para caçar.

Comtudo os filhos de D. João IV tinham ainda alguma estima por essa linda região do Ribatejo, como se vai vêr por um factu succedido com D. Affonso VI.

Estava já o pobre rei nas garras do irmão, a quem convinha retiral-o de Lisboa.

O jezuita padre Manuel Fernandes entrou um dia no quarto do rei prisioneiro e perguntou-lhe «se quereria ir para Almerim, onde estaria á sua vontade e alliviaria a molestia com o entretenimento da caça». <sup>4</sup>

Affonso VI ficou contente, e perguntou-lhe:

— Quando?

— Quando Vossa Magestade levar em gosto.

— Pois seja logo.

D'ali a pouco preparou-se a magra bagagem do rei, e elle partia na supposição de ir para Almeirim, o que lhe agradava.

Conduziram-n'o á traição para a fortaleza de S. Julião da Barra, d'onde devia embarcar para o desterro na ilha Terceira.

No caminho, Affonso VI exclamou amargamente surprehendido: — Este caminho vai para Belem, e não para Almeirim!

Tudo isto são memorias antigas, que apenas o papel das chronicas conserva hoje; e, comtudo, Almeirim nem se amesquinhou perdendo a sua antiga importancia, nem ficou sendo uma villa morta ou esmagada.

Conformou-se com o presente, tirando d'elle o maior partido possivel, para o contrapôr ao passado, que foi grande e assignalado.

Uma das maiores propriedades da villa actual é a quinta dos marqueses de Alorna, que hoje pertence á sr.<sup>a</sup> condessa da Junqueira.

<sup>4</sup> *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, pag. 80.

Chamam-lhe «quinta da Lorna».

A sr.<sup>a</sup> condessa da Junqueira é sobrinha do meu fallecido mestre e amigo José Gomes Monteiro, illustre e eruditissimo bibliophilo portuense; se d'este facto posso tirar recommendação em meu favor, pedirei a s. ex.<sup>a</sup> que faça restabelecer o antigo titulo da quinta, de modo que todos aprendam a dizer — Alorna —, porque fica bem a uma distincta dama querer honrar a memoria gloriosa de outra.

Ahi residiu algum tempo a illustre marqueza D. Leonor d'Almeida, condessa de Assumar e Oeynhausen, conhecida no mundo das lettras pelo cognome de *Alcipe*.

Uma das suas poesias, imitada de Horacio, tem por assumpto a «projectada junção da Valla com o Alpiaçoulo em Almeirim.

Diz a celebre poetisa n'um dos trechos da ode:

A mim pouco me importa a austera Esparta;  
 Nem os bosques frondosos,  
 Nem as planicies fertes de Larissa  
 Me tocam tanto n'alma  
 Como o ameno Almeirim, o Alpiaçoulo;  
 N'elle a Nympha amorosa  
 Murmura na caverna, e chama a Valla  
 Que d'Alpiarça desce:  
 Seus cristaes fecundantes, confundidos,  
 Refrigerando os prados,  
 A saude, a abundancia a nossos lares  
 Virão trazer alegres.

O Alpiaçoulo ou ribeira de Alpiarça nasce 15 kilometros a léste de Ulme e corre para oéste até se aproximar do Tejo. Depois, curvando-se fortemente, entra em Almeirim no canal de Alpiarça e vae desembocar no Tejo, em frente do mouchão de Esfolla-Vaccas.

O canal é apenas navegavel em parte do anno, mas sempre com difficuldade, n'uma extensão de 12 kilometros.

Falando de Almeirim, não se póde esquecer a coudelaria Sobral, conhecida não só em Portugal como no estrangeiro.

O pae do actual conde de Sobral<sup>1</sup> tomou conta da administração dos seus bens em 1846, e, por ser grande amator de cavallos, adquiriu na casa do marquez de Niza um bello cavallo reproductor, o *Caiel*, e arrematou um lote de éguas ribatejanas, de typo abastardado, mas de tempera muito rija, e aptas para a lavoura, que pertenciam ao rendeiro da casa Manuel da Costa, lavrador em Almeirim.

Este foi o ponto de partida da coudelaria Sobral, porque deu motivo a que o illustre proprietario pensasse logo em adquirir outros reproductores das melhores raças que então havia no paiz.

Conseguiu que a Casa Real lhe emprestasse, durante os periodos da cobrição, cavallos da raça de Altér.

Mais tarde adquiriu um reproductor d'esta mesma raça, o qual, entre outros productos, deu um famoso cavallo de toureio, que foi comprado peló cavalleiro Manuel Mourisca, e viveu 32 annos.

Este cavallo foi pae de algumas éguas, cujos descendentes se tornaram notaveis nos hipodromos da Peninsula.

<sup>1</sup> Depois de escripto este capitulo, falleceu em Carcavellos, no dia 4 de janeiro de 1905, o conde de Sobral, terceiro do titulo, Hermano Braamcamp Sobral de Mello Breyner, homem distinctissimo, que sempre estimei por suas altas qualidades, desde que o tive por collega na camara dos deputados.

Por esse tempo começou o ministerio das obras publicas a importar reproductores orientaes, para fornecer aos lavradores, e d'esta concessão se aproveitou o pai do actual conde de Sobral, que foi dos creadores que conseguiram melhores resultados.

Comtuído, não pôde fixar um typo, porque era impossivel obter o mesmo reproductor por mais de um anno: ora o ministerio das obras publicas lhe cedia um cavallo arabe, ora um cavallo marroquino, o que obstava á unificação da raça.

Apesar d'isto, os productos da coudelaria Sobral tinham muita procura como cavallos de sella, e sempre os melhores preços na remonta.

Quando o actual conde tomou conta da casa, em 1870, seguiu uma orientação um pouco differente: introduziu na sua coudelaria os cruzamentos com *pur sang* inglez, e assim tem continuado até hoje.

Falando sobre este assumpto com o illustre titular, permiti-me observar-lhe que, segundo ouvi dizer algumas vezes, os *pur sang* inglezes apenas serviam para corridas.

O conde de Sobral replicou-me com vivacidade: — Dizem isso. Mas eu affirmo que servem para tudo. Como cavallos de sella considero os os melhores, pois são agradaveis de montar e muito resistentes. Como cavallos de tiro, tenho tido excellentes parellhas, de uma energia possante. Para serviço dos campos, são optimos. Os meus criados andam montados em éguas de muito sangue, que se prestam a todos os trabalhos, incluindo a conducção de touros.

Os productos da coudelaria Sobral teem sempre obtido premio nas exposições pecuarias: por tres vezes ganharam o premio de honra nas exposições da Gollegã; na ultima de Santarem foi adjudicado o primeiro premio a dois potros, que aos dois annos de idade foram vendidos para Hespanha por 400 libras cada um.

Mas não foi decerto menor galardão que os premios pecuniarios o desejo que o rei Affonso XII manifestou de adquirir um cavallo da coudelaria Sobral para reproductor.

A primeira vez que o actual conde levou cavallos seus ás corridas de Madrid, o governo hespanhol adquiriu por 300 libras um; tempo depois mandou comprar mais dois e ainda, em epocas successivas, fez outras acquisições de reproductores na coudelaria Sobral.

Só o governo portuguez nunca pensou n'isso. E' que se não pode ser portuguez em Portugal.

Nos hyppodromos de Portugal, Hespanha, Gibraltar e alguns do sul da França teem os cavallos Sobral ganho muitas corridas, sobresahindo entre todos a égua *Rosina*, a qual, havendo entrado em 77 corridas, ganhou 31, chegando segunda em 21, e terceira em 12. Só perdeu 13. Esta afamada égua conseguiu assim obter premios na importancia de 14:000.000 réis, e dois objectos de arte.

O actual conde chegou a possuir 40 éguas, que trabalhavam em gradagem e debulha, e creavam.

Hoje, porque o mercado não anima, reduziu a sua coudelaria a 12 éguas só para criação, mais por gosto de *sportman* que por especulação industrial.

Estas 12 éguas andam sempre a prado, e apenas são recolhidas em telheiros, no inverno, durante as noites tempestuosas; no verão, durante as horas de maior calor.

Só excepcionalmente se lhes dá algum grão, e ás crias apenas o dão desde agosto até as desmamar e recolher á cavallariça, geralmente em novembro.

No periodo em que as corridas despertavam maior enthusiasmo, o conde de Sobral chegou a vender cavallos a 400 libras cada um; hoje está-os vendendo aos 15 mezes a 40 libras, para Hespanha.

De 1870 a 1876 vendeu sempre em Portugal, em média a 128.000 réis.

De 1876 a 1900 vendeu em Portugal 44 cavallos ao preço medio de 280.000 reis; e em Hespanha 69 cavallos ao preço medio de 487.000 reis.

Dêve notar-se que de 1889 para cá os preços teem descido muito.

Apesar da pouca animação do mercado, a coudelaria Sobral ainda hoje attrae compradores hespanhoes, que vêem pessoalmente realisar as suas compras.

A camara municipal de Almeirim, em sessão de 29 de julho de 1904, deliberou crear uma feira no aprazivel local denominado o «Parque».

Esta feira, que se inaugurou no dia 4 de setembro do mesmo anno, consta de gados, productos agricolas, louças, quinquilharias, fazendas de lã, algodão, etc.

Normalmente effectuar-se-ha no quinto domingo da Quaresma e no terceiro domingo do mez de agosto.



137 - Passos Manuel

Fazem se na villa apparatusos festejos em honra de Nossa Senhora da Conceição, no mez de setembro, durante tres dias.

Não lhes falta, a par das solemnidades religiosas, a feição mais popular da vida ribatejana: a cavallhada e a vaccada.

Alem d'isto, costuma haver kermesse e illuminações.

A villa de Almeirim constitue uma só freguezia, que tem por orago S. João Baptista, e uma população de 6.085 habitantes.

E' séde do concelho do seu nome (3.<sup>a</sup> classe) que comprehende mais as freguezias de Santo Eustaquio de Alpiarça, de Santa Martha de Bemfica e de Santo Antonio da Raposa.

O concelho, que pertence ao districto administrativo de Santarem, tem uma população total de 13.940 habitantes.

Por decreto de 23 de outubro de 1837 a rainha D. Maria II agraciou Manoel Nunes Freire da Rocha com o titulo de barão de Almeirim.

Este titular nasceu a 28 de setembro de 1806. Casou em 1835 com D. Luiza Maria Joanna Braamcamp, filha de Anselmo Braamcamp de Almeida Castello Branco.

Teve a carta do conselho, e foi deputado ás côrtes.

A elle se refere Garrett nas *Viagens* (cap. xxxviii).

O sr. Anselmo Braamcamp Freire é filho dos barões de Almeirim.

Por uma estrada plana e ridente segue-se da villa de Almeirim para Alpiarça, cujo grupo de casas se vê alvejar ao longe do alto da Porta do Sol em Santarem.

Encontram-se, estrada fóra, varias quintas notaveis, taes como a Goucharia, que pertenceu á casa dos marqueses de Fronteira, e onde D. Miguel e suas irmãs estiveram alojados; a Goucha, que pertenceu ao conde de Magalhães; e os Patudos, que foi de Carlos Relvas, e é hoje de seu filho José.

Passos Manuel possuia uma quinta, chamada o Tôco, a dois kilometros de Alpiarça para o lado do Tejo, proximo á valla do Alpiçoulo.

Dividia o seu tempo entre a casa da Alcaçova em Santarem e a quinta do Tôco.

Aqui teve um feitor algum tanto excentrico, de appellido Garcia, que fôra capitão do exercito de D. Miguel.

Na carta em que Passos Manuel instava pela visita de Garrett (visita da qual resultaram as *Viagens*) dizia-lhe: «Quando vieres hiremos os dois juntos visitar aquelles campos (os de Alpiarça) de que has de gostar. E jantaremos na adega do Tôco, servindo-nos de Ganimedes o meu feitor Garcia, cavalleiro da Conceição por D. Miguel, e de Santa Izabel por Carlos Pertendente».

Este feitor Garcia, de quem falei na *Viagem á roda das Viagens*, falleceu haverá vinte annos.

Alpiarça ou Alpiça, apesar da sua população ser importante, 5.835 habitantes, tem pouco que ver; contrasta inferiormente com Almeirim.

E' apenas uma rua, aliás muito extensa.

Mas o seu nome não foi esquecido por Gil Vicente em tal auto como o da *Nau d'amores*.

.... vai-te tu ao Crato,  
Porque Mafoma e Mafamede  
Afaqui e Alfaqueque  
São do Bispo d'Alencastro,  
Almofariz e almofada,  
Almoface e almofreixe,  
Alfarroubeira e Alcouchete

E Alqueidão.  
Sandas terras de Soldão,  
E Alfaiates e Alfante,  
Alfareme e Alcaprema,  
Alpiarça e Alfazema  
E Alpedriz  
São do mestrado d'Aviz.

Por estar arruinada a igreja da villa, foi modernamente construida outra, havendo pois duas, a «velha» e a «nova».

Os habitantes de Alpiarça teem fama de valentões e de pouco ordeiros.

Parece que as paixões são ali fogosas, especialmente as politicas.

D'isto me informaram, e um facto recente o vem confirmar.

Em telegramma expedido de Santarem para *O Dia*, e publicado n'este jornal em 23 de março de 1903, noticiava-se um estranho caso de bordoadá sacrilega:

«Consta-nos, á ultima hora, ter havido grande pancadaria em Alpiarça, na occasião da procissão do Senhor dos Passos, ficando o andor feito em estilhas, parochos espancados e o pendão rasgado.

«Deram motivo a esta desordem questões politicas já antigas, que hoje se avivaram,

sob o pretexto de quererem uns que a imagem fosse para a igreja nova e outros para a velha».

Este caso de tremebunda pancadaria, que não poupou o Senhor dos Passos, nem os parochos, nem o pendão, dá, effectivamente, a medida do afôgo e desafôgo das paixões politicas em Alpiarça.

Garrett pintou bem o homem do Ribatejo quando poz na bocca de um d'elles esta phrase em disputa com o vareiro do norte: «A força é que se fala».

Talvez fosse de Alpiarça esse ribatejano.

Ora o caso da bordoadá sacrilega teve seu desfecho no tribunal de Santarem em 19 de fevereiro de 1904.

Uma correspondencia dizia então para o *Diario de Noticias*:

«Provando-se que os réus haviam praticado um desacato á religião, mas sem o proposito formado, a pena a applicar seria de um a tres mezes de prisão, podendo descer a reprehensão; mas o digno magistrado sr. dr. Barreto fez sentir aos réus que estava mal impressionado com respeito a Alpiarça, por serem ali frequentes as desordens, e dando-se o facto de alguns terem já mais condemnações, por isso não podia deixar de lhes applicar algum correctivo.»

O correctivo foi no maximo 15 dias de prisão, e no minimo, 5.

Das outras duas freguezias componentes do concelho de Almeirim a mais importante é Bemfica, pois tem 1.367 habitantes.

Ha no concelho varias fabricas: de azeite, de distillação, de louça de barro, de telha e tijolo, e algumas officinas de construcção de carros e alfaias agricolas.

As sociedades de recreio são duas: Club Almeirinense e Banda Marcial Artistica Almeirinense.

Funcionam no concelho seis escolas; e um monte-pio, denominado de S. João Baptista.

A terra produz vinho, cereaes, fructas e gados.

Entre as fructas são afamadas as melancias.

Quanto a flores, em poucas regiões se encontram tão copiosas e lindas.



## Chamusca



Portugal ha mais de uma duzia de logares d'este nome, na sua maior parte comprehendidos em concelhos do norte do paiz.

Só no de Guimarães conto quatro, situados nas freguezias de Briteiros, Fermentões, Lordello e Sande.

Esta copiosa sciencia chorographica bebi-a de um trago no *Diccionario postal*.

Rarissimos exemplares apparecem hoje de uma *Descrição da Chamusca*, publicada em 1759 por Francisco José de Andrade,

bacharel em direito e advogado na Casa da Supplicação. Segundo Innocencio, apenas sahiu a Primeira Parte. Eu nunca a vi. Mas conheço as noticias que d'essa incompleta monographia extrahiu, a titulo de curiosidade, o sr. dr. Ariosto Moncada.<sup>1</sup> Folgo de mencionar o nome d'este distincto medico, a quem devo algumas uteis indicações sobre o Ribatejo.

Ora, na opinião de Andrade, o nome — *Chamusca* — proveio de *Chambusca* (chão busca) porque Ruy Gomes da Silva, principe de Eboly, querendo retirar-se da côrte de Filippe II, viera procurando sitio propicio ao seu apartamento, e aqui o encontrára no logar onde a povoação portugueza, que succedêra a uma supposta cidade romana chamada Aricio, se appellidava então Valverde.

E nota o sr. dr. Moncada que esta ultima denominação ainda hoje é dada ao fertil valle que fica entre o outeiro do Pranto e o de S. Sebastião.

Mas parece que identicos nomes devem ter etymologias identicas, e decerto não houve um Ruy Gomes da Silva para cada Chamusca do paiz.

A mim se me afigura que este titulo antes proviria de uma abundante criação de gado suino, circumstancia que se dá na Chamusca do Ribatejo, e provavelmente nas suas homonymas: chamusca é uma operação preliminar á chacina d'aquella especie animal.

<sup>1</sup> *Almanach de lembranças para 1878.*

Não ha duvida, porém, que todas as outras Chamuscas do norte do paiz são inferiores em importancia á da Extremadura.

Esta aprazivel villa está situada ao sul do Tejo e a nordéste de Santarem.

Na sua maior parte estende-se sobre a base da collina chamada *Outeiro do Pranto*, mas, subindo pela encosta, chega até ao planalto da mesma collina.

Andrade, querendo dar a etymologia de *Outeiro do Pranto*, conta que sitiada a primitiva povoação pelos romanos, um dos seus habitantes lusos, de nome Ulma, fugira com alguns companheiros, depois de se ter despedido da sua querida terra, chorando, no alto d'aquelle outeiro, que por isso e desde então se ficaria chamando «do pranto».

Não se percebe como alguns lusitanos pudessem sahir da povoação quando já estava cercada pelos romanos.



138 — Paços do Concelho

Ulma e os companheiros teriam ido acoitar-se a 6 kilometros de distancia, e ahi fundariam a povoação que em memoria do principal fundador tomára o nome de Ulme.

Por que não acreditar antes que Ulme é o *ulmus* latino, olmo ou ulmeiro? Tanto mais que em Portugal ha povoações, casaes e herdades com a denominação de Ulmaes, Ulmeira, Ulmeiro, Ulmeirinho e Ulmos.

Descrevendo a villa da Chamusca diz um publicista moderno: «Accessivel ao norte, gosa da sua salutar influencia, attestada pela robusta saude e longa vida de seus filhos e habitantes. D'este quadrante e do poente, confina esta villa com o Tejo, a cujas margens, n'esta terra, não lhes fazem inveja as mais lindas do Mondego, tantas vezes celebradas em hymnos immortaes; do sul, com as vastas e ferteis campinas, cujas estradas orladas de vigorosos choupos e soberbos álamos, lhe dão um aspecto surprehendente; e do nascente, a extremam as ubérrimas collinas notaveis pelas copiosas fontes d'agua nativa e pelos excellentes casaes que possuem».<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Questão comarcã da Chamusca*, por J. P. Freire de Campos. Lisboa, 1876.



Na parte alta da villa erguem-se as capellas de Nossa Senhora do Pranto, do Senhor do Bomfim e a igreja de S. Francisco, templo muito mais imponente que a matriz, e de cujo adro se avista um largo panorama, que méde talvez dez leguas de circuito.

Toda a villa é cortada pela estrada real (16, A) do Barreiro á fronteira, que aproveitou o leito da antiga rua de S. Pedro, nome que ainda conserva.

A comunicar com o Tejo abriu-se uma «estrada nova», hoje Avenida Izidro dos Reis, que parte do largo do Barão de S. Cosme.

A villa dista da borda d'agua menos de meio kilometro.

Quanto ás origens da Chamusca, seu desenvolvimento e importancia, eu não poderia ser mais interessantemente noticioso do que um illustre e illustrado cavalheiro ali nascido, o qual, n'uma gentil carta que me dirigiu, fala da sua terra com enternecido patriotismo.

Vou, pois, ceder-lhe a palavra, pela razão muito simples de que eu não saberia dizer mais nem melhor.

Devo-lhe esta homenagem.

«Todos aquelles que não teem visto, ou visitado esta povoação, fazem d'ella tão triste e ridicula ideia, como geralmente se faz da Aldea de Paio Pires, Lava-Rabos, etc.

«Para os individuos das provincias do Norte, a Chamusca não passa por ser mais do que a patria por excellencia dos touros bravos, como Amarante dos bons pecegos, e Lamego dos presuntos.

«Para elles esta povoação consiste, apenas, em um agrupamento de pobres cabanas onde os guardadores dos touros — os campinos — vivem com suas familias, e onde a civilização e o progresso se não manifesta nas suas variadissimas fórmãs e maneiras.

«E todavia a Chamusca avanta-se á maior parte das povoações do paiz, incluindo as de maior nomeada, e até algumas que se enfeitam com o titulo de cidade, como a Guarda: pela sua riqueza, que advém dos seus vastos e ubérrimos campos; pelos seus innumerados montados de sôbro; pelos seus edificios tanto publicos, como particulares; e pelo seu pessoal, por quem aquella riqueza está espalhada gradualmente, além da illustração scientifica que muitos dos seus habitantes teem conquistado nas escolas superiores do paiz.

«Situada na margem esquerda do Tejo, dentro da *nesga de terra*, que Oliveira Martins disse não a haver *mais bella no mundo*, os seus arrabaldes e cercanias constituem, na primavera, jardins que encantam a todos os que os desfructam e gosam.

«A Chamusca não se afidalga por contar muitos seculos de existencia, nem por ser descendente de qualquer povoação, que tenha existido em remotas eras; comquanto haja, quem, sem fundamento, pretenda dar-lhe, como avó, uma das duas cidades, que, com o mesmo nome d'Arício, existiram no tempo da dominação romana: teem-se, porém, achado vestigios d'este povo, em muitas moedas da epoca, e ainda ha poucos annos no sitio d'Arrezina, proximo do Pinheiro, se encontraram sepulturas com amphoras, armas, medalhas, etc., attribuidas ao consulado de Julio Cesar.

«Nasceu, comtudo, com relação áquelle tempo, ainda hontem, e por isso poremos de parte as affirmações a que se allude, sem valor historico.

«Em 1449, epoca em que D. Affonso V doou a Ruy Gomes da Silva o logar de Ulme, ainda a Chamusca não era mais do que um casal, ou quando muito a humilde *proba* pertencente á Coroa, composta de casaes (fogueiras ou fogos) mais ou menos dispersos uns dos outros, sem que se achassem vinculados pela união moral da freguezia; porque a este tempo, e por muitos annos, a séde das freguezias a que este casal ou casaes pertenciam, era aquelle logar, facto este bem significativo da sua humildade como povoação. N'aquelle tempo em que a fé e o sentimento religioso eram mais vivos e intimos, constituia-se uma parochia, uma freguezia, com dez moradores apenas, como suc-

cedeu ao Pinheiro Grande, que em 1230 conquistara esta autonomia com esse numero de fogos.

«De 1480 em diante, desde que D. João da Silva, filho mais velho d'aquelle donatario, aqui mandou construir o seu solar, para n'elle viver, mandou construir a pequena igreja com a invocação de S. Braz, e conseguiu fazel-a matriz da freguezia; é que a Chamusca progrediu tanto, que oitenta annos depois, em 1563, conquistou o titulo de villa, com cerca de 300 fogos nas freguezias do municipio, tornando-se a séde da admi-



139 — Chalet da Quinta dos Arneiros (Propriedade do dr. Izidro dos Reis)

nistração judicial, para o que muito concorreu o alto valimento de Ruy Gomes da Silva, principe d'Eboly, intimo valido de D. Filippe II de Hespanha, que a pedido de seu pae, D. Francisco da Silva, era então o donatario d'esta povoação». <sup>1</sup>

Como indicação historica, este amavel subsidio nos deve bastar.

Pelo que respeita á actualidade, diremos que a villa da Chamusca, constituida por uma só freguezia (S. Braz), conta 3.811 habitantes de

ambos os sexos, ou sejam mil familias, espalhadas na área das seguintes ruas, praças, largos e travessas.

*Ruas:* Além da de S. Pedro e da Avenida Izidro dos Reis, tem a villa as ruas — do Areal, da Cruz da Pedra, de Paio Pelle, da Formiga, de Sousa Girão, do Pomar, do Valle, do Chafariz Velho, de Cima, de Baixo, de S. Braz, do Pranto, da Igreja, do Mal-cosinhado, de Santo Antoninho, do Barreiro, do Carrapileiro, da Palha, das Parreiras, Velha do Arneiro, Nova do Arneiro, da Misericordia, da Horta. *Travessas:* da Areia, de Julião Mascarenhas, de Nossa Senhora das Dores, do Coleiro, das Vazes, de Cypriano Seixas, das Silvas, de José Torres Novas, de S. Francisco e de Maria das Dores.

Toda esta enumeração, que pode cheirar talvez a almanach, tem por fim dar uma ideia de quanto é vasta a área actual da villa.

*Praças e largos:* Largo de Camões — E' aqui o novo mercado, inaugurado em junho de 1903 e que se compõe de um vasto recinto, quadrilongo, que mede uns 1.200 metros quadrados, fechado por grades de ferro em que se abrem quatro portas. Ao meio o pavimento é calçado a mosaico; e, nas ruas lateraes, areado. Todo o recinto contém 36 mesas de marmore, onde estão expostos á venda os generos de consumo; e na parte central ha um pavilhão para açougue. E' coberto com armação de ferro e vidro.

Largo João de Deus — A camara de 1885 gastou 5:000.000 réis em aformosear

<sup>1</sup> Sobre Ruy Gomes da Silva, duque de Pastrana, principe de Eboly, senhor da Chamusca e Ulme, veja-se *His. Gen.*, tomo IX, pag. 480.

este largo, cercando-o de varões de ferro, mandando calçar o pavimento a mosaico, e collocar bancos á volta. A camara actual ordenou a construcção de um corêto. onde vai tocar muitas vezes a Sociedade Philarmonica Chamusquense.

Largo do Arneiro, hoje do Barão de S. Cosme. — E' aqui que foi edificada a escola Conde de Ferreira.

Esta escola ministra o ensino elementar e complementar a 60 alumnos, frequencia média.

No largo do Arneiro nasceu, em casa propria, João Nepomuceno de Macedo, que foi coronel de cavallaria e agraciado por D. Pedro IV com o titulo de barão de S. Cosme, como premio e homenagem á brilhante carga com que aquelle bravo official rechaçou, no famoso dia 29 de setembro de 1832, o exercito miguelista quando já vinha rompendo as linhas do Porto pela estrada de S. Cosme.

Soriano, o minucioso chronista das campanhas da liberdade, diz que a João Nepomuceno deve a gloria do cêrco do Porto «tributar uma das primeiras famas.»

E, referindo-se áquelle dia memoravel, descreve assim o feito militar que Nepomuceno praticou:

«Vinte e cinco eram os cavalleiros do seu commando, mal montados; mas, ainda que poucos, eram vinte e cinco heroes, que só se fiavam no gume das suas espadas e no valor do seu braço: o impeto do seu acommettimento não só fez reprimir, mas até retrogradar os atacantes, que, acutilando uns, aprisionando outros e obrigando os mais a sahir das trincheiras, cujos fossos já tinham entulhado com moveis das casas visinhas, viram rotas as suas fileiras e, assim forçados, tiveram de virar as costas aos seus adversarios.»

Alem da escola Conde de Ferreira, ha uma para o sexo feminino, com ensino elementar; é frequentada em media por 30 alumnas, e não mais em razão de haver tres ou quatro aulas particulares.

Não tem por emquanto casa propria.

Possue a villa tres igrejas: S. Braz, S. Francisco, e Misericordia; e quatro capellas, a saber: — de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora do Pranto, do Senhor do Bomfim, e de S. Pedro.

Na capella do Bomfim ha todos os annos uma festa promovida pelas camponezas e camponezes da Gollegã, que ali vão festejar o S. Miguel.

A' festa de igreja segue-se a respectiva romaria.

A Misericordia da Chamusca foi instituida por iniciativa de Ruy Gemes da Silva, em 1622, e confirmada por alvará de Philippe III, de 23 de maio de 1630, em que se lhe concederam todos os privilegios de que gosava a Misericordia de Lisboa.



140 — Chafariz municipal

O seu templo, já em adeantada construcção no anno de 1629, foi edificado com o producto de esmolas e com o auxilio de todos os moradores da villa.

Esta igreja quasi arruinada em 1902, soffreu importantissimas reparações, que a restituiram a um bello estado de conservacção, mercê dos esforços da actual mesa administrativa.

Tem por advogada e padroeira «Nossa Senhora e seu bemditissimo Filho Jesus Christo, pae e remedio dos peccadores». A confraria era composta de oitenta irmãos, qua-

renta nobres e quarenta officiaes, ou pessoas de menor condição. Hoje, pelo novo compromisso <sup>1</sup>, o numero de irmãos tornou-se illimitado.

Annexo á Misericordia está o respectivo Hospital que, sob a invocação de Nossa Senhora da Pobreza, foi instituido por Francisco Sutil, o qual o dotou com os capitaes necessarios para a sua manutençao, nos fins do seculo XVII.

Francisco Sutil falleceu em 19 de setembro de 1711.

O rendimento annual da Misericordia é de proximoamente 4.000.000 réis.

O hospital — amplo edificio — recebe por anno perto de 300 doentes, de dentro e fóra do concelho, e o seu serviço medico-cirurgico é desempenhado por quatro facultativos.

Não quero deixar de fazer referencia so elegante chafariz municipal da Chamusca, cuja urna, d'onde a agua jorra por quatro carrancas, é encimada por um alto obelisco.

Ha na villa dois Clubs, um para as pessoas principaes pela sua posição social, e outro para os artifices; ambos com bilhar, sala de leitura, e de jogo de vasa.

Tambem ha um theatro que se denomina — *Foito*, em memoria do actor Alexandre Augusto das Neves Foito, que era natural da Chamusca, e filho do bacharel Pedro Augusto Foito.

Vi-o representar no theatro Baquet do Porto, algum tempo depois de se haver estreado no theatro da Trindade, de Lisboa, na peça de Sardou — *Conspiração n'aldéa*.

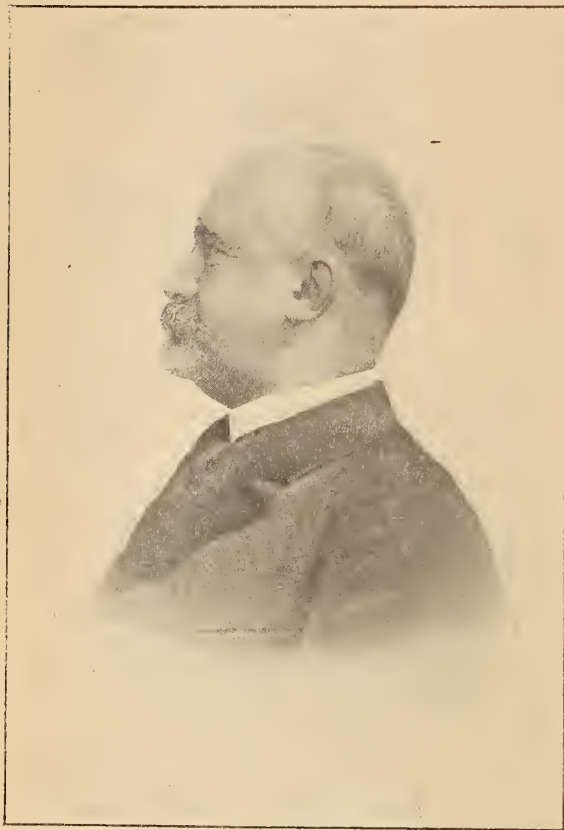
Sem que fosse uma notabilidade, tinha vocação para a scena; os portuenses achavam-lhe muita graça, e applaudiam-n'o affectuosamente.

Identicos applausos colheu no Rio de Janeiro, para onde partiu, ancioso de lucros e gloria, com a companhia organizada pela empresa Manzoni.

Lá morreu com um ataque de febre amarella dentro de tres dias.

A Troupe Dramatica Chamusquense dá no theatro Foito alguns espectaculos.

Tem a Chamusca bons edificios, taes como :



141 — Dr. João Joaquim Izidro dos Reis

<sup>1</sup> Aprovado por alvará de 20 de janeiro de 1876.

a) Os modernos paços do concelho, predio que não foi feito para este fim, mas para moradia de quem gastou n'elle o melhor de 40.000\$000 réis. A fachada é de aspecto nobre, com frontão e platibanda, sete janellas no 1.º andar e seis no rés-do-chão. Terraços lateraes.

b) Outro pertencente ao dr. João Joaquim Izidro dos Reis, que o offereceu á direcção do «Asylo para inválidos do trabalho», pia instituição creada com o donativo de 18.000\$000 réis, feito pelo capitalista Sebastião Roque de Pinho (mais tarde conde do Alto Mearim), e de 7.000\$000 réis, feito pelo visconde de Ferreira de Almeida, quantias offerecidas ao dr. Izidro para um estabelecimento de caridade inteiramente á sua escolha.<sup>1</sup>

E' contiguo aos paços do concelho: tem rés-do-chão, 1.º andar com oito janellas, e uma especie de mansarda, com varanda de ferro.

N'este edificio esteve escondido por um mez o notavel estadista e tribuno Passos Manuel, que d'aqui seguiu para o Porto a fim de organizar a celebre junta revolucionaria.

Passos Manuel era intimo amigo da familia Izidro dos Reis, e por isso em sua casa se refugiou para fugir aos caceteiros cabralistas, que o tinham provocado por diferentes vezes em Santarem.

Tambem n'este edificio nasceu o dr. João Joaquim Izidro dos Reis, solícito e devotado protector da sua terra. Uma lapide, inaugurada solememente em fevereiro de 1906, perpetua a memoria d'aquelle facto e dos altos serviços prestados á Chamusca por esse seu illustre filho.

Diz a lapide:

*«N'esta casa nasceu a 4 de dezembro de 1849 o benemerito cidadão dr. João Joaquim Izidro dos Reis a quem a Chamusca exclusivamente deve os seus mais importantes melhoramentos: Asylo Chamusquense e Ponte sobre o Tejo. A s. ex.»*  
— municipio reconhecido — 11 de fevereiro de 1906.»



142 — Casa onde nasceu o dr. Izidro dos Reis e agora funciona o Asylo

A ponte era uma das mais instantes reclamações da Chamusca, pela conveniencia da ligação d'esta localidade

com a Gollegã, portanto com a margem direita do Tejo. Foram os esforços perseverantes do dr. Izidro que puderam obter tão desejado e util melhoramento.

Esta ponte está em construcção. Compõe-se de dez pilares de cantaria e dous encontros: o taboleiro é d'aço doce e o pavimento de macadam; póde sobre ella passar um comboio, assentando-se a respectiva linha, tão solida fica a sua construcção,

O taboleiro metallico tem 756<sup>m</sup>,84; a ponte completa fica com 778<sup>m</sup>,84. O custo é de 1.650:000 fr. (ao cambio de 200 réis o franco, 330 contos). A ligação com a Gollegã tem de ser feita por um viaducto ou pelo alongamento do dique dos Vinte, devendo custar toda a obra completa 400 contos aproximadamente. Será uma das pontes mais

<sup>1</sup> Tudo isto consta do opusculo — *Camara Municipal da Chamusca — Acta da sessão de 11 de junho de 1891 — Fundação de um asylo para inválidos do trabalho.* Lisboa, 1892.

importantes e bonitas do paiz. O trabalho de fundações foi confiado ao engenheiro belga mr. Reynaud e a parte metallica ao engenheiro Andouard, o mesmo que por conta da casa Fives-Lille, de Pariz, construiu a ponte do Setil. <sup>1</sup>

Os chamusquenses, gratos ao seu prestante conterraneo, mandaram cunhar uma medalha de ouro e cobre com a effigie do dr. Izidro em commemoração dos seus serviços, especialmente o da obtenção da ponte.

c) Outro do dr. Benjamim Constante do Amaral Netto.

d) Outro do dr. José de Vasconcellos Mascarenhas Pedroso.

e) Outro do dr. Carlos Caldeira de Pina Machado.

Finalmente, outros pertencentes ao dr. Cypriano de Seixas, Valerio Jorge das Neves,



143 — Ponte sobre o Tejo — em construcção (Copia de uma aguarella)

D. Leonor de Miranda, D. Maria das Dôres, Joaquim Pratas, D. Maria da Gloria, Joaquim Vaz Monteiro, José Cid, Adolpho Guimarães.

N'este ultimo predio, que pertenceu á familia Vasconcellos Mascarenhas, se aposentou o infante hespanhol D. Carlos de Bourbon, expulso de Hespanha pela rainha regente.

Ali ia visital-o, com muita frequencia, D. Miguel de Bragança, quando, tendo já retirado de Lisboa, se refugiou em Santarem.

Todos estes predios são de valor intermedio a 4 e 30:000\$000 réis.

A villa da Chamusca é cabeça do concelho do seu nome, componente do districto de Santarem; e foi cabeça de uma comarca extincta em 1874.

Possue o concelho da Chamusca magnificas quintas, entre as quaes mencionaremos: a do Paul do Trava, propriedade da Companhia das Lezirias; das Trevas e Braga, propriedade do dr. José de Vasconcellos Mascarenhas Pedroso; Murta e Freixo, pertencentes ao dr. José Felix Pereira; a das Figueiras, pertencente a D. Leonor de Miranda; a da Feia, pertencente aos herdeiros de Francisco Cid; a de S. Sebastião, pertencente ao dr. Benjamim Constante do Amaral Netto; a dos Arneiros (Pinheiro Grande) pertencente ao dr. João Joaquim Izidro dos Reis; a do Mouchão dos Coelhos, pertencente ao dr. Veiga, residente na Gollegã.

<sup>1</sup> Vide pag. 227.

O valor d'estas propriedades orça entre 50 e 100.000\$000 réis.

Ainda ha outras, algumas das quaes não teem denominação propria: por serem numerosas, não as especificamos.

Fazem-se na Chamusca duas feiras annuaes: a de S. Braz, a 3 de fevereiro, e outra no segundo domingo de outubro, durando cada uma tres dias.

Tambem se faz um mercado.

E' a Chamusca terra muito commercial e abundante em cortiça, cereaes, legumes, hortaliças, fructas e vinho.

A respeito do vinho dizia Aguiar em 1876: «Chamusca — Muito florescente antes



144 — Hospital

da invasão do oídium. Com os vinhos d'esta terra se alimentaram outr'ora as tabernas de Lisboa. Foi sempre bem reputada a aguardente da Chamusca, e havendo-se combtido ultimamente com efficacia o oídium, as vinhas começam a restaurar-se.»

Filinto deixou nas suas odes algumas referencias elogiosas ao vinho da Chamusca; de prompto nos acode uma:

E as tigridas Bacchantes  
Nos taboleiros de xarão trazião  
Carcavellos, *Chamusca*,  
Com que empurrar a entalladora buxa.

Pois ainda nos occorre outra:

Os que põem na vanguarda  
Do exercito, que alinham contra a Pena,  
Copos do Douro, *frascos* da Chamusca.

Gosam de especial fama as melancias da Chamusca.

O concelho tambem produz e exporta madeiras, mel, carvão de sobro e de cépa, e muitas palhas.

A criação de todas as especies pecuarias, particularmente o gado suino e os touros bravos, dão justa fama á Chamusca.

Tem sido esta terra o berço de alguns homens illustres, a começar pelo *Beato Amadeu*, D. João da Silva, que floresceu no seculo xv.

Contaremos em poucas palavras a sua historia romanescas.

D. João apaixonou-se por D. Leonor, filha do rei D. Duarte, em cuja côrte elle servia.

Namorado, tomára por divisa um falcão volante com a legenda *Ignoto Deo*. Contrariado pelo casamento de D. Leonor com o imperador Frederico III, resolveu acompanhá-la, fazendo parte da sua comitiva. Assistiu ao casamento em Roma, mas desde essa hora angustiosa de sua vida errou solitario longo tempo pelos Apenninos com o nome de Amadeu. Morreu no conventinho da Paz, em Roma, ficando conhecido por — *Beato Amadeu*.

Em epochas mais proximas de nós aqui nasceram: o prior Francisco do Prado de Sousa Lacerda, que foi bispo de Angra e veio morrer á sua terra; o ajudante do Procurador Geral da Corôa, Antonio Elyseu de Macedo; o juiz que foi da Relação de Lisboa, Cypriano José de Seixas; o barão de S. Cosme, a quem já nos referimos; e outros muitos já fallecidos.

E' longa a lista dos naturaes da Chamusca que se teem formado em theologia, direito, medicina, ou que teem seguido a carreira das armas.

Um viajante, que visitou a Chamusca em 1875, põe em relevo a urbanidade de trato, a illustração e o character hospitaleiro da sociedade escolhida da Chamusca.

Referindo-se ás damas, classifica-as de interessantes, quer pela elegancia das *toilettes* e distincção de maneiras, quer pela conversação espirituosa, cultivada e sem pretensões. <sup>1</sup>

Da estação de Santarem ha carreira regular de diligencia para a Chamusca, a 600 réis cada logar; a distancia é de 30 kilometros.

O concelho da Chamusca, que hoje conta 10.443 habitantes, compõe-se de mais quatro freguezias, a saber: Pinheiro Grande, Valle de Cavallos, Ulme e Chouto.

Depois da villa, a freguezia de maior importancia é o Pinheiro Grande, que tem uma população de 3.067 moradores.

Esta freguezia está situada a 800 metros do Tejo.

As suas casas e casaes estendem-se por alguns kilometros, ora seguindo o curso do rio em fertéis campos, ora afastando-se para o interior em grandes montados de sôbro, vastos pinhaes e olivêdos.

A elevação do Pinheiro Grande a parochia data de 1230.

A igreja parochial, collocada no centro da antiga commenda de Christo, deve a sua fundação a um dos primeiros commendadores d'aquella Ordem, cuja cruz ainda hoje encima a capella-mór.

D'estes commendadores o mais notavel foi o illustre chronista Gomes Eannes de Azurara, que succedeu a Fernam Lopes no cargo de guarda-mór da Torre do Tombo, e continuou a chronica de D. João I, começada pelo seu antecessor.

Azurara entrou, sendo mancebo, na Ordem de Christo, e teve o grau de commendador de Alcains, commenda que, depois de 1454, trocou pelas do Pinheiro Grande e da Granja do Ulmeiro.

O ultimo commendador do Pinheiro foi D. João de la Coeva, que ali se acha sepultado (a par de sua mulher) e que teve de expatriar-se por haver assassinado o 3.º Marquez das Minas, D. João de Sousa, quando este sahia da Congregação do Oratorio <sup>2</sup> a 17 de setembro de 1722.

<sup>1</sup> *Jornal de Lisboa*, de 15 de abril de 1875, artigo *Recordações da Chamusca*.

<sup>2</sup> Então ao fundo do Chiado, no local onde hoje está o palacio Barcellinhos.



Do palácio dos commendadores do Pinheiro apenas restam os alicerces; no principio do seculo passado ainda se via um grande arco, que era entrada principal, mas nem esse padrão existe.

Fazem parte da freguezia as povoações da Carregueira e Arrepiado <sup>1</sup>, ligadas pela estrada real 16 A, que, como já dissemos, atravessa a villa da Chamusca.

O Pinheiro Grande é limitado a nascente por um dique, cujos trabalhos foram ordenados pelo fallecido estadista Saraiva de Carvalho, e que constitue uma importante obra hydraulica.

Junto a este dique principia a rua Izidro dos Reis, que termina no largo Bernardino



145 — Estrada para o Pinheiro Grande

José Monteiro, opulento e bondoso proprietario, que era estimadissimo de todos os seus conterraneos.

Ha varias travessas e estradas de servidão para as povoações proximas, taes como : Cabeças, Valle do Junco e Areolas.

Tem a freguezia do Pinheiro Grande duas escolas; a do sexo masculino em edificio proprio.

O terreno para esta escola foi doado por D. Custodia do Sacramento Vaz Monteiro e seu marido José Rodrigues Duarte Monteiro, do Carregado.

A construcção, a expensas dos principaes proprietarios da freguezia, foi subsidiada pelo governo e pela camara municipal da Chamusca.

A escola do sexo feminino funciona em casa alugada, mas já se pensa na edificação de um predio, que reuna todas as condições hygienicas e pedagogicas.

Além do auxilio do Estado, que se pediu, espera-se muito da iniciativa particular,

<sup>1</sup> Dá-se o nome de Arrepiadinho ás ultimas casas da povoação do Arrepiado, para noroeste da Chamusca.

que no Pinheiro Grande se manifesta largamente, como o está provando a construcção da casa para residencia do medico municipal por subscrição publica entre os proprietarios locais.

Os melhores edificios do Pinheiro são: a Casa de traz da Igreja (de B. Vaz Monteiro); a de M. Cardoso; a de Fortunato Mendes d'Almeida; e a residencia parochial.

O chalet do dr. Izidro dos Reis, na quinta dos Arneiros, é muito pittoresco.

As propriedades rusticas mais importantes são: o Casal Velho, da familia Vaz Monteiro, que é valiosissimo pelos extensos montados de sôbro; os Arneiros, do sr. dr. Jzidro dos Reis, que, além da sua bella situação n'uma collina sobranceira ao Tejo, com esplendida vista, abrangendo as linhas de norte e léste e todas as povoações desde Santarem á Barquinha, se torna tambem notavel pelos montados de sôbro, oliveaes, vinhas e installações agricolas; as de Valle da Vacca, Arrezina, Casal da Feia; e o convento de Santo Antonio, outr'ora de frades mendicantes, com uma bonita igreja, situado n'um valle proximo ao rio.

A visita a esta propriedade proporciona um dos passeios mais interessantes da região.

Ha no Pinheiro Grande duas philarmonicas, o que prova que, além de ser aquelle um trecho amenissimo de terra, que mais lembra o Minho que o Ribatejo, é tambem alegre e sociavel, pois que os seus habitantes se desenfadam dos trabalhos agricolas em passatempos honestos e educativos.

Diremos, finalmente, que um dos parochos mais notaveis do Pinheiro, cuja memoria subsiste como lição e exemplo, foi D. Manuel de Santa Ritta Barros, vice-reitor do seminario de Santarem, e mais tarde bispo d'Angola.

Resta-nos mencionar as outras freguezias do concelho da Chamusca:

Valle de Cavallos, que fica distante da villa da Chamusca uns oito kilometros para o sul, tem 1.605 parochianos, sendo 776 do sexo masculino e 829 do feminino.

A antiga villa de Ulme, que foi cabeça do concelho do seu nome até 1855, demora entre a Chamusca e Valle de Cavallos.

Hoje é séde de uma freguezia que tem 1.245 habitantes.

O padre Carvalho diz na *Corografia*: «A villa de Ulme dista uma légua da Chamusca para a parte do sul, e está situada em um valle junto de uma ribeira, que a fertilisa de pão, vinho, azeite, e é abundante de caça e de todo o genero de gados, com muitas colmeias».

A ribeira, a que o padre Carvalho se refere, é a de Alpiarça, em cuja margem esquerda ficam Ulme e Valle de Cavallos.

Ha em Ulme feira annual, de tres dias; começa a 12 de janeiro.

A freguezia de Chouto, cujo orago é Nossa Senhora da Conceição, tem 715 habitantes e dista da Chamusca 18 kilometros para suéste.

Pertenceu ao concelho de Ulme.



## Gollegã



STA villa, cabeça do concelho e da comarca <sup>1</sup> do seu nome, no districto de Santarem, está situada na margem direita do Tejo em logar plano, quatro kilometros a suéste da estação de Torres Novas.

Diz-se que o seu onomastico derivou da estalagem que uma *gallega* ali estabeleceu, certamente em tempos muito remotos, por que a povoação já existia no seculo xv e foi aquella locanda que lhe deu origem. A povoação, assim fundada, teve primeiro o nome de *Villa da Gallega*; depois por abreviatura e corrupção veio a chamar se *Gollegã*. Commemorando esta tradição antiga, o brazão da actual villa (posto se não encontre no livro dos brazões da Torre do Tombo) consiste n'um escudo verde, allusão á fertilidade dos campos da Gollegã, tendo no meio uma figura de mulher com uma infusa na mão.

A' primitiva estalagem da Gollegã foram-se juntando outras, fermento de povoação, pois que o facto de passar por ali a antiga estrada de Lisboa ao Porto animava aquella paragem, dando bom lucro aos estalajadeiros.

A prosperidade da villa soffreu muito, no reinado de D. Maria I, com a abertura da nova estrada de Lisboa ao Porto por Leiria e Pombal.

Mas os habitantes da Gollegã acharam uma feliz compensação no desenvolvimento da agricultura dos seus fecundos campos, que são dos mais ricos e vastos de Portugal.

A villa actual pode dividir-se em tres bairros: Marvilla, Central ou da Matriz, e Baralha.

O de Marvilla é mais desligado da villa que o da Baralha, mas n'este as habitações são mais dispersas do que n'aquelle.

Em Marvilla as casas alinham-se, contiguas, em duas ruas principaes, parallelas entre si e perpendiculares á orientação da parte central, onde os melhores arruamentos correm no sentido de este a oeste.

N'este ultimo bairro ha a todo o comprimento da povoação tres longas arterias :

<sup>1</sup> Terceira classe.

rua dos Anjos, rua do Ferro e rua Nova, ligadas por travessas e ruas transversaes, algumas largas e bonitas, como, por exemplo, a de Santo Antonio.

As tres ruas principaes vão dar á Praça, a um lado da qual, mas separada das edificações, se encontra a igreja matriz, cuja fachada olha para o campo.

Este templo, que é de tres naves e foi fundado por el-rei D. Manuel, tem uma fachada notavel, estylo *manuelino*. Mas o resto da construcção destoa da fachada.

Os antigos paços do concelho, acantoados a um lado da Praça, eram uma casa de aspecto mais que modesto e de proporções acanhadissimas.

Tinham no rés-do-chão a cadeia e no pavimento superior o tribunal e a camara.



146 — Antigo atelier de Carlos Relvas

Modernamente a municipalidade adquiriu para seu uso o espaçoso edificio que foi habitação da familia Relvas.

Exceptuando alguns predios particulares de agradável apparencia, tanto antigos como modernos, não ha, na villa, edificios dignos de menção especial.

O *chalet*, *atelier* photographico, de Carlos Relvas, transformado, ainda por elle, em casa de moradia, põe certamente uma nota elegante na povoação, comquanto não seja uma construcção notavel.

O hospital da Misericordia, edificio limpo e modesto, está situado a meio da rua do Ferro. Foi instituido no seculo XIV.

Em 1850 achava-se reduzido a grande pobreza: apenas tinha seis mantas e seis enxergas.

A irmandade, cuja padroeira é Nossa Senhora dos Anjos, procurou dedicadamente remover a crise financeira, e os auxilios particulares coadjuvaram-n'a com igual dedicação.

Pôde adquirir mobiliario, construir enfermarias, casa de banho e outras dependencias.

Actualmente o hospital rege-se por um compromisso approved em alvará de 11 de dezembro de 1873.

O seu movimento annual é de 200 doentes.

Por um legado do dr. José Candido Loureiro a irmandade é obrigada a dar, todos os annos, doze esmolas de 500 réis cada uma, a outras tantas familias da freguezia da villa.

No commum das casas da Gollegã o processo de construcção mais seguido é a — taipa.

As paredes, sem exclusão das exteriores, formam-se amassando terra entre dois taipaes e constituindo assim parallelipedos sobrepostos, ligados mais ou menos por argamassa.

Ha na villa o grande Largo dos Arneiros onde se faz a famosa feira de S. Martinho, desde 10 a 15 de novembro, a qual é concorrida não só por gente de todo o reino, mas tambem por hespanhoes.

E' uma das feiras a que a commissão de officiaes da remonta vai todos os annos escolher cavallos para o serviço do exercito.

O celebre marquez de Marialva, quarto do titulo, tão insigne cavalleiro como toureiro, que foi uma das mais salientes figuras da côrte portugueza no seculo XVIII, não deixava de ir nunca a esta feira.

«Pelo gosto da Arte de Cavallaria — diz o commentador do *Theatro de Manuel de Figueiredo* — e pelo exercicio de Estribeiro Mór hia sempre á feira da Gollegã, e foi moda; hião muitos outros Fidalgos, e pessoas distinctas, e Capitães de Cavallos depois de 1754; o vestido era indispensavel ser de Saragoça, e trazer hum côrte della, e hum par de esporas de ferro feitas em Guimarães, compridas, que se mettião logo por cima do salto, e se apertavão com huma correia no fim delle em duas fendas, que alli tinhão para este fim com huma fivella». <sup>1</sup>

A villa da Gollegã, completamente plana, o que difficulta a regularisação dos esgotos, mantém todavia um certo cuidado no asseio das suas ruas.

Os arredores da povoação offerecem dois aspectos diversos.

A oéste, logo á sahida da villa, ha um campo extensissimo, bordado, n'um ou n'outro ponto, de renques de choupos, o que tambem acontece na proximidade do Tejo.

Ao sul, encontra-se uma pittoresca alverca, que as memoraveis cheias de 1876 ali deixaram e que se conserva, não só porque outras e successivas cheias a vão abastecendo, mas tambem porque o terreno é inferior ao leito do Tejo.

N'esta alverca se dessedenta o gado e se lava a roupa da povoação.

Desde o sul a vista alonga-se por uma planicie immensa, que o rio Almonda limita a oéste.

Na margem direita d'este rio, mas já na freguezia da Azinhaga, está situada a conhecida quinta da Brôa, que foi de Raphael José da Cunha <sup>2</sup>, além da qual principiam os dilatados olivêdos de Santarem.

Ao norte d'aquella planicie, e no seu limite por este lado, fica uma parte da não menos conhecida propriedade do Paul de Boquilobo, que o marquez de Niza vendeu a José Maria Eugenio.

O preço, por que este opulento capitalista a comprou, subiu a 350:000~~000~~ de réis, porque o Paul estende-se pelos concelhos de Santarem e Torres Novas: é vastissimo.

A respectiva contribuição de registro foi paga nos tres concelhos e assim liquidada: Santarem, 8:200~~800~~ réis; Gollegã, 8:511~~200~~ réis; Torres Novas, 7:488~~000~~ réis.

Do lado sul o campo entésta com o Tejo, que frequentes vezes o inunda.

<sup>1</sup> Tomo XIV, pag. 337.

<sup>2</sup> Hoje é do sr. Veiga, da Gollegã.

Fica assim esboçado um dos aspectos que caracterisam os arredores da Gollegã. Ao oriente da povoação o scenario é differente. Ahi predomina quasi exclusivamente o olival. Toda esta extensa zona é designada por Espargal em opposição ao campo.

Ao norte o campo liga-se ao Espargal e o mesmo acontece no sul, entre a alverca e o Tejo, encontrando-se n'este trato de terreno longas aléas de choupos e vinha.

Proximo da Gollegã, caminho da estação de Torres Novas, fica a quinta dos Alamos,

vasta propriedade que foi de Raphael José da Cunha, o qual a legou ao seu guarda-livros Tavares Bonacho.

Perto da estação, ha a quinta do Minhôto, pertencente á familia Cid, da Chamusca.

Estas e as quintas denominadas Vendas, Casal do Lavro, notavel por sua bella agua, Labruja, que foi dos jesuitas e constitue hoje uma boa installação agricola, pertencente á familia Castello-Melhor, são as principaes propriedades em volta da Gollegã.

Mais longe, a 5 ou 6 kilometros da villa — e a 3 da estação do Entroncamento — fica



147 — Uma paizagem

situada a magnifica propriedade que pertenceu aos Templarios <sup>1</sup>, depois aos freires da Ordem de Christo e tem o nome de — Cardiga.

A sua posição na margem direita do Tejo, o esmero da sua cultura, a grandeza da sua área, o numero e amplidão das suas officinas agricolas, a importancia da sua lavoura e criação pecuaria tornam, effectivamente, esta propriedade uma das mais opulentas e notaveis da provincia da Extremadura.

Em seguida á extincção das ordens religiosas, comprou-a Domingos José de Almeida Lima á Fazenda Nacional por duzentos contos de réis.

Hoje pertence ao sr. Luiz Sommer.

Já no tempo dos freires esta quinta era considerada uma brévia deliciosa, a ponto de correr em proverbio a phrase: «feliz como um burro da Cardiga.»

Não havia n'isto intenção deprimente para a Ordem de Christo, mas apenas elogio á copiosa fecundidade do solo, onde os pastos eram abundantes e mimosos.

Hoje os progressos da agricultura e o desenvolvimento das industrias agricolas vieram redoír a valia das condições naturaes da Cardiga.

E do tempo dos freires apenas ficaram estacionarios o emblema da Ordem, que assignala o portão da quinta, e o dictado que se perpetuára na tradição popular.

Tudo o mais passou por uma completa transformação vivificante.

A avenida principal da Cardiga, ladeada de arvores e roseiras, tem um cunho moderno de opulencia e elegancia, perfeitamente confirmado, ao primeiro lance de olhos,

<sup>1</sup> «No mesmo anno (1169), e no mez de Outubro, e ainda nas mesmas Caldas de Alafões, o sobre-dito Monarcha com seu filho o Rei D. Sancho, e suas filhas a Rainha D. Urraca, e a Rainha D. Thereza doaram aos do Templo, sendo seu Mestre D. Gualdim, o castello da Cardiga e o castello de Thomar, etc.» — Viterbo, *Elucidario*, vocab. «Tempreiros».

pelo aspecto da casa nobre, que fica á direita, e ergue os seus torreões côm de rosa para divisar um lindo e vasto panorama.

A capella do palacio, revestida exteriormente de bellos azulejos, que representam motivos biblicos, completa essa esplendida vivenda tão pittoresca nas linhas graciosas do seu conjunto.

Vastissimos olivaees vão alastrando pelo interior da propriedade, e fazendo contraste na sua verdura cinzenta com o tom alegre da clara luzerna que atapéta o chão.

Aqui e ali as dependencias e officinas agricolas, amplas, primorosas de asseio, chamam a attenção do visitante.

E' o grande estabulo, de 85 por 12 metros, que comporta mais de duzentas vaccas, as quaes não devem considerar-se menos felizes no pascigo do que os antigos burros da Cardiga, pois que algumas chegãem a produzir 30 litros de leite por dia.

São mais dois espaçosos estabulos, um destinado ás vaccas no periodo da creação, e o outro a touros reproductores.

E' a coudelaria com apreciaveis exemplares, tanto estrangeiros como nacionaes, das mais afamadas raças.

São os lagares de azeite, uns antigos com prensas de vara; outros hydraulicos, com machinismos modernos.

E' o celleiro, é a casa da distillação, é a leitaria, comprehendendo a officina do fabrico da manteiga e a do queijo, é a casa da «cura», outr'ora claustro do convento dos freires.

E pelo respeito á queijaria, a ultima palavra da mecanica, n'esta especialidade, produz ali, por successivas operações automaticas, resultados rapidos e perfeitos. <sup>1</sup>

E' a possilga, composta de 24 cortelhos, onde numerosas familias suinas engordam e grunhem n'uma tranquilla bestificação gastronomic.

E' a installação das bombas aspirantes, que vão buscar ao Tejo a agua necessaria para a irrigação da propridade.

São as officinas de serralheiro, carpinteiro, torneiro; é o escriptorio das transações commerciaes e das operações de credito agricola; é, principalmente, o quartel dos bombeiros voluntarios da Cardiga, provido do respectivo material.

Esta notavel propridade foi visitada no dia 12 de maio de 1905 pelos membros do congresso de leitaria e olivicultura, a esse tempo reunido em Lisboa.

O campo da Gollegã, pertencente na maxima parte a proprietarios ou cultivadores



148 — Campos da Urca

<sup>1</sup> Os queijos da Cardiga são muito apreciados no mercado de Lisboa. Teem a fôrma de um cylindro, e n'uma das bases d'elle uma etiqueta escarlate com a cruz da Ordem de Christo ao meio e esta legenda circular «Quinta da Cardiga — S. Caetano». O sabor d'estes queijos é o do queijo flamengo, mais suavizado por maior gosto a leite.

residentes na villa, tem por limites mais rigorosamente definidos o Tejo, o rio Almonda, o ribeiro dos Riachos, o ribeiro de Santa Catharina e o rio da Ponte da Pedra.

Cercado d'agua por todos os lados, é por esse motivo o mais fertil campo de Portugal, o mais fecundo na producção de cereaes, legumes e pastagens, além de vinho e azeite.

Comtudo, este beneficio tem o seu reverso.

Em 1871, por occasião de ser apresentado em côrtes o projecto de lei tendente a incluir o campo da Gollegã no concelho d'este nome, escrevia um illustre jornalista em defesa do referido projecto:

«O Tejo e o Almonda são para esses campos ao mesmo tempo causa de fertilidade e causa de ruina hoje infelizmente bem patente. As cheias dos dois rios dão a esses campos a sua excepcional fertilidade, mas tambem essas cheias, quando o regimen dos rios não esteja bem regulado e as margens convenientemente defendidas, arruinam completamente o campo. E' lastima vêr como os rios tem areiado e assoriado os campos, como os tem cortado de alvercas, roído com goivas e coberto de paues».

Effectivamente os paues da Gollegã são uma constante causa de mortifero empaludismo.

Todavia a paizagem é das mais bellas, amenas e extensas de todo o Ribatejo.

A luz do sol põe uma tremulina de oiro nas grandes manchas de agua que brilham por entre a esmeralda viva da terra fecunda. A paz, a tranquillidade da natureza é apenas ali interrompida pelo mugido do touro ou pelo relincho do cavallo, porque ambas estas especies pecuarias contribuem como elemento importante para a riqueza da Gollegã.

A' bravura dos touros, bem alimentados por abundantes pastos, allude Gil Vicente na tragi-comedia *Triumpho do inverno*, quando põe na bocca de uma das personagens as seguintes palavras:

Eu sou de marca mean,  
 Não me quero derreter:  
 Em ti ha que dar e ter  
 Como em boi da Gollegan.

Comtudo, esse mesmo sol, que doira a agua e a verdura do campo da Gollegã, produz uma evaporação de miasmas intensos, que envenenam os trabalhadores agricolas e os dizimam cruelmente.

Carlos Relvas foi por muito tempo a figura mais evidente da Gollegã. Durante todo o anno, elle attraia ali, como hospedes, centenas de pessoas distinctas.

Recebia com magnificencia: dir-se-ia a hospedagem concedida por um principe aos seus convidados.

E effectivamente lá lhe chamavam «principe». Por occasião da feira ou de touradas, que elle promovia, chegava a receber 100 hospedes.<sup>4</sup>

Não só pela sua fidalga generosidade, gentilissimo trato e elegante figura, como tambem pela sua pericia na equitação, no toureio a cavallo, e nos trabalhos photographicos com que obsequiava os seus amigos, raros o poderiam imitar, e ninguem o poderia exceder.

A praça de touros foi fundada por elle, em terreno que lhe pertencia.

E' riscada como as de Hespanha.

Da estação de Torres Novas ha carreira regular para a Gollegã, a 100 réis por logar: a distancia intermedia é, como já dissemos, de 4 kilometros apenas.

<sup>4</sup> *Esboços e recordações*, por Brito Aranha, 1875, pag. 63, «Quatro horas na Gollegã».



A Gollegã teve ha annos um periodico, e agora tem outro.

O *Golleganense*, semanario noticioso, litterario e recreativo, começou em fevereiro de 1888 e ainda durava em 1889. Imprimia-se em Torres Novas.

Ultimamente, constou-me que no primeiro trimestre de 1905 fôra iniciada a publicação de outro semanario com o titulo — *O Campo da Gollegã*.

Dirigi-me ao seu re-dactor solicitando a remessa do 1.º numero.

Não respondeu.

O concelho da Gollegã é formado pela freguezia da villa, que hoje conta 4.854 habitantes, e pela freguezia da Azinhaga, cuja população sobe a cêrca de dois mil vizinhos.

Ambas estas freguezias teem por orago Nossa Senhora da Conceição.

A Azinhaga, que do concelho de Santarem passou para o da Gollegã por decreto de 21 de novembro de 1895, está situada n'uma fertil campina, rica em cereaes, e limitada por grandes olivedos ao norte, oêste e sul.

Do lado do nascente corre o rio Almonda, que desemboca no Tejo dois kilometros a juzante d'esta povoação, no sitio das Moitas.

A Azinhaga fica a uns quinhentos metros do curso do Tejo.

Dista 6 kilometros da cabeça do concelho, e 18 de Santarem.

E' servida por uma estrada de macadame, que a liga com a estação de Matto de Miranda, na extensão de 5 kilometros.

A igreja matriz é um bom templo de tres naves, que foi reedificado ha annos.

Tem a Azinhaga duas escolas para ambos os sexos, estação postal, e misericordia (sem hospital) fundada outr'ora, segundo a tradição, com os bens de quatro confrarias.

Fazem se n'esta povoação pomposos festejos ao Espirito Santo.

Reproduzimos, a titulo de curiosidade, o programma textual dos que se realisaram de 8 a 13 de junho de 1905 :



149 — Porta da igreja matriz

«Dia 8 — Alvorada pela phylarmonica Azinhaguense e entrada das vaccas que hão de ser abatidas para o bodo, e de tarde corridas por amadores.

Serão tambem lidados dois touros puros, generosamente offerecidos pelo sr. Eduardo Marques.

A' noite procissão e novena.

Dia 9 — Conducção das vaccas para o matadouro e conducção dos mordomos para a casa do bodo por 20 raparigas vistosamente vestidas.

A' noite, procissão da casa do bodo para a igreja, e novena.

Dia 10 — De manhã, continua a conducção do pão de casa dos mordomos para a casa do bodo.

De tarde, distribuição do bodo, acompanhado por um cortejo de lavradores a cavallo e cyclistas, duas phylarmonicas, as raparigas que conduziram o pão, e seis carros vistosamente ornamentados, com pão, carne e vinho.

A' noite, procissão, novena, illuminações e bailes campestres.

Dia 11 — Missa a grande instrumental, procissão, arraial e illuminação.

Dia 12 — Corrida gratis com touros generosamente offerecidos pelo sr. Eduardo Marques.

Dia 13 — Corrida de touros gratuita, em que tomam parte os mesmos artistas.»

Alem da quinta da Brôa, que já mencionamos, possui esta freguezia outras, taes como a de El-Rei, que foi de Maximo Falcão e hoje é do sr. Luiz Sommer; a do sr. José Serrão de Faria Pereira, etc.

Foi dado o titulo de conde da Azinhaga a Francisco de Paula de Saldanha Oliveira e Daun, irmão do marechal Saldanha.

Era par do reino, por carta regia de 5 de março de 1853.

Falleceu a 14 de dezembro de 1881.

O concelho da Gollegã, especialmente a villa d'este nome, muito lucrará economicamente com a ponte, em construcção, que o vai ligar á margem esquerda do Tejo — a ponte chamada da Chamusca.

A classe commercial da Gollegã, em mensagem de 3 de junho de 1906, agradeceu ao sr. dr. Izidro dos Reis a iniciativa d'aquella obra, felicitando-o e felicitando-se.



## Villa Nova da Barquinha



ESSENTA esta villa ao nivel das aguas do Tejo, na margem direita d'elle.

E' um risonho grupo de casas alvejantes, que dá uma intensa impressão de paisagem fluvial, e que, fazendo lembrar uma véla de barco estendida a enxugar na praia, justifica de algum modo o titulo de *Barquinha*.

Parece-nos, realmente, que uma pequena embarcação amar-rára ali, pondo a seccar ao sol o panno mareado.

E talvez que este nome — *Barquinha* — provenha do facto de qualquer modesta barca de passagem haver chamado concorrência áquelle ancoradouro: com a concorrência viria o commercio, e com o commercio a população.

O que não padece duvida é que o primeiro esboço do «logar» foi um improviso do Tejo; um producto espontaneo da sua navegação, que lhe deu origem e alôr.

No brazão da villa actual, sobre o quartel da direita, figura, a confirmar este aserto, um barco á vela.

No fim do seculo XVIII ainda se não falava em Barquinha. O Padre Carvalho não a menciona.

O lugar deve, pois, ter nascido ahi pelo inicio do seculo XIX. Mas tão de pressa cresceu e medrou, graças ao tráfego do Tejo, que em breve decurso de tempo foi promovido a villa.

Publicamos em seguida o documento que o elevou a esta honrosa categoria:

«Eu a rainha faço saber aos que este meu alvará virem, que tendo consideração ás circumstancias que concorrem não só no lugar da Barquinha, cabeça do novo concelho, que consta de villas antigas, mas tambem em seus habitantes, que teem prestado serviços á causa da liberdade nacional, e da legitimidade do meu throno: Hei por bem e me praz que o dito lugar do dia da publicação d'este alvará em deante fique erecto em villa com a denominação de *Villa Nova da Barquinha*, e haja todos os privilegios e liberdades, de que devem gozar, e gozam as outras villas d'estes reinos, concorrendo com ellas em todos os actos publicos, e usando os seus cidadãos de todas as distincções

e preeminencias, de que usam os das outras sem differença alguma. Pelo que mando a todos os tribunaes, authoridades, officiaes, e pessoas, a quem o conhecimento d'este alvará pertencer o cumpram como n'elle se contém, e hajam d'aqui em deante o sobredito logar da Barquinha por villa, e assim o nomeiem, e lhe guardem, e a seus cidadãos e moradores d'elle, todos os privilegios, franquezas, e liberdades, que teem, e de que gozam as outras villas e seus moradores, sem irem contra elles em parte, ou em todo; porque assim é minha mercê: e mando que este meu alvará se cumpra e guarde inteiramente sem duvida, ou embargo algum; e por firmeza do que dito é, ordeno que, pela secretaria d'estado dos negocios do reino, se lhe passe carta em dois differentes exemplares, que serão por mim assignados e sellados com o sêllo pendente das armas reaes; a saber: um d'elles para se guardar no archivo da mesma villa para seu titulo, e o outro para se remetter á Torre do Tombo. Pagou de direitos 70000 réis, como constou de um conhecimento em forma com o n.º 1.613, e data de 25 do corrente, assignado pelo contador da fazenda do districto de Lisboa, e rubricado pelo administrador geral do mesmo districto. Dado no Paço das Necessidades, em vinte e seis de junho de mil oitocentos trinta e nove. — A Rainha, com rubrica e guarda. — Julio Gomes da Silva Sanches».

A carta régia, a que se refere este alvará, e que o confirma, tem a data de 2 de julho do mesmo anno.

Barquinha se chama, pois, a villa, como se chamou o logar, e poucas povoações portuguezas terão mais gracil e donairoso nome.

Inspira sympathia, não é verdade?

O Tejo descreve, deante da Barquinha, uma das suas pittorescas voltas.

De vez em quando quer affirmar superioridade de pai e fundador invadindo e inundando a povoação.

Se elle, em occasião de cheia, não tem cerimónias, ao norte, com o Rocio de Abrantes e com a villa de Constancia, nem, ao sul, com o bairro baixo da cidade de Santarem, como poderia tel-as com as ruinas de Tancos e com esta fragil — Barquinha — que se lhe não deve affigurar mais do que uma pequenina casca de noz, arrimada, véla sôlta a enxugar, contra a margem direita?

A distancia avista-se a casa e o arvoredado da bella quinta da Cardiga, que pertence, como dissemos, ao concelho da Gollegã.

Ao apear-me do trem na Barquinha, apparece-me um rapaz, depois outro, depois ainda outro, a perguntar-me:

— Quer bóte para ir á Cardiga <sup>1</sup>?

Que não; que vou almoçar, porque já são muito horas de o fazer.

Os rapazolas perdem a esperanza de algum lucro, abandonam-me e deixam-me ir almoçar em paz.

Apeio-me na Praça, onde avulta a casa da Camara, não de aspecto soberbo, mas decente e modesto.

A nossa estampa a representa.

Mesmo defronte dos Paços do Concelho fica a estalagem, onde me ha de ser servido o almoço.

E' a hospedaria «do Cartaxo», ao rés do chão, parecendo á primeira vista uma taberna vulgar.

Resigno-me: não ha melhor.

Apparecem-me as estalajadeiras, mãe e filha, de presença ao mesmo tempo affavel e grave.

<sup>1</sup> E' a celebre quinta de que já falamos no capitulo anterior.

Pedem-me desculpa de ser humilde a hospedagem; mas garantem me o asseio e limpeza da sua cozinha.

Indicam me um quarto onde posso lavar-me enquanto se acaba de fazer o almoço.

E' um aposento pequeno, mas realmente muito asseiadinho: lavatorio e toalha infundem confiança. Não falta o sabonête. Não falta o espelho; nem tambem um pente, irreprehensivel, para alisar o cabello.

Pouco depois chamam-me para o almoço.

Entro n'uma casa interior, cuja janella de vidraça dá para um pateo. Deante da janella uma lantana, de bello aspecto arboreo, pendura alegremente entre a folhagem os seus cachos de flores amarellas e vermelhas.

Sobre a mesa de pinho está desdobrada uma toalha alva de neve. Os copos e a loiça revelam esmero. Sinto-me cheio de confiança no apuro d'esta casa pobre e d'esta boa gente.

Lembram-me os versos de Thomaz Ribeiro ao descrever a choça de Mem Rodrigo:

...este cheiro de limpeza,  
Que é o aceio da pobreza  
Quando a virtude lá mora.

Por uma porta, que ao fundo d'este compartimento communica com a cozinha, e que está meio aberta, entrevejo a lareira.

Continuam ainda a lembrar-me os versos de Thomaz Ribeiro:

E na varrida lareira  
Trez achas e uma panella.

A estalajadeira e a filha renovam-me as suas desculpas pela grosseira pouquidade do almoço.

— Na Barquinha, dizem me ellas, não ha carne de vacca senão aos sabbados.

Tranquilliso-as a este respeito: comerei, com bom apetite e cheio de confiança no asseio da casa, um almoço aldeão, por mais singelo que seja.

Servem-me um delicioso bacalhau cozido com mólho de excellente azeite e as concomitantes batatas, cebôlas e feijão verde; — alem d'isto, azeitonas, pão, ovos estrellados, vinho, queijo de leite de cabra, e café.

Na taberna — casa de entrada — o meu automedonte almoça pantagruelicamente.

Ouvem-se-lhe exclamações entusiasticas em honra do bacalhau cozido: é de traz da orelha, é de se lhe tirar o chapéu! grita elle.

Peço que me façam a conta enquanto vou lavar as mãos e a bocca.

Volto e perguntam-me, com grande timidez, se me parecerá caro o almoço.

Pelo amor de Deus! sete ou oito tostões apenas.



150 — Casa da camara

Nunca em viagem almocei tão barato como na hospedaria da Barquinha e no hotel do Gallinha em Alcobaça.

Accendo um cigarro e vou dar uma volta pela villa emquanto o cocheiro, como um lazarone ao sol, fica fumando regaladamente um charuto que lhe mandei dar.

Apparece-me outro rapaz a perguntar se quero bote para ir á Cardiga.

— Não; já fui. Mas desejo que me venhas mostrar a villa.

Eis-nos a caminho, os dois, eu perguntando sempre, elle respondendo laconicamente.

Que falta faz, em toda a parte, um cicerone illustrado!

Mas na Barquinha, felizmente, pode dispensar-se qualquer guia: a villa é pequena e moderna, não ha monumentos, nem edificios que exijam explicação; — vê-se tudo em pouco tempo e fica bem visto.

E' na Praça que se faz o mercado dos domingos.

Deve ser bem abastecido, pois que a Barquinha, como todos os terrenos marginaes do Tejo, abunda em productos agricolas.

Baptista, na *Chorographia moderna*, falando d'esta villa, escreve: «E' terra muito fertil e faz algum commercio com a capital, hoje porém muito menos do que antigamente, quando todos os generos seguiam a via fluvial».

E o dr. Cunha Bellem dizia referindo-se a uma epoca que já fica hoje á distancia de mais de vinte annos: «cumprimentavamos na passagem a então alegre e florescente Barquinha, a que o caminho de ferro, o poderoso elemento de vida e de actividade, tolheu o desenvolvimento e estiolou o crescente progresso».

Ha uma feira annual, é a do Santo Antonio, que dura tres dias e se distende pelo largo e rua do Sol.

Vejo algumas lojas de commercio e noto que teem bom aspecto: entro em uma, a do Nunes, para escrever uma carta.

Pergunto se a Barquinha já tem bilhetes postaes illustrados.

Respondem-me negativamente.

Fico a pensar n'uma coisa: que o bilhete postal illustrado é hoje um indicio de civilisação, como era o botequim no tempo de Garrett.

E, comtudo, a Barquinha não é uma terra sertaneja ou improgressiva: tem duas escolas, para um e outro sexo; tem um sol-e-dó (sexteto); tem um club, se bem que pouco frequentado; tem uma praça de touros, que muitas vezes se honrou com a presença de Carlos Relvas como cavalleiro; e tem uma estação de caminho de ferro a distancia de duzentos metros, apenas.

Mas não chegou ainda ao estalão do postal illustrado.

Pois mal empregado não chegar, porque uma photographia que reproduzisse o seu lindo aspecto de villa, graciosa e branca, debruçada sobre o Tejo, havia de tentar o viajante a aprear-se na estação da Barquinha para se demorar algumas horas.

A terra não é muito insalubre: ha algumas sezões, que são percalço de todo o Ribatejo; e principalmente as ha, segundo lá me informaram, depois que o lixo dos despejos é vasado no rio.

A freguezia da Barquinha, orago Santo Antonio, tem 974 habitantes de ambos os sexos.

A igreja parochial, que vi apenas exteriormente, pareceu-me retocada de fresco; mas deu-me a impressão de ter um aspecto menos religioso que profano.

Reparei n'umas vidraças muito garridas.

Eu, na provincia, gosto de vêr uma igreja — igreja, singela e grave.

Com esta freguezia e mais tres, Atalaya, Paio Pelle e Tancos, se formou o concelho da Barquinha: ao todo, 4.214 habitantes.

Este concelho, extinto por decreto de 21 de novembro de 1895 e annexado ao da Gollegã, foi restaurado por decreto de 13 de janeiro de 1898.

Passamos o tempo n'isto, a fazer e desfazer cousas, incluindo n'estas cousas os concelhos.

O da Barquinha, classificado em 4.<sup>a</sup> ordem, pertence administrativamente ao districto de Santarem; e ecclesiasticamente ao patriarcado de Lisboa.

Não tenho mais que vêr na villa; e enquanto espero pelo trem entretenho-me a conversar com o meu pequeno *cicerone*.

— Então, pergunto-lhe eu, o que fazes tu quando não ha viajantes para levar á Cardiga?

— Pesco a fataça no Tejo.

— Bem. Ajudas teus paes: é o dever de um bom filho

— Mas por que não quer o senhor ir n'um instante á Cardiga? olhe que é muito bonito.

— Agora vou d'aqui a Tancos.

O rapaz teve um sorriso ironico, que dizia: «Tancos não tem que vêr.»

Compreendi-o, e repliquei:

— Não é por causa de Tancos, mas do castello de Almourol.

O rapaz embuchou, e eu subi para o trem.

Tancos é outra freguezia do concelho de Villa Nova da Barquinha.

Orago, Nossa Senhora da Conceição. População, 974 habitantes.

Tanquinhos é um grupo de casas, continuação de Tancos.

Ora o rapaz tinha razão.

Tancos apenas tem para mostrar o campo de manobras, como d'antes era costume dizer; a escola pratica de engenharia, como hoje se diz.

Observando a antiga charneca de Tancos, agora alinhada em ruas, com debuxos de plantas; povoada de edificios militares, quartéis, officinas e outras dependencias — acode-me a lembrança das irritadas e irritantes discussões politicas, em que Fontes Pereira de Mello por longo tempo se viu envolvido, exactamente por causa da criação d'este campo de manobras quando ministro da guerra em 1866.

Foi uma verdadeira campanha, no parlamento e na imprensa, contra o estadista illustre que lhe resistiu sem baquear, porque era um homem superior, habituado a vêr desencadearem-se contra elle as tempestades da inveja, da calunnia, da diffamação e a dominal-as serenamente.

O campo de Tancos, obra sua, ficou, subsiste, as tempestades passaram, e o nome e a gloria do estadista permaneceram tambem.

Este é o privilegio da superioridade: triumphar através dos tempos, mais ainda depois da morte que durante a vida.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello foi um estadista que appareceu n'uma occasião difficil e laboriosa, quando o paiz, tendo sahido da guerra civil e de uma longa serie de revoluções perturbadoras, resultantes d'ella, se via a braços com a pobreza, com o descrédito, e com a desconfiança dos cidadãos no futuro da patria.

Lembro-me do que a este respeito escrevi no proprio dia do funeral de Fontes:

«A industria e o commercio nacional estavam atrophiados; o credito abalado pelas



151 — Fontes Pereira de Mello

consequencias da guerra civil; as finanças desorganizadas; os empregados do estado morriam á fome, porque o thesouro publico, que devia remuneral-os, não tinha ceitil. Depois da guerra viera a revolução, que é como o rescaldo de um grande incendio: á menor viração que possa soprar, o incendio atea-se de novo. Era preciso apagar as cinzas que fumegavam ainda e, depois de apagadas, reedificar a administração publica na grande complexidade dos seus elementos componentes.

«Pois bem, essa ardua missão coube a um homem novo, a um rapaz de pouco mais de trinta annos, o desempenhal-a.

«O marechal Saldanha, costumado a conhecer os homens na guerra e para a guerra, mostrou que tambem sabia conhecel-os na paz e para a paz.

«Foi elle, o bravo militar, o venerando vencedor das nossas luctas politicas, que descobriu em Fontes Pereira de Mello a individualidade poderosa de um estadista eminente.

«O marechal adivinhára que esse moço elegante, de maneiras distinctas, a que a rainha D. Maria II chamava o seu *ministro janota*, havia de completar pela paz a obra que elle havia começado pela guerra.

«E confiando-lhe as mais importantes pastas no ministerio da regeneração, creando mesmo expressamente para elle uma pasta, a das obras publicas, pareceu dizer-lhe:

«— Um velho, que trabalhou para dar á sociedade portugueza a liberdade a que ella tem direito, entrega a sua obra nas mãos de um homem novo para que a consolide e complete.

«Fontes Pereira de Mello recebeu das mãos de um vivo esse legado sagrado, e desde então, até á ultima hora da sua vida, não fez senão respeitá-lo e cumpril-o<sup>1</sup>.»

Procurou, como primeiro passo a dar, vencer de momento as difficuldades que sobrecarregavam algumas classes sociaes: regularizou a situação dos funcionarios publicos, proporcionou trabalho á legião dos operarios famintos, e preparou, com estes e outros actos de prudente administração, o regresso, a consolidação da confiança e tranquillidade publicas.

Mas todas estas providencias não eram apenas um expediente de occasião, para armar ao effeito e á popularidade.

Não. Eram o inicio de um plano estabelecido, meditado, e audacioso, mas util. Eram o desenvolvimento logico e salutar de um lemma de governo, de um systema de administração: semear para recolher.

Os operarios não foram hoje admittidos para ser despedidos amanhã. Encontraram permanencia no trabalho, e salario certo. Rasgaram-se estradas, vias de comunicação, futura garantia de prosperidade para o commercio e industria nacionaes. A viação accelerada assentou os seus primeiros carrils em Portugal. Fontes Pereira de Mello fomentave assim todos os elementos de riqueza publica, todas as forças vitaes da nação, com pulso rijo e animo resolutivo: affirmava se pelos seus proprios actos um estadista de alto valor pratico e real.

Parar é morrer, dizia elle cheio de confiança n'esta eterna verdade economica: não se pode recolher sem primeiro ter semeado.

Durante o curso da sua vida muitas vezes o accusaram de perdulario e dissipador dos dinheiros publicos. Mas o que é certo, apesar de algum excesso que pudesse haver nas suas proprias qualidades, é que elle contribuiu poderosamente para a transformação material e moral do paiz, com uma clara noção e uma firme energia, acompanhando a evolução do espirito humano e do progresso moderno.

<sup>1</sup> *Vinte annos de vida litteraria*, pag. 88-8.



Quando decretou a criação do campo de Tancos, violentamente o atacaram por querer semear libras, entornar ouro, n'uma arida charneca do Ribatejo.

Mas, por mais dispendiosas que essas obras fossem, as libras, o ouro, não ficaram perdidos na charneca.

A escola de engenharia o attesta hoje.

Fontes comprehendeu que um exercito sem instrucção é uma inutilidade decorativa, que não vale o que custa.

Rezava pela cartilha do conde de Lippe, que foi o primeiro grande disciplinador do nosso exercito, e que dirigiu pessoalmente os campos de manobras da Ajuda e de Monte Branco em 1763 e dos Olhos d'Agua, entre a Moita e Palmella, em 1767.

Não ha nada novo debaixo do sol. Fontes não inventava despesas estereis; seguia os bons modelos e os proveitosos exemplos.

Depois outros campos de manobras haviamos tido: o da Porcalhota, em 1790; o da charneca de Cintra em 1793; o do Quadro, proximo á Azambuja, em 1798.

Projectou-se em 1861 um campo de instrucção e manobra nas Vendas Novas, mas falhára. O de 1866, na charneca de Tancos, não falhou.

Fontes empregou toda a sua energia na realisação d'esse apprehendimento, e os ataques da opposição não fizeram senão experimentar-lhe a inabalavel coragem, como as vagas revôltas experimentam a solidez resistente dos fraguados marinhos.

A portaria que estabeleceu provisoriamente, a titulo de experiencia, o campo de Tancos, era do teor seguinte:

«Sendo presentes a Sua Magestade El-Rei as consultas e officios da commissão encarregada de propôr as medidas convenientes para a formação de um campo de instrucção e manobra, ácerca do terreno em que se deve estabelecer o dito campo:

«Considerando que a charneca de Tancos, medianamente accidentada e proxima á foz do Zézere sobre o Tejo, e á do Nabão sobre o Zézere, está em condições topographicas recommendaveis para exercicios e operações militares;

«Considerando que nas immedições da dita charneca não ha pantanos nem arrozaes que a tornem suspeita de insalubridade, e que a elevação em que está sobre o leito do Tejo e a natureza do seu solo a collocam em favoraveis condições hygienicas;

«Considerando que a visinhança de dois importantes rios permite, com o auxilio de alguns meios mechanicos, o abastecimento do campo com excellente agua, e na abundancia que se queira e fôr conveniente;

«Considerando que a circumstancia de passar junto á dita charneca o caminho de ferro de léste e o rio Tejo facilita as communicações d'aquelle campo com a capital e com o resto do paiz, e contribue assim efficazmente para a economia dos transportes, reduzindo a despeza que é necessario fazer;

«Considerando que o terreno de que se trata é inculto e aberto e confina pelo norte com a charneca de Asseiceira, que se presta a evoluções e manobras com bastante desenvolvimento;

«Houve por bem o mesmo augusto senhor determinar que na charneca de Tancos se forme o acampamento de tropas que no presente anno devem fazer exercicios e manobras de instrucção militar, aguardando os resultados da experiencia para resolver de um modo definitivo se o terreno agora designado pode com vantagem ser destinado permanentemente para aquelle fim — Paço, em 3 de agosto de 1866 — Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello».

Em 1867 esteve operando em Tancos uma divisão.

Depois continuaram ali sempre os exercicios e manobras.

Em 1883 já n'este campo de instrucção se achava estabelecida a escola pratica de engenharia.

O ultimo diploma relativo a esta escola é o seu actual regulamento, approved por decreto de 28 de março de 1901.

Segundo elle, o polygono de Tancos deverá comprehender, alem dos quartéis de caracter permanente, e dos terrenos necessarios para os trabalhos e exercicios, as seguintes dependencias: bibliotheca; salas de leitura e de desenho; gabinetes de instrumentos e cartas; museu de modélos, ferramentas, equipamento, material de campanha e materiaes de construcção; laboratorios, gabinetes photographicos e de ensaios electricos; observatorio meteorologico; estação telegraphica e pombal militar; lithographia; gabinetes para o commandante do polygono e adjuntos; casas para archivo e outras dependencias do commando; hospital, carreira de tiro; paioes; e, finalmente, o parque da escola, comprehendendo as arrecadações para o material que o constitue, ferramentas,



152 — Praça de touros

machinas, apparatus e viaturas existentes no polygono, e as officinas de carpintaria, serralharia, tanoaria, etc.

Fôra da epoca em que o regimento de engenharia está todo aquartellado em Tancos, funciona na escola pratica um conselho eventual, de que é presidente o commandante d'ella, vogal o capitão adjunto, thesoureiro o official da administração militar, e secretario o primeiro sargento de engenharia.

El-Rei D. Carlos costuma assistir todos os annos aos exercicios d'esta escola, como aos das outras armas nas suas escolas respectivas.

Em 1896 fez-se acompanhar por sua magestade a rainha D. Amelia.

Um apeadeiro da linha de léste serve o Campo de Tancos, tomando d'elle o nome. Fica entre as estações da Praia e da Barquinha.

Vamos atravessando o Campo, com o engoioamento de um paizano que se encontra n'um recinto militar, onde tudo lhe fala uma linguagem que elle não percebe.

O que nos vale é que o nosso expansivo automedonte, tendo almoçado bem, vai satisfeito, e não se poupa a explicações.

Indica-nos um edificio e diz-nos:

— E' a Torre do Relogio.

Aponta-nos outro e esclarece-nos:

— E' o Hospital.

Volta-se para um terceiro edificio e illustra-nos noticiando:

— E' a Padaria.

Tancos não é hoje mais do que a escola pratica de engenharia. Povoação pobre e arruinada, chega a causar dó e a infundir tristeza. A igreja parochial faz lembrar um pardieiro.

A contrastar com o aspecto abatido de Tancos vê-se na margem fronteira o alegre e alvejante logar do Arrepiado, da freguezia do Pinheiro Grande, concelho da Chamusca.

E, comtudo, o Arrepiado tambem soffreu, como todas as povoações ribeirinhas do Tejo, com o enfraquecimento da navegação fluvial.

Tinha razão o dr. Cunha Bellem quando disse no romance *O filho do padre-cura*: «choravamos a decadencia de Tancos e Tanquinhos, Arrepiados e Arrepiadinhos, descarnados esquelêtos de povoações mortas, n'uma e n'outra margem, sobre as quaes a mão do tempo pesou destruidora».

O Tejo, nas occasiões de cheia, atira as suas aguas espumantes para cima das ruinas de Tancos, cavando-as cada vez mais.

Que melancolica povoação aquella! que solidão e tristeza!

E, comtudo, a villa de Tancos — cujo nome já se encontra mencionado n'um documento do principio da monarchia — teve outr'ora um mosteiro de frades capuchos, e por donataria uma familia illustre.

Refiro-me á dos condes da Atalaya.

O primeiro marquez de Tancos foi o 6.<sup>o</sup> conde da Atalaya, D. João Manuel de Noronha: titulo creado por el-rei D. José.

O 4.<sup>o</sup> marquez e 9.<sup>o</sup> conde da Atalaya, D. Duarte Manuel de Noronha Abrantes Castello Branco, foi nomeado par do reino por carta regia de 30 de abril de 1826.

Falleceu a 18 d'agosto de 1833.

D. Maria I fez duqueza de Tancos uma senhora d'essa familia, sua camareira-mór, D. Constança Manuel, 7.<sup>a</sup> condessa de Atalaya.

O ducado extinguiu-se com esta illustre dama.

Mas o titulo de marquez de Tancos subsistiu na casa dos condes da Atalaya.

Recentemente, foi renovado na mesma familia por el-rei D. Carlos, aquelle e este titulo.

Desde a Barquinha até ao Campo de Tancos a estrada vai acompanhando a margem direita do Tejo em linha recta.

A distancia intermedia é pequena: kilometro e meio, apenas.

Esqueceu-me dizer que, na estrada, junto á Barquinha, tem a Companhia Fiação de Thomar um deposito dos seus productos. Uns vaporzinhos de fundo chato, tambem pertencentes a esta Companhia, veem ali receber a carga, que trazem a Lisboa.

Propriamente a povoação de Tancos não tem que vêr, é certo.

Mas o castello de Almourol, seu quasi vizinho, merece um capitulo especial, e ha de tel-o.

Resta-nos falar das duas freguezias que completam o pequeno concelho da Barquinha.

A de Paio Pelle ou Paio de Pelle tem por orago Nossa Senhora da Conceição.

A sua população é de 1.416 habitantes.

Chamou-se antigamente Santa Maria do Zézere, e era do mestrado da ordem de Santiago.

Pelo sul separa-a de Tancos uma pequena ribeira.

Tem escola do sexo masculino, e estação postal.

E' dentro dos limites d'esta freguezia que fica a estação da linha de léste — chamada da Praia.

A freguezia da Atalaya da Barquinha, cujo orago é Nossa Senhora da Assumpção, foi outr'ora notavel pela villa do seu nome, cujos donatarios eram os condes do mesmo titulo.

A igreja parochial é antiga e boa, mas notei a sua ruina. Disseram-me que já se tinha instado por um subsidio do governo para a restauração d'aquelle templo, mas parece ter ficado no rol dos esquecidos.

População da freguezia: 1.603 habitantes.

A villa da Atalaya, que dista da Barquinha tres kilometros, está situada em logar alto, como o seu nome indica: d'ali se avistam a Chamusca, Ourem, e Santarem.

E' tradição que no memorando dia 1.º de novembro de 1755 era visivel na Atalaya o clarão dos incendios que em Lisboa se seguiram ao grande terremoto.

A villa é atravessada por um ramal de estrada que da Ponte da Pedra, entre o Entroncamento e a Barquinha, segue para Thomar.

Todas as propriedades que os condes da Atalaya tinham na villa pertencem hoje ao dr. Antonio Zagallo Gomes Coelho.

O palacio senhorial, que por muito tempo esteve em ruinas, foi pelo seu actual proprietario adequado a celleiros e outras dependencias agricolas.

A coutada, que confinava com o palacio, transformou-se n'uma linda vinha.

O melhor predio da villa é aquelle que o mesmo dr. Zagallo mandou construir para sua residencia.

Na Atalaya ha uma industria unica: quasi todos os seus habitantes são oleiros.

A loiça que geralmente fabricam é ordinaria, destinada a serviços domesticos, especialmente de cozinha.

Apenas um oleiro trabalha em barro vidrado.

Mas, comquanto a povoação seja pequena, não ha menos de 8 ou 10 fornos de loiça, e alguns de telha e tijolo.

Talvez em attenção á antiguidade da Atalaya, e á sua industria, é que figuram no brazão do actual concelho da Barquinha duas infusas pretas.

Se não fôr por esta razão... será por outra.



## O castello de Almourol



UMA antiga e pittoresca fortaleza situada sobre um ilhéu no leito do Tejo, ao sul da confluencia d'este rio com o Zézere, e na vizinhança do Campo de Tancos.

Toda a importancia militar do castello de Almourol ficou annullada depois da invenção da polvora e da artilharia.

Mas outr'ora, no tempo das armas de arremesso, era elle um excellente ponto estrategico para tolher a passagem aos walis do Alemtejo e da Andaluzia, como 'o castello do Zézere o era com relação aos agarenos da Beira Baixa.

O castello, que segundo Viterbo no *Elucidario* havia já figurado no tempo dos romanos, foi soerguido das suas ruinas em 1170 por D. Gualdim Paes, o qual n'esse anno deu foral aos povoadores do mesmo castello.

Rebello da Silva, na incompleta novella *O Castello de Almourol*, descreve-o com poeticas tintas, dizendo:

«As ruinas, que vêmos hoje debruçadas sobre o rio, contam aos que sabem interrogal-as mais de uma pagina da epopeia portugueza. Assentadas sobre um ilhéu quasi oval de rochedos sobrepostos, amontoados talvez ali caprichosamente pelo impeto de violenta irrupção vulcanica, as elevadas torres do velho castello, que as voltas do Tejo ora encobrem, ora deixam descortinar de longe, erguem-se mutiladas e ennegrecidas pelo halito mirrador dos seculos. Grinaldas de heras perduram-se em festões das ameias desmoronadas, ou se arraigam em tufos virentes nos intersticios dos pannos rotos das muralhas. O arrojo d'aquelles penedos, tão arremessados que o dedo de uma creança parece sufficiente para os fazer escorregar com o muro que os corôa, para o leito do rio, espanta os olhos sobresaltados d'aquelle equilibrio ousado e quasi milagroso. Areias acumuladas, e alguma terra de alluvião formam o solo, aonde cravam as raizes os choupos, os salgueiros e os chorões, cujos troncos torcidos se penduram de cima das fragas até roçarem as aguas com as ramas descabelladas. Piteiras enormes orlam em algumas partes os penhascos aprumados, ou rebentam das fendas das rochas meio precipitadas. Uma vegetação activa e luxuosa veste de verdura aquelle cahos de moles immensas sustidas ha seculos no meio da ameaça constante de uma queda instantanea.»

O que é certo é que o castello de Almourol é um dos mais pittorescos accidentes do Tejo.

Quem o não espera, fica encantado com tão agradável surpresa; quem já por tradição o conhecer dará por bem empregado o tempo que gastar a examinalo.

A ilhota sobre a qual se ergue o castello tem um aspecto de agradável abandono: pedregulhos, arvores e plantas erriçam o declive que vem descendo até ao rio.

O castello, com as suas ameias e cubellos denticulados, conserva, apesar de arruinado, toda a elegancia das suas linhas, e a torre de menagem, sobranceando a muralha, eleva-se esbelta e solemne, dominando o curso do Tejo.

Um castello tem sempre uma lenda, e o de Almourol tem mais de uma, o que não parece excessiva phantasia, graças á belleza excepcional da sua situação e ao desenho gentil dos seus contornos.

Francisco de Moraes, na *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*, descreve Florendos, o cavalleiro triste, errando pelo occidente da Europa, até chegar a Lisboa, e seguir pela ribeira do Tejo.

N'esta aventureosa jornada depara-se-lhe um castello «no meio d'agua em um pequeno ilheo, que o rio fazia».

Era o castello de Almourol.

N'essa occasião banhavam-se no Tejo tres

donzellas formosas, mas uma, que lhe pareceu mais bella do que as outras, logo o deixou allucinado de amor. Era a linda Miraguarda, que estava confiada á vigilancia do gigante Almourol, «senhor d'aquelle castello, de quem depois tomou o nome.»

Palmeirim tambem vem dar ao castello de Almourol, que o surprehende por «tão guerreiro e bem posto, que fazia presumir a quem o via, que quem primeiro o edificara, para tenção de grandes cousas o fizera.»

Florendos, o cavalleiro triste, desafia Palmeirim para um passo d'armas, e com tamanho denodo se bate por sua dama, que deixa Palmeirim supplantado e mal-ferido.

O leitor não espera decerto que eu vá desenrolar-lhe o complicado enredo de uma novella de cavallaria tal como o *Palmeirim de Inglaterra*.

Se me referi a Francisco de Moraes foi sómente para dizer que o castello de Almourol é um ponto de apoio á efabulação do auctor na famosa novella.



153 — O castello de Almourol

Mas, por sua vez, a imaginação popular tambem povoou de personagens lendarias este estranho castello, que parece ter adormecido ao som das aguas do Tejo e se conserva immobilisado no silencio mysterioso das ruinas vetustas.

Conta uma lenda que no tempo do dominio arabe o habitava o emir Almorolan, d'onde viria por corrupção o nome de Almourol, tendo em sua companhia uma formosa filha, a quem certo cavalleiro christão lograra seduzir.

Uma noite, em que ella clandestinamente lhe deu entrada, o christão fez-se acompanhar de outros e á traição tomaram o castello.

O emir e a filha, vendo-se perdidos, preferiram lançar-se ao rio a submetter-se aos christãos.

Outra lenda, mais vulgarisada do que a anterior, conta que D. Ramiro, cavalleiro godo, senhor do castello de Almourol, homem cruel e assomado, partira a combater os moiros deixando no castello a mulher e Beatriz, sua filha.

Quando regressou, depois de ter batalhado bravamente, encontrou no caminho duas moiras, mãe e filha, que voltavam da fonte.

D. Ramiro, abrazado de sede, pediu agua da bilha que a pequena moira levava. Assustou-se a joven agarena, e deixou cahir a bilha, que se quebrou.

O cavalleiro godo, cego de colera, enristou a lança e feriu mortalmente as duas moiras.

Appareceu, como acudindo, um rapazinho que era da mesma familia.

D. Ramiro não o deixou escapar, e captivo o levou como pagem para o seu castello.

Passou tempo, a mulher de D. Ramiro morreu, e elle mesmo teve de voltar a combater os sarracenos.

Sucedeu então que Beatriz se apaixonou pelo pagem moiro, o qual lhe retribuiu affecto por affecto, sendo o amor mais forte que o odio de raça e o seu desejo de vingança.

Mas um dia D. Ramiro voltou, tendo já escolhido noivo para a filha.

Então, os dois amantes, no auge do desespero, resolveram fugir para não mais voltar e juntos desapareceram.

Acabrunhado por este desgosto, o solitario castellão fez-se peregrino, talvez á procura da filha e do moiro, se não quiz penitenciar-se de suas grandes culpas: e o castello de Almourol ficou desde então abandonado.

Diz a canção popular glosando esta lenda:

— Por que choras, bom romeiro ?  
Porque vens tão maguado ?  
— Choro a ausencia de uma filha,  
Que me deixa abandonado.

— Por que se foi vossa filha,  
Bom romeiro, me dizei.  
— Levou-m'a um moiro descrido  
E al dizer-vos não sei.

— D'onde fugiu vossa filha,  
Bom romeiro, me dizei.  
— Do castello de Almourol,  
Que me havia dado el-rei.

Esta versão foi metrificada em redondilha pelo sr. Francisco Bernardino de Sá Magalhães n'um poemeto, que em 1863 sahiu dos prelos da Imprensa Nacional de Lisboa.

Como obra litteraria, é mediocre. Mas tem valor como vulgarisação de uma lenda nacional.

O sr. Magalhães vê na ausencia de D. Ramiro uma voluntaria expiação, dizendo :

E por isso arrependido,  
De mil torturas tranzido  
O cavalleiro christão,  
De negro burel vestiu-se,  
De sandalias e bordão;  
E o seu castello deixando,  
Suas armas olvidando,  
Foi nos bosques solitarios  
A Deus rogar seu perdão.

.....

O castello pouco a pouco  
Começou a desabar  
Ficando só as ruinas  
Para o castigo lembrar;  
Ainda hoje as aguas dizem  
D'aquelles dois a paixão;  
E os destroços pardacentos  
D'esses paços opulentos  
Desmantelados no chão,  
Indicam ao viajante  
Os crimes do castellão.

O glosador fechou aqui a lenda; comtudo ella tem um complemento maravilhoso, que não deve desaproveitar-se.

Encontra-se no *Portugal antigo e moderno*: «em a noite de S. João, apparecem na torre mais alta do castello, o moiro abraçado a Beatriz. D. Ramiro rojando-se-lhe aos pés e a mulher junto d'elle, implorando-lhe clemencia, sempre que o moiro solta a palavra maldição!»

Tambem Pinho Leal suppõe que Francisco de Moraes tinha em mente a villa de Paio Pelle quando diz que Palmeirim, derrubado e ferido pelo cavalleiro triste, fôra curar-se para uma terra proxima do castello.

O que é certo é que a antiga povoação d'aquelle nome, hoje freguezia do concelho de Villa Nova da Barquinha, fica na margem direita do Tejo, apenas separada de Tancos por uma pequena ribeira.

A penultima vez que vi o castello de Almourol foi ao anoitecer. Ficou-me sempre esta impressão. Uma sombra triste começava a cahir sobre o Tejo, cujas aguas pareciam adormecidas. As ruinas do castello, negras e solitarias, affiguravam-se mais duras e severas. E duas aguias, poisadas symetricamente sobre as ameias, contemplavam, immoveis como as sphynxes do deserto, o anoitecer vagaroso e melancolico como o dos vastos areaes silenciosos que as sphynxes povôam no Egypto.

Querendo afugentar as aguias, cujo aspecto indifferente e desdenhoso me confrangia, comecei a gritar-lhes :

— D'onde fugiu vossa filha,  
Bom romeiro, me dizei.  
— Do castello de Almourol,  
Que me havia dado el-rei.

As aguias, sempre altivas e concentradas, nem sequer se mexeram. Despresaram-me. Se fossem alguns mosquitos viriam logo morder-me. Tenho sido mordido por tantos... até litterariamente!

Alexandre Herculano cita entre as obras primas de architectura em Portugal, alem do castello da Feira, o de Almourol.





## Entroncamento



MEU automedonte ficou muito surprehendido quando eu lhe disse que virasse para o Entroncamento.

- Então o snr. não quer seguir para Constancia ?
- Por ora não. Vamos pelo Entroncamento a Torres Novas.
- A bem dizer, tornou elle, tanto monta jantar aqui como acolá.
- Ah! maroto, ainda agora almoçaste e já pensas no jantar!
- Se calhar, não digo que não.

— Pois bem. Jantaremos logo em Torres Novas.

Vamos rodando da Barquinha para o Entroncamento.

A' minha esquerda principiam a desdobrar-se os olivaeas que chegam até á Gollegã. Apenas avisto de notavel a quinta da Ponte da Pedra.

E ao chegar á confluencia das estradas da Gollegã e de Torres Novas, sigo por esta ultima.

Pouco tempo depois estava no Entroncamento.

E' geralmente conhecido por este nome o logar. distante de Lisboa 113 kilometros, em que se bifurcam as linhas ferreas de norte e léste.

Toda a gente aqui tem passado, mais ou menos vezes. Mas poucas pessoas conhecem bem o sitio, porque apenas o observam em transito, n'um rapido lance de olhos, e não se lembram, ao descer na estação do Entroncamento, senão de que apenas podem dispor de alguns minutos.

Toda a gente sabe como o café e a canja do *Restaurant* escaldam a bocca e... a algibeira tambem.

Toda a gente tem nos ouvidos aquella voz forte e grossa que previne os viajantes dizendo-lhes : «Quem segue para léste muda de comboio»; e o som fatal das tres badaladas que nos obrigam a correr ao trem deixando no prato metade... de meio bife.

Mas quem pode dizer que conhece o Entroncamento ?

Eu mesmo, que tantas vezes aqui tenho passado, só por amor d'este livro me propuz ultimamente observar melhor a povoação.

O Entroncamento é um filho, um producto do caminho de ferro.

Escolhendo-o como ponto de bifurcação, apenas se attendeu ás condições do traçado das linhas.

O numero dos empregados da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, em serviço aqui, foi augmentando em razão do desenvolvimento das mesmas linhas, e hoje, se incluirmos n'esse numero as respectivas familias, não é elle inferior a 600 ou 700 pessoas.

D'estas 700 pessoas, a maior parte tem, comtudo, o seu domicilio não propriamente no Entroncamento, mas na Atalaya, na Moita, e em S. Caetano.

São operarios que trabalham nas officinas da Companhia no Entroncamento, mór-



154—Escola Camões (Fachada principal)

mente serralleiros, mas que recolhem á noite a suas casas, ou quando a folga do serviço lh'o permite.

Essas officinas denominam-se: de tracção, de reparações, de creosotagem; e deposito de machinas.

Tambem ha no Entroncamento um armazem de viveres, como ha outro na estação de Santa Apolonia em Lisboa, que não é senão uma cooperativa para fornecimento dos empregados da Companhia.

A população que reside propriamente no Entroncamento agglomera-se para léste.

Ao poente vêem-se algumas barracas de madeira, a que no logar se dá o nome de *Ilha das cobras* e que estão sendo substituidas por «casas baratas», que a Caixa de Socorros da Companhia Real manda construir para arrendar aos empregados.

O sitio do Entroncamento dista do Tejo tres kilometros.

E' arido e insalubre, muito sezonatico.

A vegetação reduz-se apenas a alguns eucalyptos.

Não ha outra agua potavel senão a de poços.

Os despejos fazem-se em duas fossas Mourás, collocadas a léste.

O Estado tem no Entroncamento uma estação telegrapho-postal, que fica ao norte da estação do caminho de ferro, e distante d'ella, o que representa um inconveniente para a transmissão de qualquer telegramma que os passageiros queiram expedir em viagem.

Alem do *Restaurant*, ha uma cantina para os passageiros de 3.<sup>a</sup> classe.

Fóra d'esta cantina, apenas vi na povoação mais tres tabernas.

O Entroncamento poderia, para commodidade dos seus habitantes, constituir hoje uma parochia.

Mas o que é certo é que pertence, para todos os effeitos administrativos, incluindo os parochiaes, ao concelho de Torres Novas, cuja séde fica a 7 kilometros de distancia.

O povo vae á missa á Atalaya, ou a qualquer outro logar circumvizinho, por exemplo o de Vaguinhas, quando a capella d'este logar se abre ao publico.

O que não pode deixar de fazer-se em Torres Novas são os enterramentos.

Mas os casamentos e baptisados effectuam-se ordinariamente na Atalaya.



155 — Escola Camões (Face para a linha)

Ha no Entroncamento uma escola, sustentada pela Caixa de Soccorros da Companhia Real, para os filhos, pupillos ou parentes dos empregados.

A iniciativa da fundação da escola datà de 1879.

O edificio, mandado construir expressamente para este fim, custou 8:000.000 réis, e está situado no recinto da estação, a sudoéste.

Em 1880, para acompanhar o movimento commemorativo do centenario de Camões, deu-se este glorioso nome á escola.

Em 8 de fevereiro de 1883 foi aberta, com um regulamento que creou dois cursos diurnos, um para o sexo masculino, de instrucção primaria, francez, desenho linear, e hygiene elementar; outro para o sexo feminino, de instrucção primaria, hygiene elementar e labores; bem como um curso nocturno de instrucção primaria para adultos.

A frequencia é obrigatoria.

Desde a abertura até ao fim de 1903 frequentaram as aulas 688 alumnos (34, 44 média annual). Fizeram exames no lyceu de Santarem e Inspeção Escolar do Governo 247 alumnos, (12, 35 média annual).

Hoje frequentam a escola 103 alumnos e 96 alumnas.

Ha um professor e uma professora, um ajudante de cada sexo e um inspector medico.

O edificio da escola tem dois pavimentos.

No rés-do-chão estão as aulas da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classes de ambos os sexos, separadas e

com entradas independentes. Cada uma d'estas aulas tem 10<sup>m</sup> de comprimento, 4<sup>m</sup>,70 de largura e 4<sup>m</sup>,35 d'altura.

No 1.<sup>o</sup> andar funcçionam as aulas da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> classes de ambos os sexos. Cada aula d'este andar tem 10<sup>m</sup> de comprimento, 4<sup>m</sup>,70 de largura, e 3<sup>m</sup>,15 d'altura.

Os professores habitam parte d'este pavimento.

A Escola tem duas reteres em chalets proprios e separados do edificio, ligadas a fossas Mourás, que as tornam inodoras.

Limite maximo de idade para a frequencia, em ambos os sexos — 16 annos.

A escola *Camões* custou á Caixa de Soccorros da Companhia, desde 1887 a 1897, as seguintes verbas:

1887	.....	452	⌘	020	réis
1888	.....	45	⌘	082	»
1889	.....	198	⌘	308	»
1890	.....	764	⌘	160	»
1891	.....	709	⌘	580	»
1892	.....	842	⌘	775	»
1893	.....	702	⌘	290	»
1894	.....	71	⌘	427	»
1895	.....	821	⌘	970	»
1896	.....	7	⌘	180	»
1897	.....	730	⌘	224	»

Em 1901 a despesa foi de 780⌘829 réis; e, em 1902, de 762⌘831.

O inspector medico da escola é o sr. dr. Ariosto Moncada, a quem o relatorio da Caixa de Soccorros, relativo ao exercicio de 1897, fez a seguinte referencia: «A inspecção da escola continua a cargo do sr. sub-chefe do serviço de saude, dr. Alfredo Ariosto de Moncada e Oliveira, a cuja constantè solitudine, como já foi reconhecido em relatorio anterior, esta instituição muito deve».



## Torres Novas

## I

## A VILLA



PARA visitar esta villa pela linha do norte, pode o viajante, segundo suas conveniencias, descer na estação do Entroncamento ou na estação de Torres Novas.

Do Entroncamento ha carreira de diligencia, bem como da estação de Torres Novas, que fica a 7 kilometros de distancia da villa.

Cada logar, n'esta ultima carreira, custa 160 réis.

Desde a estação de Torres Novas até á villa o transito é suave.

Encontra-se no caminho a alegre povoação de Riachos, que toda parece ufanar-se, entre as suas casas humildes, com um predio elegante, do sr. Antonio Casimiro Serrão, bem situado no alto.

Ha nos Riachos sociedades dramaticas e musicaes, *velha e nova*; e um theatrinho com o nome de *D. Filippa* (filha d'aquelle cavalheiro). Até me parece que os theatrinhos são dois; mas só garanto um.

Entra-se na villa de Torres Novas pela rua das Freiras, que tem um nome antigo, mas um aspecto modernizado.

O viajante pode escolher um de tres hoteis: *Madeira, Carvalho e Alliança*.

Eu estive no *Madeira*, que fica na Praça, e não me dei mal... nem bem.

A Praça dos Paços do Concelho, bastante irregular, tem, como todas as praças que se presem, um coreto. Mas, circumstancia menos vulgar, dos Paços do Concelho só conserva hoje o nome, porque a vereação mudou de pouso, para o edificio que foi antigamente hospital, no largo de Sebastião Baracho (outr'ora Portella).

Os predios da Praça não são maus, mas tambem, ao contrario do que costuma acontecer nas praças centraes da provincia, não são os melhores.

Os melhores que se encontram na villa são os do visconde de S. Gião, o de sua mãe, e o de J. Baptista Vassallo, todos elles situados fóra da Praça.

O leitor, que já no caminho avistou de relance o rio Almonda, ao entrar na villa está decerto morto por vel o mais detidamente, assim como ao castello, cujas torres, que foram 9 sendo hoje 7, e que parece haverem dado o nome á povoação, não se vêem da Praça.

Um rio, sendo bonito, é o maior encanto de uma terra; e um castello é sempre um accidente pittoresco.

Quanto ao Almonda, que atravessa Torres Novas sob varias pontes, e que a serve industrialmente, elle tem, que eu visse, dois trechos verdadeiramente interessantes, mas nenhum dentro da villa.

O primeiro é a sua nascente, á falda da serra de Ayre, n'um berço de fragas, que se alastram caprichosamente e por entre as quaes rompem plantas silvestres.

O segundo é o sitio das Lapas, na freguezia d'este nome, arrabalde da villa, onde as mulheres torrejanas costumam ir lavar, e que se torna celebre pelas grutas, muito extensas, que minam toda a povoação, em cujo topo está a igreja, pequena e mal conservada.



156 — Um trecho da villa

O povo diz que estas grutas foram abertas pelos mouros, para extrahir d'ali a pedra com que reforçaram as fortificações de Torres Novas.

Algumas pessoas crêem que sejam galerias de uma mina outr'ora explorada.

Sobre este assumpto ainda não vimos que emittisse opinião *magister* Lei-

te de Vasconcellos, que nos podia ter já dito, de cadeira, se as grutas de Torres Novas datam dos tempos neolithicos ou não.

No 1.º tomo do *Archeologo Português* pediu que lhe dissessem alguma cousa a respeito d'ellas. N'uma obra publicada depois nem sequer as cita entre outras da Extremadura portugueza. <sup>1</sup>

Esperemos, que elle ha de dizer a ultima palavra, se porventura ainda não a disse.

Hoje, em occasiões de invernias, abrigam-se á entrada das grutas os pastores e os jornaleiros que por ali andam perto.

Ora como as grutas passam sob o cemiterio parochial, costuma o povo dizer: que no logar das Lapas andam os vivos por baixo dos mortos.

O Almonda, n'este trecho de paisagem, dá uma volta, que a estrada contorna.

O sitio é muito frequentado de lavadeiras.

As mulheres torrejanas lavam a pé, mettidas dentro d'agua.

No inverno, ainda com de noite, vão para o rio com a sua troixa e o seu lampeão-sinho na mão.

Arregaçam as saias, prendem-n'as, e entram intrepidamente na agua, conservando-se a lavar horas seguidas.

<sup>1</sup> *Religiões da Lusitania*, vol. I, pag. 15.

Em geral, não soffrem de rheumatismo. Mas quasi todas as torrejanas teem má côr, um emaciado de face que parece accusar qualquer pathogenese de empaludismo. As creanças do povo tambem são macilentas. Será das aguas potaveis? Talvez. Em Torres Novas só uma fonte inspira confiança: é a *Fontinha*.

Recommenda-se por agradável o passeio ás Lapas: a planicie, arborizada de oliveas, desdobra-se extensa; ao fundo, fechando o horizonte, a serra de Ayre, nua e severa, com uma capellinha branca, de Santa Martha, no alto. Pousada sobre a planicie a quinta do visconde de S. Gião, com a sua casa de campo pintada de côr de rosa clara, muito viva.

O Almonda tem em Torres Novas varias pontes, taes são a da Levada, que liga a villa com o bairro do Carmo, a do Lamego, a do Moinho da Cova, e não sei se mais alguma.

Na Levada, ha, alem da ponte, uma comporta para facilitar a limpeza do rio, e tambem para dar maior impulso á queda da agua, que vai servir os moinhos.

Os engenhos destinados a elevar a agua do Almonda teem o nome de *trampolas*.

Quasi todas as fabricas de Torres Novas, excepto uma, estão á beira do rio. Diga-se já, para não perder o ensejo, quaes ellas são:

Fabrica da Companhia nacional de fição e tecidos, situada a noroeste da villa.

D'esta fabrica foi administrador, durante muitos annos, o sr. D. Alexandre Saldanha da Gama.

Fabrica União, de João Baptista Vassallo, proxima á anterior.

Fabrica de tecidos mixtos, de João Baptista Ramos de Deus.

Esta é a unica fabrica que está no centro da villa.

Fabrica Torrejana, de A. Vassallo, de tecidos de linho, ao sul da villa.

Fabrica da Renova, de papel, na origem do Almonda.

Fabrica de papel no Casal de Feijão.

Os tecidos de linho, fabricados em Torres Novas, tanto pela Companhia Nacional como pelas outras fabricas, nada ficam a dever aos que se produzem em Guimarães.

São bellamente estampados. Vi toalhas de mesa e guardanapos tão perfeitos na urdidura como na estampagem. A Casa Real manda fazer em Torres Novas não só as toalhas para o uso quotidiano, como tambem para os banquetes de gala.

N'uma representação que em setembro de 1903 foi entregue ao ministro da guerra por intermedio do sr. general Dantas Baracho, diziam os operarios das fabricas de tecidos de linho, de Torres Novas, protestando contra a supposta substituição d'aquelles tecidos pelo kaki nos fardamentos do exercito:



157 — Nascente do Almonda

«Ha mais de 40 annos que a industria fabril de Torres Novas fornece o brim e brinossão para uso do exercito, e se é certo que sob o influxo d'este fornecimento o fabrico de tecidos de linho tem tomado enorme desenvolvimento, não é tambem menos certo que, parallelamente a elle, tem augmentado muito o numero de braços empregados na industria fabril local, a ponto de se poder affirmar sem receio de desmentido, que d'ella exclusivamente vivem centenas de familias.»

O Almonda corre de noroéste para suéste da villa, ficando a maior parte d'esta a oéste.

O seu nome parece derivar de *Alius Munda*, como quem diz — *Outro Mondego*.

Os romanos davam ao Mondego a denominação de *Munda*.

Mas, quanto a mim, o Mondego é muito mais ameno e idyllico, mais claro e bem vestido.

Vamos a correr ao castello, que já nos fica para traz... no papel.

Pois, senhores, temos que levar connosco algum viatico de Historia, visto que do castello nasceu a villa.

E' a sua origem, e eu tremo de investigar origens. Mas não ha remedio.

Teriam os gregos chamado a esta terra *Neupergama*, que tanto vale como dizer Torre Nova. Os romanos havel-a iam incendiado quando invadiram o occidente da peninsula hispanica. Seria depois reconstruida por elles com o nome de «Torre queimada» e mais tarde ampliada com uma cêrca de muros, parecendo por esta circumstancia ter direito a que se lhe mudasse o nome para «Nova Augusta.» Posteriormente, sob o dominio dos godos, havendo já na muralha varias torres, ser-lhe ia restituído o nome antigo, mas elevado ao plural: Torres Novas.

Finalmente, vieram os mouros e tomaram a fortaleza.

Affonso Henriques conquistou-lh'a, e perdeu-a depois ás mãos do miramolim de Marrocos.

Esta victoria do mouro foi cruel, porque o miramolim arrasou tanto o castello como a povoação, que a pouco e pouco tinha crescido a dentro das muralhas.

E' verdade que em Santarem pagou o miramolim, com lingua de palmo, todo o mal que tinha feito em Torres Novas.

Foi preciso aos christãos reerguer depois fortaleza e povoação. Mas os sarracenos voltaram á carga, obrigaram os christãos a capitular, e arrasaram novamente muros e casas.

Occupada a praça pelos portuguezes no tempo de Sancho I, ficou-lhes pertencendo definitivamente e então, como a coisa sua, reedificaram n'a, fazendo d'ella grande estima.

Tanta foi, que sempre esta villa andou em poder de sangue real: D. Diniz doou-a á Rainha Santa; houveram n'a depois alguns infantes; e vindo a reinar D. João II concedeu-a este monarcha a D. Jorge de Lencastre, seu bastardo muito querido.

El-rei D. Manuel agraciou com o titulo de marquez de Torres Novas D. João de Lencastre, filho d'aquelle D. Jorge.

O mesmo D. João de Lencastre foi primeiro duque de Aveiro, e na sua casa andou o senhorio da villa de Torres Novas até 1759, epoca em que uma tragedia politica, que ficou celebre na historia, extinguiu esta casa.

Quanto ao marquezado de Torres Novas, cumpre dizer que Filippe III o elevou a ducado na pessoa do 1.º filho varão dos terceiros duques de Aveiro, para continuar nos primogenitos da familia.

O principe regente D. João, depois sexto rei do seu nome, renovou o titulo de marquez de Torres Novas (1807) em D. Alvaro Antonio de Noronha Abranches Castello Branco, setimo conde de Valladares, par do reino, que falleceu a 9 de março de 1851.

O castello vê-se mal do centro da villa.



Se a gente está na Praça, quasi o não lobriga. Tapa-o em grande parte a Cadea, edificio alto, e avultado.

Mas, sem nos afastarmos muito da Praça, temos um recurso: é subir a rampa da Cadea, e entrar no Cemiterio, que foi fundado no recinto interior do Castello.

Então poderemos ver bem, e de perto, todas as torres ainda existentes e que, apesar de arruinadas, não são feias.

O coveiro, um velho muito surdo, quer-nos por força mostrar o Cemiterio. Só para não estarmos a luctar com a sua dureza de ouvido, façamos-lhe a vontade.

Ha ahi um jazigo notavel pela qualidade das pessoas que encerra.

E' o dos condes de Torres Novas, titulares procedentes de uma illustre familia d'esta villa.

O primeiro conde chamava-se Antonio Cezar de Vasconcellos Correa.

Tendo sentado praça em cavallaria, seguiu a causa liberal, emigrou, e na ilha Terceira teve a seu cargo o expediente de algumas repartições publicas, especialmente a da guerra.

Depois do desembarque no Mindêllo, tomou parte no cêrco do Porto, onde pôde affirmar a sua dedicação e valor.

Feita a paz, foi eleito deputado, e, no ministerio que se organisou em seguida á revolução de setembro, recebeu a nomeação de ministro da guerra, cargo que não chegou a exercer.

Em 1844, sendo coronel, tomou a iniciativa da celebre revolta de Torres Novas com o regimento de cavallaria 4, revolta que teve a adhesão de José Estevam e outros adversarios de Costa Cabral, mas que, depois de varias peripecias, terminou pela capitulação em Almeida.

Cesar de Vasconcellos refugiou-se em Hespanha, d'onde voltou em 1846 quando a revolução da «Maria da Fonte» levou a rainha a demittir o ministerio Costa Cabral.

Collaborou nos acontecimentos militares que se seguiram, e assignou, em 1847, com o marquez de Loulé, a chamada convenção de Gramido.

Não voltou á scena politica senão depois de realisado o movimento da «Regeneração».

Em 1855 foi nomeado governador geral da India e no mesmo anno agraciado com o titulo de visconde de Torres Novas.

Durante a sua estada em Gôa, onde fez uma excellente administração, escrupulosamente economica, e onde conseguiu pacificar a provincia de Satory, dizia a seu respeito Ricardo Guimarães, no livro *Narrativas e episodios da vida politica e parlamentar* (1862-1863), que elle «era a mais popular e brilhante espada do partido progressista».

Tambem por este tempo, 21 de maio de 1862, sendo já general de divisão, foi elevado a conde de Torres Novas.

Regressou a Lisboa em 1865, e entrou como ministro da guerra no ministerio da Fusão.

Estava velho e doente. Os seus padecimentos aggravaram-se a ponto, que teve de ser substituido n'aquella pasta.

A 11 de novembro d'esse mesmo anno falleceu o bravo militar, deixando á veneração dos seus compatriotas uma larga folha de serviços em prol da liberdade e da patria.

Na villa de Torres Novas fizeram-se-lhe pomposas exequias.

Corre impressa a oração funebre que, n'esse acto religioso, foi recitada pelo Padre Augusto Pereira da Silva.

Um dos irmãos do fallecido conde de Torres Novas chamava-se José de Vasconcellos Correa.

Outro liberal dos quatro costados.

Tambem emigrou, e esteve na Terceira.

Durante o cerco do Porto, especialmente na defesa da Serra do Pilar, praticou assinalados feitos.

Em seguida prestou identicos serviços quando a campanha teve por theatro o sul do reino.

Depois de haver cooperado com Saldanha na tomada de Leiria, marchou sobre Torres Novas, onde destroçou um esquadrão da famosa cavallaria de Chaves.

Por essa occasião recebeu um grave ferimento na cabeça.

Não succumbiu a elle por um acaso feliz.

José de Vasconcellos Correa era, desde a infancia, tão meticoloso no asseio da sua

peessoa que, depois que sentou praça, não sahia nunca do quartel sem levar uma escova de fato dentro da barretina.

Em Torres Novas salvou-o a escova, que attenuou o golpe, apesar de grave. Graças a ella, o ferimento não foi mortal.

Isto prova mais um vez esta eterna verdade: que se morre de qualquer cousa e que por qualquer cousa se escapa da morte.



158 - Ponte da Levada

José de Vasconcellos tambem entrou, com seu irmão, na revolta de Torres Novas.

Depois da «Regeneração» desempenhou varias commissões de serviço, entre ellas o commando geral das guardas municipaes e o commando da 3.<sup>a</sup> divisão militar.

Foi ahi, no Porto, que o vi muitas vezes. Lembro me perfeitamente d'elle.

Corpulento e sanguineo, boa figura, sahia todas as tardes a cavallo, para ir passear á Foz. Fazia boa impressão nos burguezes, que n'esse tempo rezavam pela cartilha da idade-média: gostavam por isso de vêr um general alentado e robusto.

Em janeiro de 1872 foi agraciado com o titulo de conde de Torres Novas e, mais tarde, com o pariato.

El rei D. Luiz estimava-o tanto, que uma vez, indo ao Porto, tirou do peito a grand-cruz da Torre e Espada e lançou-lh'a ao pescoço.

O general José de Vasconcellos Correia falleceu n'aquella cidade em junho de 1883. A sua morte foi ali sincera e geralmente sentida.

Não sei se n'esse mesmo anno, se em algum dos seguintes, regressando eu do Porto a Lisboa, vinha no *furgon* um cadaver: era o do 2.<sup>o</sup> conde de Torres Novas. Traziam-n'o para o jazigo de familia na villa do seu titulo.

No palacio dos Vasconcellos Correias, condes de Torres Novas, está installada a Escola Industrial *Victorino Damasio*.

Casa grande, com muitas salas ao correr, mas velha, como a da escola *Jacome Ratton* em Thomar.

N'uma das aulas vi os retratos de Antonio Augusto d'Aguiar e de Francisco da Fonseca Benevides, os dois organisadores das escolas industriaes em Portugal.

Pois, senhores, a idea era boa, mas na pratica está perdida. Montaram-se as escolas á larga, ainda no tempo das ultimas vaccas gordas: começou-se pelo fim, que é como entre nós se começa sempre. Escolheram-se bons professores, pensou-se em mobiliaric, em modelos, em livros. Só não se pensou em que era preciso fazer p'opaganda para chamar o povo ás escolas industriaes, preparal-o gradualmente para artista, caminhar do simples para o composto, do facil para o difficil.

A breve trecho viu-se que a despesa era grande, e que o povo não creára raizes na escola, que no primeiro momento o deslumbrou e que no segundo o aborreceu.

Foram reduzidos os programmas, algum material veio para as escolas de Lisboa, e os professores da provincia acharam se isolados em casas grandes, sem ter a quem ensinar.

O da escola *Victorino Damasio* é o sr. Luiz Castro, homem idoso, circumspecto, com reconhecidas aptidões artisticas.

Optimo restaurador de imagens.

E já que falamos de uma escola, a industrial, falemos tambem das primarias, que funcionam em Torres Novas.

Ha na villa quatro escolas officiaes, duas para cada sexo. Uma das do sexo masculino foi construida com o legado Conde de Ferreira.

Ha um collegio de Irmãs de Santa Thereza, fundado pelo padre Grainha. Tem casa propria, com capella.

Ha, finalmente, uma aula de instrucção secundaria, que prepara alumnos para o curso dos lyceus; é regida pelo padre João Gomes Duque.

A villa está dividida em quatro freguezias, a saber:

O Salvador (matriz).....	1.743 habitantes
Santa Maria.....	1.787 »
S. Pedro.....	2 144 »
Santiago.....	5.064 »
Total.....	10.733



159 - Ponte de Lamego

As respectivas igrejas parochiaes ficam a pequena distancia umas das outras; algumas são proximas vizinhas.

Mas a área das freguezias estende-se para o campo, d'onde provém o maior rendimento d'ellas.

Alem d'estas quatro igrejas, outras ha em Torres Novas, por exemplo a da Misericordia, que é notavel pelo seu lindo portico.

A irmandade da Misericordia possui na villa varias capellas.

Ha um mercado, coberto e fechado, á ilharga do Theatro Virginia.

Este theatro tem escada e varanda exteriores, de ferro; e interiormente seis frisas e duas ordens de camarotes.

Tomou o nome da actriz Virginia, que nasceu em Torres Novas, n'uma casa modesta da rua da Levada.

Actualmente, ainda reside em Torres Novas uma irmã da illustre artista.

A melhor rua da villa é a Direita, que por signal não é direita, como acontece em quasi todas as terras.

Alem d'aquella rua, ha, entre outras, as da Hertolosa, Serpa Pinto, Tenente Valladim, Mousinho de Albuquerque, Andrade Corvo, etc.

Este eminente litterato, professor, e estadista, nasceu em Torres Novas, na rua Direita, a 3o de janeiro de 1824.

Corvo foi um homem de excepçoes aptidões, que versou o romance, o theatro, a poesia, o jornalismo, as sciencias naturaes, as mathematicas, a eloquencia academica e a parlamentar, finalmente, os negocios da administração publica e da diplomacia, com igual proficiencia e segurança.

Como estadista, foi elle o primeiro ministro da marinha que começou a pensar a

serio no desenvolvimeto material das nossas colonias; como ministro dos negocios estrangeiros foi tambem o primeiro que previu as vantagens da alliança ingleza, e começou a caminhar resolutamente para esse ideal politico.

O futuro veio dar plena razão, n'um e n'outro assumpto, a Andrade Corvo.

E' que o futuro vinha sempre a memoria dos homens superiores.



150 — Ponte do Moinho da Cova

Não resisto á tentação de reproduzir aqui duas aneddotas de Andrade Corvo.

Seja a primeira aquella que Julio Cesar Machado conta, e se refere ao tempo em que o illustre torrejano já era lente da nona cadeira da Escola Polytechnica.

«Uma tarde, no Rocio, passeiando com o dr. Thomaz de Carvalho e o dr. Magalhães Coutinho, Andrade Corvo dissera-lhes que para as suas cousas de botanica teria talvez de ir estudar physiologia animal, e ser discipulo d'elles.

«— Não és capaz?

«— Ora! Elle é lá capaz d'isso!

«— Sou capaz até de estudar o curso completo.

«Os dois olharam para elle, sorrindo.

«— Vou matricular-me amanhã.

«Matriculou-se no dia immediato.

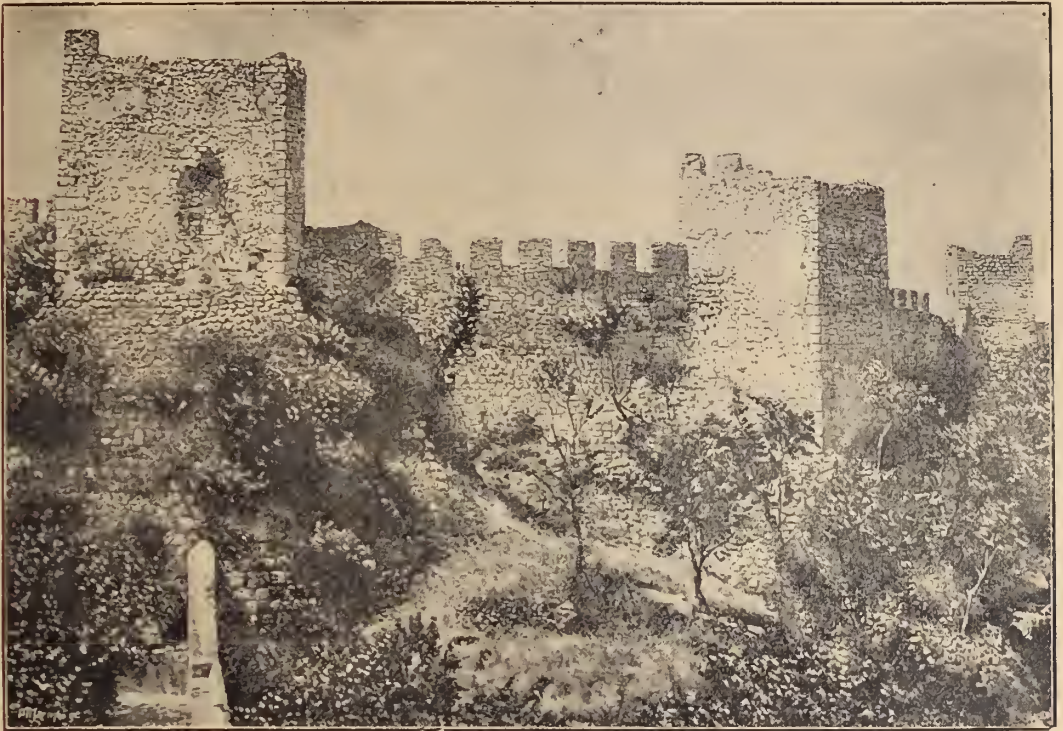
«Abriram as aulas; e, desde o primeiro dia, lá ia elle sempre com a maior regularidade, de lição sabida, sentar-se no seu banco: e quando se diz lá ia, quer dizer que foi lá cinco annos, todos os dias, como um dos melhores discipulos, o mais applicado, o mais exacto no cumprimento dos seus deveres. A's vezes chovia o grande diabo, e Andrade Corvo, a pé, modestamente, á *estudante*, trepava aquella calçada do Garcia e mettia-se pela rua que vai ao hospital com o passo accelerado de um filho familias que estivesse exposto mais dia menos dia a que o pae lhe exigisse uma certidão de frequencia colhida com austeridade nos registros sisudos do livro de ponto».

A outra aneddota deu-se comigo mesmo, e vou buscal-a a um livro meu — *Vinte annos de vida litteraria*:

«Era o sr. Corvo presidente da camara dos pares, e sabe Deus com que sacrificio elle se resignava a perder duas horas calado, ouvindo repetir aos outros o que já tinha ouvido dizer centenas de vezes em diversas occasiões!

«Havia uma sessão em que se esperava a apresentação de uma proposta de alcance politico. O sr. Corvo sabia isto. Logo que chegou ao gabinete da presidencia, tocou a campainha. Perguntou ao continuo quem era o redactor que estava de serviço n'aquelle dia. O continuo foi saber, e levou a resposta ao sr. Corvo: o redactor de serviço era eu. Fui immediatamente ao seu gabinete. O sr. Corvo, depois de me apertar a mão, disse-me com uma grande seriedade:

— Consta-me que vai ser hoje apresentada uma proposta, e que isso prende com o



161 — Castello de Torres Novas

artigo 37.º do *Regimento*. Ora eu não sei qual é a disposição respectiva. Peço-lhe o favor de me dizer o que o artigo 37.º do *Regimento* dispõe.

«Surri-me. O sr. Corvo surriu-se tambem.

«— E' que eu não sei de cór — respondi — o que dispõe o artigo 37.º

«— Nem eu, replicou o sr. Corvo.

«— N'esse caso vamos ver.

«E abri o *Regimento*, que estava sobre a banca do presidente.

«Li o artigo 37.º

«— Muito bem, observou o sr. Andrade Corvo. O que eu não queria era ter o trabalho de ler isso.

«E depois, levantando-se da cadeira, e puxando me para o vão da janella:

«— Então como vamos de litteratura?»

Estas duas aneddotas bastam a definir o homem: a primeira põe bem em relevo o seu insaciavel desejo de saber; a segunda mostra que Andrade Corvo, comquanto fosse muitas vezes obrigado a attender ás conveniencias e imposições da sua posição politica, lhes dava comtudo menos peso do que aos assumptos scientificos e litterarios.

Preguiçoso para ler o *Regimento* da Câmara, elle, n'uma epoca em que geriu simultaneamente as pastas da marinha e dos negocios estrangeiros, não deixava de ir todos os dias para o seu gabinete na Academia das Sciencias trabalhar nos *Estudos sobre as provincias ultramarinas*.

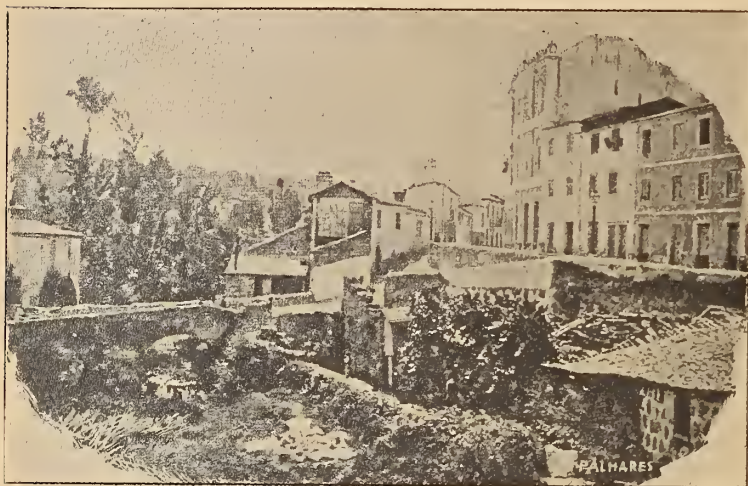
Tenho saudade d'esses velhos illustres, alguns d'elles gloriosos, que eu conheci quando era moço: Corvo, Fontes, Casal Ribeiro, Sampaio, Martens Ferrão, José Silvestre Ribeiro, Couto Monteiro, José de Mello Gouvea, e ainda outros.

Eram homens inteligentes, instruidos, amaveis e bcsns.

Devo á memoria d'elles o preito da minha gratidão — pelos primores de amizade e estima que sempre me dispensaram.

Já vimos que ha em Torres Novas um largo — de Sebastião Baracho.

Além d'isso, o povo da villa costuma chamar rua dos Barachos á rua Formosa.



162 — Um trecho da villa

Perguntando eu a um rapazito onde era a casa do sr. general Sebastião de Sousa Dantas Baracho, respondeu-me:

— Isso é na rua dos Barachos.

Depois vim a saber que o nome official da rua é Formosa.

A familia Baracho descende de um fidalgo francez, de appellido Baroche, que acompanhou a Portugal o conde D. Henrique. Com o andar dos tempos Baroche transformou-se em Baracho.

Dois Barachos, Antonio e seu irmão Gabriel, foram esforçados partidarios do Prior do Crato, principalmente o primeiro, que Faria de Sousa conceitua de homem atrevidissimo. Ambos tomaram parte na aclamação de D. Antonio em Santarem.

Camillo Castello Branco contesta a affirmação, que fez Rebello da Silva, sobre ser Antonio Baracho official mecanico. Diz que, pelo contrario, os Barachos eram das familias principaes de Villa Franca de Xira; chama-lhes fidalgos, com brazão no *Livro dos reis d'armas*.<sup>1</sup>

Tambem Camillo conta como Antonio Baracho morrera traiçoeiramente assassinado, á conta de certa rivalidade amorosa, pelos criados de Duarte de Castro.

Foram precisos alguns homens para dar cabo d'elle, tão valente era.

José de Sousa e Vasconcellos Carneiro Baracho, pai do general Sebastião Baracho, bateu-se no Porto pela causa da liberdade; fez parte da expedição ao Algarve e com o duque da Terceira entrou em Lisboa. Foi depois reintado «patulea», o que o levou a sahir do serviço activo do exercito, e a não mais voltar á fileira.

Casou com D. Maria Francisca da Cunha Dantas Pereira de Andrade, senhora de grande formosura e animo varonil, filha de José Maria Dantas Pereira de Andrade, natural de Alemquer, mathematico, official de marinha, e cultor das bellas-lettras.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> *Sentimentalismo e historia*, cap. I, pag. 20, nota.

<sup>2</sup> *Dicc. P. p.*, vol. II, pag. 218, 3.<sup>a</sup> col.

Pereira de Andrade, tendo-se inclinado á causa de D. Miguel, emigrou para França em 1834, e dois annos depois falleceu amargurado em Montpellier.

Emquanto o avô materno do general Baracho seguia a causa do absolutismo, o avô paterno, o pai, e outros parentes foram strenuos defensores dos principios liberaes, que elle tambem professa.

O general Sebastião Baracho nasceu em Torres Novas a 10 de agosto de 1844.

Homem intelligente, robusto, corajoso, e honesto, tem ultimamente tomado parte activa nos debates da camara dos pares. Durante muitos annos foi redactor effectivo do antigo *Diario Illustrado*. Era amigo pessoal e politico do seu patricio Andrade Corvo, a quem tributava subida estima e admiração.

O general costuma passar o estio na sua casa de Torres Novas, em companhia de suas irmãs e sobrinho, que ali residem.

Ha em Torres Novas dois clubs recreativos: o Torrejano, composto de artistas; e o Gremio Commercial, frequentado pela melhor roda da villa.

Existe uma associação de soccorros mutuos, com o titulo de Nossa Senhora da Nazareth.

Ha uma praça de touros, mas está bastante arruinada.

Pela ponte da Levada se passa ao bairro do Carmo, na margem esquerda do Almonda.

E' n'este bairro, e no largo Pimentel Pinto, que se encontra em edificio proprio o quartel em que hoje funciona a escola pratica de cavallaria. <sup>1</sup>

A camara municipal cedeu á escola uma parte do rocio do Carmo, em frente do quartel, para lhe servir de parada.

Este recinto foi ultimamente fechado por um muro.

No fim de agosto de 1903 foram el-rei D. Carlos, o principe real, o infante D. Afonso e o ministro da guerra Pimentel Pinto a Torres Novas assistir ás provas praticas d'esta escola.

Os exercicios de corridas de cavallos, ultimos n'aquelle anno, realisaram-se n'uma pista de 1.800 metros em terreno situado entre a villa de Torres Novas e a estação do Entroncamento.

No bairro de alem da ponte, o hospital da Santa Casa occupa o edificio que foi convento do Carmo e a que está annexa a igreja da mesma invocação.

E' um bello edificio, modernisado no aspecto e tambem no interior.

Na villa faz-se mercado ás segundas feiras, e ha duas grandes feiras annuaes: a de março no rocio do Carmo, e a de agosto no rocio de S. Sebastião.

Ha nos arredores de Torres Novas varias quintas importantes, taes como: a de Santo Antonio, do marquez da Foz, a 4 kilometros da villa; a do visconde de S. Gião, a 2 kilometros; a dos Carvalhaes, em logar alto, a 5 kilometros; a dos Pinheiros, do dr. Alberto Navarro, a 7 kilometros; a do Minhôto, pertencente á familia Cid, a 8 kilometros; a do Abello, que é do sr. Antonio Casimiro Serrão; a do Mello, onde o marquez da Foz estabeleceu uma fabrica de manteiga, a 6 kilometros.

Mais proximas da villa encontra-se as quintas dos Canniços e da Rainha.



163 — Actriz Virginia

<sup>1</sup> Sobre esta escola vejam-se os decretos de 25 de outubro de 1893, 16 de julho de 1896 e 7 de setembro de 1899.

Na freguezia da Zibreira ha uma quinta importante, que é propriedade do sr. conselheiro Augusto Cezar Cau da Costa.

As principaes producções agricolas do concelho são o figo (para queimar) e o vinho.

Antonio Augusto de Aguiar fala com apreço dos vinhos brancos e tintos, assaz generosos, de Torres Novas, vinhos de copo e de embarque; lembrando tambem que o concelho fabrica geropigas e abafados para o tempero dos vinhos do Termo e de outros que vão para o Brazil com diferentes denominações.

Entre os de melhor nota, em Torres Novas, cita, como tintos superiores, os da Zibreira, da Matta, das Lapas, e alguns dos valles do Almonda.



164—Casa onde nasceu a actriz Virginia

Uma vez dizia alguém, deante de torrejanos, a respeito do vinho da Zibreira:

— Não se pode beber d'elle uma garrafa.

— Ora essa! exclamaram, indignados, os torrejanos.

— Não se pode beber uma garrafa... porque é tão forte, que trepa á cabeça antes de se chegar ao fim.

Na quinta do Abello é costume realisar-se, todos os annos, no dia 6 de junho, a bençã do gado.

Da igreja dos Riachos levam para ali a imagem de S. Silvestre, que fica depositada n'uma capella. Durante a noite ha arraial no pateo da quinta, illuminação, fogo de vistas, ascensão de balões, danças e cantos populares.

No dia seguinte pela manhã vem o prior, com algumas irmandades,

buscar o santo, que é reconduzido processionalmente, seguindo-se, no couce do prestito, grande numero de trens e cavalleiros, bem como juntas de bois, rebanhos de cabras e carneiros, récuas de cavallos e burros, etc.

Chegada a procissão aos Riachos, dá todo o gado uma volta á igreja, e depois recebe a bençã do parochio.

De tarde tambem ha arraial.

E' uma ruidosa festa, que reveste um duplo character: religioso e pastoril.

Em quinta feira da Ascensão é costume ir buscar a espiga ás quintas do sr. Marquez da Foz e do sr. visconde de S. Gião.

Ali affluem, n'aquelle dia, muitas familias dos Riachos, Alcanêna, Ribeira, etc., em carros lindamente enfeitados com flores.

Propriamente dentro da villa um dos costumes mais pittorescos são os bailadbs das mulheres que, no fim de novembro, se empregam na apanha da azeitona e que depois da missa das 8 horas véem dançar para a Praça dos Paços do Concelho.

Em todo o concelho os trabalhos do fabrico do azeite terminam por uma festa chamada dos «lagareiros ou das filhós».

Durante ella fraternisam alegremente os patrões, os trabalhadores e as visitas.

Serve-se a todos uma opipara ceia e dança-se até horas adeantadas.



A procissão dos Passos sai da igreja da Misericórdia para a do Carmo, e passadas horas, creio que no dia seguinte, recolhe á Misericórdia percorrendo os Passos.

Chama sempre muita gente das aldeas.

O brazão de Torres Novas é uma torre de prata sobre terreno verde, tendo por cima das ameias um braço de guerreiro, armado de uma clava de ferro.

Torres Novas foi, em epochas mais afastadas, berço de alguns homens illustres, taes como o mathematico doutor Antonio Pimenta, o theologo frei Arsenio da Ascenção, o cosmographo-mór do reino Manuel de Figueiredo, os comediographos Antonio Prestes <sup>1</sup> e Simão Machado <sup>2</sup>, etc.

Entre os modernos quero falar ainda de mais um, o illustre pintor e professor da Academia de Bellas Artes, Carlos Reis, a cujo favor devo alguns dos *croquis* que illustram este artigo.

Tendo elle reproduzido nas suas telas varios aspectos de Torres Novas, onde costuma passar as ferias grandes, pedi-lhe que me cedesse a copia de um d'esses quadros. Annuiu amavelmente ao meu pedido, e assim me habilitou a estampar aqui o bello interior do «Moinho dos Gafos», muito conhecido n'aquella villa.

E' um trabalho notavel, primoroso de verdade flagrante. Entre outros pormenores, repare o leitor n'essa excellente figura de moleiro, tão fiel na attitude, nas linhas do corpo e nas roupas.

Agora, alguns factos historicos de Torres Novas.

Não quero deixar de dizer que duas vezes se reuniram aqui as antigas côrtes do reino.

Uma, em 1438, para providenciarem sobre a menoridade do rei Affonso V.

Outra, em 1525, reinando D. João III, a quem os tres estados offereceram cento e cincoenta mil cruzados para o casamento da infanta D. Izabel com o imperador Carlos V.

Foi um negregado casamento, porque trouxe um rei castelhano ao throno de Portugal.

No reinado de D. João II tinha assento em Torres Novas a Casa da Supplicação, que era o primeiro tribunal do reino.

Garcia de Rezende, quando escreve do modo como el-rei D. João II prendeu em Evora o duque de Bragança, diz que para o julgamento do duque «mandou elrei vir a Evora todolos lettrados da Casa da Supplicação que então estava em Torres Novas.»

Basta esta memoria historica para se vêr bem a importancia da villa n'essa epocha: o rio Almonda, se pudesse falar, contar-nos ia as indigestas palestras que sobre o Di-



165 — Andrade Corvo

<sup>1</sup> Os autos de Antonio Prestes foram reimpressos no Porto em 1871 sobre a 1.<sup>a</sup> edição, que é de 1587.

<sup>2</sup> Simão Machado foi o nome litterario adoptado por Frei Boaventura Machado. As comedias d'este franciscano foram dadas a lume em 1631 e 1706, e mereciam ser vulgarisadas.

gesto por ali entretiveram o licenciado Ruy da Grã, os doutores João d'Elvas, Diogo Pinheiro, Affonso de Barros e outros abalisados juriconsultos d'esse tempo.

No termo de Torres Novas ha alguns santuarios afamados, como, por exemplo, o de Nossa Senhora da Barreira Alva, sobre a estrada de Minde, e o de Nossa Senhora do Pilar no logar do Prado.

Publica-se em Torres o *Jornal Torrejano*, antigo semanario que vai no XVIII anno de existencia, e tem a sua typographia na rua da Levada, 17 a 19.



166 — Casa onde nasceu Andrade Corvo

Já existiram em Torres Novas mais os seguintes periodicos :

A *Monarchia*, semanario politico, noticioso e biographico. Dezembro de 1882 a fevereiro de 1887 — *Jornal torrejano*, publicação semanal, noticiosa, litteraria e recreativa. De outubro de 1884 a março de 1885. — *A Renasença*, de cujo numero 38 damos um *fac simile*.

O concelho de Torres Novas tem uma população total de 35.333 habitantes, pertence ao districto de Santarem, e comprehende, alem das freguezias da villa, mais 15, a saber: Alcanêna, Alcorochel, Assentiz, Bogalhos, Brogueira, Chancellaria, Lapas, Minde, Monsanto, Olaia, Paço, Parceiros da Igreja, Pedrogam, Ribeira Branca e Zibreira.

De algumas d'ellas damos noticia em logar especial.

A villa é cabeça de concelho ; e tambem de comarca de 1.<sup>a</sup> classe.

## II

### ALCANÊNENA <sup>1</sup>

Esta povoação fica a sudoéste da serra de Ayre, n'um valle.

Dista da estação de Matto de Miranda 17 kilometros para noroéste, e de Torres Novas 14 para sudoéste.

O rio Alviella nasce a 4 kilometros de Alcanêna, no sitio que, por este motivo, se denomina *Olhos d'agua*.

O local assim chamado é muito pittoresco. A elle costumam concorrer, em quinta feira da Ascensão, muitas familias de Pernes e outras povoações circūvizinhas, que ali vão fazer pic nics á sombra do arvoredado frondoso, costumando n'esse dia haver tambem ali animados bailes campestres.

<sup>1</sup> Os etymologistas dizem que este onomastico vem do arabe—alcanina—e exprime «cabaça sêcca». Seccantes são os etymologistas.

Diz o conselheiro Augusto Pinto de Miranda Montenegro na sua excellente *Memoria sobre as aguas de Lisboa* :

«Ao sopé de uma elevada rocha brotam, n'um pequeno areal, as aguas que dão origem á ribeira do Alviella. Chamam-se estas nascentes *os olhos de agua*, que jorram na altura de 54,<sup>m</sup>33 acima do nivel do mar, e, segundo medições feitas em 1864 a 1867, produziram em media 45:000 metros cubicos em vinte e quatro horas.

«Esta agua era applicada em parte para régas, e, até Pernes, aproveitava tambem ao serviço de vinte e quatro moinhos.

«Deixando 15:000 metros cubicos por dia para o serviço da agricultura, e attendendo a que os moinhos poderão sempre funcionar durante a maior parte do anno, e só terão de interromper o trabalho durante a estiagem, pareceu que podia fazer-se, para o abastecimento de Lisboa, uma derivação de 30:000 metros cubicos por dia sem grave prejuizo de terceiros.»

O canal que trouxe a Lisboa esta derivação do Alviella tem a extensão de 114 kilometros desde os Olhos d'agua até ao reservatorio dos Barbadinhos, na extremidade léste da capital.

Nasce, pois, o Alviella impetuoso e fragueiro a menos de uma legua de Alcanêna, mas chega a Lisboa tão obediente como um leão domesticado.

Entra manso na cidade, presta-se a equilibrios graciosos nos repuxos dos jardins, trépa docilmente pelas paredes dos predios, e cai das torneiras dos contadores, gotta a gotta, sob a fiscalisação de uma vigilante arithmetica, que o vai doseando em metros cubicos.

Ao vel-o placido e familiar dentro de um copo d'agua, de um jarro ou de uma tina, quem ha de dizer que elle é aquelle mesmo rio tão arrogante á nascença, do qual ainda hoje uma parte espadana e tumultua em doudejante liberdade, durante o inverno, na cascata de Pernes !

A creança que lhe põe sob o dorso submisso, n'um tanque ou n'um lavatorio, um barquinho de papel, não ousaria aproximar-se d'elle nos Olhos d'agua ou em Pernes.

Na sua origem ou nas suas cascatas o Alviella pertence á natureza, é livre e independente como os passaros que vão cruzando e cantando sobre suas aguas turbulentas. Na cidade, é um escravo ao serviço da Companhia, tem que obedecer ao sr. Ressano Garcia ou ao sr. Martinho Guimarães, deixa-se conduzir pela canalisação das ruas, deixa-se dosear pelo contador, deixa-se cahir da torneira, quando o mandam.

Até os rios teem seus fados. Uns nascem e morrem livres. Outros, como o Alviella, nascem independentes, e são escravizados em nome das conveniencias publicas.

O canal que conduz o Alviella começou a construir-se de Lisboa a Alcanêna, e não



167 — General Dantas Baracho

de Alcanêna a Lisboa, a fim de se ir logo colhendo e incluindo na canalisação toda a agua que se encontrasse.

Foi preciso construir varias obras de arte, trincheiras, syphões e tunneis, entre estes o de Rio Maior, que é o mais importante.

Assisti á inauguração do grande reservatorio dos Barbadinhos, a Santa Apollonia, no dia 3 de outubro de 1880.

A Companhia das Aguas solemnizou a com um *lunch*, para o qual foram convidados os ministros e demais auctoridades, tanto ecclesiasticas como civis e militares.

O leitor talvez não saiba que já houve um conde de Alviella. Pois houve. Foi Alberto José Goblet, na Belgica conde de Goblet. Nasceu em 1790, e era gran-cruz da ordem de S. Bento de Aviz.



168 — Casa onde nasceu Dantas Baracho  
na villa de Torres Novas

A villa de Alcanêna tem ruas largas e predios modernos, duas farmacias, medico, notario, estação telegrapho-postal, e um mercado ás quartas feiras.

A freguezia de Alcanêna, cujo orago é S. Pedro, conta 3:328 habitantes de ambos os sexos.

O solo da freguezia é muito accidentado, predominando nas eminencias a constituição argilo-calcarea; mas tambem inclue amplas bacias de terrenos sedimentares, que se passassem por uma conveniente drenagem, produziriam decerto excellentes resultados na cultura da vinha e das colmiferas.

Junto á povoação séde da parochia ha uma ponte de cantaria, que dá passagem sobre uma pequena ribeira affluente do Alviella.

Comprehende a freguezia varios logares, entre os quaes Moutas de

Cima, Moutas de Baixo e Venda do Grave, que formam uma continuada povoação.

Merece especial menção a actividade industrial de Alcanêna. Ha aqui numerosas fabricas de cortumes; não são menos de 30!

Uma d'ellas, a do sr. Joaquim Alves Anastacio, que está situada no arrabalde da villa, occupa um edificio que se notabilisa por ter na fachada um brazão, com corôa ducal e a seguinte legenda: — 1792 — F. D. S.<sup>a</sup> Comp.<sup>a</sup> R. M. F. R. C. C.

Diz-se que este edificio foi de uma fabrica de marroquim, e gosara especiaes privilegios.

Alcanêna tem estradas para Torres Novas, Pernes, Porto de Mós e para a estação de Matto de Miranda.

O Centro de Instrucção de Alcanêna possui casa propria.

Na sala grande vê-se o retrato do dr. José da Costa e Silva, que foi aqui medico municipal durante vinte annos, e presidente do Centro. Este sustenta escolas para ambos os sexos.

Tambem ha em Alcanêna o Centro Recreativo Alcanenense, onde se teem realizado saraus musicaes e dramaticos.

## III

## ASSENTIZ

Freguezia do concelho de Torres Novas, com 3.141 habitantes de ambos os sexos. Tem por orago Nossa Senhora da Purificação.

Em certas memorias do seculo XVIII <sup>1</sup> se lê que a etymologia de — Assentiz — vem por corrupção de *Loco de Sanctis*, nome dado a uma fonte santa, que brotou no terreno em que foram sepultados alguns martyres christãos.

Vá na fé das memorias; comquanto custe um pouco a engulir.

O principal logar da parochia está situado n'um valle proximo á serra de Ayre, e dista 6 kilometros da estação de Paialvo.

Houve um morgado de Assentiz, Francisco de Paula Cardoso de Almeida e Vasconcellos Amaral e Gaula, que foi grande amigo de Bocage e muito apreciado por outros escriptores que ainda o tiveram por contemporaneo, entre os quaes Antonio Feliciano de Castilho.

O vinculo de Assentiz coube-lhe por herança de um tio paterno.

Francisco de Paula nasceu em Lisboa a 2 de março de 1769.

Estudou humanidades no Collegio dos Nobres, e em 1785 passou a Coimbra para graduar-se em leis.

Ahi, onde vivia como estudante bem tratado da fortuna, não tendo por isso grande pressa nem precisão de uma formatura, o foi surprehender a providencia régia, que obrigava todos os morgados e administradores de vinculos e capellas a alistarem-se no exercito, sob pena, entre outras comminações severas, de perderem a quinta parte de seus bens.

Francisco de Paula, para não ter que dar participação á Corôa no rendimento do seu morgado, trocou a batina academica pelo uniforme militar, e sentou praça de cadete no regimento de cavallaria de Mecklemburgo, que era da guarnição de Lisboa.

Tinha então 24 annos.

Gentil e amavel, conquistou logar evidente nos salões, onde a sua farda brilhava tanto como o seu espirito, e nos botequins entre os homens de letras, onde o seu talento poetico e a sua paixão pela litteratura dramatica lhe grangearam desde logo uma cotação lisonjeira.

Ao cabo de dez annos de serviço no exercito, pôde abandonal-o, e então foi o dar largas ás suas predilecções litterarias, auxiliado pelos recursos do seu engenho e até pelos do seu vinculo, graças ao qual não tinha que pensar no pão nosso de cada dia.

O theatro, especialmente, fascinou o com persistente encanto.

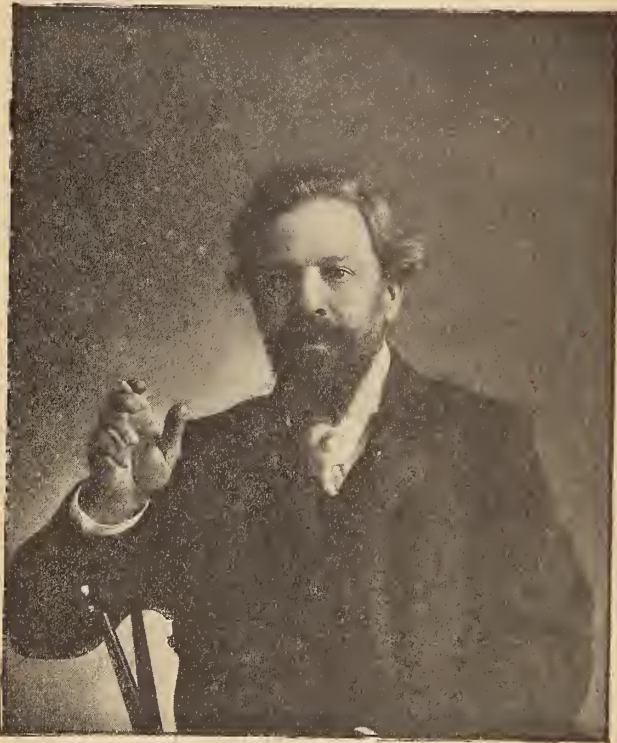
«Foi o morgado, diz um dos seus biographos, maniado por theatro, que lhe levou para cima de cem mil cruzados. O celebre theatrinho da rua de S. José (erecto na esquina da travessa Larga), vasta sala, de dimensões iguaes ás da rua dos Condes, e onde scenario, vestuario e mais pertencas, ostentavam asiatica magnificencia, tudo isso pendia sómente do poderoso braço e intelligente gosto do morgado de Assentiz.»

Elle não se limitava a compor e traduzir peças (de que Innocencio dá uma relação

<sup>1</sup> Apud *Archeologo português*, vol. VIII, pag. 222 e 233.

a pag. 21 do *Diccionario bibliographico*, tomo terceiro), mas tambem instigava os litteratos seus amigos a alimentarem o repertorio do theatro da rua de S. José.

Bocage, de quem um jovial acaso o fizera amigo indefectivel <sup>1</sup>, foi um dos auctores representados n'aquelle palco.



169 — Carlos Reis

As relações entre Assentiz e Bocage não soffreram nunca a menor quebra na sua intimidade.

A's vezes o morgado, por dedicação pessoal, prestava-se a ser amanuense do poeta, como quando este lhe ditou, no botequim do Rocio, trovejante de inspiradissima colera, a famosa satyra *Pena de Talião*, em resposta á do padre José Agostinho de Macedo, que provocadoramente ateou o incendio.

Tres horas estive o nobre morgado de Assentiz sentado á mesa, occupado em reproduzir pela escripta a torrencial inspiração de Bocage, que apenas encontrava embaraços na sua propria caudalidade, como ondas que, n'um mar revolto, umas ás outras se atropelassem e combatessem.

Que eu saiba, um unico segredo acautelou Bocage de Francisco de Paula.

O poeta dissera-lhe uma vez :

— Ha uma grande asneira nas minhas obras.

— Qual asneira? perguntou o morgado.

— Deus me livre de denunciá-la, replicou Bocage, nem a ti. Vê lá se a achas; o que te sei dizer é que me envergonho sempre que a recordo.

Os homens de letras teem uma especie de pudor, que se parece com o das mulheres: podem confessar em publico quaesquer leviandades ou ridiculos, mas jamais confessam deante de alguém os seus erros graves e degradantes.

Chamam a isto — orgulho — os que não sabem que existe o — pudor litterario, expressão instinctiva da dignidade intellectual.

O morgado de Assentiz, victima da sua dispendiosa paixão pelo theatro e, tambem certamente, da sua liberalidade para com os poetas e bohemios que o acompanhavam, teve um dia de pensar na restauração dos seus haveres, grandemente abalados.

Sahiu de Lisboa e foi viver para uma quinta a algumas leguas de distancia da capital.

Só reapareceu em 1826 ou 1827 e então logo se lhe reaccendeu, como doença chronica, o gosto pelas letras e a paixão pelo theatro.

Foi morar para a rua Nova da Alegria, no predio onde depois esteve o *Jardim Chinez*.

Dentro do quintal d'esta casa havia uma especie de *chalet* onde se reuniam escriptores e artistas, amigos do morgado.

<sup>1</sup> *Livraria Classica, Bocage*, por José Feliciano de Castilho, tomo II, pag. 273.

Castilho, na epistola a Francisco de Paula, publicada nas *Excavações poeticas*, allude a este club de intellectuaes, dizendo que era -- «uma linda salinha, desquitada do restante da casa, e posta muito bem contente e solitaria no meio do quintal do sr. Assentiz. Puzera-lhe nome de Thebaida. Nunca houve ermitães mais alegres».

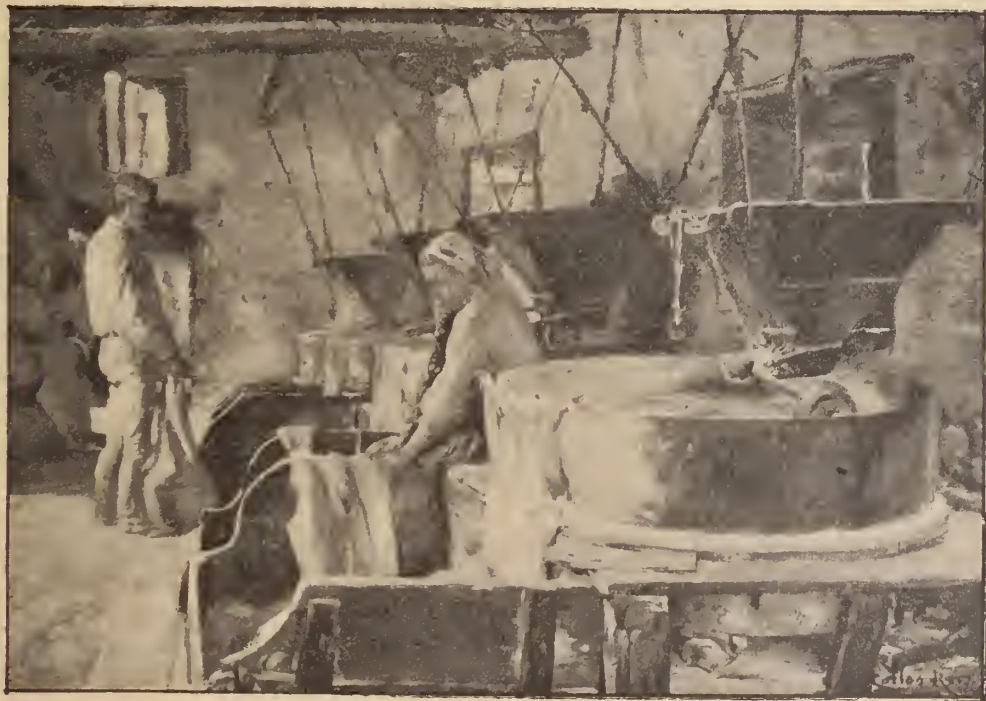
N'esta epoca um dos frequentadores do cenaculo era Alexandre Herculano, a cujo gosto pela agricultura já Castilho allude na *Epistola*, e que andava então, exercitando-se na lingua allemã, a traduzir *O Phantasma* de Schiller.

Sobreveio a guerra civil, que dispersou os *habitués* da «Thebaida». A guerra afogou as letras, e fechou os theatros.

Mas em 1834, logo que os liberaes entraram na capital, o morgado de Assentiz, sem poder conter a sua paixão pelo theatro, tratou de arrendar um predio da rua do Loureiro, onde já tinham sido dados alguns espectaculos, com o intuito de estabelecer ahi uma sociedade ou academia dramatica.

Felizmente para o morgado, este predio ardeu, por um accidente fortuito, na noite de 24 de junho d'aquelle mesmo anno.

Organizado em 1836 o Conservatorio dramatico, Francisco de Paula, apesar de ser



170 — Moinho dos Gafos (Copia d'uma tēla de Carlos Reis)

quasi septuagenario e padecer os achaques inherentes á velhice, foi um dos mais activos e dedicados membros d'aquella nascente instituição.

Estava no seu elemento.

Este generoso ideal de Garrett, acalentado por Manuel Passos, deve ter contribuido para suavisar grandemente alguns dos ultimos annos da vida de um homem, que tanto amou o theatro.

O morgado de Assentiz falleceu na sua residencia da rua de Santa Martha a 5 de fevereiro de 1847.

Tal homem, por tantos motivos evidente, não custou um ceitel ao seu paiz.

Com razão, pois, merecia que lhe tivesse sido escripto sobre a campa o epitaphio que elle improvisou n'um momento de bom humor :

O Assentiz aqui jaz,  
Que nunca foi deputado,  
Nem sequer juiz de paz.

#### IV

### MINDE

Esta interessante freguezia, que pertenceu ao concelho de Porto de Mós, pertence hoje ao de Torres Novas.

E' seu orago Nossa Senhora da Assumpção.

População: 1.988 habitantes, de ambos os sexos.

Minde fica na encosta de um valle interior da serra de Ayre.

Ao norte da povoação, e n'uma extensão de quatro kilometros por dois de largo, desenha-se um recinto fechado, a noroéste e éste, por alterosas serras, e, ao sul, por um morro de cascalho.

E' a lagôa de Minde, formada pelas torrentes que o Olho da Mira e o Poio (*Pena*) recebem das serras circumjacentes e dentro d'ella despejam.

No inverno, a agua, vindo da lagôa, rompe por uns covões a que dão o nome de «algares» e invade o valle, mas não as povoações que estão a dentro da serra.

Depois, certamente porque o nivel da lagôa já tem baixado, a agua reflue para a escura profundidade dos mesmos covões.

Succede então pescarem-se eirós que ficam retidas nos poços, especialmente no grande poço do canal chamado *Olho da Mira*.

A queda das aguas constitue um soberbo espectaculo no *Poio*, que as despenha do açude sobre as rochas, e no *Olho da Mira*, que as vomita a gorgolões e em caprichosos zigue-zagues.

Das vertentes interiores da serra de Ayre não rebenta, porem, um unico fio de agua. Toda a que se bebe em Minde é de cisternas. Mas nas vertentes exteriores nascem dois rios: o Alviella e o Almonda.

Na campina, a que os mindericos dão na primavera o nome de *Matta* — porque sobejam indicios de ter havido ali, outr'ora, uma frondosissima floresta — logo que cessam as alluviões fica a terra predisposta para uma exuberante fecundidade.

«Evacuadas as aguas pelos canaes subterraneos, nova metamorphose se opera: aqui, uns podam as vinhas; ali, outros abrigam-n'as; acolá os arados fendem a terra; mais além, grupos de trabalhadores plantam bacêllo.

«Aproxima-se a estação calmosa; com ella veste-se o terreno de gala! Até mesmo as serras pesadas de inveja vestem seu manto de flores, sorrindo de alegria!

«Chega o mez de setembro: a grande bacia torna-se um concorrido passeio, mórmente aos domingos de tarde. Ali se começam os namoricos, ali se furta a beijoca, na *Matta* se dá o beliscão, na *Matta* apparecem os arrufos e se mette Nossa Senhora da Paz. Ali...»<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Do *Portomozense*, n.º 135.



Por entre as arvores da Matta serpentea a moderna estrada real até se perder por detraz dos Cadouços em Mindinho.

Todos os algares da serra estão povoados de magicas lendas, algumas das quaes o sr. A. de Jesus e Silva, professor official em Amiaes de Baixo, e indefesso investigador das tradições de Minde e Porto de Mós, vem publicando desde muitos annos.

N'esta mysteriosa Minde subterranea, complicada de cavernas escuras e canaes tenebrosos, encontra-se certamente o elemento mais pittoresco da historia da povoação.

Sirva de exemplo e amostra aquelle dos canaes que se chama o Regatinho.

Vamos recortar do *Portomoçense* de 8 de maio de 1899 uma curiosa noticia ali publicada pelo sr. A. de Jesus e Silva. Eis o seu titulo e assumpto:

#### O REGATINHO <sup>1</sup>

«Denomina-se assim um canal sub-terraneo, onde vêm sahir na estação do inverno as aguas cahidas nas serras proximas e até as que passam por dentro de Minde, ajudando com ellas a encher a grande lagôa.

«Fica á beira da estrada de S. Jorge á Chamusca, passando lhe por cima, e dista pouco mais de mil metros d'aquella freguezia.

Fórma á entrada um alpendre, ao fim do qual, em rocha viva, se vê o canal, podendo á vontade dar entrada a qualquer pessoa agachada.

«Esta caverna, a que anda ligada uma bella lenda, é celebre na historia de Minde por servir de guarida a muitos habitantes d'este logar que n'ella escaparam á morte, á deshonra e a toda a casta de atrocidades que as hordas napoleonicas deixavam na sua marcha devastadora.

«Do Regatinho, de noite, a deshoras, sahiam os homens mais afoitos em busca de hervas para cozerem ás escondidas; bagos de milho cahidos pelas estradas, em que os cavallo francezes eram arraçoados; a pedir pelos casaes, onde a soldadesca desenfreada ainda não havia chegado, etc.

«Mais de um mez ali se occultaram muitos desgraçados, até que, uma noite, (a invernoia era medonha!) foram sobresaltados por catadupas, salvando se a muito custo os foragidos; deixando, porém, no interior da lapa os objectos que lá occultavam, o que fez com que um aventureiro, passada a invasão, fosse sondar a caverna; coitado! pagou caro a sua aventura! ao fim de 3 longos dias veiu sahir a uma cova junto de Minde!

«Os habitantes da povoação ao saberem do succedido foram-lhe cantar á porta:

O Ribeiro do Ceirinho  
O que havia d'inventar!  
Foi entrar no Regatinho  
E veiu sahir ao Felgar!

«A mãe do que escreve estas linhas consagrava amisade ao Regatinho por lhe haver servido de asylo.

«Este regato deixa muitas vezes as lavandeiras com a roupa por acabar de lavar: d'isto nasce o proverbio minderico: — E' *Regatinho*; és como o *Regatinho*. Quer dizer — não tens palavra; dizes agora uma cousa, logo outra.»

Quanto á povoação propriamente dita, possue ella casas de boa apparencia, que lhe dão todo o ar de villa. Ha uma rua, chamada do Arieiro, com bonitos predios e

<sup>1</sup> Regatinho é um vocabulo muito usado na linguagem minderica; d'elle o verbo — *regatinhar*. Vou *regatinhar*; venho de *regatinhar*. O *covano já regatin'ia nas cardozas*, etc. Equivale a — está prompto.



«— Já tu estás com medo; tem fé em Santo Antonio, que elle o guardará; de mais, não tenho vagar, deixal-o andar que a noite está boa.

«O juiz ceiou: e depois da ceia foi acompanhado dos mesarios dar começo á grande fogueira proxima da ermida, que durou quasi toda a noite. Pela manhã Manuel Esteves, ao caminhar para a fazenda em busca do animal, ficou estatico vendo o prostrado a poucos metros da capella e já em parte comido dos lobos!..

«Occultando a sua magua, veio para casa, onde contou o caso.

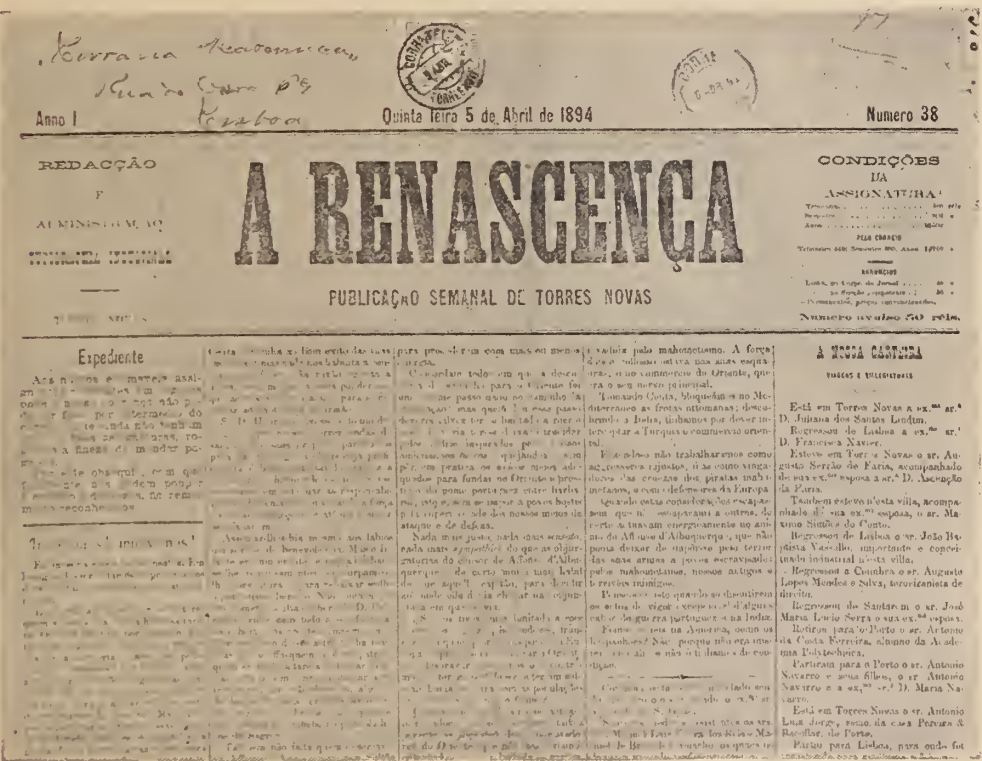
«Horas depois os partidarios do Santo da igreja, sabendo da morte do burro, diziam:

«— Santo Antonio das Eiras fez esta noite um grande milagre ao juiz.

«— Que milagre? perguntavam os que não sabiam.

«— Deixou que os lobos lhe comessem o burro ao clarão da fogueira, ao toque da gaita e troar dos foguetes!

«Manuel Mingas sentiu-se tanto da affronta que nunca mais o serviu (ao Santo); e



172 — Fac-simile do jornal A Renascença

até, segundo alguns, esteve alguns annos sem passar por deante da capella e quando começou a passar baixava o chapéu, voltando a cara para o outro lado».

Uma das antigas tradições de Minde está relacionada com os algares na memoria do povo.

Refiro-me á noite de S. João.

Out'ora, n'essa noite, rapazes e raparigas iam, ao som de musica, ao *Olho da Mira* «tirar as lampas» isto é, entravam pela primeira vez n'este vasto canal subterraneo depois da invernia, e ali, sob a abobada do *Terreirinho*, especie de sala abobadada, dançavam e cantavam, desafiando os mouros no seu encantamento lendario.

A' volta traziam garrafas cheias de agua, a agua da noite de S. João, que tem virtudes maravilhosas.

Hoje rapazes e raparigas, depois de saltar as fogueiras, vão á campina colher macella, oregão, fel da terra e salva, que são hervas de magia.

Tambem a noite de Natal costumava ser festejada em Minde com uma lauta ceia de carne de porco nova, finda a qual todos os convivas cantavam em côro as lôas proprias d'aquella noite e que lembram, com leves alterações, as que se cantam no norte do paiz :

Partiram os tres Reis Magos  
Da parte do Oriente,  
P'ra vêr Deus omnipotente  
Pela estrella guiados, etc.

Segundo conta a gente da terra, a noite da «serração da Velha» não fica ainda inferior em animação á de S. João á do Natal pelas chalaças trocadas entre os «serradores» e as «velhas».

Vê-se que este povo trabalhador, essencialmente industrial como havemos de mostrar, é alegre no seu ninho alpestre da serra de Ayre, e tem sabido manter uma originalidade de costumes muito picante de interesse ethnographico.

Os mindericos trabalham e folgam: o que constitue a verdadeira sciencia da vida.

Uma das suas romarias mais alegres é a de Nossa Senhora das Virtudes, em Cabeça das Pombas, romaria que pelo seu brilho e movimentação bem se pode chamar a «Nazareth da serra de S. Bento».

Os romeiros costumam cantar algumas trovas de caracter regional ou toponymico, taes como esta:

Não ha terra como Minde,  
Serra como a de Alvados,<sup>1</sup>  
Festa como a das Virtudes,  
Onde cantam namorados.

O leitor não se desorienta com esta diversidade de nomes de serras, S. Bento, Alvados, etc., porque elles não representam mais do que ramificações da serra de Ayre, a grande cordilheira que parece nascer nos Pyrenéos para vir acabar em Cintra.

Suppõem alguns que era esta a mesma serra a que os antigos davam o nome de *Monte-Tagro* e a respeito do qual fabulavam que as éguas ahi nascidas concebiam dos ventos, talvez em razão da ligeireza e velocidade d'ellas.

Pois a serra de Ayre, creio que já o disse em outro lugar, toma diversos nomes segundo as regiões que vai atravessando: é S. Bento, Albardos, Mendiga, Minde, Monte Junto, etc.

Já agora aproveito a occasião para dizer que na parte da cordilheira que se chama serra de Albardos ou Alvados, no sitio do Arrimal, perto da aldea dos Vidaes, e da quinta de Valle Verde, na extrema do concelho das Caldas Rainha, existe um arco triumphal commemorativo da tomada de Santarem por D. Affonso Henriques.<sup>2</sup>

Este arco, que os povos vizinhos indicam pela designação de *Rei da Memoria*, é de pedra lavrada, tem 5 metros de altura, 6 de largura e 1 de espessura.

<sup>1</sup> Diz o padre Cardoso no seu *Dicc.* que a serra de Albardos chamam tambem Alvados ou para encobrir o feyo nome de Albardos, ou por causa dos muitos penedos, que ao longe alvevão.

<sup>2</sup> Propriamente teria por fim commemorar a tradição do voto que Affonso Henriques fizera, ao passar na serra de Albardos, de erigir o mosteiro de Alcoaça se lograsse tomar Santarem,

Veja-se sobre este assumpto o *Archivo Pittoresco*, vii, pag. 311 e 335.

E' ornado de uma pequena cimalha, sobre a qual, entre duas grossas pyramides, se ergue a estatua de D. Affonso Henriques, de capa e manto, e capacete com plumas.

A estatua tem no braço esquerdo o escudo com as quinas e castellos; e na dextra empunha a espada.

Lê-se na cimalha a seguinte inscripção em portuguez: — *O santo rei D. Affonso Henriques, fundador de Alcobaga.*

Não posso fazer uma larga resenha de todos os costumes populares de Minde, antigos ou modernos, mas citarei ainda mais alguns, dois apenas.

Havia antigamente a piedosa usança de encommendar as almas, durante as noites da quaresma, em voz alta, e em diversos sitios da povoação.

Este costume parece ter tido origem no norte do paiz, em Penafiel, seculo XIII.

Na quaresma de 1579 os mindericos rezavam, ao encommendar as almas, um Padre Nosso por intenção dos captivos de Alcacerquibir, para que a Deus nosso Senhor aprouvesse favorecer seu resgate.

Outro costume, que se conserva ainda:

A madrinha d'uma creança tem de brindar os seus futuros compadres, antes do baptisado, com um grande cesto tapado por uma toalha de rendas, o qual contém: 12 pães de 40 réis, 12 queijos de 20 réis, um açafate de coscorões, a que chamam rocas, e um prato de azeitonas, variada fructa e outras mais gulodices.



173 — Escola de Minde

A industria principal de Minde é a do fabrico de lanificios, generalisada em toda a povoação e ainda na freguezia de Mira, que fica á distancia de tres kilometros e pertence hoje ao concelho de Porto de Mós.

Os mindericos aproveitam como materia prima a lã de carneiro ou ovelha e produzem grosseiras mantas, de riscas, cosidas pelo meio, muito usadas pelos camponezes e pastores da Extremadura; alforges, cintas e as fazendas para vestidos de mulher que vulgamente se chamam estamenhas ou lãsinhas. <sup>1</sup>

Tomam especialmente este ultimo nome quando lhes dão a côr azul.

Ha diversas e importantes fabricas de tecidos de lã, uma d'ellas pertencente á familia Guedes.

Mas pode dizer-se que toda a povoação se emprega no fabrico ou commercio dos lanificios.

Os mindericos que não são fabricantes são vendedores dos productos da sua grande industria local.

Alguns saem a vendel-os por todo o reino, de preferencia pelas provincias do Alemtejo e Algarve.

<sup>1</sup> Ramalho Ortigão, no *Culho da arte em Portugal*, refere-se «aos lindos alforges da Estremadura, do Alemtejo e do Algarve, de Minde, de Alte e de Redondo» e aos «famosos tecidos de lã, que são o *homespun* portuguez, e que em sua variedade se denominam bureis, estamenhas, briches, saragoças, jardos, sorrubecos».

Elrei D. João V animou vantajosamente a industria dos lanificios de Minde, a instancias de alguns frades mindericos, principalmente de Frei Caetano de Almeida, com quem privava.

Ordenou aquelle monarcha, em 1733, que se construísse ali um hospicio de arrabidos, não só para facilitar a vida religiosa aos mancebos de Minde, como tambem, para animar a industria local, que no hospicio se fabricassem as estamenhas para o habito dos frades.

E, no intuito de que a materia prima não faltasse ao fabrico, ordenou D. João V que aos domingos se fizesse um mercado de lãs, onde logo começaram a affluir muitas.

Como consequencia d'este mercado creou-se a feira annual de Sant'Anna, assim chamada não só por se realisar no dia 26 de julho, em que a Igreja celebra a festa da Mãe da Virgem Santissima, mas tambem por ser n'essa occasião que, a rogos da confraria de Sant'Anna, se erigiu na igreja parochial o altar em que se venera a imagem d'aquelle nome.

Conseguiram os frades, por attenuar sua pobreza, a creação de um terrado e balança onde se pesavam as lãs que se vendiam no mercado.

Eram elles que recolhiam o rendimento do terrado e assim aconteceu até á extincção das ordens religiosas, passando então esta fonte de receita para a camara municipal do concelho.

Uma das singularidades mais caracteristicas do povo de Minde é o jargão de que usa para falar sem ser entendido de estranhos. Por convenção, os mindericos organisaram um vocabulario com que podem facilmente trocar seus pensamentos, sem que as pessoas de quem pretendam occultar os possam entendel-os e seguil-os.

Vou dar uma ligeira amostra do vocabulario de Minde, pondo a um lado o calão local e a outro lado a equivalencia em lingua vulgar :

Calão	Equivalencia	Calão	Equivalencia
Jónes .....	Chapéu	Lútaros .....	Figos
Cardozas .....	Calças	Arrayolos .....	Lã
Balões .....	Sapatos	Estribos .....	Bolsos
Monizas .....	Mantas	Cavalleiro .....	Jantar
Beringés .....	Alforges	Uma cambeira, ou cuca .....	5 réis
Blicas .....	Camizas	Uma chapa .....	10 »
Gallizos .....	Ovos	Uma escama .....	20 »
Capazes .....	Feijões	Uma conceira .....	40 »
Ventosas .....	Ervilhas	Meio rodolo .....	50 »
Natarias .....	Favas	Um marroz .....	100 »
Macovilhos .....	Grão de bico	Um olho de boi .....	480 »
Granadeiras .....	Azeitonas	Um montante .....	1\$000 »
Matto da Portella .....	Queijo	Um gafar .....	1\$200 »
Lampanas .....	Batatas	Uma Zé Pereira, ou loura .....	4\$500 »

No segundo quartel do seculo XIX, um ecclesiastico, natural de Minde, prégava perante um auditorio, em que havia alguns dos seus patricios, mas, além d'estes, muitas mais pessoas estranhas á localidade.

Em certo ponto do sermão, para se fazer entender unicamente dos mindericos presentes, desatou á dizer na algaravia que só elles percebiam:

Calão

Tradução á letra

«O' Chalares do Ninhou, se quereis trilhar do-gaivo e gaudir maltezão, não coláes da Catraia para a d'El-Rei, porque já está meia loura quasi engenhada para a cordoeira do Francisco Vaz».

«O' homens de Minde, se quereis comer gallinha e beber vinho, não saiaes da Igreja para a rua, porque já está meia libra quasi ganha para a bolsa do padre».

Carta escripta pelo professor de Amiaes de Baixo, em calão minderico, a um patricio e amigo que andava negociando no Alemtejo :

«Carranchano.

Estive hontem no parreiral do Ninhou. O fundador do Covão ás 12 do bandarria mandou-me a mulher do Francisco Lobo ao parreiral a fim de cavallear em sua do Quincas.

Para que o cardeta avalie o cavalleiro, ponha os das orelhas.

Em cima d'uma do Casal Farto mirantava-se n'uma do Juncal o filho da Santinha lançando bispo. Uma da Amora com o sogro do Antonio Perinho e dois da Marinha; mettemos pois na tosadeira alem do genro do José Filippe, linhas tintas, renhané, sogro do Manoel Lico, do gaiva ou filho do Troia. A' sobre a de Bolleiros matto da portella, mães do Val da Serra, chinezas, dos coutos e por ultimo venezo com bañarraba.

Como á hora de cavallear o malhado traz mais um, appareceu o Estevães do Ninhou com ares densca. Se visses a maneira como mettia na tosadeira o genro da Bia e o saltacatrepa!... Os da Marinha andavam sempre nas gambias. O folho da Costa e filho de Matildes, oh! Deus!...

A's 4 do bandarria sentado na jaleca do meu Antonio d'Almeida tomava o d'el-rei para a minha do Domingos Pedreiro, em Amiaes.

N. B. Arraiollos subiu, as belicas das do Alegre baixaram e a sogra do irmão do Francisco Vaz d'Aljubarrota estaciona.

Teu Filho do Fernando.

F.»

«Amigo.

«Estive hontem em Minde. O Lourenço Coelho ao meio dia mandou-me a criada a casa chamar-me para jantar em sua companhia.

«Para que o patricio possa fazer idea do jantar, ouça.

«Em cima de uma mesa via-se uma terrina de sopas fumegando; uma grande garrafa cheia de vinho e dois copos.

«Mettemos na pá do bucho, alem das sopas, vacca, capado, carne de porco, gallinha ou frango. A' sobremesa, queijo, azeitonas, laranjas, maçãs e, por'ultimo, arroz doce.

«Como á hora do comer sempre o diabo traz mais um, appareceu o padre-cura com fome canina.

«Se visses a gana com que elle se atirava ao presunto e ao capado!

«Os copos andavam n'uma fona.

«O pão e o vinho, oh! Santo Deus!

«A's quatro da tarde montei no meu burro e tomei o caminho da minha casa, em Amiaes.

«N. B. A lã subiu de preço, as pelles de cabra baixaram, e a cêra conserva o mesmo preço.

«Teu amigo

F.» 1.

Em Monsanto, tambem freguezia do concelho de Torres Novas, situada n'outra vertente da serra de Ayre, floresce o fabrico da cera: vem isto para demonstrar, mais uma vez, quanto os povos de toda esta região montanhosa, em que a pedra abunda, sabem supprir pela industria a escacez dos recursos agricolas.

A serra é escalvada e árida: bastará dizer que não ha em Minde nenhuma quinta de recreio ou de exploração lucrativa.

Ultimamente foi dotada a freguezia com uma escola para o sexo masculino.

E' o edificio que a nossa estampa representa.

A junta de parochia deu o terreno para a construcção e concorreu com 215\$000 réis em dinheiro.

O governo mandou construir a escola, por empreitada, sendo arrematante o sr. Domingos Henriques Guedes pela quantia de 2:195\$000 réis.

O edificio mede 16  $\frac{1}{2}$  metros de frente, e tem capacidade para uma frequencia de 50 alumnos.

O projecto da escola foi elaborado pela direcção das construcções escolares. E' do typo A, n.º 3.

Minde fica distante quinze kilometros da villa de Torres Novas, cabeça do concelho — para noroéste.

<sup>1</sup> Tanto a carta como a traducção foram publicadas no *Portomozense*. Mas, na traducção, acceitei algumas substituições que me foram indicadas, particularmente, pelo proprio auctor da carta.

Em Torres Novas ha alquiladores que proporcionam facil condução em trem.

A 25 de março de 1904 inaugurou-se solemnemente a estação telegraphica e a aula de instrucção primaria para o sexo masculino.

Minde tem sido berço de muitos homens que subiram a elevada posição social, taes como bispos, prégadores regios, magistrados, etc.

Repetidas vezes dizia um virtuoso varatojano, que de tantas povoações pequenas, existentes na provincia da Extremadura, apenas tres se distinguiam pelo talento dos seus filhos: Minde, Peniche e Porto de Mós, e accrescentava — «talvez por as bafejar a brisa da mesma serra (a de Ayre).»

Tambem alguns mindericos ficaram na memoria do povo pela sua riqueza e bondoso animo. Um d'elles foi João Barreiros, honrado e opulento proprietario, de que ainda falam o seu solar <sup>1</sup>, o grande largo a que os mindericos chamam *Canto de João Barreiros*, e até algumas locuções proverbias que permanecem na giria local, por exemplo: *O covano é João Barreiros*. (Este homem é muito rico) <sup>2</sup>.

---

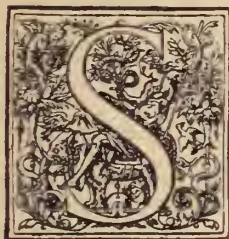
<sup>1</sup> Hoje pertencente aos herdeiros de Antonio Capaz Cecilio.

<sup>2</sup> João Barreiros foi ascendente da avó do conselheiro Antonio Duarte Marques Barreiros, juiz do Tribunal da Relação de Lisboa.





## Ourem.—Villa Nova d'Ourem



ão duas as villas de Ourem, como na India portugueza são duas as cidades de Goa, a velha e a nova.

Ourem, a villa antiga, constitue uma freguezia, cujo orago é Nossa Senhora da Visitação, e tem 4.517 habitantes.

Villa Nova de Ourem constitue tambem uma freguezia, da invocação de Nossa Senhora da Piedade, e tem uma população de 2.632 moradores.

Mas, com ser menos populosa, a villa nova supplantou a villa velha, pois é cabeça de concelho e de comarca.

O concelho, chamado de Villa Nova de Ourem, pertence ao districto de Santarem, tem 25.527 habitantes, e compõe-se das seguintes freguezias, além d'aquellas duas: Ceissa, Espite, Fatima, Formigaes, Freixianda, Olival e Rio de Couros.

Entre a villa velha e a villa nova medea uma distancia de cêrca de 3 kilometros, em planicie. A situação das duas villas permite-lhes que se avistem uma á outra.

A villa velha pousa no alto de um monte de difficil accesso, e bastava esta circumstancia para explicar a existencia ali de um castello, nucleo primitivo de uma povoação fortificada.

O castello está hoje em ruinas.

Diz-se que Affonso Henriques, conseguindo tomar aos mouros esta povoação, immediatamente tratou de circuital-a com muralhas e de construir o castello.

Colhe, todavia, uma observação de Vilhena Barbosa: «Se attendermos, porém, ao costume que os mouros tinham, e que era uma necessidade d'aquelles tempos, de pôr as suas povoações a coberto de qualquer surpresa dos christãos, deveremos suppor, que não se teriam descuidado de fortalecer com muralhas e castello um ponto como aquelle, tão apto para a defesa, e por conseguinte tão importante n'uma epoca em que os sobresaltos da guerra constituíam uma das phases mais constantes do viver dos povos.»

Tambem nos parece que a fortificação de Ourem procedeu de epoca anterior á fundação da monarchia portugueza.

Os romanos certamente não desaproveitariam as vantagens do sitio para n'elle adificar um castro. Depois, os mouros, renovando ou não o castro, ali se fortificariam. Vencidos mais tarde pelos christãos, Affonso Henriques restauraria ou até ampliaria a alcáçova.

Como quer que seja, a «villa antiga» traz-nos á memoria a epopea, guerreira e religiosa, da expulsão dos mouros, sem lhe faltar sequer o drama de amor, tão vulgar n'essa epoca, entre um cavalleiro christão e uma formosa moura.

O que as chronicas dizem de positivo é que D. Affonso Henriques ganhou aos mouros Ourem, que então se chamava *Abdegas*, cuja jurisdicção ecclesiastica doou ao mosteiro de Santa Cruz de Coímbra. Depois doou o senhorio da villa a sua filha D. Tareja, a qual lhe deu foral em março de 1180, éra de Christo. Tres annos volvidos, a donataria confirmou a doação feita por seu pai áquelle mosteiro da jurisdicção e rendas

ecclesiasticas da villa, a que mudou o nome para Ourem.<sup>1</sup>

O culto christão em *Abdegas* havia sido iniciado pelo proprio Affonso Henriques na igreja que mandou edificar em honra de Santa Maria (Nossa Senhora).

Havia um parcho e dois conegos.

Tendo porém crescido a população de Ourem, o prior-mór da Ordem dos Cruzios instituiu uma collegiada, que se compunha de oito conegos, mandando para este effeito edificar claustro, dormitorio, refeitório e mais officinas.



174 — Um trecho da villa de Ourem

O primeiro prior da collegiada foi o mestre D. Pedro João, natural de Evora (1193).<sup>2</sup>

Vamos agora á lenda amorosa.

O cavalleiro christão, que n'ella figura, é nada menos que o brilhante Gonçalo Hermigues, o heroe da velha canção lusitana, *Traga-Mouros* ou *Traga Mouro* por alcunha.

Conta a lenda que ahi pelos ultimos tempos do reinado de Affonso Henriques, e n'uma lêda manhã de S. João, Gonçalo Hermigues, tão valoroso como gentil cavalleiro, fôra com outros, não menos assignalados christãos, navegando Sado arriba, para realisar uma empresa galante em Alcacer do Sal.

N'aquella manhã de folguedos tradicionaes — pois que até a mourama festeja S. João — deviam abrir-se as portas da villa e as lindas mouras sahir ao campo a colher as flores rociadas pela aurora com o orvalho que, n'esse dia, tem condão maravilhoso.

Gonçalo Hermigues procurava encontrar a realidade de um ideal de belleza feminina com que havia sonhado; os outros, seus companheiros, contentar-se iam com umas horas de ardente volupia nos braços das bellas captivas que o acaso lhes deparasse.

Emboscados, os cavalleiros christãos aguardaram o momento de dar o assalto.

<sup>1</sup> *Monarc. Lusit.*, appendice á Parte Quinta, pag. 325.

<sup>2</sup> *Chronica da ordem dos conegos regrantes*, Parte Primeira, vol. V, cap. XIV.

Tiveram tempo de observar as mouras, sem que ellas os pudessem vêr. Gonçalo Hermigues logo fez eleição de uma, que parecia destinada a realisar todo o seu ideal.

Chegou o momento opportuno de fazer o rapto. O *Traga-Mouros* sai do esconde-rijo, avançando ao encontro da sua eleita. E agora vereis como o caso se passou, segundo a graciosa versão de Garrett :

«Seguem-n'ò os outros de tropel. O espanto corta a voz e intorpece os passos das mouras. Cada qual dos cavalleiros toma a sua nos braços. Já se vê qual levaria Gonsallo Hermigues.

«Corriam para os seus bateis. Levanta-se o alarido das mouras, que ficavam, aco-dem os pais e os irmãos. . . e os bemdittos maridos tambem, que vinham sahindo da villa.



175 — Outro trecho da villa de Ourem

Cresce a chusma dos mouros. Já andam no ar as espadas e os alfanges. Trava-se renhida a peleija. Mas os christãos chegam com a sua prêsa aos bateis. Todos não! Gonsallo Hermigues, para salvar os companheiros, teve de largar a preciosa carga que lhe não deixava livre o jogo da espada.

«— Embarcae e tende-vos com os bateis sem largar.

«E, só, investe com um tropel de mouros que se lhe põe de diante, rompe-os e vai apoz um galhardo e possante mancebo que já lhe fugia com a sua Oriana.

«A jovem belleza ia desmaiada nos braços do seu salvador — era o esposo que lhe estava destinado, ricco e poderoso senhor de muitas terras d'alem Tejo. — O mouro corria, mas Hermigues voava. Já estão junctos; o arabe treme de raiva e de despeito, sobre um combro de areia que alli viu mais a geito depõe a desmaiada belleza, e começa um tremendo duello de morte em que toda a sanha de christão a mouro, todo o odio e todo o valor das duas raças inimigas pozeram o ultimo de sua terrivel potencia.

«Mas o Traga-Mouro venceu; a estrella do destino era sua. Com a ultima luz que lhe foge dos olhos, o arabe viu fugir o christão levando o premio do combate.

«Ninguem se tem diante d'aquella espada; os mouros fogem como aterrados de

um poder sôbre-humano, confundidos pela pasmosa audacia de um só homem contra tantos. Gonsallo Hermigues está nos bateis e os bateis a vogar.»

Depois de ter lido esta scintillante prosa de Garrett, já o leitor se encontra ráhilitado a entender o sentido da velha canção lusitana, primicia poetica da nossa lingua, canção em que o proprio Gonsallo Hermigues conta o seu feito, e que o mesmo Garrett, sobre a interpretação de outros escriptores, transpoz ao portuguez moderno:

Ora vos tenho, ora não,  
E um a um elles que chegam !  
Já me apanhaes e já não...  
D'aqui largam, e d'ali pegam,  
Que anda tudo ao repellão.

Por mil goivos retoicando  
Ai, ai, que vos avistei !...  
Já sei por que ando lidando,  
Que em taes terras, bem pensei  
Melhor fructo não verei.

Oriana, Oriana, oh, tem por certo  
Que esta vida, do viver,  
Toda em ti se olvidou n'aquelle apêrto.  
E o que, em troco, eu vim a haver  
Não ha mais para se vêr. <sup>1</sup>

E' o rapto de Oriana, a briga com os mouros, e o encanto em que ficou Gonçalo Hermigues na posse da sua bella captiva, que trouxe depois para bem longe do Sado.

Chamava-se ella Fatima, na mourama; Oriana foi o nome christão que recebeu, quando, rendida aos extremos de carinhosa dedicação, com que Gonsallo Hermigues enternecidamente a amou, toda d'alma e corpo se entregou a elle, e acceitou a nossa fé para o desposar.

Diz mais a lenda que o nome de Oriana, ou Ouriana, por corrupção de vocabulo se transformou em Ourem.

E' uma etymologia como qualquer outra, mas, sequer ao menos, ternamente poetica.

Este drama de amor pedia um desfecho condigno, e teve-o: Oriana viveu pouco e Gonsallo Hermigues, inconsolavelmente saudoso, foi vestir o habito de S. Bernardo em Alcobaça.

Resta dizer que uma das freguezias do concelho ainda hoje conserva o nome de Fatima (Santo Antonio de).

O que é certo é que Ourem, a antiga, se tornou, não só por esta lenda, mas por muitos outros titulos, uma villa nobre e notavel.

Foi para o seu castello, já então guarnecido pela gente do conde de Bolonha, que o audaz raptor de D. Mecia Lopes de Haro, Raymundo Viegas Portocarrero, a conduziu depois de a haver arrancado em Coimbra do proprio leito de Sancho II.

O rei marchou sem demora para Ourem, a fim de libertar a rainha. Ordenou que lhe abrissem as portas. Mas do castello responderam-lhe com settas e pedradas, que o afugentaram.

Sancho II teve de retirar-se, desacatado.

Perdeu a mulher; e não tardou a perder a corôa.

<sup>1</sup> *Escriptos diversos do V. de Almeida Garrett*, 1877, pag. 191.

D. Pedro I erigiu a villa em condado a favor de D. João Affonso Tello de Menezes, irmão da famosa e formosa Leonor Telles.

El-rei D. Fernando fez conde de Ourem o amante d'ella, esse sinistro João Fernandes Andeiro, que conseguiu receber favores do rei por os merecer á rainha.

D. João I purificou o condado de Ourem dando o, em premio de muitos e gloriosos serviços, ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Este, por sua vez, declinou-o mais tarde em favor de seu neto D. Affonso, filho primogenito do primeiro duque de Bragança.

O mais moderno foral que teve Ourem concedeu-lh'o D. Pedro II em 1695.

Ourem compoz-se de quatro parochias que por iniciativa de D. Affonso, neto do condestavel e de D. João I, foram reunidas á collegiada, a qual subsistiu até 1834, anno da sua extincção.

Ao respectivo templo chama-se ainda hoje, na antiga villa de Ourem — a Sé <sup>1</sup>.

Quando lá se quer dar a perceber que uma pessoa tem muita idade, costuma dizer-se:

— E' mais velha que a Sé de Ourem.

No norte do paiz diz-se: Mais velha que a Sé de Braga.

O templo da Sé de Ourem está menos mal conservado.

Entre as preciosidades da antiga collegiada avulta o famoso relicario, que lhe foi doado por aquelle mesmo D. Affonso.

Os duques de Bragança tiveram paços em Ourem. Junto d'estes paços havia dois castellos unidos por grossas paredes, de modo que pareciam um só. Entre elles media-va uma cisterna.

D. João IV fundou uma nova igreja parochial.

Todos estes edificios, e ainda outros, foram arruinados pelo grande terremoto de 1755, que se fez aqui sentir medonhamente.

O povo da villa, espavorido pela catastrophe tremenda, procurou abrigo nas povoações proximas, uma das quaes era a Aldea da Cruz.

Esta povoação teve primeiro o nome de Pedella, e só depois da batalha de Aljubarrota é que tomou o de Aldea da Cruz.

Por que? Diz-se em duas palavras.

O Mestre d'Aviz, dirigindo se ao encontro dos castelhanos, passou por Ourem. Ganha a batalha de Aljubarrota, o condestavel tornou por Ourem, onde soube que seu irmão D. Pedro, mestre de Calatrava, tinha sido morto na batalha, ao serviço de Castella.

Para suffragar a alma do irmão mandou Nuno Alvares erigir no sitio do Carvalhal uma cruz de pedra.

D'aqui veio o chamar-se a Pedella — Aldea de ao Pé da Cruz e depois, por abreviatura, Aldea da Cruz.

Tratou-se de reconstruir em seguida ao terremoto a villa de Ourem. El-rei D. José mandou de Lisboa operarios, que logo cuidaram de reedificar a igreja parochial.

Comtudo muitos dos edificios da villa ficaram sempre em ruinas.

Era em Ourem a cadea da comarca <sup>2</sup>. A este edificio ligava-se uma lenda piedosa — a de uma santa, de nome Thereza, que nascera em 1220, no logar de Azambujal,

<sup>1</sup> A collegiada foi extincta em 1834, passando os seus bens em 1850 para o seminario de Leiria.

<sup>2</sup> Li recentemente esta noticia: que os presos evadiram-se inesperadamente, n'uma madrugada, e depois de visitar suas familias foram recolher-se n'umas dependencias dos paços do concelho, em Villa Nova de Ourem, para não mais voltarem á sua antiga residencia. E' original! Como já não existe a pena de morte, pouco se lhes deu de Santa Thereza.

termo de Ourem. Ficando orphã, adoptou-a o prior, que lhe mandou fazer uma casa dentro da torre da cisterna, ao sul, onde a bem-aventurada falleceu a 3 de setembro de 1266.

Tendo sido demolida a casa, aproveitaram-se os materiaes na construcção da cadeia, e o povo cria que nenhum preso, por influencia da santa, teria morte affrontosa no patibulo.

Na encosta do monte houve um convento de Santo Antonio, que D. João V reconstruiu.

E mais abaixo, no caminho da Corredoura, a celebre *Fonte dos namorados*, que desde 1800 deixou de ser publica.

Faziam-se na villa velha, com grande apparato, os Passos da Paixão, representados «ao vivo» por mulheres e homens.

Esta solemnidade chamava ali muita gente.

Hoje, na antiga Ourem, celebra-se com muito luzimento, no mez de agosto, a festa do Sagrado Coração de Jesus.

Posteriormente ao terremoto, novos acontecimentos haviam de obstar á completa renascença da primitiva e prestigiosa villa de Ourem.

Um d'elles foi a terceira invasão franceza. Os soldados de Masséna despojaram e incendiaram a villa.

No tempo da guerra civil entre miguelistas e liberaes, tambem Ourem soffreu prejuizos e destroços.

Aconteceu que a «villa antiga» nunca mais pôde rehabilitar-se e que a humilde Pedella d'outr'ora, depois Aldea da Cruz, foi prosperando tão acrescida em vantagens e regalias, que em 1831 era parochia <sup>1</sup>, em 1841 agraciada com o titulo de Villa Nova de Ourem <sup>2</sup>, e hoje é cabeça de concelho, e de comarca de 3.ª classe.



176 — Capella-mór da igreja matriz

A «villa nova» está situada em uma baixa, na margem esquerda da ribeira de Ceissa, ao norte da «villa velha».

E' grande, e importante.

Assim, pois, como aconteceu na India portugueza, onde a nova Gôa desthronou a Gôa antiga, Villa Nova de Ourem, deixando á velha Ourem as suas tradições historicas, concentrou em si todo o movimento administrativo e judicial do concelho e da comarca.

<sup>1</sup> A instituição da parochia data de 1828; mas o primeiro parcho, effectivo, foi nomeado em 1831.

<sup>2</sup> Carta de lei de 30 de setembro.

Esta supremacia já de antiga data se fazia prever, pois se sabe que muito antes de 1825 residiam na Aldea da Cruz as principaes auctoridades da villa de Ourem.

Ha em a nova Ourem um amplo templo parochial, erigido no local da antiga capella de Nossa Senhora da Piedade.

Foi começado em 1859.

Tem cinco altares. As imagens são de boa esculptura, e mais antigas que o templo. Destaca-se entre as outras a de Nossa Senhora da Piedade, que se venera á bocca do camarim da capella mór.

O cemiterio, riscado com largueza, fica fóra da villa.

As principaes festas religiosas que se celebram em a nova Ourem são a de Nossa Senhora da Piedade na igreja parochial; a de Nossa Senhora do Livramento no lugar de Valle Travêsso; e a de Nossa Senhora das Mercês no lugar de Alqueidão.

Festa fixa é sómente a de Valle Travêsso: realisa-se em domingo magro.

O mercado das quintas feiras pode considerar se um dos mais importantes da Extremadura: a elle concorrem os povos de Torres Novas, Leiria, Thomar, e outros das localidades circumvizinhas.

Está dividido em secções, o mercado.

Na Praça Mousinho de Albuquerque localisa-se o de gallinhas, ovos, coelhos, e diversa caça miuda.

Na Praça Antonio Rodrigues Sampaio, o de fazendas.

Na Praça de Victorino de Carvalho, o de cereaes e quinquilharias.

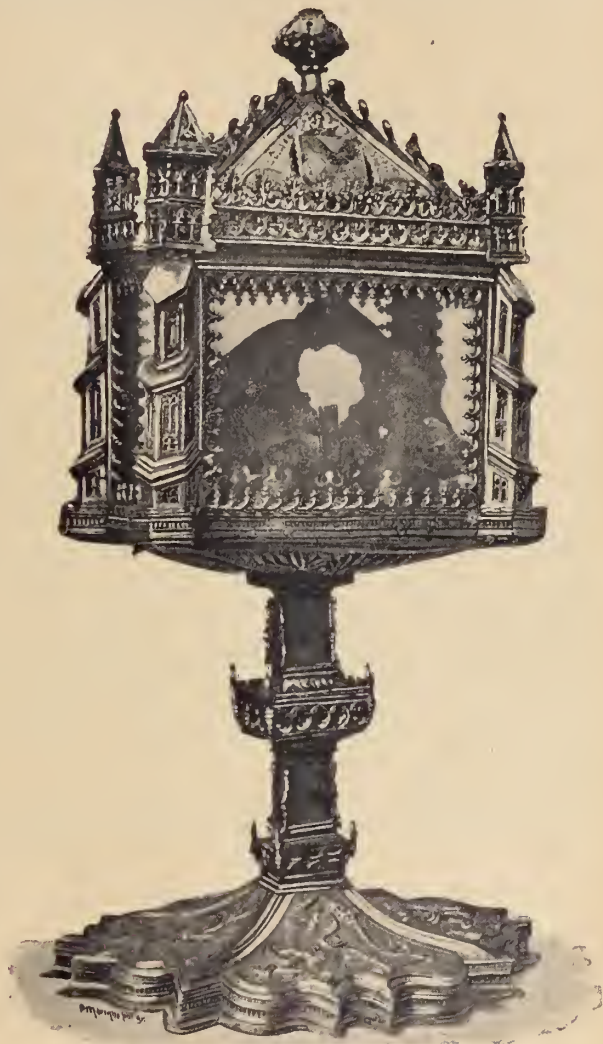
No Largo Conde de Ferreira, o de gado suino. (N'este largo tambem se faz no dia 3 de cada mez um mercado de gado cavallar, bovino e asinino).

No Largo da Louça, vendem-se productos de ceramica e faiança.

Os melhores predios de Villa Nova de Ourem são: o de Mariano de Lemos, primeiro proprietario da freguezia; o de Francisco Borja, onde está installada a estação telegrapho-postal e uma escola do sexo feminino; o de José Maria Fernandes, que n'elle habita; outro, do mesmo proprietario, onde reside o sr. dr. Barjona de Freitas, medico, que succedeu a seu pai, o conselheiro Barjona de Freitas, no pariato; finalmente, o dos herdeiros de Ezequiel Ritto.

Alem da escola para o sexo feminino, ha duas para o masculino, ambas no edificio Conde de Ferreira.

Não existe club ou assemblea em Villa Nova de Ourem.



177 — O relicario

Tambem não existe theatro, mas improvisam-n'o dentro de um palheiro quando os amadores dramaticos se lembram de dar alguma récita.

Praça de touros houve uma, na velha quinta da Caridade, pertencente á familia Cabêdo.

N'ella trabalharam os irmãos Robertos, e Peixinho.

Mas foi demolida em meados do seculo passado.

Philharmonica ha uma, desorganizada: ordinariamente apenas sai á rua para acompanhar ao cemiterio o cadaver de algum conterraneo estimado.

Não tem a villa nenhuma typographia; nem jornal algum, actualmente.

Mas já teve *O Meteóro*, revista quinzenal illustrada, litteraria e charadistica — agosto do 1882; e *O Ouriense* — março do mesmo anno.

A mania dos jornaes vem ás revoadas. Passa, e ninguem, durante um longo periodo de tempo, pensa mais n'isso.

Pois que falei de publicações, mencionarei já uma, e logo outra. Quero aqui referir-me a um opusculo intitulado *Album de Villa Nova de Ourem* por José Flores, Lisboa, 1894, 20 pag.

Vi annuciado um exemplar no 3.º catalogo da *Livraria antiga e moderna* de Lisboa; mas quando o procurei, já tinha sido vendido.

A estrada-rua, que conduz de Leiria a Thomar, divide-se na villa em tres ruas principaes, que são — Direita, Belfort e dos Alamos.

O hospital de Santo Agostinho é não só um estabelecimento de caridade bem organizado, mas tambem um dos melhores edificios entre os que já mencionamos.

Duas palavras sobre este hospital, que bem as merece.

Extincta a antiga misericordia de Ourem, que tinha sido instituida em 1541 por alvará do duque de Bragança e Barcellos, foram os seus rendimentos encorporados no hospital civil de Santo Agostinho, fundado em 1 de outubro de 1891 por disposição testamentaria do bacharel Agostinho Albano de Almeida, cujo fallecimento occorreu a 5 de dezembro de 1890.

A respeito do magnanimo fundador escreve Costa Goodolphim no seu livro *As Misericordias*:

«Conhecemos e muito bem este benemerito doador; era um homem da mais estremada delicadeza e bondade.

«Não nos surpreendeu o seu testamento, porque muitas vezes nos fallou n'este assumpto, e tambem muitos documentos lhe fornecemos, a fim de encontrar a forma de uma administração que lhe merecesse a mais plena confiança.

«Foi um bom e um justo.

«Modesto em toda a sua vida deixou um nome que jámais esquecerá nos annaes da caridade.

«O hospital foi installado na propriedade onde aquelle benemerito falleceu.»

A receita annual do hospital eleva-se a mais de 4:000.000 réis, e é proveniente dos juros de fundos publicos, acções de bancos e companhias, isto é, dos capitaes para este fim legados pelo fundador.

Os bens da extincta misericordia ainda em 1897 estavam em liquidação.

Não ha em a Nova Ourem nenhuma fabrica, nem industria especial.

Ramalho Ortigão diz no *Culto da arte em Portugal* que as mulheres d'esta villa «fazem ainda fitas excellentes».

E' equivoco. Ninguem ali me soube dar noticia de tal industria: nem velhos, nem moços; ninguem.

Recolhe o concelho de Villa Nova de Ourem muito trigo, centeio, milho, azeite, excellente vinho e optima fructa.



Ha n'elle varias e importantes quintas, que teem pertencido a familias illustres.

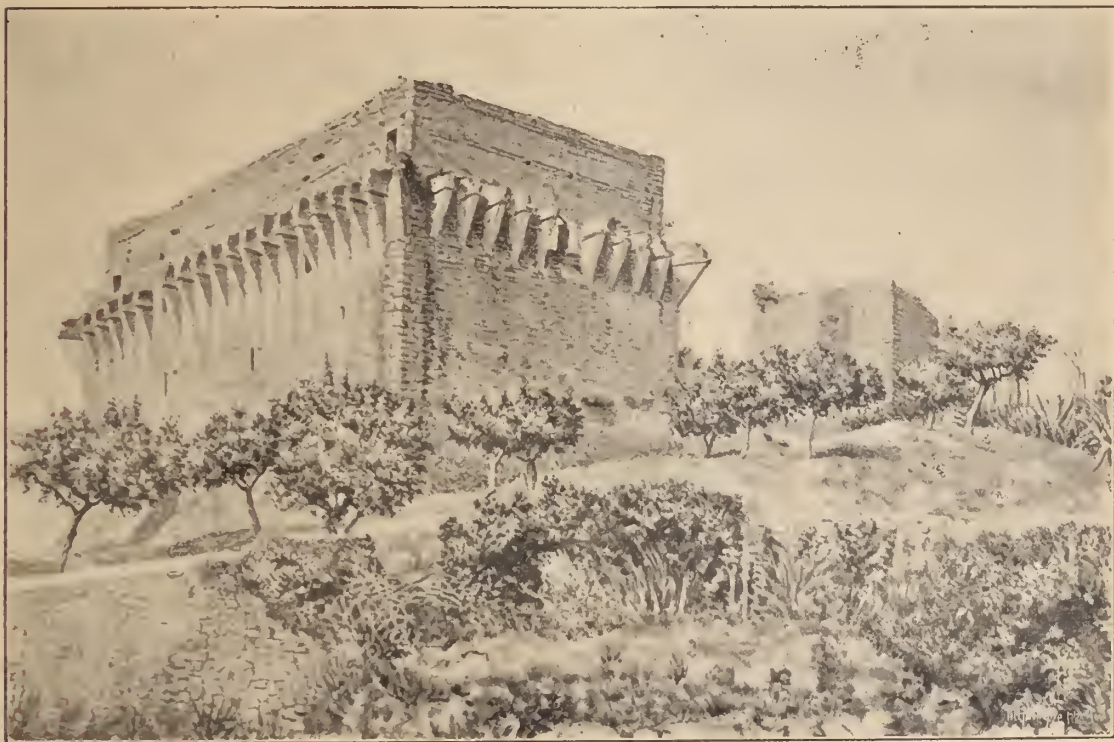
Em 20 de janeiro de 1847 foi concedido o titulo de barão de Villa Nova de Ourem ao official de artilharia José Joaquim Januario Lapa.

Por decreto de 12 de março de 1853 foi o referido titular promovido a visconde, e por carta regia de 9 de agosto de 1854 nomeado par do reino.

Este titular falleceu a 1 de junho de 1859.

Sucedeu-lhe, no viscondado, seu filho Elesbão José de Bettencourt Lapa, tambem official do exercito, o qual desempenhou, como seu pai, o cargo de governador geral da India.

Conheci-o, e honrei-me com a sua amizade.



178 — Castello de Ourem

Era um homem instruido, sincero, expansivo, e muito sympathico.

Ninguem lamenta mais do que eu os desgostos politicos que lhe amarguraram os ultimos dias da existencia.

Esses desgostos derivaram dos acontecimentos da India em 1895, revolta dos marathas, e das ordens expedidas de Lisboa pelo ministro da marinha, Ferreira de Almeida, ordens que o governador não podia cumprir por dificuldades que me parecem de todo o ponto justificadas no folheto posthumo *A revolta dos marathas em 1895* (Lisboa, 1900).

O que é certo é que elle era digno de melhor sorte, porque foi sempre um portuguez amante da sua patria.

Villa Nova de Ourem dista 9 kilometros da estação de Chão de Maçãs na linha do norte.

D'esta estação ha diligencia, a 640 réis por logar.

Em 1868 (Lisboa) o sr. José das Neves Gomes Elyseu publicou um *Esboço historico do concelho de Villa Nova de Ourem*.

Ainda não pude haver á mão este livro.

Em uma das freguezias de Villa Nova de Ourem, a do Olival, ha uma capella historica: é a de Nossa Senhora do Testinho, no logar do Estreito.

Diz se que o conde de Castel-Melhor, perseguido pelos seus inimigos politicos, que eram os de Affonso VI, viera refugiar se, disfarçado em camponez, n'aquelle logar.

Mas, por acaso ou de proposito, algum o encontrou ali, e parece que, não obstante o disfarce, o reconheceu. O conde fugiu logo, e foi occultar-se n'um valle onde corre uma fonte; mas teria sido preso, se um carreiro o não occultasse debaixo de uma ruma de matto. Só assim pôde o conde salvar-se, pelo que prometteu erigir n'aquelle logar uma capella a Nossa Senhora do Testinho, cuja imagem trazia sempre comsigo. Uma inscripção da capella testemunha este facto.



## Ferreira do Zézere



ESTA villa, cabeça do concelho do seu nome, está situada na margem direita do Zézere sobre a chapada de um outeiro.

Entre a villa e o rio medea uma distancia de mais de dez kilometros, talvez.

A região é montanhosa e agreste, especialmente quando se vai aproximando do Zézere.

Comtudo a villa tem boas e airosas entradas, tanto para o lado de Thomar como de Aguas Bellas.

As estradas são lindamente arborisadas de eucalyptos.

O nome — Ferreira do Zézere — derivaria talvez de haver aqui minas de ferro, razão explicativa de igual denominação em outras localidades.

E não são poucas as que em Portugal teem o nome de Ferreira.

Foram senhores de Ferreira do Zézere, nò seculo XIII, os proprietarios de uma herdade chamada de Ozezar, á beira do rio. Eram marido e mulher: d'elle se sabe apenas que se chamava Pedro; ella era Maria Vasques. Uns dizem-n'ò fidalgo; outros ferreiro. Pinho Leal pende mais para a hypothese da fidalguia. Parece que estes conjuges fizeram varias doaçõ:s aos Templarios, os quaes trataram de fundar a povoação.

O Mestre D. Gualdim Paes teria dado foral a Ferreira do Zézere; e elrei D. Manuel havel o-ia renovado elevando-a á categoria de villa.

Outros opinam que esta segunda mercê fôra mais antiga.

Os freires de Christo, succedendo aos Templarios, receberam a commenda de Ferreira, comprehendida no tombo dos bens que passaram de uma a outra ordem.

Os commendatarios eram os condes de Sarzedas, tambem alcaides-móres.

A villa é pequena, e habitualmente desanimada.

A maior parte das familias abastadas tem construido predios e adquirido propriedades nos arredores, onde residem habitualmente.

Ha em Ferreira do Zézere uma Praça, que se denomina «João Franco» e é circumscripta por frondosas arvores de boa sombra.

N'este recinto se realiza aos domingos o mercado semanal, muito concorrido e abundante em generos de consumo, principalmente milho.

Pode dizer-se com verdade que os lojistas estabelecidos na villa só ao domingo fazem negocio, por causa do mercado.

A igreja parochial, que tem por orago S. Miguel, apenas merece o epitheto de modesta.

Os paços do concelho, situados na Praça, são de regular apparencia.

Ha o hospital de Todos os Santos, que foi modernamente construido á custa de subsidios de particulares e por iniciativa e esforços do fallecido medico dr. Guilherme de Faria Godinho, que angariou aquelles subsidios e dirigiu a construcção.

O edificio deve ter custado, aproximadamente, 8:000\$000 réis.



179 — Paços do Concelho

Tambem ha uma escola para o sexo feminino e outra para o sexo masculino.

Esta ultima é Conde de Ferreira.

Fazem-se na villa duas feiras annuaes, nos dias de S. Miguel e S. Braz.

Ferreira do Zézere era outr'ora a região dos castanheiros, possuia extensos souts bravos, cuja madeira constituia uma fonte de riqueza. Hoje, essa bella arvore, quazi extincta nas provincias septentrionaes do paiz, achase reduzida, n'esta região meridional, a 60 por cento ou talvez mais.

Castanheiro venerando, cada um dos teus enormes troncos chegava a dar tanta sombra como uma floresta inteira.

Eras grande, imponente, frondoso, inabalavel; o teu fructo era a alegria do povo, que o festejava annualmente em ruidosos magustos desde o dia de Todos-os-Santos até ao S. Martinho; era a tentação gulosa dos rapazes da aldea, que metralhavam á pedrada os ouriços, quando já a maturidade os entre-abria provocantes; a tua madeira fornecia os eternos vigamentos, os resistentes soalhos, as invenciveis portas e os seculares arcazes: — era a madeira que maior confiança inspirava a todos os portuguezes, quando queriam construir para toda a sua geração.

Dois poetas nossos te cantaram soberbamente, Antonio d'Azevedo Castello Branco e Guerra Junqueiro.

O primeiro viu-te gloriosamente de pé, testemunha dos seculos, zombando d'elles como um colosso impávido:

N'um antigo foral da meia idade,  
Achado nos archivos d'um mosteiro,  
Dava-se como termo d'uma herdade  
Este gigante e velho castanheiro.

Por baixo de seus ramos frondejantes  
Passaram os corceis dos almohades,  
Como passam as nuvens trovejantes,  
Os negros galeões das tempestades.

Viu as lides sangrentas da nobreza,  
Ricos-homens, barões, as arrancadas  
Dos filhos do Islam pela deveza,  
E o desabar das povoa assoladas.

Viu as luctas da cruz e do crescente,  
E o renascer das villas e casaes  
Na terra que tornara independente  
O rude pelear de nossos paes.

E ainda em pé, no topo da collina,  
Com o tronco encravado nos rochedos,  
Florestas, souts, matagaes, domina  
Como um altivo rei dos arvoredos.

Triumphaste do tempo e das procellas.  
Mas vais cair, ó velho castanheiro,  
Porque tiras as vistas das janellas  
E ensombraes o chalet d'um brazileiro!

Depois, Antonio de Azevedo chorou uma terna elegia sobre o *Castanhal sécco*, sobre

a queda e a morte «do altivo rei dos arvoredos», que deixava um vacuo insubstituivel nos bosques de Portugal:

Floriram os pecegueiros,  
Mostram já seus tenros pomos;  
Mas os velhos castanheiros  
Não têm gomos.

Qual a mãe que o filho engeite  
Sobre o chão dos infelizes,  
Terra-mater não dá leite  
A's raizes.

E por isso o vento-norte,  
Ao passar pelos gigantes,  
Vai gemendo uns ais de morte  
Ululantes.

Pelo estio, as bastas franças  
Não darão a fresca sombra  
Para haver jogos e danças  
Sobre a alfombra.

Pelo tempo dos amores,  
Fugirão os passarinhos  
A buscar sitios melhores  
Para os ninhos.

Só talvez o môcho aviste  
O buraco em que se acoite  
A gemer, lugubre e triste,  
Alta noite.

Guerra Junqueiro cantou nos *Simples* o castanheiro morto, com uma tão enterne-cida unção poetica, que parece collocar-nos, pela funda emoção que nos deixa, deante de um cadaver abençoado, para o venerarmos:

Castanheiro morto! que é da vida estranha  
Que no ovario exiguo d'uma flor nasceu,  
E criou raizes, e se fez tamanha,  
Que trezentos annos sobre uma montanha  
Seus trezentos braços de colos-o ergueu.  
.....

Em casal de serras arde o castanheiro,  
Lampada de pobres a fazer serão;  
De redor do grande, festival braseiro,  
A velhinha, o velho, o lavrador trigueiro,  
A mulher, os filhos, o bichano e o cão.

Queima-se o gigante, rude centenário,  
Que jámais os astros hão-de ver florir...  
E do seu cadaver o esplendor mortuario  
Faz d'essa choupana quasi que um sacrario  
Com uma alma d'oiro dentro d'ella a rir! ..

Tem o velho ao collo o seu netinho doente,  
— Morte negra, foge do telhado, ó, ó... —  
E no lar as brasas simultaneamente  
Dizem para o anjo: — tudo é oiro ardente...  
Dizem para o velho: — tudo é cinza e pó!...

Quantas vezes, quantas! por manhãs radiantes  
Em pequeno, alegre como um colibri,  
Não trepara aos braços todos verdejantes  
D'esse castanheiro, que n'alguns instantes  
Ha-de vêr em cinzas já desfeito ali!...

Quantas vezes, quantas! lhe bailara em torno!  
Quantas noites, quantas! elle ali dormia  
Pelo mez das ceifas, quando o luar é morno,  
E das restolhadas, quentes como um forno,  
Se evolvam cheiros d'arreçã bravia!...

Como não sentir um entranhado affecto,  
Como não amal-o com veneração,  
Se lhe dera a trave que sustenta o tecto,  
Se lhe dera o berço onde repouisa o neto,  
E se lhe dera a tulha onde arrecada o pão!

Fez com elle o jugo e fez com elle o arado,  
Fez com elle as portas contra os vendavaes;  
E com elle é feito o velho leito amado,  
Onde se deitara para o seu noivado;  
E onde já morreram seus avós, seus paes!

Procurou-se por toda a parte valer á fallencia dos castanheiros com a aclimação de uma arvore estrangeira: o eucalypto, alta myrtacea australiana, de haste lisa e direita, com botões floraes que fazem lembrar botões de casaco e um fructo que não serve para comer — para cozer e assar como servia a castanha.

Ah! não era a mesma coisa!

Os olhos dos portuguezes durante muitos annos mal puderam habituar-se a vêr esse adventicio vegetal, que vinha succeder ao nobre e venerando castanheiro, todo elle madeira boa, porque uma duzia de castanhas, ingeridas no estomago de um homem sadio, eram como um palmo de madeira que o rato da fome se entretinha a roêr.

Ramel em França e o sr. Oliveira Junior no Porto bem se esforçaram a recomen-dar aos silvicultores a adopção do *Eucalyptus globulus*, encarecendo o seu rapido desen-

volvimento, a solidez do seu tronco, o prestimo da sua casca para o cortimento de cabedaes e pelles, e até a virtude medicinal das suas folhas para combater febres intermittentes.

O povo olhava para os primeiros eucalyptos que tinham vindo, e custava-lhe a segui-los com a vista no espaço, tão altos eram.



180 — Igreja parochial

Tinha a impressão de ver gigantes estranhos, creados em terras novas e poderosamente fecundas da Oceania, em regiões remotas e longinquoas, ficando por isso abalado por aquella receosa desconfiança que sempre nos assalta deante do desconhecido. A saudade do castanheiro moribundo pungia-o, amargurava-o, e o povo dizia ccm-sigo mesmo: «O' castanheiro patriarchal, o teu logar ficará vazio em todos os nossos pomares; tu não eras tão alto, não tinhas cheiro, nem botões de casaco; mas eras grosso e robusto como certos

portuguezes atarracados que se enchem de filhos e de netos. Tu enchias te de frondes; parecias um guarda-sol aberto. Davas sombra, davas madeira e, ainda por cima, davas castanhas».

O que é certo é que o eucalypto nunca se tornou uma arvore querida do povo, e que a sua madeira, nas construcções portuguezas, não logrou supprir a do castanheiro.

Foi apenas empregado para arborisação ornamental de estradas e, diga-se a verdade, a muitas deu um aspecto lindo, uniformemente pittoresco. Aqui o estamos vendo em Ferreira do Zézere tanto nas entradas da villa, como na alamêda.

Ao norte de Ferreira encontra-se um grupo de edificações modernas, a que se dá o nome de *Casas novas*.

Se o leitor tiver paciencia para apear-se do trem, pergunte pelo sr. «Filippe das Casas Novas» e, avistando-o, peça-lhe que lhe mostre a notavel custodia da antiga igreja de Aguas Bellas, rico objecto lithurgico que já esteve em Lisboa por occasião da exposição de arte ornamental (1882).

Guardemos para mais tarde o falar de Aguas-Bellas, que ficam entre Ferreira e a interessante região «dos Valles».

O passeio aos «Valles» é obrigatorio, e muito agradável.

De mais a mais, ha aqui uma estalagem para descanso e refresco, onde páram as diligencias que seguem para a Beira Baixa, e que já teve a honra de contar entre os seus hospedes elrei D. Carlos por occasião de uma caçada.

E' uma simples pousada, mas esculpuloza de asseio: recusa-se absolutamente a receber tuberculosos para evitar o contagio.

Em toda esta região se caça o javali.

A margem esquerda do Zézere, do lado da Beira, é mais accidentada que a direita.

O porco bravo atravessa o rio a nado e vem fazer incursões devastadoras no concelho de Ferreira, em Paio Mendes, Dornes, etc.



181—O mercado dos domingos

Algumas vezes o invasor cresce tanto em audacia, que não só de noite, mas tambem de dia, corre as terras exercendo a sua obra de destruição.

Organisam-se então caçadas para dar cabo dos javalis e obstar a maiores estragos.

Nos «Valles» alvejam duas aldeas, Bésteira de Baixo e Bésteira de Cima.

O «Valle da Ursa» fica ao pé da ponte do Zézere, entestando com a Beira; de frente, em territorio beirão, recorta-se a serra da Mindeira.

O sr. Alfredo Keil é um dos mais apaixonados *habitués* d'esta região, que frequenta todos os annos pelo estic.

N'este momento prepara elle um livro de versos, *Flores da serra*, cujos assumptos são em parte colhidos no concelho de Ferreira do Zézere.<sup>4</sup>

No aro de Ferreira, á beira do Zézere, ha um alto cabeço em cujo topo se levanta uma antiga ermida dedicada a S. Pedro.

A esta ermida concorrem annualmente muitas romagens.

Diz-se que no logar da Castanheira, á margem do rio, houvera outr'ora um convento da Ordem de S. Bernardo, e que das suas ruinas se aproveitou alguma cantaria para construir a ermida de S. Pedro.

O palacio dos commendadores ficava no sitio chamado «O Pomar.»

Ferreira do Zézere é terra sadia, bem arejada do vento norte. Tambem é fecunda. Recolhe azeite, cereaes, legumes, fructas e vinho.

O rio Zézere fornece-a de peixe.

A villa tem estradas para a Certã e Thomar; d'esta cidade dista 12 kilometros.

Ha na villa uma banda de musica, que se denomina Philharmonica Ferreirense.

O concelho tem 13.627 habitantes, e compõe-se das freguezias de Aguas Bellas, Areias, Bêco de Santo Aleixo, Chãos, Dornes, Ferreira do Zézere, Igreja Nova do Sobral, Paio Mendes, e Pias, que pertencem judicialmente á comarca de Thomar e ecclesiasticamente á diocese de Coimbra.

A freguezia de Ferreira, cujo orago é S. Miguel, contém uma população de 2.255 almas.

A freguezia de Aguas Bellas, que, como já tivemos occasião de dizer, fica entre a villa de Ferreira e os Valles, soffreu ultimamente uma alteração importante.

A sua antiga igreja parochial foi demolida, porque o sr. conde de Burnay, em virtude de promessa ou compromisso eleitoral, mandou fazer uma igreja nova, mas a um quarto de légua da antiga.

O risco do templo moderno é do architecto italiano sr. Bigaglia, professor da escola *Affonso Domingues*.

A freguezia (orago Nossa Senhora da Graça) está situada a um kilometro da cabeça do concelho para noroéste. A sua população actual é de 1.329 habitantes.

Esta povoação de Aguas-Bellas foi outr'ora villa.

O Padre Carvalho, na *Corografia*, diz-nos a proposito:

«El-rei D. João o Primeiro a fez Villa, e lhe poz o nome de Aguas-Bellas pela bondade de suas aguas, indo em companhia do Condestable D. Nuno Alvares Pereira.»

Foi honra e couto por antiga doação, que elrei D. Pedro I confirmou a Rodrigo Alvares Pereira, n'elle e na sua descendencia.

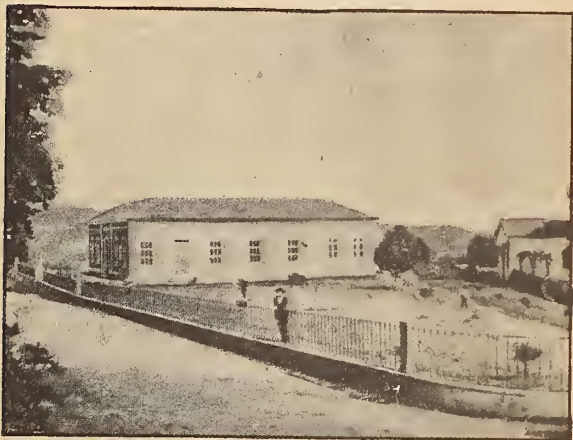


182 — Escola Conde de Ferreira

<sup>4</sup> O sr. Keil leu-me ha tres annos, em sua casa, algu nas composições d'este livro, que estava prompto para o prelo. Mas não me consta que tenha sido impresso.

Tendo morrido um dos Pereiras sem successão, a Corôa apossou-se de Aguas-Bellas, mas uma senhora da mesma familia, casada com Francisco Sodré, poz embargos e, ao cabo de largo tempo de demanda, obteve seu filho uma sentença favoravel, com o fundamento de que se tratava de bens patrimoniaes.

A antiga villa de Aguas-Bellas assenta n'uma chan, e é rodeada de bastos soutos, antigamente bastissimos, e outro muito arvoredo.



183—Hospital de Todos os Santos

O nome da povoação tem, realmente, confirmação plena na abundancia e excellencia das suas aguas.

O' cruel ironia da realidade! a agua melhor, e mais afamada, é a que gotteja da fonte do... *Piolho!*

Proximo a Aguas Bellas corre a serra chamada Valle do Asno, cuja falda o rio Zézere banha.

A 27 de agosto faz se feira franca em Aguas Bellas.

A freguezia de Areas, que tambem tem por orago Nossa Senhora da Graça,

chamou-se, em remotos tempos, Arenas das Pias.

Dista de Ferreira do Zézere 8 kilometros para noroeste, e tem uma população de 2:897 habitantes.

No lugar de Ave Casta, pouco acima da ermida de S. João, ha uma lapa, cuja entrada, aberta em arco, mede 40 palmos de largura e 15 de altura.

E' abobadada e termina n'uma especie de corredor muito escuro.

Tambem no mesmo lugar ha uma lagoa de origem pluvial.

Nos annos mais seccos semeam-lhe trigo, que produz em grande quantidade.

Na quinta actualmente chamada da Torre da Murta havia uma torre, que a lenda popular conta ter sido habitada, outr'ora, pelo gigante Gaião, ao qual se referem, acariciando fabulas velhas, alguns dos nossos antigos escriptores.

O que mais ao certo se sabe d'este famoso gigante é que elle foi alcaide de Santarem, e que n'essa qualidade referendou, em 1162, um documento de que ainda hoje temos noticia segura <sup>1</sup>.

Ahi apparece assignado — *Guiam*, appellido que se tem conservado em Portugal, embora escripto com o dythongo *ão*.

Depois, certamente, á medida que a lenda se foi apossando d'esta personagem, a pronuncia popular alterou-lhe o nome, como quazi sempre acontece.

Miguel Leitão de Andrada, na *Miscellanea*, chama-lhe Iayão, e o padre Carvalho, na *Corographia*, chama-lhe Gaião, que parece ser a forma popular fixada definitivamente.

O que deve ter dado origem á lenda foi a descompassada altura do alcaide de Santarem e o espirito de rapina que o levava a praticar excessos e violencias, pelo que seria temido e odiado.

D'aqui veio o chamarem-lhe «ladrão», pois que exigia do povo mais do que era justiça e direito.

Sobre estes elementos fundamentaes facil foi architectar uma lenda de abominação e terror.

<sup>1</sup> *Monarc. Lus*, parte 3.ª, liv. X, cap. xxiii.



Possuia Gaião, em Areas — tres léguas de Thomar, junto á ribeira de Murta — aquella famosa torre, que offerecia a singularidade de ter apenas uma portinha muito baixa na altura do primeiro sobrado.

Haveria qualquer outra entrada, secreta e subterranea, como artificio de defesa no caso de invasão?

Ninguem o sabe. Mas o povo, quando urdiu a lenda, explicou logo a seu modo o facto de não haver outra entrada ostensiva para a torre, alem d'aquella unica portinha na altura do primeiro andar.

E a explicação era esta: que o «ladrão Gaião», por ser muito alto e por fugir ao odio das suas victimas, de um salto ganhava a portinha e se mettia dentro da torre.

A lenda perdeu de vista o «alcaide» e apenas viu o «ladrão» figurando-o não como extorcionario insaciavel, mas como salteador temeroso.

E conta então que elle saltava da torre e assaltava os viandantes para os roubar. De uma vez passou por ali um homem muito pequeno.

Logo o gigante Gaião cahiu sobre elle, como uma véspera sobre qualquer mosca.

Mas o homem pequeno lembrou-se de um stratagemma: atirou a bolsa ao chão.

O gigante abaixou-se logo para apanhal-a, e então o astuto anão metteu-lhe uma faca nas entranhas.

Sentindo-se mortalmente ferido, cahiu Gaião sobre elle, mas — e com isso não contava o homem pequeno — esbarrachou-o com o peso, morrendo logo ali os dois, um do golpe, e outro da sobrecarga.

E tão certo era isto, no dizer do povo, que até algumas pedras, que ali estavam dispostas, demarcavam a sepultura de ambos.

Todos os viandantes ouviam contar, n'aquelle sitio, aos almocreves e recoveiros, que os acompanhavam e guiavam, a historia do gigante Gaião.

Fazia horror ouvil-os, porque já a lenda andava avolumada de tétricas invenções.

Olhava-se para a torre, que era quadrada e de tres sobrados, como para um edificio sinistro, habitado por uma tradição pavorosa.

Certo dia passou por ali o infante D. Luiz, filho d'elrei D. Manuel.

Ouviu contar a lenda. Mostraram-lhe o logar das sepulturas.

O infante, por curiosidade de homem intelligente ou para desilludir o terror publico, mandou excavar na terra, abrir um grande fôssco, e sorriu quando nenhuma ossada appareceu ou coisa que se parecesse com uma sepultura — menos ainda com duas.

Da torre do gigante Gaião e da vizinhança da ribeira de Murta veio á quinta o nome de — Torre da Murta.

E' visconde d'este titulo, actualmente, o sr. José Carlos Infante Correa da Silva. Alem da ribeira de Murta tambem corre na freguezia de Areas a ribeira de Pias. Nasce aqui uma fonte de aguas mineraes, que dizem efficazes para dermatoses.

Fazem-se em Areas duas feiras annuaes: uma no domingo de Paschoella; outra em quinta feira da Ascensão.

A freguezia do Bêco de Santo Aleixo fica proxima á serra de S. Paulo, dez kilometros ao norte da villa de Ferreira.



184—Procissão de S. Miguel, orago da freguezia de Ferreira

Tem uma população de 1.559 habitantes.

No seculo passado os habitantes d'esta freguezia festejavam o seu orago com danças, comedias e corridas de touros.

E' terra fertil, muito arborizada. Tinha antigamente grandes mattas de castanheiros. Exporta madeira de pinheiros e outras arvores, que vem em jangadas pelo rio Zézere até Constancia, d'onde segue para Lisboa.

Ha n'esta freguezia uma feira annual no 1.º de setembro.

S. Silvestre dos Chãos, outra freguezia do concelho, situada sobre uma pequena ribeira affluente do Nabão, dista da villa de Ferreira 12 kilometros para oéste.

Tem 1.298 habitantes.

O Padre Carvalho diz haver aqui um grande poço, que chamam da Silveira, cuja agua faz logo cair da bocca do gado as sanguessugas.

Maravilhosa agua ! que substitue assim aquella avesinha do Nilo que, vendo o crocodilo em terra, afflicto, com a bocca aberta, lhe introduz o bico na bocca e lhe extrae caridosamente as sanguessugas que o engasgavam, segundo conta Appuleio.

A freguezia da Igreja Nova tem por orago o Espirito Santo.

Está situada na estrada de Ferreira para Thomar, e dista de Ferreira 4 kilometros.

Tem 1.483 habitantes.

A fama do martyrio de Santa Sita não se localizou apenas ao sul de Thomar ; tambem avançou para o norte em direcção a Ferreira. Dizem que para o commemorar fôra outr'ora edificado na freguezia da Igreja Nova um convento da ordem de S. Francisco, sob a invocação d'aquella santa.

A freguezia de Paio Mendes parece trazer o seu nome do fundador da povoação, Paio Mendes de Vasconcellos, pessoa outr'ora muito bemquista n'estes sitios.

E' orago da parochia S. Vicente.

Habitantes, apenas 866.

A freguezia de Pias tem por orago S. Luiz, e conta 800 habitantes.

O Padre Carvalho, falando da antiga villa de Pias, diz que, apesar de pequena, era populosa pelas suas boas condições de habitabilidade.

Hoje, comtudo, a população da freguezia é inferior á de todas as outras do mesmo concelho.

Parece que o nome lhe adveio de dois tanques ou pias que um chafariz abastecia, e que estavam á entrada da povoação.

Suppõe-se haver sido fundada pelos Templarios e diz-se que D. João III, pousando aqui uma noite, ficou tão agradado do modo como o receberam, que elevou o logar á categoria de villa por alvará de 25 de fevereiro de 1534.

Recolhe cereaes, hortaliças, legumes e fructas.

As ameixas de Pias são afamadas, e boas para seccar.

Quanto á freguezia de Dornes, que falta enumerar, mencional-a hemos agora.

O aspecto da antiga villa d'este nome, escalonada n'uma ladeira fragosa da margem direita do Zézere, e afogada entre serras altas e arvoredos agrestes, tem tanto de pittoresco como de melancolico.



185—Egreja, torre e parte da povoação de Dornes, lado sul

Dizem alguns que o seu primitivo nome foi *Villa das Dores*, e este appellativo lhe quadra ainda hoje não só pelo sombrio da paizagem, como por ser Nossa Senhora do Pranto o orago da freguezia.

Uma antiga lenda diz que um virtuoso homem do lugar de Albardão,<sup>1</sup> chamado Guilherme de Pavia, fôra a Coimbra e contára á Rainha Santa ter ouvido durante certas noites, vindos da serra da Vermelha, na outra margem do Zézere, dolorosos gemidos, que insistentemente se repetiam.

D. Izabel de Aragão, que já miraculosamente estava avisada d'este estranho successo, respondeu-lhe que essas flebeis vozes eram de Nossa Senhora das Dores, cuja imagem elle havia de encontrar no lugar d'onde os gemidos partiam. Que fosse, e a procurasse na serra da Vermelha, e que depois de encontral-a a trouxesse para a margem direita, e lhe fizesse uma igreja, e fundasse ali uma villa, a que daria por nome a mesma invocação da imagem.

Dé feito, Guilherme de Pavia encontrou escondida entre mattos uma imagem de Nossa Senhora, feita d'uma só pedra, tendo nos braços Jesus-Christo morto.

Sob os auspicios da Rainha Santa edificou-se um templo, depois reconstruido por varias vezes, e junto ao templo, por impulso de uma devoção fervorosa, agrupou-se povoação, que primeiro se chamou Dores, segundo a lenda, e depois Dornes por corrupção phonetica. Tal é a versão popular.

Comtudo parece que já na epoca dos Templarios se usava o onomastico Dornes, o qual designava esta mesma

região, que fôra commenda da ordem do Templo, e posteriormente da Ordem de Christo, passando por ultimo á Casa de Bragança.

No curso do tempo a antiga invocação da imagem transmutou-se na de Senhora do Pranto, que hoje tem.

Edificado o templo no alto do penhasco que sobrancea a villa, entre o rio Zézere e a ribeira de Dornes, affluiram a breve trecho vizinhos, e logo muitos romeiros.

Mais certo talvez que a etymologia da povoação é o facto da imagem da Senhora do Pranto ter inspirado desde seculos, sem quebra que lhe trouxesse o tempo, a mais viva devoção á freguezia de que é orago e a outras circumjacentes.

Nem menos de trinta e quatro se fazem representar por outros tantos cirios, que na festa annual da Senhora concorrem a Dornes.

A villa de Ferreira, distante de Dornes 11 kilometros, manda ali um cirio, dos mais antigos e imponentes d'esta grande romaria, sempre acompanhado por muita gente a



186—Torre de Dornes

<sup>1</sup> Hoje comprehendido na freguezia de Dornes.

cavallo e outra em trens que de Thomar lhe fornece a Companhia Thomarense.

No regresso por Paio Mendes e Soutos da Eira, quazi toda esta gente faz pausa, para comer alegremente seus farneis, na quinta do dr. Mello e Castro.

A freguezia de Dornes, que pertence ao concelho de Ferreira do Zézere, contém actualmente 1.140 habitantes, sendo 562 do sexo masculino e 578 do feminino.

Elrei D. Manuel deu foral á villa.

Como dissemos, a igreja tem sido reedificada por diversas vezes; mais remotamente, que se saiba, em 1453 e 1692.

Houve outr'ora aqui um castro lusitano.

Era uma torre de vigia; hoje serve de campanario á igreja.

Não só em Dornes, como em outras estações archeologicas da região do Zézere, teem sido encontrados varios objectos que estão reunidos no Museu Ethnologico de Lisboa.

A villa constava a principio apenas de quatro ruas em forma de cruz, o que obedeceu provavelmente a um intencional symbolismo da sua origem religiosa.

Regada a léste pelo rio Zézere e a oéste pela ribeira de Dornes, esta povoação é fertil, se bem que o seja menos em cereaes do que em fructas, pastos, azeite e vinho.

As maçãs de Dornes são muito afamadas.

Diz o povo que aquella região é «a légua de terra mais rendosa que tem Portugal.»

Caça, topa-se ali abundantissima.

Em todo o concelho de Ferreira do Zézere a matta de soutos bravos mais importante é a do antigo termo de Dornes, que tem uma área de alguns hectares.

Nossa Senhora do Pranto concentra, como já dissemos, a principal attracção de visitantes e romeiros a esta villa.

O templo, onde a luz do dia apenas entra escassamente, conserva uma especie de penumbra mysteriosa e melancolica, que bem se coaduna á invocação dolorida da sua padroeira, orago da freguezia.

A imagem de Nossa Senhora conserva-se dentro de uma maquineta, no altar-mór.

A um dos lados d'este altar ha um quadro que se attribue á escola, melhor direi talvez á epoca, do nosso Gran-Vasco.

Entre os romeiros avultam em numero as mulheres, que ali vão desabafar, junto da veneranda imagem, suas maguas de amor, ou em signal de reconhecimento levar-lhe carinhosos ex-votos, taes como a trança dos seus proprios cabellos.

Quazi todos os romeiros se condecoram com devotas medalhas.

Esta romaria é talvez aquella da Extremadura em que mais se canta. Sob este ponto de vista faz lembrar as do norte. Ao contrario do que geralmente succede no sul — a não ser em algumas terras do Alemtejo — a imagem da Senhora do Pranto ouve todos os annos um vasto cancionero ou florilegio de cantigas populares em sua honra.

Damos em seguida algumas trovas dos romeiros e devemos notar que muitas d'ellas são, *mutatis mutandis*, communs a outras provincias do paiz.

Adeus, ó villa de Dornes,  
Adeus, casas da Cadea,  
Adeus, Senhora do Pranto,  
Que mora ao cimo d'aldea.

Nossa Senhora não dorme,  
Ella toda a noite véla.  
Dormi, dormi, ó Senhora,  
Que vosso filho governa.

A senhora do Pranto chora  
Que se ouve nos Cabaços.<sup>1</sup>  
Tem o seu filhinho morto  
Deitadinho nos seus braços.

Nossa Senhora do Pranto,  
Minha Mãe, minha madrinha:  
Quando eu por vós chamar,  
Valei me, Senhora minha.

<sup>1</sup> Logar da freguezia de Santo Estevam de Pussos no concelho de Alvaiázere, que dista de Dornes uns dez kilometros.

Nossa Senhora me disse  
De cima do seu altar :  
— O' filha, faz por ser boa,  
Que eu farei por te ajudar.

— Nossa Senhora do Pranto,  
Que daes a quem vos vem ver?  
— A's solteiras boa fama,  
A's casadas bom viver.

Nossa Senhora do Pranto,  
Mais o seu filho tambem :  
Adeus, amada Senhora,  
Até ao anno que vem.

Nossa Senhora do Pranto,  
Hei de cá vir para o anno,  
Ou casada ou solteira  
Ou d'amores como eu ando.

Nossa Senhora do Pranto  
Tem uma meada d'ouro.  
Quem me fôra relva verde  
P'ra ser o seu córadouro!

Nossa Senhora do Pranto  
Chora que se ouve na Praça :  
Foi dar com seu filho morto  
Dentro de uma vidraça.

Nossa Senhora do Pranto  
Chora que se ouve na rua :  
Foi dar com seu filho morto  
Dentro de uma sepultura.

Nossa Senhora do Pranto,  
Que estás n'esse Outeirinho :  
Por muito calor que faça  
Sempre lá bóle um ventinho.

Nossa Senhora do Pranto  
Tem um rebate de pedra ;  
Bem o pudéra ter d'ouro,  
Ou de prata se quizera.

A' entrada de Chão de Couce  
Está um craveiro branco.  
Viva o bello rancho  
E a Senhora do Pranto.

Nossa Senhora do Pranto  
Vae pela igreja acima :  
Leva uma cestinha no braço ;  
Julga que vae p'r'a vindima.

Nossa Senhora do Pranto  
Ella me chamou afilhada.  
Que bella madrinha eu tenho !  
Posso andar bem descançada.

A Senhora do Pranto chamou-me  
Para ir junto com ella :  
Ella é minha madrinha,  
Eu sou afilhada d'ella.

Nossa Senhora do Pranto,  
Olhae para mim, olhae :  
Sou filha d'uma viuva,  
Sou orphã, não tenho pae !

Nossa Senhora do Pranto  
Tem uma guia na mão,  
Para guiar a minha alma,  
Tambem o meu coração.

Fui á Senhora do Pranto  
Mais a minha gente toda.  
Fui em graça, vim em graça,  
Foi milagre da Senhora.

Fecharemos a noticia relativa ao concelho de Ferreira do Zézere com uma informação interessante ácerca da sua vida economica.

Colhêmol a n'uma correspondencia da imprensa diaria :

«Toda a região d'este concelho é riquissima em ferro, tendo sido encontradas algumas minas com filões importantissimos d'esse minerio. A sua exploração, porém, teve, por emquanto, de ser posta de parte, em virtude do custo exagerado da conducção, o que augmentava extraordinariamente o preço do ferro. Na margem direita do Alge, proximo da sua foz, constituiu, ha bastantes annos, o governo, um grande estabelecimento de fundição, onde era utilizado o ferro extraído de umas minas existentes n'aquella zona. As vias de communicacão eram, no entanto, pessimas e onerosas, e por esta e talvez outras razões, a fabrica foi abandonada, e hoje apenas resta d'esse enorme estabelecimento, um montão de ruinas. Actualmente só existe em bom estado de conservacão a residencia do guarda florestal encarregado de vigiar os extensos pinhaes que o governo ainda ali possui, e que foram semeados quando foi construida a fabrica.»



## Thomar



QUATRO estações de caminho de ferro dão serventia á cidade de Thomar: Payalvo, Chão de Maçãs, Entroncamento e Barquinha.

Mas, na linha do norte, a estação mais procurada é a de Payalvo, que dista de Thomar 8 kilometros, e onde o viajante tem a certeza de encontrar conducção em diligencia, a 200 réis por logar.

Ha tambem facilidade em obter ali um transporte mais comodo, coupé, mylord ou victoria, medeante prévio aviso á Companhia Viação Thomarense, pelo preço de 17200 réis.

Esta Companhia organisou um excellente serviço de trens, que faz honra á cidade de Thomar.

A estação de Payalvo dista um kilometro da povoação que lhe deu nome, a qual antigamente foi villa, em cuja praça ainda ha pouco existia o pelourinho e a casa da camara.

A estrada, da estação á cidade, é arida, muito accidentada, immensamente monotona. Oliveiras, algumas muito corpulentas, e piteiras empoadas desfilam a um e outro lado succedendo-se inalteravelmente umas ás outras. O viajante sente aborrecimento por esses oito kilometros, em que nada ha que o divirta. Vai ancioso de avistar o rio Nabão, e pergunta a si mesmo qual o motivo por que a cidade de Thomar, tão industriosa e commercial, não tem já posto hombros á empresa de um ramal de caminho de ferro, que partindo de Chão de Maçãs ou do Entroncamento facilite a viagem.

Pois seria uma empresa verdadeiramente patriotica.

De repente, n'uma transição brusca, mas agradavel, deixam-se entrever uns vislumbres de amenidade na vegetação. Surge uma ou outra casa. O trem começa a descer, a amenidade augmenta e, finalmente, o valle da cidade apparece, radioso e suave.

Então, desde esse momento, o viajante dá-se por bem pago de oito kilometros de estrada monotona, empinada e poeirenta.

E, já recobrado de animo, vendo de relance o rio, a cidade, com os seus arruamentos geometricos, talhados em linhas parallelas e perpendiculares, o convento de

Christo no alto, a igreja e a torre de Santa Maria dos Olivaeos na margem esquerda, reconhecendo que está n'uma terra bella pela paizagem e notavel pelos monumentos, o viajante vai perguntando ao cocheiro qual é o melhor *hotel* que poderá encontrar.

O trem entra em Thomar pela primeira rua que serve a estrada de Payalvo, a rua da Graça, larga, direita, ladeada de arvores — o que quer que seja de uma avenida.



188 — Restos de uma estatua de Nabancia

A boa impressão do viajante augmenta e accentua-se.

Ora o melhor *hotel* da cidade é hoje o que se intitula *União Commercial*, na rua da Corredoura, perdão... na rua Serpa Pinto.

Sem quebra do meu respeito pela audacia exploradora d'este illustre africano, de quem fui amigo e admirador, não me resigno a aceitar que o seu no-

me viesse substituir o da antiga *Corredoura*, tão genuinamente portuguez e tão pittorescamente característico dos costumes da idade-média.

Melhor tem procedido a cidade de Portalegre, no Alto Alemtejo, evitando a chrisma das suas duas *Corredouras*, a de cima e a de baixo.

Ainda ha pouco tempo havia outro *hotel* de confiança: era o *Prista*, na Praça. Mas fechou, ultimamente, por terem morrido os donos.

A rua da Corredoura, hoje Serpa Pinto, é a rua nobre de Thomar, o centro do commercio nabantino.

Faz lembrar um pouco, no aspecto, a rua do Souto em Braga. Não é comtudo tão extensa.

Encontram-se ahi muitas lojas: de fazendas e modas, de chapelleiro, de mercador, de fanqueiro, de droguista, de loiças e vidros, de sapateiro, uma papelaria que faz bilhetes de visita e vende livros, um estanco, a Casa Havaneza, e, finalmente, um grande estabelecimento, com 17 portas, do qual são proprietarios Almeida, Silverio & Martins.

Este estabelecimento enorme, onde tudo se encontra á venda exceptuando fazendas, fica nos baixos do predio em que se acha estabelecido o *Hotel União Commercial*.

O viajante apeia-se, passa por entre rumas de malas de mostruario, que pertencem aos caixeiros viajantes do Porto e Lisboa, e vai descansar um momento na sala de visitas, emquanto lhe não apparece o criado do hotel, um homem alto, de aspecto agradável, attencioso, polido, chamado Gil, *tout court*.

No *União Commercial* apenas se ouve pronunciar este nome: Gil. Toda a gente chama por elle, que é o mesmo que chamar pelo *fac-totum* do *hotel*.

Em Thomar ha uma rua que se denomina de *Gil Avô*. Havendo, pois, dois Gis notaveis na mesma cidade, eu propuz que ao do *Hotel União Commercial* se ficasse chamando Gil Neto, para fazer *pendant* a Gil Avô.

Não sei se o meu alvitre pegará.



Das janellas do *hotel* vê-se, sobranceira á Praça, parte da muralha do castello dos Templarios, que domina a cidade e todo o valle do Nabão.

Na outra extremidade da rua avista-se o principio da ponte.

Surpresa agradável: os quartos do *Hotel União Commercial* são illuminados a luz electrica, porque a cidade tambem o é.

A agua do Nabão faz trabalhar a turbina que transmite movimento ao dynamo (systema Grammes) gerador da illuminação publica e particular.

Ultimamente o concessionario tambem emprega o carvão como motor, por não ser sufficiente a agua do Nabão.

A illuminação geral dura até meia hora antes de nascer o sol.

Depois de nos havermos installado no *Hotel União Commercial*, razoavelmente commodo, comecemos a nossa visita a Thomar.

Esta cidadezinha da Estremadura, tão cheia de paizagem e de luz, poderia, pela exuberancia dos seus encantos naturaes, dispensar-se de possuir memorias historicas.

Mas quem a visita não pode esquecer-se dos cavalleiros do Templo e dos freires de Christo, cujos monumentos estão ainda evocando lembranças da Idade-Media religiosa e guerreira, que n'um mesmo edificio accumulava cellas e casernas, baluartes e claustros, o balsão e a cruz.

Em Portugal as cidades e villas mais notaveis pela sua belleza são como os anneis de ouro ornados de pedras preciosas.

O aro é bom, mas as *pedras* ainda valem mais.

Isto se observa em Thomar.

Esta cidade, com os seus 6.933 habitantes, está sentada n'uma planicie amenissima,



1º9 -- Santa Maria do Olival

que o lindo rio Nabão atravessa, e encostada pelo occidente a um monte em cujo topo se levantam o castello que foi dos Templarios e o convento que foi cabeça da Ordem de Christo.

Ao sul a cidade é limitada pela Varzea Grande, vasto rocio que não terá menos de dois kilometros de circuito; ao norte pela Varzea Pequena, hoje convertida em Passeio Publico, quazi á beira do Nabão, e n'um plano superior a elle.

Collocado o observador no valle, a proximidade do rio, claro e alegre, bem como o relevo do monte do Castello, que parece acompanhar a cidade em toda a sua largura, offerecem um bello panorama, que a casaria branca matisa e aviventa.

Collocado, porém, no monte do Castello, o observador verá desenhar-se-lhe aos pés a cidade, regularmente alinhada, e a fita rolante do Nabão desdobrar-se como um esmalte luminoso que anima o campo e sorri á povoação, vivificando ambos.

E' uma rua de agua que atravessa a cidade rutilando ao sol.

Diz-se que na margem esquerda do Nabão houve outr'ora uma cidade romana, chamada Nabancia, ainda florescente no tempo dos godos. Emilio Hubner estranha, porem, que os auctores antigos lhe não fizessem a menor referencia.

A tradição indica o sitio dos Marmellaes, na margem esquerda, como tendo sido o da antiga cidade de Nabancia.

O que é certo é que, circumscriptas por uma estacada, ainda ahi se conservam algumas ruinas, a cargo de um velho guarda, subsidiado pelo Estado.

N'uma casa terrea, sob a exclusiva dependencia do guarda, tambem se conservam, aliás expostas a um facil desvio, moedas, vasilhas e telhas romanas, encontradas nas excavações.

No pequeno mas interessante museu do sr. Mario de Magalhães vi em Thomar alguns destroços de uma estatua procedentes da mesma origem. (*Estampa n.º 186*).

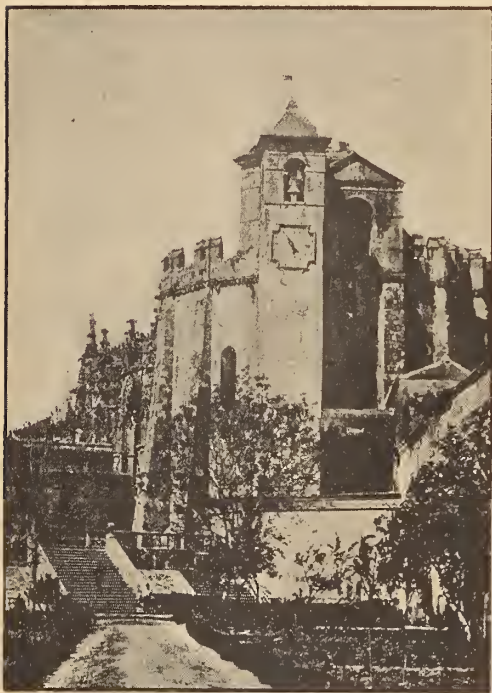
Diz-se que o perimetro da cidade de Nabancia se alargava até ao sitio onde hoje está, na mesma margem, o cemiterio de Thomar.

Mas as ruinas patentes não dão a impressão de serem o ultimo vestigio de uma cidade importante, senão que de um pequeno grupo de edificações.

A tradição continua afirmando que em Nabancia houvera um castello no lugar de Cêras<sup>1</sup>; que em Nabancia soffrêra morte affrontosa Santa Irene ou Iria e que tambem ali, por motivos que ao deante exporemos, tratou o 6.º mestre da Ordem dos Templarios, D. Gualdim Paes, de reconstruir o castello e de levantar um templo destinado a ser nucleo de uma primeira tentativa de povoação christã.

Mas em breve os Templarios, reconhecendo superiores vantagens na margem direita do Nabão, aproveitaram n'a para edificar um novo castello, onde se fortificaram sobre um monte cortado quazi a pique pelo norte, oriente e sul.

Então o castello da margem esquerda ficou abandonado. O mesmo não aconteceu, porem, ao templo que já estava concluido sobre as ruinas de outro que fôra dos godos e que continuou a servir para os actos religiosos da povoação nascente e para sepultura



190 — Igreja do Convento de Christo

<sup>1</sup> Cêras é corrupção de Ceres. Era no termo de Thomar, diz o Padre Carvalho; e o castello ficava n'um outeiro junto á ribeira de Ceres. Quando, após o fallecimento de D. Fernando o *Formoso*, o rei de Castella, genro de D. Leonor Telles, entrou em Portugal, diz Fernam Lopes que n'uma das jornadas foi comer a Cêras e dormir a Thomar.

dos Mestres da Ordem. E' Santa Maria dos Olivaes, postoque o seu orago seja Nossa Senhora da Assumpção.

Sobre a margem direita foi crescendo a povoação, protegida, no alto, pelo castello dos Templarios: era villa, talvez cidade, porque n'esta região pullularam povoações com o pomposo nome de cidades.

A tradição fala, como vimos, da antiga Nabancia. E Jorge Cardoso, no *Agiologio*, fala de outras tres cidades, chamadas Bezelga, Caldellas e Concordia, que formavam entre si um triangulo escaleno.

O que é certo é que uma das freguezias do actual concelho de Thomar se chama Bezelga, e que n'esta freguezia ha um outeiro ainda hoje chamado «da Cevedade.»

Ora a povoação da margem direita do Nabão, prosperando á sombra benéfica dos Templarios, deve ter sido importante, mas a categoria de cidade, no sentido moderno, apenas lhe foi concedida por carta regia de 13 de fevereiro de 1844.

O seu actual nome -- Thomar -- veio por corrupção do nome que os mouros deram ao rio e que parece significar «agua doce e clara».

Outros interpretam d'este modo: «agua tão doce como as tamaras».

Sucedeu, pois, que a cidade tomou o nome do rio, e ficou chamando-se Thomar, ao passo que o rio recebeu do antigo territorio de Nabancia o nome de Nabão.

A cidade moderna está ligada pelas tradições de Nabancia e pela historia dos Templarios á margem esquerda, como tambem o está materialmente pela ponte construida sobre o Nabão.

Comquanto Thomar se ache situada na margem direita, a séde da unica parochia da cidade continua a ser, officialmente, a igreja de Santa Maria dos Olivaes.

Mas, para maior commodidade do publico, o parcho foi auctorizado a binar, podendo celebrar os actos religiosos da parochia na igreja de S. João Baptista.

D'antes, os baptisados eram feitos em S. João e os casamentos em Santa Maria dos Olivaes.

Hoje, raras vezes se abre a igreja de Santa Maria, a não ser para que os viajantes possam visital-a. Todos os actos do culto parochial se realisam em S. João.

A margem esquerda, postoque supplantada pela direita, toda se ufana com as ruinas de Nabancia, com a lenda de Santa Iria e com a igreja de Santa Maria dos Olivaes.

Ficou existindo sempre uma velha rivalidade entre a população das duas margens, facto que se justificaria aqui bastantemente por uma natural emulação entre o passado e o presente, mas que aliás é vulgar em outras cidades e villas.

No norte do paiz, tambem ha identica rivalidade entre os habitantes de Barcellos e os de Barcellinhos, separados pelo Cávado; e a respeito de Santarem já notámos a hostilidade existente entre os bairros, distantes, da Ribeira e de Marvilla.

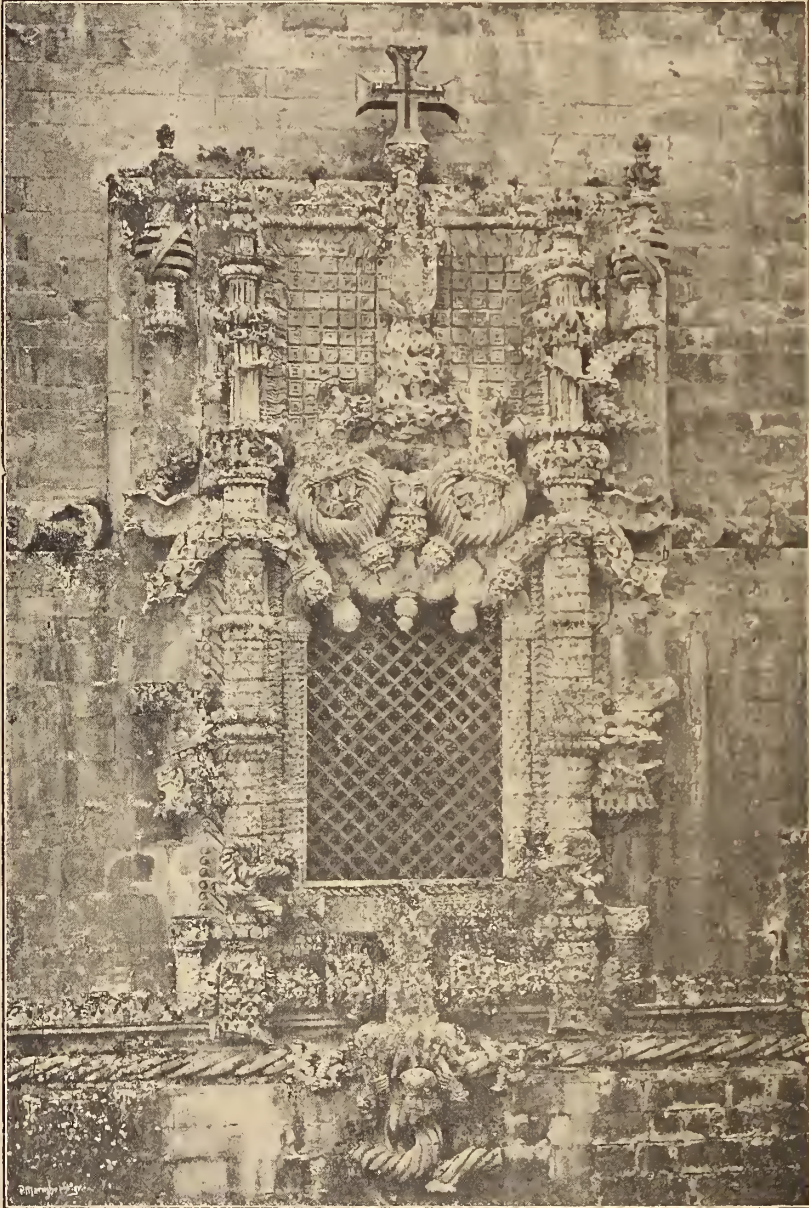


191 — Fachada da igreja de Christo

Os thomarenses designam os habitantes de Além da Ponte pelo epitheto ironico de «hespanhoes» e ao bairro d'aquella margem dá o povo da cidade o nome de Hespanha, desdenhosamente.

N'outro tempo a rivalidade era mais viva e sanhuda. Havia frequentes conflictos, tiroteio de improperios e de pedradas.

Hoje ainda se armam alguns motins nocturnos, por causa das raparigas que traba-



192 — Janella da casa do Capitulo no convento de Christo

lham na Real Fabrica de Fiação, situada na margem esquerda, e por causa do antagonismo das philarmonicas.

As operarias, que são das aldeas proximas, pernoitam durante a semana Além da Ponte e só ao domingo vão a casa.

Rapazes da margem esquerda e rapazes da margem direita requestam-n'as á porfia. D'esta concorrência amorosa resultam altercações, pugilatos, pancadaria.

Os «hespanhoes» teem a sua philarmonica, que se intitula «Gualdim Paes».

Os thomarenses teem outra philarmonica, que se chama «Nabantina».

Custa-me não poder dizer, para evitar a pornographia, a designação popular de uma e outra philarmonica.

Quando os musicos da «Gualdim Paes» ou da «Nabantina» estão fardados, acham-se sempre em occasião proxima de se desfeitearem uns aos outros.

O uniforme dá-lhes bravura.

Ha annos, encontrando-se as duas philarmonicas em uma festa na freguezia de S. Miguel de Carregueiros, pegaram-se uma com a outra e quem salvou a situação foi uma mulher de Thomar, que varreu a feira, pondo em debandada os bravos antagonistas.



193 — Claustro de D. Henrique

Esta mullier ainda hoje vive. Chamam-lhe, e com razão, «Padeira de Aljubarrota».

Fóra da formatura, despida a farda, a rivalidade afroixa. Ha rapazes de «Além da Ponte» que fazem parte da Philarmonica Nabantina, e rapazes da cidade alistados na Philarmonica Gualdim Paes.

A margem esquerda ufana-se, como iamoz dizendo, com a secular tradição de Santa Iria, que tão heroicamente cultivou a virtude no seu convento junto ao rio Nabão. Vejamos como isso foi.

Frei Isidoro Barreira, na *Historia da vida e milagres da gloriosa virgem Santa Eria* (Lisboa, 1618) dá uma versão que é a mesma que foi aproveitada por Garrett nas *Viagens*.

Sem embargo, correm outras versões, e o proprio Garrett, tambem nas *Viagens*, traz uma variante em verso, totalmente contraria á de Frei Isidoro.

Segundo este, no anno 653 da éra christã, sob o dominio dos godos, havia em Nabancia dois mosteiros.

Um de monges, junto ao sitio onde está hoje a igreja de Santa Maria dos Olivaes, era regido pelo abbade Celio, tio de Iria.

Outro, de freiras, que ficava sobre o Nabão ao pé da ponte, onde a virtuosa donzella foi educada por suas tias paternas, de nobre sangue, Casta e Julia.

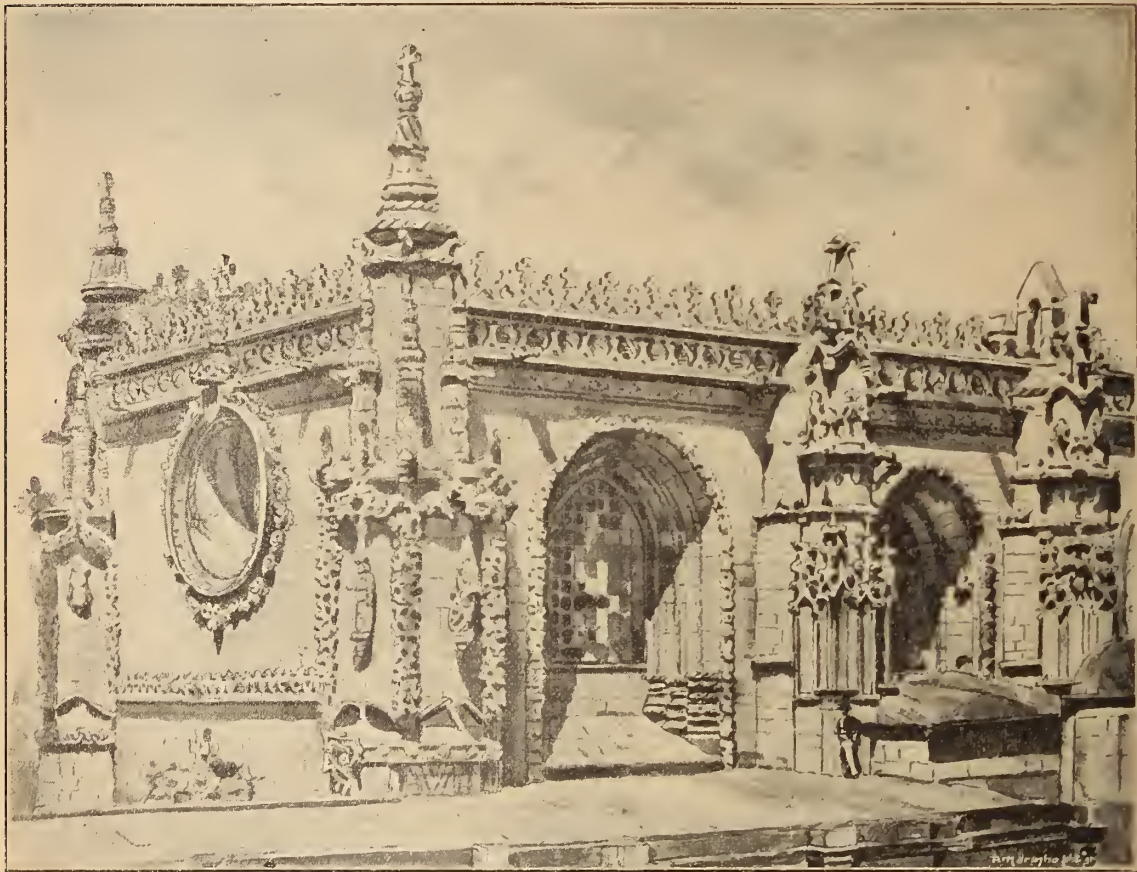
A cidade de Nabancia era então governada por um consul de nome Castinaldo,

cujos paços e defrontavam com uma capella de S. Pedro, onde as freiras iam no dia 29 de junho, por occasião da festa, fazer oração ao venerando apóstolo.

Parece que foi n'uma d'essas occasiões que o joven Britaldo, filho do consul, viu Iria, e ficou loucamente enamorado.

A fim de atalhar essa violenta febre de amôr, Iria, fortalecida por sua mesma virtude, resolveu avistar-se com Britaldo e chamal-o á razão, dando-lhe piedosos conselhos.

Não sem custo se resignou o moço a ouvir-lh'os e a acceitar-lh'os. Mas declarou-lhe logo que, se convinha em que ella conservasse intacta a flôr da sua virgindade, de ne-



194 — Aspecto externo da parte superior do côro do convento

nhum modo supportaria que, publica ou clandestinamente, pertencesse a qualquer outro homem.

Ficou assim acalmado o vulcão, e triumphante a virtude.

Mas o Diabo não desanimou no empenho de perder Iria, e dementou de amores por ella o monge Remigio, seu director espiritual, até então sacerdote exemplar e conselheiro leal.

A forte donzellinha censurou-o asperamente, fez-lhe vêr que era o Inferno que o tentava para conquistar-lhe a alma.

O monge, de boa ou má fé, mostrou-se arrependido e convicto.

Mas se procedia de boa fé, voltou-lhe em breve a cegueira, porque procurou abalar a virtude de Iria dando-lhe uma beberagem que produziu apparentes signaes de gravidez.

Vendo-se assim desacreditada, pensava certamente o desvairado Remigio, Iria não

continuará a defender sua castidade, convencida de que ninguém ha de tel a por innocente.

A infamia lavrou, o descredito cresceu, e chegou aos ouvidos de Britaldo, que, enfurecido, resolveu cumprir a terrivel ameaça.



195 — Portal do convento de Christo

Em seu amor e orgulho, não podia o filho do consul supportar a idea de que a linda Iria, que não fôra sua, houvesse pertencido a outro homem.

Quiz vingar-se, e tomou por instrumento de vingança o soldado Banaão, alma damnada prompta a servil-o no bem e no mal.

Sabendo que todas as noites Iria fazia penitencia n'uma gruta cavada na rocha,

junto ao rio — ainda hoje a gruta é visível — introduziu-se na cêrca do convento e esperou Iria, como um tigre espera a victima entre os juncaes.

Veio Iria, como costumava, fazer oração e penitencia na noite de 19 para 20 de outubro de 653.

O soldado Banaão sai-lhe ao encontro, faz novas instancias em favor de Britaldo e, como fossem recusadas, de um só golpe de cutello a dególa, arrancando-lhe em seguida algum dos seus vestidos para levar-o ao desvairedo mancebo, como prova de haver cumprido o que lhe fôra encommendado. Depois lança o cadaver ao rio.

Ainda agora o povo indica o sitio do Nabão, junto ao convento, em que o cadaver cahiu. Chamam-lhe o «pêgo de Santa Iria».

Conta Frei Isidoro Barreira: «N'este pêgo se acharam pelo discurso do tempo muitas pedras e seixos salpicados com gottas de sangue tão fresco e vermelho, que parece a quem hoje as vê haver poucas horas que n'ellas se derramou, sendo passados tantos centos de annos que ficaram rubricados de seu puro sangue, e não se acharam estas pedras só n'aquelle logar, mas tambem no rio Nabão, onde seu sagrado corpo foi lançado com o sangue, que ia derramando por suas correntes».

Emquanto o Nabão arrastava para o Zézere, de que é affluente, o corpo ensanguentado, teve o monge Celio, tio de Iria, a clara visão do que se havia passado na gruta. Alvorçou-se o povo de Nabancia e quiz ir em procura d'esses preciosos despojos mortaes.

Foi. Mas aqui interrompo eu a narrativa, porque o seu complemento já não pertence á historia de Thomar, e sim á de Santarem.

Com razão estranha Garrett que a lenda em verso seja tão differente da versão dos agiologios. Pois é. E o leitor o avaliará por seus proprios olhos :

Stando eu á janella co'a minha almofada,  
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata,

Passa um cavalleiro, pedia pousada :  
Meu pai lh'a negou: quanto me custava !

— Já vem vindo a noite, é tão só a estrada. . .  
Senhor pai, não digam tal da nossa casa,

Que a um cavalleiro que pede pousada  
Se fecha esta porta á noite cerrada.

Roguei e pedi — muito lhe pesava !  
Mas eu tanto fiz que por fim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava ;  
Ao lar o levei, logo se assentava.

A's mãos lhe dei agua, elle se lavava ;  
Puz-lhe uma toalha, n'ella se limpava.

Poucas as palavras, que mal me fallava,  
Mas eu bem sentia que elle me mirava.

Fui a erguer os olhos, mal os levantava,  
Os seus lindos olhos na terra os pregava.

Fui-lhe pôr a cea, muito bem ceava ;  
A cama lhe fiz, n'ella se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava :  
Tão má cortezia nunca a vi usada !

Lá por meia noite que me eu suffocava,  
Sinto que me levam co'a bocca tapada. . .

Levam-me a cavallo, levam-me abraçada,  
Correndo, correndo sempre á desfilada.

Sem abrir os olhos, vi quem me roubava ;  
Calei-me e chorei — elle não fallava.

D'ali muito longe que me perguntava  
Eu na minha terra como me chamava.

— Chamavam-me Iria, Iria a fidalga ;  
Por aqui agora Iria, a cansada.

Andando, andando, toda a noite andava ;  
Lá por madrugada que me attentava. . .

Horas esquecidas comigo luctava ;  
Nem força nem rogos, tudo lhe mancava.

Tirou do alfange. . . ali me matava,  
Abriu uma cova onde me enterrava.

No fim de sete annos passa o cavalleiro,  
Uma linda ermida viu n'aquelle outeiro.

— Minha Santa Iria, meu amor primeiro,  
Se me perdoares, serei teu romeiro.

— Perdoar não te hei de, ladrão carniceiro,  
Que me degolaste que nem um cordeiro.



O que ha apenas de commum entre esta lenda popular e o texto dos chronicons é a resistencia de Iria e a morte affrontosa que padeceu por defender sua virtude.

Castilho ensoou duas composições poeticas em memoria e louvor de Santa Iria.

Uma, que denominou *chácara*, é a versão religiosa, a historia da pureza, perseguição e morte, da famosa santa nabantina, conforme os livros mysticos.

Damos o trecho inicial d'essa composição, na impossibilidade de reproduzil-a integralmente por ser extensa :

Tocam sinos em Nabancia,  
Tocam sinos á porfia ;  
E' por S. Pedro e S. Paulo,  
Que se festeja o seu dia.

A' Matriz são vindas freiras,  
Quantas em S. Bento havia :  
Todo o altar um ramalhete ;  
O povo galas vestia.

Mas nem no altar se inlevava,  
Nem no povo se revia  
Britaldo, filho mancebo  
Do que em Nabancia regia :

Curiosidade o lá trouxe  
Do muito que ouviu de Iria ;  
Que nem ha freira tão linda,  
Nem santa de igual valia.

Logo em a vendo foi cego,  
De quanto o ceu n'ella ria ;  
Iria, é toda da gloria,  
Britaldo, todo de Iria.

Esta chácara vem, completa,  
nas *Excavações poeticas*, publica-  
das em 1844.

A outra composição já a dei-  
xamos transcripta quando falamos  
de Santarem.

No local do antigo convento  
de Santa Iria foi em 1476 fundado  
outro, de freiras franciscanas, con-  
servando na invocação o nome  
da Santa que tornou aquelle sitio eternamente memoravel.

Alem do livro de Frei Isidoro Barreira, existe um *Compendio da vida da gloriosa virgem e martyr Santa Iria*, com uma novena da mesma santa, por D. Maria Elena (*sic*) de Sousa Mexia em 1763.

Esta senhora esteve recolhida no mosteiro a que acima nos referimos.

Sabe-se ter sido de nobre condição, illustre por sangue e antepassados, porque o diz uma das licenças para a impressão do livro.

Segue a mesma versão do padre Isidoro Barreira, e dá alguns pormenores curiosos, taes como: que o pégo, a que o corpo de Santa Iria foi lançado, ficava então (seculo XVIII) dentro d'aquelle mosteiro, sendo que hoje fica da parte de fóra; e que a sua agua, do pégo, era efficaz para curar sezões e outras enfermidades.



196 — Igreja de S. João Baptista

Comprehende-se que na provincia da Extremadura, onde abundam as regiões sezonaticas, dois dos santos mais celebres n'esta provincia tenham sido invocados como intercessores contra o flagello do empaludismo.

Refiro-me a Santa Iria e a S. Frei Gil, que tambem livrava de sezões, e gota.

Hoje estes dois cultos estão quazi apagados na Extremadura; não são mais que memorias antigas.

Em Thomar ha, é certo, a feira de Santa Iria, que recorda o dia da sua festa, mas já não ha qualquer commemoração religiosa nos templos.



197 — Margem do rio Nabão

Houve um marquez de Santa Iria, que foi o 2.<sup>o</sup> conde de Alva, D. Luiz de Sousa Coutinho Monteiro Paim. Este titular falleceu a 5 de abril de 1850.

No convento da invocação de Santa Iria, agora secularisado — em parte d'elle funciona uma fabrica de tecidos de lã — conserva-se ainda, dentro de um nicho da muralha, sobre o rio, a imagem da Santa, e a capella que tem entrada pela rua Marquez de Pombal e que é muito apreciada pela belleza de um retábulo em alto relevo.

Ramalho Ortigão faz-lhe no *Culto da arte em Portugal* esta calorosa referencia: «Na linda igreja do convento de Santa Iria, que o fallecido architecto Nepomuceno comprou por 300.000 réis, e se achava encorporada no mosteiro fundado por D. Maria <sup>1</sup> de Queiroz, viuva de Pedro Vaz de Almeida, veador da fazenda do infante D. Henrique, ha um retabulo em baixo relevo de bella pedra d'Ançam, que é simplesmente, pelo desenho, pelo estylo, pela mão d'obra e pelo estado de conservação em que se acha, uma das obras capitaes da esculptura da Renascença em Portugal. Compõe-se de dezeseite figuras. Junto da cruz, de que pende a mais ideal figura do Redemptor, está prostrada Santa Maria Magdalena. Acompanham-a a Senhora da Soledade, as tres Marias, Nicodemus, José de Arimathea e S. João Evangelista. No primeiro plano, dois soldados a cavallo, em magnifico trage do seculo xvi. Enquadra a composição um bello portico, de columnas e tabellas preciosas, chancellado pelo brazão dos Valles».

Na mesma margem esquerda do Nabão, a igreja de Santa Maria dos Oliveas, berço da parochia, conserva no frontispicio as linhas caracteristicas de sua remota antiguidade: estylo gothico, porta levemente ogival, rosácea encimada por um singelo frontão triangular, que uma cruz remata. Nos corpos lateraes da fachada duas janellas, uma em cada, bipartidas por uma columna que no alto se bifurca.

<sup>1</sup> E' erro typographico. Deve ser Mecia.

No interior, tres naves, em que o desenho da ogiva é ainda muito tímido, accusando um periodo inicial. Apenas um dos arcos sóbe mais agudo: foi manifestamente uma modificação por causa do côro, que aliás já não existe.

A capella-mór é lavrada em artesões, que nascem de columnas.

Não ousou affirmar que seja construcção primitiva.

Na segunda capella a contar da porta principal, lado da Epistola, está o tumulo de D. Gualdim Paes.

A 13 de outubro de 1895, dia do 7.<sup>o</sup> centenario do passamento do Mestre, ali foi o povo de Thomar, em patriótica romagem, levar-lhe homenagens e preitos.

Diz isto uma inscripção recente.

Em todo o templo ha varios epitaphios gravados no chão e até n'uma columna.

A torre, fronteira á igreja, é quadrada e de fortissimas paredes, chegando a dar a illusão de um baluarte que defende o templo.

Estes dois monumentos, vizinhos um do outro, fazem-nos remontar ao momento historico que os justifica, isto é, ás origens da povoação.

Póde dizer-se que a antiga villa de Thomar nasceu com a nacionalidade portugueza.

Affonso Henriques, caminhando em som de guerra de Coimbra para o sul, fez voto de doar todos os direitos ecclesiasticos de Santarem aos cavalleiros do Templo, seus auxiliares na empresa, se a Deus aprouvesse conceder-lhe a victoria sobre os mouros.

Venceu, e quiz cumprir o voto.

Affonso passou triumphante de Santarem a Lisboa, mas o primeiro bispo christão que poz n'esta ultima cidade embargou a doação feita aos Templarios para defender assim os interesses da nova diocese ulyssiponense.

Ao cabo de longos annos chegaram a accôrdo o bispo e os Templarios: por effeito d'este accôrdo Santarem ficou sob a jurisdicção do bispo de Lisboa e os cavalleiros do Templo entraram na posse dos territorios de Nabancia.

Foi então que os Templarios trataram de reconstruir o castello e levantar a igreja da margem esquerda do Nabão, passando depois a erigir novo castello (pelas razões já expostas) no monte da margem direita.

N'esta margem, á sombra do castello novo, ia florescendo a povoação, quando os mouros, capitaneados pelo imperador de Marrocos, quizeram desaggravar seus passados desastres, assolando o Algarve, o Alemtejo e a Extremadura, e pondo cêrco ao castello de Thomar.

Os Templarios defenderam-se como leões. Os mouros, desistindo da empresa, arrazaram, porem, a povoação, talararam os campos, incendiaram as messes, almoinhas e abegoarias, alastraram a devastação e o luto por toda a parte.

Mas o tino colonizador de Affonso Henriques havia de produzir, mais uma vez, seus bons fructos. As doações tão largamente feitas aos Templarios eram triplice garantia de colonisação, de defesa e de repovoação. Os cavalleiros do Templo haviam fundado a villa. Aos mouros estorvaram a conquista do castello. Mas assolada por estes a povoação — o Mestre D. Gualdim Paes a fez reconstruir e repovoar. De modo que,



198 — Mercado na Praça D. Manuel

no seu inicio e renascença, Thomar foi obra dos Templarios, esses, como outros, bellicosos cavalleiros christãos da Idade-Media.

Comtudo a Ordem do Templo viu o seu tempo contado; desabou em França como um colosso, para não mais resurgir em parte alguma.

El-rei D. Diniz soube impedir que em Portugal a Santa Sé pudesse lançar mão dos bens que tinham pertencido aos Templarios e conseguiu transmittil-os intactos a uma nova Ordem de cavallaria, a de Christo, que por iniciativa propria instituiu.

Assim, Thomar, e outras povoações portuguezas, viram succeder a uns protectores outros protectores, aos cavalleiros do Templo os cavalleiros de Christo, tanto mais que esta nova milicia, no reinado de D. Pedro I, trasladou a cabeça da sua Ordem de Castro Marim no Algarve para a villa de Thomar.

Nada perdeu esta villa com a substituição. Os cavalleiros de Christo ganharam em breve grande poderio, áquem e alem mar, e os seus Mestres, todos elles principes de sangue, com exclusão dos primeiros sete, aqui residiram por vezes nos paços do convento que a nova Ordem foi successivamente ampliando junto ao antigo castello de Gualdim Paes.

Ainda hoje, se bem que tendo soffrido varias transformações, está de pé, nas suas linhas geraes, o venerando castello dos Templarios, e o convento de Christo <sup>1</sup>.

A muralha corre na direcção norte-sul.

No angulo norte desenha-se a cidadella, quadrilonga, flanqueada de torres.

Dominando toda esta soberba construcção militar ergue-se á altura de 20 metros a torre de menagem, tambem quadrangular, com dois andares, duas janellas, diversas setteiras e barbacans.

O convento de Christo, annexo ao castello dos Templarios, é um edificio verdadeiramente monumental, especialmente por duas das suas fachadas, a do sul e a do poente, pela sua notavel charola e pelos seus claustros.

A fachada sul foi prejudicada estheticamente pela construcção do claustro dos Filippes, que apenas lhe deixou a descoberto a lindissima portada com um primoroso baldaquino recortado em arco e preenchido de soberbos laves.

A fachada occidental, comprehendendo a notabilissima janella da Casa do Capitulo, que dá sobre o claustro de Santa Barbara, recommenda-se não só pelo trabalho de esculptura, como pelo symbolismo de seus opulentos ornatos.

Ramalho Ortigão descreve-a, entusiasticamente, dizendo :

«As columnas na janella são polipeiros de coral, dos mais profundos recifes do Oceano, e troncos d'essa palmeira, cuja sombra cobriu o berço da civilisação no litoral mediterraneo, providencia dos peregrinos nos oasis do deserto, á qual os arabes da Peninsula dedicavam uma festa de primavera, tendo por fundamento a disseminação do polen — a arvore Santa, a arvore da Biblia, a arvore de Jesus, cujo ramo symbolico é um attributo da paixão e da paschoa, da gloria e do martyrio. Os demais elementos decorativos são as ondas do mar, taes como ellas se representam na heraldica; são os troncos seculares e as raizes profundas dos sobreiros dos nossos montes, estrema expressão de força na fecundidade da seiva, que prende o roble, assim como a tradição e a familia prendem a debil e errante creatura humana ao coração da terra em que nasceu. Guizeiras, como as das mulas de tiro, engatadas á carreta alemtejana, emmo-lham contorcidas varas de sôbro e de azinho, como nos feixes de lictor da magistrutara romana. Solidas correntes e possantes cabos de bordo, de que pendem em discos as

<sup>1</sup> Ultimamente (1907) iniciou-se a abertura de uma avenida que ligue a cidade com estes dois monumentos. Em precisa era.

boias de cortiça, enlaçam a decoração, amarrando a vigorosamente á empena por fortes argolões, como se amarraria uma nau ao caes de um porto.

«Toda a composição, partindo das espaduas de um homem, que parece sustentar-lhe todo o pezo, ascende n'uma trepidação de algas e de folhagem para a cruz de Christo entre as esferas que tomara por empresa o rei venturoso de Portugal triunphante na vastidão dos mares, em todo o circuito do globo. E o poema esculptural remata por cima da janella da rosácea magestosa do templo, formada em circulo pelas prégas e pelo bolso arfante da véla risada de um galeão da India».

No interior da igreja do convento de Christo, a riqueza, a arte e a historia dão-se as mãos para produzir um conjunto de bellezas que se impõem á admiração de nacionaes e estrangeiros.

Sobre a obra primitiva dos Templarios passou um sopro de restauração manuelina, espalhando largamente os germens da grandeza e da opulencia.

Architectos dos primeiros do seu tempo, como João de Castilho, ali deixaram o nome perpetuado na expressão característica d'esse estylo tão graciosamente portuguez, tão rico de ornamentação florida, que constitue o «momento historico» da esculptura portugueza.



199—Fabrica de moagens «A Nabantina»

Os artezões, os arcos, os florões e bocetes, as sumptuosas cadeiras do côro, que os francezes levaram; as pinturas da charola, incluindo quatro paineis da escola de Gran Vasco; os paramentos riquissimos, a exuberancia e pericia dos ornatos, espalhados com prodiga mão, firmaram a justa celebridade d'este edificio monumental.

Desde o infante D. Henrique até aos Filippes, os principes e reis de Portugal deixaram ligada sua memoria ao convento de Christo.

O infante D. Henrique construiu os paços do Mestrado, de que ainda existem ruinas.

Dos oito claustros do convento, dois tambem por elle foram mandados construir.

São o do Cemiterio e o das Lavagens: aquelle, de uma sobriedade elegante, em arcos ogivaes muito nitidos; este, lastimosamente arruinado, quazi perdido, communicando com o primeiro.

Como o seu nome indica, o do Cemiterio era destinado ao repouso eterno dos freires de Christo.

Ali jazem alguns homens notaveis: entre elles Balthasar de Faria, que foi quem por ordem de D. João III impetrou em Roma a bulla do Santo Officio, e que se conserva mumificado... como o espectro da propria Inquisição.

O claustro das Lavagens era destinado aos usos domesticos dos freires.

Alem d'estes dois claustros, ha o da Hospedaria; o de Santa Barbara, que se diz ser obra de elrei D. Manuel; o do Micho, que parece datar de D. João III; o dos Filippes, que foi começado pela rainha D. Catharina e acabado pelos monarchas hespanhoes; o das Sentinas; e o dos Corvos, que pertence ao conde de Thomar.

De todos estes claustros, o mais imponente, postoque bastante carregado em sua mesma grandeza, é o dos Filippes.

D. João III mandou construir, alem de um claustro, dormitorios, casa do noviciado, e varias outras officinas.

A sacristia é do tempo dos Filippes.

Tambem se deve a um Philippe, 2.<sup>o</sup> de Portugal, o aqueducto que traz agua ao convento desde Santo Antonio dos Pegões, uma légua de distancia.

Em parte do edificio do convento está hoje installado o hospital militar.

Outra parte foi cedida pelo Estado para residencia dos officiaes de infantaria 15 e suas familias.

Alguns dos refugiados boers, entre elles o general Pienaar, tambem ali tiveram guarida.

O antigo refeitório dos freires foi arrendado pelo sr. conde de Thomar, a quem serve de celleiro.

Não sahiremos do convento de Christo sem lembrar que em 1581 se reuniram na Casa do Capitulo as côrtes que reconheceram Philippe II de Hespanha como rei de Portugal.

Este monarcha veio assistir á sua aclamação e, depois d'ella, aqui se demorou algum tempo.

Seu filho, passados quarenta annos, tambem esteve em Thomar, onde presidiu a um capitulo geral da Ordem de Christo.

Alem do castello dos Templarios, do convento de Christo e de Santa Maria dos Oliveaes, a cidade de Thomar possui ainda outros monumentos que



200 — Açude do Nabão junto á ponte

merecem attenção. Na praça de D. Manuel existem dois, fronteiros um ao outro.

E' um d'elles a linda igreja de S. João Baptista, de tres naves, com a sua elegante torre oitavada, e o seu rendilhado pulpito, que não encontrará rival no nosso paiz, a não ser em Santa Cruz de Coimbra.

Mas quantas barbaridades, de lesa-arte, não teem sido praticadas tanto no exterior como no interior da igreja de S. João!

Um horror! Só visto.

Defronte do templo, erguem-se os paços do concelho, singelos mas graves, sobre uma alta arcada.

N'elles está comprehendida a cadeia da cidade.

Estes paços vieram substituir os antigos, que eram na rua dos Estaús.

Tanto a igreja de S. João como a casa da camara são obra de elrei D. Manuel.

Por detraz d'este ultimo edificio fica o mercado em que a cidade se abastece diariamente.

Da praça de D. Manuel partem, parallelas uma á outra, as duas ruas mais centraes da cidade: a da Corredoura e a de S. João, e á mesma praça vêem desembocar outras duas ruas que a ligam com os extremos norte e sul da cidade: a rua Direita da Varzea Pequena e a rua Direita da Varzea Grande.

Na rua da Graça, á qual já fizemos referencia no principio d'esta noticia como sendo uma das mais bonitas da cidade, está situado o hospital da Misericordia, fundação de elrei D. Manuel; e quazi defronte o escriptorio da Companhia Viação Thomarense.

Ao fundo d'esta rua, mas já na dos Estáús, com a qual communica, edificou elrei D. Duarte os seus paços, chamados da Ribeira.

Apertado pela peste, D. Duarte viéra correndo o Alemtejo, de Evora para Aviz, de Aviz para Ponte de Sôr e, finalmente, procurando melhor clima na Extremadura, refugiara-se em Thomar.

Diz Ruy de Pina na *Chronica*: «pousou nos Paços da Ribeira, onde logo adoeceu de febre mortal, que doze dias nunca o deixou: e entrando nos treze, que eram nove dias de setembro, anno de mil quatrocentos trinta e oito, em que grande parte do sol foi cris, deu sua alma a Deus já nos Paços do Convento a que foi levado.»

No dia seguinte, tambem em Thomar, foi aclamado rei D. Affonso V, então de menor idade.

No sitio dos antigos paços de D. Duarte está hoje um predio que pertence ao sr. conselheiro Silva Amado, lente da Escola Medica de Lisboa.

No mesmo alinhamento existe uma construcção, do tempo de D. Manuel, a qual conserva o nome de *Lagar d'el-rei*.

Parallela á rua da Graça e perpendicular á dos Estáus, fica a rua dos Arcos, onde são ainda visiveis os vestigios das arcadas correspondentes aos bazares que D. Duarte destinou aos judeus para ali exercerem seu commercio.

Alem d'estas ruas, a cidade de Thomar conta varias outras, taes como: de Joaquim Jacinto (antigo facultativo municipal) <sup>1</sup> do Everard (engenheiro francez, pai do actual jornalista do mesmo appellido), de Gil Avô, cuja etymologia se ignora; do Camarão, da Palmeira, dos Oleiros, da Capella, de Pedro Dias (antigo provedor da Misericordia), etc.

Dada a primasia ao monumental convento de Christo, merecem comtudo menção outras tres casas religiosas que a antiga villa de Thomar possuiu, a saber: ao sul, na Varzea Grande, a de franciscanos, hoje quartel militar; ao nascente, a de Santa Iria, sobre o Nabão; ao norte, a dos capuchos, hoje propriedade particular, vizinha da capella de Nossa Senhora da Annunciada.

Tambem ao norte da cidade, sobre um monte, alveja o santuario da Senhora da Piedade com o seu escadorio de duzentos degraus, que principia á sahida da Varzea Pequena: no topo, a ermida muito branca.

Nossa Senhora não tem na cidade de Thomar mais fervoroso culto do que aquelle que lhe é rendido n'este santuario.

A Varzea Pequena, hoje largo Hintze Ribeiro, está em parte transformada em Passeio Publico. Tem canteiros de flores, e um coreto onde aos domingos vai tocar a banda regimental. Um dos melhores, e mais modernos melhoramentos da cidade, é a Avenida Marquez de Thomar, que da Varzea Pequena vem descendo, sobranceira ao rio Nabão, até á Levada.

Na Varzea Grande, hoje largo Pimentel Pinto, extremo sul da cidade, as ruas são ladeadas de arvores: ao fundo ha uma alameda e um jardinsinho, dentro do qual se levanta uma agulha de pedra, cuja significação historica se ignora.

E' aqui, na Varzea Grande, que a 19 de outubro se faz a grande feira de Santa Iria.

Dura tres dias, e costuma ser muito concorrida.

Ao bom tempo que precede a feira, se o ha, o que quazi sempre acontece, chamam os thomarenses: «Verão de Santa Iria».



201—Levada

<sup>1</sup> Joaquim Antonio Jacintho, muito estimado em Thomar, onde exerceu diversos cargos administrativos. Era natural de Pedrogam Grande, e falleceu em Thomar, com 89 annos, no mez de fevereiro de 1906.

Tambem na Varzea Grande se realiza um mercado de gados no ultimo domingo de cada mez.

A' Varzea Grande prendem-se memorias gloriosas do condestavel D. Nuno: aqui manobrou a sua hoste, tirocinando, nas vespas da batalha de Aljubarrota.

Foi o caso que D. João I estava em Abrantes e, sabendo que os castelhanos de novo tinham invadido o reino, mandou chamar ao Alemtejo o condestavel.

D. Nuno era de opinião que se tratasse logo de cortar o passo aos castelhanos. O rei e os do seu conselho hesitaram. Ardendo em pressa guerreira, D. Nuno deixa o



202—Igreja de Santa Maria da Conceição

rei em Abrantes, e avança sobre Thomar, onde, para adestrar a sua hoste, vai simulando combates todos os dias.

Finalmente, triumpha a opinião do condestavel, o rei vem juntar-se lhe, e na Varzea Grande se reúne todo o nosso pequeno exercito, composto apenas de 6:500 homens.

A 10 de agosto de 1385, dia de S. Lourenço, parte de Thomar, pela estrada de Ourem, esse diminuto exercito ao encontro de 30:000 castelhanos... para vencel-os!

Quem da rua dos Estaús seguir pela estrada da Barquinha, que a continua, encontrará uma pyramide de pedra, muito aguda; uma capella dedicada a S. Lourenço; e, junto á margem do rio, um padrão que o povo chama redondo por ter a fôrma cylindrica.

O primeiro d'estes monumentos, cuja inscripção está semi-apagada, parece referir-se ao tempo de D. Sebastião.

O padrão redondo, posto não tenha inscripção alguma, suppõe-se que commemore



talvez por ordem de D. João III a junção das tropas de D. João I com as do condestavel D. Nuno.

E a capella de S. Lourenço parece continuar a commemoração, por ser a 10 de agosto, dia do mesmo santo, que os exercitos reunidos marcharam da Varzea Grande sobre Ourem.

Falámos já da grande feira de Santa Iria e dos mercados mensaes; falta dizer que na Praça de D. Manuel se effectua um mercado semanal, aos sabbados, muito abundante em generos alimenticios.

Aos seus consideraveis recursos agricolas, devidos á fecundidade do solo, reune Thomar aptidões industriaes e, auxiliada pelo rio Nabão, um importante movimento fabril.

Este rio nasce ao sopé da serra de Alvaázere, passando entre Freixianda e Aldêa da Serra. Traz ahí tão pouca agua, e essa mesma desviada para régas, que até lhe chamam «rio sêcco». Pouco abaixo do logar de Formigaes é abastecido por grandes olhos de agua, que lhe augmentam o vulto. Oito kilometros ao sul de Thomar, um pouco abaixo de Matrena, estreitece de novo, enfia por um apertado canal para ir lançar-se no Zézere.

Não foi talvez com inteira propriedade que ouvi dizer a um thomarenses:

— O Nabão é o unico rio de Portugal que nasce e morre dentro do mesmo concelho.

Perde a sua importancia em Matrena, é certo, mas apenas se reune ao Zézere junto a Constancia.

A agua do Nabão, reforçada pelos motores a carvão, alimenta varias fabricas, a saber: da Companhia Real de Fiação e Tecidos (que data do tempo do marquez de Pombal, sendo chamado para seu fundador o industrial francez Jacome Ratton) com 1:301 operarios; a chamada de Santa Iria, tambem de fiação e tecidos, com 24 operarios; tres de papel — duas da Companhia de Papel do Prado, uma em Prado, com 292 operarios, outra em Marianaia, com 140; pertencente á Companhia Thomarenses de Papel, a de Porto de Cavalleiros, com 175 operarios; finalmente, a fabrica de moagens «Nabantina», além de muitas azenhas, moinhos de azeite, etc.

O Nabão é um poderoso elemento vitalisante da cidade, não só porque lhe augmenta a riqueza, como tambem porque lhe varia o aspecto que, sem o rio, havia de resultar do conjuncto de ruas horizontaes ligando-se umas ás outras monotonamente.

Junto á cidade, e ao nascente, um açude faz torcer para fins industriaes um braço do Nabão, que se chama a *Levada*.

E' a Levada que fornece o motor á fabrica de moagens, a diversos lagares de azeite e á turbina que põe em movimento o dynamo da illuminação publica.

Graças á sua posição geographica, e á sua industria alimentada pelo Nabão, Thomar é um importante centro commercial, ligado por estradas com o alto Ribatejo—a Barquinha, Constancia e Abrantes; com duas importantes cidades da Extremadura, Leiria e Santarem; e pelas linhas ferreas do Porto, Beira Baixa, Beira Alta, Minho e Douro, com o norte do paiz.

Assim achou a cidade de Thomar uma compensação ao prejuizo que lhe causou o ter sido desviado para Leiria o transito de Lisboa e Santarem para Coimbra e Porto.

A cidade, essencialmente laboriosa, carece de vida mundana, como quazi todas as cidades de provincia, mas talvez um pouco mais que as outras.

As noites, se exceptuarmos as dos domingos, são longas e vasiaas.

Quando ali estive ultimamente, pela segunda vez, cheguei n'um domingo e tive a felicidade de ouvir á noite, na Varzea Pequena, a banda militar.

Creio já ter dado a perceber que está aquartellado em Thomar o regimento de infantaria 15.

Nas duas noites seguintes, segunda e terça-feira, sahia depois de jantar para vêr o Nabão, gastando alguns momentos debruçado na ponte ou na cortina da Avenida Marquez de Thomar, e depois ia sentar-me n'um banco da Praça de D. Manuel a olhar para a torre de S. João.

Valeu-me na ultima noite o sr. dr. Vieira Guimarães, que durante algum tempo gentilmente me acompanhou á beira do Nabão.

O luar era divino.



203 — Castello dos Templarios

Mas quando eu estava sentado n'um banco da Praça, e ouvia ás 9 horas da noite tocar o sino que impõe silencio aos presos da cadêa, pesava-me a idéa de que, por amôr do paiz, para o estudar, tenha a gente que passar longas horas de solidão fóra da sua casa, medindo o tempo, minuto a minuto, longamente, infinitamente.

Comtudo, ha dois clubs em Thomar, um na rua Serpa Pinto (Corredoura), que é o mais elegante, e outro na Praça, *Club Artístico*; ambos abrem á noite, mas não teem gente.

Tambem ha o antigo Theatro Nabantino, na rua Direita da Varzea Grande, mas poucas vezes funciona.

Visitei a Escola Industrial *Jacome Ratton*, dirigida pelo distincto pintor e meu querido amigo sr. Henrique Pinto.

Está installada no palacete da rua da Capella — casa historica — muito arruinado, á espera de concertos indispensaveis.

O ensino acha-se hoje reduzido a desenho elementar e ornamental.

O director emprega os seus mais dedicados esforços para levantar a escola, mas a redução do programma, o estado da casa e a diminuição da frequencia combatem todos esses nobres esforços.

Em 1902-1903 houve 46 alumnos; mas no principio de 1903-1904 apenas estavam matriculados 25.



204 — Santa Maria dos Oiveiros

O mobiliario é soffrivel; a bibliotheca, posto que pequena, muito escolhida: ali encontrei o *Dictionnaire du mobilier français*, de Violet-le-Duc; *Encyclopédie des Beaux-Arts plastiques*, de Auguste Demmin; *Grammaire des arts du dessein*, de Charles Blanc, etc.

Ha uma collecção de bons modelos, entre elles alguns colhidos pelo sr. Henrique Pinto em motivos do convento de Christo.

Depois visitei o *atelier* do illustre director, onde passei alguns momentos agradavelmente, apreciando as suas telas de costumes portuguezes.

Eu disse que era historica a casa da rua da Capella, onde está installada a Escola Industrial.

Em duas palavras o demonstrarei.

No tempo das invasões francezas, os thomarenses quizeram resistir, sem outra

defesa possível além do seu entusiasmo patriótico. Intimidados a renderem-se, obstinaram-se; mas por fim, reconhecendo a inutilidade do sacrificio, declararam que só entregariam as armas a um portuguez.

Foi logo indicado pelo povo Antonio Florencio de Abreu, da casa da Capella, casado com uma senhora italiana, D. Angela Tamagnini.

Esta dama, que sabia falar bem o francez, correu ao acampamento inimigo, contou o que se passava, quaes as condições impostas pelos cidadãos de Thomar.

O general francez aceitou-as. As armas foram depositadas na casa da Capella, onde ainda hoje se conserva uma visivel memoria d'este facto: as grades das varandas são feitas de canos de espingardas.

Vem aqui a ponto, no tocante a instrucção popular, dizer que a cidade vai ser dotada com o edificio de uma Escola Central, no sitio da Varzea Grande.

O projecto é do sr. Adães Bermudes, architecto director das construcções escolares.

A construcção foi adjudicada por 7:244,000 réis ao sr. Manuel Antonio Mourão, constructor thomarense.

A frente do edificio mede 56 metros de comprimento e está dividida em cinco corpos, tendo tres pavimentos o corpo central.

O primeiro d'estes corpos compõe-se de um amplo vestibulo, um vestiario, secretaria, gabinetes e uma escada que dá accesso para os andares superiores, os quaes estão divididos em sete compartimentos cada um, destinados a aposentos dos professores.

Nos outros corpos serão installadas quatro aulas com capacidade para sessenta alumnos cada uma, recebendo luz em abundancia por janellas de grandes dimensões. Parallela a estas aulas e pelo lado posterior corre uma galeria geral, que servirá para recreio dos alumnos. D'esta galeria passa-se

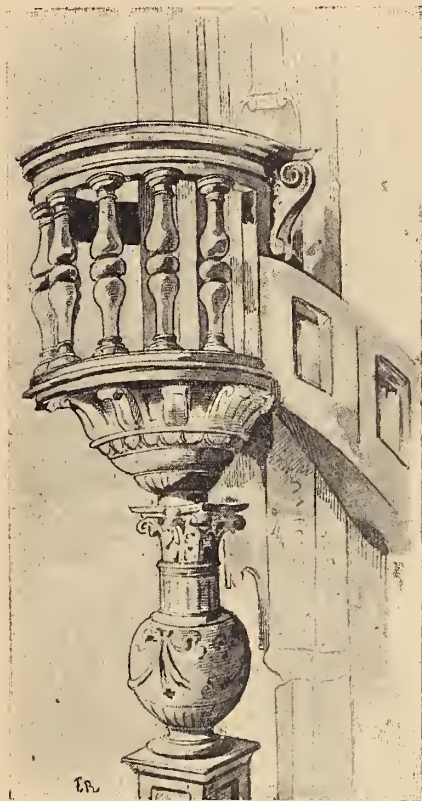
para os jardins e d'elles para um gymnasio coberto, que completa a construcção.

Depois de estabelecida em Portugal a dynastia de Bragança tem a villa, agora cidade de Thomar, sido visitada por algumas personagens illustres, taes como o archiduque Carlos d'Austria (depois imperador da Allemanha com o nome de Carlos VI), elrei D. Pedro II, elrei D. João V e seus irmãos os infantes D. Antonio e D. Manuel; rainha D. Maria II em 28 de outubro de 1843 e 4 de setembro de 1845, d'esta vez acompanhada por elrei D. Fernando II.

Era então ministro do reino o notavel estadista Antonio Bernardo da Costa Cabral, que anteriormente havia arrematado a cêrca do convento, o pateo dos Carrascos com a varanda da ala occidental do claustro dos Corvos, a casa da bibliotheca, o corredor que lhe fica subjacente, o pavimento terreo na ala do sul e o corredor do meio.

Esta compra foi uma das armas politicas, a que recorreram os adversarios do energico ministro para combatel-o.

N'um livro recentemente publicado pelo sr. dr. Vieira Guimarães — *A Ordem de Christo* — 1901 —, livro em que se faz detido e substancioso estudo sobre o convento de Thomar, diz aquelle auctor «...era o convento de Christo do numero dos bens na-



205—Pulpito de Santa Maria dos Olivaeas

cionaes, e esteve, como muitos outros, entregue a um inaudito vandalismo, emquanto esperava que qualquer argentario ou homem de fino gosto se lembrasse de dar por elle, n'esse medonho e contuso leilão de tantas preciosidades, precipitado pelo espectro da volta dos frades, alguns centos de mil reis em esfarrapadas notas do Banco.

«Rico não era Costa Cabral; mas, com as previdentes economias de sua trabalhosa vida, e sobre isso o seu aprimorado bom gosto, alcançou a venda da escalavrada cêrca e de umas insignificantes dependencias do opulento e grandioso convento, pela importante, ao tempo, quant'ia de 5:040\$000 réis».

Convertidas estas dependencias do convento de Christo em casa de habitação, foi n'ella que a rainha D. Maria II e elrei D. Fernando se hospedaram em setembro de 1845.

Conta-se que a rainha, nos dias em que ali se demorou, ia sentar-se algumas horas na varanda da ala occidental do claustro dos Corvos a gosar o bello panorama que d'ali se disfructa, o horizonte amplo, a cidade alinhada ao sopé do monte do Castello dos Templarios, as duas *Varzeas* limitando-a ao norte e ao sul, o Nabão sulcando luminosamente a planície e a margem esquerda empastando os seus bastos olivedos n'uma grande mancha verde-negra.

A essa varanda ficou-se chamando — *da Rainha*.

F'oi na segunda visita, em 1845, que a rainha agraciou o seu ministro do reino com o titulo de conde de Thomar em duas vidas.<sup>1</sup>

Se D. Maria I tinha prejudicado os interesses da villa de Thomar, como em verdade prejudicou, auctorisando o traçado da nova estrada de Lisboa ao Porto por Leiria, outra rainha, e do mesmo nome, honrou Thomar dando-lhe a categoria de cidade, visitando-a duas vezes e agraciando o mais saliente estadista do seu reinado com aquelle titulo honorífico, de que ainda hoje usam o filho e o neto de Antonio Bernardo da Costa Cabral.

Este estadista mandou levantar uma pyramide em commemoração da visita e magnanimidade da rainha.

Depois de D. Maria II só nos recordamos de mais duas visitas reaes á cidade de Thomar: a da senhora D. Amelia de Orleans, e seus augustos filhos, em 6 de abril de 1900; a da senhora D. Maria Pia de Saboya, com o sr. infante D. Affonso, em 9 de fevereiro de 1905.

O convento de Christo foi classificado como monumento nacional de 1.ª classe, cuja guarda está confiada a um conservador pago pelo Estado.

Assim tem este notavel edificio podido subsistir, reparadas as devastações do vandalismo (como as que fizeram os soldados francezes na terceira invasão) e as do tempo.

Em 1845, a rainha viu muito bem a cidade: examinou, com interesse, todas as bellezas do convento; visitou a Real Fabrica de Fiação; deteve-se admirando a bella cascata formada pelo Nabão no açude que conduz a agua para esta Fabrica; entrou na igreja de Santa Maria dos Olivaeas, e assistiu a um espectaculo no theatro.

Elrei D. Fernando desenhou alguns *croquis* do convento, entre os quaes o da janella da Casa do Capitulo.

Quanto á cidade, ainda quero dizer ao leitor algo mais.

Existe hoje uma crêche-asylo, que foi instituida em 15 de agosto de 1902 por iniciativa de D. Brites da Piedade.

A festa mais brilhante que se faz em Thomar é a dos *Tableiros*.

Começa na sexta feira do Coração de Jesus e dura tres dias.

<sup>1</sup> O conde de Thomar foi promovido ao titulo de marquez em 11 de julho de 1878. E falleceu a 1 de setembro de 1889.

Será essa uma boa ocasião para visitar a cidade, mas ao leitor convém não perder nunca de vista uma cautela: e é que, em Thomar, não se deve beber senão a agua dos Marmellaes.

A outra não presta, e pode ser nociva.

O mais seguro, porém, será substituir a agua pelo vinho.

Falando dos vinhos de Thomar, Aguiar classifica-os em tres typos: o da Serra, palhete, muito alcoolico, delgado, aromatico e maduro; o de Santa Maria dos Olivaes, pouco aromatico, encorpado, cheio de casca e retinto; e o vinho de Payalvo, S. Silvestre, S. Miguel, Asseiceira, Alviobeira, Casaes e Sabacheira, que lembra o do campo de Santarem.

E já que tocamos na questão de hygiene publica, tranquillise-se o leitor, porque



206 — Festa dos Taboleiros

Thomar não é hoje uma cidade doentia, como o foi no tempo de Gil Vicente, que não a poupa em seus Autos, haja vista a referencia, no *Templo d'Apollo*, «ás febres de Thomar» e esta allusão no *Triumpho do Inverno*, quando menciona os maleficios do estio:

Sabeis para que elle é bô?  
 Para bichas e serpentes,  
 E fazer suar as gentes,  
 E encher barbas de pó,  
 E de febres Alemtejo,  
 E de «maleitas Thomar»,  
 E calmarias nò mar;  
 E quantas ovelhas vejo  
 Todas as faz tosquiar.

Thomar tem actualmente uma canalisação tão perfeita quanto o permite a posição topographica da cidade. As ruas são limpas. E os aterros, como o da Avenida Marquez de Thomar, substituiram vantajosamente os lôdos do Nabão.

Já que me referi a Gil Vicente, não quero deixar de dizer que no convento de Christo, e no anno de 1523, jogou elle, na presença de el-rei D. João III, o mais arriscado lance da sua vida litteraria, uma cartada de que para sempre podia sahir derrotado ou triumphante.

Dizia-se na côrte, ou pelo menos da côrte sahia a atoarda, que Gil Vicente não era o auctor dos *Autos* que dava como seus; mas que de outrem os tomava.

A solemne experiencia fez-se em Thomar, perante o rei. Escolheram-lhe os fidalgos um assumpto — Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube. Gil Vicente, muito seguro de si, acceitou logo o thema e rapidamente compoz a *Farça de*



207—Padrão de D. João I

*Ignez Pereira*, que o leitor já de certo viu representar modernamente no theatro de D. Maria, accomodada á actualidade por Marcellino Mesquita.

Foi um triumpho bem ganho.

O numero de maior interesse na festa dos *Taboleiros* é a procissão ou antes cortejo que sai da Misericordia e é composto de cento e vinte e tres raparigas, de 15 a 30 annos, vestidas de branco, muito ao garrido, porque um iris de fitas variegadas lhes matisa e realça a uniformidade do traje.

Levar um taboleiro na procissão do Espirito Santo é, para as raparigas thomarenses, a suprema honra e ambição, pois que o serem admittidas representa uma selecção lisonjeira sob o ponto de vista da formosura ou, pelo menos, da elegancia.

Cada «taboleiro» compõe se de um cêsto de verga, que tem espetadas á roda seis

canas de metro e meio de altura: todo o bojo do cêsto é enroupado com toalhas de renda, e nas canas, revestidas de verdura e flôres, são enfiados os pães, sete ou oito em cada uma.

No alto uma corôa de flôres ou de metal dourado liga entre si, como remate decorativo, as hastes que sobem do cêsto.

No cortejo não vai imagem alguma de santo ou santa, nem andor.

Por isso nos parece melhor chamar-lhe cortejo que procissão.

Apenas o que cheira a lithurgia é a bandeira do Espirito Santo, que rompe á frente, e tambem a presença do parochio.

Este e dois mordomos, que o acompanham, conduzem em salvas de prata tres



208 — Uma rapariga com o seu tableiro

grandes corôas, d'esse mesmo metal, as quaes, segundo a tradição, representam o mysterio da Trindade.

Continua-se o cortejo com a exhibição de seis bois, enfeitados de flores e laços, que no dia seguinte hão de ser mortos.

Depois, a respeitavel intervallo, começam a desfilar as raparigas com os «tableiros», indo ao lado de cada uma d'ellas um rapaz para a ajudar a subir ou descer sua gloriosa carga.

A's vezes, quasi sempre será, o adjuvante é o namorado preferido, o eleito do coração.

Dos «tableiros» se chama este cortejo ou procissão, porque, segundo parece, o pão seria a principio conduzido em tableiros, que mais tarde foram substituidos pelos açafates, quando a imaginação dos thomarenses começou a querer dar maior gala e pompa ao cortejo.



Tanto os pães como a carne dos bois são distribuidos pelos pobres da cidade, e também pelas pessoas e familias que concorreram, com donativos, para a festa.

A nossa estampa representa uma das raparigas da «procissão dos taboleiros» com o seu galante fardo deposto em descanzo no chão.

Thomar tem sido berço de alguns homens illustres, taes como Antonio de Castilho, lente da Universidade de Coimbra e desembargador da Casa da Supplicação, filho do famoso architecto João de Castilho; o arcebispo de Lisboa D. João Annes; e o abalissado musico Braz Pereira Furtado, mestre da capella de D. João IV, Affonso VI e Pedro II; além de outros.

Ultimamente dois filhos de Thomar prestaram relevante serviço á sua terra procurando tornal-a mais conhecida com a publicação de largas monographias em que se propuzeram estudal-a.

Um d'elles, o sr. dr. Vieira Guimarães, deu ao prelo um volume de 373 paginas sob o titulo *A ordem de Christo* (1901).

O outro, o sr. dr. João Maria de Sousa, estamipou a *Noticia descriptiva e historica de Thomar* (1903), em que versa, durante 253 paginas, os mais importantes assumptos relativos áquella cidade.

Ambos os auctores são medicos.

Tambem, collaborado pelos srs. Adães Bermudes e Vieira Guimarães, foi publicado, em agosto de 1898, um fasciculo de 8 paginas sobre Thomar, 1.º numero do *Album artistico de Portugal*, que me parece não haver tido seguimento.

Como subsidios mais antigos, indicarei ao leitor: *Memoria sobre o convento da Ordem de Christo em Thomar*, 1842; *Monumentos das ordens militares do Templo de Thomar*, por José Antonio dos Santos Lisboa, 1879.

Publicam-se actualmente na cidade dois periodicos semanaes, a saber:

*A Verdade*, semanario democratico, que conta xxiii annos de existencia, e é impresso na typographia Silva Magalhães, rua Direita da Varzea Pequena.

Os proprietarios d'este typographia, seja dito mais uma vez, possuem, junto ás suas officinas, um interessante museu em que, além de alguns valiosos objectos orientaes, ha outros colhidos na propria cidade de Thomar.

*O Thomarense*, tambem semanario noticioso, que se publica ha 20 annos, e é impresso na typographia da rua dos Moinhos, n.º 67.

Ia-me esquecendo de uma pequena industria a que Ramalho Ortigão se refere no *Culto da arte em Portugal*: «no mercado de Thomar vende se em graciosos novellos da fórma de casulos a melhor linha, branca ou preta, que se póde comprar em Portugal».

A cidade de Thomar é cabeça do concelho do seu nome (no districto de Santarem) e cabeça de comarca, de 1.ª classe.

O concelho tem 30:572 habitantes de ambos os sexos e comprehende 13 freguezias, sujeitas ao Patriarchado, das quaes a mais notavel, pelo menos historicamente, é a Asseiceira.

Quem de Thomar sai para Constancia, itinerario que eu segui, encontra, 7 kilometros ao sul da cidade, na ribeira do Nabão, o logar de Santa Sita, notavel por varios titulos.

A estrada offerece um lindo espectaculo de vegetação variada e opulenta, que póde rivalisar sem receio com a da provincia do Minho.

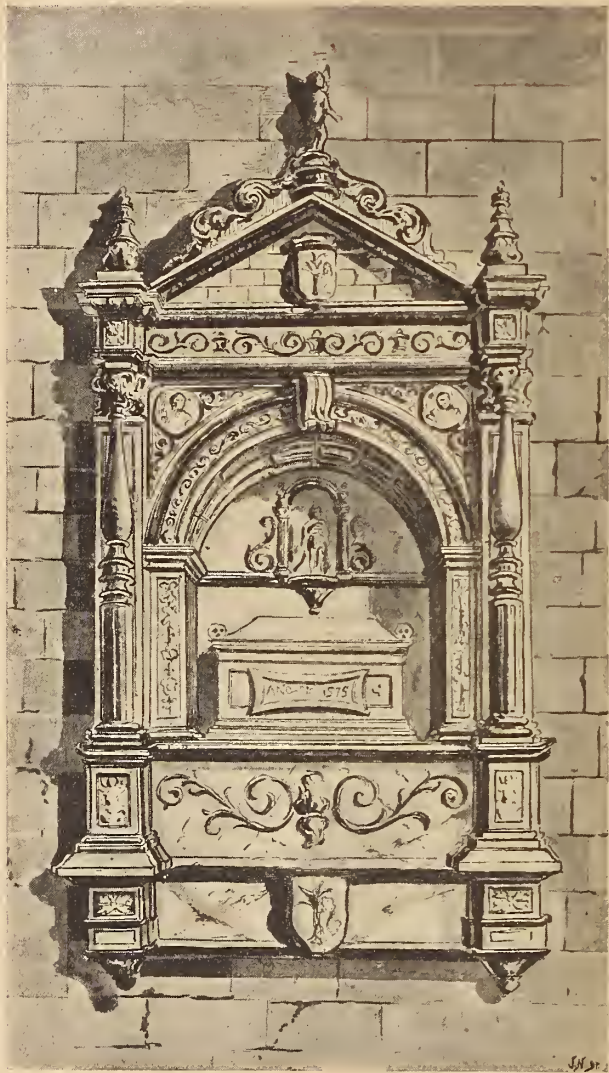
Ha, junto á povoação e igreja de Santa Sita, um espesso pinhal onde no ultimo dia de cada mez se faz mercado de gados, e a 10, 11 e 12 de setembro feira annual tambem de gados.

Bastaria este motivo para tornar conhecido o logar de Santa Sita, mas accrescem razões de tradição religiosa a dar-lhe prestigio.

No anno 155 da éra christã soffreu morte affrontosa n'este logar a virtuosa Sita, cuja vida se relaciona com a de Santa Quiteria e suas oito irmãs, pois que as salvou da morte a que a propria mãe as havia condemnado.

Sita educou-as na fé christã, que fervorosamente seguia, apesar de servir como aia em casa de Lucio Caio Attilio, magistrado bracarense durante o imperio romano.

Um anjo aconselhou, porém, a dispersão das nove irmãs para irem missionando o christianismo entre os gentios da península hispanica.



209 — Mausoléu de Diogo Pacheco em Santa Maria dos Olivaeas

Sita imitou-lhes o exemplo, e caminhou para o sul no empenho de diffundir a religião do Divino Crucificado.

Foi no cerrado bosque de pinheiros, d'esta região nabantina, que os sectarios do paganismo a sacrificaram carniceiramente.

No proprio sitio em que o corpo appareceu, edificaram os christãos uma capella, que depois um ermitão italiano restaurou, e que mais tarde foi transformada em igreja sendo construido á banda do poente, no alto de um monte, um convento de frades franciscanos, hoje propriedade particular.

O terreno onde assenta a povoação e a igreja é declivoso, porque vai descendo para o Nabão, que passa perto e ao fundo. <sup>1</sup>

Ha no logar algumas casas de venda, por causa dos mercados mensaes e da feira annual.

A igreja é pequenina e antiga, e tem alpendrada.

Pouco abaixo, seguindo o curso do Nabão e aproveitando-o, trabalha a fabrica de papel de Matrena, que foi construida no local onde antigamente houve o lagar e moinhos do mesmo nome.

O sitio da fabrica é triste.

Continuando a seguir a estrada de Constançia, o cocheiro indica-nos, á direita, um

# A VERDADE

SEMANARIO DEMOCRATICO

AFILIAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. D. DA VARZEA PEQUENA 2

TYP.—SILVA MAGALHÃES—THOMAR

EDITOR—JOSE RAYNALDO RIBEIRO

23.º ANNO

Publicado 12 vezes por semana, ás quintas-feiras, ás 10 horas da manhã, pelo numero 23 da rua da Varzea Pequena, em Thomar, Constançia de Santarém, Portugal.

DOMINGO, 7 DE OUTUBRO DE 1908

No corpo do jornal, 40 réis e limbo; no de fora do corpo, 20 réis. Arreguntar menos 50 por cento — Associação de leitores e publicadores. Illustrações ou artigos, extra, como todos os dias.

N.º 1221

## EXPEDIENTE

É nosso correspondente em Paris para annuncios, reclamos e factos diversos, MR. A. LUDTIG, director da Sociedade Bullon de Publicidade, 61, Rue Comarlin.

## THOMAR

### COUSAS NOSSAS...

A vida em Thomar... A vida em Thomar é sempre a mesma, sempre a mesma, sempre a mesma...

## SCENAS DE SECRETARIA

### O FIGO PINHAO

Por assim que se viu a colligação... O figo pinhao é uma fruta muito apreciada...

## NOTICIA DESCRITIVA E HISTORICA DA CIDADE DE

# THOMAR

Por J. M. GOVEA

## PREÇO 600 RÉIS

A venda na BIVAMZA, na officina d'Elas (destraher) Eliaz Lyglio e na Typ. Silva Magalhães — Thomar.

Como se vê, Thomar é uma cidade muito interessante... A vida em Thomar é sempre a mesma...

Thomar é uma cidade muito interessante... A vida em Thomar é sempre a mesma...

210—Fac-simile do jornal A Verdade

grupo de casas alvejando por entre o macisso dos pinhaes, que são abundantes n'esta região, e orienta-nos dizendo:

— E' a Asseiceira.

A antiga villa de Ceiceyra ou Assinceira, hoje Asseiceira (freguezia do seu nome) está situada n'um valle junto á falda de um monte.

Tem por vizinhos dois rios: a meia legua, o Nabão; a legua e meia, o Tejo.

Fica nove kilometros a nordéste da estação do Entroncamento, na estrada real que vem de Thomar entroncar na de Abrantes a Torres Novas; e sete kilometros a suéste da estação de Payalvo.

Dista de Thomar dez kilometros.

E' tradição que D. Diniz lhe deu foral.

<sup>1</sup> Com o nome de Santa Sita organisou-se em Thomar um syndicato agricola, fundado pelo sr. D. Luiz de Castro.

Pinho Leal diz que D. Manuel lhe deu novo foral, e Baptista que Filipe II o reformou em 1591.

A *Memoria* de Franklin apenas se refere ao foral de D. Manuel, que é do anno de 1514.

Os condes da Atalaya foram senhores da villa.

A freguezia, cujo orago é Nossa Senhora da Purificação, tem hoje 2.495 habitantes, sendo 1.192 do sexo masculino e 1.303 do feminino.

Terra fertil, abundante em cereaes, fructas e azeite.

Parece ser antiga n'esta villa a industria de chapeleiro.

Proximo á povoação feriu-se em 16 de maio de 1834 a ultima batalha entre realistas e liberaes.

Foi o duque da Terceira que fechou, n'esta acção, esse longo drama de luctas fratricidas.

Elle proprio descreve assim a batalha no seu relatorio official :

«Chegando ao baixo da serie de alturas sobre a Asseiceira pude descobrir o inimigo em posição e formado nos cumes e vertentes das ditas alturas. Então comecei o ataque, e formando tres columnas das tres brigadas d'este exercito fiz avançar pela direita a columna do coronel Queiroz ; pelo centro a do brigadeiro João Nepomuceno, e pela esquerda a do tenente-coronel José de Vasconcellos. O inimigo favorecido pelas vantagens da sua posição e pelo fogo da sua artilharia, resistiu teimosamente, e sustentou por muito tempo as sinuosidades do terreno que occupava, empregando em todas as circumstancias favoraveis a sua cavallaria, que a nossa infantaria das columnas do centro e direita repelliu sempre com a maior galhardia, formando-se com a promptidão e conservando a segurança e firmeza a que essa arma deve a sua superioridade. Finalmente, a despeito de todas as difficuldades, e resistencia, as alturas foram tomadas, e o inimigo posto na mais completa debandada e perseguido por tal forma que a sua fuga decidida teve lugar em todas as direcções sobre as estradas de Punhete, da Barquinha, de Torres, da Gollegã e por todos os montes e valles intermedios.»

A respeito da batalha da Asseiceira, Pinho Leal não occulta o tremendo desastre dos miguelistas.

Escreve dizendo : «Os realistas, depois de uma brilhante investida, abandonaram o campo em desordem, por má direcção dos chefes».

N'estas poucas linhas ha, comtudo, duas inexactidões.

Como se viu do relatorio, não foram os miguelistas que investiram ; os liberaes é que atacaram.

Mas o proprio duque da Terceira confessa que o exercito de D. Miguel resistiu teimosamente, isto é, que se defendeu bem, com bravura.

Até aqui não encontramos «o erro dos chefes.»

A posição dos realistas era vantajosa : não houve, portanto, erro em tomal-a.

A sua cavallaria foi empregada «em todas as circumstancias favoraveis», como diz o duque da Terceira.

Tambem não está aqui o «erro».

Onde estará então ?

Só se foi em perderem a batalha. Mas perder ou ganhar uma batalha é, em grande parte, um lance da sorte, e o que perde, se soube bater-se, não é culpado no desastre.

Nas graves doencas, os medicos assistentes, por maiores esforços que empreguem para salvar o enfermo, são sempre accusados de o terem deixado morrer.

O mesmo acontece com o general que perde uma batalha, ainda quando soube tomar



As quatro pequenas cidades da Extremadura — Santarem, Thomar, Leiria e Setubal — que são como outros tantos satellytes da cidade principal, Lisboa, ao mesmo passo capital da provincia e do reino — possuem um gracioso caracter pittoresco, tão accentuado, que em nenhuma é igual ao das outras, e em todas prende a attenção do viajante.

Esta cidadezinha de Thomar, que ainda ha pouco deixámos, com o seu rio luzente, o seu castello historico, as suas igrejas famosas, as suas pedras antigas, as suas fabricas modernas e a lenda da sua Iria santa, deixa-nos uma grata lembrança, não tanto em alto relevo como a que trouxemos de Santarem, mas certamente não menos duradoira e saudosa.

Parece-nos que levamos ainda no ouvido o som longinquo dos sinos da remota Nabancia n'um dia de festa, e que esse mesmo som o ouvimos repercutido longamente no valle ameno por onde o Nabão descreve seu curso.

Então nos tornam a acudir á memoria os versos da chácara de Castilho :

Tocam sinos em Nabancia,  
Tocam sinos á porfia.

E uma suavidade cariciosa nos amacia o espirito n'um deleite de recordar lindas terras portuguezas, que vimos durante algumas horas e que fizeram variar o curso habitual da nossa vida, ás vezes aborrecido e aspero.



## Constancia



u pude observar demoradamente o rio Zézere.

E digo sinceramente que este rio me inspira interesse e respeito, não só pelo seu decantado arreganho, que tanta vez o faz brigar com o Tejo e vencel-o, como pelo que a seu respeito deixaram escripto poetas e prosadores antigos.

Ponhamos á frente dos poetas o grande Camões, que não pode ter outro logar, e que celebrou n'uma canção o «crystal puro e quedo» do «caudaloso Zézere» que elle proprio contemplou.

Na vanguarda dos prosadores colloquemos Miguel Leitão de Andrada, não porque seja o primeiro entre os seus pares, mas porque em toda a *Miscellanea* fala vezes sem conto do seu patrio Zézere, a que aliás chama sempre «Zenzere».

Na *Miscellanea*, principalmente, colhi, por suggestão tradicional, a vaga impressão do aspecto fragoso do Zézere, do poder impetuoso da sua corrente, da abundancia e sabor do seu peixe, e até d'aquella arvore que o avizinha e por elle foi baptisada.

Diz Miguel Leitão: «o notavel zenzereiro, arvore a quem o rio deu o nome, por se criar sómente n'elle grande e copado, e de folhas muito verdes de feição de louro, cujas flores são brancas, e de feição de cachos de uvas em flor, mas de tão admiravel fragancia de cheiro suavissimo, que por grande espaço de sua circumferencia, e ao redor se está meixerando entre o arvoredos.»

Que arvore é esta? pergunta a minha ignorancia em cousas de botanica.

Não sei ao certo. O *Diccionario* de Candido de Figueiredo diz-me que é o mesmo que azereiro.

Pergunto-lhe o que vem a ser azereiro, e elle responde-me: «Arvore rosácea, da familia das amygdaláceas.»

Fico na mesma, e vou andando para Constancia n'um trem da Companhia Viação Thomarense com um cocheiro seguro e expansivo, que é a nata dos automedontes contemporaneos.

Pelas oito horas da manhã avisto no alto da povoação a igreja parochial e d'ali a nada encontro-me em caminho da ponte sobre o Zézere, patenteando-se-me, finalmente, um largo trecho d'este famoso rio e a sua confluencia com o Tejo.

O sitio é realmente lindo, e, n'essa manhã de outubro, tinha um aspecto deliciosamente suave, sem arrebiques de paizagem romanesca.

Faço menos caso do Tejo que do Zézere, tanto o nosso espirito se volta de preferencia para o que lhe não é familiar.

As duas margens são vestidas de vegetação, especialmente a esquerda. Na curva que o rio descreve junto á ponte, olhando agua arriba entrevi, lá para cima, a região frágosa, menos gentil, mas não menos pittoresca por certo.

Agrada-me a perspectiva da villa de Constancia, mas vão-se-me os olhos no «reconhecimento» de ambas as margens do Zézere.

— E' bonito! exclamo.

O cocheiro commenta a minha apostrophe dizendo:

— O snr. deve lembrar-se que o Zézere já traz o Nabão.

Compreendi-o: orgulho de nabantino.



212 — Vista geral de Constancia

Mas o que eu via ali era o Zézere, englobados n'elle todos os auxilios que lhe prestam os seus affluentes, cujo nome e existencia propria perderam desde que o encontraram. Era o Zézere, e mais nada.

Ao atravessar o taboleiro metallico da ponte, que está assente sobre dois pilares de cantaria, vou relanceando a vista curiosa por uma e outra margem do rio.

Na direita, sobre o monte alto, avisto a igreja parochial de Nossa Senhora da Conceição, de Paio Pelle, freguezia que actualmente faz parte do concelho da Barquinha.

Era outr'ora a matriz da extincta villa de Santa Maria do Zézere.

E do mesmo lado do rio ficava o castello do Zézere.

Na margem esquerda desenha-se-me uma das encostas lateraes da villa de Constancia, com as suas primeiras casas surgindo d'entre arvoredos, e o que lá chamam, em linguagem vulgar, «a praia do Zézere», frequentada por banhistas no verão, e habitualmente por barcos de pesca.

Noto, no recorte extremo da praia, as ruinas da torre de um palacio antigo, e cada vez se vai accentuando mais, no meu espirito, o agrado da primeira impressão que recebi ao aproximar-me da villa de Constancia.

Mulheres, tres ou quatro pelo menos, veem descendo da villa para o Zézere com bilhas de barro á cabeça.

— Esta agua que as mulheres vem buscar — pergunto ao cocheiro — é para lavar ou para beber?

— Para lavar a roupa em casa, snr.

Rodamos agora sobre a margem esquerda do Zézere e já nos assalta um grupo de creanças, que nos sauda gritando e seguindo.



Atiramos para o meio do grupo duas ou tres moedas de cobre, e vamos subindo, por estreitas e declivosas ruas, mal calçadas, para a Praça Nova da Villa, seu principal foco de movimento.

Diz-nos o cocheiro que é ahi que devemos apaar-nos. E assim fizemos.

Já é tempo, por certo, de fornecer ao leitor alguma noticia de character impessoal, a começar pelas origens da notavel villa de Constancia, em que acabamos de entrar pela primeira vez.

Segundo o faro penetrante dos etymologistas, os romanos deram a esta povoação o nome de *Pugna-tegi*, devido ao facto das aguas do rio Zézere levarem de vencida as do Tejo, passarem por cima d'ellas, e muitas vezes irem inundar os campos da margem esquerda d'elle.

Perdida com o tempo a syllaba final de *Pugna tegi*, ficou Pugnate, d'onde veio a dizer-se Pugnete e depois Punhete.

Oiçamos o testemunho de Miguel Leitão, que é o mais floreado entre todos os que confirmam esta remota etymologia.

Diz elle falando do rio Zézere, que mythologicamente denomina «gigante Zacor» :

«Entanto que chegando ao rio Tejo, com se lhe avisinhar já manso, o atravessa da outra banda, e corta pelo meio, sem fazer caso d'elle, sendo tanto maior, e á outra banda chega ainda com tanta furia, que lá vai arrancar as arvores que alcança, com outros damnos, levando suas aguas distinctas das do Tejo mais de uma légua, por lhe não querer reconhecer vantagem, e antes o faz tornar atraz, e represar no logar onde o atravessa, e por isso é causa de que o Tejo alague muitas vezes parte da villa de Punhete».

Mas este facto, que tanto surprehendeu os antigos, não é privativo do rio Zézere.

No logar em que dois rios se encontram, a agua doce de um d'elles sobrepõe-se á do outro, quando a d'este contém porção de saes marinhos, e é por isso mais densa. Semelhante phenomeno foi observado por Franklin nos rios da America, e por Stevenson, no porto de Aberdeen, na embocadura do Tamisa. O mesmo phenomeno é ainda manifesto a grande distancia da foz de um rio que, levando agua salgada, se encontra com outro de agua doce, que se lhe sobrepõe, como acontece com o Tejo em relação ao Zézere na confluencia de Constancia.

É', no fim de contas, o principio de hydrostatica que regula o equilibrio dos liquidos sobrepostos, e que costuma demonstrar-se nas escolas com o chamado *frasco dos quatro elementos*.

Para lisonjear o rio Zézere, que tanto me agrada, disse-lhe eu que muito bem conheci o seu — barão —, bravo e impetuoso como elle.

Quem se não lembra do famoso commandante das guardas municipaes, Joaquim Bento Pereira, que fôra agraciado com o titulo de barão de Rio Zézere em 1854?

Sêcco e rijo, cheio de arreganho militar, de cima do seu cavallo, com um chicote em punho, elle varrêra a multidão do Chiado n'um dia de carnaval turbulento.

Dizia-se que aos ministros falava com o mesmo arreganho, e que formulava as suas exigencias batendo com o chicote sobre as carteiras dos gabinetes.

Foi, não ha duvida, um homem temido, poderoso, e valente.

Guimarães Fonseca, quando um dia se cansou da bohemia litteraria, captou as boas graças do barão de Rio Zézere escrevendo-lhe a biographia e fazendo-a reproduzir em «todos» os jornaes do paiz.

O barão enterneceu-se e disse ao seu biographo :

— Ha de ser empregado.

D'ali a dias Guimarães Fonseca tinha um emprego.

Conta-se que a povoação de Punhete foi elevada a villa por D. Sebastião, a pedido de Simão Gomes, o *sapateiro santo*, que ali tinha familia.

Mas isto não pode ter acontecido em 1578 como diz Pinho Leal ou em 1579 como diz a *Miscellanea*.

E' preciso ter conta nas datas.

O *sapateiro santo* falleceu a 18 de outubro de 1576: bastará esta razão.

D. Sebastião partiu para a infeliz jornada de Africa a 25 de junho de 1578, dois annos incompletos depois do fallecimento de Simão Gomes.

O caso passou-se no anno da «peste grande», 1569.

O *sapateiro santo* fugira de Lisboa e refugiara-se em Punhete, com sua mulher.

Por signal que, chegado ali, «o não quizeram logo deixar entrar, e o puzeram dez dias em degredo», diz o seu biographo, Padre Manuel da Veiga.



213 — Parte da villa e ruínas de uma torre antiga

Isto é, puzeram-n'ò de quarentena, n'um improvisado lazareto, para se defenderem do contagio.

Ora vamos a vêr como o caso se passou, segundo o mesmo biographo:

«Vindo elrei de Thomar para Almeirim, os moradores do lugar de Punhete lhe fizeram uma ponte de barcas no rio Zézere, por onde sua alteza passou com todos os cortezãos, e mais gente, que o acompanhava, e lhe ordenaram gazalhal-o em umas casas nobres, que estão junto ao Tejo, que ora são de D. Francisco de Sande, de que tudo elrei mostrou muita satisfação. E como os mais do lugar eram parentes, e conhecidos de Simão Gomes, e sabiam quão acceto era a elrei, lhe rogaram pedisse a sua alteza por mercê fizesse aquelle logar villa, pois era capaz de o ser. Levou-os Simão Gomes ao Paço com outra muita gente d'aquelle povo; e entrando que elrei o viu, e conheceu, com particular alvoroço, e demonstração de alegria lhe disse: «Aqui estaes, Simão Gomes?» E gabando-lhe o artificio, e commodidade da ponte, que os d'aquelle logar lhe fizeram para a passagem, e o bom gazalhado, que lhe tinham preparado, lhe perguntou se o havia de ir vêr a Almeirim, aonde passava, e se queria d'elle alguma mercê; a que Simão Gomes beijando a mão respondeu: «Senhor, este logar de Punhete é quasi todo de meus parentes, e me agazalharam aqui, assim elles como a mais gente, com muita caridade por amor de Deus, pois me vim como peregrino: faça-me Vossa Alteza mercê de querer, e mandar que d'aqui em deante seja villa, e deixe de ser aldea.» Ao que elrei deferiu logo, dizendo: «Quero, e mando que Punhete seja villa, com todos os

privilegios, que por este titulo lhe pertencerem, e se lhe passe logo a provisão d'esta mêrce, que Simão Gomes me pede.»<sup>1</sup>

Contados estes pormenores, e rectificadas as datas, melhor ficarão sendo comprehendidas as circumstancias em que, e por que, a aldea de Punhete obteve a categoria de villa.

Já agora vejamos como lhe foi mudado o nome para o que actualmente tem.

Conta-se a este respeito uma anecdota inverosimil, pois que n'ella se dá como presente ali a rainha D. Maria II antes de 1836, o que aliás não aconteceu.

A antiga denominação da villa, morphologicamente semelhante, com pequena differença, a uma palavra de sentido pornographico, foi certamente a causa da povoação, atirando a etymologia por cima dos moinhos, querer mudar de nome.



214 — Vista da margem esquerda do Zézere

Até as palavras estão sujeitas á evolução dos tempos.

Vejamos o honroso diploma que auctorisou a substituição do antigo titulo da villa por outro menos equivoco.

«Sendo mui digno da minha particular consideração e reconhecimento, o feito glorioso praticado pelos honrados habitantes da — Villa de Punhete —, os quaes, no meio ainda do jugo ferreo, que opprimia a Patria, foram os primeiros que espontaneamente alçaram o generoso grito da aclamação dos meus direitos, e das publicas liberdades na villa de Thomar, em o dia 25 de junho de 1833, a despeito mesmo de numerosas bayonetas liberticidas, que longe de os fazer desmaiar, mais estimularam o zelo verdadeiramente patriotico, que os animava em tão generosa, quanto infeliz tentativa, pelos successos que se lhe seguiram: Querendo Eu perpetuar, por meio de um condigno brazão, a bem merecida conta em que tenho tão heroico e nobre feito; brazão que ateste igualmente aos vindouros os brios e devoção civica dos honrados habitantes de — Punhete —; e comprazendo-me ao mesmo tempo de condescender com os louvaveis e justos desejos da respectiva camara municipal, manifestados na representação que ella

<sup>1</sup> *Vida, virtudes, e doutrina admiravel de Simão Gomes, portuguez, etc.*, Lisboa, 1759, cap. IX.

dirigiu á minha augusta presença e na qual requeria que aquella villa fosse elevada á preeminencia de notavel:

Hei por bem decretar que a mencionada — Villa — se denomine d'ora em diante — Notavel Villa de Constancia —. O secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. — Palacio das Necessidades em 7 de dezembro de 1836. — Rainha — Manuel da Silva Passos.»

A «generosa tentativa» a que o decreto allude faz em verdade honra áquelles portuguezes que, como os habitantes de Punhete, se dirigiram a Thomar para ahí soltar um grito audacioso em favor da liberdade.

Mas esta tentativa foi tão generosa «quanto infeliz», segundo a expressão do decreto, porque os revolucionarios do Ribatejo tiveram que debandar, e foram perseguidos por tropas miguelistas até Hespanha.

Ainda era cedo; mas por isso mesmo foi maior a audacia.

Apeei-me na Praça Nova, segundo a indicação do cocheiro, e fiz bem.

Esta Praça corresponde ao rocio de outras villas, e, *mutatis mutandis*, ao Chiado de Lisboa. E' o centro do movimento e da animação constanciense.

Ali se encontram varias lojas de commercio, mercearias, tabernas, etc. Ali, a facear com o angulo de um predio, está ainda de pé o pelourinho municipal. Ali está situada a cadea do concelho. Ali se faz o mercado diario.

O sino da cadea toca ás nove horas da noite, não só para impôr silencio aos presos, se os houver, como tambem para dar signal ás tabernas de que é chegada a hora de fecharem as suas portas.

Costume patriarchal, cuja conservação merece louvor.

E' o que, n'outras povoações, se chamava antigamente — toque de recolher.

As cheias, quando são grandes [como a de 1872, sobem até á Praça e ás vezes, tambem, até ás janellas dos predios.

Após alguns momentos de paragem na Praça Nova, proponho-me subir ao alto da povoação.

Enfia pela rua de S. Pedro, que é a mais ingreme de Constancia.

Outras ha, porém, na villa, como a rua dos Ferreiros, rua do Relogio, rua de Sant' Anna, rua Luiz de Camões, e até outras de menos comprehensivel nome, como por exemplo — rua do Árrequil e travessa do Avejão.

De passagem, vou notando alguns predios de aspecto nobre, taes como os palacetes de Vicente Themudo Annes de Oliveira, de D. Eulalia Christina Cabral Falcão e de José Eugenio Nunes Godinho.

Vale a pena subir até á igreja, que é um dos melhores templos do Ribatejo.

Espaçosa e elegante, tem cinco altares lateraes revestidos de preciosos marmores; na capella mór tambem avultam duas especies de marmore, preto e branco.

O pulpito merece especial menção pelos seus labores em pedra.

Mas está damnificado, como damnificada ficou toda a igreja desde o tempo das invasões francezas.

Os soldados de Napoleão fizeram quartel n'este templo e, sem vislumbre de escrupulo, ahí recolheram suas pessoas e os seus cavallos.

Diz-se que queimaram as imagens para cozinhar o rancho.

No lagedo do pavimento ainda ha vestigios de se ter ali accendido fogo.

O orgão, cujas vozes não ouvi, mas que me disseram ser magnificas, foi construido em 1827 por Xavier Machado e Cerveira.

No tecto, restaurado de 1897 a 1898, ha uma tela de Malhõa, representando Nossa Senhora da Assumpção, que é a padroeira do templo, rodeada de cherubins.

Completam este *plafond* duas figuras humanas: a de um velho, que symbolisa o Tejo, e a de um moço, que personifica o Zézere.

Eu detesto as pinturas allegoricas, que já deviam ter feito o seu tempo como a mythologia. Aqui, de mais a mais, embasbaquei perante um enigma.

Qual dos dois rios deverá ser mais velho? Ou não serão elles gêmeos, productos simultaneos de uma genese universal? Vão lá sabel-o! Os rios não podem tirar certidão de idade. Por isso o enigma subsiste escuro e complicado.

O Tejo, na téla de Malhõa, aponta ao Zézere a vista da villa, que se esfuma, muito em escorço, sobre um plano longinquo.

Na ampla sacristia d'esta igreja ha um lavatorio de pedra lioz e uma pía de agua-benta em fórma de concha, que são dignos de estimação e apreço.

Não se sabe ao certo a data da primitiva fundação do templo, mas crê-se na villa que se não foi edificado, pelo menos seria reconstruido no seculo xvii

O que é certo é que tem o character architectonico d'esta epoca.

Do adro da igreja, e melhor ainda da torre, avista-se um largo e encantador panorama, tanto para o lado do Tejo, como do Zézere.

A' ilharga do templo, está situado o cemiterio.

E não fica longe a ermida de Sant'Anna, que nada tem de notavel.

No plano inferior da villa encontra-se a igreja da Misericordia, que foi ultimamente favorecida com algumas reparações, e que se recommenda pelos seus bellos azulejos, e antigo retabulo do altar-mór em obra de talha.

O hospital da Misericordia encontra-se actualmente em excellentes condições hygienicas, pois foi reconstruido a expensas do legado de 30:000\$000 réis, devido á beneemerencia de D. Maria Balbina Franco.

Não fica proximo á igreja do seu nome, mas sim a oéste da villa, junto ao Zézere.

No arrabalde denominado Chão da Feira está-se construindo um hospital para doencas contagiosas, piedosa fundação do abastado proprietario sr. Francisco Augusto da Costa Falcão.

Tem Constancia tres escolas de instrucção primaria: uma para o sexo masculino, em casa propria; as outras duas para o sexo feminino, sendo uma d'ellas edificada e dotada á custa do sr. Jacinto da Silva Falcão.

Possue a villa um theatro, um club, uma sociedade dramatica, uma sociedade recreativa e uma agremiação musical intitulada — Philarmonica Constanciense Primeiro de Dezembro.

Ha uma hospedaria chamada «da Almiana», onde não cheguei a entrar, porque no meu roteiro estava marcado o almoço para mais tarde.

Abundam n'esta região as fontes de aguas medicinaes, a saber: a Fonte Ferrea, que é propriedade do sr. José Eugenio Nunes Godinho; outra, tambem ferrea, na quinta de Santa Barbara, que pertence ao sr. dr. Zepherino Falcão; uma sulphurosa, na quinta da Capareira

A agua potavel colhe-se na Fonte Nova, e na Fonte Manhosa.

Durante a estiagem tambem se recorre á agua do rio Zézere, que passa por ser saudavel.

Realisam se em Constancia algumas solemnidades religiosas com muito apparatus.

Taes são as da Semana Santa e a festa de Nossa Senhora da Boa-Viagem.

Esta ultima solemnidade é custeada pela classe maritima.

Effectua-se na segunda feira de Paschoa.

Sai uma procissão, que percorre a villa e desce ás margens do Tejo e do Zézere.

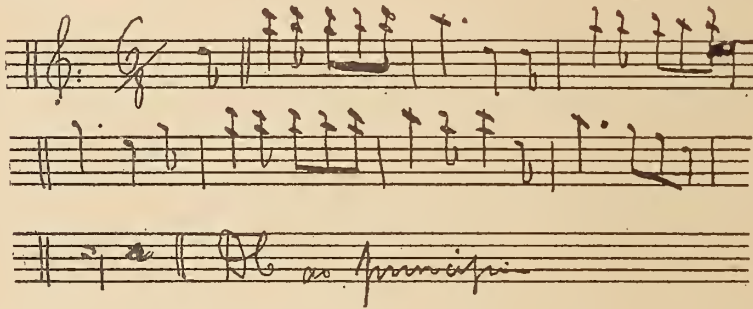
A' sua passagem, os tripulantes dos barcos fundeados em ambos os rios queimam inumeros foguetes e morteiros.

Faz lembrar a procissão de 15 de agosto na Povoia de Varzim.  
 Também ha festejos populares nas noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro.  
 Os descantes e bailaricos concentram-se principalmente no largo do Terreiro.  
 O povo de Constancia é alegre e cantor.  
 Entre as suas canções predilectas escolherei uma, dança de roda, que diz assim:

O' balé, ó balesinho,  
 O' balé da pura neve :  
 Aqui n'esta roda anda  
 Quem muita paixão me deve.

O' balé, ó balesinho,  
 O' balé, verde limão :  
 Aqui n'esta roda anda  
 Por quem eu tenho paixão.

Musica d'esta canção:



Tambem se canta muito a *Flor da murta*, *Róla o pombo* e *Ai! Jesus! meu bem, o que é isso?*

No tempo em que se effectuam na Escola de Tancos os exercicios de engenharia tem Constancia maior animação pelo grande numero de officiaes, sargentos e praças de pré que ali vão de passeio.

Um grupo de 2.<sup>os</sup> sargentos costuma até dar espectaculos no theatro da villa em beneficio dos pobres.

Mas o periodo de maior movimento e bulicio em Constancia é o da feira dos Martyres, de 2 a 5 de agosto, feira importante e muito concorrida.

Já mais longe falamos da ponte do Zézere; falaremos agora da ponte do Tejo.

Esta ponte é a denominada da —Praia— na linha de léste, e já a segunda que a Companhia dos Caminhos de Ferro construe no mesmo sitio.

A primeira assentava sobre pilares tubulares de ferro fundido, sendo cada pilar formado de tres tubos cylindricos.

Foram cravados pelo systema de ar comprimido.

Metade dos tubos firmava-se sobre um banco de rocha, que está debaixo das areias do rio; outra metade penetrava na areia, com o apoio de cascalho e fortes aglomerações de saibro.

Começada em 1861, já em 19 de agosto do anno seguinte corria sobre a ponte a primeira locomotiva.

O povo de Constancia celebrou com alegre alvoroço, e muitos festejos publicos, a inauguração da ponte e da viação accelerada, que representavam um importante beneficio local.

Esta ponte, que á passagem dos comboios fazia ouvir uma grande trepidação, inspirava inquietadora desconfiança aos passageiros.

A lenda de terror era alimentada pelo ruido dos metaes.

Algumas vezes a atravessei, quando exerci uma commissão de serviço publico em Portalegre, e sempre sob a impressão de medo, que era geral e constante.

De uma d'essas vezes um alemtejano augmentou ainda mais o meu susto explicando-me:

— Isto qualquer dia vai abaixo. Pois se metade dos pilares estão enterrados na areia, sem que se possa verificar a sua segurança!

Receei que fosse n'aquelle dia, mas felizmente não foi; nem foi em nenhum, para credito e honra da engenharia portugueza.

O que é certo é que a Companhia fez substituir aquella ponte pela actual, que assenta sobre pilares de alvenaria, construidos de 1896 a dezembro de 1897.

Os trabalhos da casa Eiffel terminaram em 1899.



215 — Vista da ponte sobre o Zézere

A estação da Praia, que serve a villa de Constancia, fica distante d'ella dois kilometros.

A estrada é boa. Uma diligencia faz carreiras entre a estação e a villa, a 60 réis por logar.

E, perguntar-me-ha o leitor, não se lembrou ainda, a proposito de Constancia, do degredo de Camões ali?

Lembrei, sim, sr. Mas quero dar alguma extensão a esse assumpto, e por isso o deixei para o fim, quando já me sentisse mais desembaraçado do peso das indicações topographicas.

Vamos a isso, e com vagar. *A tout seigneur tout honneur.*

Camões, antes de passar a Africa, esteve algum tempo retirado no Ribatejo, por causa dos seus amores com D. Catharina d'Athayde, que os parentes d'ella e a côrte contrariavam.

Este degredo seria imposto ou voluntario?

Costa e Silva, no *Ensaio biographico*, entende que o poeta se ausentou de *motu proprio* para evitar maiores desgostos, e que se lamenta, não por lhe ter sido infligido um castigo, mas por se vêr separado da sua dama.

A esta hypothese me parece oppôr-se o testemunho do proprio Camões quando diz, durante o seu apartamento no Ribatejo:

Aqui me representa esta lembrança  
 Quão *pouca culpa* tenho; e me entristece  
 Vêr sem razão a *pena* que me alcança.

As palavras «culpa» e «pena» parece terem sido intencionalmente colhidas no vocabulário juridico, para definir a situação em que o poeta se encontrava.

Toda a gente conhece a facilidade com que no regimen da monarchia absoluta eram degredados os vassallos: uma simples ordem verbal bastava, ás vezes, para ter effeito de sentença.

Isto durou em Portugal até ao ultimo reinado absoluto.

A ordem podia não ter partido do rei, mas sim de algum official de suas justicas: em qualquer caso, porém, só o rei tinha auctoridade para levantar o degredo (*Ord. Man.* Livro V, tit. 107).

Pelo que respeita a Camões, tudo faz suppor que a ordem partiria de cima, da propria rainha D. Catharina d'Austria, influenciada pelo valimento da familia de *Nathercia*: o poeta queixa-se da rainha, mais cruel ainda do que Proserpina, que ao menos se apiedou da desgraça de Orpheu restituindo lhe Eurydice; da rainha cujo peito era

... cruel e empedernido  
 D'alguma tigre féra  
 Lá na Hircania nascido,  
 Ou entre as duras rochas produzido.<sup>1</sup>

A referencia, visando sempre o genero feminino, não póde deixar duvida alguma. Não é ao pai de Catharina d'Athayde ou a qualquer outro poderoso fidalgo que o poeta se dirige: é á propria rainha.

Mas para onde fôra degredado Camões?

O sr. Theophilo Braga diz com injustificavel segurança: «a ordem que o expulsava da côrte, não lhe indicava logar de homenagem, o que se tornava mais duro pelo despreso que revelava».<sup>2</sup>

Quem viu esta ordem? Viu a o sr. Theophilo Braga? Aonde?

O que é certo é que o livro V das *Ordenações* estatue o seguinte: «... e os que assim forem degradados fóra de certo logar, ou *da côrte*, poderão ir servir seus degra-dos fóra dos ditos logares *onde quer que quizerem*, sem serem obrigados a mostrar certidão d'onde serviram, sómente acabado o tempo por que assim foram degredados fóra do dito logar, ou da côrte, se tornarão livremente onde quizerem».<sup>3</sup>

Eis aqui está, claramente definida, a razão por que a Camões não foi assignalado o logar do desterro: elle podia ir para onde quizesse segundo a lei, comtanto que se distanciasse da côrte<sup>4</sup> cinco léguas.

O poeta escolheu um logar que lhe permittisse contemplar a corrente do Tejo.

Era natural. Esse rio passava em Lisboa, onde *Nathercia* vivia, e poderia ser o mensageiro das lastimas e confidencias de Camões.

O que se sabe positivamente, por que o poeta o diz, é que o logar do desterro era proximo ao Tejo.

E tudo faz crêr que Luiz de Camões não estivesse sempre no mesmo sitio, para maior desenfado de suas maguas. Podia fazel-o. Sabemos, pela sua propria confissão, que de um logar vio o Tejo, e d'outro viu o Zézere e o Pêra. Quer dizer, esteve em

<sup>1</sup> Ode 3.<sup>a</sup>

<sup>2</sup> *Historia de Camões*, 1873, pag. 166.

<sup>3</sup> Titulo 107.

<sup>4</sup> Por côrte entendia-se o logar onde o rei estava.



differentes localidades. Chegou até Pedrógam, onde cantou, admirando-o, o pomar do convento de S. Domingos.

Mas qual seria o logar proximo ao Tejo?

Quiz Faria e Sousa que fosse Santarem; D. Francisco Alexandre Lobo e o morgado de Matheus indicam o Ribatejo sem designar sitio certo; Costa e Silva diz ter havido opiniões em favor de Alemquer <sup>1</sup>; Barreto Feio fala das vizinhanças do Zézere, onde o poeta effectivamente esteve, talvez hospedado em casa de Miguel Leitão de Andrada, mas onde, como podia fazel-o, não permaneceu todo o tempo do desterro, pois não podia d'ahi avistar o Tejo, a que aliás se refere.

Appareceu, finalmente, a opinião do visconde de Juromenha, formulada nos seguintes termos: «A duas léguas de Abrantes para o poente na encosta de um monte cuja



216 — Igreja de Nossa Senhora da Conceição

base é banhada pelo Tejo, pela parte do sul, e pelo occidente pelo Zézere, está situada a villa de Punhete a que os romanos deram o nome de Pugna Tagi (combate do Tejo), porque entrando ali com arrebatada corrente o Zézere, e cortando as aguas cristalinas do Tejo, parece que entra com ellas em combate. N'esta povoação, então logar do termo de Abrantes, e a que elrei D. Sebastião fez villa, parece ter sido o logar do seu desterro por uma certa analogia de descripção que se nota em algumas das suas poesias, principalmente se é sua a canção XII, e pela tradição que me dizem que ali existe».

O illustre titular equivocou-se citando a canção XII, pois n'essa composição canta o poeta o pomar dos dominicos de Pedrógam, dizendo :

De teu formoso pêso  
Se mostra o monte lêdo,  
E o caudaloso Zézere te estranha,  
Porque olhas com desprezo  
Seu cristal puro e quêdo,  
Que com Pêra os teus pés rodeia e banha.

Claramente, esta referencia não pode visar a Villa de Punhete, que é banhada pelo Tejo e pelo Zézere.

O visconde de Juromenha deveria dizer elegia III em vez de canção XII.

<sup>1</sup> N'esta villa não passa o Tejo, mas sim, como sabemos, o rio Alemquer, que d'ali segue a Villa Nova da Rainha, e vai desembocar no Tejo.

Mas prosigamos.

Escreve o illustre titular que na actual villa de Constancia existe a tradição do desterro de Camões, *segundo lhe disseram*.

O sr. Theophilo Braga, reproduzindo alguns trechos da elegia III, commenta-os dizendo:

«D'estes trechos tirou o sr. visconde de Juromenha, pela propria inspecção dos logares, o argumento de que fôra a duas léguas de Abrantes, na povoação de Pugnete, que estivera Camões. O sitio aonde o Tejo é *mais medonho que suave*, é justamente no ponto mais estreito, onde suas aguas combatem com as do rio Zézere que as investe, e onde uma voz pode retumbar e ser ouvida da outra parte do rio.»

Commentemos o commentario.



217 — Foz do Zézere

A «propria inspecção do lugar» fica sendo muito duvidosa desde que o visconde de Juromenha, falando da tradição do desterro, faz obra *pelo que lhe disseram*, e não pelo que elle mesmo tivesse ouvido «sur place».

Fundando-se em duas passagens da elegia II,

O Tejo com som grave  
Corria mais medonho que suave;

Ao sonoro pranto,  
Que as aguas enfreava,  
Responde o valle umbroso.  
De tanta voz o accento temeroso  
Na outra parte do rio retumbava:

conclue o sr. Theophilo Braga que «o sitio onde o Tejo é «mais medonho que suave» é justamente no ponto mais estreito», em Constancia, na confluencia do Tejo e do Zézere, «onde uma voz pode ser ouvida da outra parte do rio».

Ora Constancia não é o sitio onde o Tejo estreitece mais.

Segundo um diagramma do sr. engenheiro Moreira, a largura média do Tejo, desde Villa Velha de Ródam até á Barquinha, está assim calculada:

Entre o porto de Ródam e o da Amieira, 100 metros.

Entre o porto da Amieira e o da Barca da Ortiga, 108 metros.

Entre o porto da Barca da Ortiga e a villa de Abrantes, 180 metros.

Entre o porto da Cereja e a Barquinha, 198 metros.

Constancia fica justamente situada na secção comprehendida entre Abrantes e a Barquinha: 180 a 198 metros.

A concluir-se que o sitio onde o Tejo é «mais medonho que suave» é justamente o sitio onde elle é menos largo, o logar do desterro deveria ter sido entre Villa Velha de Ródam e o porto da Amieira.

Mas para que «uma voz possa ser ouvida da outra parte do rio» não é preciso irmos tão longe.

Esse phenomeno acustico deixa-se observar em varios pontos do Ribatejo: por exemplo, entre Tancos e o Arrepiado.



218.— Moderna ponte da Praia sobre o Tejo

Pelos indicios, que o sr. Theophilo Braga aponta, não se pode inferir que o logar do desterro fosse Punhete, hoje Constancia.

O mais forte indicio é a tradição local, se bem que não seja seguro e, menos ainda, decisivo.

Em Constancia ha duas versões a respeito do degredo.

Uma suppõe que o poeta estivera encarcerado na cadeia da villa, e quando, ha tempos, fazendo-se algumas obras n'este edificio, appareceu, muito oxydado, um varão de ferro, conjecturou-se que seria da antiga prisão no tempo em que ali esteve Camões.

Por este motivo foi dado o nome de rua — Luiz de Camões — á rua até então denominada — da Cadea.

Esta hypothese presuppõe erradamente que o desterro era sempre obrigado a prisão.

Já mostramos que tal não succedia.

A outra versão diz que o poeta se domiciliou ali n'uma casa, de que ainda restam as ruinas, á beira do Tejo, e que seria talvez a de D. Francisco de Sande.

Esta versão é mais conforme com o texto da elegia III, onde o poeta diz:

D'aqui me vou, com passo carregado,  
A um outeiro erguido, e ali me assento,  
Soltando toda a rédea a meu cuidado.

Effectivamente, Camões, para ir da margem do Tejo ao alto da villa, tinha que subir um outeiro.

Tambem esta versão se harmonisa com este trecho descriptivo, que, aliás, não pode applicar-se exclusivamente á villa de Constancia :

Vejo o puro, suave e rico Tejo,  
Com as concavas barcas, que nadando  
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.

Umas com brando vento navegando,  
Outras com leves remos brandamente  
As cristalinas aguas apartando.

Mas já não é tão harmonico o texto da elegia III com esta versão na passagem em que o poeta diz :

Não vejo senão montes pedregosos.

Comtudo pode admittir-se que a visão do poeta seja imaginaria, attento o estado doloroso da sua alma, pois que completa o terceto dizendo :

E sem graça e sem flor os campos vejo,  
Que já tão floridos vira, e graciosos.

Ha, porem, uma consideração que, no meu espirito, contraria a hypothese do visconde de Juromenha: que o logar do desterro fosse Punhete.

Com o seu alto sentimento esthetico e a sua fina sensibilidade, que tão facilmente encontrava relações de semelhança entre os aspectos da natureza e as modalidades psychicas, não deixaria Camões de falar na confluencia do Tejo e do Zézere, se o logar do desterro tivesse, effectivamente, sido Punhete.

Da mesma situação geographica tiraria o poeta bellos effeitos.

Os dois rios confluentes fornecer-lhe-iam, pelo impeto caudal das duas correntes reunidas, um magnifico simile da torrentuosa abundancia das suas lagrimas.

Seriam como a irreprimivel corrente do seu pranto descendo de ambos os olhos, pois o poeta ainda não tinha perdido um d'elles.

O embate das aguas do Zézere com as do Tejo pintar-lhe-ia o conflicto do seu amor com o seu destino, da sua esperanza com o seu desanimo.

Camões não teria deixado de aproveitar esta copiosa serie de comparações poeticas.

Qualquer poeta mediocre o teria feito, quanto mais elle.

E, todavia, Camões, na ecloga II e na canção XII, apenas fala do Tejo; nunca do Zézere.

Que o logar do desterro haja sido no Ribatejo não soffre duvida; que o poeta visitasse então Constancia, como visitou Pedrógam, admite-se; mas que a maior permanencia do desterrado fosse em Punhete, custa-me a acreditar.

A canção XII, onde o visconde de Juromenha colheu o argumento da identificação geographica, prova mais contra esse argumento pelo que deixa de dizer do que pelo que diz: a coincidencia do «outeiro erguido», unica exacta, é contrariada, a meu vêr fundamentalmente, pela omissão da confluencia dos dois rios, dupla fonte de recursos comparativos, que o poeta não podia desprezar, nem esquecer.

A hypothese de Juromenha tem sido acceita, sem discussão, por alguns escriptores de boa nota, entre elles Oliveira Martins, que nas *Cartas Peninsulares* diz, sem hesitações, que o poeta estivera desterrado em Constancia, a que por equivooco chama Constança.

E ainda amplia a affirmação escrevendo que «foi lá que Camões ouviu as Tágides

segredarem-lhe os mysterios dos *Lusiadas*, e ensinarem-lhe a linguagem sublime em que cantou a gloria de um povo já então agonisante e que depois não fez mais do que prolongar a crise do acabamento».

Ora, durante o seu desterro no Ribatejo, qualquer que fosse o logar, é de suppôr que Luiz de Camões se preocupasse menos com as glorias da patria do que com as suas desventuras pessoaes.

Quanto a serem as Tágides que «lhe segredaram os mysterios dos *Lusiadas*», a affirmação não é mais segura: o que passa como certo é que á volta de Africa, Ca-



219 — Luiz de Camões

mões, estando preso em Lisboa, se inspirára para o seu patriotico poema na leitura das duas primeiras *Décadas* de João de Barros.

A ida para Africa é, a meu vêr, a continuação do degredo. O poeta ambicionou ir praticar feitos valorosos que lhe déssem prestigio aos olhos da familia de D. Catharina d'Athayde e da côrte. E para embarcar, como degredado, não precisava de auctorisação de ninguem.

Diz o § 3.º do tit. 107 das *Ordenações Manuelinas*:

«E havemos por bem que todas as pessoas, que degredadas forem para cada um dos coutos dos nossos reinos, podem livremente se quizerem ir servir seus degredos aos nossos logares de Além, ou acabar de servir, se já começado a servir tiverem nos ditos coutos, sem mais nos pedirem, ou mandarem pedir licença, nem provisão para isso, etc».

Se isto era applicavel aos individuos que iam cumprir degredo nos coutos do reino (isto é, em certos logares, designados pelas *Ordenações*,<sup>1</sup> onde permaneceriam sob a

<sup>1</sup> O livro V, tit. LII, menciona os coutos de Marvão, Nondar, Sabugal, Caminha, Miranda e Freixo-d'Espada-á-Cinta.

fiscalisação dos juizes dos mesmos coutos) por maioria de razão devia applicar-se áquelles delinquentes ou suppostos delinquentes que, como Camões, apenas eram obrigados a afastar-se cinco léguas da côrte.

Quanto a estes, a vontade dos seus perseguidores seria que escolhessem, como degredo, em vez da metropole o ultramar.

Deixal-os ir. E assim poderia Luiz de Camões seguir, facilmente, do Ribatejo para Ceuta.

A indole d'este livro não nos permite maior delonga sobre o assumpto.

A villa de Constancia tem uma só freguezia, cujo orago é S. Julião, e conta 1.014 habitantes, sendo 444 do sexo masculino e 570 do sexo feminino.

Fôrma concelho, de que é cabeça, com os freguezias de Mont'Alvo e Coutada.

O concelho, cuja população total orça por 3.000 habitantes, pertence ao districto administrativo de Santarem, á comarca de Abrantes e ao bispado de Portalegre.

Constancia é terra fertil e farta.

Produz trigo, milho, cevada, aveia, grão, feijão, fava, saboroso vinho e excellente azeite.

De fructas tem grande abundancia. Pinho Leal encarece-lhe as romãs, as uvas e os marmellos. Estes, cuja fama nada tem de hyperbolica, são do celebrado Malvar.

Quanto a peixe, o seu mercado é largamente abastecido pelos rios Tejo e Zézere, que lhe servem o savel, o salmão, a lampreia, o mugem, a barba, a borba, a saboga, a enguia, a tainha e a truta.

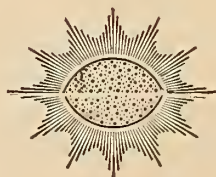
O movimento commercial não só da villa de Constancia, como de todo o Alto-Tejo, soffreu prejuizos com a construcção da linha ferrea de léste, que o desviou do curso fluvial.

Mas, pela theoria das compensações, esta linha deu a Constancia maior rapidez e commodidade de communicação com o resto do paiz.

E agora me lembra uma coisa: é que tenho de seguir viagem para Abrantes.

O fiel automedonte diz que são horas de partir.

Já de cima do trem volvo um olhar de sympathia ao lindo aspecto da villa, digo um adeus affectuoso ao Zézere, e grito ao cocheiro: «Podes largar».



## Abrantes



ANTES da linha ferrea de norte e léste, a viagem de Lisboa a Abrantes era longa e cansativa.

Ia-se navegando Tejo acima, no vapor, até Villa Nova da Rainha. Ahi alugavam-se cavalgaduras, que faziam a conducção dos passageiros até á ribeira de Santarem, onde se fretava um bote, para, ao arrepio da corrente, continuar a viagem, quazi sempre sujeita a inesperadas peripecias.

E' verdade que a paizagem marginal do Tejo, animando-se com o aspecto das povoações ribeirinhas então florescentes, graças á vitalidade da navegação fluvial, recreava os olhos e deleitava o espirito; alem de que estas mesmas povoações, taes como a Barquinha, Tancos, Constancia, situadas á borda d'agua, offereciam paragem cómoda e agradavel aos viajantes, se quizessem utilisal a.

O itinerario por terra não era menos enfadonho, e no inverno tornava-se impossivel pela costumada inundaçãõ dos campos da Gollegã.

Quando finalmente se chegava a Abrantes, e se via alvejar na encosta a povoação, sobranceada pelo seu antigo castello, faltava ainda um bom compasso de espera: era a subida do alteroso acclive, que se empina desde o rio até á villa e que apenas podia então ser vencido por um unico systema de locomoção: o burro, vagaroso e contudente.

Hoje, felizmente, o caso mudou muito de figura.

A viagem tornou-se rapida e suave.

Tomamos a linha do norte até ao Entroncamento, e d'ahi seguimos pela linha de léste até á estação de Abrantes.

E' certo que o caminho de ferro trouxe a dupla vantagem de maior commodidade e rapidez; mas não é menos certo que sacrificou, por amor d'essas duas vantagens, a prosperidade de algumas das povoações ribeirinhas ou de todas ellas.

Para subir, em Abrantes, a ladeira, que vai desde o rio á villa, faz-se, pelo ramal de estrada que conduz á estação, um serviço regular de diligencias: este percurso é de 3 kilometros e os passageiros pagam apenas 100 réis por cada logar.

Agora pode o viajante gosar, sem os incidentes da antiga locomoção asinina, o encantador panorama que se vai graduando desafogado á medida que nos aproximamos da villa, e que raras vezes, em qualquer paiz, será dado encontrar mais bello e amplo.

Demoremo-nos um momento a contemplal o, que bem o merece e nos compensa.

Pinheiro Chagas, falando do estado de fadiga e descalabro em que o exercito de Junot chegou a Abrantes, diz referindo-se aos soldados:

«A vista de Abrantes reanimou-os. E' que nada ha effectivamente mais encantador do que este ridente valle do Tejo, principalmente quando acabam de se atravessar as áridas provincias hespanholas da raia, e os temerosos fragedos da Beira.

«Tudo é risonho e sereno, tudo offerece o aspecto da opulencia e da fertilidade. O rio deslisa brandamente por entre ricos vergeis, pittorescas villas, margens verdejantes, e abraça amorosamente as ferteis lezírias.»

Quanto propriamente á villa de Abrantes, já Camões nos *Lusiadas* dava em poucas mas felizes palavras a impressão da sua amena fertilidade dizendo :

..... da fresca Abrantes,  
Abrantes que tambem da fonte fria  
Do Tejo logra as aguas abundantes.

A villa está situada na margem direita do Tejo, sobre um monte, por cujo dorso se desdobra á banda do poente.

E' pittoresca a sua situação, tanto como o seu aspecto.

Antiga praça de guerra, fechavam-n'a muralhas que foram reconstruidas ou reparadas por varias vezes, sendo as ultimas em 1809 e 1857.

O castello, menos mal conservado, abrange um horizonte de 16 léguas de raio.

Alem do valle do Tejo, a vista alcança montes e povoados, ao longe ou ao perto, em caprichosos escalões, n'uma variedade deleitosa, de kaleidoscópo.

E', na maior distancia, como um traço ondulante de fumo, o contorno da serra de Portalegre; é, para nordéste, alteando-se roqueira, a villa de Mação; é, um pouco mais áquem, a brancura luzidia do Sardoal; é, ao occidente, a villa de Constancia recostada theatralmente na sua collina; é, na margem esquerda, o Rocio do Sul lhanando-se á beira d'agua; é montanha abaixo o bairro que se agrupa junto á fonte de S. José; é a Chainça, a Abrançalha, o Tainho; é, finalmente, a villa de Abrantes com os seus predios modernos, deitada aos pés do soberbo castello antigo.

Oliveira Martins disse referindo-se ao castello :

«Lá de cima, dos muros do castello amodernado, a vista é grandiosamente magestosa. Em baixo o Tejo encastado nos montes. Em volta, a perder de vista, um panorama infindo de montes litteralmente coalhados de olivae e sobreiraes, mosqueados aqui, alem, pelas notas brancas das aldeas e villas caídas, perolas engastadas em verdura sombria.

«A' parte as impressões pantheistas, acodem outras. Que riqueza agricola enorme! Que abençoada terra, que abençoados ares, os que se transformam n'estas florestas opiparas d'onde saem rios de azeite, varas infindas de porcos, cargas de cortiça, montanhas de madeira! Que somma de força e trabalho para desbravar estas charnecas antigas e trazel as á vida social e economica!

«No alto do castello lembrou-me quando Satanaz tentou a Jesus com o imperio inteiro do mundo desdobrado a seus pés... Ante meus olhos desenrolava-se um mundo tambem. Satanaz não me tentava. Nem a ambição do mundo nem a da riqueza são tentações para o meu espirito que vinha, emergido de um banho de encanto, para se perder em um oceano de magnificencia. Nos meus ouvidos cantava a symphonia ideal do mundo, com as estrophes innominadas da natureza creadora »



O Tejo corre ao sul da villa, n'um plano mais de duzentos metros inferior ao nivel do castello.

Todos estes pittorescos elementos de caracterisação devem dar uma rapida idea de quanto é attractiva a situação, bem como o aspecto e panorama de Abrantes.

Sobre a sua origem, que uns suppõem romana ou ainda mais antiga, e sobre o seu nome, tem-se accumulado varias hypotheses, de mui duvidoso valor historico.

E' um esgrimir nas trevas, que não satisfaz nem enriquece o espirito.

Quanto propriamente ao castello, diz uma lapide modernamente collocada n'elle que foi fortificado pelo consul romano Decio Junio Bruto; depois occupado pelos mouros, a quem D. Affonso Henriques o tomou de assalto; depois cercado pelo filho do Miramolim de Marrocos, que lhe causou grossas avarias; depois novamente restaurado por Affonso Henriques; depois cercado outra vez pelos mouros, que certamente o damnificaram, pelo que Affonso III e D. Diniz se preoccuparam em reedifical-o; finalmente, reparado em 1809 pelo principe regente e em 1857 pelo governador barão da Batalha (Grim Cabreira).

Affonso Henriques deu foral á povoação, no qual diz querer «restaural-a e povoal-a»; e D. Diniz doou-a, *propter nuptias*, á Rainha Santa, como tambem D. Fernando a doou a D. Leonor Telles.

Os extremos tocam-se. . .

D. João V não a doou — parece incrível! — nem á rainha, nem á Madre Paula, nem a nenhuma das outras. . . mas erigiu-a em marquizado na pessoa de D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, já então 3.<sup>o</sup> marquez de Fontes.

A villa teve a principio apenas duas ruas, a do Castello e a Nova, mas depois foi-se espraiando para o occidente, montanha abaixo, e pôde assim dilatar a sua área moderna.

Hoje tem varias outras ruas, taes como: Santos e Silva, José Estevam, Paço Real, Solano d'Abreu, e nada menos de quatro praças, Raymundo Soares, Avellar Machado, Principe Real (vulgo Rocio) e Visconde da Abrançalha.

Junto ao Castello fica o passeio publico, denominado Alameda Pimentel Pinto.

Graças á belleza do panorama, não podia ser melhor escolhido o logar para recreio dos abrantinos, que ali vão distrair-se nos dias em que toca a banda de caçadores 1 ou a philharmonica do «Gremio Instrucção Musical».

Antigamente a villa estava dividida em quatro freguezias, S. Vicente Martyr, S. João Baptista, Santa Maria do Castello e S. Pedro.

Em 1834, estas quatro freguezias foram reduzidas a duas, sendo a de Santa Maria annexada á de S. Vicente Martyr e a de S. Pedro á de S. João Baptista.

A freguezia de S. Vicente comprehende, além de uma parte da villa, varios logares, entre elles Alferrarêde de Cima e Alferrarêde de Baixo, Abrançalha de Baixo e Abrançalha de Cima.

O sr. conde de Alferrarêde, da casa dos condes da Anadia, possui n'aquella freguezia um sumptuoso palacio denominado — do Bom Successo.

O titulo de visconde da Abrançalha foi dado ao sr. João José Henriques Trigueiros da Costa Athaide.

A igreja de Santa Maria, sita na parada do castello, é muito antiga, e encerra os notaveis tumulos de Diogo Fernandes de Almeida e D. Antonio de Almeida, da familia dos marquezes de Abrantes.

A de S. Vicente Martyr é ampla, de tres naves e bella fabrica; comquanto a sua primitiva fundação seja anterior á monarchia, está bem conservada.

Sabe-se que D. Sebastião começou a reedifical-a, mas as obras apenas foram concluidas em 1590.

A igreja de S. João Baptista, postoque tambem tenha tres naves, é mais pequena que a de S. Vicente; acha-se igualmente em regular estado de conservação.

Houve na villa de Abrantes tres conventos, um de frades <sup>1</sup> e dois de freiras.

O da Graça, que era de madres dominicanas, foi demolido ha cerca de dois annos para no mesmo local ser levantado o novo edificio dos Paços do Concelho.

Lino da Assumpção, no seu livro *Frades e freiras*, traz um documento pelo qual se vê que a rainha D. Catharina, mulher de D. João III, mandava fazer a roupa branca no convento da Graça.

Os paços do concelho teem estado na Praça Raymundo Soares, conjuntamente com o tribunal e a cadeia.

Mas foi construido um novo edificio, na Praça do Principe Real, para n'elle serem installadas todas as repartições publicas, com excepção da camara municipal.



220 — Um trecho da villa

A este respeito dizia recentemente um correspondente d'Abrantes :

«Está já concluido o novo edificio para as repartições publicas. Comquanto a obra esteja apparatusa, tem comtudo muitos defeitos que se podiam ter evitado.

«Ha ali muitas salas com dimensões exageradas que bem podiam ter sido melhor aproveitadas.

«Se a obra não tivesse obedecido a um mau projecto, podiam ali installar-se todas as repartições publicas de Abrantes. Pois não parecerá caricato e extravagante construir-se um novo edificio para repartições tendo a camara de ficar installada fóra d'esse edificio ?

«Certamente que sim. O espaço que occupa todo o edificio podia comprehender de sobejo todas as repartições publicas, incluindo telegraphos, aferidor, camara, thesouraria, etc., se a planta fosse elaborada com estudo e são criterio.

«E' para lamentar que a obra não corresponda ao sacrificio que se exigiu dos contribuintes, augmentando-lhes as contribuições com o imposto de 7 0/0».

O convento da Esperança, que foi de freiras franciscanas <sup>2</sup>, serve, em parte, de quartel aos reformados; e o convento dos frades de S. Domingos serve de quartel a caçadores 1.

<sup>1</sup> Na Abrançalha havia tambem um convento de frades de Santo Antonio, edificado por D. Lopo de Almeida, em 1526.

<sup>2</sup> Estas freiras fabricavam um doce muito afamado, as celebres «tijeladas d'Abrantes».

No castello estão alojadas duas baterias de artilharia, e o commando militar.

O hospital da Misericordia é um bom edificio. N'elle, á falta de hospital militar, são tratados os soldados doentes.

Outr'ora, Abrantes, em virtude das vantagens da sua posição topographica, foi considerada uma excellente praça de guerra.

O general Foix assim a classificou.

Como ali havia quartel de cavallaria, havia tambem deposito de palha. Até havia a chamada Praça da Palha, que hoje mudou de nome.

O leitor comprehende decerto o que eu quero dizer.

A «palha» de Abrantes é muito celebrada como chalaça popular e tradicional.



221 — Benção de bandeira em Abrantes

Na revista de Sousa Bastos, *Sal e pimenta*, havia uma referencia á «aletria de Abrantes».

Era a palha.

Oliveira Martins, nas *Cartas Peninsulares*, tambem se lhe refere dizendo: «Lembrou-me que a terra é celebre pos esse alimento bestial. Acudia-me o proverbio — quartel-general em Abrantes, tudo como d'antes».

Ora, quanto a chamar-se a Abrantes «terra da palha», querem alguns que esta denominação proviesse de um doce que os frades manipulavam e se chamava vulgarmente *palhada de frade*.

Eram fios de ovos.

Esta interpretação estilla doçura; mas parece mais torcida... do que as feveras da «aletria».

Falemos agora do proverbio a que Oliveira Martins se refere.

Quando, em 1807, Junot chegou a Abrantes com o quartel-general do estropiado exercito invasor, o povo portuguez, vendo que officialmente se não organisava uma resistencia séria, e que a familia real ia abandonar o paiz, improvisou este epigramma:

Quartel-general em Abrantes...  
Tudo como d'antes!

Tal seria, no dizer de velhos, a origem do proverbio.

Nós empregamol-o ainda hoje no sentido de — *statu quo*.

Junot entrou em Abrantes no dia 24 de novembro d'aquelle anno ás 10 horas da manhã.

Ahi lhe disseram que a familia real tinha embarcado, o que não era exacto, porque só embarcou no dia 27 e sahiu a barra no dia 29.

Junot ficou furioso com esta noticia. Teve um accesso de colera tremendo.

Deu largas á sua raiva impondo á villa, que tinha então 1.400 habitantes, o fornecimento de 30.000 rações de pão, carne e vinho e 30.000 pares de sapatos ou 300 mil cruzados de multa.

O juiz de fóra ponderou, moderadamente, a impossibilidade de ser cumprida a requisição dos sapatos. Valeu-lhe isto o ficar preso n'uma das salas da casa onde Junot se aposentára, que era a do medico Rodrigo Soares de Bivar.

Não foi solto senão sob promessa de fazer cumprir a requisição.

Uma vez solto, fugiu.

Mas a camara, para abrandar as iras do invasor, teve de mandar adquirir em Thomar, Chamusca e outras terras quantos sapatos apparecessem.

Os soldados vinham descalços, escalavrados dos pés, e Junot, por isso, não prescendia dos sapatos.

Deu ordem para que um corpo do exercito marchasse em direcção a Constancia (então Punhete) seguindo o caminho de Lisboa.

Mas o Zézere, engrossado com as ultimas chuvas, ia caudaloso, não permittia que os soldados o passassem. Quando isto soube, teve Junot um novo ataque de raiva.

Foi elle mesmo a Constancia, e procurou animar os soldados a passarem o Zézere a vau, dizendo lhes:

— Soldados de Napoleão, vencedores do mundo! assusta-vos um mesquinho regato, a vós, que com as armas na bocca tendes atravessado grandes rios em tantas outras nações!

Dir-se-ia que o Zézere entendeu esta arenga marcial, porque se tornou ainda mais revoltado para zombar de Junot.

Alguns soldados ousaram metter-se á agua, mas foram arrastados por ella, e morreram afogados.

Então Junot tomou a resolução de mandar apprehender em Abrantes madeiras e barcas, e intimou os abrantinos a carpintejarem as pranchas para a ponte sobre a qual o exercito pôde finalmente passar o Zézere no dia 27.

N'essa noite as tropas pernoveram na Gollegã, no dia 28 chegaram ao Cartaxo, no dia 29 a Alhandra, e no dia 30 começaram a entrar na capital.

A Napoleão foi enviado um boletim no qual se dizia ter-se ferido em Abrantes uma grande batalha, em que perderamos 20.000 homens.

Era pêta.

Napoleão, para commemorar a entrada do seu exercito em Portugal, deu ao general Junot o titulo de duque de Abrantes. Portugal era então... roupa de francezes. Já tambem Philippe IV havia feito identica mercê a D. Affonso de Lencastre, filho do duque de Aveiro.

Mas os dominadores estrangeiros passaram, e Abrantes, como titulo nobiliarchico, ficou subsistindo na familia portugueza dos Almeidas, que o possuíam desde o seculo xv.

Junot havia desposado em 1799 Laura Permon, mulher galante e... instruida, um pouco *bas-bleu*, que falleceu em Chaillot (França), 1838, e que deixou varias obras, em que fala de Portugal e Hespanha, assignadas com o titulo de duqueza de Abrantes.

Pariz recusou dar sepultura á viuva de Junot, seu antigo governador, o que inspirou uma das mais bellas poesias de Victor Hugo.

Garrett, na emigração, conheceu a duquesa de Abrantes, a quem faz amavel referencia nas *Viagens*.

Fique em paz o Junot, e voltemos a falar dos nossos.

Os Almeidas, alcaides môres de Abrantes, foram condes d'este titulo (*Hist. Gen.*, tomo XII, part. 1.<sup>a</sup>, pag. 535) pela elevação da villa a condado em 1472, sendo nomeado conde de Abrantes D. Lopo de Almeida.

D. João V, como já dissemos, creou o marquezado em honra de D. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes.

A filha d'este titular, D. Anna de Lorena, por morte de seu irmão D. Joaquim Francisco de Sá Almeida e Menezes, 2.<sup>o</sup> marquez de Abrantes, foi 3.<sup>a</sup> marqueza do titulo e agraciada com as honras de duquesa por decreto de 4 de agosto de 1753.

Sua filha, D. Maria Margarida, 4.<sup>a</sup> marqueza de Abrantes, foi nomeada 1.<sup>a</sup> duquesa (effectiva) do mesmo titulo, em 1757.

O 5.<sup>o</sup> marquez de Abrantes, D. Pedro José, 10.<sup>o</sup> conde de Penaguião, falleceu a 4 de setembro de 1847.

Devia succeder-lhe no titulo como na casa seu irmão D. José Maria, que por ser adversario do regimen constitucional não quiz nunca usar do titulo.

D. José Maria era homem illustrado e poeta estimavel.

Collaborou em varios jornaes litterarios, sendo um d'elles a *Revista Universal Lisbonense*.

Falleceu em 1870.

Ainda outro proloquio relativo a Abrantes, o qual se me deparou pela primeira vez no *Amor de salvação*, de Camillo Castello Branco, a pag. 168: «Estar como a Felicia d'Abrantes, peor que d'antes».

A villa tem-se modernizado no aspecto; e interiormente, na adopção de certas condições de commodidade e regalo geral.

Os seus melhores predios são actualmente o de Raymundo Soares, na praça do mesmo nome; o de Emilio Segurado, no largo do Barão da Batalha, actualmente Praça Avellar Machado; o do capitão de engenharia Jacinto Carneiro e Silva, junto ao Passeio Publico; o de D. Alexandrina Mêna na rua do Outeiro, hoje José Estevam; o da viuva de Francisco Solano d'Abreu, na rua d'este nome, que era outr'ora a rua da Sardinha; o do visconde da Abrançalha na rua Santos e Silva <sup>1</sup>; o da viscondessa do Tragal e o do dr. Martins, ambos n'aquella mesma rua; o do morgado Almada, na antiga rua do seu nome, hoje rua do Paço Real.

N'este palacete estiveram successivamente hospedados a rainha D. Maria II e os reis D. Pedro V e D. Luiz I.

Na antiga villa havia cisternas no castello e em quazi todas as casas particulares.

Mas quem não tinha cisterna de portas a dentro precisava ir abastecer-se de agua á ribeira na fonte de S. José.

Era uma caminhada, e um incommodo grande.

<sup>1</sup> João Antonio dos Santos e Silva, um dos mais brilhantes oradores parlamentares do nosso tempo.

Militava no partido historico.

Nasceu na villa da Moita em 1824; e falleceu em Lisboa a 13 de abril de 1874.

Foi deputado por Abrantes desde 1864 até ao fim da sua vida.

Pinheiro Chagas apreciou-o dizendo: «Nunca orador algum teve tão prodigiosa facilidade de palavra, e tão espantosa fluencia. Podia fallar horas a fio, sem se demorar um instante a procurar um vocabulo, e sempre a oração lhe sahia correcta e elegante».

Brito Aranha, no livro *Esboços e recordações* (1875), traz uma noticia interessante sobre a vida e morte de Santos e Silva.

Ha annos, a camara municipal adquiriu uma boa nascente, que fica ao norte da villa, e canalizou-a para marcos fontenarios, que satisfazem ao consumo publico.

No dia da inauguração das aguas realisaram-se brilhantes festejos.

Funcionam na villa tres escolas de instrucção primaria, duas do sexo masculino e uma do sexo feminino, installadas em edificios proprios e de recente construcção.

Na freguezia de S. João a escola do sexo feminino acha-se estabelecida no mesmo edificio que a do sexo masculino, mas são completamente independentes uma da outra.



222 — Actor Taborda

Tem Abrantes dois clubs. Um d'elles intitula-se João de Deus. O outro, que se denomina — Sociedade Recreativa — é muito frequentado por officiaes.

Ha uma associação de socorros mutuos, com o nome de — Soares Mendes.

Cada socio paga uma quota semanal de 60 réis e, quando doente, tem direito a medico, pharmacia e 160 reis diarios.

Remuneração do medico : 300000 réis; remuneração da pharmacia : 130000 réis; annualmente.

O theatro da villa occupa uma parte do antigo convento da Esperança.

Não é bom, nem moderno, mas tem capacidade para 352 espectadores.

Alem de 11 frisas, tem duas ordens de camarotes.

Chama-se — Taborda — porque n'esta villa nasceu a 8 de janeiro de 1824 o mais illustre actor portuguez do nosso tempo: Francisco Alvares da Silva Taborda.

Lembro-me de ter lido ou ouvido dizer algures que Taborda fôra na infancia moço de barco.

E' natural que assim acontecesse, porque ha um proverbio que diz : em Abrantes, quem não réma, já remou.

Uma origem obscura engrandece ainda mais este, e qualquer outro homem, que soube nobilitar-se por proprio e a si mesmo.

Taborda veio de Abrantes para Lisboa, onde aprendeu a arte typographica.

Depois, apesar do severo vaticinio de Emilio Doux, tornou se uma celebridade incontestavel, um luminar indiscutivel da scena portugueza.

Todos os actores que appareceram com Taborda, e foram muitos e famosos, todos os actores que vieram depois, e não são poucos já, não escureceram nunca, nem poderão



223 — Praça e casa de Raymundo Soares

jámais escurecer, a gloria d'este grande artista, que vae ficando sempre o primeiro entre todos, velhos e novos, por maiores que sejam.

Taborda appareceu n'uma epoca difficil... sobretudo para elle. A gloria não era ainda então uma coisa banal, que toda a gente concedia, e que toda a gente podia receber. N'aquelle tempo o espirito de economia não se limitava apenas ao dinheiro, guardado no antigo pé de meia portuguez : estendia-se até aos adjectivos laudatorios, que se poupavam tanto como os pintos. E uma pleiade de actores illustres, que não se sabia ao certo d'onde vinham, nem como se tinham creado, embaraçava-se mutuamente pela concorrencia, disputava entre si, sem rancores, mas em briosa porfia, os applausos do publico e os louvores da critica.

O Theatro Normal foi uma colmea de artistas notabilissimos, uma fecunda escola dramatica onde um nobre espirito de emulação produzia melhores fructos que todo o corpo docente de um conservatorio. Era dos theatrinhos particulares, era das officinas da Imprensa Nacional que esses jovens artistas iam chegando, sem exames e sem premios. Admittidos como discipulos... dos outros, toda a sua ambição consistia em se não deixarem ficar no escuro, quando os outros avançavam para a luz. E o caso foi que nenhum d'elles cansou, que nenhuma d'essas vocações se perdeu por desanimo ou despeito. Não! Couberam todos no mesmo Capitolio, abrigaram-se, como bons companheiros de trabalho, á sombra do mesmo loureiral, e todos elles foram illustres.

Tasso, Rosa, Theodorico, Sargedas, Taborda, Santos, uma constellação de verdadeiros artistas illuminava a scena do Theatro Normal. Foi um periodo de gloria, esse, para o theatro portuguez, que Almeida Garrett acabava de reformar.

Taborda ganhou, em breve tempo, um lugar definitivo, onde creou raizes eternas, porque o seu nome não poderá esquecer nunca, fica indelevelmente ligado á prosperidade do theatro portuguez.

Duas qualidades primordiaes accentuaram a individualidade artistica de Taborda, dando-lhe um cunho de superioridade inexcedivel: a naturalidade e o methodo.

O seu talento não teve nunca senão duas preoccupações, que o regulavam, sem o es. cravisarem: ser verdadeiro na arte, e segundo a arte. A primeira envolve um dom espontaneo da natureza, que o predispoz, pelo espirito e pelo temperamento, a evitar os arrebatamentos, os exageros, a febre impetuosa de certos artistas, a quem a gloria atormenta, e que erradamente julgam conquistá-la tanto mais depressa quanto mais correm para ella. Taborda possuia um espirito sereno, equilibrado, que o não deixava cegar, nem queimar-se na sua propria luz. A segunda é um producto reflectido do estudo, do trabalho, do escrupulo que retempéra uma consciencia meticulosa. E' o methodo, o processo, o inalteravel respeito que elle tinha pela arte, por si proprio, e pelo publico. Que o applaudissem muito, que o applaudissem pouco, o seu *trabalho* era sempre o mesmo, realisado não para ambiciosamente obter mais um triumpho, mas para conscienciosamente cumprir mais um dever.

Esta seriedade de artista, esta honradez professional, rigorosamente observada, fez que, não obstante o curso dos annos, encontrassemos em Taborda sempre o mesmo actor, quer representasse em Lisboa ou na provincia, na presença de muitos ou de poucos espectadores.

Uma só vez na sua vida, por occasião de subir á scena no Gymnasio a *Viagem á Parvonia*, o publico faltou ao respeito devido ao grande actor, dando ruidosas manifestações de desagrado, não a elle, mas á peça.

Outro qualquer artista, do valor de Taborda, ter-se-ia despeitado pelo facto de o publico o confundir a elle com a peça pateando-a quando elle estava em scena.

Taborda, reconhecendo que não podia valer á peça, bem ou mal condemnada, mas condemnada, não se perturbou, não perdeu a serenidade que conservou até descer o panno sobre o ultimo acto, no meio de um *charivari* enorme.

Cumpriu o seu dever com a lealdade de um soldado que não deserta por vêr perdida a batalha.

Actores ha, e de merecimento alguns, que se deixam ir ao sabor das exigencias das platéas. Quanto mais os applaudem, tanto mais elles tornam elastico o *papel*. Poderiamos citar nomes; não queremos fazel-o. Mas quando Taborda representava não era o publico que governava, era a arte. De caso pensado, como talvez tenha já acontecido, elle não *enterrou* nunca uma peça: não tinha odios, nem favoritismos para ninguem. O seu decoro artistico era superior a todas as pequenas intrigas de bastidores.

Tendo perdido a nitidez da audição, que n'outro tempo possuia, limitou se desde então a reproduzir apenas o seu repertorio antigo. Esta resolução affirmou ainda a sua probidade professional. Não quiz, por falta de ouvido, deturpar as phrases indicadas pelo *ponto*, prejudicar a obra de arte que o auctor confiava á sua consciencia de artista. E, entricheirando-se n'esta resolução honesta, pouco lhe importou ter que parar, cingido ás tradições do passado, enquanto os outros poderiam ir captando applausos com novas creações.

A naturalidade, que era a feição espontanea do seu feito artistico, manifestada prodigiosamente logo desde o principio n'uma epoca essencialmente declamatoria e emphatica, fez que Taborda fosse apto para desempenhar com igual felicidade tanto os papeis comicos como os dramaticos.



D'aqui veiu que elle estava sempre na verdade, regulada pelo methodo, quer arancasse sorrisos ou provocasse lagrimas.

Um actor comico, que se faça valer apenas pelo exagero da caracterisação e dos gestos, é absolutamente incapaz de se amoldar a um *papel* sentimental, onde todos os effeitos a produzir hão de derivar directamente do senso artistico, não sómente do jogo da physionomia e das inflexões da voz.

Nas *Recordações da mocidade*, por exemplo, Taborda percorria, a passo firme, toda essa extensa gamma psychologica que vai do riso ás lagrimas, da phrase alegremente faiscante á emoção profunda e tormentosa.

O publico, que em geral não se dá muito a estudar a indole artistica dos actores, pasmava de que Taborda conseguisse impressional-o em todos os *generos*.

Mas o segredo d'esse factu estava de certo n'uma poderosa faculdade, tão saliente como espontanea, do grande artista: na verdade das suas interpetrações. A dor é tão natural como a alegria: procurar a verdade é o mesmo que enconral-as a ambas na realidade da vida.

Todo aquelle que nasce fadado para surprehender as aspectos da natureza, para observal-a e assimilal-a, tanto se impregna das lagrimas como dos sorrisos dos outros: é como a vismara, borboleta da India, que toma a côr da planta sobre que pousa.

E se a esta faculdade reune a de uma escrupulosa sobriedade de interpetração, um decoroso respeito pela arte que professa, e pelo publico que tem de julgal-o, diz com igual justeza de intenção e inflexão tanto a elegia, que provoca as lagrimas, como a fécia, que convulsiona de riso.

Todos os artistas que se aproximaram de Taborda reconheceram-lhe, consciente ou inconscientemente, uma superioridade inabalavel, que a meu ver proveiu d'aquellas circumstancias. Respeitavam n'ò como um mestre, um privilegiado. E quando pelos palcos de Portugal passava alguma notabilidade estrangeira, que mais affinidades tinha com Taborda, como por exemplo Coquelin, ficavam assombrados de vêr que Taborda, muito antes de conhecer Coquelin, o igualava na verdade e no rigor da interpretação, na naturalidade e no methodo, em que nenhum excedia o outro.

Lembram-se da serenidade, sóbria e intencionada, com que Coquelin diz os monologos?

Sem um gesto de jogral, sem uma *grimace* de arlequim, as palavras rebentam-lhe dos labios com a certeza com que um instrumento de precisão marca uma observação scientifica. São o que são, a expressão exacta de uma ideia pela quantidade, pelo peso da intenção.

Era esta tambem a grande qualidade de Taborda.

Quando elle em 1869 representou no theatro da Trindade o *Medico á força*, traduzido por Castilho, não tinha sahido do seu paiz, não conhecia Coquelin, não se deixava impulsionar por outro factor além do seu proprio instincto artistico.

E Castilho, encantado com a interpretação portugueza de Sganarello, offerencia a traducção a Taborda, *digno successor de Molière na parte do Medico á força*. Phrase concisa mas substanciosa, que deu a Taborda o maior galardão que um actor pôde receber: a certeza de que, justa e precisamente, interpretou um auctor, não pondo de mais nem de menos na intenção de uma obra de arte.

O temperamento de Taborda, integrante da sua individualidade artistica, creou em torno d'elle uma atmospheria de suavidade conscienciosa, alheia a todas as inquietações, a todas as torturas a que estão sujeitos aquelles para quem o talento é uma nevrose, e a vida um Calvario.

D'aqui procedeu, em grande parte, a felicidade domestica do seu lar, o remanso da sua casa, o bom humor com que elle passava um dia ou uma noite em caminho de ferro para ir representar na provincia, sentindo-se bem na mais sertaneja villa do paiz, se lhe

não faltassem noticias da familia, caso unico que podia obrigar-o a recolher a Lisboa sem ter descansado da viagem.

Não é como aquelle Lagartijo dos *Toros de puntas* que não queria trabalhar n'uma povoação de seiscentos habitantes.

Taborda percorreu todo o paiz e, quem o via representar na provincia, não lhe achava differença se tornava a ouvil-o em Lisboa. Era por isso que toda a gente repetia admirada, de anno em anno: «Este Taborda não envelhece!» Ah! o homem, infeliz-



224 — General Junot

mente, ia envelhecendo, mas o artista era sempre o mesmo, desinteressadamente, escrupulosamente o mesmo.

Como todos os artistas excessivamente modestos, elle era, na vida social, um pouco concentrado. A *étalage*, por que tantos se tem feito valer, envergonhava-o, esmagava-o.

Não quiz nunca distinguir-se pelo fato, comquanto viesse do tempo em que era moda isso. E ainda hoje, quando vai a um theatro vêr representar os collegas, é sempre ao fundo da platéa, relegado junto á porta, que elle se senta, de mão enconchada na orelha, para ouvir o dialogo que lhe foge.

Nunca disse adeus a ninguem sem levantar o chapéu da cabeça: reparem n'isto, que imprime caracter. E sempre que alguém, ainda ha poucos annos, precisava do concurso do seu talento, elle não se fazia esperar, partia immediatamente para onde o chamavam — de graça, quazi sempre.

Quanto a divertimentos, resta ainda falar das touradas, que são em todo o Ribatejo o mais popular de todos elles.

Ha em Abrantes uma praça de touros, espaçosa, de recente construcção: tres annos apenas.

Dista da villa uns 500 metros, e está situada á beira da estrada districtal que conduz a Constancia.

Ahi, n'um dia de corrida, podêmos observar bem os trajes caracteristicos do povo abrantino.

E se do profano remontarmos ao sagrado — que touradas e romarias tudo são festas populares — tambem se nos ageitará ensejo para igual observação na romaria da Senhora da Luz, que se festeja a 8 de setembro na sua capella, distante da villa cêrca de quatro kilometros.



225 — Marquiza de Abrantes, mulher de Junot

Pelo que respeita a actos religiosos, que entram a proposito do arraial da Senhora da Luz, diremos que o povo abrantino não costuma deixar de concorrer em massa ás duas mais apparatusas procissões que se fazem na sua villa — a dos Passos e a do Enterro.

Antigamente tambem era muito popular o bôdo do Espirito Santo, que hoje apenas raras vezes se effectua.

Mas vamos ao traje do povo de Abrantes.

Os homens usam jaquêta curta, collete, calça de cotim ou saragôça, sapato brochado, chapéu de aba larga ou carapuça.

As mulheres vestem saia curta com muita roda, casaco de chita, lenço traçado na cintura, e avental grande; na cabeça lenço de ramagens, tambem de chita.

Houve em Abrantes uma outra funcção religiosa, muito interessante por certa eccentricidade profana que a precedia.

Refiro-me á procissão da «mucharinga», que se fazia na vespera da festa de Nossa Senhora da Piedade.

O leitor arregala certamente os olhos e pergunta, com surpresa, o que quer dizer «mucharinga».

Tem razão.

Os nossos dictionarios não trazem esta palavra, a não ser o mais recente de todos: o de Candido de Figueiredo.

Este lexicógrapho conjectura que «mucharinga» seja alteração de «muchachinga», vocabulo derivado de «muchachim».

Ora, procurando «muchachim» no dictionario de Moraes, encontramos: «Dança de muchachins: era de rapazes vestidos de pannos pintados, que iam nas procissões».

Parece, pois, que «muchachim» virá de «muchacho», rapaz, palavra que tem a mesma significação em portuguez e em hespanhol; como tambem veio o substantivo «mucharia<sup>1</sup>» ou «muchacharia<sup>2</sup>», rapazia, multidão de muchachos.

D. Francisco Manuel, no *Fidalgo aprendiç*, refere-se ao muchachim como dança popular:

Tende, que isso não são danças,  
senão cousas de botica.  
Sabeis o çapateado,  
o Terollero? o Villão?  
o Mochacim?

Camões, no prologo de *Elrei Seleuco*, fala de outra dança, que parece ser de origem grega (*Dicc.* de Constancio) e a que dá o nome de machatins, mas seria talvez dança da côrte, e não das procissões ou das ruas.

Provavelmente, «muchachinga», como quer Candido de Figueiredo e «mucharinga», a famosa procissão de Abrantes, tambem derivarão de «muchacho».

Antigamente, em Portugal, e n'outros paizes da Europa, era costume associar as creanças a certas cerimonias lithurgicas, especialmente procissões.

Nós tivemos em Lisboa a tradição do «Bispo innocente», copia do que se fazia em Tours, França, muitos annos antes do de 1260.

«Era costume n'aquella igreja, diz falando de Portugal Frei Apollinario da Conceição<sup>3</sup>, em o dia do Evangelista amado S. João, quando a vesperas se entoava aquelle versiculo no cantico da *Magnifica* «Deposuit potentes de sede» dar o cantor o baculo episcopal ao menino mais moço do côro, o qual immediatamente começava a governar o clero até se completar o officio do dia seguinte, e n'esta breve duração visitava a nossa igreja (a antiga igreja dos Martyres, primeira parochia de Lisboa) e as mais parochias da cidade, nas quaes era recebido com gosto, e ainda com attenções; pois a instituição d'este costume foi devota, em louvor do nascimento de Christo, e dos santos meninos, os quaes por mandado d'elrei Herodes foram em Jerusalem mortos por amor do mesmo Senhor, etc».

O costume acabou, segundo tambem diz Frei Apollinario, pelos excessos e abusos a que dava lugar.

A' sombra do «Bispo innocente», os outros muchachos punham mitra, lançavam a bençam ao povo, e o povo ria a bom rir. Era uma folia carnavalesca, que proporcionava occasião para comesainas, contendas, e chacotas.

Tres concilios prohibiram a bambochata do «Bispo innocente», sendo o primeiro o que se celebrou no anno de 1260.

<sup>1</sup> Graphia de Moraes e Eduardo Faria.

<sup>2</sup> Segundo o *Diccionario contemporaneo*.

<sup>3</sup> *Demonstraçam historica da primeira e real parochia de Lisboa*, etc. — 1750.

Vê-se que a tradição tinha creado raizes, porque resistiu ao primeiro e segundo concilio.

Tambem tivemos em Lisboa a «procissão dos meninos», no dia de Santo Aleixo, a 17 de julho.

O Padre Antonio Franco, da Companhia de Jesus, conta que n'aquelle dia o Padre Mestre Ignacio Martins ia á igreja da Misericordia <sup>1</sup>, acompanhado por grande numero de muchachos, seus discipulos de doutrina, que marchavam com palmas verdes em punho. No andar dos tempos, mudou-se o itinerario da procissão, a qual passou a sahir de S. Roque para a Sé. Encorporavam-se n'ella não só os rapazes, mas tambem todos os professores das escolas de Lisboa. Ainda em 1588 se fazia esta procissão com muito apparato.

Frei Luiz de Sousa, tratando das festas que se realisaram em Vianna do Castello, por motivo da trasladação da ossada de D. Frei Bartholomeu dos Martyres, diz que na procissão ia uma dança de «meninos iguaes todos de corpo e bom parecer, vestidos á mourisca, muito destros e ligeiros que parecia muito bem». <sup>2</sup>

Quer dizer, era o que se chamava «dança de muchachins», segundo Moraes.

Em Abrantes, na vespera da festa da Piedade, a procissão teria sido a principio composta de muchachos; e d'ahi resultaria a designação «mucharinga».

Mas, depois, talvez em respeito aos concilios e outras prescripções ecclesiasticas, era constituída por adultos, segundo o depoimento de uma testemunha ocular, o sr. dr. Cunha Bellem.

No romance *O filho do Padre Cura*, que este distincto escriptor publicou ha annos, encontra-se um curioso esboceto da procissão da «mucharinga», que elle mesmo viu em Abrantes.

«A' tarde — diz o dr. Cunha Bellem — era a procissão da mucharinga, especie de dança, que, na vespera da festa de Nossa Senhora da Piedade, percorre as ruas da villa. Vai na frente um guião, em que se vêem as armas de Portugal; segue um homem com um tambor á cabeça, no qual bate pancadas compassadas; acompanham-o outros doze, em duas alas, cada um com um almofariz de bronze, em que respondem aos toques do tambor, com um cadenciado repique, saltando todos n'um só pé alternadamente; trajam vestes brancas, arrançadas, pela maior parte, de duas saias, uma pelo pescoço e outra pela cintura, e das costas e hombros pendem-lhes, como a fazer romeira, innumeraveis fitas de todas as côres».

Depois acrescenta quanto á origem da «mucharinga» :

«O erudito Francisco Evaristo Leoni quiz vêr n'esta dança uma reminiscencia da festa dos Salios, com a qual não tem poucos pontos de contacto; e o nosso illustrado amigo o general Manoel Antonio Morato julgava-a a reproducção dos tripudios que outr'ora se concediam aos escravos por occasião de festejos publicos, como consta de documentos existentes no archivo da camara, havendo em apoio d'esta opinião a circumstancia de irem, muitos, se não todos, os dançadores mascarados ou mascarrados de preto».

Pelo que me respeita, eu não pude examinar quaesquer documentos no archivo municipal de Abrantes; nem tambem os annaes manuscriptos, que ali existem, e foram redigidos por um advogado, já fallecido, João Valentim da Fonseca Motta.

Mas, tendo horror a investigar as causas primarias, não irei até aos Salios, como

<sup>1</sup> A antiga igreja da Misericordia de Lisboa desmoronou-se com o grande terremoto de 1755. Ficava no local onde hoje se vê a igreja da Conceição Velha. Foi fundação de D. Manuel, só concluida no reinado de D. João III.

<sup>2</sup> *Vida de D. Frei Bartholomeu dos Martyres*, liv. VI, cap. XI.

Leoni; outrossim, á falta de elementos de investigação, não acompanharei a hypothese do general Morato.

Eu pendo, por suggestão da palavra «mucharinga», para uma supposta filiação em qualquer «dança de muchachins» ou muchachos.

Como quer que seja, deixou de se fazer em Abrantes essa pittoresca exhibição na vespera da festa da Piedade.

Consultado a este respeito por mim, o dr. Cunha Bellem respondeu-me em carta de 28 de outubro de 1903 dizendo:

«Quando andei a tratar de uma eleição mallograda em 1874 ou 75, perguntei pela procissão da mucharinga e disseram-me que já se não fazia».

N.º 180

Domingo 1 de Novembro de 1903

Anno IV

# JORNAL DE ABRANTES

SEMANARIO DEMOCRATICO

## ASSINATURAS

Anno, 4.000 réis; semestre 500 réis; trimestre 250 réis.  
Pagamento adiantado. Na cobrança das assinaturas, feita pelo correio, accresce o pròprio do vale 50 réis. Os srs. assinantes tem o desconto de 20 p. c. nas suas publicações.

## Administrador e Editor.

MANOEL DOMITTEIRA NETO

Redacção, administração e tipografia

LARGO DO DR. JOÃO DE DEUS—ABRANTES

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, 50 réis a linha; anexo, 20 réis a linha. Anúncios: preferencial, contrato especial. Não se justifica em anúncio. Anúncios publicitários de que se recusa a exemplar.  
Endereço telegraphico—Journal Abrantes—Abrantes

## OS AMIGOS DAS CRIANÇAS

## O PROFESSOR

No *Diário de Notícias* publicou ha dias o sr. Guilherme Ennes, tenente-coronel medico do exercito, um artigo acerca da educação da criança e que, em nosso entender, não pode passar sem reparos.

O sr. dr. Guilherme Ennes é evidentemente um escritor muito correcto, que allia a elegancia da frase a poder convincente muito para apreciar, mas a verdade, é que sua ex-

mente, possa exercer sobre os seus alumnos.

Mas... dadi ao que diz o sr. dr. Guilherme Ennes!

O espirito da criança é na verdade um campo intacto, donde não ha que tirar erva daninha; mas o sr. dr. Guilherme Ennes ignora ou esquece que a cultura desse campo se não pode conseguir com simples flores de retórica.

Imagine por exemplo o illustre escritor que lhe está confidada a regencia duma classe primaria tu vesperas de exames, e em que todo o tempo é pouco para administrar notes e conhecimentos ás crianças; o sr. dr. Guilherme Ennes deixa por ventura de ex-

Todavia o que se não deve é exigir uma prudencia sobrehumana ao pobre professor primario, que não pode estar permanentemente impedido de fazer valer a sua autoridade e os seus direitos.

Que, a par dum tabefeo ou duma reguada, que em circumstancias criticas nunca fizeram mal a ninguém que o propozes; Guilherme Ennes terá applicado alguma vez a crianças suas, ou estranhas, as culpas por em estudar o caracter e o temperamento das crianças, estamos de accordo com o illustre escritor, e não só com este como tambem com todos os pedagogos e historicos que por ventura appareçam. Alinhar no infancia por

de é que na educação do soldado e que desajuramos ver applicadas tão sublimes máximas de fraternização. Ali sim! Ali é que gostaríamos que fructificassem os principios moralizadores do sr. dr. Guilherme Ennes, que soafirmaria o mais bello e justo espirito, advogando duma vez por todos os direitos e os interesses do soldado ou subordinado, do soldado que nós sabemos ser vexado sob o peso duma disciplina de ferro, do soldado que ainda hoje, em pleno seculo XX, é tratado não como homem mas como... soldado!

Continuam, depois d'isto, pa á qué?

Deem-se á criança bons professores; exaltem-se a

## TRIBUNA

## O absurdo do

## Espiritualismo

O espirito livre, na sua doutrina moral, e não só libto, mas até lunatico.

É um principio logico, claro, porque, p. ex. explica a parte, não dá contra-natural do que se faz e ainda intervir não se que substancia, que intelligivel substancia chamada alma, que já havia kite intervir para explicar a razão.

O que ha de intenc scientifico, com deito, do que tem intervir um como para explicar um novo grupo de fenomenos, ou a novo grupo de ph. ees? Não é isso recorrer sempre ás entidades intimas da escolastica?

E que coiza, não?

Uma coisa radicalmente diferente do corpo, da materia, da natureza, da univ. e do interior! Uma coisa que está fora

226 — Fac-simile do *Jornal de Abrantes*

Esta mesma informação me foi posteriormente confirmada por um funcionario publico de Abrantes.

Já que falamos da interessante antigualha, que se chamava a «procissão da mucharinga», não levantemos os olhos de sobre o passado sem relembrar, a traços largos, algumas memorias historicas que se prendem a esta villa.

Os reis da primeira e segunda dynastia, quando a côrte não tinha residencia fixa, honraram por varias vezes Abrantes com a sua presença.

D. Pedro I praticou n'esta villa um d'aquelles famosos actos de severa justiça que andam memorados nas chronicas.

«Não fique por dizer, escreve o velho Fernam Lopes, de um bom escudeiro, sobrinho de João Lourenço Bupal, privado d'el-rei e do seu conselho, alcaide-mór de Lisboa, o qual escudeiro vivia em Aviz, honradamente e bem acompanhado. E foi a sua casa, por mandado do juiz, um porteiro, para o penhorar, e elle, por cumprir vontade, dependeu-lhe a barba e deu-lhe uma punhada.

«O porteiro veio-se a Abrantes, onde el-rei estava, e contou-lhe tudo como lhe adviera. El-rei, que o á parte ouvia, como acabou de fallar, começou de dizer contra o corregedor que ahí estava :

«—Accorrei-me aqui, Lourenço Gonçalves, cá um homem me deu uma punhada no rosto, e me depennou a barba !

«O corregedor, e os que o ouviram, ficaram espantados por que o dizia. E mandou á pressa que lh'o trouxessem, e não lhe valesse nenhuma igreja. E foi assim feito, e trouxeram-lh'o a Abrantes, e ali o mandou degolar, e disse : — Dês que me este homem deu uma punhada e me depennou a barba, sempre me temi d'elle que me dêsse uma cutelada, mas já agora sou seguro que nunca m'a dará !»

ANNO III

ABRANTES, 25 DE OUTUBRO DE 1908

N.º 142

# ECHO DO TEJO

Administrador  
Hernando Dias Ferreira

DIRECTOR  
Severino de Sant'Anna Marques

Editor  
José Luiz Cordeiro

REDACCÃO, ADMINISTRAÇÃO E IMPRESSÃO—RUA DOS OLEIROS—ABRANTES

## ENSINO PRIMARIO

Não ha duvida que o ensino primario tem sido nos paizes civilisados e progressivos a base fundamental da sua prosperidade. E' para elle que nos compete tambem olhar como tramontana que nos deve guiar no omainho do desenvolvimento economico. Entre nós, porém, é certo que as reformas do ensino se succedem com intervallos curtos e paterceria que, aperfeiçoando-se de umas para outras essas reformas, deviamos já ter tocado a meta do progresso. Infelizmente o que nós vamos tocando é a meta do retrocesso.

Polhemus a nitida reforma que o actual governo nos deu e vejamos aqui se achem o que a ella se le-

Merecia todo o nosso applauso esta *obrigatoriedade* se ella não cainhesse fubinata pela mais intenso dos ridiculos. E' uma disposição copiada de outras analogas no estrangeiro com esta differença: é que no estrangeiro legislou-se e edificou-se escolas simultanea ou anticipadamente de enuhagen e necessarias condições hygienicas do modo que a lei teve desde logo a mais franca e cabal applicação pratica.

No nosso paiz os legisladores comprazeram-se em edificar no papel o tado o mais bonito como d'antes. E talvez no fim se revessem na sua obra e exclamasssem desbencidos, como vao acoutever a alguns dos nossos homens publicos: *Lá fora não ha melhor!*

Uma terceira innovação

nossas reformas hão de suppor-nos uns hercules de erudição saber e senso pratico quanto afinal tudo quanto ei se faz não vise outra coisa senão fazer que continue e se densifique a treva no espirito dos nossos concidadãos.

E' um repugnante escarneo este modo de gerer os mais re-petaveis interesses de uma nação svida de se elevar no conceito nosos concidadãos.

Não tocaremos heje outros pontos. Em artigos futuros occupar-nos-hemos em demonstrar ainda que as refer. as do ensino que se levam a effeito em Portugal tem unicamente em mira sangar a algibeira do pobre chefe de familia no mesmo passo que vultam os interesses dos amigos politicos dos governos que

saudem na sua gloriosa tarefa de continuar a trazer á luz da publicidade todos os factos que influem no progresso ou decadencia da sua terra e do paiz...

Os seus subscritores compatriotas philosophos não está auctorisado a busculhar todos os assumptos sem a chancela dos seus concioses mentre escolhe a phar-macopola?

### Marinhista das aguas:

A estrema parca que tenta oubrir e facto da emarcacao das machinas ter podido a sua demissão pois que tendo-lhe sido apresentado o requerimento na sessão de 14 de corrente ainda até hoje não se dignou resolver coisa alguma sobre o assumpto.

Qu'querá a camara resolver a cont'a em familia para se requisar a commentarios?

Se assim pensa fazer, vae mal!

Nos estamos informados de que se passa sendo despesario tomar sobre o assumpto quaisquer resoluções cindadesimas.

Segundo nos conta a Ca-

## Compendios

Eis o preço dos compendios approvados oficialmente para os diferentes annos dos cursos dos lyceus:

1.º anno . . . . .	73940
2.º " " " " " " " "	55980
3.º " " " " " " " "	145800
4.º " " " " " " " "	88900
5.º " " " " " " " "	38770
6.º " " " " " " " "	113140
7.º " " " " " " " "	62040
	588570

E' assim que o Estado facilita a instrução!

E não ha-de o numero de analfabetos crescer cada vez mais!

## Fôros

No dia 29 do corrente irá pela 2.ª vez á praça com o abatimento de 10 por cento, na repartição de fazenda do districto do Santarém o seguinte foro

No tempo de el-rei D. Fernando, Abrantes foi uma das villas que mais alto bradaram contra o escandaloso casamento d'este desvairado monarcha com D. Leonor Telles.

Lá o diz a chronica, lembrando tão negro caso de amor: «e não sómente em Lisboa, mas em Santarem e Alemquer e em Thomar e Abrantes e outros logares do reino, falando as gentes d'este casamento lhes parecia feio e não para ser».

Vê-se que foi na Extremadura onde se levantou maior reacção, certamente porque, tendo a louca paixão do rei começado em Lisboa, mais sentiram o escandalo as terras que mais proximas ficavam.

E o caso é que el rei D. Fernando não se atreveu a casar no sul. Teve-lhe medo. Talvez por espirito de vingança, foi justamente Abrantes uma das terras que o monarcha dou a D. Leonor Telles.

A Abrantes, no tempo de D. João II, chegou um nuncio do papa Sixto IV (João de Merle se chamava o nuncio) para adduzir razões de queixa por parte de Roma.

Em Abrantes, na praça da villa, mandou el-rei D. João II justicar o marquez de Montemór em estatua.

Garcia de Rezende conta que: «veio um pregoeiro e um algoz, e com pregão de justiça, em que declarava suas culpas (as do marquez) lhe cortaram a cabeça, de que sahio sangue artificial, que parecia de homem vivo».

O que é certo é que o marquez de Montemór sentiu o supplicio em Castella, para onde tinha fugido, porque d'ahi a pouco tempo se finou de paixão.

Em Abrantes, no mesmo reinado, descansou tres dias a viuva do mallogrado principe D. Affonso, quando, vestida de almafega, se tornava a Castella.

D. João II acompanhou-a de Santarem a Abrantes até duas léguas pela estrada de Ponte de Sôr.

Viu, pois, esta villa n'essa occasião o spectaculo de uma côrte em lagrimas, que por onde transitava ia deixando um rasto de luto.

El-rei D. Manuel pousou por varias vezes em Abrantes, onde succedeu nascerem os infantes D. Luiz (3 de março de 1506) e D. Fernando (5 de junho de 1507).

Na mesma noite em que nasceu o primeiro d'estes infantes recitou Gil Vicente um monologo sob a forma de *Sermão*, discurso theologico-faceto que parece ter levantado certos reparos na côrte, porque o proprio Gil Vicente declara que «alguns forão em contrario parecer que se prégasse sermão d'homem leigo.»

A estes pede o auctor no exordio que o deixem prégar por uma só vez, que elle em compensação lhes permite que sejam néscios toda a vida.

Através da explanação do thema religioso, perpassam, no *Sermão* de Abrantes, as costumadas ironias contra as debilidades vulneraveis da côrte. Por exemplo :

Oh! levantadme... quiero ser Conde...

Quiero señoria... Conde! y donde?

Adó quieres ir, que no hay lugar?

Já então parecia a Gil Vicente que não havia terras disponiveis para instituir condados. Que faria se elle vivesse hoje!

O infante D. Fernando não só nasceu, mas tambem falleceu em Abrantes, onde teve casa.

Como se sabe, este filho de D. Manuel casou com D. Guiomar Coutinho, filha do conde de Marialva, apesar dos protestos do marquez de Torres Novas, D. João de Lencastre, que dizia ter desposado clandestinamente D. Guiomar.

Sobre este celebre acontecimento architectei eu o romance *Um conflicto na côrte*.

Quanto ao desfecho, fui buscal-o a Frei Luiz de Souza, que na *Historia de S. Domingos* o conta em poucas palavras conservando-lhe o que quer que seja de maravilhoso:

«Achava-se acaso o infante na Villa da Azinhaga. Da occasião não consta. Levantou-se uma manhã, referiu aos fidalgos, que o vestiam, que sonhára aquella noite que vira sair de sua casa em Abrantes tres tumbas juntas, e cobertas de negro. Era o infante de animo grande, bom christão, e nada agourento: nenhum caso fez do sonho. Ao segundo dia chegou-lhe recado de ser fallecida a Senhora D. Luiza sua unica filha, que já não tinha outra. Era por outubro do anno de 1534, foi correndo a consolar a Infante, que amava com grandes extremos. Adoeceu logo: e falleceu aos 7 do mez de novembro seguinte; e a Condessa sua mulher foi após elle, sem se metter mais tempo em meio, que quanto houve de 7 de novembro até 9 de dezembro. De sorte que no espaço de pouco mais de dous mezes se viu cumprido o sonho das tres tumbas...»

Toda esta mallograda familia foi sepultada no convento dos frades de S. Domingos em Abrantes, mas Philippe I de Portugal mandou trazer a ossada do infante para Belem na mesma occasião em que veio a do Cardeal-Rei, fallecido em Almeirim.

Abrantes é terra muito fertil, bem regada por quatro rios ou ribeiras: Rio Torto, Rio de Moinhos, Rio Pombal ou das Hortas e Ribeira da Abrançalha.



Produce azeite, legumes e fructas saborosas.

Rica de gados e caça, tambem é bem servida de peixe, que lhe fornece o seu vizinho Tejo.

Referindo-se a Abrantes, dizia o Padre Carvalho na *Corografia*, ha 191 annos: «Tem muita gente nobre, com ricos morgados».

Hoje, em Abrantes, não são poucos os proprietarios cujas casas podem avaliar-se em 20 e 30:000\$000 réis; e alguns ha de maiores haveres ainda.

Entre as propriedades mais distinctas do concelho devo especialisar a quinta das Sentieiras<sup>1</sup>, que fica entre Abrantes e o Sardoal, sobre a estrada que liga estas duas villas, e que é ensombrada de formoso e basto arvoredado.

Esta quinta costuma ser o logar de preferencia escolhido para a realização de *pic-nics* no estio.

O estrangeirismo *pic-nics* é vantajosamente substituido em Abrantes pela portugueza designação de — *tibornas*.

Tibornas são, propriamente, as sopas de pão em azeite novo que os lagareiros costumam comer alegremente reunidos, depois de findos os seus trabalhos.

O termo generalisou-se, porem, e foi adoptado pelas classes superiores para designar quaesquer refeições ao ar livre, no campo.

Alem das Sentieiras, tambem os casaes da Abrançalha são escolhidos para identico fim.

A Abrançalha é uma pequena povoação a dois kilometros da villa de Abrantes.

O seu nome, segundo a lenda, deriva de estar esta povoação assente «nos terrenos que o primeiro alcaide christão do castello, Fernam Machado, deu de usufructo ao derradeiro kaid mouro, Ibrahim Zaid, depois da sua conversão ao christianismo e da sua vassallagem a Affonso Henriques, tornando-se por corrupção de locução, de terras de Ibrahim Zaid, em terras da Abrançalha, salvo o respeito devido á obscuridade das etymologias, tão chistosamente ridicularisadas por Alphonse Karr<sup>2</sup>».

Ao mercado de Abrantes affluem generos provenientes não só da Extremadura, como tambem do Alemtejo e da Beira, que o tornam muito farto.

Ha uma feira annual, que começa a 24 de fevereiro e dura tres dias.

A estação de Abrantes na linha ferrea de Lisboa a Badajoz (léste) é a 4.<sup>a</sup> a contar do Entroncamento, e fica um kilometro a oeste do Rocio do Sul.

A villa de Abrantes é cabeça do concelho do seu nome, que faz parte do districto administrativo de Santarem; e da comarca tambem do seu nome (1.<sup>a</sup> classe).

Tem a villa actualmente 5.972 habitantes de ambos os sexos; e o concelho 26.903, sendo composto de 14 freguezias, a saber: duas na villa, o Rocio ao sul do Tejo, Aldea de Matto, Alvéga, Bemposta, Martinchel, Mouriscas, Pégo, Rio de Moinhos, S. Facundo, Rio Torto, Souto e Tramagal, que pertencem á diocese de Portalegre.

Duas pontes atravessam o Tejo em Abrantes: uma que liga a villa com o Rocio do Sul; outra que é privativa do caminho de ferro da Beira Baixa.

Publicam-se na villa quatro periodicos, a saber:

*Jornal de Abrantes*, semanario democratico, que vai no quarto anno de publicação.

Redacção e typographia, largo de João de Deus.

*Echo do Tejo*. Director: Severino de Sant'Anna Marques.

Este periodico tem tres annos de existencia.

<sup>1</sup> Aqui, nas Sentieiras, ha umas mulheres que possuem o segredo de certa receita efficaz contra a dor sciatica. Os proprios medicos a reconhecem por boa.

<sup>2</sup> Dr. Cunha Bellem, *O filho do Padre Cura*, 2.<sup>o</sup> vol., pag. 9.

A acção d'este romance passa-se, na sua maior parte, em Abrantes.

Redacção e typographia, rua dos Oleiros.

*Amador Arraes*, folha religiosa, que principiou em 1 de fevereiro de 1900, e que ultimamente mudou de formato, passando a ser revista mensal, com 12 paginas.

Ha ainda outro periodico com o titulo *A voz do artista*.

Já anteriormente houvera um *Jornal de Abrantes*, que durou desde 16 de março a 19 de outubro de 1884.

E houve tambem o *Correio de Abrantes* (que começou em novembro de 1884) e o *Abrantino*, jornal politico, litterario, scientifico e noticioso (1886).

Agora, uma rapida noticia sobre o concelho de Abrantes.

N.º 1	Quinta feira 1 de Fevereiro de 1900	ANNO I.º
<b>AMADOR ARRAES</b>		
Editor e Director—P.º Mancel Martins Arcepreste de Abrantes		Administrador—P.º Joaquim José Gonçalves
<b>ASSIGNATURAS</b>	Ornatus pro Pontifice nostro Leone. Dóminus consérvet eum, et vivificet eum, et beatum faciat eum in terra, et non tradat eum in animam in- imicórum ejus.	<b>PUBLICAÇÕES</b>
Anno..... 12200 réis.		No corpo do jornal, folha..... 50 réis.
Semestre..... 600		Anuncios, linha..... 20
Pagamento adiantado.		Anuncios permanentes contracto especial.
Não se restituem os autographos.	Redacção e administração, rua dos Oleiros Typographia, Largo do Dr. João de Deus—Abrantes	Os Mrs. assignantes tomam o desconto de 20 p. c. nas suas publicações.

## APRESENTAÇÃO

*Amador Arraes* é o titulo do jornal que hoje começamos a publicar em Abrantes.

Jornal catholico, como o seu proprio titulo indica, será absolutamente extranho ás questões de politica partidaria geral ou local, occupando-se entretanto dos assumptos que interessam á religião ou á patria. Aquella nos fez grandes, a esta nos prende o affecto que todo o portuguez deve consagrar ao seu torão natal.

As mais gloriosas tradições portuguezas andam ligadas com a historia da Igreja Ca-

ram, caminhavam sempre os humildes missionarios que iam erguer a Cruz de Christo n'essas remotas paragens.

Aquelles conquistavam com a espada; estes civilizavam com a palavra; aquelles faziam respeitar na Africa, no Brazil, e no extremo oriente a gloriosa, a querida Bandeira das Quinas; estes ensinavam aos selvagens as santas máximas da moral evangelica e incutiam-lhes nas almas rudes o amor da familia e do trabalho.

Não separemos pois a Cruz de Christo da Bandeira das Quinas. Adorando aquella e

Os redactores do *Amador Arraes*, unidos pela mesma fé e por uma igual e inteira submissão aos ensinamentos da Igreja e aos preceitos do Ex.º e Rv.º Sr. Arcebispo, Bispo d'esta Diocese de Portalegre, subordinarão a uns e a outros todos os seus trabalhos—in necessariis unitas.

As questões, porém, em que a Igreja deixa liberdade de opiniões, serão discutidas segundo o modo de ver pessoal de cada um—in dubiis libertas.

Para todos, amigos e adversarios, a caridade que deve sempre animar todos os trabalhos e orientar todas as

## EXPEDIENTE

Não serão publicados n'este jornal artigos injuriosos ou offensivos para qualquer pessoa nem mesmo quaesquer outros de polemica pessoal.

Serão publicados, com previa approvação do Ex.º e Rv.º Sr. Arcebispo, Bispo d'esta Diocese de Portalegre, as Pastoraes, Ordens, Editaes e quaesquer Provisões que Sua He.ª Rev.ª julgar deverem publicar-se.

As pessoas a quem enviarmos este semanario pedimos o favor de o devolverem no caso de não quizerem honrar-nos com a sua

228 — Fac-simile do *Amador Arraes*

A Aldea de Matto fica 2 1/2 kilometros a léste da margem esquerda do Zézere, e 8 kilometros ao norte da margem direita do Tejo.

Dista da villa duas leguas e meia, para noroéste.

O Padre Carvalho diz que esta Aldea é muito abundante de lentilhas, de que ali se fabrica pão; e que tem muitas parreiras de enforcado, a que lá chamam labruscas.

Alvéga está situada n'uma planicie da margem esquerda do Tejo, na estrada real do Rocio do Sul para Portalegre.

Dista da villa de Abrantes 15 kilometros, para léste.

Alvéga — Ortiga é estação da linha da Beira Baixa.

Teem aqui sido encontrados alguns objectos archeologicos, e vestigios de ruinas.

Bemposta assenta em um valle na margem esquerda do Rio Torto, 12 kilometros a suéste da margem esquerda do Tejo. Tem grandes mattas, e muita caça.

A estação do caminho de ferro de léste denominada da Bemposta fica meio kilometro ao oriente da povoação.

Martinchel dista da villa de Abrantes 15 kilometros para noroéste, e demora a léste da margem esquerda do Zézere.

Mouriscas ficam tres kilometros ao norte da margem direita do Tejo, na estrada de Abrantes para Mação.

E' estação da linha da Beira Baixa.

Dista da villa de Abrantes 14 kilometros, para nordéste.

Panascoso tambem fica na estrada de Abrantes para Mação, ao norte da margem direita do Tejo.

Dista da villa de Abrantes 20 kilometros para nordéste.

O Padre Carvalho dá noticia de se fabricarem em Panascoso bons panos de lã.

O Pégo fica na margem esquerda do Tejo sobre a estrada real do Rocio do Sul para Portalegre.

Entre o povo do Rocio e o do Pégo, comquanto sejam proximos vizinhos, resaltam diferenças ethnographicas muito sensiveis.



229 — Ponte sobre o Tejo

Os habitantes do Pégo são morenos.

Em vez de *am* pronunciam sempre *em*.

As mulheres timbram de garridas no traje: usam, na cabeça e no peito, lenços de grandes ramagens.

Rio de Moinhos, na margem direita do Tejo, sobre a ribeira que deu nome á povoação, e rodeada de frondoso arvoredor, é, graças á amenidade do sitio e opulencia da vegetação, denominada ufanamente pelos abrantinos a «Cintra do Ribatejo».

Costuma haver aqui festas pomposas.

O sr. Augusto Soares, commerciante em Lisboa, possui n'esta localidade uma bella vivenda.

Rio de Moinhos dista da villa de Abrantes quatro kilometros e meio.

A freguezia de S. Facundo fica ao sul da margem esquerda do Tejo a tres kilometros da estação da Bemposta.

Dista da villa de Abrantes 16 kilometros, para suéste.

Rio Torto assenta na margem esquerda do Tejo, dois kilometros a suéste da estação de Abrantes na linha de léste.

Dista d'esta villa 4 kilometros para o sul.

A freguezia de Souto, ao oriente da margem esquerda do Zézere, dista de Abrantes 16 kilometros para nordéste.

A ermida de Nossa Senhora do Tôjo, cuja imagem consta ter sido encontrada dentro de um mattagal por um pastorinho, inspira grande devoção aos habitantes de Souto.

Tramagal dista da villa de Abrantes mais de uma légua para sudoéste, na margem esquerda.

Entre a povoação e o Tejo passa o caminho de ferro de léste.

A estação do Tramagal, intermédia á da Praia e á de Abrantes, é a 3.<sup>a</sup> a contar do Entroncamento.

Durante tres dias, annualmente, realisam-se n'esta povoação brilhantes festas em honra de Nossa Senhora da Oliveira.

Uma correspondencia do Tramagal para um jornal de Lisboa dizia recentemente, descrevendo a procissão :

«Seguiam depois muitas pessoas conduzindo á cabeça taboleiros garridamente enfeitados, contendo bolos volumosos, a que dão o nome de «fogaças» e que no fim da festa, o que é uso n'esta terra, são vendidos em leilão, revertendo o producto para o custeio das respectivas despezas.

«Acompanhando tambem o préstito e em cumprimento de piedosos votos, viam-se algumas senhoras descalças e outras de joelhos e bem assim muito povo.

«A' procissão seguiu-se o costumado e indispensavel arraial, em que as tricanas dançaram com os seus caracteristicos trajos locais, o que produzia excellente effeito.»

Ha no Tramagal uma philharmonica, que toma parte n'estas festas.

O bacharel João Themudo de Oliveira foi em 1878 agraciado com o titulo de visconde do Tramagal.

Este titulo é hoje representado pela viuva d'aquelle cavalheiro.

Resta-nos falar do Rocio Sul, que merece mais desenvolvida referencia.

Rocio ao sul do Tejo ou Rocio de Abrantes tal é o nome d'esta povoação, que, situada na margem esquerda do Tejo, faz parte do concelho, constituindo uma freguezia, que conta actualmente 1.288 habitantes de ambos os sexos, e que tem por orago Nossa Senhora da Conceição.

Fica fronteira á villa de Abrantes, em logar plano, tão proxima da beira do rio, que, em occasião de cheia, a corrente do Tejo a invade, penetrando a agua no interior dos predios e alagando toda a campina.

Assim aconteceu na grande inundaçãõ de 6 de dezembro de 1876.

«O Tejo, diz Pinho Leal, chegou quazi ao leito da ponte, e abateu uma grande parte do seu aterro, do lado do norte. Algumas casas do Rocio ficaram completamente debaixo d'agua».

A ponte é a que liga Abrantes ao Rocio, e que a nossa estampa representa.

Póde dizer-se, sem exagero, que a povoação de que estamos tratando nasceu e prosperou em poucos annos, ganhando rapidamente fóros de villa, graças á sua posição geographica, ponto de convergencia do commercio da Beira Baixa e do Alto Alemtejo, e á facil communicacão fluvial com todas as povoações marginaes ao longo do Tejo.

Não só como entreposto de mercadorias em trânsito, mas tambem como região productora de importantes valores agricolas em azeite, cortiça e carvão, o Rocio do Sul progrediu com maravilhosa rapidez, suplantando a antiga villa de Abrantes, cujo accesso era difficil tanto a mercadorias como passageiros.

D'aqui nasceu uma insanavel rivalidade entre as duas povoações fronteiras: a antiga, que se ufanava de seus velhos foros historicos e administrativos, e a moderna, que se orgulhava das vantagens da sua posição, tão accessivel á navegacão do Tejo e ás relações commerciaes com o norte do Alemtejo e o sul da Beira Baixa, com o districto de Portalegre e o districto de Castello Branco.

O Padre Carvalho, falando de Abrantes, dizia no seculo XVIII: «E' esta villa abundante de todo o genero de fructas e de azeite, recolhe algum pão, pouco vinho, mas de tudo é bem provida, pelo grande commercio que tem com toda a Beira e Alemtejo. Tem

a praça principal, aonde está a casa da camara, e a praça da Palha, aonde se vende o peixe que vem de Lisboa nos barcos da villa, que são mais de cem, fóra muitas baiteiras de pescadores, que pescam no Tejo».

Pois o seculo seguinte viu deslocar-se esse commercio e essa navegação para a margem esquerda, atraídos por uma nascente povoação que florescia de anno para anno, graças a um conjunto feliz de circumstancias geographicas e economicas.

O Rocio do Sul teve, assim, o seu periodo aureo, que foi relativamente ephemero, porque a linha de léste, servindo directamente os interesses locaes de toda a alta região transtagana, e mais tarde a linha da Beira Baixa, desviaram da margem esquerda do Tejo, tambem no decurso de poucos annos, as fontes de receita que locupletavam a moderna rival de Abrantes.

Desde então o Rocio conta, principalmente, com o movimento resultante da bifurcação das linhas de léste e da Beira Baixa.

Ainda assim, tinha medrado e progredido tanto, que ficou sendo uma villa em cujo aspecto se lêem claros vestigios da sua epoca de maior prosperidade.

Possue predios de boa apparencia, a especialisar — o palacio de D. Anna Caldeira e a casa dos Pimentas.

No interior da povoação o alinhamento regular das vias publicas — rua do Passadiço, rua do Norte, rua da Igreja, praça do Paralva — dá-lhe o aspecto de uma terra que desejava alindar-se e progredir.

Ha uma escola do sexo feminino e outra do masculino installadas no mesmo edificio, de recente construcção.

O Rocio tem uma só igreja, que é pequena. Nada de notavel a recommenda.

A festa mais pomposa e concorrida costuma ser a da Boa Viagem.

Não ha, que me conste, nem assemblea, nem philarmonica, nem theatro.

Tambem não ha nenhuma associação de soccorros mutuos, mas alguns habitantes do Rocio são socios do Monte-Pio Soares Mendes, de Abrantes.

O movimento industrial do concelho tende a desenvolver-se pela facilidade de communicação com as linhas ferreas.

Junto á estação de Abrantes ha uma fabrica de moagens, que recentemente começou a funcionar.

E' seu proprietario o sr. João Augusto da Silva Martins, o qual, em dezembro de 1903, por occasião da visita de D. Affonso XIII a Lisboa, fez entregar ao monarcha hespanhol, na sua passagem por Abrantes, a seguinte petição:

«*Senhor.* — Diz João Augusto da Silva Martins, casado, negociante e proprietario, morador na villa de Abrantes, districto de Santarem, que tendo mandado construir, junto á estação do caminho de ferro de Abrantes, uma fabrica de moagens a vapor pelo systema austro-hungaro, deve esta fabrica começar a funcionar hoje, dia 10 de dezembro, dia em que Vossa Magestade Catholica vem, pela primeira vez, visitar este fidelissimo reino de Portugal, tão estreitamente ligado actualmente ao de Hespanha pelos laços de crença, de serviços á causa da civilisação e de raça.

Desejando o supplicante commemorar a passagem de Vossa Magestade por Abrantes e a sua primeira visita como rei a Portugal, tem empenho em dar á sua fabrica, que hoje começa a funcionar, o titulo de «Fabrica de moagens a vapor Affonso XIII». Como, porém, não o possa fazer sem previa e expressa auctorisação de Vossa Magestade, vem humildemente requerer a Vossa Magestade se digne conceder-lhe a alludida auctorisação, para o que

Pede a Vossa Magestade deferimento — E. R. M.

Estação do caminho de ferro de Abrantes, 10 de dezembro de 1903.

(a) *João Augusto da Silva Martins*.

Não se fez esperar a resposta de Affonso XIII por intermedio das auctoridades portuguezas :

«*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.* — Tenho a satisfação de levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> que Sua Magestade D. Affonso XIII auctorisa V. Ex.<sup>a</sup> a pôr o seu nome á fabrica que hoje foi inaugurada, o que me foi participado pelo Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil d'este districto em telegramma que acabo de receber.

Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup>

Abrantes, 10 de dezembro de 1903. — *Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Augusto da Silva Martins.* — O Administrador do concelho. — (a) *Emilio J. F. Segurado*.

No Rocio ha uma fabrica de cortumes e outra de fundição de ferro.

Esta ultima é da firma Soares Mendes & C.<sup>a</sup>

Teve o primeiro premio, medalha de ouro, na exposição de alfaias agricolas realisada em Lisboa (outono de 1903) por iniciativa da Real Sociedade Nacional de Horticultura.

Em agosto de 1904 arderam as fabricas de preparo de cortiça pertencentes aos srs. Manuel Lourenço Viegas e á firma Torrellas & Hermanos.

Eram duas. O fogo passou de uma a outra.

Junto á estação de Alferrarede na linha da Beira Baixa, a uns 1.500<sup>m</sup> da villa de Abrantes, ha uma fabrica de azeite e de sulphureto de carbone, denominada «Constancia».

Foi fundada por uma companhia franceza.

Perto d'esta fabrica existe uma outra de sabão.

Entre a estação de Abrantes e a da Bemposta ergue-se uma extensa matta de eucalyptos, que foi semeada por um inglez em terreno pertencente ao fallecido proprietario João Soares Mendes, hoje representado pela viuva e filhos.

Junto da matta estão montadas machinas para trituração da folha de eucalypto, da qual se extrae, alem da essencia (eucalyptol), um óleo espêsso que é exportado para lubrificação.

Em todo o concelho funccionam varios fornos e olarias.



## XXX

### Sardoal



ESTA povoação foi elevada á categoria de villa por mercê de D. João V. E' cabeça do concelho do seu nome no districto administrativo de Santarem.

O concelho, com uma população de 5.816 habitantes, compõe-se de duas freguezias: Sardoal, (oragos Santiago e S. Matheus) com 4.761 almas, e Alcaravella (Santa Clara) com 1.055.

A villa está assente em terreno pouco accidentado, seis kilometros ao norte da margem direita do Tejo, e na margem direita da ribeira do Sardoal.

O aspecto da povoação é gracioso e alegre. As suas casas, muito brancas, rutilam á luz do sol «como um sonho de noivado», segundo a expressão feliz do dr. Cunha Bellem.

O Sardoal fica a nornórdeste de Abrantes, na distancia de onze kilometros.

Do castello d'esta ultima villa avista-se o Sardoal em tal posição que, nos dias claros, a luz do sol a mette em foco.



Pelo que os abrantinos costumam dizer ironicamente: — Lá estão os lagartos ao sol.

No plano superior da povoação ergue-se a igreja parochial com a sua fachada singular, a sua torre quadrangular, de cupula esguia, e o seu airoso adro sombreado de arvores.

Tem o Sardoal varias ruas, que se denominam — de Serpa Pinto, Avellar Machado, Simões Baião, Geraldo Costa, Vasco Homem, e do Salgado.

Na rua Serpa Pinto, que a nossa estampa representa, alinham-se algumas casas de bom e até nobre aspecto.

Ha uma praça, que se intitula — do Conselheiro João Franco.

A camara municipal de 1879, tomando a peito o abastecimento de agua potavel, fez aquisição de um manancial, que foi canalizado para a villa na distancia de tres kilometros.



231 — Rua Serpa Pinto

E, para facilitar o consumo publico, mandou collocar alguns marcos fontenarios nos logares mais centraes da povoação, sendo um d'estes a praça.

Antigamente o Sardoal era commenda da ordem de Christo, pertencente á casa de Cadaval.

Diz o Padre Carvalho, na *Corografia*, que esta villa tinha muita nobreza, e uma collegiada na igreja parochial.

A collegiada, extincta ha seculo e meio, compunha-se de coadjutor, thesoureiro, e quatro beneficiados.

O hospital de Santo Antonio passou, depois da extincção das ordens religiosas, para o edificio que foi convento dos frades menores da provincia da Soledade.

Dois sacerdotes, o conego Francisco Manuel de Mendonça e o padre Gregorio Pereira Taves, beneficiaram largamente este hospital.

O primeiro, sendo provedor, comprou a cêrca dos frades, e doou-a á Misericordia.

A santa casa do Sardoal foi fundada no seculo xiv e confirmada em 1554 pelo papa Innocencio VI, com o titulo de confrades de Santa Maria do Hospital.

Rege-se actualmente por um estatuto approvedo pelo governador civil de Santarem em alvará de 14 de abril 1875.



A sua receita annual pouco se eleva acima de 1:000 7000 reis.

Soccorre os doentes no hospital e nos domicilios; e tem banco para curativo.

A igreja da Misericordia merece especial referencia pelo seu aspecto antigo e o seu portal de volta redonda, para o qual se sóbe por dez degraus de cantaria.



232 — Nascente das aguas ferreas

Ha no Sardoal uma abundante nascente de aguas mineralizadas pelo carbonato de ferro. O sitio da nascente é muito pittoresco.

A agua vem conduzida para um chafariz de construcção elegante, e ahi corre livremente.

A «ponte velha do chafariz», com os seus dois arcos engrinaldados de parietárias, tambem é logar muito aprazivel.



233 — Chafariz das aguas ferreas

Pinho Leal fala de minas de chumbo, ferro, cobre e prata no concelho do Sardoal. Effectivamente, ha em S. Domingos minas em exploração, sendo a principal a do «Pôço de Santo Antonio», cujo manifestante foi José de Almeida Rocha.

Possue a villa duas escolas para um e outro sexo. Apenas a do masculino funciona

em casa propria. Mas já em maio de 1904 se procedeu á escolha e medição de terreno para um edificio commum a ambas as escolas.

Tem duas philarmonicas, ali denominadas — do Carapau e dos Ciganos.

Falta ainda theatro e club.

A villa não estacionou em melhoramentos materiaes: desde 1880 até hoje teem sido construidos cerca de quinze predios, dois dos quaes são importantes.

Uma das festas mais concorridas e apparatusas do Sardeal é a do bodo do Espirito Santa. Dura tres dias.

Faz-se uma procissão, como em Thomar, sendo as fogaças conduzidas á cabeça pelas raparigas da terra, vestidas de branco.

A villa engalana-se por esta occasião, estando as ruas do transito ornamentadas com bandeiras que pendem de cordas suspensas entre dois mastros.



234 — O Bodo no Sardeal

Relativamente a julho de 1905 o programma dos festejos dizia assim:

Dia 8 apresentação do gado pelas ruas da villa.

Dia 9 matança do gado pelas 5 horas da manhã, sendo em seguida distribuidas as miudezas aos pobres que se apresentarem. De tarde começa a distribuição de rações aos mordomos de fóra.

Dia 10, distribuição das rações aos mordomos da villa, sendo a distribuição feita por 4 raparigas que vistosamente se apresentarão trajando todas de branco.

Alem das rações de carne aos mordomos, teem mais estes vinho e pão bento.

Dia 11, conducção do pão de diferentes casas para a igreja do Divino Espirito Santo pelas raparigas d'esta villa e aldeias circumvizinhas. Ao anoitecer procissão, sendo conduzida a imagem do Divino Espirito Santo para a igreja matriz.

Dia 12, festa de igreja e procissão, percorrendo as principaes ruas da villa, e bodo geral, constando d'um pão a todas as pessoas que se apresentarem a recebel o. Alem d'esta parte obrigatoria dos festejos, haverá mais, tanto no dia 11, como no dia 12, arraiaes muito concorridos e diversas danças populares.

Toma parte em todos estes festejos a velha Sociedade Fraternidade Sardealense.

A tradição do Bodo avienta-se de anno para anno, ao passo que a romaria do Senhor dos Remedios tende a decahir.

Ultimamente faz se tambem com grande pompa a festividade do Coração de Jesus, devoção, aliás, muito generalisada na provincia da Extremadura.

As mulheres do Sardeal usam saia curta, debruada em diversos gostos, casaco justo,

com enfeites, e lenço; os homens, jaqueta á campina, calça de bocca de sino, cinta, e sapatos de couro, brochados.

As danças populares são os bailes de roda, a polka e o fandango.

Os povos do Sardoal parece terem uma tradição de alegria folgazã entre os outros do Ribatejo. Pelo menos a tinham no seculo XVI, como se reconhece por mais de uma passagem de Gil Vicente.



235 — Igreja da Misericórdia

Na tragicomedia pastoril da *Serra da Estrella*:

Serra — Sois vós de Castella, manos,  
Ou lá de baixo do extremo?

Jorge — Agora nos faria o demo  
A nós outros castelhanos:  
Queria antes ser lagarto,  
Pelos santos avangelhos.

Serra — Donde sois? Jorge — Do Sardoal;  
E eu bebê-la, ou vertê-la,  
Vimos cá desafiá  
A toda a Serra d'Estrella  
A cantar e a bailar.

Na farça do *Juíz da Beira* o bailador alardea os seus meritos profissionaes allegando que já bailou em Santarem perante a côrte, e tambem no Sardoal por ser, ao que parece, povoação de entendidos:

E bailei no Sardoal,  
E de contino me vem  
Bailar sem haver alguem  
Que me ganhe em Portugal.

A villa podia estar mais florescente se passasse pelo centro d'ella a estrada districtal de Castello Branco ou se a linha da Beira Baixa se lhe avizinhasse.

O concelho do Sardoal recolhe vinho, trigo, centeio e milho.

Comtudo a sua principal riqueza agricola consiste em azeite, cuja producção annual está avaliada em trinta e cinco mil decalitros.

Ha feira de anno a 28 de outubro, e mercado no segundo domingo de cada mez. O facto da freguezia do Sardoal ter dois oragos, Santiago e S. Matheus, procede de lhe haver sido annexada a antiga parochia d'esta ultima invocação.



236 — Hospital de Todos os Santos

Em 1866 foi agraciado com o titulo de visconde do Sardoal o sr. José de Figueiredo Frazão, titulo renovado na pessoa de seu filho em 1878.

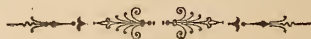
No Sardoal nasceu o Padre Antonio de Carvalho de Parada, que compoz varias obras, entre ellas uma *Arte de reinar*, dedicada a el-rei D. João IV.



237 — Praça Conselheiro João Franco

Santa Clara de Alcaravella, a outra freguezia de que se compõe o concelho, dista da villa do Sardoal 5 kilometros para nordéste. Está situada junto de uma ribeira que é affluente do Tejo. Recolhe centeio, azeite, e algum trigo, pouco. Tem uma escola parochial para o sexo masculino.

O concelho do Sardoal faz parte da comarca de Abrantes e da diocese de Portalegre.



## Mação



A margem direita do Tejo, oito kilometros e meio ao norte d'elle, está situada a villa de Mação na encosta de um monte, que se denomina do Calvario, e não é senão uma sequencia da serra da Gardunha.

Mação dista da villa de Abrantes 26 kilometros, e da cidade de Thomar 35.

A entrada na villa pelo lado da estação de Belver (linha da Beira) é um dos mais lindos trechos do valle da Baixeira. A estrada, a cujas margens desfilam bellas arvores ornamentaes, tem o aspecto de uma avenida moderna, plana, pittoresca e elegante.

Mação pertence á Extremadura geographica e administrativamente, comquanto uma das antigas freguezias do concelho, Belver, que tambem fica na margem direita do Tejo, pertença ao concelho de Gavião, districto de Portalegre.

O actual concelho de Mação compõe-se das freguezias de Abobreira, Amendoa, Cardigos, Carvoeiro, Envendos, Mação e Penascoso.

Faz parte do districto de Santarem e da diocese de Portalegre.

Foi extincto por decreto de 14 do janeiro de 1868 e annexado ao de Proença-a-Nova, dando este facto origem a tão irritadas demonstrações de resentimento publico, que chegaram a ponto de ser queimado em effigie o ministro do reino, conselheiro Martens Ferrão.

Restaurado a 28 de dezembro do mesmo anno, o concelho de Mação tem hoje 14.886 habitantes de ambos os sexos.

A villa séde do concelho constitue uma só freguezia com a população de 3.769 almas; e é desde 1873 cabeça de uma comarca de 3.<sup>a</sup> classe.

Alguns documentos do tempo de Affonso IV e Pedro I falam da villa de Maçõ, o que parece indicar origem franceza.

Suppõe-se que faria parte de qualquer colonia d'esta nacionalidade, nos primeiros tempos da nossa monarchia, um alvenel (*maçon*) que mais se assignalasse na fundação da villa e lhe deixasse por tradição o nome do seu officio.

Mação não possui monumentos notáveis.

A igreja parochial da villa, que tem por orago Nossa Senhora da Conceição, accusa uma singela elegancia de linhas, e era forrada de azulejos antigos, cujos desenhos representavam passagens do Novo Testamento.

Mas, infelizmente, esses estimaveis azulejos foram na maior parte arrancados por occasião de ser restaurado o templo depois de um violento incendio.

Deve-se este nefando vandalismo a uma junta de parochia que mandou cair o gr

nito das columnas, e que, no respeitante a azulejos, apenas deixou intactos os do rodapé e alguns, poucos, nos altares e arcarias.

Tudo isto a pretexto de que o templo ficaria mais alegre !

No planalto do monte do Calvario, que offerece um bello e dilatado panorama, está situada a igreja da mesma invocação, bem como a capella de S. Pedro, hoje em ruinas.

E' de notavel esculptura a imagem de um Christo crucificado, que a igreja do Calvario possui, e que foi adquirida pouco depois da invasão franceza, para substituir outra que os soldados de Napoleão sacrilegamente arrastaram pelas ruas da villa.

O tronco mutilado da antiga imagem ainda se venera hoje sob o altar-mór da igreja da Misericórdia, onde mãos piedosas o foram collocar depois que os francezes sahiram de Mação.

Os paços do concelho são de construção moderna, começada em 1870.

E' este um edificio de boa apparencia, com dois andares e frontão; mas a sua divisão interna deixa muito a desejar.



238 — Igreja matriz

A praça da villa denomina-se — de Antonio Eugenio Bello Netto. — Tem um chafariz, onde a agua corre abundantemente. Foi este melhoramento devido á iniciativa d'aquelle cidadão. Tambem aqui ha a mencionar a alta Torre do relógio municipal, a cuja base se encosta o chafariz.

Mação possui um hospital; e um theatro, construido por meio de acções, tendo-se encarregado Adriano Gueifão de pintar o panno de bôcca.

Os melhores predios de habitação são os de D. Maria das Dores Seixas, Francisco de Pina Falcão, Manuel Gueifão Bello, e Vicente Mendes Mirrado.

Fica proximo da villa o aprazivel retiro de Santo Antonio, onde, á sombra de copadas acacias, se passam as calmosas tardes de verão. Junto á capella de Santo Antonio havia um eremiterio, hoje em ruinas, onde os frades mendicantes do Sardeal costumavam pousar.

Dava-se a estes frades, que eram antoninos, o nome de «borregueiros», porque pediam um borrêgo a cada creador de ovelhas, e n'esta missão percorriam todo o concelho, fazendo larga colheita.

Mação exporta azeite e cortiça; o azeite, principalmente, gosa de boa reputação.

Todo o concelho é muito arborizado e productivo, comquanto o seu solo não seja dos mais ricos.

Uns 500 metros a noroeste da villa, criam-se boas hortaliças e fructas, especialmente melancias.

Faz-se mercado em Mação duas vezes por semana, aos domingos e quartas-feiras.

Se o leitor folhear o *Almanach de lembranças* relativo ao anno de 1872, n'elle encontrará a seguinte informação interessante:

«Os maçaenses, em numero de dois mil, são muito dados ao commercio, que consiste principalmente em azeite, carne de porco e estamenhas. Tambem são industriaes.



239 — Alto do Calvario

Em Mação ha fabricas de cortumes, louça grossa, cordoaria e numerosos teares de pannos de linho e lã.

«O que porém a torna mais celebre é o vinho da *chave dourada*, ácerca do qual o sr. Moraes Soares escreveu e publicou, no *Archivo Rural*, um curioso artigo, que bastantes jornaes reproduziram».

Procuremos saber, por curiosidade, o que diz esse artigo assignado pelo antigo director geral de agricultura, justamente considerado, como sempre foi, uma das maiores auctoridades no assumpto.

«E' muito portugueza a negligencia de indagar e conhecer as nossas coisas, a par da curiosidade de observar as alheias. Assim é, que sabemos o que ha de mais trivial em outros paizes, ignorando muitas e mui notaveis raridades da nossa terra.

«Em confirmação do que acabamos de dizer vamos dar conhecimento de um facto que para nós foi novidade, e que o será tambem para muitos dos nossos leitores.

«Em um *Dithyrambo* do nosso famoso Arcade Elpino Nonacriense, Antonio Diniz da Cruz, lêem-se os seguintes versos:

Não quero Borgonha;  
 Não quero Champanha;  
 Não quero Tockai;  
 Nem vinho do Cabo:  
 Os vinhos estranhos  
 Não provo, não gabo.

Quero vinho que alegre, que aquece :  
 Dá-me d'esse, que guarda na cuba,  
 Doce sumo, Mação excellente,  
 Camarista estimado, e valido  
 De Évio Lysio, na casa enramada,  
 Por isso chamado  
 Da *chave doirada*.

«Eis aqui como se decifram estes enigmaticos versos. Mação é uma antiga villa e concelho do districto de Santarem, situada nas vertentes da margem direita do Tejo, quatro léguas acima de Abrantes.

«O *doce e excellente sumo* a que allude o poeta, é o vinho fabricado na villa de Ma-



240 — Paços do Concelho

ção por um singular processo. A sua historia é assaz curiosa, e ninguem o conhece senão pela denominação de *vinho da chave doirada*.

«E' feito de uvas brancas muito maduras e escrupulosamente escolhidas. Pizam se as uvas a bica aberta, e o mosto é immediatamente recolhido na vasilha para esse effeito preparada com o maior cuidado e asseio.

«Não é dado a ninguem tocar no vinho, até ás seguintes vindimas. N'esse tempo é a vasilha sangrada, extraindo-se d'ella por uma só vez, certa quantidade de vinho, maior ou menor, segundo a capacidade da vasilha; mas nunca superior a um terço da totalidade do liquido.

«Quando se procede á extracção do vinho, está já disposta uma igual quantidade de mosto, expremido das melhores uvas, e com esse se atesta a vasilha, munida de uma chave de metal amarello, da qual se deriva a denominação de *vinho da chave doirada*.

«Assim se renova, ou remosta annualmente, este famoso nectar, que não se vende, nem se costuma dar, senão por especialissimo obsequio. — Quem quer vae a Mação bebel-o, e então lá é que se offerece generosamente aos amadores, que teem grangeado a reputação de entendidos na funcção de saborear os deliciosos e exquisitos vinhos. — Ainda ha lembrança viva de um certo capitão-mór de Abrantes, que, acompanhado de alguns amigos, ia todos os annos a Mação cumprir o voto solemne, que fizera de libar



no altar do filho de Semele uma duzia de taças de *vinho da chave doirada*. Demoravam-se os devotos cinco ou seis dias em Mação, e voltavam depois a pé como tinham ido, porque era do voto *fazer-se a romagem calcante pede toto itinere*.

«Não se sabe ao certo, nem o fundador do processo do vinho a que se allude, nem a era de que elle datá. Em 1774 era já famoso, e como tal mereceu a honra de ser celebrado nos versos, que citámos, e que foram cantados na presença do marquez de Pombal em uma sessão academica, que houve em casa do morgado Oliveira.

«O principal tonel de *vinho da chave doirada* pertencia á camara municipal de Mação; e por isso diz o poeta que o *camarista estimado cu valido de Évio* (sobrenome de Baccho) guarda na *casa enramada o Mação excellente*.



241 — Praça Antonio Eugenio Bello

«Entre muitos actos devastadores, praticados pela invasão franceza, pôde referir-se o da completa perdição do *vinho da chave doirada*. O que não poderam beber os soldados de Massena foi derramado pelo chão, sendo o tonel arrombado. Diz-se que n'este tempo (1810) o tonel contava 110 annos.

«N'estes ultimos annos restaurou-se o processo do *vinho da chave doirada*, do qual possuímos uma pequena amostra, que devemos ao obsequioso cuidado de um amigo, a quem n'este logar tributamos muitos agradecimentos.

«Fallando do vinho diremos, que nos parece uma verdadeira especialidade, entre todos os vinhos de que temos conhecimento. E' grosso e encorpado, gostoso, levemente acido, e perfumado por um forte aroma de passas de uvas».

Podêmos desde já acrescentar que não foi Antonio Diniz o unico poeta portuguez que se referiu com louvor ao vinho de Mação.

Tambem Curvo Semedo o méencionou encomiasticamente n'esta e ainda outras passagens :

Venha Carcavellos,  
Siatico, Albano ;  
Mação, Maçacão,  
Madeira, Champanha,  
Falerno  
Superno  
Que eterno

Farei no meu canto :  
Que honrar quero um fausto dia.

Agora vamos fazer ao artigo de Moraes Soares algumas aclarações impostas pelos annos desde então decorridos até hoje.

O vinho da *chave doirada* fabricava se em Belver, freguezia que, como já disse-mos, pertenceu ao concelho de Mação e pertence actualmente ao concelho do Gavião (provincia do Alemtejo, districto de Portalegre) comquanto aquella freguezia fique na Extremadura.

Diz-me um obsequioso informador:

«Em casa do Vigario de Belver (agora aposentado) Padre João d'Oliveira Bomjardim ainda se encontram algumas garrafas d'esse delicioso vinho, que tive a fortuna de provar. Este Padre disse-me que desapareceu a casta das videiras, que produziam tão bom vinho, conservando ainda um barril onde foi fabricado, no qual deitando-se outro



242 — Cardador, emborrador e fiadeira

vinho, ainda hoje lhe transmite um sabor e aroma especiaes, como tive occasião de observar.»

Acabamos de vêr que já, em nossos dias, se não fabrica o vinho da *chave doirada* pela razão de não existirem as uvas que o produziam.

E' a razão da polvora.

D'aquelle trecho de carta se infere que, a respeito do Falerno de Belver, apenas hoje se lhe pode tomar... o cheiro.

Antonio Augusto d'Aguiar falava por tradição quando dizia na sua quarta *Conferencia*: «Mação, como Heidelberg, tambem tem o seu tonel. Asseveram, que os vinhos brancos d'esta localidade são delicados».

Comtudo, manda a verdade dizer que ha actualmente em Mação viticultores a quem não são desconhecidos os melhores processos de vinificação.

Um d'elles é o sr. Vicente Mendes Mirrado.

Pinho Leal diz, e com verdade, que desde tempos immemoriaes se fabrica em Mação uma especialidade de fazendas de lã, a que se dá o nome de *lãsinhas*; e que até 1860 toda a preparação da lã (cardar, fiar e tecer) se fazia manualmente.

E' certo.

Esta industria data, em Mação, de remotos tempos.

Todo o bom maçanico puxou outr'ora, na sua infancia, pelo rabo da carda a «em-

borrar» a lã, depois de azeitada, a qual em seguida passava ao mestre cardador, a «imprimar», indo as pastas de lã, já cardada, para as «fiadeiras».

Por ultimo, dobavam-se as maçarocas em novellos, para serem tecidas as lãsinhas.

As cardas e rodas eram de construcção rudimentar, como a nossa estampa 242 inculca, e hoje quazi desapareceram completamente.

A antiga industria, que deu aos habitantes de Mação o nome de «cardadores» e «lanzudos», transformou-se, finalmente, graças á introducção dos modernos processos mecanicos.

Vamos dizer como esta transformação se operou.

Em 1868 foi despachado juiz ordinario de Mação o dr. Joaquim Lourenço Vidal, na-



243 — Antonio Pereira Sambado

(Representante da familia do Padre Antonio Pereira de Figueiredo)

tural do Gavião, que conseguiu estimular a construcção de uma fabrica de fiação de lãs.

Annos depois, um incendio destruiu a fabrica de Vidal, mas o exemplo e impulso dados por elle á mecanica fabril não se perderam nem deixaram de produzir beneficos resultados.

Mais tarde montou uma fabrica de fiação com 600 fuzos, movidos a vapor, Francisco de Pina Carvalho Freire Falcão, e Francisco Bispo Salgueiro e Vicente Mendes Mirrado montaram outra de 960 fuzos, que ainda hoje funcçionam.

Este ultimo industrial fundou ha poucos annos uma fabrica de tecidos de lã, flanelas para vestidos de mulher, a que chamam *castelletas*, com 45 teares á mão, e 20 para cintas pretas e vermelhas, muito usadas pelos povos da Beira.

Das castelletas tem uma pequena fabrica, com 10 teares, Francisco Moreira.

As castelletas fabricadas por Vicente Mendes Mirrado são tão perfeitas, que se vendem em Lisboa com a etiqueta de estrangeiras.

Acrescentaremos que, segundo uma informação official, a fabrica de Francisco Fal-

cão, na rua da Amieira, occupa 22 operarios, e a de Salgueiro e Mirrado, no sitio das Chans, 30 operarios.

O fabrico das primitivas lãsinhas constitue hoje apenas uma industria domestica.

São tambem cultivadas com proveito no concelho a industria dos cortumes, especialmente os chamados cordovões de Mação; a de vélas de cêra, a cordoaria, a serralharia (relogios de torre, balanças romanas, etc.) e a olaria.

As fabricas de cortumes são 5 no concelho; e as de vélas de cêra, 2.

O povo de Mação é naturalmente entusiasta, apaixonado, intelligente e habilidoso.



244—Mulher de capucha



245—Vendadeira de pão de trigo



246—Rapariga com mantilha

Quanto ao seu ardor, tantas vezes manifestado em questões politicas, bastará lembrar, além da excitação de 1868 quando foi supprimido o concelho, as eleições de 1886, em que até as mulheres se deixaram dominar por um fogoso entusiasmo, como já o haviam feito outras em 1846, á voz revolucionaria de uma especie de *Maria da Fonte* de Mação, chamada por signal — *Maria do Alho*.

Notam-se na classe popular aptidões artisticas, entre ellas um manifesto gosto para a musica, e uma certa faculdade de improvisação poetica.

Apparecem trovistas espontaneos e incultos, de notavel merito, sempre promptos a glosar os acontecimentos que mais impressionam a opinião publica.

Assim, por exemplo, depois da grande trovoadade de 1878, que, como posteriormente a de 1901, causou enormes destroços e prejuizos, um improvisador da Ortiga cantou essa tremenda calamidade em décimas repassadas de sentimento.

Vivem na villa uma tecedeira e um carpinteiro que se notabilisam como repentistas.

Na pronuncia do povo de Mação revela-se a tendencia para fechar os *aa*, abrir os *ee*, e prolongar nas terminações *az*, *eç*, *iz*, *oz*, *uz* o som do *z* como se fosse *j*.

O pão trigo é vendido nas ruas por creanças, que o apregoam gritando em altos brados: *Miá pão alvo*, o que parece querer significar: em mim ha pão alvo para vender.

As raparigas do povo trabalham como tecedeiras para comprar o enxoval.

Nenhuma d'ellas casa sem ter, pelo menos, o seu fato preto, que consta de saia de panno Orleans e mantilha (manto egypcio).

As mulheres de quazi todo o norte do concelho, que se empregam nos trabalhos do campo, embuçam-se em capuchas de burel (saragoça), como as do alto Alemtejo, Portalegre por exemplo.



247 — Padre Antonio Pereira de Figueiredo

E' uso nas bôdas do povo convidarem os noivos toda a gente moça da villa, e quando voltam da igreja e entram em casa observam a seguinte pragmatica: primeiro entra a noiva com as madrinhas, fazendo uma grande vénia aos convidados; depois entra o noivo com os padrinhos, fazendo igual vénia.

Ordinariamente, mesmo na presença dos noivos, expluem commentarios trocistas ao modo como as mesuras são feitas, e todos largam a rir em franca gargalhada.

O rapazio acompanha os noivos até á porta de casa, d'onde elles lhe atiram castanhas, figos sêccos, nozes, laranjas, bôlos, confeitos, amendoas, moedas de 5 reis, etc.

Ai dos noivos que não se esportulam com estas dadivas. Apanham uma surriada infernai.

E' costume, em quinta feira das comadres, andarem os garotos percorrendo a villa, com qualquer animal que encontrem morto — cão, gato, rato, etc. — atado pelo pescoço, a gritarem «E' p'r'ás comadres! E' p'r'ás comadres!» e quando chegam perto da casa

de alguma velha, que se amofine com esta brincadeira, começam a fazer a partilha do animal, dizendo «Lá vai para a comadre Fulana uma perna. Para a comadre Sicrana o quarto do meio» e assim por diante até ultimarem a partilha.

Na Serração da Velha o rapazio flagella atrozmente as mulheres mais idosas com uma cantilena que diz :

Serre-se a velha,  
Venha ella,  
P'ra cá com ella,  
Já é tempo,  
Pô-pô-pô.

As velhas escondem se em casa das vizinhas, para evitar a perseguição do rapazio. As festas e romarias de maior fama no concelho são: procissão dos Passos, na

villa, muito imponente e concorrida; romaria de S. Marcos, no Rosmaninhal; da Senhora da Agonia, em Amendoa; da Senhora da Saude, no Pereiro; da Senhora da Estrella, na Carregueira.

Para a igreja parochial da villa foi ultimamente adquirido um órgão por subscrição publica.

Existe em Mação uma banda de musica sob o nome de «Nova Phylarmonica Maçaense»: durante a estação calmosa vai tocar, aos domingos, na Praça.

O concelho, em virtude da sua mesma posição geographica, mantém animadas relações commerciaes com a Beira Baixa e o Alto Alemtejo.

Mação tem sido berço de alguns homens illustres.

Na primeira epoca da nossa nacionalidade asignalou-se como guerreiro o bravo maçaense Ivo Viegas.

Aqui nasceu em modesta casa (typo alemtejano) da rua do Espirito Santo, hoje rua do «Padre Antonio Pereira», este insigne theologo e latinista, erudito traductor e annotador da *Biblia Sagrada*; fecundo polygrapho do seculo XVIII, auctor tambem d'aquelle breve mas substancioso *Novo Methodo de Grammatica Latina*, que foi o nosso primeiro guia na infantil jornada do latim. Depois veio mais sabença; mais saber é que não.



248—Casa do Padre Antonio Pereira de Figueiredo

Aquella celebre casa, tal como hoje se conserva e a nossa estampa a mostra, representa uma reedificação mandada fazer pelo proprio padre Antonio Pereira.

De Lisboa, onde, depois que por ordem do governo sahiu da Congregação do Oratorio para exercer o cargo de «official de linguas» na secretaria dos negocios estrangeiros, ia mandando para Mação o dinheiro que lhe pediam para o custeio das obras.

Tendo o o marquez de Pombal encarregado de traduzir em latim os novos estatutos da Universidade de Coimbra, padre Antonio Pereira solicitou licença para ir fazer esse trabalho em Mação, na sua casa, já então reedificada.

Ao vel-a, reconhecendo que o valor da obra não correspondia ao muito dinheiro que n'ella tinha gasto, irritou-se e disse com amarga ironia: — Não entro em casas tão caras.

Por fim entrou, mas ficou sempre tão desgostoso, que pouco depois fez doação da casa á sua familia: o respectivo titulo existiu em poder de um segundo sobrinho, Antonio Pereira Sambado (que ainda hoje vive com 102 annos de idade) e que bondosamente deu este documento, com outros, a quem lh'o pediu e sabia melhor que o pobre velho a importancia historica d'esses papeis.



249 — Fac-simil do jornal *Noticias de Mação*

N'uma das vezes que Padre Antonio Pereira foi a Mação, disse-lhe sua mãe, que se chamava Maria de Figueiredo:

— Então, Antonio, é verdade que lá em Roma te queimaram em estatua, quando souberam que tu escreveste certo livro?!

Era a *Tentativa Theologica* (1766) que deu brado em toda a Europa e foi traduzida em latim, italiano, francez, alemão e hespanhol.

Padre Antonio respondeu sorrindo:

— E' verdade. N'esse dia senti um grande calor no corpo todo, certamente por me estarem a assar em Roma.

Estas aneddotas conservam-se na memoria da familia do padre, hoje representada pelo velho Sambado e seus filhos.

Segundo a tradição local, foi na casa da rua do Espirito Santo que Antonio Pereira traduziu e annotou a Biblia.

Tambem em Mação nasceu um sobrinho e homonymo do mesmo abalisado theologo, o qual cultivou as bellas-lettras, e veiu para Lisboa onde exerceu o cargo de official no ministerio dos negocios estrangeiros.

N'esta villa nasceu, outrosim, Antonio de Oliveira Gueifão, que versou a medicina; e muitos outros que honraram a sua terra.

A imprensa tem sido representada em Mação por dois periodicos: O *Maçaense*, fundado por Almeida Campos, e o *Jornal de Mação*, fundado por Luiz da Silva Catharino.

Ultimamente, em novembro de 1905, appareceu o *Noticias de Mação*, cujo primeiro numero damos em *fac-simile*.

De Abrantes ha carreira regular de diligencia para Mação a 600 reis cada logar.



250— Um trecho dos campos da Goilegã

Passemos agora um rapido lance de olhos por algumas das freguezias que compõem o concelho de Mação.

A da Abobreira, orago S. Silvestre, com 774 habitantes, é celebre pelas suas bo-nissimas laranjas.

A da Amendoa, orago Nossa Senhora da Conceição, com 1.698 habitantes, produz saborosas cerejas.

Tem muita caça, especialmente perdizes.

O Padre Carvalho, na *Corografia*, chama-lhe villa. Comtudo a sua população, n'esse tempo, era apenas de 140 vizinhos.

Ha aqui uma fabrica de rolhas de cortiça: são seus proprietarios Joaquim Pires Tavares e José Pires Tavares.

Teem-se encontrado n'esta freguezia alguns vestigios de povoação antiga.



Um testamento, do anno 967, fala do — castello da Amendoa, que já não existe.

A freguezia de Carvoeiro, com uma população de 1.526 almas, é afamada pela boa fructa que produz, especialmente melões.

Tem por orago S. João Baptista.

Nos dias 29, 30 e 31 de agosto de 1903 realisaram-se aqui pomposos festejos em honra do Santissimo Coração de Jesus e do Martyr S. Sebastião.

Houve illuminações publicas, fogo de artifício, bazar e espectaculo dramatico.

N'esta freguezia mandou José Pedro de Mattos construir uma escola á sua custa.

O mel de Carvoeiro é muito afamado.

Cardigos, orago Nossa Senhora da Assumpção, com 2.475 habitantes, tem uma bibliotheca popular fundada por João d'Oliveira Tavares, auctor de dois livros de versos, um dos quaes eu prefaciei a pedido de Avellar Machado.

A freguezia de Envendos, orago Nossa Senhora da Graça, conta 2.282 habitantes.

Está situada em parte n'uma planicie e em parte n'um monte.

Dista da villa de Mação 12 kilometros para nordéste.

Ha n'esta freguezia o pequeno balneario da Fadagosa de Mação, cuja agua é fria, hyposalina e sulfurea, indicada para rheumaticos e herpeticos.

O logar, ermo e privado de communicações, difficulta a concorrência de doentes.

O concessionario d'estas thermas chama-se Manuel Viegas Facada.

Tem Envendos uma escola devida a iniciativa particular.

O logar de Valle de Grou produz laranjas magnificas.

Em todo o concelho de Mação póde dizer-se que não ha pobreza, porque a propriedade está muito dividida.

Os terrenos baixos são quizi todos de regadio.

A agua não falta: fornecem-n'a os poços e as ribeiras, que não são poucas; a léste da villa, a das Eiras e a do Pae á-Fome; a poente a de Mação; e mais distante e do Cadoiro, etc.

A industria mineira parece ter sido explorada outr'ora no concelho. Tem-se encontrado vestigios de oiro no logar de Outeiro e na aldêa de Caratão. Desde esta aldêa, ladeando a ribeira d'Eiras, segue uma estreita passagem, cavada na rocha, até ao Tejo: suppõe-se que seria para embarcar o precioso minerio.



## CORRECÇÕES E ADDITAMENTOS

Sem embargo de outras correcções e additamentos, que provavelmente teremos de fazer depois de uma revisão geral d'esta obra, mencionaremos desde já os seguintes:

Pag. 25 :

Pensa se em construir um troço de linha do Barreiro a Cacilhas, a linha do valle do Sado, e um troço do Seixal ou Barreiro a Azeitão e Cezimbra.

Tambem se reconhece a conveniencia de uma linha do Entroncamento por Thomar a Mangualde e Vizeu, e outra de Thomar a Porto de Mós, Alcobaça e Nazareth, com um ramal á Batalha e Leiria.

Pag. 55 :

O 2.º visconde do Barreiro, José Soares da Silva Pereira de Mello, falleceu em Lisboa no dia 5 de junho de 1907.

Pag. 128 :

Em additamento ao capitulo sobre Aldêa Gallega, devemos dizer que em junho de 1907 sahiu a lume o opusculo *Coisas da nossa terra, breves noticias da villa de Aldeia Gallega do Riba-Tejo* por José de Sousa Rama.

Ahi encontramos adoptada a graphia *Aldêa Gallega*, que tambem seguimos n'este livro, e não *Alda*.

Ainda com referencia ao mesmo capitulo diremos que a camara municipal de Aldêa Gallega do Ribatejo foi auctorisada (*Diario do Governo* de 14 de junho de 1907) a contrair na Caixa Geral de Depositos um emprestimo de 83.000\$000 réis para a construcção de um ramal de caminho de ferro entre aquella villa e a estação do Pinhal Novo.

Pag. 205 :

Em 1901 tive conhecimento, pela imprensa periodica, de que o grande mercado de gados que na villa de Azambuja ia iniciar-se, seria effectuado a 15, 16 e 17 de maio. Houve primeiro esta resolução e foi depois alterada? O que é certo é que se tem realisado no mez de maio, porém nos dias 5, 6 e 7.

Pag. 210 :

O logar séde da parochia de Manique do Intendente, chamado Alcoentrinho, foi protegido, como dissemos, pelo famoso intendente geral de policia, Diogo Ignacio de Pina Manique.

O projecto da fundação de uma villa era largo. De uma praça central irradiavam diversas ruas baptisadas pretenciosamente com nomes de imperadores romanos. Na extremidade de uma d'essas ruas foi planeada a igreja parochial, que tem S. Pedro por orago, e ficou incompleta.

O fundador morreu: Alcoentrinho decaiu logo e teve de contentar-se com o destino e o titulo... de um simples diminutivo.

## Pag. 238 :

No concelho do Cartaxo foi constituída uma nova freguezia por um decreto de janeiro de 1907 e provisão patriarchal de 3o de abril do mesmo anno.

Denomina-se do Senhor Jesus dos Afflictos do Casal do Ouro; tem 700 fogos e 2.800 almas.

No *Diccionario Postal e Chorographico* publicado em 1891 não se encontra menção do logar Casal do Ouro, o que prova que ainda então não existia ou não tinha importancia.

Contribuiu muito para o engrandecimento d'este logar o costume de os seus habitantes não casarem sem que primeiro tenham mandado construir uma casa para habitação.

A inauguração da freguezia fez-se pomposamente no domingo 12 de maio de 1907. N'esse dia celebraram-se 3o baptisados na nova igreja parochial.

Uma tuna, composta de 25 figuras, tomou parte nos festejos.

## Pag. 298 :

Ha um adagio que diz: De Almostér nem homem nem mulher, nem burro que de lá vier.

## Pag. 308 :

Em a nota a esta pagina escapou um erro typographico.

O barão de Pernes não podia ser nomeado par do reino depois de ter fallecido. Portanto, restabeça-se o que é certo: teve o pariato em 1853, e falleceu em 1862. Quanto aos dias e mezes não ha que rectificar.

## Pag. 346 :

Dissemos, com referencia á villa da Gollegã, que os antigos paços do concelho eram — casa de aspecto mais que modesto. Foi talvez força de expressão, resultante de termos presente ao espirito a nova instalação da camara municipal no seu actual edificio.

Aquelle, comquanto acanhado no interior para repartições publicas, tem cinco janelas de frente no andar nobre, brazão de armas n'um singelo frontão, e duas pyramides lateraes nas extremidades da cornija.

O actual edificio, antiga habitação da familia Relvas, é vastissimo; em confronto com este desculpa-se a expressão que empregamos e d'este modo deixamos aclarada.

## Pag. 442 :

No capitulo *Thomar*, acrescentaremos que D. Angela Tamagnini, alem do alto serviço que narramos, outro, e não menos relevante, prestou não só áquella villa, hoje cidade, mas a todo o paiz, mandando vir para Portugal numerosos tubos de vaccina, recentemente descoberta pelo dr. Jenner, dos quaes offereceu parte á Instituição Vaccinica estabelecida em Lisboa, e com os restantes sustentou um posto de vaccinação na villa de Thomar, onde por suas proprias mãos procedia á inoculação em pessoas pobres.

Veja-se *Noticia biographica de D. Angela Tamagnini d'Abreu por A. M. Lopes de Carvalho* (Lisboa, 1906), publicada pelos editores da *Extremadura Portuguesa*.

## Pag. 453 :

Faltou-nos dizer que a villa de Constancia tem uma especialidade culinaria: são os afamados *queijinhos do céu*.

## INDICE D'ESTE VOLUME

CAPITULOS	PAG
I — LANCE D'OLHOS SOBRE A PROVINCIA.....	3
II — O RIBATEJO .....	29
III + BARREIRO .....	51
IV + MOITA.....	69
V — DE XABREGAS Á POVOA DE SANTA IRIA.....	77
VI + ALDÈA GALLEGA DO RIBATEJO .....	105
VII + ALCOCHÈTE.....	128
VIII + VILLA FRANCA DE XIRA.....	145
IX + BENAVENTE .....	171
X + ALEMQUER .....	181
XI + AZAMBUJA.....	203
XII + SALVATERRA DE MAGOS .....	213
XIII — SETIL .....	225
XIV + CORUCHE .....	229
XV — CARTAXO .....	239
XVI — RIO MAIOR .....	251
XVII + SANTAREM .....	261
XVIII — ALMEIRIM.....	316
XIX + CHAMUSCA .....	333
XX — GOLLEGÃ.....	345
XXI + VILLA NOVA DA BARQUINHA.....	353
XXII + O CASTELLO DE ALMOUROL.....	363
XXIII + ENTRONCAMENTO.....	367
XXIV + TORRES NOVAS.....	371
XXV — OUREM — VILLA NOVA D'OUREM.....	399
XXVI + FERREIRA DO ZÉZERE.....	409
XXVII + THOMAR.....	421
XXVIII + CONSTANCIA.....	453
XXIX + ABRANTES.....	469
XXX — SARDOAL.....	493
XXXI — MAÇÃO .....	499
ALGUMAS CORRECÇÕES E ADDITAMENTOS.....	513

## ERRATAS

Pagina	Linha	Onde se lê	Deve lêr-se
39	15	visinhos,	vizinhos,
43	13	cosinha,	cozinha
45	25	Ransoms	Ransomes
72	15	a agua abundante	a agua quando abundante
76	29	barão de Alhos Vedros	visconde de Alhos Vedros
87	23	continuavam e,	continuavam a
97	23	então em Portugal,	então, em Portugal
108	35	do concelho,	dos concelhos
111	43	trez pharmacias,	tres pharmacias
163	3	azelgas	acelgas
423	24	do Olival	dos Olivaes
424	30	Estampa n.º 186	Estampa n.º 188
426	9	aldêas proximas	aldêas menos proximas
463	5	Matheus	Matteus
480	3	Não é	Não era



91-822316

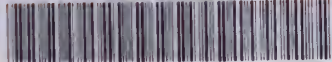








GETTY CENTER LIBRARY



3 3125 00010 6126

